UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JULIANA SANTOS DE MATOS

NOTÍCIAS DE MOSCOU: O GOVERNO GORBACHEV E A DISSOLUÇÃO DA URSS EM REPORTAGENS DOS JORNAIS *O ESTADO DE S. PAULO* E *VOZ DA UNIDADE* (1985-1991)

CURITIBA

2022

JULIANA SANTOS DE MATOS

NOTÍCIAS DE MOSCOU: O GOVERNO GORBACHEV E A DISSOLUÇÃO DA URSS EM REPORTAGENS DOS JORNAIS O *ESTADO DE S. PAULO* E *VOZ DA UNIDADE* (1985-1991)

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Plaza Pinto

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Matos, Juliana Santos
Notícias de Moscou: o governo Gorbachev e a dissolução da URSS em reportagens dos jornais o Estado de S. Paulo e Voz da Unidade (1985-1991) / Juliana Santos de Matos. – Curitiba, 2022.
1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História.
Orientador: Prof. Dr. Pedro Plaza Pinto.

1. Voz da Unidade. 2. O Estado de S. Paulo. 3. União Soviética. I. Pinto, Pedro Plaza, 1977-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

Bibliotecária: Romilda Aparecida dos Santos CRB-9/1214

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **JULIANA SANTOS DE MATOS** intitulada: **Notícias de Moscou: o governo Gorbachev e a dissolução da URSS em reportagens dos jornais O Estado de S. Paulo e Voz da Unidade (1985-1991)**, sob orientação do Prof. Dr. PEDRO PLAZA PINTO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 25 de Agosto de 2022.

Assinatura Eletrônica
25/08/2022 13:27:12.0
PEDRO PLAZA PINTO
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
25/08/2022 15:43:13.0
ANDRÉ ACASTRO EGG
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - PPGHIS)

Assinatura Eletrônica
26/08/2022 10:10:12.0
RODRIGO RODRIGUEZ TAVARES
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 217714
Para autenticar este documento/assinatura, acesse https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp e insira o codigo 217714

AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar meu agradecimento ao orientador desta pesquisa, o professor Dr. Pedro Plaza Pinto que esteve presente durante todo o desenvolvimento do trabalho, oferecendo sua ajuda, mesmo diante das adversidades da pandemia de COVID-19.

Também agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado oferecida durante a minha permanência na pós-graduação, sem a qual não teria sido possível investir o mesmo tempo e esforço para a escrita do trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa investiga os discursos dos jornais O Estado de S. Paulo e Voz da Unidade — órgão de imprensa do Partido Comunista Brasileiro — a respeito de eventos referentes ao período final da União Soviética entre os anos de 1985 e 1991. Partindo de uma análise do contexto histórico e político nacional e internacional, e pensando principalmente no momento de redemocratização no Brasil, utilizamos referenciais teórico-metodológicos que dispõem dos periódicos enquanto fontes históricas para trabalhar as reportagens publicadas pelos dois veículos de imprensa. Com a adoção de conceitos da análise do discurso e a utilização de bibliografia a respeito de análise de fotografias, realizamos o estudo de cinco temáticas-chave que fazem parte do desmanche da URSS e que dialogam com a política externa feita pelo Brasil naquele momento, elas são: a posse de Gorbachev, o XXVII Congresso do PCUS, a viagem oficial de Sarney à URSS, a queda do Muro de Berlim e o anúncio do fim da União Soviética. A partir da pesquisa com as fontes, percebemos as semelhanças e diferenças de dois jornais de formações opostas, bem como a diversidade ideológica presente no cenário nacional no período.

Palavras-chave: Voz da Unidade; O Estado de S. Paulo; União Soviética; redemocratização.

ABSTRACT

This research investigates the speeches of the newspapers O Estado de S. Paulo and Voz da Unidade — a Brazilian Communist Party press organ — about events referring to the final period of the Soviet Union between the years 1985 and 1991. Thinking about the historical and political context of Brazil and the world, and mainly thinking about the moment of redemocratization in Brazil, we use methodological and theoretical references that privilege periodicals as historical sources to work with reports published by these newspapers. With the analysis of discourse concepts and the use of bibliography about photographs, we carried out the study of five key themes that are part of the dismantling of the USSR and the dialogue with the foreign policy developed by Brazil at that time: the inauguration of Gorbachev as general secretary, the XXVII Congress of the CPSU, Sarney's official trip to the USSR, the fall of the Berlin Wall and the announcement of the end of the Soviet Union. Studying these sources, we can find similarities and differences between the ideology of two different types of media speeches.

Keywords: Voz da Unidade; O Estado de S. Paulo; Soviet Union; re-democratization

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Edições de *OESP* e *Voz da Unidade* correspondentes ao recorte temático da pesquisa.....110
QUADRO 2 - Edição nº 33.749 (12 de março de 1985) de *OESP*.....125
QUADRO 3 - Edição nº 241 (16 a 22 de março de 1985) do *Voz da Unidade*.....130
QUADRO 4 - Edição nº 34.046 (26 de fevereiro de 1986) do *OESP*.....141
QUADRO 5 - Edição nº 287 (28 de fevereiro a 6 de março 1986) do *Voz da Unidade*.....152
QUADRO 6 - Edições nº 34.862, nº 34.863, nº 34.864 e nº 34.865 (de 18 a 21 de outubro de 1988) do *OESP*.....168
QUADRO 7 - Edições nº 416 e 417 (14 a 20 de outubro de 1988 e 21 a 27 de outubro de 1988) do *Voz da Unidade*.....178
QUADRO 8 - Edições nº 35.192 e nº 35.193 (9 e 10 de novembro de 1989) do *OESP*.....189
QUADRO 9 - Edições nº 35.862 (26 de dezembro de 1991) do *OESP*.....208

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....9
1.1 METODOLOGIA DE PESQUISA (A HISTÓRIA, A ANÁLISE DO DISCURSO E O TRABALHO COM AS IMAGENS).....17
2. 1985 a 1991: ANOS DE MUDANÇA NO MUNDO E NO BRASIL.....44
2.1 CONTEXTO BRASILEIRO.....46
2.2 AUTORITARISMO E CENSURA NA NOVA REPÚBLICA.....62
2.3 CONTEXTO INTERNACIONAL E POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA.....68
3. URSS: UM CORPO DOENTE OU UM EXEMPLO DE NAÇÃO? 95
3.1 O *ESTADO DE S. PAULO*: A CONSTRUÇÃO DE UM VEÍCULO DE IMPRENSA BURGUÊS.....95
3.2 *VOZ DA UNIDADE*: A TRAJETÓRIA DE UM JORNAL PECEBISTA ALINHADO AO REFORMISMO.....102
3.3 AS CINCO TEMÁTICAS SELECIONADAS PARA ANÁLISE.....109
3.4 MORTE DE CHERNENKO E POSSE DE GORBACHEV.....112
3.5 O XXVII CONGRESSO DO PCUS 133
3.6 VIAGEM OFICIAL DE SARNEY À URSS.....155
3.7 A QUEDA DO MURO DE BERLIM.....179
3.8 O FIM DA URSS.....193
4. CONCLUSÃO 212
REFERÊNCIAS.....218
ANEXOS.....223

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de dissertação tem como temática os discursos midiáticos de dois jornais impressos brasileiros a respeito de eventos compreendidos entre os anos de 1985 e 1991 e que estão diretamente relacionados ao fim da União Soviética. A principal questão que norteou a pesquisa é: como o fim da União Soviética e eventos que antecedem este momento foram noticiados pela mídia impressa brasileira do período? A partir dessa pergunta-chave, surgem outras questões; de que maneira foram construídos os discursos presentes nas fontes escolhidas? Como o contexto sócio-político brasileiro aparecia nos discursos de ambos os jornais? Quais são as semelhanças e diferenças entre os enfoques dados a estes eventos em veículos da mídia tradicional e da mídia de esquerda? Como esses eventos e suas representações midiáticas se inserem em uma estrutura de longa duração na história política brasileira?

Tendo em vista o tempo de pesquisa para a elaboração de uma dissertação, optamos por fazer um recorte mais específico dentro das possibilidades de fontes jornalísticas impressas veiculadas no Brasil entre 1985 e 1991. Escolhemos trabalhar com o jornal *O Estado de S. Paulo* e com o jornal *Voz da Unidade*, periódico oficial do Partido Comunista Brasileiro entre os anos de 1980 e 1991.[1] Voltaremos ainda ao tópico da escolha do *corpus* de maneira mais aprofundada. Pensando em temáticas que fazem parte do processo de fim da URSS, procuramos ver como as nossas fontes tratam dos eventos: da posse de Gorbachev como secretário-geral do Partido Comunista da URSS, o XXVII Congresso desse partido, a queda do Muro de Berlim e o anúncio do fim da URSS em dezembro de 1991. Para além dessas quatro temáticas, também trabalhamos com o evento da viagem oficial de José Sarney à URSS no ano de 1988, tendo em vista que as reportagens sobre o acontecimento nos auxiliam a compreender o novo âmbito de relações diplomáticas entre Brasil e URSS no momento de redemocratização.

A partir das problemáticas levantadas e da escolha das fontes, elaboramos quatro hipóteses de trabalho que deverão ser confirmadas ou refutadas na conclusão deste trabalho. Apresentamos-as a seguir:

---

1 Esta pesquisa foi desenvolvida durante o período de isolamento social devido à ocorrência da pandemia de COVID 19, assim sendo, nosso acesso às fontes foi exclusivamente por meio digital.

Analisando os discursos dos dois jornais a respeito do fim da União Soviética, talvez possamos notar que, por um lado, a esquerda gradualmente deixa de considerar o modelo soviético como referencial enquanto que a direita — ou setor tradicional da imprensa —, por outro lado, ameniza as suas críticas em relação ao tema. Nesse sentido, teria ocorrido uma espécie de "apaziguamento" e diminuição dos ânimos ao tratar da questão soviética. Kucinski (2003) aponta que alguns veículos de imprensa que apoiaram o Golpe de 1964, voltaram atrás nesse posicionamento. Muitos deles sofreram censura durante o regime militar e no período de abertura e redemocratização apresentaram certa aproximação com temas e até mesmo profissionais que anteriormente integravam o chamado jornalismo alternativo. No caso de *OESP*, segundo Migliaccio e Campos (2007), após o Ato Institucional número 5 de 1968, o jornal que se recusa a fazer a chamada autocensura, utiliza estratégias discursivas para driblar a censura estatal e alertar seus leitores das situações de repressão que ocorriam naquele momento. Enquanto isso, o Partido Comunista Brasileiro passava por um processo de autocrítica que se mostra evidente nas páginas de seu jornal *Voz da Unidade*. Torres (2009) explica que nesse período o PCB pretende mostrar uma nova identidade, aliando-se a forças democráticas e tentando desmanchar a imagem do comunismo ligado às atrocidades stalinistas e às guerrilhas ocorridas durante a Ditadura Militar[2];

O discurso presente nas páginas do *Voz da Unidade* pode demonstrar a crise vivenciada pela esquerda histórica brasileira, não somente devido ao fim da URSS, mas também pelo contexto político nacional e a ascensão de uma nova força de esquerda: o Partido dos Trabalhadores. Torres (2009) demonstrou em sua pesquisa que os textos do jornal eram permeados de conflitos ideológicos internos. Poderemos analisar de forma pontual como essas dissidências e o momento político mostram-se refletidos nos textos sobre a questão soviética;

A terceira hipótese é de que os discursos presentes em reportagens de *O Estado de S. Paulo* evidenciam como a mídia tradicional, representante das elites econômicas e da direita, com o fim do regime ditatorial, passam a assumir uma postura em defesa do neoliberalismo, tendo em vista a decadência do modelo desenvolvimentista. Possivelmente também encontraremos conflitos de pensamentos nessa fonte. Peixoto (1998) aponta que a década de 1980 foi um período de intensificação na relação entre mídia e política no Brasil e que jornais

2Embora o PCB não tenha efetivamente aderido à luta armada durante a Ditadura Militar, no imaginário geral brasileiro há, naquele período, a associação de qualquer grupo ou partido de esquerda às guerrilhas.

de grande circulação passaram a trabalhar com novos programas a fim de atingir maiores setores da sociedade, como por exemplo o público jovem. A autora afirma que, apesar da liberalização da imprensa nos governos Geisel e Figueiredo, há uma continuidade da manipulação de notícias no período de redemocratização. Certamente, esse aspecto deve ficar visível no que diz respeito a notícias sobre a URSS. Se por um lado, parte desses jornais romperam com o regime ditatorial, como é o caso de *O Estado de S. Paulo* e até mesmo aproximam-se de temas anteriormente pertinentes ao jornalismo alternativo, por outro, eles ainda devem obedecer às classes que financiam suas publicações; Isso, no contexto de crescimento do Partido dos Trabalhadores e eleições de 1989 adquire um grande peso político;

O recorte temporal escolhido para a pesquisa compreende o governo Sarney, que são anos de avanços e retrocessos (KUSHNIR, 2001), visto que apesar de a propaganda oficial do governo vender uma imagem de rompimento com o regime ditatorial, por vezes houve contradições entre esta proposta e ações concretas. Em 1988, José Sarney realiza viagem oficial à URSS, onde encontra-se pessoalmente com Gorbachev. Esse evento, que restabelece a relação diplomática entre os países, ocorre ao mesmo tempo em que o Brasil adota ainda medidas anticomunistas e de repressão que remetem ao período da ditadura. A partir disso, podemos elencar outra hipótese de trabalho: não somente conflitos internos, derivados de diferentes correntes e pensamentos políticos estão presentes em ambos os jornais escolhidos, mas também uma contradição política dada pelo momento de instabilidade e reformulação política dos anos compreendidos entre 1985 e 1991.

Por fim, ressaltamos que as fontes escolhidas simbolizam uma amostra de um momento de mudanças e continuidades da política brasileira e também mundial. Através dos discursos nelas presentes, podemos investigar a relação entre mídia e política a nível nacional e internacional. Dessa forma, voltamos agora à temática do *corpus*.

A escolha de trabalhar com a imprensa enquanto fonte implica em várias especificidades. Primeiramente, apontamos para o duplo caráter de análise que o historiador tem disponível ao manusear um periódico, uma vez que ele é composto do que podemos chamar de uma estrutura física e também de um conteúdo discursivo/imagético. Os jornais impressos são dispositivos que têm como suporte o papel, isso os diferenciam de outras mídias, como rádio, que tem como suporte as ondas sonoras, e a televisão, que tem como

suporte principal a imagem (CHARAUDEAU, 2019). Isso por si só gera uma série de questões para o pesquisador; Qual a tecnologia e materiais utilizados para imprimir o jornal? Qual é o preço do periódico? Quantas páginas ele tem? Quem tem acesso a leitura? Em nosso trabalho, tivemos acesso às nossas fontes somente de forma digitalizada, de forma que não pudemos avaliar seu suporte físico.

Para Charaudeau (2019), o formato impresso dos jornais impõe diferenciações de linguagem em relação à TV e ao rádio. Por exemplo, enquanto os dois últimos têm a possibilidade de captar acontecimentos de forma mais imediata, através de transmissões simultâneas, a imprensa sempre acaba tendo que reconstituir as notícias a posteriori. Por outro lado, o receptor da notícia, ao lê-la em um periódico, tem a chance de revisar trechos que considere importantes, enquanto o telespectador ou ouvinte não tem essa mesma possibilidade. Podemos destacar ainda, de acordo com o autor, que enquanto a leitura de um texto jornalístico exige concentração plena, a TV e o rádio permitem, muitas vezes, que o receptor faça outras atividades enquanto vê/ouve as notícias.

Também é necessário que pensemos nos jornais não somente enquanto veículos de informação que prestam um serviço teoricamente democrático à comunidade. Os veículos de mídia apresentam-se enquanto empresas que procuram vender algo. Isto é o Charaudeau (2019) chama de *fazer saber* e *fazer sentir*. Os jornais não somente levam conhecimento ao leitor, mas também geram sentimentos. São essas formas de seduções que fazem os consumidores optar por comprar um determinado periódico e não outro. No caso do *OESP*, esta relação é mais óbvia, uma vez que ele faz parte de um dos maiores e mais antigos grupos de comunicação do Brasil, que atua como uma empresa que visa lucros. Já o *Voz da Unidade*, representante de um partido político, o Partido Comunista Brasileiro, se diferencia nesse sentido, uma vez que seu *fazer sentir* envolve não necessariamente a arrecadação de lucros, mas a sedução do leitor para que seja adepto das ideias do partido e que possa aumentar seu número de votos em uma eleição, por exemplo. Discurso midiático e discurso de propaganda se confundem, como explicaremos posteriormente.

Se há uma intenção por parte desses dois jornais de atingir um público cada vez maior e seus discursos dialogam com grupos que compartilham previamente de sua ideologia dado o contexto em que são produzidos, não acreditamos que um periódico possa manipular de maneira irrestrita a opinião de seu público. Salientamos que, "o 'jornal preferido' é aquele

cujos sentidos vão ao encontro da formação discursiva do leitor. Sua capacidade de convencimento não resulta de um valor intrínseco, imanente, ou de um enorme poder de manipulação da língua." (MARIANI, 1996, p.103).

O *fazer sentir* envolve um processo crescente na mídia contemporânea que Arbex Júnior (2001) define como uma espetacularização da notícia. Segundo o autor:

> O acontecimento político (e, mais amplamente, social e/ou cultural) adquire as características de um grande *show*. Ora, uma das consequências da prática de apresentar o jornalismo como o *"show-rnalismo"* é o enfraquecimento ou o total apagamento da fronteira entre o real e o fictício. (ARBEX JÚNIOR, 2001, p.32)

Embora Arbex Júnior (2001) afirme que este processo encontre local de destaque na televisão, a exemplo da transmissão praticamente simultânea de eventos como a Guerra do Golfo e a invasões da Somália e do Haiti, todos na década de 1990, a imprensa também sofre o impacto dessa estratégia de sedução do consumidor de informações. Isto faz com que os jornais impressos adotem a maior utilização de imagens coloridas, boxes de informações, mapas e textos menos longos e com letras em tamanho maior a fim de prender a atenção do leitor.

Pensando neste conteúdo dos jornais impressos, ou seja, em seus textos e imagens, também devemos levar em consideração a organização interna que cada jornal opta por realizar. Quais são as seções de um jornal? O que aparece na capa e o que aparece nas últimas páginas? Por que uma imagem aparece em maior tamanho que a outra? Qual o espaço que determinado texto ocupa em uma página? Por que determinada notícia foi veiculada e outra não? Todas essas indagações que devemos fazer ao *corpus* envolvem não somente um processo de hierarquização da informação, mas também a construção de uma escrita da história por parte de cada jornal. Este é o processo que Meneses (2014) chama de *operação midiográfica*. Para a autora, a narrativa de caráter histórico que os meios de comunicação são capazes de criar, mobilizam passado, presente e futuro. Os jornais podem, dessa forma, articular lembrança e esquecimento, inserindo os acontecimentos não somente na cena pública mais imediata como em uma dimensão de memória. Salientamos que esse movimento é próprio da sociedade ocidental contemporânea, principalmente a partir da década de 1980, ou seja, do período que engloba o recorte temporal desse trabalho.

Nora (1993) expõe como diversos locais, documentos e até mesmo eventos, nos tempos atuais, se caracterizam enquanto lugares de memória. O monumento acaba por delimitar a memória, que agora está domesticada pela história. Também podemos compreender nossas fontes enquanto lugares de memória. Citando-o:

> E os grandes acontecimentos? Somente dois tipos dentre eles são relevantes, que não dependem, em nada, de seu tamanho. De um lado, os acontecimentos, por vezes ínfimos, apenas notados no momento, mas aos quais, em contraste, o futuro retrospectivamente conferiu a grandiosidade das origens, a solenidade das rupturas inaugurais. De outro lado, os acontecimentos onde, no limite, nada acontece, **mas que são imediatamente carregados de um sentido simbólico e que são eles próprios, no instante de seu desenvolvimento, sua própria comemoração antecipada; a história contemporânea, interposta pela mídia, multiplicando todos os dias tentativas de natimortos.** [...] O acontecimento fundador ou o acontecimento espetáculo. Mas em nenhum caso o próprio acontecimento; admiti-lo dentro da noção significaria negar a especificidade. É, ao contrário, sua exclusão que a delimita: a memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos. (NORA, 1993, p.25, grifo nosso).

Segundo Hartog (2019) este é um processo levado ao extremo quando o ataque ao World Trade Center ocorre nos EUA em 11 de setembro de 2011, uma vez que a própria filmagem do evento e a forma como ele foi noticiado automaticamente o historicizou. Nora diagnostica a maneira como a nossa sociedade percebe a memória:

> é o modo mesmo como da percepção histórica que, com a ajuda da mídia, dilatou-se prodigiosamente, substituindo uma memória voltada para a herança de sua própria intimidade pela película efêmera da atualidade. (NORA, 1993, p.8).

Como apontamos, esta é uma característica específica do mundo contemporâneo. Nora (1993) salienta que anteriormente a produção de documentação era feita apenas por alguns grupos e atualmente, quase todas as instituições e até mesmo em nível privado, mantém-se uma noção da preservação da memória.

> Assim, a materialização da memória, em poucos anos, dilatou-se prodigiosamente, desacelerou-se, descentralizou-se, democratizou-se. Nos tempos clássicos, os três grandes produtores de arquivos reduziam-se às grandes famílias, à Igreja e ao Estado. (NORA, 1993, p.15-16).

Os lugares de memória são dotados de simbolismos. Nas palavras do autor:

> o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações. (NORA, 1993, p.27).

Como veremos adiante, a compreensão da produção de sentidos e significados para os monumentos, quais sejam seus tipos, é muito importante para a nossa pesquisa.

Para além do entendimento das fontes enquanto produtoras dessas comemorações antecipadas, também devemos lembrar que os próprios eventos estudados nesta dissertação, a exemplo da queda do Muro de Berlim em 1989, representam por si próprios momentos transformados em monumentos por nossa sociedade, ao mesmo tempo que modificam a nossa relação com o tempo. De acordo com Hartog:

> O próprio curso da história recente, marcado pela queda do muro de Berlim em 1989 e pela derrocada do ideal comunista trazido pelo futuro da Revolução, assim como a escalada de múltiplos fundamentalismos, abalaram, de uma maneira brutal e duradoura, nossas relações com o tempo. (HARTOG, 2019, p.19).

Para o autor este fenômeno de valorização da memória ocorre, em grande parte, por conta da violência experimentada no século XX. Ao se referir à Berlim da década de 1990, Hartog (2019) salienta que a arquitetura da cidade, com seus restos de Muro e marcas de projéteis em prédios, trouxe atenção e turismo para o local. Ele argumenta que:

> Sem esquecer os sofrimentos e as desilusões provocadas por essas mudanças, pois, lá mais do que em outros lugares, o tempo era um problema, visível, tangível, iniludível. Que relações manter com o passado, os passados certamente, mas também, e muito, com o futuro? Sem esquecer o presente ou, inversamente, correndo o risco de nada ver além dele: como, no sentido próprio da palavra, habitá-lo? O que destruir, o que conservar, o que reconstruir, o que construir, e como? Decisões que implicam uma relação explícita com o tempo, que salta aos olhos a ponto de não se querer ver? (HARTOG, 2019, p.30).

O autor expõe que a partir desta situação Berlim se tornou, através de sua arquitetura, e o esforço para a construção de novos prédios, um lugar de ambiguidade, um local de encontro entre duas ordens de tempo e arquitetura diferentes. Os restos do Muro tornar-se-iam até mesmo um local lucrativo, um ponto de visita obrigatório onde turistas poderiam comprar pedaços do que já foi aquele monumento que separava as duas Alemanhas. A contemporaneidade não somente valoriza os lugares de memória como também os tornam espaços de lazer que movimentam a economia.

Faremos agora uma breve contextualização a respeito de nossas fontes, o jornal *O Estado de S. Paulo* e o jornal *Voz da Unidade*, no entanto, na terceira parte deste trabalho, voltaremos a tratar da trajetória desses dois veículos de imprensa de maneira mais aprofundada.

O Estado de S. Paulo, fundado no ano de 1875 e publicado até os dias de hoje foi escolhido para integrar as fontes desta pesquisa tendo em vista o seu caráter tradicional[3] e burguês. O *OESP* pertence à família Mesquita, uma das famílias que controlam o setor da comunicação no Brasil. Em diversos momentos desde a sua criação até os tempos atuais, o jornal se mostrou defensor de ideias reacionárias, chegando inclusive a apoiar o Golpe de 1964, conforme mencionamos. Sua periodicidade é diária e, entre 1985 e 1991, notamos que o jornal utiliza-se de uma linguagem relativamente rebuscada, textos longos e reproduções de fotografias e alguns desenhos em suas páginas.

O jornal *Voz da Unidade*, por outro lado, começa a circular em 1980 e faz parte da tradição de periódicos pecebistas presente desde 1922 com a criação do partido. O jornal foi extinto em 1991 em um período de intensas mudanças no PCB que culminaram em sua transformação em Partido Popular Socialista (PPS) no ano de 1992. O *Voz* foi palco para as mudanças da esquerda histórica brasileira cada vez mais influenciada pelas ideias reformistas do eurocomunismo. Diferentemente de *OESP*, sua periodicidade era semanal. Entre os anos de 1985 e 1991, encontramos em suas páginas textos mais curtos e a ampla utilização de reproduções de fotografias e desenhos.

Há uma diferenciação de estratégia discursiva entre um jornal diário, como é o caso de *OESP* e um jornal semanal como o *Voz da Unidade*. Enquanto o jornal diário passa ao leitor a ideia de contemporaneidade das notícias, o semanal deve fazer uma seleção dos assuntos que considera mais importantes e utilizar estratégias linguísticas para dar essa mesma noção de contemporaneidade (MIGLIACCIO; CAMPOS, 2007). Poderemos verificar estas especificidades no tópico do trabalho referente à análise das fontes.

Outra diferença significativa é o fato de que o *OESP* é uma empresa de comunicação, ou seja, tendo em vista o recorte temporal, em tese deve utilizar de estratégias que vendem a

3 Categorizamos como um veículo da mídia tradicional um jornal que tem tradição dentro do jornalismo no Brasil. Levamos em consideração a sua longa trajetória de publicação e grande circulação. Apesar de o *Voz da Unidade* também fazer parte de uma tradição de publicações do PCB e, de maneira mais geral, da esquerda brasileira, não o consideramos em si enquanto um veículo de mídia tradicional, dada a sua curta duração de publicação e menor circulação em relação ao *OESP*, por exemplo.

imagem de neutralidade — tendência que contrapõem a estratégia utilizada pelas primeiras gerações de jornais brasileiros, explicitamente de opinião. O *Voz da Unidade,* no entanto, é um veículo partidário e não deve a mesma imagem aos seus leitores, podendo explicitar seus posicionamentos de acordo com as ideias do partido. De qualquer forma, ambos os jornais parecem querer abarcar o maior número possível de consumidores, uma vez que o jornal *OESP* é como uma mercadoria e, através do *Voz da Unidade*, o PCB busca atingir um grande público para propagar seus ideais políticos, como explicamos anteriormente.

Escolhemos estas duas fontes de pesquisa justamente pela diferença de características que elas apresentam. Ou seja, a partir dessas divergências visamos compreender como duas formações ideológicas opostas produzem discursos sobre uma mesma temática. Nesse sentido, a escolha de *OESP* como um representante da grande mídia brasileira, ocorre principalmente pelo seu amplo alcance enquanto empresa de comunicação bem como pelo seu alinhamento histórico ao pensamento da elite burguesa nacional. Já a seleção do jornal oficial do PCB como uma fonte para a compreensão do pensamento da esquerda no Brasil, se dá em primeiro lugar pelo seu caráter partidário, alinhado à esquerda histórica nacional bem como pelo fato de haver uma menor opção de jornais desse tipo em relação ao período anterior, no qual circulavam diversos jornais da chamada imprensa alternativa e que acabam por diminuir drasticamente após a redemocratização.

Pensando em como trabalhar com estas fontes, elaboramos uma metodologia que engloba três principais formas de análise: o trabalho da disciplina da História que pensa o uso da imprensa enquanto fonte; a adoção de alguns conceitos do campo da análise do discurso a fim de compreender as ideologias materializadas nos textos das fontes e, por fim, o trabalho com as reproduções de imagens presentes nos jornais, que envolve referencial teórico metodológico multidisciplinar, como explicaremos a seguir.

1.1 METODOLOGIA DE PESQUISA (A HISTÓRIA, A ANÁLISE DO DISCURSO E O TRABALHO COM AS IMAGENS)

O campo de estudos da História, especialmente da História Política, nem sempre foi adepto do uso de periódicos enquanto fonte. Esta situação, no entanto, tem se modificado, principalmente a partir da década de 1970, com as mudanças trazidas especialmente a partir

das reflexões da terceira geração dos *Annales*. Com o advento da Nova História Política, a partir da década de 1980, há uma reafirmação do uso das mídias enquanto fonte histórica. Se anteriormente eram privilegiadas as fontes oficiais, tais como documentos estatais — compreendidos como portadores de verdades —, cada vez mais os pesquisadores passam a diversificar as suas fontes de pesquisa, e os periódicos passam a ganhar maior visibilidade. Com a proposta de problematização das fontes históricas, não há mais a manutenção da ideia de que elas possam trazer verdades pura e simplesmente, de forma que os jornais, anteriormente vistos com grande desconfiança, passam a ser utilizados mediante questões específicas, assim como os demais documentos a serem pesquisados pelo historiador. Dessa maneira, compreendemos que para se realizar uma pesquisa de História Política, é imprescindível a multidisciplinaridade e a problematização do *corpus*.

A Nova História Política, de acordo com um de seus fundadores, René Rémond (2003), também tem a sua influência, dentre outros eventos, nas revoluções socialistas que passam o poder da mão de alguns poucos às massas. Com essa nova perspectiva, não há mais um enfoque somente em eventos isolados, mas sim, em estruturas de longa duração, de forma que se torna inquestionável a necessidade de se relacionar a História Política com outros aspectos sociais, tais quais a cultura e a economia. A utilização da mídia impressa enquanto fonte de pesquisa pode ser extremamente produtiva para os historiadores políticos, desde que façamos um trabalho aprofundado, sem cometer os erros das gerações passadas que ora liam as fontes como portadoras de uma verdade e ora desconsideravam os periódicos devido à sua parcialidade.

Com relação aos jornais, há dois caminhos pelos quais o historiador pode seguir. Um deles é a realização da história dos periódicos, ou seja, a pesquisa e a escrita da história desse dispositivo. O outro caminho, é a utilização dos jornais enquanto fonte para compreender um determinado período. Esses dois caminhos, no entanto, não seguem completamente separados, pois ao estudar um momento da história a partir de um periódico, também escrevemos uma pequena parte da história da imprensa. Dessa forma, em nossa pesquisa, por mais que utilizemos as fontes para entender o momento entre 1985 e 1991 no Brasil e no mundo, acabamos por contribuir para a escrita de uma história da imprensa de forma mais ampla.

Como aponta Capelato (2014), a imprensa é uma fonte de grande importância para o estudo do tempo presente, tendo em vista a sua intensa atuação política nesse momento, bem

como de seu papel como formadora de opinião, a exemplo do engajamento da mídia no período da Ditadura Militar. Para além desta autora, Luca e Martins representam um de nossos principais referenciais teórico metodológicos. Em *História dos, nos e por meio dos periódicos*, Luca faz considerações a respeito da trajetória da imprensa no Brasil e como o historiador pode problematizar esta fonte. De acordo com a autora, para além da atenção, primeiramente, à materialidade dos periódicos — tecnologias utilizadas, o número de páginas, o tipo de papel escolhido etc —, também devemos nos atentar para o tipo de publicação que estamos analisando; podemos lidar com jornais, revistas ou hebdomadários, dentre outros. Nas palavras dela: "as diferenças na apresentação física e estruturação do conteúdo não se esgotam em si mesmas, antes apontam para outras, relacionadas aos sentidos assumidos pelos periódicos no momento de sua circulação" (LUCA, 2020, p. 132).

Ainda de acordo com Luca:

> **Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê.** É óbvio que as máquinas velozes que rodavam os grandes jornais diários do início do século xx não eram as mesmas utilizadas pela militância operária, o que conduz a outro aspecto do problema: **as funções sociais desses impressos**. (LUCA, 2020, p. 132, grifo da autora).

Nesta citação da autora, encontramos mais um direcionamento de como tratar as diferenças entre *O Estado de S. Paulo* e o *Voz da Unidade*. Devemos levar em consideração, em nossa análise, as diferentes funções sociais de ambos os periódicos.

Para além dos aspectos físicos e de conteúdo presentes nos periódicos, Luca (2020) salienta a necessidade de investigar os aspectos de mercado e publicidade presentes ou não nesses documentos. Também é preciso averiguar para qual público o jornal se dirige e de que forma a sua estrutura privilegia determinadas temáticas em detrimento de outras, tendo em vista as diferentes seções e o espaço que elas ocupam no periódico. Esta preocupação relaciona-se a ideia apresentada anteriormente sobre a *operação midiográfica*, uma vez que esta forma de seleção de notícias pela equipe de funcionários de um jornal deve hierarquizar os acontecimentos inserindo-os mais ou menos ou excluindo-os da construção de uma memória — aquela de quem lê o jornal — e até mesmo da sua própria escrita da história.

> Daí a importância de se **identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a**

> **escolha do título e para os textos programáticos**, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. Igualmente importante é **inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros**, aí incluídos os de caráter publicitário. (LUCA, 2020, p. 140, grifo da autora).

O veículo de imprensa funciona enquanto empresa privada. De acordo com Bourdieu: "O campo do jornalismo tem uma particularidade: é muito mais dependente das forças externas que todos os outros campos de produção cultural" (BOURDIEU, 1997, p. 76). Não somente o fator econômico de financiamento dos veículos de imprensa devem ser levados em conta para compreender o conteúdo a ser publicado, mas igualmente uma série de fatores que criam um modo de trabalho padrão dos jornalistas, que é tratado pelo autor como uma espécie de "censura invisível". Essa forma de censura, faz com que os jornalistas censurem e sejam censurados ao mesmo tempo, por tanto, ao lidar com os jornais enquanto fonte, faz-se necessário que o historiador atente para essa relação.

Os veículos de imprensa são, segundo Althusser (2003), Aparelhos Ideológicos do Estado em sua maioria privados, assim sendo, eles tem como objetivo reproduzir determinado modo de produção. Ao optarmos por pesquisar jornais de esquerda, ou jornais alternativos, podemos notar de que forma há uma resistência mesmo dentro desse sistema de reproduções, ou ainda, investigar como a formação discursiva dominante em uma sociedade pode influenciar até mesmo estes espaços de revolta, dentro da lógica do interdiscurso. De acordo com Capelato (1988), no Brasil há uma estrutura partidária frágil e a imprensa acaba por desempenhar em muitas circunstâncias papel semelhante ao dos partidos, chegando a sobrepuja-los.

A relação entre os jornais e os jornalistas é também muito complexa. Embora Bourdieu (1997) fale especificamente sobre a televisão, concordamos com a sua visão sobre a relação entre os profissionais da informação, dentro do contexto da mídia impressa. Para ele:

> A televisão é um instrumento de comunicação muito pouco autônomo, sobre o qual pesa toda uma série de restrições que se devem às relações sociais entre os jornalistas, *relações de concorrência* encarniçada, implacável, até o absurdo, que são também *relações de conivência*, de cumplicidade objetiva, baseada nos interesses comuns ligados à sua posição no campo de produção simbólica e no fato de que têm em comum estruturas cognitivas, categorias de percepção e de apreciação ligadas à sua origem social, à sua formação (ou a sua não-formação). (BOURDIEU, 1997, p. 50-51).

Ou seja, não podemos levar em conta somente o aspecto financeiro dessas empresas. No caso do *Voz da Unidade* mais explicitamente, o problema também se estende às concorrentes visões políticas dentro do mesmo partido, o que gera conflitos nas páginas do jornal, como salientamos anteriormente.

Outras duas importantes obras que guiam nossa pesquisa são *Imprensa e cidade* e *História da imprensa no Brasil* de Luca e Martins. Segundo as autoras, precisamos compreender a história da imprensa a partir de sua relação com a história econômica, social e política do país.

> A nação brasileira nasce e cresce com a imprensa. Uma explica a outra. Amadurecem juntas. Os primeiros periódicos iriam assistir à transformação da Colônia em Império e participar intensamente do processo. A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. Tem certidão de nascimento lavrada em 1808, mas também é veículo para a reconstrução do passado. (LUCA; MARTINS, 2020, p.8).

Para as autoras, a mídia e seus profissionais visam passar ao público leitor uma apresentação e uma explicação sobre o mundo que os cerca. "Pode-se afirmar que o conhecimento que temos da realidade é mediado pelos fatos divulgados pela imprensa escrita e radiotelevisiva" (LUCA; MARTINS, 2006, p. 9-10). Ressaltamos novamente que não entendemos este processo enquanto algo absoluto, ou seja, não adotaremos em nossa pesquisa o pensamento de que a mídia exerce influência irrestrita sobre aqueles que a consomem, no entanto, concordamos com as autoras no sentido da compreensão de que os meio de comunicação criam versões sobre a realidade que podem ou não ser totalmente aceitos pelos leitores.

Elas resgatam ainda a noção de que a mídia seria um quarto poder, para além do Executivo, Legislativo e Judiciário.[4] Os jornais impressos teriam surgido justamente para fiscalizar o Estado, no entanto, com o passar dos anos a própria atuação desses órgãos de imprensa — sua ligação com a política e com o setor privado — acaba por também ser questionada. "A pressão dos anunciantes, fonte fundamental de sustento, também não pode ser menosprezada e não é à toa que se afirma que o jornal é vendido duas vezes: uma para os que anunciam e outra para o leitor" (LUCA; MARTINS, 2006, p. 11).

---

4 Esta não é uma visão unânime entre os pesquisadores que utilizam veículos de informação enquanto fonte. Voltamos a tratar dessa questão ao abordar o pensamento de Charaudeau em sua obra *Discurso das Mídias*.

Luca e Martins (2020) atentam para o crescente movimento midiático que dá preferência para a veiculação de notícias que distraem o público em vez de notícias "úteis" para a sociedade. Pensamos a partir disso que, embora na década de 1980 este processo tenha se intensificado, principalmente na grande mídia, o *Voz da Unidade* não segue a mesma tendência, uma vez que obedece a outros parâmetros, sendo um jornal de partido político. Seu principal intuito é trazer uma educação ideológica para seu leitor, justamente abusando das temáticas políticas em vez de veicular reportagens a respeito de curiosidades e outros temas considerados fúteis.

Segundo as autoras, a sociedade passou a questionar cada vez mais o papel de fiscalização da mídia com relação ao Estado, percebendo a sua inserção no jogo político e financeiro. "Para compreender o cenário contemporâneo — e o brasileiro em particular — é importante acompanhar por que a imprensa, antes prestigiada, chegou ao século XXI sendo tão questionada" (LUCA; MARTINS, 2006, p.14).

Luca e Martins (2006) salientam importantes informações acerca da história da imprensa no Brasil, de maneira que podemos melhor contextualizar a produção de nossas fontes. No período pós-guerra, com o início da Guerra Fria, o Brasil alinha-se aos EUA e isto fica explícito no jornalismo, que também passa a ser influenciado pelo modelo norte-americano. Apesar do fim da censura através da constituição de 1946, em alguns momentos críticos ela voltou a ocorrer. Devemos lembrar que neste período, o jornal impresso já encontrava concorrência na difusão de notícias através das rádios, e posteriormente, iria também concorrer com a televisão.

> A grande imprensa escrita agigantara-se enquanto a imprensa falada — através de 243 emissoras de rádio que estavam no ar em 1950 — deslanchara com a propaganda e a publicidade. Mas também em 1950 surgia a tevê, o mais poderoso veículo de difusão da cultura de massas. Sua força como mídia decisiva, contudo, só se faria sentir alguns anos mais tarde. (LUCA; MARTINS, 2006, p. 76).

O período entre ditaduras marca a modernização do país e da indústria de comunicação. Embora a constituição de 1946 tenha mantido os jornais nacionais restritos a empresas brasileiras, na prática isto não ocorria e a tradição francesa do jornalismo brasileiro foi substituída pela tradição norte-americana. O investimento internacional e a publicidade acabavam por gerar autocensura nas redações.

No período em que Jango assumiu a presidência da República, após a renúncia de Jânio Quadros, a imprensa passou a posicionar-se intensamente, seja contrária ao novo líder ou favoravelmente. Veículos como *OESP* e *O Globo* mantiveram-se contrários à sua posse e às consequentes propostas de mudanças, tal qual a reforma agrária, considerada como um perigo comunista. Estes mesmos veículos de imprensa apoiaram o golpe realizado pelos militares no ano de 1964. De acordo com Aguiar (2020), embora houvesse publicações alternativas que desafiavam a repressão do regime ditatorial, os grandes jornais permaneceram propagando seus ideais tradicionais. Ele explica:

> nessa época — meados do século XX — estava em formação o cartel hegemônico da própria "grande imprensa", com características muito próprias: em geral, grandes empresas familiares — os Mesquita, os Marinho, os Frias, por exemplo —, que reuniam uma ideologia capitalista com um espírito oligárquico, franco-apoiadores dos Estados Unidos na Guerra Fria e que se dedicaram a combater o que viam como "esquerdismo" no país. (AGUIAR, 2020, p.235).

O período final da Ditadura Militar trouxe ainda conflitos com relação à imprensa. O jornal *Voz da Unidade*, que começou a circular ainda na vigência do regime no ano de 1980, também sofreu com o impacto da repressão.

> Setores das Forças Armadas, ligados ao aparato de repressão política e temerosos de perder o poder, não mediam consequências para barrar o processo de democratização. Em 1980, bancas de jornal, editoras e órgãos de imprensa viraram alvo de atentados à bomba. Com medo, jornaleiros dos grandes centros passaram a afixar em suas bancas avisos no estilo "Não vendemos *Hora do Povo, Movimento, Pasquim* etc.". Além desses, outros dez jornais da imprensa alternativa ficaram na mira da linha-dura: *Coojornal, Convergência Socialista, Correio Sindical, Em Tempo, Jornal da CBA, O Companheiro, O Trabalho, Repórter, Tribuna da Luta Operária* e *Voz da Unidade.* (VILLAMÉA, 2020, p.256-257).

Pensando mais especificamente no recorte temporal dessa pesquisa, salientamos que com o fim da Ditadura Militar, muitos jornais se mobilizaram a favor da campanha pelas eleições diretas. "Para a imprensa abria-se um novo período cujo desafio não estava em superar restrições e constrangimentos, mas em assumir, de fato, o papel que sempre se atribuíra: o de quarto poder, atento defensor dos interesses coletivos" (LUCA; MARTINS, 2006, p. 115).

No ano de 1988, quando ocorre a promulgação da Constituição, há um período de intensa modernização no Brasil, inclusive na mídia, que cobre amplamente a constituinte.

> A Constituição de 1988 concebida em um plenário enriquecido por novas representações sociais — em que um jovem Partido dos Trabalhadores já tomava assento —, apontava para a renovação da vida nacional. Era vedada toda e qualquer censura, estabelecendo que: "Nenhuma lei conterá dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social".
> Quanto ao direito de propriedade de empresas de comunicação, prescrevia-se: "A propriedade de empresa jornalística e de radiofusão sonora e de sons e imagens é privativa de brasileiros natos ou naturalizados há mais de dez anos, aos quais caberá a responsabilidade por sua administração e orientação intelectual". (LUCA; MARTINS, 2006, p. 118).

O governo de Fernando Collor de Mello tanto em sua ascensão quanto na sua derrocada teve grande influência da mídia, como no caso da capa da revista *Veja* ainda no ano de 1988, que o consagrava como um "caçador de marajás". Com o fiasco de sua gestão, principalmente no âmbito econômico, a mídia brasileira também auxilia no processo de seu *impeachment*. Ainda segundo Luca e Martins:

> Naquele contexto inaugural, a imprensa pôde se colocar a serviço dos interesses da nação, sob o crivo dela, não obstante sua indefectível dependência dos interesses do mercado, do *marketing* publicitário, das notícias que rendiam e vendiam no competitivo mercado impresso jornalístico. O episódio de ascensão e queda de Collor de Mello foi uma delas. (LUCA; MARTINS, 2006, p.124)

Sobre este mesmo período da história da imprensa no Brasil, Villaméa (2020) aponta para a mudança tecnológica que o uso de computadores instaurou nas redações dos grandes jornais. É válido destacar a informação trazida pela autora de que o *OESP* foi o último dos grandes veículos de imprensa a informatizar a sua redação, concluindo este processo somente em 1991.

Avaliando o impacto das ideologias presentes no cenário nacional e mundial entre os anos de 1985 e 1991 — vide contexto de Guerra Fria e redemocratização do Brasil — na produção dos textos publicados por nossas duas fontes de pesquisa, apresentamos algumas ideias provenientes do campo da análise do discurso que nos auxiliam a compreender a dinâmica entre contexto histórico social e linguagem. Considerando a necessidade de não analisar a fonte por ela mesma, como uma espécie de espelho-máquina-do-tempo, que refletiria com perfeição as características de uma sociedade, apontamos para a importância da compreensão do documento enquanto a produção de uma determinada instituição, em um

determinado local e época. O sujeito ou os sujeitos que produzem estes documentos, também ocupam uma posição específica dentro da sociedade. Todas essas especificidades devem ser levadas em conta. A seguir traçaremos um breve histórico da disciplina, partindo da obra de Valentin Volóchinov até a produção dos analistas do discurso da segunda metade do século XX, perpassando por alguns conceitos-chave para a nossa pesquisa.

Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, publicada em 1929 na Rússia, Volóchinov[5] aborda temáticas fundamentais para os analistas do discurso e/ou historiadores que buscam problematizar mais profundamente as suas fontes. O livro trata essencialmente da relação da linguagem com a sociedade e para isso, o autor passeia por diferentes domínios das ciências humanas, não se restringindo somente à filosofia. Para o círculo de Bakhtin, através da língua podemos notar os conflitos de classes dentro de uma sociedade. O autor se contrapõe à análise puramente psicológica da produção da fala, ressaltando a influência ideológica e externa que o discurso do indivíduo recebe. Ou seja, ele compreende que a infraestrutura determina a ideologia e que esta, por sua vez, dita às pessoas aquilo que poderão falar. As diferentes classes, no entanto, utilizam a mesma língua, são os signos ideológicos que apontam essas contradições. Para a pesquisa aqui realizada, essa constatação tem enorme validade, pois analisando os dois jornais que representam grupos diferentes em uma mesma época, poderemos notar que as mesmas palavras ou frases tomam conotações totalmente diferenciadas em certos momentos.

Eagleton (1997) segue essa mesma linha de pensamento. Segundo ele:

> Aqueles que enfatizam, de modo muito apropriado, que a linguagem é um terreno de conflito, esquecem às vezes que o conflito pressupõe um certo grau de acordo mútuo: não há conflito político entre nós se você afirma que patriarcado é um sistema social censurável enquanto eu sustento que se trata de uma pequena cidade no interior do estado de Nova York. Uma certa solidariedade prática está embutida nas estruturas de qualquer linguagem compartilhada, mesmo que grande parte dessa linguagem possa ser permeada pelas divisões de classe, gênero e raça. (EAGLETON, 1997, p. 25-26).

É imprescindível compreendermos que essas enunciações estão sempre em diálogo, nenhum discurso é produzido em si mesmo e para si mesmo, ele está sempre compreendido

5 Esclarecemos que, embora a obra *Marxismo e Filosofia da Liguagem* tenha sido escrita por Valentin Volóchinov, ela aparecerá em nossas citações e nas referências atribuída à Mikhail Bakhtin, uma vez que utilizamos uma edição antiga do texto, na qual a autoria ainda não havia sido corrigida.

na relação entre locutor e ouvinte. No caso dos jornais podemos pensar essa relação nos seguintes termos: os jornais não produzem um discurso "próprio", suas reportagens já estão previamente em diálogo com a compreensão dos leitores e, mais do que isso, esses discursos jornalísticos fazem parte de uma trama ideológica complexa, ditada pelo contexto dado. Obviamente, conforme explicamos, o suporte do jornal impresso, ou seja, a publicação em papel, dificulta que se estabeleça um diálogo tão intenso com o leitor como o rádio e a TV podem realizar.

A partir disso, podemos pensar em como o contexto político do período entre 1985 e 1991 está presente nas reportagens selecionadas e procurar entender que mesmo dentro desses veículos, há um embate de diferentes posicionamentos ideológicos. Como Volóchinov aponta: "O discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala, ele responde a alguma coisa, reflete, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio e etc" (BAKHTIN, 2010 p. 126). Este é um processo ininterrupto. Não é possível compreender um discurso de forma isolada, o historiador que adotar essa premissa nunca mais olhará para sua fonte enquanto um espelho, mas sim enquanto uma produção integrante de um conflito social de classes. Resumindo, nas palavras do próprio autor: "A filosofia marxista da linguagem deve justamente colocar como base de sua doutrina a enunciação como realidade da linguagem e como estrutura sócio-ideológica" (BAKHTIN, 2010, p. 17).

Mais precisamente, adotaremos dois conceitos utilizados pelo círculo de Bakhtin: o dialogismo e a polifonia. O autor faz uma crítica ao monologismo da língua proposto por Saussure. Para ele, a língua se dá na interação social e verbal, realizada através das enunciações. O discurso é dialógico, não somente por se relacionar a outros discursos, mas porque pressupõe uma relação com o destinatário. Nas mídias, de forma mais específica, este processo ocorre de forma diferenciada, sem grande participação do receptor. Com o conceito de polifonia o autor entende que os discursos são tecidos por "várias vozes", uma rede que ao mesmo tempo é complementar, concorrente e contraditória. Através desses dois conceitos, notamos que para este círculo de pensadores, a linguagem e a comunicação se dão enquanto uma interação social

> em que o outro desempenha papel fundamental na constituição do significado, integra todo ato de enunciação individual num contexto mais amplo, revelando as relações intrínsecas entre o linguístico e o social. (BRANDÃO, 1994, p.8).

Sob alguns aspectos, as ideias apresentadas pelo círculo de Bakhtin na década de 1920 aproximam-se bastante do que será a análise do discurso desenvolvida no final da década de 1960. Esse fértil campo de estudos é composto essencialmente pela tríade da Linguística, do Materialismo Histórico e da Teoria do Discurso, atravessada pelo campo da Psicologia. Utilizando do conceito de discurso proposto por Foucault principalmente em sua obra *A Arqueologia do Saber* e aliando-o a uma leitura de mundo marxista, proveniente em grande parte da obra de Althusser, o grupo de estudos da análise do discurso, cujo principal nome é Michel Pêcheux, propõe questões as quais a Linguística já não podia mais responder. Questões da linguagem que ultrapassam um sistema fechado em si mesmo e precisam de uma leitura do social e do histórico para serem respondidas. Muitas dessas questões aparecem em sua obra *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*.

A noção de sujeito descentrado é fundamental para nossa pesquisa, tendo em vista que o desenvolvimento das ciências humanas coincide com o ideal racional de sujeito centrado do Iluminismo. Utilizaremos essa noção, elaborada a partir do pós-estruturalismo na década de 1960, para compreender que os sujeitos não produzem seus discursos por si próprios, ou seja, não são a única fonte do conteúdo de suas falas. Eles estão envolvidos por uma rede de relações e discursos que fazem com que eles possam ou não dizer determinadas coisas. Certamente, o assujeitamento desses sujeitos face à economia e a ideologia, por vezes é falho e, portanto, trataremos desse processo de forma problematizada. Compreendemos, no entanto, no caso da pesquisa, que os agentes que escrevem nos jornais, produzem esses materiais a partir das instituições que fazem parte.

O que seria então essa ideologia que faz com que os sujeitos possam ou não dizer determinadas coisas? Esse conceito é bastante amplo, de forma que devemos examinar a sua composição. Nas palavras de Eagleton:

> A palavra "ideologia" é, por assim dizer, um texto, tecido com uma trama inteira de diferentes fios conceituais; é traçado por divergentes histórias, e mais importante, provavelmente, do que forçar essas linhagens a reunir-se em alguma Grande Teoria Global é determinar o que há de valioso em cada uma delas e o que pode ser descartado. (EAGLETON, 1997, p. 15).

Uma vez que grande parte de nosso método, a análise do discurso, se apropria do Materialismo Histórico, é importante que destaquemos que o conceito de ideologia em Marx e Engels aponta principalmente para uma inversão da realidade, ou seja, serve para os propósitos de uma classe dominante, para que ela possa manter-se no poder. Embora estes autores tenham dado uma contribuição fundamental para este debate, é preciso salientar que tal pensamento pressupõe que há uma forma verdadeira de compreender o mundo, em oposição à forma falseada que a classe dominante propaga na sociedade a fim de subjugar os demais grupos. Para além deste problema, há também a questão de que muitos dos autores que pensaram a ideologia após Marx e Engels, tal qual Lênin, não tiveram acesso à sua obra *A Ideologia Alemã*, de forma que contribuíram de formas distintas para a construção deste conceito, entendendo que também o pensamento socialista, assim como outros, poderia ser caracterizado enquanto uma ideologia.

O trabalho de Louis Althusser é bastante relevante para assimilar a ideologia dentro dos parâmetros da análise do discurso. O autor amplia o conceito de Marx e Engels, entendendo que a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos. Para ele, o principal agente desse processo na sociedade burguesa seriam as escolas, que assumem o papel que anteriormente pertencia à Igreja. A escola, bem como outros meios pertencentes à superestrutura, são Aparelhos Ideológicos do Estado, dentre os quais, Althusser classifica a imprensa. Assim sendo, os jornais analisados assumem um papel ideológico, no entanto, não interpretamos essa ideologia somente como uma inversão propagada pela classe dominante, mas como um processo mais amplo e também falho, que por vezes, dá margens à resistência dos indivíduos.

De forma mais específica, Althusser (2003) propõe que a ideologia é a relação dos homens com as suas condições de existência. Dessa forma, a ideologia só existe através do sujeito e para o sujeito. A prática, por sua vez, só existe através e sob uma ideologia. O autor segue propondo que a classe dominante exerce sua hegemonia ideológica sobre as demais classes e isso se dá justamente através dos tais Aparelhos Ideológicos do Estado. Em outras palavras:

> A ideologia, para Althusser, é uma organização específica de práticas significantes que vão constituir os seres humanos como sujeitos sociais e que produzem as relações vivenciadas mediante as quais tais sujeitos vinculam-se às relações de produção dominantes em uma sociedade. (EAGLETON, 1997, p. 30).

Eagleton (1997) explica que é possível que analisemos as diferentes interpretações acerca do conceito de ideologia, descartando aquilo que não nos serve enquanto pesquisadores. Nesse sentido, concordamos quando ele afirma em sua obra a validade do conceito de ideologia — em contraposição ao grupos de direita que pregam o fim da sua utilização — e que, no entanto, não o coloca como algo totalizante, ou seja, como uma teia da qual nenhum indivíduo é capaz de escapar. Ressaltamos igualmente a crítica ao pós-modernismo feita por ele, no sentido de que não é possível empregar uma leitura de que absolutamente tudo é ideológico em um mesmo nível, bem como uma leitura de que o poder está presente de forma igual em todas as esferas da vida social, uma vez que tal compreensão poderia ser pouco produtiva para nossa pesquisa.

Segundo o autor, há uma margem no processo que faz com que determinadas ideologias possam influenciar a vida dos indivíduos, caso contrário, não haveria forma pela qual tais pessoas conseguissem escapar desta dominação. Eagleton (1997) reitera que tal forma de pensamento é elitista, pois considera que apenas alguns indivíduos iluminados por sabedoria seriam capazes de esclarecer a massa de pessoas, e que portanto, suas vivências e percepções de mundo seriam totalmente falsas. Assim sendo, a partir das ideias debatidas, compreendemos que a ideologia não é exclusivamente pertencente à uma classe dominante, mas sim, que existem diversas ideologias dentro de uma mesma sociedade, diversas formas de compreender o mundo.

O conceito de condição de produção, ou de situação de comunicação[6] — conforme aparece na obra de Charaudeau — também é conveniente para nossa pesquisa uma vez que, é através da investigação do contexto em que as fontes foram desenvolvidas que daremos uma dimensão histórica e social para nosso estudo, evitando manter nossa interpretação somente no âmbito de uma análise linguística. Adotamos também a noção de formação ideológica, ou seja, compreendemos que em uma sociedade, diferentes grupos seguem diferentes ideologias, que guiam suas atitudes. A partir dessa ideia, utilizamos igualmente o conceito de formação discursiva, regidas por uma determinada formação ideológica e que de forma mais efetiva,

6 Ela é como um palco no qual se dão as trocas sociais que permitem a passagem de informação. Nela se constitui o valor simbólico. Para Charaudeau, os indivíduos que querem se comunicar, devem levar em conta esta *situação de comunicação*. "Assim se constrói o que os filósofos da linguagem designam por 'cointencionalidades': toda troca linguageira se realiza num quadro de cointencionalidade, cuja garantia são as restrições da situação de comunicação" (CHARAUDEAU, 2019, p.68).

determinam os discursos que serão produzidos por uma instituição ou indivíduo. Nas palavras de Brandão:

> Constituindo o discurso um dos aspectos materiais de ideologia, pode-se afirmar que o discursivo é uma espécie pertencente ao gênero ideológico. Em outros termos a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas.
> São as formações discursivas que, em uma formação ideológica específica e levando em conta uma relação de classe, determinam "o que pode e deve ser dito" a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada. (BRANDÃO, 2004, p. 47-48).

A autora lembra-nos, porém, que as formações discursivas não pressupõem uma homogeneidade discursiva, assim sendo, podemos, através dos enunciados por elas produzidos, compreender traços do que ela chama de contradições ideológicas.

Para além da compreensão das condições de produção de nossas fontes, que está contemplada no próximo capítulo desta dissertação através da pesquisa bibliográfica que realizamos sobre o período compreendido entre 1985 e 1991, e do trabalho com os conceitos de formação ideológica e formação discursiva, valemo-nos igualmente do conceito de interdiscurso, bastante próximo da noção de polifonia já mencionada. A partir dessa noção, entenderemos a heterogeneidade presente nas diferentes formações discursivas e a relação que se dá entre os diferentes discursos. Por fim, também utilizamos o conceito de memória discursiva, uma vez que os discursos não apenas se relacionam entre si em um mesmo período, mas carregam o peso do já-dito, mesmo que para modificar os discursos consolidados.

A obra *Discurso das mídias* de Patrick Charaudeau também contribuiu diretamente para o desenvolvimento teórico-metodológico desta pesquisa, uma vez que dentro desse campo, este livro traz questões mais específicas e atualizadas a respeito do trabalho com textos jornalísticos. Dessa forma, discorremos a seguir sobre algumas das principais ideias do autor na obra e como elas podem ser aplicadas em nossa análise.

Charaudeau (2019) delineia três lógicas que compõem as mídias: a lógica econômica que faz com que os jornais se constituam enquanto empresa de comunicação, a lógica tecnológica que visa a maior difusão possível do periódico e, por fim, a lógica simbólica que seria o papel da mídia de servir à democracia cidadã. Para o autor esta última sobrepõe-se às

demais, tendo em vista seu forte caráter social. Ele explica que as mídias não são *instâncias de poder*, uma vez que estas se afirmam em regras, como a Lei, por exemplo. O jornalismo, por outro lado, busca justamente ter uma aparência livre de coerções. Dessa forma, como a mídia se constituiria enquanto um quarto poder?[7] A resposta dada por Charaudeau é: "*As mídias manipulam tanto quanto manipulam a si mesmas*" (CHARAUDEAU, 2019, p.18).

Retomando a ideia de que o jornalismo hierarquiza e escolhe quais eventos devem ser noticiados, o autor ressalta o fato de que os jornais visam um público bastante amplo, de forma que sejam viáveis economicamente. Assim sendo, é escolhida uma determinada forma se noticiar os eventos, uma maneira que agrade a maioria do público consumidor. A partir disso entendemos o caráter *opaco* da linguagem utilizada pela mídia. Em suas palavras:

> A ideologia do "mostrar a qualquer preço", do "tornar visível o invisível" e do "selecionar o que é o mais surpreendente" (as notícias ruins) faz com que se construa uma imagem fragmentada do espaço público, uma visão adequada aos objetivos das mídias, mas bem afastada que um reflexo fiel. Se são um espelho, as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversões e que, mesmo deformando, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo. (CHARAUDEAU, 2019, p.20).

Para Charaudeau (2019) a construção do sentido do discurso midiático ocorre em três diferentes locais a partir da noção de *ato de comunicação* (relação entre produção e recepção): O *lugar das condições de produção*, ou seja, a instância na qual o discurso é produzido e que envolve tanto o fator econômico e hierárquico de uma empresa de comunicação quanto seu caráter semiológico tendo em vista que o jornal busca gerar certo efeito no leitor; o *lugar da construção do produto*, a instância mais importante para nossa pesquisa. Sobre ela, o autor expõe que:

> É esse o lugar em que todo discurso se configura em texto, segundo uma certa organização semiodiscursiva feita de combinação de formas, umas pertencentes ao sistema verbal, outras a diferentes sistemas semiológicos: icônico, gráfico, gestual. O sentido depende, pois, da estruturação particular dessas formas, cujo reconhecimento pelo receptor é necessário para que se realize efetivamente a troca

7 O autor, nesta parte do livro, somente explica de onde vêm a ideia de que a mídia seria um quarto poder, no entanto, ele não concorda com essa classificação. Para Charaudeau, a mídia é apenas uma instância de poder, uma vez que, diferentemente de instituições como a Igreja ou o Exército, não possui regras tão rígidas de comportamento.

> comunicativa: o sentido é o resultado de uma *cointencionalidade*. Mas como, por um lado, a instância de produção só pode imaginar o receptor de maneira ideal, construindo-o como o destinatário alvo que acredita ser adequado a suas intenções, e, ao visar produzir efeitos de sentido, não tem certeza se esses serão percebidos, e como, por outro lado, a instância de recepção constrói seus próprios efeitos de sentido que dependem de suas condições de interpretação, conclui-se que o texto produzido é portador de "efeitos de sentido possíveis", que surgem dos efeitos visados pela instância de enunciação e dos efeitos produzidos pela instância de recepção. **Com isso, toda análise de texto nada mais é do que a análise dos "possíveis interpretativos"**. No que tange à comunicação midiática, isso significa que qualquer artigo de jornal, qualquer declaração num telejornal ou num noticiário radiofônico, está carregada de efeitos possíveis, dos quais apenas uma parte — e nem sempre a mesma — corresponderá às intenções mais ou menos conscientes dos atores do organismo de informação, e uma outra — não necessariamente a mesma — corresponderá ao sentido construído por tal ao qual receptor. (CHARAUDEAU, 2019, p.27-28, grifo nosso).

Enfim, o *lugar das condições de interpretação* compreende a instância de recepção da mensagem. Ela engloba tanto o receptor idealizado pelo veículo de mídia quanto o receptor real que faz a sua própria interpretação das notícias. Em nossa pesquisa, não trabalharemos com a recepção real dos textos publicados em nossas fontes, uma vez que esta investigação por si só poderia gerar uma dissertação à parte. Nosso enfoque está nos dois primeiros locais bem como no caráter da idealização do público receptor.

Adotamos também a noção de *efeito de verdade* trazida pelo autor, pois, como veremos adiante, na análise de nossas fontes, esta é uma tática amplamente utilizada tanto pelo *OESP* quanto pelo *Voz da Unidade*. De acordo com Charaudeau (2019), a *instância da produção de informação*, em nosso caso, os periódicos, transformam um *mundo a ser descrito e comentado* em um *mundo efetivamente descrito e comentado*. A *instância de recepção-interpretação,* por sua vez, interpreta o mundo a partir dessas informações. Buscaremos compreender como nossas fontes descrevem e comentam o mundo, tentando passar ao leitor a ideia de que aquela informação é verdadeira a partir dos sistemas de conhecimentos e crenças na sociedade brasileira daquele período.

> Cada tipo de discurso modula seus efeitos de verdade de uma maneira particular. O discurso de informação modula-os segundo as supostas razões pelas quais uma informação é transmitida (por que informar?), segundo os traços psicológicos e sociais daquele que dá a informação (quem informa?) e segundo os meios que o informador aciona para provar sua veracidade (quais são as provas?). (CHARAUDEAU, 2019, p.50).

Charaudeau (2019) explica, então, que por vezes há uma discrepância entre o discurso auto-justificativo da mídia e de fato a sua estrutura de funcionamento.

Na instância da produção do discurso midiático, embora o jornalista seja a figura principal, deve-se lembrar que ele faz parte de uma empresa cheia de outros profissionais, como aqueles que cuidam da parte econômica e aqueles que cuidam da linha editorial. Segundo o autor:

> Todos contribuem para fabricar uma enunciação aparentemente unitária e homogênea do discurso midiático, uma coenunciação, cuja intencionalidade significante corresponde a um projeto comum a esses atores e do qual se pode dizer que, por ser assumida por esses atores, representa a ideologia do organismo de informação. (CHARAUDEAU, 2019, p.73).

Diferentemente de outras formas de discurso, como por exemplo um discurso proferido por um político específico, o discurso das mídias torna difícil apontar apenas um responsável por uma determinada fala. Isto ocorre mesmo quando a matéria é assinada, tendo em vista esta instância de produção midiática que envolve muitas pessoas. Podemos costurar esta ideia ao ponto anteriormente apresentado quando citamos a metodologia proposta por Luca (2020), na qual a autora explica a necessidade de compreender quem faz parte do corpo de profissionais do periódico e quais são os contribuintes mais assíduos nas reportagens.

Conforme mencionamos, o autor explica que o discurso midiático visa *fazer saber* e *fazer sentir*. Esses dois objetivos devem encontrar equilíbrio na produção do jornal, uma vez que somente o *fazer sentir* pode levar o veículo de imprensa a ser considerado pouco confiável — como no caso dos chamados jornais sensacionalistas —, no entanto, se o jornal também estiver focado somente no *fazer saber* pode acabar por não atingir seus objetivos de venda e alcance de um grande público enquanto empresa de comunicação, no caso de *OESP,* ou jornal partidário, no caso do *Voz da Unidade.* Na terceira parte da pesquisa nos aprofundaremos na investigação de como ambos os jornais buscam equilibrar essas duas táticas em suas páginas.

Ainda sobre os acontecimentos a serem noticiados em um jornal, Charaudeau (2019) ressalta que aquilo que de fato interessa não é o acontecimento em si, mas a construção do acontecimento, aquilo que ele chama de *processo evenemencial*. Nesse processo, é preciso que primeiro haja uma mudança, em seguida, os sujeitos percebem esta modificação no estado de algo e, por fim, há a significação deste acontecimento.

> E para que essa problematização se realize, é preciso que, de um lado, exista no sujeito um sistema de reconhecimento que lhe permita julgar o afastamento entre este novo estado do mundo e as leis, as regras ou as normas do sistema preexistente e, de outro, um ato de intervenção deste sujeito que atenda a um novo desejo de reorganização do mundo, através de uma recategorização semântica. (CHARAUDEAU, 2019, p.100).

Através deste sistema imediatista no qual o jornal está sempre buscando o acontecimento mais recente para poder captar o leitor, o jornal categoriza o mundo em que vivemos através das diferentes seções que apresenta em sua estrutura.

> Assim sendo, o *propósito*, como componente do contrato de informação midiática, inscreve-se num processo de construção evenemencial, que deve apontar para o que é "notícia". O *propósito* recorta o mundo em um certo número de universos de discurso tematizados, transformando-os em rubricas, tratando-os segundo critérios de atualidade, de socialidade e de imprevisibilidade, assegurando-lhes assim uma *visibilidade*, uma *publicização*, e produzindo um possível efeito de captação. Com isso, compreende-se que o espaço público se confunda com o próprio acontecimento midiático, tal como aparece em sua configuração discursiva. (CHARAUDEAU, 2019, p.103).

Embora adotemos o conceito de dialogismo apresentado na obra de Volóchinov, devemos pontuar que nas mídias, para o período estudado, não há exatamente um diálogo direto entre os leitores e os jornalistas. No caso dos periódicos esta interação dá-se geralmente através de cartas, com um ritmo bastante lento. Charaudeau explica:

> A instância de produção e a instância de recepção se acham engajadas num processo de transação, no qual a primeira instância desempenha um duplo papel de testemunha do mundo e de interpelador de um público-cidadão, e a segunda, um papel reativo de espelho deformante, pois o discurso que circula entre os dois depende de imaginários sociais. A relação que se instaura entre essas duas instâncias é, pois, sem troca: a informação é dada a consumir como num museu, onde estão expostos, segundo diversas estratégias, objetos (materiais, evenemenciais, informacionais) que têm uma significação mais ou menos simbólica, ao olhar de um público cujo interesse é preciso despertar e cujo prazer é preciso suscitar, com fins de educação (cultural ou cívica); o público, por seu turno, recebe e reinterpreta à sua maneira os objetos de informação oferecidos aos seus olhos, sem poder interpelar a instância que os apresenta. Por mais que as mídias recorram a técnicas ditas interativas, não há diálogo e troca, somente o seu simulacro. (CHARAUDEAU, 2019, p.124).

Embora não haja um diálogo direto, não podemos colocar esta relação como uma relação hierarquizada na qual a mídia se sobrepõe ao público consumidor. Devemos

considerar que o veículo de imprensa sempre pressupõe a reação que o leitor deverá ter quanto ler seus textos, ou seja, a opinião popular também tem grande peso em suas decisões.

> a palavra do outro está sempre presente em todo ato de enunciação de um sujeito falante, instituindo um "dialogismo" permanente entre o outro e o sujeito que fala, fazendo de todo discurso um discurso heterogêneo por definição, uma vez que se compõe frequentemente "dos traços das enunciações do outro". A palavra do outro aparece, entretanto, sob diferentes formas, de maneira mais ou menos explícita, com significações diversas, daí por que seja necessário distinguir diferentes tipos de heterogeneidade. (CHARAUDEAU, 2019, p.161).

Em seguida, o autor também define o que é a notícia. Utilizamos essa conceituação em nosso trabalho:

> Propomos chamar "notícia" a um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo *espaço temático*, tendo um caráter de *novidade*, proveniente de uma determinada *fonte* e podendo ser diversamente tratado. Um mesmo espaço temático: significa que o acontecimento, de algum modo, é um fato que se inscreve num certo *domínio* do espaço público, e que pode ser reportado sob a forma de um *minirrelato.* (CHARAUDEAU, 2019, p.132).

Ele explica que de forma externa, o acontecimento a ser noticiado na mídia pode simplesmente surgir, como no caso de desastres naturais, pode ser programado, como no caso de shows de música ou ainda pode ser suscitado, como no caso de entrevistas e debates. No nível interno, cabe ao jornal decidir aquilo que acha que vai emocionar mais público ao ser noticiado. Os eventos que aparecem nas páginas de um jornal podem ser relatados, comentados ou provocados.

> O universo da informação midiática é efetivamente um universo construído. Não é, como se diz às vezes, o reflexo do que acontece no espaço público, mas sim o resultado de uma construção. O acontecimento não é jamais transmitido em seu estado bruto, pois, antes de ser transmitido, ele se torna objeto de racionalizações: pelos critérios de seleção dos fatos e dos atores, pela maneira de encerrá-los em categorias de entendimento, pelos modos de visibilidade escolhidos. Assim, a instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo que tal visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo. Nela a instância de recepção encontrará pontos de referência, e desse encontro emergirá o espaço público. (CHARAUDEAU, 2019, p.151).

Como veremos de maneira mais aprofundada em nossa análise do *corpus*, os jornais dispõem de diversas fontes de informação, podendo elas serem internas à mídia, como no

caso dos próprios jornalistas e de agências de comunicação ou então, podem ser exteriores à mídia, como no caso de fontes oficiais do Estado ou testemunhas de um determinado evento. A fonte de informação utilizada por um jornal pode legitimar mais ou menos seu texto.

> Tais fatores influem na credibilidade, produzindo efeitos diversos: efeito de evidência quando a fonte não é citada, mas com o risco de prejudicar a instância de informação se o receptor quiser saber de onde vem a informação sem obter resposta; efeito de verdade e de seriedade profissional se a fonte é identificada com precisão ou se é identificada com prudência sob o modo do provisório, da espera de verificação; efeito de suspeita, se a identificação se faz de maneira vaga, anônima ou indireta. (CHARAUDEAU, 2019, p.149).

Charaudeau (2019) constrói em seu trabalho uma espécie de gráfico no qual categoriza os gêneros de textos midiáticos, como por exemplo editorial, entrevistas, reportagens etc. de acordo com sua proximidade a um relato puro e simples, um acontecimento comentado ou um acontecimento produzido. Para além destas categorias que se encontram em um eixo horizontal, há também uma linha vertical que categoriza esses gêneros entre mais ou menos engajados. Por exemplo, um editorial é bem mais engajado do que um comentário de jornalista ou especialista.

Para Charaudeau (2019), a imprensa, diferentemente do rádio e da TV, deve preocupar-se com o caráter de *visibilidade*, ou seja, deve fazer com que o jornal tenha uma estrutura (primeira página, rubricas etc.) e o texto esteja organizado (título, lead etc.). Ou seja, as notícias devem ser facilmente encontradas pelo leitor. A imprensa também deve atentar-se para a *legibilidade*, ou seja, uma exposição o mais clara possível. Os textos devem ser acessíveis ao maior número de leitores. "Uma das consequências dessa exigência é, entre outras, a configuração dos gêneros particulares como as notas, os *boxes*, as páginas de informação factual (páginas práticas), certos perfis etc." (CHARAUDEAU, 2019, p.233). É importante salientar, porém, que em qualquer tipo de mídia, por vezes não há uma definição exata de cada tipo de gênero, podendo haver uma mistura deles. Para definir se um texto faz parte de um gênero ou de outro, devemos ver quais são os seus "traços mais fortes".

Para além da importante obra de Charaudeau, salientamos a importância da tese de Bethânia Mariani, intitulada *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. O trabalho da autora nos auxiliou não somente do ponto de vista teórico, uma vez que ela traça toda uma construção de sentidos em torno do chamado Partidão

desde a sua construção até o período da Nova República, contextualizando histórico e socialmente as publicações de grandes jornais cariocas, mas também a partir da metodologia elaborada em sua pesquisa que nos auxiliou principalmente na elaboração de quadros de análise utilizados na terceira parte da dissertação. Assim como Mariani faz em sua tese, procuramos separar as sequências discursivas, enumerando-as, de forma que depois as inserimos em quadros de análise.

Baseando-nos principalmente no quadro utilizado na página número 104 do trabalho de Mariani, construímos nosso próprio instrumento de análise, no qual separamos trechos das reportagens presentes nos periódicos analisados e avaliamos o posicionamento do veículo com relação aos personagens que aparecem nos textos.

É através do trabalho de Mariani que adotamos a diferenciação entre "mesmo" e "outro" na análise de nosso *corpus*. A autora delimita em suas fontes a dicotomia entre a imagem feita dos brasileiros, ou seja, o "mesmo" e dos comunistas, os "outros". Como Mariani trabalha com jornais da grande mídia carioca — *O País, Correio da Manhã, Diário Carioca, O Globo, Jornal do Brasil* e *O Dia* — pertencentes ao que ela chama de Formação Discursiva Brasileira (em contraposição à uma Formação Discursiva Comunista), ela considera o "mesmo" como aqueles que estão ideologicamente alinhados ao pensamento de suas fontes e o "outro" como os alvos de suas críticas. No caso de nossa pesquisa, como trabalhamos com a perspectiva de um jornal de ampla circulação e um jornal de um partido comunista, compreenderemos que para cada formação discursiva, ou seja, a FD do *OESP* e a FD do *Voz da Unidade*, há a imagem de um "mesmo" e de um "outro" ideológico.

Do ponto de vista de nossa análise, principalmente no que se refere ao *OESP* — que embora não seja um jornal carioca, compartilha da mesma ideologia presente nos jornais pesquisados por Mariani — é válido ressaltar o resgate da memória discursiva feito pela autora, ou seja, compreender que na década de 1980, ao referir-se aos "comunistas" esses grandes jornais já acumulavam uma bagagem de sentido criada desde a década de 1920 que colocava esse grupo político como inimigo do Brasil. Assim como já mencionamos, a autora também pontua que o processo de memória discursiva não é absoluto e sempre há a possibilidade da introdução de novos sentidos a partir de novos acontecimentos. A respeito do discurso midiático, citamos-a:

> A mídia funciona, neste sistema, como um elemento fundamental na representação e re-produção dos "consensos de significação" resultantes das hegemonias políticas ou, ao contrário, participa da sua dissolução. Um elemento que está em jogo, portanto, é o tempo: passado e projeções de futuro se entrecruzam no cotidiano jornalístico, que vai montando e reconfigurando leituras da história e da política, na tentativa de explicar/didatizar os acontecimentos, ou seja, construindo um sentido "natural" para a instabilidade do presente. (MARIANI, 1996, p.46).

Assim como na obra de Charaudeau, Mariani (1996) expõe o caráter didático que o discurso midiático tende a assumir. Ao construir um discurso sobre algo, o jornalista cria uma imagem de imparcialidade e distanciamento com relação ao seu objeto. Tendo em vista que cada instituição forja uma imagem para si própria perante a sociedade, naturalizando seus discursos, o jornal se posiciona como aquele que naturalmente deve transmitir informações para a população.

Muito da visão transmitida pelos jornais brasileiro acerca do comunismo foi, na verdade, uma reprodução de ideias que já ocorriam no exterior e que chegavam através das agências de notícias, algo que será visível em nossa análise. Mariani expõe este acontecimento já no evento da Revolução Russa:

> Da mesma forma, já havia um "discurso" em circulação sobre os acontecimentos revolucionários na Rússia. Discurso esse em que os significantes "revolução", "revolucionários" não aparece. Em seu lugar, banditismo, agitador, criminoso e subversão. Retoma-se o direcionamento de sentidos produzidos pelas agências de notícias estrangeiras (UPI e outras) que funcionavam na época e, portanto, resultante das leituras europeizadas já existentes sobre os movimentos sociais descritos. (MARIANI, 1996, p.158).

Ao mesmo tempo em que busca adjetivos para caracterizar o comunismo de forma negativa, a grande mídia também faz um apagamento de movimentos sociais e de lutas populares. Ou seja, não somente constrói sentido como também silencia, quando conveniente. Poucas são as vezes em que esses personagens ganham voz na grande mídia brasileira. Algo que é totalmente normal no jornal *Voz da Unidade*, por exemplo, que sempre está citando a fala de comunistas, seja do PCB ou do PCUS.

Nesse sentido, Mariani faz uma importante observação em sua pesquisa:

> É em torno de meados da década de 30 que se fixa na imprensa esse sentido negativizado para comunismo/comunistas. O comunismo, seja em sua acepção geral, seja na sua particularização como o regime dos 'horrores soviéticos', passa a ser

> sempre representado como uma doutrina ou ideologia perigosa para o Brasil nas matérias ou reportagens jornalísticas não assinadas. (MARIANI, 1996, p.171).

Mesmo quando a grande mídia é obrigada a dar voz aos comunistas, direciona a interpretação do leitor para que esta fala não entre em conflito com a FD do jornal. Vamos averiguar em nossa análise, se o mesmo ocorre caso o *Voz da Unidade* cite fala de seus "outros" ideológicos.

Após estes apontamentos sobre a metodologia da análise do discurso, passamos a tratar de nossa terceira "frente de análise", o trabalho com as imagens reproduzidas em nossas fontes. Ao trabalharmos com fontes jornalísticas, temos em nossas mãos uma rica documentação, uma vez que os periódicos em geral não trazem somente texto escrito, mas também reproduções de imagens, sejam elas fotográficas ou ilustrações. É no conjunto dos elementos que se encontram nesses jornais que podemos desenvolver uma análise completa da materialização ideológica presente nesses veículos.

Assim sendo, recorremos a outras metodologias, uma vez que somente essa linha interpretativa não poderia dar conta sozinha desta empreitada complexa que envolve tantas formas de linguagem. Embora sempre compreendamos que o que está impresso nos jornais selecionados fazem parte de determinadas formações ideológicas e discursivas — independentemente de serem textos escritos ou imagens — acreditamos que para realizar uma pesquisa de qualidade, não poderíamos ignorar a especificidade da análise imagética.

O conjunto da obra de Boris Kossoy é de extrema utilidade para estudarmos a fotografia enquanto fonte histórica, seja para escrever uma história da fotografia ou para utilizar a fotografia a fim de compreender certo período histórico, como em nosso caso. De certa maneira, o pensamento do autor se aproxima bastante daquilo que já propusemos através da metodologia da análise do discurso, uma vez que para ele, a fotografia sempre se constitui enquanto uma representação da realidade, escondendo em si diversas tramas ideológicas. Nas palavras dele:

> As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação de ideias e consequente formação e manipulação da opinião pública, particularmente, a partir do momento em que os avanços tecnológicos da indústria gráfica possibilitaram a multiplicação massiva de imagens através dos meios de informação e divulgação. (KOSSOY, 2009, p. 20).

Kossoy (2009) aponta para a necessidade do trabalho multidisciplinar ao trabalhar com fotos enquanto fontes históricas. Se transpusermos o conceito de condições de produção para o manuseio com tal tipo de documentação imagética, podemos estabelecer relação com a seguinte fala do autor sobre as fotografias:

> Seu potencial informativo poderá ser alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na trama histórica em seus múltiplos desdobramentos (sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos, culturais enfim). (KOSSOY, 2009, p. 22).

De forma resumida, ele explica que a fotografia registra uma pequena parte da realidade, e esta imagem é constituída por alguns fatores; o assunto do qual ela trata, o fotógrafo que a produz e a tecnologia disponível. Esses três elementos por sua vez, estão inseridos no espaço e no tempo. Ou seja, a foto é a união de elementos materiais e imateriais. Para o autor "existe sempre uma motivação interior ou exterior, pessoal ou profissional, para a criação de uma fotografia" (KOSSOY, 2009, p. 27). Dessa maneira, também podemos compreender a figura do fotógrafo enquanto um sujeito descentrado, alguém que produz uma imagem a partir de determinado lugar que ocupa dentro de uma instituição.

Ainda, sobre a recepção da fotografia pelo público, Kossoy (2009) salienta que, a partir da bagagem cultural que cada pessoa carrega consigo, podem se gerar leituras polissêmicas da fotografia. "Nosso imaginário reage diante das imagens visuais de acordo com nossas concepções de vida, situação sócio-econômica, ideologia, conceitos e pré-conceitos." (KOSSOY, 2009, p.45). Para além disso, no caso dos jornais, a imagem recebe algum determinado tipo de tratamento, a fim de conduzir a interpretação daquele que acessa esta mídia.

> Desde sempre as imagens foram vulneráveis às alterações de seus significados em função do título que recebem, dos textos que "ilustram", das legendas que as acompanham, da forma como são paginadas dos contrapontos que estabelecem quando diagramadas com outras fotos etc. (KOSSOY, 2009, p.55).

Objetivamos então significar as imagens presentes nas reportagens selecionadas para análise enquanto complexas representações de uma pequena parte da realidade, dependente de aspectos culturais, históricos e ideológicos bem como aspectos técnicos e estéticos e que se relacionam diretamente com os textos trazidos por estes jornais. "Seus conteúdos, entretanto,

jamais deverão ser entendidos como meras 'ilustrações ao texto'." (KOSSOY, 2001, p. 32), é necessário estudar a relação dialética entre as duas formas de linguagem, pois uma complementa a outra. No caso da nossa pesquisa, estaremos mais focados no conteúdo iconográfico dessas imagens, já que elas se encontram reproduzidas, ou seja, as fotografias originais não compõem nossas fontes.

> No caso da reprodução impressa (em livros, periódicos, cartazes, materiais impressos em geral), uma vez recuperados os dados acerca da publicação que a contém [...] nossa pesquisa deverá ser centrada na imagem e nas informações que a cercam: títulos, legendas e textos que a ela se referem na publicação. Essas informações uma vez sistematizadas nos trarão elementos para uma análise consistente dos referidos conteúdos iconográficos. (KOSSOY, 2001, p. 95).

Pensando ainda na especificidade das fotografias na imprensa, Borges, ao falar sobre o surgimento desse tipo de reprodução imagética no final do século XIX e início do XX, expõe o seguinte:

> Longe de ser um documento neutro, a fotografia cria novas formas de documentar a vida em sociedade. Mais do que a palavra escrita, o desenho e a pintura, a pretensa objetividade da imagem fotográfica, veiculada nos jornais, não apenas informa o leitor — sobre datas, localização, nome de pessoas envolvidas nos acontecimentos — sobre as transformações do tempo curto, como também cria verdade a partir de fantasias o imaginário quase sempre produzidas por frações da classe dominante. (BORGES, 2003, p. 69).

Para a autora, esse processo de utilização da fotografia na imprensa ganha grande importância principalmente no século XX, e, no período da Primeira Guerra Mundial, já está difundido. Ela ressalta que:

> as imagens fotográficas devem ser vistas como documentos que informam sobre a cultura material de um determinado período histórico e de uma determinada cultura e também como uma forma simbólica que atribui significados às representações e ao imaginário social. (BORGES, 2003, p. 73).

Tal papel simbólico que estas imagens carregam, acabam por trazer impacto político no século XX.

> Lembremo-nos, por exemplo, de como as imagens fotográficas e televisivas contribuíram para veicular e defender tanto os interesses político-ideológicos do bloco capitalista, quanto os do socialista. Previamente selecionadas, elas justificariam a onda golpista que marcou as décadas de 1960 e 1970 na América Latina, assim como a expansão das ditaduras de esquerda no leste europeu e na Ásia, silenciando sobre as diásporas, as perseguições e as torturas dos que ousavam resistir a um mundo bipolarizado. (BORGES, 2003, p. 75).

Tal fala da autora é muito elucidativa para pensarmos a importância das imagens trazidas por nossas fontes no contexto da Guerra Fria.

Outra obra que guia nossa pesquisa é *Teoría de la imagen periodística* de Lorenzo Vilches. Mais especificamente o capítulo *La persuasión en la foto de prensa*, no qual o autor aponta as diversas estratégias utilizadas pelos jornais na manipulação das imagens desde a sua produção pelo fotógrafo até a sua edição nas páginas do periódico, nos serve de apoio para uma análise um pouco mais objetiva de nossas fontes imagéticas. Como o autor propõe, e voltaremos nesses pontos de forma mais aprofundada quando estivermos efetivamente trabalhando as fontes, os jornais podem, por exemplo, suprimir parte das fotografias a fim de dar enfoque em algum ponto específico da imagem, bem como podem criar uma narrativa através da junção de diversas imagens em sequência.

Finalmente, destacamos a importância das imagens nos diversos periódicos do PCB desde a sua criação na década de 1920. Através de imagens desenhadas em seus jornais, o Partido consegue criar uma estratégia didática para atingir o público leitor, exaltando certas figuras e representando negativamente aqueles que eram considerados inimigos. Nesse sentido, a obra de Tavares, *Desenhando a Revolução: as imagens da imprensa comunista (1945—1964)*, embora não compreenda o nosso recorde temporal, nos ajuda a avaliar esta dinâmica. Segundo o autor, essas ilustrações acabam por criar uma linguagem própria do Partido, que atinge principalmente a fração de pessoas analfabetas. Ainda nas palavras de Tavares:

> Assim como o discurso comunista se transformou ao longo do tempo, as imagens difundidas pela mídia impressa também se alteram ao longo das décadas – e essas mudanças podem dizer tanto sobre o partido quanto as mudanças presentes nos textos. (TAVARES, 2017, p. 34).

Dessa forma, reafirmamos a importância de uma análise conjunta de texto e imagem para a compreensão da formação ideológica e discursiva do periódico. Segundo o autor:

"Toda essa luta de imagens, esse conflito entre os diversos personagens, estava permeada pela ideologia do partido e visava à construção de certa visão das relações políticas e de classe no Brasil e no mundo" (TAVARES, 2017, p. 35).

Em 1980, de acordo com o censo demográfico realizado pelo IBGE, de um total de 102.579.006 pessoas, 69.703.993 sabiam ler e escrever. Isso contabiliza a porcentagem de 67.95%. Já em São Paulo, do total de 21.993.812 pessoas, 18.034.452 eram alfabetizadas naquele período, ou seja, 81,99%. No ano de 1991, de um total de 130.304.361, 97.535.783 eram alfabetizados, sendo 99.276.941 moradores de áreas urbanas e 31.027.420 moradores de áreas rurais. Dessa forma, cerca de 74,85% da população poderia ler os periódicos. Mais especificamente, em São Paulo, de um total de 28.476.077 pessoas, 24.610.761 eram alfabetizadas, o que significa 86,42%.

Destacamos, no entanto, que especificamente nas edições selecionadas do *Voz da Unidade* para o *corpus* de nossa pesquisa, não aparecem desenhos nas páginas a respeito dos temas soviéticos. Notamos que esta estratégia é mais amplamente utilizada nos editoriais do jornal e em páginas a respeito da política nacional. Ainda assim, optamos por não excluir do texto de introdução a importância da análise destas ilustrações, uma vez que esta forma de texto compõe uma significativa parte da memória discursiva dos periódicos pecebistas.

2. 1985 a 1991: ANOS DE MUDANÇA NO MUNDO E NO BRASIL

Trabalharemos agora com aquelas que podem ser denominadas condições de produção ou, de forma mais simplificada, o contexto histórico no qual as edições de *O Estado de S. Paulo* e do *Voz da Unidade* analisadas nesta dissertação foram publicadas. Certamente, essa não é uma tarefa simples, mesmo se tratando de um recorte temporal de seis anos, uma vez que a contextualização de determinada época, por si só, abre diversas possibilidades. O historiador pode optar por dar maior enfoque na questão política, na economia, nos aspectos culturais, dentre outros ou, mais do que isso, pode também englobar em sua pesquisa todas essas vertentes de análise. Aqui, buscaremos fazer um apanhado desses diversos pontos.

Especificamente, no caso da Nova República, como veremos a seguir, há uma crescente complexificação do jogo político e uma dinâmica social igualmente rica em elementos. Assim sendo, nas próximas páginas, objetivamos expor ideias a respeito desse momento histórico de dúvidas, esperanças e frustrações. Pensaremos a nível mundial e nacional os impactos das mudanças políticas, as novas relações de poder instituídas, as mudanças econômicas e sociais do período final da Guerra Fria e da restituição da democracia no Brasil. De maneira mais objetiva, no caso brasileiro, avaliaremos as políticas internacionais empregadas nesse momento, a fim de compreender como o Brasil se insere nas questões globais dos anos entre 1985 e 1991. Igualmente, analisaremos a questão da censura na Nova República, avaliando se, em algum nível, os veículos de imprensa aqui utilizados sofrem interferência nesse sentido.

Ressaltamos ainda a importância e as dificuldades de trabalhar com um recorte que se encaixa na chamada História do Tempo Presente. Esse é um campo que vem ganhando maior espaço nos últimos anos. De acordo com Delgado e Ferreira:

> A eleição do tempo presente como temporalidade nuclear de pesquisa e análises é recente e, portanto, fértil em suas possibilidades de construção de uma forma inovadora de conhecimento histórico que pressupõe redimensionamento do campo da história, da construção de abordagens, das noções de espacialidade, além de fértil construção de estratégias dialogais com diferentes áreas do conhecimento. (DELGADO; FERREIRA, 2014, p.7).

Embora as fontes orais sejam privilegiadas dentro deste campo de estudos, uma vez que é comum encontrar pessoas que viveram os eventos que compõem a temática de tais pesquisas, Capelato (2014) atenta para a igual importância da utilização de periódicos na escrita da História do Tempo Presente, uma vez que compreende estes veículos — em especial os de grande circulação — como atores políticos e formadores de opinião na história recente do Brasil. Ainda que a autora se refira ao período da Ditadura Militar, adotaremos este ponto de vista também para o momento da redemocratização, levando em consideração que o papel da mídia segue sendo bastante significativo a nível político a partir de 1985.

Como Delgado e Ferreira (2014) destacam, esse campo de estudos traz ao historiador a preocupação com relação à delimitação do tempo. Como podemos definir onde começa a História do Tempo Presente? No caso da nossa pesquisa, trabalhamos com a periodização da Nova República, considerando que este momento da história brasileira iniciou-se em 1985, com a redemocratização, e foi finalizado no ano de 2016, com o golpe de estado que tirou Dilma Rousseff da presidência da República (MÜLLER; IEGELSKI, 2018). Nesses anos percebemos algumas constantes culturais e políticas no Brasil. Da mesma forma, temos ainda fácil acesso à memória da população que viveu esse período, uma vez que passaram-se apenas 36 anos desses acontecimentos, uma temporalidade bastante curta se pensarmos historicamente. No presente estudo, que trata da História Política do Brasil nos anos da redemocratização, serão citados nomes de políticos que ainda atuam no Estado brasileiro.

Podemos pensar a periodização desta temática, não somente dentro do campo da História do Tempo Presente, mas também investigar como esse trabalho se relaciona com uma duração que abrange o período desde 1964 até o início do século XXI, já que, como veremos ao longo da dissertação, encontramos certas continuidades políticas e sociais que se estendem desde o golpe militar até o golpe midiático de 2016. Certamente, trabalhar com um período tão recente da história traz ao historiador uma responsabilidade política.

> a história do tempo presente não pode desconhecer a evidência de que a história é escrita a partir de um ponto de vista, e, por isso mesmo, é eminentemente política, uma vez que descreve e estabelece relações entre acontecimentos, estipula periodizações, e, assim, atribui ao que é narrado significados e valorações. (MÜLLER; IEGELSKI, 2018, p. 13).

Apesar da necessidade de uma metodologia multidisciplinar, útil também para a pesquisa de outros períodos da história, enfatizamos a necessidade de trazer tais temáticas para o campo da História em si. De acordo com Maciel:

> Apesar da óbvia ausência de trabalhos de história contemporâneos ao processo de transição, ainda hoje o debate acadêmico sobre este tema gira em torno, principalmente, da sociologia, da economia e da ciência política, em grande medida devido ao fato de o estabelecimento dos "marcos analíticos" de compreensão do assunto terem sido definidos na época, o que exige da historiografia atual uma necessária abordagem crítica. (MACIEL, 2008, p. 34).

No desenvolvimento desta parte da pesquisa, iremos passar primeiramente pelas principais questões políticas, sociais e culturais referentes ao contexto brasileiro, como mencionamos, e sem seguida, exporemos o contexto político internacional, analisando principalmente questões referentes à União Soviética e a trajetória de seu último líder, Mikhail Gorbachev.

2.1 CONTEXTO BRASILEIRO

A Nova República, período da história brasileira iniciado em 1985 com o final da Ditadura Militar brasileira, é um momento de contradições, embates e lutas por direitos. O processo de redemocratização se iniciou no ano de 1974 a partir do que os próprios agentes de repressão — representados por Ernesto Geisel — chamavam de "lenta, gradual e segura" abertura do regime, estratégia que permaneceu em execução no governo de João Figueiredo a partir de 1979. Este processo contém em si alguns debates extremamente polêmicos, como é o caso da Lei da Anistia deste mesmo ano. Segundo D'Araújo (2012), a lei foi aprovada por pequena margem, uma vez que os setores de oposição ao regime militar, ainda em vigor naquele ano, exigiam punição aos agentes do Estado que estiveram envolvidos nas violações de direitos humanos no período. Dessa forma, a Lei da Anistia brasileira, abarca não somente os crimes cometidos por aqueles que resistiram à ditadura, como também contempla os torturadores e assassinos que integravam o regime.

Até os dias de hoje esse é um tema problemático, mesmo para os governos democráticos que sucedem após 1985. Como D'Araújo (2012) aponta, a baixa adesão social aos direitos humanos e a grande autonomia militar fazem com que os torturadores e

assassinos do período não sejam responsabilizados e possam agir como veto *players*[8] quanto ao tema da anistia. Como apontamos a seguir, há ainda no governo de Sarney — que foi integrante do partido dos militares na ditadura, a Arena — significativa intervenção militar. No governo Collor essa intervenção começa a diminuir. Já nos governos petistas, essa questão assume novo caráter, através da criação da Comissão Nacional da Verdade. Sobre os problemas enfrentados pelo apagamento que Lei da Anistia gerou na memória nacional na Nova República citamos Paula e Vieira:

> Essa amnésia resultou em tragédia, na medida em que a sociedade brasileira não enfrentou o passado da ditadura, minimizando assim a violência do governo, para além de reduzir a luta por justiça e informação a uma simples questão de revanchismo. Diante desse hiato, foi criada em 2011 a Comissão Nacional da Verdade (CNV), que buscava reconciliar o país com seu passado e desvelar o que ainda se encontra encoberto nos porões das Forças Armadas brasileiras. (PAULA; VIEIRA, 2020, p. 132-133).

Os autores elucidam que o Brasil, assim como outros países da América Latina, optou por um modelo de justiça de transição no qual se adota a criação de comissão de verdade e reconciliação. Tal modelo de justiça tem o objetivo de combater o esquecimento acerca das violações de direitos humanos. Porém, esta estratégia de justiça recebe críticas, principalmente por não instituir punições para os agentes de repressão. Para eles:

> Quando comparado com outros países da América Latina, chama a atenção o lapso temporal entre a promulgação da Carta Constitucional Democrática de 1988 e a instalação da CNV, em 2012. Esse lapso somente pode ser explicado ao examinarmos alguns dos aspectos que caracterizam um processo de redemocratização, em que a liberalização política coexistiu (e ainda coexiste) com parte do arcabouço institucional do período autoritário. (PAULA;VIEIRA, 2020, p. 135).

Examinaremos neste capítulo algumas dessas políticas autoritárias que permanecem durante a redemocratização do Brasil. No recorte temporal estudado, os ministros militares sentiam-se ainda completamente à vontade para expressar opiniões de extrema-direita, por outro lado, é neste mesmo período que ocorre a visita de Sarney à União Soviética, tendo o presidente se encontrado pessoalmente com Gorbachev. Sem dúvida, esses são episódios que demonstram a complexidade deste momento. Como destacamos em nossa análise dos

8 Os militares são agentes de veto com relação à Lei da Anistia, ou seja, possuem o poder de vetar possíveis tentativas de discussão e revisão desta lei.

periódicos, o próprio jornal *O Estado de S. Paulo* brinca, em suas páginas, com o fato de Leônidas Pires, o ministro do Exército de José Sarney, assumidamente anticomunista, ter elogiado a recepção soviética à comitiva do presidente brasileiro no ano de 1988.

A fim de melhor explicar tal complexidade, recorremos ao trabalho de tese de Maciel, intitulado *De Sarney a Collor: Reformas políticas, democratização e crise (1985—1990)*, que é sem dúvida, uma obra de grande relevância para entender a dinâmica política daqueles anos. Concordamos com o pensamento do autor, que defende que em tal período, chamado por ele de segunda transição, ocorre um "processo de substituição da institucionalidade autoritária pela institucionalidade democrático-liberal no interior do Estado autocrático-burguês brasileiro." (MACIEL, 2008, p. 12). Para ele, a partir de 1985, a crise de conjuntura que ocorria na "primeira transição" passa a ser uma crise de hegemonia, a qual o setor burguês autocrático brasileiro tentou combater através de um apagamento dos setores de oposição.

Fazendo referência ao conceito de Gramsci, Maciel aponta que ocorre uma crise de hegemonia no Brasil após a redemocratização, a nível social e político. Esta crise se dá principalmente pela falta de união do bloco no poder diante da falência do sistema econômico desenvolvimentista e, da dificuldade deste grupo, formado tanto pelo governo quanto pela burguesia, para pôr em funcionamento um novo modelo econômico. Por outro lado, há neste momento uma maior organização popular e das esquerdas, que também têm impacto em uma crise da hegemonia burguesa autocrática, processo que fica evidenciado na Constituição de 1988, através das diversas conquistas de direitos por este setor.

Como Maciel (2008) aponta, a segunda transição, assim como a primeira, se dá através de alianças "pelo alto", porém, mesmo admitindo esta situação, não devemos apagar o fato de que houve grande luta política dos grupos de esquerda e da população para garantir direitos no período inicial da Nova República. Para o autor, existe uma espécie de descompasso entre o que esperavam as forças progressistas para esse momento e as medidas democráticas de fato consolidadas pelo Estado dentro da lógica da permanência da institucionalidade autoritária. Ele explica:

> o bloqueio exercido pela autocracia burguesa tornou possível a construção e consolidação de uma nova hegemonia burguesa, neoliberal, e de um novo bloco histórico após a conclusão da transição democrática, já nos anos 90. A vitória do campo político conservador nas eleições presidenciais de 1989 em torno de um programa político neoliberal, quando as forças populares estivessem próximas como

> nunca de conquistar o governo, evidencia o êxito deste bloqueio, encerrando a "segunda transição". (MACIEL, 2008, p. 18).

Segundo Ferreira (2018), no contexto da abertura — que teve dentre outros motivos a vitória do MDB nas eleições de 1974 e o consequente desgaste do regime, bem como a política de direitos humanos instaurada pelo presidente americano Jimmy Carter — houve uma tentativa de gerar válvulas de escape de modo que houvesse uma "descompressão autoritária". No entanto, é justamente essa brecha que impulsiona a participação política popular. De acordo com D'Araújo (2012), há nessa saída dos militares do poder, apesar das dissidências internas, uma união que impede que eles sofram grandes consequências diante de seus atos de violação.

Com a chegada da eleição indireta para a presidência da República em 1985, o Partido Democrático Social (PDS), antiga Arena, tem um racha interno ao decidir quem deveria suceder Figueiredo, criando-se assim a Frente Liberal contra a candidatura de Paulo Maluf, que representava a chamada linha dura das Forças Armadas.

> Tancredo convenceu Sarney a arregimentar os dissidentes da Frente Liberal. Após intensas negociações políticas, o PMDB e a Frente Liberal formaram a Aliança Democrática, formalizada em 1984. (FERREIRA, 2018, p. 34).

Dessa forma, formou-se a chapa do MDB com Tancredo concorrendo à presidência e Sarney concorrendo à vice-presidência da República. Eles venceram as eleições com 480 votos do colégio eleitoral. Assim, estava constituído o bloco que ocuparia o poder político institucional até as eleições de 1989, com o PMDB, o PFL e o PDS, no entanto, a dinâmica entre tais partidos não era estável. Tal composição de partidos no poder demonstra de forma explícita a manutenção do conservadorismo no processo da segunda transição. Segundo Maciel (2008), dos 33 cargos de primeiro escalão do novo governo, nada menos que 27 eram ocupados por agentes autocráticos. A posse de Tancredo ia de acordo com os planos dos militares.

> Tancredo defendeu a definição constitucional de suas atribuições, mas entre elas constava não só a defesa externa, como também a defesa interna do país, numa demonstração de aceitação do papel tutelar das Forças Armadas sobre o processo político. (MACIEL, 2008, p. 56-57).

Ainda, de acordo com o autor, a questão agrária para Tancredo Neves foi ditada pelos militares do Conselho de Segurança Nacional e do Ministério Extraordinário de Assuntos Fundiários, uma vez que a questão de terras era considerada assunto de segurança nacional. O novo presidente descartava a possibilidade de instaurar a reforma agrária e em seu lugar aplicou o Estatuto de Terras elaborado pelos militares, que por sua vez, privilegiava os grandes proprietários em detrimento dos trabalhadores rurais.

Devido a problemas de saúde, Tancredo Neves fica impossibilitado de assumir a presidência, passando o cargo ao vice José Sarney. Ferreira (2018) expõe o quão conturbado foi esse momento de posse como presidente interino, no dia 15 de março de 1985, e após a morte de Tancredo Neves, em 21 de abril de 1985, a posse de Sarney como presidente da República. Apesar do descontentamento popular com o novo presidente, devido ao seu alinhamento com a Ditadura Militar, esse seria supostamente o caminho mais viável, já que a possível eleição de Ulysses Guimarães poderia gerar insegurança, uma vez que havia o medo de um novo golpe. Legalmente, Sarney não poderia assumir a presidência.

> Na verdade, a posse de Sarney foi a solução política, e não legal, para uma articulação política sujeita a um imprevisto importante, porém, insuficiente para desfazer a ampla conciliação conservadora que lhe deu sustentação. (MACIEL, 2008, p. 65).

Apesar de sua ligação com o regime ditatorial, Sarney buscou implementar medidas democratizantes que estavam no plano de governo de Tancredo Neves.

> Em maio, Sarney enviou ao Congresso Nacional o chamado Emendão. Tratava-se de uma série de medidas de iniciativas democratizantes, como: estabelecer eleições diretas para presidente da República em dois turnos, assim como para prefeitos das chamadas áreas de segurança nacional; estender aos analfabetos o direito de votar; legalizar os partidos comunistas e organizações como a UNE; alterar a legislação de modo a facilitar a criação de novos partido políticos, entre outras. (FERREIRA, 2018, p. 41).

Por outro lado, mesmo com essas medidas, permanece a tutela militar durante o governo Sarney. Conforme mencionamos, com a Lei da Anistia, e a falta de importância dada à questão por boa parte da população, ainda há um espaço propício para esse poder indireto das Forças Armadas. Na própria formulação da Constituição de 1988 evidencia-se o embate entre os conservadores e as forças redemocratizantes. Esse foi um momento de participação

popular e dos movimentos sociais, principalmente através das propostas de emendas populares à Assembleia Constituinte, o que demonstra uma inovação na cultura política do país. Porém, também houve grande participação militar nesse processo.

> Os militares participaram do processo democrático, formando um eficiente *lobby* na Constituinte, inclusive com apoio dos políticos conservadores do Centrão. Eles conseguiram manter o serviço militar obrigatório e o controle da aviação civil pelas Força Aérea Brasileira (FAB); impedir a criação do Ministério da Defesa e o fim da Justiça Militar; e sustar a liberação de documentos da repressão pelo instrumento do *habeas data*. Nas forças armadas havia obsessão por evitar o que chamavam de revanchismo. (FERREIRA, 2018, p. 51).

A Constituinte é formada em 1986, no ano seguinte à posse de José Sarney, tendo Ulysses Guimarães como presidente. De acordo com Oliveira (1993), os militares já estavam prontos para esse momento, uma vez que, durante a lenta e gradual abertura, houve tempo e autonomia para que eles garantissem uma boa posição, livre de responsabilização, na Nova República.

Na Constituinte, os militares tiveram significativa participação, submetendo diversas sugestões principalmente dentro da Subcomissão da Defesa. Segundo o autor, há duas principais tendências para o tratamento da questão militar nesse contexto. Uma delas, seria favorável à manutenção da autonomia militar, dando o direito da intervenção interna às Forças Armadas. Para esta corrente, também haveria o controle das Polícias Militares por parte do poder militar. A segunda corrente, no entanto, pretendia limitar a intervenção das Forças Armadas apenas para as questões externas, submetendo-a ao poderio de um ministro civil dentro do Ministério da Defesa.

Ao defender a intervenção no Brasil, os militares se pautavam principalmente em argumentos de defesa da lei e da ordem. "Exceto pela não inclusão da expressão *dentro dos limites da lei*, o artigo 142 da Constituição de 1988 contempla plenamente as reivindicações militares." (OLIVEIRA, 1993, p. 214). É importante compreender que essa atuação militar no processo da Constituinte se dá pelo grande poder do qual as Forças Armadas gozam durante o governo de José Sarney. Ainda nas palavras de Oliveira:

> O poder tutelar exercido pelos ministros militares durante o governo do presidente Sarney, particularmente pelo ministro do exército, se traduziu em pressões de diversas ordens sobre o Congresso constituinte, envolvendo interesses sobre a

> definição da função constitucional, o regime presidencialista e o mandato presidencial. (OLIVEIRA, 1993, p. 199).

Dentro dessa dinâmica, segundo Maciel (2008), o chamado "centrão" esteve totalmente de acordo com as reivindicações das Forças Armadas, tendo, por exemplo, colocado Ricardo Fiuza do PFL como relator da Subcomissão de Defesa do Estado, ou seja, um aliado da causa que acaba por atender as demandas dos militares propostas no documento "Temas constitucionais – subsídios" elaborado pelo Centro de Comunicação Social do Exército. O autor afirma que:

> O relator da Comissão do Sistema Eleitoral, Partidos e Garantias Institucionais, que definia o papel dos militares, era o deputado Prisco Viana (PMDB-BA), ex-Arena e ex-PDS, e seu presidente era o senador Jarbas Passarinho (PDS-PA), militar reformado e ex-ministro dos governos Costa e Silva e Médici. (MACIEL, 2008, p.223).

Para Oliveira (1993), as funções das Forças Armadas são definidas por meio de diversas dinâmicas sociais, ou seja, não estão ligadas somente ao que foi determinado pela Constituição de 1988. Evidencia-se dessa forma como a relação com o poder Executivo pode modificar a atuação das Forças Armadas. O melhor exemplo para a compreensão desse jogo de poderes é a mudança de status pela qual esta instituição passa entre os governos Sarney e Collor. Enquanto no primeiro os militares desfrutavam ainda de grandes poderes, no governo seguinte eles sofreram com a quebra desse padrão de tutela militar. A mentalidade dos ministros militares têm grande peso nesta situação, "os ministros militares de Collor mantiveram-se coerentes com o regime democrático, ao passo que os do governos do presidente Sarney exerceram uma tutela que não é compatível com a democracia." (OLIVEIRA, 1993, p. 177).

Oliveira (1993) ressalta que os militares brasileiros não constituem um bloco homogêneo, com os mesmos pensamentos e atitudes. Pelo contrário, há diversas linhas dentro das Forças Armadas, sendo que o próprio processo de abertura que levou o Brasil à democracia foi resultado, em grande parte, da atuação do setor castelista das Forças Armadas. Desde o governo de Geisel este setor tentava reverter a situação proposta pelos chamados militares da linha dura, que gostariam de se manter no poder indefinidamente. Embora tenha

havido grande luta por parte da população contra o regime militar, salientamos que a intervenção também ocorre devido à

> desarticulação da sociedade brasileira, frágil liberalismo institucional, profundo autoritarismo das relações sociais, o amplo emprego da repressão em lugar do recurso à construção dos espaços de consenso político, a prevalência histórica dos interesses conservadores no Estado Nacional (OLIVEIRA, 1993, p. 101) .

Dessa forma constatamos que há uma constante da função organizativa militar para além do período entre 1964 e 1985.

O que ocorre no período da Constituinte, como vimos, é a autonomia das Forças Armadas, a exemplo do grande poder do ministro do Exército Leônidas Pires Gonçalves. Dentro dessa lógica, no âmbito da elaboração da Constituição, José Sarney cede às pressões militares, que intervieram em seu governo muito mais do que a Aliança Democrática (OLIVEIRA, 1993).

Existiu, em contrapartida às reivindicações militares, uma segunda corrente de pensamento na Constituinte contrária ao advento da intervenção militar em questões internas. As críticas ao modelo militar interventor ocorrem principalmente com o discurso anti-Doutrina de Segurança Nacional, uma vez que esta doutrina tem seus pilares baseados na bipolaridade da Guerra Fria e não faria mais sentido para o mundo que surgia naquele momento (OLIVEIRA, 1993).

Segundo Oliveira (1993), o relator da Subcomissão de Defesa da Constituinte privilegiou as teses militares em seu documento final em detrimento da pluralidade de ideias desses trabalhos parlamentares. Ele explica:

> Quando julgaram necessário, sobretudo em razão da tutela sobre o poder civil durante o governo do presidente Sarney, os ministros militares fizeram a Constituinte sentir o peso de suas pressões políticas, em especial no momento que agasalharam as definições mais importantes segundo a ótica dos dirigentes militares. (OLIVEIRA, 1993, p. 248).

O resultado final desse cabo de guerra no qual um dos lados tinha uma vantagem absurda com relação ao outro foi uma espécie de meio termo. Porém, o autor explica que o artigo 142 da Constituição acabou por ampliar a autonomia militar em vez de restringi-la, de forma que posteriormente, em 1991, foi aprovada uma lei complementar para corrigir esse

problema. O Artigo 142 abre precedentes para que qualquer um dos três poderes possa convocar as Forças Armadas, diluindo o poder de comando do presidente em relação a elas.

Para além da atuação das Forças Armadas na Constituinte, há também a exaustiva participação de diversos outros grupos, que visavam garantir seus próprios interesses. Esse é o caso de empresários e grandes proprietários rurais, que durante o ano de 1986, investiram massivamente na eleição de políticos que pudessem representar suas reivindicações na elaboração da nova constituição. De acordo com Maciel (2008), alguns dos grupos que atuaram nesse sentido foram a União Brasileira dos Empresários (UB), a União Democrática Ruralista (UDR), a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). No caso da UB, foi instalado um escritório em Brasília, a fim de influenciar direta e indiretamente o processo da Constituinte. Dessa maneira, o grupo de grandes empresários se torna, segundo o autor, como "quase-constituintes". Sua

> intensa campanha foi operacionalizada junto aos meios de comunicação de massa, como a grande imprensa, com o óbvio apoio das grandes empresas do setor, para "naturalizar" as teses empresariais na Constituinte, particularmente as teses liberais, e diminuir a resistência popular. (MACIEL, 2008, p. 242).

O autor expõe que a direita e a extrema direita, compostas principalmente pelo setor empresarial conservador e de uma parcela militar, estavam organizados em algumas instituições que visavam influenciar nas eleições para governadores e na Constituinte em 1986. A Associação Brasileira de Defesa da Democracia (ABDD), a União Nacional de Defesa da Democracia (UNDD) e o Movimento de Defesa do Brasil (MDB) representavam a direita enquanto o Partido de Ação Nacionalista (PAN), o Partido Nacional Socialista (Panaso) e a Ação Integralista Brasileira (AIB) eram as instituições de extrema-direita presentes no cenário político naquele momento.

> De um lado, os ministros militares intensificaram suas críticas públicas à Assembléia Constituinte, questionando diversos pontos aprovados, vetando outros e ameaçando com a possibilidade de intervenção militar. De outro lado, os setores militares de extrema direita, descontentes com o processo de transição e saudosos do antigo regime, partiram para uma ofensiva que envolveu, ao mesmo tempo, uma conspiração militar, o lançamento da candidatura do ex-presidente Figueiredo à sucessão presidencial e as pressões sobre a Constituinte. (MACIEL, 2008, p. 244).

As esquerdas, que tiveram que se adaptar à luta política institucionalizada — de forma forma que poderiam ser mais facilmente controlada pelas classes dominantes — também se organizaram para atuar na Constituinte a fim de garantir direitos. Desde 1985, crescia consideravelmente a atuação das esquerdas através de mobilizações e greves. No âmbito da Constituinte, este grupo se mobilizou conseguindo alguns resultados favoráveis, principalmente com o advento das emendas populares.

> Na verdade, diante da presença majoritária das forças conservadoras na Constituinte, as forças de esquerda adotaram a tática de aprovar um regimento interno que garantia maior discussão e participação popular e de controlar as relatorias das comissões temáticas. (MACIEL, 2008, p. 217).

Entretanto, o autor ressalta que muitos dos avanços de direitos democráticos propostos pela esquerda foram sufocados pelos conservadores. O principal exemplo disso é o fato do Anteprojeto da Comissão Arinos, no qual houve diversas propostas progressistas, não ter sido objeto de debate pela Constituinte. De acordo com Maciel (2008), as forças de centro-esquerda e esquerda na Constituinte representavam somente 31, 9% da Assembleia.

No ano de 1986 ocorreu a troca dos ministros escolhidos por Tancredo Neves. Segundo o autor, há nessa reforma ministerial o indício de uma mudança de prioridade no governo. Sarney assumiu a presidência com o discurso de levar adiante as propostas de Tancredo, porém, dada a importância da elaboração da constituição, esse passa a ser o novo ponto de preocupação do bloco no poder, de maneira que ocorre nesse momento uma intensificação das forças conservadoras ligadas à presidência.

> No PMDB, as reações ao anúncio da reforma ministerial foram intensas, particularmente de sua ala esquerda, inconformada com o que parecia ser a ressurreição de um governo da velha Arena. (MACIEL, 2008, p. 119).

Naquele momento, o governo dispunha de grande popularidade, dado os sucessos iniciais do Plano Cruzado I. Esse fato se reflete nas eleições de 1986, com a grande vitória do bloco no poder, consequentemente, o PMDB, o PSD e o PFL também acabaram por ganhar grande poder na Constituinte, ou seja, a constituição que serviria de instrumento para a consolidação da recente democracia seria predominantemente elaborada por um grande número de conservadores e até mesmo ex-membros da Arena, o partido da Ditadura Militar.

Para Maciel, "a simples análise do processo constituinte e da própria Constituição de 1988 não deixa dúvidas quanto à permanência da autocracia burguesa." (MACIEL, 2008, p. 35).

A respeito das eleições de 1986, o autor expõe o seguinte:

> O principal saldo político das eleições foi a ampliação da inserção do campo conservador, polarizado pelos militares e pelos egressos do regime militar (PDS e PFL), sobre os setores anti-cesaristas e reformistas, originados da oposição burguesa à Ditadura Militar e polarizados pelo PMDB, isolando a esquerda peemedebista e submetendo os liberais moderados como reféns. (MACIEL, 2008, p. 179).

Maciel (2008) também ressalta a tentativa de golpe na Constituinte por parte do próprio presidente Sarney em julho de 1987, uma vez que ele propunha a interrupção dos trabalhos de elaboração da nova Constituição até que fosse fechado um pacto político no Brasil. A partir desse pacto, Sarney acreditava que devia-se elaborar um novo projeto constitucional. Certamente essa era uma estratégia para invalidar os avanços que as forças progressistas vinham alcançando na Constituinte, no entanto, tal proposta não se estabeleceu.

Adentrando em outro importante tópico para a compreensão daquele contexto, não tardariam a aparecer problemas com relação à política econômica adotada. Junto à crise política, existe no período da Nova República uma forte crise econômica deixada de herança do suposto milagre econômico do regime militar. A inflação era enorme e a população de classes mais baixas sofria com essa situação. Como mencionamos, há um sucesso inicial do Plano Cruzado I, que diminui o desemprego e a inflação. Em decorrência desse acontecimento, há uma explosão de popularidade política para Sarney, que conta com o apoio popular dos chamados "fiscais do Sarney". Ou seja,

> o Plano Cruzado foi utilizado politicamente pelo governo como um instrumento fundamental para sua sobrevivência política e para o controle da transição pelo campo conservador. A vitória nas eleições constituintes de 1986 seria uma mera conjectura se o governo não recuperasse o apoio popular e recompusesse a Aliança Democrática. O Cruzado criaria as condições para isto. (MACIEL, 2008, p. 126).

De fato, tal estratégia garantiu o sucesso do bloco no poder nas eleições de 1986, no entanto, essa popularidade durou pouco tempo, tendo em vista o fracasso do Plano Cruzado II e do Plano Bresser. Juntamente ao fracasso desses planos econômicos, há um crescente desgaste do poder político e da hegemonia dos partidos que compunham a Aliança Democrática. De acordo com Maciel (2008), essa situação gera nova onda reacionária, não

mais pela necessidade primeira da transição pelo alto, mas sim por conta da crise de representação política. Nesse sentido, o autor aponta o surgimento do chamado "Centrão" em detrimento do "Partido Sarney". É justamente a partir dessa situação que aumenta a influência e a importância das Forças Armadas para o bloco no poder, uma vez que elas se apresentavam como seu maior sustentáculo em um momento de fragilidades.

Após cinco conturbados anos, Sarney, que desejava ficar seis anos no poder, deixou o cargo em 15 de março de 1990. Durante seu governo encarou graves críticas tanto da esquerda quanto de colegas do PMDB, que fundaram o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). "Na presidência da República, Sarney cumpriu o calendário da transição democrática, mas chegou ao final do governo sem rumo, com a economia em descontrole, isolado politicamente e sem credibilidade." (FERREIRA, 2018, p. 63).

É nesse cenário instável e de crise que ocorre a eleição presidencial de 1989. Saíram vencedores do primeiro turno os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva do Partido dos Trabalhadores (PT) e Fernando Collor de Mello, do Partido da Reconstrução Nacional (PRN). De acordo com Sallum Júnior (2018), no segundo turno da eleição, que ocorreu em 17 de dezembro de 1989, o PT tinha apoio garantido das forças que lutaram pela redemocratização enquanto Collor conquistava o voto da centro-direita. Cada um representava um viés ideológico distinto. Enquanto Collor estava aliado ao liberalismo, que vinha ganhando forças desde o fracasso do Plano Cruzado de Sarney, Lula lutava pelo desenvolvimentismo e pela igualdade.

A eleição de 1989 foi a primeira em 29 anos na qual os brasileiros puderam escolher de forma direta o presidente da República. Essa eleição contou com grande participação dos eleitores, "82 milhões de pessoas, que correspondiam a 90% da população adulta do país" (FREIRE; CARVALHO, 2018, p.132). Houve também um grande número de candidatos concorrendo ao cargo da presidência, ao todo 22 candidatos. Segundo Freire e Carvalho (2018), há um alto grau de dispersão política nesse momento, o que possibilita a legalização e formação de novas legendas partidárias. A eleição de 1989 trouxe grandes expectativas à sociedade brasileira.

> Em termos de experiência política e de trajetória partidária, os candidatos de 1989 se mostraram um grupo bastante heterogêneo. Em primeiro lugar, cabe destacar um elemento inédito. Em 1989, muitos indivíduos que participaram da corrida

> presidencial tinham pouca atividade política prévia ou iniciaram suas carreiras nesse momento. (FREIRE; CARVALHO, 2018, p. 125).

Esses eram os chamados "candidatos anônimos", porém, concorreram também antigos políticos conhecidos da população como Leonel Brizola, Ulysses Guimarães e Mário Covas. Collor, por outro lado, tenta se desvincular da imagem de político tradicional, mesmo que a sua família tivesse, na verdade, tradição política e ele mesmo já tivesse ocupado o cargo de prefeito de Maceió e de governador de Alagoas.

Para Antunes (2004), frente ao insucesso das candidaturas de Ulysses Guimarães e Paulo Maluf na eleição de 1989 e ao medo das elites frente à Lula e Brizola, "Collor foi a expressão (bem-sucedida) de um improviso necessário da ordem ante os riscos presentes no quadro eleitoral" (ANTUNES, 2004, p.9).

Gostaríamos de destacar também o papel do PCB nessas eleições, uma vez que utilizamos seu veículo oficial de imprensa como fonte desta pesquisa. O PCB lança como candidato nas eleições de 1989 o político Roberto Freire:

> Militante do clandestino PCB, Freire se filiou ao MDB, pelo qual se elegeu deputado estadual, em 1974, e deputado federal, quatro anos depois. Seguiu para o PMDB após o fim do bipartidarismo e tornou-se uma importante liderança do PCB, após a legalização da legenda no governo Sarney. (FREIRE; CARVALHO, 2018, p. 131).

A figura de Freire, no entanto, tem caráter controverso dentro da história do PCB, uma vez que o político é considerado por muitos como um traidor do Partido.

Lula, que disputou o segundo turno da eleição com Collor, também já era conhecido enquanto liderança sindical desde a década de 1970 e, em 1986, alcança o cargo de deputado federal constituinte. Para os autores, o sindicalismo de Lula e do seu partido propunha uma mudança na esquerda brasileira e nas relações entre o Estado e a sociedade. É significativo para o desenvolvimento de nosso trabalho compreender qual é o efeito que isso terá na política do PCB, uma vez que, diferentemente do PT, o partido estava ligado à URSS. Segundo Motta (2018), Lula bem como o núcleo do partido nunca aderiram propriamente a um projeto revolucionário, esse posicionamento circulava apenas entre grupos menores dentro do PT.

"De acordo com pesquisas realizadas à época, poucos se identificavam com os partidos existentes em 1989" (FREIRE; CARVALHO, 2018, p. 133), isso reflete a situação de

insatisfação popular com a política como ela se encontrava naquele momento. Collor surge como o candidato das mídias, com propagandas exaltando a sua imagem. Nesse contexto, ser um aliado das mídias era uma chave para alcançar sucesso nas eleições, visto que "94% das residências possuíam TV —, as emissoras de rádio e televisão se transformaram em um espaço fundamental de informação e formação políticas." (FREIRE; CARVALHO, 2018, p.133). Collor conta ainda com a divulgação através de jornais impressos, como a nossa fonte de pesquisa, *O Estado de S. Paulo*. Lula também apostou na representação midiática. Aos poucos, a esquerda petista passou a ocupar o lugar da esquerda histórica brasileira, de forma que até mesmo obteve seu apoio no segundo turno da eleição presidencial.

O PT atribuiu a causa de sua derrota, entre outros fatores, à falta de um jornal de circulação nacional. No entanto, o próprio PCB que tinha o *Voz da Unidade*, não atingiu números expressivos nesta eleição.

O momento da eleição de Collor é caracterizado por Maciel como o "retrato da crise da hegemonia burguesa e a tentativa de superá-la" (MACIEL, 2008, p. 36). Collor se elegeu utilizando principalmente o discurso anticorrupção, aproveitando a baixa popularidade de Sarney. Ele também foi visto como o candidato capaz de frear o avanço da esquerda representada por Lula na eleição. De acordo com Silveira (2009), Fernando Collor passa a ganhar apoio de diversos setores da classe média uma vez que o período em que ocorre a eleição coincide com uma crescente aversão à intervenção estatal na economia, devido aos problemas resultantes das política econômicas adotadas durante a Ditadura Militar e aos problemas deixados pelo governo Sarney.

Não tardariam a aparecer problemas também em seu mandato. De início, é notável o erro político cometido quando o presidente formou sua equipe somente com figuras de seu meio, ignorando outros partidos.

> Em geral, foram escolhidos como auxiliares diretos, participantes de sua campanha ou profissionais com quem já trabalhara. Parecia não preocupar-se em construir uma maioria orgânica, baseada em coalizão partidária, para aprovar no parlamento as matérias legais de interesse do governo. (SALLUM JÚNIOR, 2018, p. 165).

Com grandes expectativas de superar a crise política e econômica gerada durante o mandato de Sarney, Collor apresenta o Plano Brasil no dia seguinte à sua posse como presidente. Neste plano, é implementada uma reforma monetária, sendo a moeda brasileira

substituída pelo cruzeiro, também instituem-se "medidas de *reforma fiscal* (elevação da receita fiscal, reforma administrativa e privatizações), *políticas de renda* (preços e salários) e *políticas cambial e de comércio exterior.*" (SALLUM JÚNIOR, 2018, p. 167). Assim como Sarney, Collor fracassou em sua tentativa de recuperação da economia brasileira. Silveira (2009) explica que este plano, também conhecido como Plano Collor I, extingue 24 empresas públicas, demitindo seus funcionários. É também este plano que implementa o famoso confisco das poupanças, episódio presente até os dias de hoje no imaginário da população brasileira. O autor expõe que em 15 de maio, é iniciada a segunda fase deste plano econômico, visando a diminuição da inflação através da recessão e da redução do valor real dos salários. O resultado, porém, é que não somente a inflação não diminuiu como o PIB brasileiro sofreu considerável queda.

A falta de articulação de Collor com os demais políticos que compunham o Congresso naqueles anos somada à ineficácia de suas medidas implantadas através do Plano Brasil fizeram com que a oposição tivesse chance de tirá-lo do poder. Seu governo foi bastante centrado em sua própria figura e quando notou-se que o presidente não poderia combater os problemas que o país enfrentava foi gerada munição política para que seu *impeachment* ocorresse. Para termos uma dimensão do isolamento de Collor vale lembrar que:

> Em seu primeiro ano de governo, Collor fez extenso uso de medidas provisórias: foram 143 MPs em 1990, grande parte das quais meras repetições de iniciativas anteriores com pequenas alterações, de forma a evitar sua apreciação pelo Congresso. (SALLUM JÚNIOR, 2018, p. 173).

Sobre este e outros aspectos do governo Collor, o sociólogo Ricardo Antunes realizou críticas publicadas nos jornais daquele período. Citamos-o:

> Depois da aprovação da medida provisória n. 168, Collor vetou praticamente todos os acordos feitos pelos seus representantes parlamentares. Não pode haver maior desprezo ao Parlamento que a sua pura e simples desconsideração. (ANTUNES, 2004, p.8).

Já em 1991, ano que encerra nosso recorte temporal, Collor busca se aproximar do Congresso que aprova o Plano Collor II em julho, no entanto, essa medida também é ineficaz contra a inflação. O presidente diminui a utilização de MPs, mas mesmo assim não consegue realizar coalizão com o Congresso. Com o desequilíbrio entre os três poderes, Collor dá maior

poder à oposição e, devido aos escândalos de corrupção envolvendo a sua figura, ele passa a ter sua reputação cada vez mais fragilizada perante a população . "Desta vez, como em outras ocasiões, ao longo de 1991, os partidos de centro e de esquerda formaram uma *frente parlamentar de oposição*, na medida em que entendiam estar em jogo a democracia" (SALLUM JÚNIOR, 2018, p. 176).

Antunes (2004) realizou um diagnóstico do insucesso do Plano Collor I e, escrevendo na época do lançamento de Plano Collor II, expõe suas expectativas:

> O Plano Collor 1, todos lembramos, objetivava, através da recessão violenta, do arrocho salarial, do enxugamento da liquidez, da redução do déficit público, da privatização do Estado, estancar o processo inflacionário para abrir caminho para um real segundo momento, mais ofensivo, do Plano. É falso, portanto, quando se diz que o Plano Collor 2 é a continuidade natural do plano anterior. Não é. O Plano Collor 2 é o reconhecimento da falência das medidas imediatas e contingenciais do Plano Collor 1. Este empobreceu ainda mais o país, desestimulou o parque produtivo, achatou barbaramente os salários, manipulou intensamente a consciência dos setores populares, e a inflação passou dos 20%, índice hoje já insuportável. O Plano Collor 2 é a tentativa, um bocado desesperada, de arrumar o país do estrago feito pelo plano anterior. (ANTUNES, 2004, p.13).

O governo Collor marca definitivamente a inserção do Brasil em uma economia neoliberal. A respeito dessa proposta de desmonte, citamos Silveira:

> O documento intitulado Brasil: Um Projeto de Reconstrução Nacional, lançado pelo governo em março de 1991, recolocava, como diziam alguns à época, "a bola no meio de campo", buscando legitimidade social e política para levar adiante as medidas "modernizantes" de Collor. O *Projetão*, como ficou conhecido, não passava de uma reafirmação de vários preceitos já definidos pelo Presidente no sentido da redução do Estado, adicionando mais algumas medidas pontuais como a redução da estabilidade dos funcionários públicos, a substituição da aposentadoria por tempo de serviço pela aposentadoria por idade e a introdução do ensino superior pago (privatizando universidades federais). (SILVEIRA, 2009, p. 88).

Esta última medida mencionada por Silveira, devido aos esforços empregados pelos servidores das universidades públicas, não chegou a ser aplicada.

Neste mesmo ano, segundo o autor, há uma mudança no Ministério da Economia de Collor. Saiu a então ministra Zélia Cardoso de Mello e assumiu Marcílio Marques Moreira, embaixador do Brasil nos Estados Unidos naquele período. Dentro da lógica neoliberal, é dada continuidade às privatizações:

> Em outubro de 1991, a privatização da Usiminas dá largada efetiva ao Programa Nacional de Desestatização [...]. Até o final de 1992, 13 empresas públicas foram vendidas e terminado o ano de 1993, já no governo Itamar, outras 12 estatais também seriam repassadas à iniciativa privada. (SILVEIRA, 2009, p. 90).

De acordo com Antunes:

> Collor elegeu-se com base em um projeto de "modernização" do país. Em seus contornos mais gerais, esse projeto contempla uma *integração subordinada* do Brasil nos marcos do mundo capitalista avançado. Fundado num ideário neoliberal para um país de Terceiro Mundo industrializado e intermediário, tal projeto opera uma brutal reestruturação do país, levando à desindustrialização inúmeros setores que se expandiram nos últimos trinta anos. (ANTUNES, 2004, p.16-17).

Podemos compreender assim uma tríade que representa o "calcanhar de Aquiles", tanto para o governo Sarney quanto para o governo Collor em nível mais acentuado: a dificuldade em lidar com o Congresso, a crise econômica e os escândalos de corrupção. Por outro lado, esse também é um momento em que as esquerdas têm maior grau de liberdade para protestar contra os problemas presentes em ambas as gestões.

Apesar dos problemas de seu governo, Collor, que foi o candidato das grandes empresas de comunicação do Brasil, ainda mantinha certo apoio da imprensa, bem como da classe empresarial que via com bons olhos a sua política de privatizações (SALLUM JÚNIOR, 2018). Posteriormente, no entanto, a força popular terá grande impacto para a saída de Collor da presidência. Em dezembro de 1992, Collor deixa o cargo de presidente da República.

2.2 AUTORITARISMO E CENSURA NA NOVA REPÚBLICA

Conforme mencionamos, nos anos do governo Sarney, embora tenha havido um esforço para cumprir a agenda da redemocratização, tendo em vista principalmente uma ampla participação popular nesse processo, permanece a chamada tutela militar.

> A autonomia dos militares como aparelho burocrático no interior do Estado foi preservada pelo governo Sarney, particularmente no sistema repressivo e de informações e na indústria bélica. (MACIEL, 2008, p. 105).

Já no início de seu governo, Sarney aproximou-se do ministro do Exército Leônidas Pires, com quem mantinha amizade pessoal. Pires acaba sendo uma das principais figuras de seu governo e "sua principal base de apoio junto aos militares" (MACIEL, 2008, p. 69). Segundo Maciel, havia

> posição de intransigência e endurecimento dos setores conservadores do governo, do PFL e do PMDB, ávidos por utilizar e preservar os instrumentos autoritários herdados do regime anterior diante dos movimentos sindical e popular e dos partidos de esquerda, cimentando sua unidade em torno do combate ao que consideravam uma tentativa de desestabilização da transição, deixando pouco espaço para mudanças mais ousadas e efetivas e chantageando as forças democráticas contra a possibilidade de "retrocesso". (MACIEL, 2008, p. 69-70).

Um dos exemplos de evidente permanência de autoritarismo antidemocrático que ocorreu naquele momento foi a reação do presidente em face aos protestos da esquerda após o fracasso do Plano Cruzado. Ele contou com o apoio das Forças Armadas para espionar a oposição e, segundo Ferreira (2018), houve naquele período a permanência da utilização da Lei de Segurança Nacional a fim de cercear estes grupos através da invasão de residências e prisões.

> Documentos liberados pelo Arquivo Nacional em 2010 revelam que o SNI, na época, interceptou cartas, infiltrou agentes e espionou líderes e organizações de oposição ao governo. Sindicatos, MST, religiosos da Teologia da Libertação e, sobretudo, os principais líderes do Partido dos Trabalhadores foram espionados e fichados. (FERREIRA, 2018, p. 57).

Neste contexto, movimentos como greves geravam grande impacto no cenário nacional. Segundo Maciel (2008), os ministros militares se opunham a essas mobilizações uma vez que a chamada Lei de Greve ainda estava em vigor e eles demandavam a sua aplicação contra os grevistas. Para além do conservadorismo no Estado, o autor explica que há também o favorecimento dessas práticas pelo setor empresarial. No ano de 1986, "Em outubro, o próprio Sarney convocou o ministro do Exército para solicitar-lhe ação repressiva contra o avanço do movimento sindical e das greves, além de vetar a abertura de arquivos do SNI aos cidadãos" (MACIEL, 2008, p. 154).

Ainda em 1985, ano em que ocorreram as eleições municipais no mês de novembro, Sarney juntamente aos militares procura manipular a situação política a fim de enfraquecer a oposição. Segundo Maciel (2008), a chamada Lei Ulysses, que definia o acesso dos partidos

ao horário político gratuito, acabava por favorecer o bloco de partidos no poder, o PMDB, o PFL e o PDS, uma vez que previa maior horário para os partidos com grande representação parlamentar. Sarney e os militares pressionavam o Tribunal Superior Eleitoral a fim de que a lei proibisse a presença de líderes políticos — que não fossem candidatos — nas campanhas municipais, bem como "a realização de entrevistas com os candidatos por 90 dias antes das eleições, dificultando o debate e a politização da campanha." (MACIEL, 2008, p.81) Ainda, de acordo com o autor, foi mantida a Lei Orgânica dos Partidos, criada em 1965, de forma que mantém-se a mesma estrutura política autocrática e institucional, de tendência burocratizante.

> O restante do chamado "entulho autoritário" continuou intocado pelo governo Sarney e pelos partidos da Aliança Democrática, que tinham a maioria do Congresso, como a Lei de Segurança Nacional, o instituto do Decreto-Lei, a Lei de Imprensa e o Decreto 1077, que autorizava a censura prévia nos órgãos de comunicação. (MACIEL, 2008, p. 83).

O ano de 1987 é marcado pelo 23° aniversário do golpe militar de 1964. Tal ocasião gera agitação entre os defensores da ditadura. Maciel (2008) aponta algumas das principais manifestações desse grupo, um dos exemplos mais emblemáticos é a crítica feita ao regime civil pelo ex-presidente Figueiredo. Igualmente impactante é a nota emitida pelos ministros militares na qual o regime militar é elogiado[9]. Segundo o autor, esse caráter golpista era acentuado pelos baixos salários nas Forças Armadas, fato que gerava revolta entre alguns grupos de militares.

No mesmo ano, houve uma série de eventos de repressão contra aqueles que se opunham ao presidente na questão da duração do seu mandato. De acordo com Maciel (2008), Dante de Oliveira foi um dos prejudicados por discordar da tese dos cinco anos de mandato, sendo demitido de seu cago no Ministério da Reforma e Desenvolvimento Agrário. Da mesma

9 Tal temática permanece em evidência enquanto desenvolvemos esta pesquisa. O atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, eleito em 2018, defende abertamente o regime militar e alguns de seus agentes, tal qual o Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra (ex-chefe do DOI-CODI). Lembramos o evento ocorrido em 31 de março de 2021, no qual o ministro da defesa do governo Bolsonaro, general Braga Netto se manifesta favoravelmente ao golpe militar na ordem do dia do ministério, no texto, o ministro se expressa da seguinte forma: "O movimento de 1964 é parte da trajetória histórica do Brasil. Assim devem ser compreendidos e celebrados os acontecimentos daquele 31 de março.". Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/ordem-do-dia-alusiva-ao-31-de-marco-de-1964-2021. Acesso em: 05 jul. 2021.

forma, houve censura das críticas ao governo na Radiobrás, bem como pressão por parte do ministro da Comunicação ao setor privado de jornalismo em relação a estes temas.

Outro acontecimento que gera indignação popular e que contribui para compreender a relação de Sarney com os militares foi o fato de em 1988 "A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Corrupção levantou uma série de atos irregulares na gestão de Sarney. O próprio presidente foi acusado de aumentar os salários dos militares sem cobertura orçamentária" (ECHEVERRIA, 2011, p. 413).

O caso da greve da Companhia Siderúrgica Nacional ocorrida em Volta Redonda no Rio de Janeiro em 1988 nos auxilia a compreender a omissão do presidente frente à violência repressiva no período. Frente à manifestação, a PM e o Exército foram convocados para realizar a reintegração de posse da Companhia após a ocupação do espaço pelos trabalhadores, o episódio ficou conhecido como Massacre de Volta Redonda (FERREIRA, 2018).

Em termos jurídicos, a censura instalada pelo regime militar através do Ato Institucional nº 5 em 1968 tem seu fim oficial dez anos depois, durante o governo de Geisel. Essa medida, bem como outras adotadas nesse momento, demonstram o processo de abertura lenta que o Brasil viveu. Durante a vigência do AI-5 houve censura explícita nos meios de comunicação, bem como em obras artísticas. Muitos jornais optaram pela autocensura, enquanto outros veículos utilizavam artifícios para driblar a intervenção em suas produções. Com o fim da censura estatal legalizada, podemos falar que ainda há a permanência desse tipo de política nos anos entre 1985 e 1991? Se sim, em que nível?

Para pensar essa questão recorremos ao trabalho de Beatriz Kushnir, que dedicou a sua tese de doutorado *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988* para estudar a censura neste período. Segundo a autora, temos no Brasil uma cultura de censura mesmo nos períodos considerados democráticos. A diferença desses momentos para a Ditadura Militar é, por exemplo, a necessidade da legitimação dessa censura através da legislação. Em seu trabalho, Kushnir (2001) apresenta um tripé de leis[10] que sustentaram a censura até 1988, com a promulgação da chamada Constituição Cidadã, sendo que a mais antiga delas, que data de 1948 e exercia censura principalmente nos meios de entretenimento cultural, foi o que legitimou grande parte da censura até a redemocratização. Isso mostra o

10 Este tripé é composto pelo Decreto nº 20.493/48, pela Lei nº 5.536/68 e pelo Decreto-lei nº1.077/70.

quão antiga é essa instituição, de forma que, como alega a autora, seria difícil que no período da Nova República houvesse uma rápida mudança nessa questão somente através de uma nova legislação, uma vez que a cultura da censura já estava arraigada no sistema político e social brasileiro. Dessa forma compreendemos que no Brasil, independentemente de haver ou não democracia, há a cultura política da censura. A partir disso, podemos verificar mais exatamente como ela se dá no início da Nova República.

Um dos episódios mais polêmicos envolvendo a censura no governo Sarney, mencionado por Kushnir (2001), ocorreu devido ao filme *Je vous salue, Marie* do diretor Jean-Luc Godard, lançado na França em 1985. O filme realiza uma releitura sobre a mãe de Jesus, representando-a como uma jovem jogadora de basquete que trabalha em um posto de gasolina. Ao chegar no Brasil, o filme é considerado inadequado pela parcela mais conservadora do país, o que acaba gerando uma tensão política, já que um ato de censura explícito contra um filme vai contra a agenda democrática que Sarney pretendia adotar naquele momento. Nesse período, fica evidente a cultura da censura presente no Brasil, uma vez que a Igreja e parte da população se posicionam contra a exibição do filme, pressionando o presidente a censurá-lo. A ironia do episódio se dá pelo fato de que no ano anterior o ministro Fernando Lyra havia se comprometido publicamente a finalizar a instituição da censura. Segundo a autora, anteriormente à 1988 há apenas a mudança no discurso sobre a censura, sem que haja uma efetiva mudança legislativa com relação ao tema. Ainda no ano de 1986 ocorreu o último concurso público para o cargo de censor.

Além do filme de Godard, ela comenta a questão envolvendo o filme *O Último Tango em Paris* de 1972, que chega ao Brasil somente em 1985, sendo aprovado para exibição na televisão com cortes de cenas. O filme nem mesmo chega a ir ao ar. Há também, neste período, a censura da entrevista de Ronald Biggs concedida à Marília Gabriela, pois nela o famoso ladrão teria difamado o Brasil.

Ainda sobre *Je vous salue, Marie*, a autora expõe que houve a perseguição de alunos da PUC de São Paulo, por parte da Polícia Federal, pela posse da fita de vídeo do filme. Segundo Kushnir, entre março de 1985 e o início de 1987:

> Foram 261 letras de música cortadas e 25 terminantemente vetadas. Novelas e textos teatrais também tiveram cenas suprimidas e o conjunto de censores que era de 150 técnicos aumentou para 220, já que houve um concurso em 1986. (KUSHNIR, 2001, p. 150).

Ela lembra ainda que houve a censura ao desfile da Beija-flor no carnaval de 1989, quando a escola de samba teve que cobrir a imagem de cristo simbolizado como morador de rua.

De acordo com Kushnir (2001), o que podemos compreender sobre a censura nos primeiros anos da Nova República é que o Estado não sabia ao certo o que fazer com relação a este instrumento e aos concursados que ocupavam os cargos de censores. Ao mesmo tempo há ainda pressão popular, principalmente da parcela cristã da sociedade pela repressão a conteúdos considerados indecentes.

O tema da censura era responsabilidade do ministro da Justiça. No governo Sarney há a ocupação do cargo por três diferentes pessoas, o primeiro deles, Fernando Lyra era de postura mais crítica em relação a censura, enquanto seus dois sucessores, Paulo Bossard e Oscar Dias Corrêa eram bastante conservadores com a questão. Outro importante ponto a ser salientado é o fato de que "Desde abril de 1972 até novembro de 1988, todo o material censurado — livros, discos, filmes, revistas — segundo o artigo 23 do decreto 20.493/46 e o artigo 5 do decreto-lei 1.077/70, deveria ser e foi incinerado" (KUSHNIR, 2001, p. 207).

A partir dessas informações, acreditamos que, após o fim do AI-5, mantém-se principalmente a censura de cunho moral, que atinge em maior grau o campo da produção artística. Porém, tendo em vista a permanência da tutela militar naquele momento, principalmente no governo Sarney, e a utilização de políticas autoritárias, não descartamos que houvesse ainda uma pressão — mesmo que indireta — por parte do Estado para que os jornais agissem de determinada forma. Na bibliografia a respeito de nossas fontes, não achamos nenhuma informação que evidenciasse que, mesmo após a redemocratização, tenha permanecido algum tipo de coerção para que fossem publicadas ou não determinadas notícias. Assim sendo, concluímos que, durante esse período, o que tem mais peso para a determinação do que seria ou não publicado nos jornais que analisamos é, de fato, a questão ideológica, como explicamos na introdução do trabalho.

2.3 CONTEXTO INTERNACIONAL E POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA

Para além do contexto brasileiro no período entre 1985 e 1991, é de igual importância que avaliemos as condições de produção de nossas fontes de um ponto de vista mais amplo. Nesse tópico da pesquisa expomos eventos relativos à União Soviética e aos Estados Unidos, dentro de nosso recorte temporal, passando superficialmente pelo impacto desses eventos em outros países que não o Brasil.

O ano de 1985 é bastante emblemático para a União Soviética e para o restante do mundo. No dia 10 de março daquele ano o então secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, Konstantin Chernenko falece e, em 11 de março de 1985, ascende ao cargo máximo de poder da União Soviética aquele que seria o último líder desta potência, Mikhail Gorbachev. Esse processo marca uma considerável mudança na política soviética, uma vez que Gorbachev era consideravelmente mais jovem que seus antecessores e representava a ala reformista do PCUS.

Como veremos nas reportagens analisadas, neste momento não havia nenhuma intenção de dissolução da União Soviética, apenas a expressão da necessidade de reformar um sistema que se encontrava bastante desgastado. Nesse sentido, Gorbachev busca associar sua política de reformas na URSS à figura de Lênin e à Nova Política Econômica, legitimando sua estratégia contra as críticas dos setores conservadores.

Segundo Albuquerque (2015), entre 1929 e 1991 temos um período de continuidades na política econômica da União Soviética, o período do sistema centralizado e planificado. Sobre a política de planificação, o autor elucida que:

> Sob a égide da planificação econômica, a URSS se convertera num país industrializado, com especial ênfase em sua indústria pesada e intermediária. Suas vastas terras agrícolas estavam coletivizadas, formadas por grandes fazendas estatais e cooperativas. Se por um lado, assistia-se a um movimento geral de fechamento e recrudescimento do regime das esferas política e social, os resultados da economia, por sua vez, pareciam satisfatórios: entre 1940 e 1960, o produto nacional bruto cresceu mais de 300%. (ALBUQUERQUE, 2015, p. 77).

No entanto, logo surgiriam problemas, um deles seria justamente a falta de investimento na indústria de bens de consumo. Por outro lado, já em 1956, a partir do XX Congresso do PCUS, muitos dos crimes cometidos pelo stalinismo são parcialmente

revelados, gerando divergências no pensamento e na política socialista e comunista no mundo inteiro.

Albuquerque (2015) explica que houve diversas tentativas de reforma na URSS, mas em geral elas foram frustradas pela oposição das forças conservadoras do partido. Dessa forma, quando Gorbachev assume e propõe modificações, a população soviética mostra-se descrente com relação a seu discurso[11], uma vez os secretários-gerais anteriores, acabaram mantendo as mudanças restritas ao campo argumentativo em vez de aplicá-las na prática.

Ao mesmo tempo, a nível internacional, diminuíram com o passar dos anos as tensões entre URSS e Estados Unidos, "a política oficial nas relações exteriores passa a se ancorar sobre dois pilares fundamentais: a coexistência pacífica e o desarmamento nuclear" (ALBUQUERQUE, 2015, p. 117). Um exemplo dessa nova política externa adotada por Gorbachev, segundo o autor, é a realização da primeira cúpula americano-soviética em Reykjavík em 1986, na qual Gorbachev e Ronald Reagan se encontraram pessoalmente. Um novo encontro ocorre em dezembro do ano seguinte, no qual "ambos celebrariam um tratado para eliminação de mísseis de médio alcance, o primeiro acordo efetivo de desmilitarização entre as superpotências desde o início da perestroika." (ALBUQUERQUE, 2015, p. 161). Nos anos seguintes também se assistira a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão. Nesse momento notamos uma ligação direta entre a exaltação do ideal pacifista tanto na URSS quanto na mídia pecebista, como veremos na análise de nossas fontes.

De acordo com Albuquerque (2015), ao assumir o poder, Gorbachev busca realizar a descentralização política e incentivar os mecanismos de mercado, sendo que esse era um tópico bastante delicado, uma vez que poderia ser facilmente associado a uma tentativa de adesão ao capitalismo. Juntamente a essas duas estratégias, o novo secretário-geral também buscava incrementar o progresso técnico-científico, uma vez que a URSS estava bastante atrasada nesse quesito em relação a países ocidentais como os EUA.

Mikhail Gorbachev instaura na URSS duas novas políticas, a *perestroika* (reconstrução) e a *glasnost* (transparência). Para Reis Filho (1997), a *glasnost* permitiu desnudar diversos problemas que assolavam a União Soviética — para além da corrupção e

11 Sobre essa temática, não há consenso entre os historiadores. Como veremos durante o texto, a partir do referencial bibliográfico utilizado, alguns autores são partidários da ideia de que a população soviética teve menor envolvimento com o processo de mudanças políticas ocorridas na URSS, já o historiador Moshe Lewin crê em uma movimentação de resistências e consensos, mesmo que de maneira indireta, feita pelos indivíduos que ali habitavam.

privilégio de poucos —, como a devastação da natureza, consequência do modelo de rápido crescimento econômico e da falta de um planejamento responsável ambientalmente. Também foi apontado o consumo do álcool, de drogas e prostituição, problemas associados até então às sociedades capitalistas. Outro ponto denunciado foi a falta de qualidade dos bens de consumo.

Ele menciona ainda a denúncia feita acerca das condições difíceis que as mulheres soviéticas viviam. Se na teoria o socialismo poderia promover equidade de gênero, na prática as mulheres viviam a dupla jornada. O autor explica que esta opressão acabava por gerar um maior número de suicídios e abortos, tendo em vista a falta de acesso à metodos contraceptivos por estas mulheres.

Há também, nesse momento, grande valorização dos conceitos de democracia e Estado de direito, no entanto, Albuquerque alerta que

> nenhum desses conceitos pode ser isolado de seu contexto específico: imersos na realidade soviética, transparência, democracia e Estado de direito não correspondem com exatidão a seus pares na teoria liberal. (ALBUQUERQUE, 2015, p. 108).

Segundo o autor, Gorbachev não pretendia mudar a estrutura do regime soviético em si, mas sim aumentar a participação dentro das instituições já estabelecidas até o momento, como os sindicatos e o *komsomol*[12]. Por isso, reforçamos o argumento de que não havia a intenção de um desmanche da URSS, mas sim, a tentativa de uma reforma visando a continuidade do socialismo. De acordo com Hobsbawm (1995), esse ímpeto de reforma não pode ser lido como uma vontade geral da população soviética, afinal, muitas pessoas que ali viviam nem mesmo tinham experiência com outro regime senão o socialismo soviético. Diferentemente dos países satélites da URSS. "De onde quer que tenha vindo a pressão pela mudança na URSS, das bases não foi" (HOBSBAWM, 1995, p.463).

Embora a população no geral não tenha se mobilizado, em parte por sua descrença nas reformas de Gorbachev, se estabeleceu, a partir da segunda metade da década de 1980, um maior canal de expressão tanto na mídia quanto nas artes em geral. De acordo com Albuquerque:

> Entra em cena uma discussão sobre o papel dos meios de comunicação no país, que passam a ser vistos como canais de interação entre o regime e as massas. Sua principal função consistiria na análise dos fenômenos sociais, na identificação dos

12 Organização Juvenil do PCUS.

> problemas mais latentes e na proposição de soluções. Essa atmosfera de relativa abertura e aceitação de crítica também seria expandida ao universo das artes e da literatura. É fundamental, contudo, compreender o sentido que se confere ao espírito crítico e autocrítico requerido nos quadros partidários, da imprensa e da sociedade em geral. Não se pretendia promover a liberdade de expressão de forma plena ou abrir espaço para as vozes dissidentes. Prova disso são as constantes menções à responsabilidade dos que proferem as críticas e a reafirmação frequente da necessidade de ordem e disciplina tanto na esfera produtiva quanto na vida social (ALBUQUERQUE, 2015, p. 116).

Reis Filho cita alguns veículos de imprensa que tem papel importante no contexto do governo de Gorbachev:

> No mesmo sentido, retomando o papel que tiveram nos anos 50, estava, alguns jornais e revistas, vorazmente consumidos, reabilitando a noção de imprensa livre e investigativa: *Ogoniok* (V. Korotitch), *Notícias de Moscou* (E. Iakovlev), *Literaturnaia Gazeta*, *Sovietskaia Kultura, Novi Mir, Oktiabri, Argumenti i facti* (V. Starkov). E os dissidentes, retornados dos campos e de exílios sem fim. E as organizações informais, associações, clubes, círculos que, nos embates, adquiriam consistência, reivindicando participação. (REIS FILHO, 1997, p.242).

Mesmo assim, para o contexto soviético, aos olhos de muitos, essas mudanças eram inadmissíveis. "Ortodoxos e renovadores coabitavam no governo e no partido, denunciando falta de clareza, uma certa insegurança, ecletismo. Até quando seria possível manter estes extremos em convivência harmônica?" (REIS FILHO, 1997, p.234). Em agosto de 1991 há uma tentativa de golpe realizada pela ala conservadora do PCUS contra Gorbachev, porém, tal insurreição falha e, com um efeito contrário, acelera as mudanças que levariam ao fim do regime socialista russo. A respeito do grupo golpista, Reis Filho comenta:

> Faltou-lhes, porém, força para implementar as medidas elementares que asseguram êxito a qualquer golpe, mesmo em repúblicas bananeiras: tropas e tanques nas ruas, controle das comunicações, prisão das lideranças potenciais de oposição. Só conseguiram deter Gorbachev em sua dacha de veraneio, mas nem foram capazes de impedir que recebesse comunicação do exterior. Não que não soubessem dar ordens, é que elas não eram cumpridas. (REIS FILHO, 1997, p.266).

No decorrer de sua gestão, como Albuquerque (2015) aponta, Gorbachev empreende mudanças principalmente na economia, abrindo cada vez mais a possibilidade de autonomia individual. Se no início da política da *perestroika*, o secretário-geral media suas palavras ao falar em mercado e defendia apenas a reforma dentro do próprio sistema soviético, quanto

mais próximo do ano de 1991, ele alterava seu discurso, mostrando-se disposto ao empreendimento de mudanças muito mais profundas. Aos poucos, ocorre modificação no sistema político e o PCUS perde o monopólio do Estado. Ao mesmo tempo, são adotadas leis que restituem a propriedade privada. Assistia-se nesse momento o desmonte daquilo que vinha sendo construído desde 1917 no Leste Europeu. Desde 1989 ocorre grande mudança no mapa socialista, com a saída de diversos países do bloco soviético e com a queda do Muro de Berlim. Esse processo seguirá até 25 de dezembro de 1991, com a renúncia de Gorbachev e posterior posse de Boris Yeltsin como presidente da Rússia. Em seguida, voltaremos a essas mudanças mais detalhadamente.

Hobsbawm elenca alguns fatores como determinantes para o fim do regime soviético:

> O que levou a União Soviética com rapidez crescente para o precipício foi a combinação de *glasnost*, que equivalia à desintegração de autoridade, com uma *perestroika* que equivalia à destruição dos velhos mecanismos que faziam a economia mundial funcionar, sem oferecer qualquer alternativa; e o colapso cada vez mais dramático do padrão de vida dos cidadãos. (HOBSBAWM, 1995, p.468).

Na obra intitulada *O Colapso da URSS: Um estudo das causas.* Robério Rodrigues delineia e se aprofunda em sete tópicos que considera as principais causas da volta da URSS para um sistema capitalista em dezembro de 1991. O autor retoma a trajetória deste país desde 1917, mostrando como pontos de sua história resulta no contexto trágico do final da década de 1980 para os socialistas.

Concordamos com o autor que os principais pontos que levaram ao fim da URSS foram seu baixo desenvolvimento tecnológico com relação aos oponentes, seus gastos excessivos com armamentos e defesa, bem como seu estado de alerta com relação à possíveis ataques vindos do ocidente, a manutenção de um regime ditatorial, a problemática de seu modelo extensivo de economia e sua crescente estagnação econômica após da década de 1970, mudanças sociais que acarretaram transformações "por baixo" e enfim, a política da *perestroika* implementada por Gorbachev, os movimentos nacionalistas que explodiram nos países que faziam parte do bloco soviético e a movimentação dos restauracionistas na URSS, ou seja, daqueles que queriam a volta do capitalismo.

Para ele, fatores como o isolamento soviético e sua extrema preocupação com o setor da defesa, são, na verdade, reações perante o ocidente, que após 1917 instaura uma sensação de medo que a revolução socialista se alastre pela Europa Ocidental. Rodrigues (2006)

salienta que este sentimento fez com que o capitalismo cedesse aos seus funcionários melhores condições, mantendo-os longe da ideologia inimiga. O autor explica:

> As concessões e a diferenciação de remuneração entre os trabalhadores que formaram a base social do reformismo e do oportunismo político no movimento socialista, da corrente política que passou a ser conhecida como *social-democracia* na Europa, e que, em vários países, se associou aos capitais nacionais durante a primeira guerra imperialista. Assim, o surgimento do reformismo, que funcionou como um colchão para os conflitos sociais arrefeceu o impulso revolucionário na Europa, não foi somente a *causa* da acomodação do proletariado, mas também *consequência* de um fenômeno objetivo mais amplo de assimilação das camadas da classe trabalhadora pelo capital através de concessões materiais. (RODRIGUES, 2006, p.39).

Dessa forma, um projeto que deveria contar com um grande apoio manteve-se somente em um local, o que será incorporado por Stalin como o "comunismo em um só país".

Rodrigues (2006) salienta que, embora a URSS tenha crescido muito rapidamente, principalmente entre a década de 30 e 70, esse crescimento foi baseado em um sistema extensivo, ou seja, houve uma preferência do aumento da produção, principalmente no setor primário, no entanto a qualidade do que era produzido não era a melhor, de maneira que a URSS não se projetava no mercado internacional e nem agradava seu público consumidor. Já da década de 1970 para frente, o país também começa a se distanciar do ocidente no quesito de tecnologia, principalmente no que diz respeito à informática.

Havia ainda outros indicativos de problemas na URSS, como a questão da longevidade da população.

> Na verdade, na década de 1970 era claro que não só o crescimento econômico estava ficando para trás, mas mesmo os indicadores sociais básicos, como o de mortalidade, estavam deixando de melhorar. Isso minou a confiança no socialismo talvez mais que qualquer outra coisa, pois sua capacidade de melhorar a vida da gente comum através de maior justiça social não dependia basicamente de sua capacidade de gerar maior riqueza. O fato de a expectativa de vida na URSS, Polônia e Hungria permanecer quase imutada durante os últimos vinte anos antes do colapso do comunismo — na verdade, de vez em quando chegava a cair — era causa de séria preocupação, pois na maioria dos outros países ela continuava a subir (incluindo, deve-se dizer, Cuba e os países comunistas asiáticos sobre os quais dispomos de dados). (HOBSBAWM, 1995, p.457).

A população cada vez mais urbanizada e com acesso à informação e estudos não mais poderia aceitar as más condições que se acumularam durante todos esses anos na União Soviética. As ideias ocidentais que circulavam de maneira clandestina começaram a ganhar

destaque. Lembremos que se foi justamente o caráter centralizado de tomada de decisões, em outras palavras, o autoritarismo, que acelerou o desenvolvimento soviético em níveis que o ocidente jamais conheceu, foi este mesmo autoritarismo que gerou oposição da população soviética a partir principalmente da década de 1980.

Traçando a trajetória da URSS desde 1917, Rodrigues (2006) expõe que a Revolução Russa foi um evento um tanto quanto inesperado, uma vez que o marxismo previa que uma revolução deste tipo ocorreria em um país capitalista como, por exemplo, a Alemanha, e não em um país ainda semi feudal como a Rússia era. Muitos autores nem mesmo consideravam que o sistema soviético era de fato socialista, uma vez que estava longe de muitos pontos traçados pela obra de Marx e Engels. Reis Filho (1997) questiona: "O socialismo *realmente existente* em alguma curva do caminho deixara de existir. Sequer existira em algum momento?" (REIS FILHO, 1997, p.251). De fato, após a revolução, não demora para que os trabalhadores na verdade percam a sua representatividade no poder — caráter básico do pensamento marxista — e o PCUS passe a assumir este papel exclusivamente enquanto os soviets perdiam a sua influência.

Como já apontamos, muitas dessas distorções do sistema se deram devido às condições mundiais em que o socialismo soviético foi forjado. Por exemplo, a respeito dos grandes gastos com defesa Rodrigues comenta:

> A linguagem de aço, fogo, sangue e morte dos canhões, com a destruição e o desespero que carrega, não deixava muito espaço a discussões ideológicas nem foi o melhor terreno para o estabelecimento de uma democracia socialista, ainda mais em um país atrasado cultural e politicamente. Na literatura especializada no tema URSS, tornou-se comum tratar o sistema soviético crítica e pejorativamente como *comunismo de caserna*. Deve-se lembrar, entretanto, que a opção pela militarização da sociedade soviética, como se poderá comprovar durante toda sua história, não foi jamais uma escolha livre, mesmo antes do stalinismo, mas derivava, antes de tudo, do ódio e da permanente ameaça ou agressões do capitalismo mundial, que jamais perdoou o povo russo pela expropriação do capital no antigo império dos czares. (RODRIGUES, 2006, p.43).

A mesma coisa pode ser dita a respeito do seu investimento na indústria pesada, que deixou os bens de consumo desfavorecidos quantitativa e qualitativamente.

> Ao estabelecer uma lógica de disputa com o capitalismo na arena econômica, além de ter de armar-se para enfrentar a constante ameaça de agressão, o ritmo de acumulação na URSS passava a ser ditado não pelas necessidades internas do país, mas antes de tudo pela competição com o Ocidente. Assumia-se assim a mesma

> lógica de acumulação do capitalismo, mas em grau mais elevado, pois se tratava de conseguir em muito menos tempo o que o capitalismo levara séculos para conquistar. (RODRIGUES, 2006, p.89).

Com a pressão da economia centralizada para que as indústrias batessem metas, por vezes era priorizada a quantidade de produtos em vez de sua qualidade.

Tendo em vista que trabalhamos nesta pesquisa essencialmente com as reformas do período de Gorbachev, vejamos mais especificamente o que o autor fala a respeito delas e do período final da URSS, melhor delineando o que já mencionamos brevemente nos parágrafos anteriores. Lembremos, em primeiro lugar, que a população soviética em sua maioria estava apática politicamente no período em que Gorbachev assumiu o cargo de secretário-geral. Por outro lado, embora houvesse ainda resistência do setor conservador do PCUS, há um clima favorável às reformas e parte da burocracia já compreendia que o sistema não poderia mais se manter sem elas, de maneira que não seria possível Gorbachev ser eleito sem este apoio.

Em segundo lugar, lembremos também que já na década de 1960 houve a tentativa da implementação de algumas reformas, no entanto, elas não foram adiante. Nas palavras de Rodrigues:

> Independentemente do caráter espetacular da discussão Liberman, a reforma de 1965, inspirada em suas propostas, apesar de ter gerado certa aceleração econômica, teve um alcance bastante limitado no que se refere a mudar a estrutura padrão do *conjunto* da economia soviética. No plano político, mesmo com o abrandamento da repressão, que de massiva nos tempos de Stalin passou a ser mais seletiva, o sistema político ditatorial e burocrático foi mantido. Na economia, seja pela inércia do aparato seja pela dificuldade de fugir à lógica da corrida armamentista com o Ocidente na Guerra Fria, o padrão de gestão econômica ultracentralizado, com prioridade à indústria pesada e à defesa, estabelecido desde os anos 30, pouco foi afetado. (RODRIGUES, 2006, p.150).

Embora os dirigentes soviéticos tenham buscado criar a imagem de que o período entre 1964 e 1985 foi de maior crescimento na URSS, podemos confirmar que este período na verdade foi de instabilidade. Gorbachev, por outro lado, o caracterizou como um momento de retrocesso e estagnação. Conforme o autor, não devemos tomar nenhuma das visões como completamente verdadeiras. A respeito desse suposto período de estagnação, Hobsbawm argumenta que:

> A "era de estagnação" (*zastoi*) que Gorbachev denunciou fora na verdade uma era de aguda fermentação política e cultural entre a elite soviética. Esta incluía não só o

> grupo relativamente minúsculo de autocooptados chefetes do Partido Comunista no todo da hierarquia da União, único lugar onde verdadeiras decisões eram, ou podiam ser, tomadas, mas o relativamente vasto grupo de classe média educada e tecnicamente formada, além de administradores econômicos que de fato mantinham o país andando: acadêmicos, *intelligentsia* técnica, especialistas e executivos de vários tipos. (HOBSBAWM, 1995, p.461).

Para Rodrigues (2006), este é um momento de grande influência geopolítica soviética através de seus avanços espaciais, nucleares e navais. Em 1973 os EUA saem perdedores da guerra do Vietnã, algo que confirma a manutenção do poder soviético. Ainda na década de 1970, apesar de problemas em sua economia, a URSS chega a lucrar com a crise do petróleo, Porém, até o ano de 1985 a sua economia de fato desaceleraria.

> Os avanços tecnológicos econômicos no terreno industrial e militar, a elevação lenta, mas contínua, do nível de vida durante os anos 60 e 70, o aumento da influência e consolidação da URSS como potência mundial forneciam, entretanto, uma *falsa visão* do que realmente se passava, ilusão que encobria as graves contradições não resolvidas que vinham se acumulando na economia e no sistema soviéticos durante a década de 70. Tanto é assim que nenhum especialista ocidental — entre os chamados *sovietólogos* — chegou a prever seu colapso, uma década depois, sequer aproximadamente. (RODRIGUES, 2006, p.156).

Segundo Hobsbawm (1995), ao contrário do que ocorre no período entreguerras, ou seja, o isolamento da URSS e seu consequente livramento da crise de 1929, já na década de 1970, com sua maior integração ao restante do mundo, a URSS é afetada pela crise, embora em um primeiro momento, como apontamos, a crise do petróleo tenha gerado lucros para a potência.

O autor explica que naquele momento, o modelo extensivo de crescimento já se esgotava, até mesmo pela questão de escassez de recursos naturais, uma vez que não seria possível explorar para sempre novos territórios, minas e jazidas. Além disso, manejar os trabalhadores para locais remotos envolvia grande investimento.

Na década de 1980, segundo Rodrigues (2006), enquanto apenas algumas empresas soviéticas utilizavam o sistema de computadores, as grandes empresas norte-americanas e japonesas já tinham aderido completamente à nova tecnologia. A URSS acabava por copiar os modelos de computadores e softwares do ocidente, o que a mantinha sempre defasada. O ambiente burocrático e de pouco estímulo ao diálogo e inovação faziam com que a tecnologia dos microprocessadores não avançasse em território soviético. O estímulo à tecnologia na

URSS mantinha-se restrito ao setor militar. Com um menor crescimento da economia soviética, tais gastos com defesa pesaram bastante no orçamento da URSS, o que auxiliou seu desgaste político.

Rodrigues (2006) lembra ainda, que para além das reformas propostas no período de Kruschev, houve antes de Gorbachev mudanças propostas por Andropov, o que demonstra que a onda reformista já se firmava há algum tempo dentro do PCUS.

> [...] Gorbachev ficaria conhecido como o pai das reformas que ajudaram a levar a URSS a seu colapso final. Entretanto a *Perestroika* tinha raízes objetivas muito mais profundas. Tal programa de reformas e a eleição de Gorbachev expressavam um consenso, formado entre todos os setores do alto escalão da burocracia soviética, sobre a gravidade da situação que exigia mudanças urgentes. (RODRIGUES, 2006, p.204).

Na década de 1980 também ocorre a desagregação dos países que antes faziam parte do bloco socialista. Destacamos a ascensão do Solidariedade com o apoio da Igreja Católica na Polônia e a queda do Muro de Berlim. Até o fim daquela década os países integrantes do Pacto de Varsóvia que não faziam parte da URSS deixariam o bloco. No ano de 1991 a URSS já estaria completamente esvaziada de poder.

O autor lembra ainda que parte dos próprios russos defendiam essas separações Segundo ele: "prosperava a ideia de que aquele império era um fardo, estas nações eram parasitas, porque haveriam os russos de aturá-las? Que cada um seguisse o seu caminho" (REIS FILHO, 1997, p.258). De acordo com Hobsbawm (1995), nas nações satélites da URSS, muitos políticos não eram de fato comunistas, apenas fizeram carreira dentro de um sistema comunista, assim sendo, a partir dos problemas enfrentados pela URSS, eles pensavam mais nas consequência políticas do que em um ideal comunista a ser defendido.

Entre 1985 e 1986 Gorbachev buscou se expressar de forma mais branda. Somente a partir do segundo semestre de 1986 começam a ser implantadas mudanças mais significativas na URSS. Neste mesmo ano ocorreu o desastre nuclear em Chernobil, algo que, embora tenha revelado a defasagem tecnológica na URSS, também demonstrou a sua mudança na política de divulgação de informações, uma vez que logo o ocidente é avisado sobre o que ocorreu naquela usina.

> As reformas econômicas seriam a partir daí aceleradas. Confirmando uma proposta de resolução sugerida no XXVII Congresso, de ampliação da esfera "privada" da economia no domínio dos serviços e da agricultura, foi aprovada em 19 de novembro de 1986, para entrar em vigor em 1 de maio de 1987, uma "lei sobre o trabalho individual privado", limitada aos domínios comercial, artesanal e de alguns serviços. Autorizava a atividade profissional individual, desde que não contratassem assalariados. (RODRIGUES, 2006, p.223)

Rodrigues elenca mais algumas mudanças no mesmo sentido:

> Em junho de 1987, o Comitê Central e, na sequência, o *Soviet* Supremo da URSS, aprovaram uma nova *lei sobre a empresa estatal*, que tratava da *autonomia da empresa*. Deveria entrar em vigor em 1º de janeiro de 1988. Por ela, as empresas soviéticas seriam submetidas a uma revisão radical de sua gestão econômico-financeira. Deixariam de se guiar apenas pelo cumprimento das metas ou valor global da produção e passariam a ser avaliadas pelos lucros que conseguissem e pela qualidade dos produtos. A prioridade agora seria aumentar consideravelmente a produção dos bens de consumo. O Plano Quinquenal teria doravante um caráter apenas indicativo, estabelecendo para cada região ou setor econômico apenas índices de produtividade e perspectivas para orientar os dirigentes. (RODRIGUES, 2006, p.226).

Naquele momento, ainda não se imaginava aonde essas reformas levariam a URSS. Havia na União Soviética um clima de desorganização. Segundo o autor, entre os anos de 1989 e 1990 a crise econômica chegou a um ponto irreversível. Ao mesmo tempo em que a *perestroika* não avançava de forma ideal, a *glasnost* liberou as forças de oposição ao socialismo, dando voz aos dissidentes do regime. A mídia passa a fazer críticas ao regime e sindicatos independentes começam suas atividades. Os setores radicais não apenas questionavam o stalinismo como também começaram a questionar a própria Revolução Russa e o sistema socialista implementado. Embora boa parte da população estivesse apática com relação a estas mudanças, uma parcela daqueles que dirigiam empresas, por exemplo, eram favoráveis àquelas mudanças.

> A repulsa à cada vez mais monumental e generalizada corrupção da *nomenklatura* foi o combustível inicial para o processo de reforma, e Gorbachev teve apoio bastante sólido dos quadros econômicos à *perestroika*, sobretudo dos pertencentes ao complexo industrial-militar, que queriam verdadeiramente melhorar a administração de uma economia estagnante e, em termos científicos e técnicos, paralítica. (HOBSBAWM, 1995, p.468-469).

Gorbachev encontrava-se em uma situação extremamente delicada, tendo de equilibrar-se em meio ao contexto de extrema polarização na URSS, entre os reformadores

que queriam a volta do capitalismo — chamados de restauracionistas — e os conservadores que gostariam de manter o sistema socialista.

Em 1988 ocorreu a XIX Conferência Pan-soviética do Partido Comunista. Nela, é extinto o monopólio do controle Estado pelo PCUS.

> Em seu informe na Conferência, Gorbachev propôs a eleição de um Congresso dos Deputados do Povo, constituído por 2.250 deputados, a quem caberia eleger um *Soviet* Supremo com cerca de 450 deputados. Essa espécie de parlamento, por sua vez, elegeria por voto secreto um presidente para o país com plenos poderes. (RODRIGUES, 2006, p.236).

No mesmo ano, a imprensa soviética protagonizou uma polêmica que demonstrava o clima instável daquele momento. Reis Filho (1997) explica que no mês de março o jornal *Sovietskaia Rossia* publicou a carta de uma professora chamada Nina Andreeva, na qual ela fazia críticas às reformas, acusando os reformadores de serem parte das classes combatidas pela Revolução Russa. O episódio gerou grande alvoroço e a resposta veio nas páginas do *Pravda* cerca de três semanas depois. O jornal, em editorial não assinado, acusou a professora de viver ainda no passado e acusou a imprensa por não ter reagido às críticas. Há ainda mais um evento neste ano que indica as contradições de opiniões na URSS:

> Uma outra catástrofe, desta vez um terremoto, na Armênia, em dezembro de 1988, evidenciou novamente as carências, parecia que a colossal União Soviética não passava de um país subdesenvolvido: precariedade dos socorros, falta de medicamentos, erros grosseiros (corrupção?) no planejamento da construção dos prédios. Os partidários da *perestroika* tiraram do desastre argumentos a favor: a prova de que o sistema anterior não era o melhor dos mundos. Na oposição, outros olhos viam as coisas de modo diverso: aquilo testemunhava a falência da *perestroika*, não se renovara coisa alguma, ao contrário, ia-se de mal a pior. (REIS FILHO, 1997, p.254).

Entre 1989 e 1990, Gorbachev se vê isolado e sem o apoio dos reformadores e busca cercar-se de políticos conservadores, no entanto, esta opção seria um problema para ele em 1991, quando o mesmo grupo tentaria lhe tirar do poder com um golpe no mês de agosto enquanto Gorbachev estava de férias na Criméia. A esta altura, Boris Ieltsin, que já era querido pelos reformistas e presidente da República Russa, auxilia no combate à tentativa de golpe. As próprias Forças Armadas fazem resistência aos conservadores. Rodrigues explica:

> No início de de agosto de 1991, a imprensa havia publicado a última versão da proposta de Tratado da União. A Federação Russa, o Usbequistão e o Casaquistão foram convocados e deveriam assinar o acordo através de seus presidentes no dia 20 de agosto. Exatamente um dia antes, entretanto, a ameaça de golpe concretizou-se. Em 19 de agosto, justamente na véspera do dia previsto para a assinatura do novo tratado, os golpistas partiram para o golpe. Nos meios de comunicação anunciaram a constituição de um Comitê Estatal de Emergência, que assumia o poder em virtude de uma suposta doença de Gorbachev. (RODRIGUES, 2006, p.262).

Segundo o autor, na verdade, naquele momento apenas se legalizaria muitas das práticas que já ocorriam clandestinamente na URSS, como a prestação de serviços privados. Até mesmo a classe burocrática já se parecia muito com uma classe capitalista.

Em seguida, no dia 22 de agosto, após o fracasso do golpe, Boris Ieltsin termina de vez com o poder do PCUS que por tantos anos deteve o monopólio do poder político na URSS.

> O mundo que estivera disposto a aceitar o golpe, agora aceitava o muito mais eficaz contragolpe de Yeltsin, e tratou a Rússia como sucessora natural da morta URSS nas Nações Unidas e em outras partes. A tentativa de salvar a velha estrutura da União Soviética acabara por destruí-la mais súbita e irrevogavelmente do que se poderia esperar. (HOBSBAWM, 1995, p.479).

Naquele dia o PCUS e seu Comitê Central deixaram de existir. Em setembro daquele ano as Repúblicas Bálticas que antes faziam parte da URSS são reconhecidas como independentes pela ONU.

> No dia 1º de dezembro, em um novo plebiscito, a população da Ucrânia, que representava algo em torno de um quarto da economia total da antiga URSS, foi chamada a votar e deu 90% dos votos a favor da separação. No dia 9 de dezembro, em reunião realizada em Minsk, os presidentes da Rússia, Boris Ieltsin, da Bielo-Rússia, Stanislav Sushkevitch e da Ucrânia Leonid Kravtchuk selaram um acordo no qual declaravam que a URSS e seu Estado estavam extintos e anunciavam a constituição de uma nova Comunidade de Estados Independentes, CEI, aberta às repúblicas que constituíram a URSS. Gorbachev nem sequer foi consultado em tal arranjo. (RODRIGUES, 2006, p.267).

No dia 21 de dezembro de 1991 Gorbachev é informado pela CEI que a URSS não mais existe e, apenas quatro dias depois, no Natal daquele ano, ele renuncia ao seu cargo.

Ainda com relação ao contexto soviético, apontamos a importância da obra do historiador soviético Moshe Lewin. No livro *O Fenômeno Gorbachev*, escrito ainda durante o governo do último secretário-geral da URSS. O autor procura abordar a trajetória desse país

não somente a partir de sua economia e política, mas também através do caráter social de seus problemas. Nesse sentido, concordamos com a crítica feita por Lewin (1988) à historiografia ocidental, que por vezes analisou de forma bastante superficial o regime soviético, sem buscar compreender as resistências espontâneas feitas pela população. Houve também uma leitura simplista da trajetória econômica da URSS, sem a exposição dos altos e baixos de seu desenvolvimento, que envolveram movimentos de urbanização e industrialização e até mesmo investimento na formação dos trabalhadores.

Sobre o momento em que escreve, Lewin afirma o seguinte:

> Agora que a expressão *glasnost* se tornou conhecida em quase todo o mundo, é possível que por força desta mesma disseminação se tenha começado a criar um sentido falso de clareza. Temos de entender que nossa compreensão da União Soviética é deficiente e que a complexidade da situação que ora se delineia não pode estar contida em um ou dois *slogans*. Enquanto a glasnost prossegue, são-nos reveladas facetas pouco conhecidas da vida soviética: a diversidade ideológica e cultural, as tensões entre dinamismo e inércia, o que desejam os proponentes da reformas e seus opositores. É evidente que a URSS se está mostrando bem menos monolítica e homogênea do que sempre se imaginou. (LEWIN, 1988, p.13).

Ou seja, podemos compreender que de fato, no ocidente, naquele período e talvez até mesmo hoje, devido à uma transmissão de informações deficitária, houve uma compreensão simplista das políticas reformistas de Gorbachev. Para Lewin (1988), os observadores ocidentais acreditavam plenamente em uma estagnação do sistema soviético, principalmente devido ao insucesso das reformas propostas no período Kruschev.

Lewin também problematiza o uso do termo totalitarismo para caracterizar o sistema soviético. Para ele

> durante o período da guerra fria o Ocidente utilizou o tema com fins propagandísticos e ideológicos, visando à competição estratégica. O ódio inerente ao terrorismo foi transferido do inimigo anterior — a Alemanha nazista — para o povo inimigo — a Rússia soviética. (LEWIN, 1988, p.19).

Segundo o autor, embora este termo tenha importância ideológica, não auxilia na compreensão do sistema soviético. Esvazia o debate uma vez que restringe os estudos à esfera do Estado.

> Fatos políticos e economia, estradas e trens, escolas e igrejas, coletores de impostos e exércitos, assalariados e prestadores de serviços são, todos, elos fortes e com

> frequência menosprezados, que geram uma entidade histórica. Mesmo uma disposição pouco coesa pode constituir um sistema interligado. Sem este tipo de entendimento de um sistema social, nada mais é possível senão interpretar as crises e as mudanças revolucionárias de sistemas e estruturas como simples acidentes gerados pela estultícia de um rei, uma rainha ou um tolo. (LEWIN, 1988, p.23).

De acordo com o historiador, diferentemente do que se acredita, a população soviética teve, de fato, peso em decisões tomadas pelo Estado — o Estado engloba elementos não governamentais. Havia formas de apoio e resistência que mesmo Stalin não pode controlar nos anos mais duros da história da URSS.

O histórico da agricultura na Rússia é indispensável para compreender os problemas que se seguiram no século XX. Muitos anos antes, a Rússia estava consolidada enquanto país agrícola governado por czares. Para além deles, havia o campesinato e os proprietários de terras. A industrialização não chegou neste país da mesma maneira como na Europa Ocidental por exemplo. A Rússia ainda era extremamente rural no período da Primeira Guerra Mundial enquanto outros países já estavam inseridos em um sistema capitalista. Até mesmo com a Revolução e a política da NEP de Lênin, a Rússia ainda era bastante atrasada neste quesito, embora estes eventos tenham trazido a mentalidade da industrialização para a URSS (LEWIN, 1988).

Essa situação somente mudou a partir da década de 1930, com o stalinismo e a mudança forçada implementada através de um terror. Mesmo assim, segundo Lewin (1988), o grande êxodo rural ocorrido neste momento demonstra uma forma de resistência da população que buscava sua sobrevivência e não podia mais aguentar a péssima situação em que se encontrava no campo.

Mesmo com as imposições de Stalin, este foi um período de instabilidades.

> [...] esse período de convulsão e crise social impôs um pesado ônus à burocracia recém-instituída e ainda instável, e que as deficiências e a pouco experiência da classe burocrata ofereceram um terreno propício para que o poder fosse usurpado por um ditador, no nível da cúpula, e por patrões despóticos, nos níveis mais baixos. (LEWIN, 1988, p.41).

Trabalhadores, camponeses e burocratas, todos à sua própria maneira achavam caminhos para resistir ao Estado.

> Seja qual for o campo, a função ou a ação que se estude, ver-se-á que o governo, ao lutar por seus programas, planos e objetivos sempre teve de enfrentar a reação social, determinadas tendências a espontaneidade e a poderosa força da inércia. (LEWIN, 1988,p.45).

Segundo o autor, no próprio campo cultural era praticamente impossível censurar completamente piadas e contraculturas que combatiam o regime.

> A doutrinação ideológica não deixou de surtir efeito — bem ao contrário —, mas também não atingiu por completo seus objetivos. As pessoas podiam até parecer escutar com toda a atenção, mas a mensagem entrava por um ouvido e saía pelo outro. O êxito da reeducação foi apenas relativo, dependendo do grupo social e dos responsáveis por ela. (LEWIN, 1988, p.46).

Lewin (1988) explica que algumas medidas "pegavam" e outras simplesmente não, mesmo com o uso da violência do Estado. Por mais poderoso que fosse, Stalin não poderia controlar a História, a sociedade também teve seu papel nela. Como mencionamos, o êxodo rural foi de certa forma um movimento espontâneo e acabou por aumentar as cidades. Em um primeiro momento — entre a década de 1930 e 1950 — há um processo de "ruralização" das cidades, ou seja, o grande fluxo de migrantes traz para os centros urbanos a cultura rural, fazendo com que as cidades soviéticas tenham aparência e cultura de aldeias. A partir da década de 1960, no entanto, de fato há um maior grau de urbanização na URSS.

Para o autor, este primeiro momento em que mantém-se a cultura de aldeias na cidade demonstra uma espécie de proteção psicológica dos indivíduos frente às rápidas mudanças ocorridas no país. A manutenção de sua cultura local era uma maneira de não romper definitivamente laços. Ele explica:

> À diferença das cidades, onde as pessoas recebem diversas influências, a aldeia constitui uma unidade social, cultural e econômica compacta, relativamente isolada de unidades semelhantes, e por isto muito mais capacitada do que outras formas de vida social a moldar o espírito das pessoas. (LEWIN, 1988, p.56).

Porém, mesmo no período de Kruschev, com todas essas modificações, ainda havia uma maioria de trabalhadores não intelectuais, o que demonstra o projeto soviético de priorização da industrialização. Lewin (1988) argumenta que, embora tenha havido uma diminuição do campesinato e um aumento do trabalho operário, somente trocou-se um trabalho braçal por outro. É apenas nos vinte anos seguintes que esta situação é de fato

alterada, uma vez que os trabalhadores passam a ter maior qualificação e cresce a chamada *intelligentsia,* algo que tem impacto político na URSS. Sobre o período em que escreveu, Lewin (1988) ressalta que há uma dissonância entre a qualificação de muitos trabalhadores e os cargos que ocupam. Por vezes pessoas altamente qualificadas estavam em subempregos.

Voltamos mais uma vez aos apontamentos do autor com relação à parcial autonomia de pensamento que ocorria na URSS. Ele expõe que a mídia não tinha o poder de manipular completamente o pensamento da população e que as relações familiares e de amizade ou trabalho, por vezes, influenciavam muito mais na construção de opiniões dos indivíduos. Em suas palavras:

> Logo, mais que qualquer outra forma de comunicação, os contatos interpessoais podem funcionar como poderosos foros de auto-expressão, caso sejam relativamente estáveis e baseiem-se em interesses comuns; foros até mais poderosos que a mídia "de cunho mais intenso e maciço". (LEWIN, 1988, p.93).

Ou seja, podemos concluir que o Estado não pode realizar uma doutrinação completa do indivíduo, pois às vezes os microcosmos se sobrepõem ao macrocosmo político. Há por exemplo o que ele chama de "universidades invisíveis"; uma relação de troca de conhecimentos entre pessoas qualificadas fora de um âmbito institucionalizado. Lewin (1988) salienta que a opinião pública não pôde ser totalmente ignorada pelo governo soviético. Houve até mesmo uma tentativa de manipulação desses círculos de conversas informais através da infiltração de agentes.

> Nem o partido nem os sindicatos, oficialmente considerados os porta-vozes do interesse público, podiam alegar ser os legítimos representantes da opinião pública. Pelo contrário, seria impossível esses grupos oficiais cumprirem sua função política sem reconhecer e estudar a opinião pública e por ela nortear sua ação. (LEWIN, 1988, p.98).

No período de Gorbachev, no qual o autor escreve, há uma maior preocupação com esta opinião pública — neste momento as ciências sociais ganham maior espaço na URSS — algo que até então vinha passando batido para os comentadores ocidentais. Note-se que, no entanto, às vezes a opinião pública também pode estar ligada à ortodoxia e não somente às políticas reformistas na URSS. De acordo com Hobsbawm (1995), muitas das pessoas que viveram aquele contexto de mudanças na URSS nem mesmo tinham idade para lembrar de

momentos históricos chave para seu posicionamento, principalmente para assumir um posicionamento favorável à manutenção do socialismo.

> De qualquer modo, na Europa como na URSS, os comunistas, outrora sustentados pelas antigas convicções, eram agora uma geração do passado. Em 1989, poucos deles, com menos de sessenta anos, podiam ter partilhado da experiência que ligava o comunismo e patriotismo em vários países, ou seja, à Segunda Guerra Mundial e à Resistência, e poucos abaixo dos cinqüenta podiam sequer ter lembranças de primeira mão dessa época. O princípio que legitimava Estados, era, para a maioria das pessoas a retórica oficial ou o anedotário dos velhos cidadãos. (HOBSBAWM, 1995, p.473).

Embora a URSS enfrentasse todos esses problemas, seus investimentos no macro mascaravam essas insatisfações, especialmente quando se faz uma análise superficial da situação. Isto é o que Rodrigues (2006) demonstra em seu trabalho, uma vez que, segundo o autor, com o crescimento econômico ainda que muito baixo no período final soviético, os sovietólogos não puderam deduzir que este sistema logo chegaria ao seu fim.

Por outro lado, nunca antes o governo havia falado tão abertamente de seus problemas. O próprio círculo acadêmico passou a ser instigado a fazer uma leitura menos dogmática da realidade.

> o partido não passava de um aparelho econômico, cópia carbono das burocracias ministeriais, e há muito já não cumpria as responsabilidades políticas que lhe competiam. A lista de críticas, reconhecimento de fatos e revelações não cessava de aumentar. O apelo de Gorbachev para que se debatessem os problemas nacionais de modo sério e crítico — apelo que passou a ser conhecido como glasnost — levou a imprensa a divulgar novas revelações e novos problemas. (LEWIN, 2018, p.143).

Retomando o argumento de que a posse de Gorbachev só pôde ocorrer devido ao crescimento da ideia de que reformas eram necessárias para a manutenção do PCUS, voltamos a citar o autor:

> No entanto, se as instituições são assim tão inertes, como foi possível Gorbachev chegar ao poder? Ou, então, como conseguiu Krushev, perfeito produto da Stalin, dar início a tantas mudanças de vulto? Só há um meio de explicar como e por que houve tantos e tão fortes ímpetos de reforma no seio das instituições soviéticas, supostamente imutáveis: reconhecer que ao longo das décadas ocorrera e se acumularam no sistema inúmeras mudanças e transformações. (LEWIN, 1988, p.159).

Na conclusão de seu livro, Lewin faz um diagnóstico sobre os problemas ainda enfrentados na década de 1980 na URSS:

> Nos últimos trinta anos, como vimos, a União Soviética atingiu uma nova etapa de seu desenvolvimento. Tornou-se predominantemente urbana e apresenta agora uma nova estrutura, embora se mantenham bastante vivas as tradições nacionais e regionais. Pela primeira vez em toda a história russa, o sistema estatal governa uma sociedade muito diferente das que conheceram os czares, Lenin e Stalin. Contudo, o próprio sistema estatal — apesar das inúmeras e às vezes amplas mudanças efetuadas para atender aos imperativos dos novos tempos — ainda guarda muitos vestígios do despotismo agrário de épocas passadas. As instituições e os métodos de estruturação do Estado deixados por Stalin são produto de um país rural, impregnado da tradição autoritária que Stalin "aperfeiçoou" a um nível monstruoso. (LEWIN, 1988, p.177).

Lembramos que este diagnóstico do fim do socialismo que fizemos até aqui serve somente para compreender o contexto soviético e de suas nações satélites.

> O colapso do comunismo após 1989 se limitou à URSS e aos Estados em sua órbita (incluindo a Mongólia Exterior, que escolhera a proteção soviética ao domínio chinês entre as guerras mundiais). Os três regimes comunistas asiáticos sobreviventes (China, Coréia do Norte e Vietnã), assim como a distante e isolada Cuba, não foram imediatamente afetados. (HOBSBAWM, 1995, p.471).

Para Hobsbawm:

> Os últimos anos da União Soviética foram uma catástrofe em câmara lenta. A queda dos satélites europeus em 1989 e a relutante aceitação por Moscou da reunificação alemã demonstram o colapso da União Soviética como potência internacional, mais ainda como superpotência. Sua absoluta incapacidade de desempenhar qualquer papel na crise do golfo Pérsico de 1990-1 simplesmente acentuou isso. Em termos internacionais, a URSS era como um país abrangentemente derrotado, como após uma grande guerra — só que sem guerra. (HOBSBAWM, 1995, p.476).

Iremos analisar agora, de forma mais específica, a política externa brasileira, tendo em vista que nossa problemática aborda principalmente a relação dos discursos selecionados com os eventos que marcam a queda da União Soviética e o fim da Guerra Fria. Do ponto de vista geopolítico, devemos investigar como o Brasil firma as suas políticas internacionais nesse momento controverso.

Segundo Barreto Filho (2012) a Nova República traz uma inovação em relação ao período anterior, a maioria dos chanceleres escolhidos nos governos democráticos a partir de

1985 provêm de outras carreiras que não a diplomática, diferentemente dos ministros do Exterior do regime militar, que eram oriundos do Itamaraty. Por outro lado, não há grande ruptura com as posturas que já vinham sendo adotadas no âmbito das relações exteriores durante a ditadura.

O autor explica que esse momento compreende grande mudança geopolítica, não somente pelo desmanche da URSS, mas também pelas políticas agressivas do presidente norte-americano Ronald Reagan, bem como pela queda dos regimes ditatoriais na América do Sul. Em suas palavras:

> Fatores externos tinham repercussão interna, tais como o fluxo internacional de capitais, o comércio internacional, as pressões para a proteção do meio ambiente e o respeito aos direitos humanos. Um aspecto da diplomacia afetado pelo então fraco desempenho econômico brasileiro correspondeu à necessidade de assistência ao crescente número de brasileiros que passou a emigrar, em particular para os EUA, Japão e alguns países europeus. (BARRETO FILHO, 2012, p. 20).

De acordo com Martins (2018), nos anos que sucedem o fim do regime militar, apesar da elaboração Constituição de 1988 e das emendas que à ela são adicionadas, temos uma centralização do tema da política externa na figura do presidente da República. Segundo ele, "o Poder Executivo — em particular a presidência — possui uma vasta latitude de ação. Inclusive quanto a iniciativas no complexo cenário das relações internacionais" (MARTINS, 2018, p. 389). Para o autor, nesse período o Brasil pretende se colocar no contexto internacional em três âmbitos. O primeiro intuito seria adquirir um certo reconhecimento internacional frente ao novo momento político brasileiro, o segundo seria o alinhamento com as questões globais de democracia e direitos humanos e por fim, há a intenção de projetar o Brasil como protagonista na América do Sul. Porém, com os diversos problemas internos que o país enfrentava, certamente a agenda interna prevaleceu em relação às políticas externas. "Colocar a casa em ordem, em especial com o restabelecimento da credibilidade econômica e monetária, foi a prioridade número um que atravessou os governos Sarney (1985-1990), Collor (1990-1992) e Itamar Franco (1992-1994)" (MARTINS, 2018, p. 391). Além disso, nesse momento, a dívida externa brasileira ainda era um empecilho para a sua projeção mundial.

Com o processo do fim da Guerra Fria o mundo assiste, aos poucos, a uma despolarização política e econômica em escala mundial. Em outras palavras, o mundo que

anteriormente estava dividido em blocos definidos, passa a não mais contar com uma divisão tão fixa, abrindo margens para a ampliação das relações externas multilaterais em detrimento das relações bilaterais. No entanto, é válido recordar que ainda entre 1985 e 1991, ocorreram diversos impasses internacionais decorrentes do embate entre URSS e Estados Unidos, como, por exemplo, a questão da Nicarágua — entre os Estados Unidos e os Sandinistas —, ou a invasão americana no Panamá.

A abertura do regime militar e a redemocratização acabam gerando impacto na política externa brasileira. No governo Sarney, há alguns exemplos desse movimento. Segundo Ferreira (2018), é nesse momento que o Brasil se aproxima dos demais países da América do Sul, colocando fim às barreiras alfandegárias e, de forma mais sintomática, o Brasil reatou relações diplomáticas e se aproximou política e economicamente de Cuba.

O governo de Sarney teve uma agenda relativamente cheia no que diz respeito às viagens diplomáticas. Durante seu governo, o Brasil recebeu a visita de François Mitterrand e Zhao Ziyang. Igualmente, Sarney visitou, para além dos países da América do Sul, a China e a União Soviética (MARTINS, 2018). Dessa forma, compreendemos que o presidente, embora tutelado pelos militares, dispunha de liberdade para se relacionar diplomaticamente com nações socialistas.

Dentro de nosso recorte temporal, o Brasil teve três diferentes ministros de Estado das Relações Exteriores, sendo que durante o mandato presidencial de José Sarney ocuparam este cargo, Olavo Egydio Setúbal e, posteriormente, Roberto Costa de Abreu Sodré. Setúbal assumiu como chanceler no dia 15 de março de 1985, tendo sido escolhido, assim como os demais ministros desse período, por Tancredo Neves.

Em seu discurso de posse, Setúbal (1985) passou por alguns importantes tópicos referentes às políticas exteriores brasileiras. Sempre retomando a trajetória do Itamaraty e de seus antecessores em tom elogioso, o novo chanceler não deixa de admitir que será necessário se adequar ao contexto mundial e que o Brasil deve impor-se frente às políticas protecionistas já consolidadas das grandes potências globais. Como mencionamos, este é um período no qual as relações entre os países começa a se modificar, Setúbal menciona:

> É por isso que nossa política externa deve ser uma "diplomacia para resultados" — ou seja, flexível, criativa e realista. Seu ponto de partida é a explicitação de nossos interesses concretos no que se refere à retomada do crescimento e à redução de nossa vulnerabilidade externa nos campos financeiro, tecnológico e comercial. Sua

> implementação exige uma presença mais efetiva do Brasil nos debates multilaterais e nas negociações bilaterais, mediante uma ação capaz de propiciar a ampliação de nossa liberdade no manejo da política econômica e, por conseguinte, do controle sobre nossos próprios destinos. (SETÚBAL, 1985, não paginado).

Salientamos ainda, outro trecho do pronunciamento do ministro, no qual fica evidente, não somente a tentativa do Brasil de se impor frente ao restante do mundo no início da Nova República, como também a sua ligação com a figura de Tancredo Neves:

> Ao ter como fonte de legitimidade e autoridade moral de um Governo compromissado com a democracia, a "diplomacia para resultados" tem por objetivo global negociar com dignidade e eficiência nossa participação no cenário internacional. Em nenhum momento ela abdicará de nossa soberania e independência. Como vem afirmando o Presidente Tancredo Neves, não podemos aceitar "imposições que se valham de nossas situações de vulnerabilidade momentânea", razão pela qual "não negociaremos o inegociável nem dialogaremos sob pressão". (SETÚBAL, 1985, não paginado).

Depois de passar por mais alguns tópicos a respeito da política externa, Setúbal reforça seu posicionamento:

> A honra de integrar o Governo Tancredo Neves abre, para mim, a possibilidade de ser um participante ativo na construção de um regime voltado à causa da liberdade, da igualdade de direitos e do reconhecimento da dignidade do homem livre — princípios que a Nova República compromete-se a resgatar entre nós. (SETÚBAL, 1985, não paginado).

De acordo com Barreto Filho (2012), o período no qual Setúbal atua enquanto ministro é um momento de valorização da democracia e inserção do Brasil dentro do contexto de globalização. Dessa forma, a própria redemocratização brasileira era vista como um fator de abertura de diálogo do país com outras nações democráticas. Como já mencionamos, o Brasil busca aproximar-se das nações vizinhas na América do Sul, em especial da Argentina, que logo se encontrará na mesma situação de dívida externa que o Brasil.

Ainda, segundo o autor, o Brasil se insere nos debates diplomáticos que compunham os problemas da Guerra Fria, estudando nesse momento uma reaproximação diplomática de Cuba e se posicionando contra a intervenção americana na Nicarágua. O Brasil também se opunha à corrida armamentista. De forma mais específica, com relação à URSS, Barreto Filho (2012) ressalta que em dezembro de 1985 ocorre a primeira visita de um chanceler brasileiro à

União Soviética. Em tal situação Setúbal assina documentos com o ministro do comércio e o chanceler soviéticos.

No movimento de defender a autodeterminação dos povos e as soluções pacíficas para conflitos internacionais, o Itamaraty se posiciona contra o *apartheid* na África do Sul e favorávelmente à emancipação da Nâmibia. Estava na agenda internacional brasileira a adesão à defesa dos direitos humanos.

> O Brasil redemocratizado aderiria a diversos instrumentos internacionais sobre direitos humanos. Em 1985, o Presidente da República encaminhou à aprovação do Congresso Nacional, para posterior adesão do Brasil, os "Pactos Internacionais sobre Direitos Humanos", elaborados sob a égide da ONU, e a "Convenção Americana de Direitos Humanos". Em seu discurso à AGNU, ressalvou serem manifestações significativas do novo conceito democrático do Brasil a assinatura da "Convenção contra a Tortura" e o envio ao Congresso dos "Pactos Internacionais sobre Direitos Humanos". (BARRETO FILHO, 2012, p. 43-44).

Em 1986, conforme mencionamos, Sarney realizou uma reforma ministerial, trocando os ministros escolhidos pelo falecido Tancredo Neves a fim de fortalecer sua base de apoio no governo. Dessa forma, Setúbal é substituído por Roberto Costa de Abreu Sodré, que assumiu o cargo de chanceler em 1 de fevereiro de 1986. Seu discurso de posse é mais breve do que o de seu antecessor. No início, Sodré já explicita a sua ligação com o presidente José Sarney:

> A afinidade que me liga ao Presidente Sarney facilita a tarefa desta Pasta, pois honro-me de, com Sua Excelência, comungar dos mesmos ideais políticos, desde nossa juventude até a última etapa de transformação da democracia brasileira, unida em torno da Frente Democrática que criou a Nova República. (SODRÉ, 1986, não paginado).

Assim como Setúbal, Sodré demonstra a preocupação com a imposição do Brasil frente a outras nações:

> No presente, sem que se tenham de todo dissipado as preocupações com tais formas de conflito, o desafio é resguardar a soberania política e econômica, mediante clara definição de normas de convivência com empresas e tecnologia de fora, evitando novas modalidades de ocupação e conquista. (SODRÉ, 1986, não paginado).

O novo chanceler exalta o tema da paz durante o seu discurso. Em suas palavras:

> O Brasil sempre colocou — e continuará colocando — a sabedoria e a inteligência de seus diplomatas ao serviço das organizações internacionais construtoras de instrumentos e caminhos para o entendimento e a cooperação entre os povos. É incontestável a realidade de "um mundo só", "aldeia global", e demais expressões indicativas da interpenetração e interdependência das Nações no mundo de hoje. Uma política externa realista há de estar atenta para todo tipo de entendimento, quer bilateral, quer multilateral, conducente à convivência pacífica. Porque a convivência só pode ser pacífica. Pacífica ela será, ou, em caso contrário, as armas nucleares extirpariam as condições de vida no planeta. Conforta-nos constatar que é pertinaz e intenso, hoje mais do que nunca, o esforço para evitar a destruição, vislumbrando-se caminhos mais largos de entendimento entre as Nações detentoras daquele mortífero poder. (SODRÉ, 1986, não paginado).

Para além da preocupação com a questão pacifista, Sodré também aponta algumas outras questões que, cada vez mais, entravam em pauta na década de 1980. Para ele, "não basta eliminar os arsenais nucleares — sintoma e não causa. É preciso banir a intolerância racial, religiosa e ideológica" (SODRÉ, 1986, não paginado).

Segundo Barreto Filho (2012), de fato há nesse momento, como já havia ocorrido na gestão de Setúbal, uma grande preocupação com a questão pacifista.

> Nessa linha, a solução pacífica dos conflitos seria incluída entre os princípios pelos quais as relações internacionais do Brasil seriam regidas, conforme constou da nova Constituição Federal, aprovada em 1988: independência nacional; prevalência dos direitos humanos; autodeterminação dos povos; não intervenção; igualdade entre os Estados; defesa da paz; solução pacífica dos conflitos; repúdio ao terrorismo e ao racismo; cooperação entre os povos para o progresso da humanidade; e concessão de asilo político. (BARRETO FILHO, 2012, p. 57-58).

Ao mesmo tempo, de acordo com o autor, o Brasil continua a sua política de aproximação das outras nações da América do Sul e de oposição ao protecionismo norte-americano e de outras nações desenvolvidas. A Argentina seguiu sendo o maior foco da relação diplomática brasileira.

Outros países como Chile e Paraguai ainda se encontravam em processo de redemocratização na década de 1980. Vale mencionar que o Brasil concede exílio político à Stroessner após a queda de sua ditadura no Paraguai em 1989. Essas questões demonstram contradições no discurso internacional brasileiro, uma vez que, apesar da preocupação com os direitos humanos e a paz, o Brasil não toma medidas efetivas contra os criminosos de seu regime militar recém findado e mantém ainda relações pacíficas com outras ditaduras sul-americanas.

Barreto Filho (2012) expõe que é na gestão de Sodré que o Brasil efetivamente restabelece relações com Cuba, sendo que em 1987 o chanceler viaja oficialmente até o país. Ainda com relação à América Central, o Brasil segue com seu posicionamento sobre a Nicarágua. Sobre a invasão do Panamá, destaca-se a oposição feita pelo Grupo do Rio. Assim sendo, a relação do Brasil com os Estados Unidos segue na mesma dinâmica que apontamos anteriormente. Os principais tópicos de conflito diplomático entre os dois países são a Lei de Informática brasileira, a questão da dívida externa e as disputas comerciais.

A respeito da relação mantida com a URSS nesses anos, o autor menciona as visitas do chanceler em 1987 e do presidente Sarney em 1988 à potência socialista, o que simboliza de fato uma aproximação diplomática.

> De maior relevância na atuação multilateral brasileira, além das questões de direitos humanos e meio ambiente, seria a eleição do Brasil para assento não permanente no CSNU e sua proposta de criação de assentos adicionais permanentes naquele órgão. Teria relevância, no âmbito das questões de desarmamento e não proliferação de armas nucleares, a iniciativa brasileira de criação de uma Zona de Paz e Cooperação no Atlântico Sul. O país também participaria de novos foros plurilaterais que surgiam, entre os quais as reuniões ibero-americanas e as dos países de expressão portuguesa. (BARRETO FILHO, 2012, p. 102).

Ainda sobre a questão da relação econômica entre o Brasil e os Estados Unidos durante o governo Sarney, Maciel (2008) argumenta que houve certo embate com os Estados Unidos principalmente "nas questões da dívida externa, do protecionismo e da reserva de mercado." (MACIEL, 2008, p. 180). Ao mesmo tempo, a política de informática nacional desagradava aos norte-americanos. Segundo o autor

> Mesmo a visita de Sarney a Washington, em setembro, não resolveu o impasse, apesar de o governo brasileiro ter feito uma concessão e enviado ao Congresso lei, aprovada posteriormente, que reconhecia o direito de copyright das empresas estrangeiras que tivessem softwares utilizados pelos programas de informática brasileiros. (MACIEL, 2008, p. 180).

Tal situação só foi resolvida em 1989, ano final do mandato de José Sarney.

No ano de 1990 Fernando Collor assume a presidência do Brasil. No breve período em que ocupa tal cargo, nomeia como chanceler Francisco Rezek[13]. O novo ministro das Relações

13 Não tivemos acesso ao discurso de posse do ministro, de forma que não pudemos realizar uma análise tal qual fizemos com os discursos dos outros ministros.

Exteriores herda o cargo de Sodré em um momento de intensas mudanças mundiais. Barreto Filho aponta alguns dos principais eventos internacionais desse período:

> Durante a gestão de Francisco Rezek na chancelaria brasileira, a maior parte das questões internacionais em pauta refletiu o final da Guerra Fria e a formação de novo cenário mundial. Entre 1990 e início de 1992, os fatos mais relevantes seriam: na Europa, a reunificação da Alemanha e a renúncia de Gorbatchov como Presidente da URSS, cindindo-se esta em 15 repúblicas; no Oriente Médio, a guerra para liberar o Coveite da invasão iraquiana; na África, o fim do apartheid na África do Sul e a independência da Namíbia; na América Latina, a entrega por Pinochet do poder civil a um Presidente eleito, embora tenha conservado o controle dos militares. (BARRETO FILHO, 2012, p. 130).

Como analisamos, este é um período conturbado no Brasil, principalmente no que diz respeito à economia do país. De acordo com Sallum Júnior (2018), o pensamento neoliberal presente principalmente nos Estados Unidos e na Inglaterra a partir da década de 1970 ganha força no Brasil entre a classe empresarial e setores políticos a partir da ineficácia do Plano Cruzado e a questão da moratória de 1988. Essa mudança no pensamento econômico Brasileiro acabará por modificar algumas das políticas externas brasileiras em relação ao período anterior. Nas palavras do autor:

> Essa reorientação da política externa se materializou em três tipos de iniciativa: redução dos conflitos com os poderes centrais — o da dívida externa, da não proteção às patentes farmacêuticas e energia nuclear; ampliação da ação diplomática brasileira para incluir novos temas internacionais, como o do meio ambiente e o dos direitos humanos; e reforço da posição internacional brasileira com a construção de um bloco econômico regional, o Mercosul, com seus vizinhos meridionais da América do Sul — Argentina, Uruguai e Paraguai. (SALLUM JÚNIOR, 2018, p. 171-172).

O presidente Fernando Collor busca afastar-se do nacional-desenvolvimentismo que estava em vigor até então no cenário político e econômico brasileiro. Para Martins (2018), os países em desenvolvimento naquele período, como no caso do Brasil, tiveram que buscar reorientação internacional, uma vez que a dinâmica global estava em processo de brusca mudança e a bipolaridade causada pela Guerra Fria se desmanchava.

Dessa forma, esse novo momento na política e economia mundiais abrem as portas para as privatizações e o neoliberalismo no Brasil. Segundo o autor, essa tendência de abertura econômica iniciada no governo Collor acaba por se tornar uma tendência na política brasileira nos anos seguintes, uma vez que tal postura é entendida como fator de

modernização e democratização. É válido mencionar que, na década de 1990, não somente o Brasil, mas diversos países latino americanos adotam políticas neoliberais, visando inclusive uma solução para seus problemas de dívida externa. Barreto Filho (2012) enfatiza que é nesse momento em que Brasil e Argentina abraçam a proposta norte-americana intitulada Iniciativa para as Américas e propõem a criação do Mercosul.

Barreto Filho (2012) também destaca o posicionamento favorável do Brasil à criação da Comunidade dos Estados Independentes (CEI) que substituiu a antiga URSS, a visita de Nelson Mandela ao Brasil em 1991 acompanhada do fim do *apartheid* e a primeira Guerra do Golfo, no mesmo ano, que ocorre após a invasão do Kuwait pelo Iraque. Sobre esta última questão, o autor expõe que o Brasil, diferentemente da Argentina, não participa do bloqueio militar contra o Iraque, no entanto, interrompe as exportações para o país. De forma geral, o Brasil dá continuidade em sua postura com relação à defesa da democracia e dos direitos humanos em âmbito internacional.

A partir desta contextualização a respeito do cenário nacional e mundial dentro de nosso recorte temporal, passamos a seguir, para a análise das matérias de *O Estado de S. Paulo* e do *Voz da Unidade*.

3. URSS: UM CORPO DOENTE OU UM EXEMPLO DE NAÇÃO?

Realizaremos, nesta parte da pesquisa, o trabalho com as fontes, para tanto, gostaríamos primeiramente de aprofundar algumas informações acerca da trajetória de ambos os periódicos, a fim de que o leitor possa compreender o funcionamento de cada um desses veículos de imprensa bem como as questões ideológicas que os permeiam naquele momento. Em seguida, abordaremos nosso recorte temático, delineando cinco eventos que serão analisados a partir das fontes e, enfim, passamos para o trabalho efetivo de análise das páginas dos jornais.

3.1 *O ESTADO DE S. PAULO*: A CONSTRUÇÃO DE UM VEÍCULO DE IMPRENSA BURGUÊS

Recorrendo à página no site de *O Estado de S.Paulo* intitulada História do Grupo, podemos destacar alguns dos principais pontos sobre a criação e a história do periódico. Com o nome *A Província de São Paulo*, o jornal surgiu em 4 de janeiro de 1875.

> Seus fundadores foram um grupo de republicanos, liderados por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense, que decidiram criar um diário de notícias para combater a monarquia e a escravidão. É estabelecida uma linha mestra, que caracteriza o jornal até hoje: "fazer da sua independência o apanágio de sua força". (O ESTADO DE S. PAULO, 13 jun. 2022, não paginado).

O trecho acima evidencia a tentativa da construção de uma identidade liberal do jornal ligada ao período de seu surgimento no século XIX. Tal fato, como veremos durante esse capítulo, nos auxilia a analisar a memória discursiva mantida pelo periódico. Nessa página no site do jornal, há uma espécie de linha do tempo com diversos acontecimentos históricos e o papel que o *O Estado de S. Paulo* assumiu frente a estes eventos.

Segundo Eleutério, esse periódico

> resultava de uma aliança entre elites rurais e burguesia ascendente. Amparado em sólidos capitais, conjugou a ideologia elitista das classes dirigentes com um veio de defesa do cidadão. Marcado pelo arrojo dos avanços técnicos, o jornal garantiu seu lugar como um dos principais veículos de comunicação de São Paulo e mesmo do Brasil, durante a maior parte do século XX. (ELEUTÉRIO, 2020, p. 88-89).

O jornal é dirigido pela família Mesquita desde a década de 1890, quando Júlio Mesquita assumiu o cargo antes ocupado por Rangel Pestana. Júlio Mesquita teve envolvimento direto com a política brasileira, não somente através de seu veículo de imprensa, mas através da política institucional, uma vez que foi vereador, senador estadual e deputado federal.[14] Neste período, o jornal torna evidente seu posicionamento frente a algumas temáticas, como em 1910, quando apoia a candidatura de Rui Barbosa à presidência da República. No ano de 1924, Júlio Mesquita é preso e o jornal sofre censura, em decorrência da Revolução de 1924, a qual se opunha. Já em 1926, o periódico posicionou-se a favor da criação do Partido Democrático, que faria oposição ao governo da época, pertencente ao Partido Republicano Paulista.

É válido destacar o posicionamento dos grandes veículos de imprensa brasileiros frente às mudanças trazidas pelo socialismo no início do século XX. Segundo Cohen,

> O temor de uma revolução aumentou ainda mais depois de outubro de 1917, quando se deu a Revolução na Rússia. Desde então, o anticomunismo configurou-se como tema frequente nos jornais da grande imprensa. Para essa não havia diferença entre as diversas correntes do movimento operário: todos eram considerados comunistas, ameaçando a estabilidade das instituições e a ordem social. Assim, a estratégia discursiva dos jornais se configurava em notícias alarmantes sobre a Rússia pós-revolucionária, denunciando a perseguição religiosa, a fome e a miséria como produtos da nova situação política. (COHEN, 2020, p. 124).

No dia 15 de março de 1927, Júlio Mesquita faleceu, passando a direção do jornal para Júlio Mesquita Filho, Francisco Mesquita e Nestor Pestana. A década de 1930 foi um período bastante intenso politicamente e isto se reflete nas páginas do jornal. Na linha do tempo virtual do site o ano de 1932, referente à Revolução Constitucionalista é tratado da seguinte maneira:

> Uma das épocas mais difíceis para o jornal. Inconformados com o autoritarismo e o tratamento hostil de Getúlio Vargas e os "tenentes" a São Paulo, o **Estado** e o Partido Democrático se indispõem com a ditadura e formam uma aliança com alguns setores do PRP contra o governo federal. No dia 9 de julho estoura a revolução constitucionalista em defesa de eleições livres e de uma constituição. Francisco Mesquita vai para a frente de batalha enquanto Júlio de Mesquita Filho permanece

14 "A despeito da atuação institucional do proprietário do matutino paulista, que exerceu vário cargos públicos — vereador em Campinas (1887), cidade em que nasceu; deputado federal por São Paulo (1892), deputado estadual (1891, 1894, 1898, 1907 e 1910) e senador estadual (1912); líder na Câmara paulista (1892 e 1907), integrante da comissão executiva do PRP (1892 a 1984 e em 1896) —, tomou parte ativa nas cisões do partido e esteve entre os fundadores do PD" (LUCA, 2020, p.162).

> em São Paulo na liderança civil do movimento. Júlio de Mesquita Filho e Francisco Mesquita são presos e posteriormente exilados em Lisboa. (O ESTADO DE S. PAULO, 13 jun. 2022, não paginado, grifo do autor).

A narrativa construída pelo site do jornal, através destes eventos, naturaliza a oposição entre uma ideologia correta, a do próprio periódico, e a ideologia do "outro", ou seja, aqueles que divergem de suas opiniões. Há sempre um destaque positivo para as ações envolvendo o periódico e seus diretores, como no ano de 1934, quando os irmãos Mesquita voltam ao Brasil e participam do processo de criação da Universidade de São Paulo. Ainda, sobre a temática da ditadura Vargas, o site expõe que:

> Durante o Estado Novo, que consolidou a ditadura de Vargas neste ano, o Governo estado-novista tentou submeter o **Estado** à censura prévia. O jornal, porém conseguiu manter-se independente, encontrando meios de enfrentar o Regime Vargas mantendo os seus ideais jornalísticos. Não vendia páginas para propaganda getulista, farta em outros órgãos de imprensa. A repressão ao jornal era grande. Júlio de Mesquita Filho, então diretor, foi preso 17 vezes e afastado para o exílio. Francisco Mesquita seguiu no comando, sem alterar o caráter cívico e defensor da democracia do jornal. (O ESTADO DE S. PAULO, 13 jun. 2022, não paginado, grifo do autor).

Em 1935 o Congresso aprova a Lei de Segurança Nacional, fechando a Aliança Nacional Libertadora (ANL). No mesmo ano ocorreu a chamada — de maneira pejorativa — Intentona Comunista. A partir deste episódio o governo Vargas legitima uma série de atos anticomunistas e é apoiado pela grande imprensa, inclusive pelo *O Estado de S. Paulo* (LUCA; MARTINS, 2020).

Entre os anos de 1940 e 1945, o jornal ficou sob a intervenção do governo de Getúlio Vargas. O *OESP* não considera estas edições, elogiosas ao regime varguista, como pertencentes à história do jornal. Quando o periódico volta a circular sob a direção dos Mesquita, eles numeram a nova edição do jornal com o mesmo número que teve a primeira edição publicada sob intervenção getulista, mostrando dessa forma, seu posicionamento contrário à Getúlio Vargas.

Sobre o golpe militar de 1964, a página online do jornal explica que:

> O **Estado** apoia o movimento militar que depôs o presidente João Goulart, ao constatar que ele já não tinha autoridade para governar. Defendeu uma intervenção militar transitória. Porém, ao perceber que os radicais de extrema direita aumentavam sua influência e queriam a perpetuação dos militares no poder, o jornal

> retira seu apoio e passa a fazer oposição. (O ESTADO DE S. PAULO, 13 jun. 2022, não paginado, grifo do autor).

A partir de então, é mencionada a censura sofrida pelo jornal até o ano de 1975 e as estratégias utilizadas para driblá-la. Um caso marcante na história do periódico foi a censura do editorial intitulado Instituição em Frangalhos de 1968, o qual criticava o regime. Em 1975, com a morte de Júlio Mesquita Filho, Júlio Mesquita Neto vira o novo diretor de *O Estado de S. Paulo*. Ele ocupou o cargo até 5 de junho de 1996, quando faleceu. Capelato (2014), aponta o papel fundamental que a grande mídia teve enquanto agente político no período da Ditadura Militar, sobre a família Mesquita e o papel de *OESP*, ela salienta que:

> Os proprietários do jornal *O Estado de S. Paulo* exemplificam bem a relevância da imprensa na construção da história política do país. O depoimento de Ruy Mesquita revela quão significativa foi a sua participação e a de seu pai (Júlio Mesquita Filho) nas articulações do golpe de 1964.
> Segundo o jornalista, os liberais se engajaram no movimento para impedir o perigo comunista. Em entrevista à revista *Lua Nova*, relatou que a família Mesquita e outros civis participavam de reuniões semanais com os militares e chegaram a comprar armas. Referiu-se, também, à decepção que tiveram com os rumos da Revolução, mas concluiu afirmando não ter se arrependido do apoio dado ao Golpe porque o recurso a medidas de exceção "era inevitável". (CAPELATO, 2014, p. 304).

Segundo a autora, ao exaltar ações como a Marcha pela Família com Deus pela Liberdade, o jornal fazia alusão ao ano de 1932, quando houve a Revolução Constitucionalista, em oposição a Getúlio Vargas. As críticas do jornal à figura de João Goulart também eram provenientes, dentre outros motivos, da continuidade varguista em tal governo. Esse tipo de resgate, demonstra como funciona a memória discursiva do periódico. Para Capelato:

> A evocação da memória da Guerra de 1932 contra o governo Vargas, liderada e patrocinada pelos Mesquitas e seu grupo político, também constitui exemplo nítido de "uso político do passado".
> A memória de 32 utilizada para enaltecer a vitória dos conspiradores de 1964 tinha como objetivo conferir legitimidade ao golpe e, ao mesmo tempo, valer-se de um argumento e autoridade para enfatizar a participação democrática do jornal no passado e no presente. (CAPELATO, 2014, p. 311).

O jornal, no momento do recorte temporal desta pesquisa, ainda faz parte do grupo de comunicação de propriedade da família Mesquita, tal grupo também é responsável pelo Jornal

da Tarde, a agência de notícias *Estado*, a rádio *Eldorado* e a gráfica *OESP* (FONSECA, 1994). Podemos classificar esse periódico como um veículo de grande imprensa, compreendendo que "A 'grande imprensa' é assim definida por uma atuação de longa duração, pela amplitude de circulação e pela participação relevante em vários âmbitos da sociedade, inclusive na política." (CAPELATO, 2014, p. 303). Ainda sobre este ponto, Luca (2020) segue mais ou menos a mesma linha de pensamento. Para ela, o termo

> De forma genérica designa o conjunto de títulos que, num dado contexto, compõem a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro. (LUCA, 2020, p.149).

Como ficará evidente a partir da análise empreendida a seguir nas matérias jornalísticas do periódico, o *OESP* se constituiu ao longo de sua trajetória como um veículo de imprensa aliado ao liberalismo. Dessa forma, afirmamos que tal jornal é integrante e produto de uma formação ideológica burguesa. Consequentemente, a formação discursiva na qual está inserido reflete os mesmos ideais capitalistas, ocidentais e católicos presentes na formação ideológica em questão. Em sua trajetória, conforme destacamos, o *OESP* apresenta diversas contradições, uma vez que se vende enquanto um veículo liberal, porém, por diversas vezes esteve aliado ao conservadorismo. Sobre isso, Luca explica que

> O jornal sempre se manteve independente, zelo que se coadunava com a cartilha liberal seguida por Júlio de Mesquita. Tal liberdade diante de poderes constituídos era considerada essencial para o livre exercício da crítica, vista como indispensável ao pleno funcionamento do jogo democrático. Análises a respeito da trajetória do jornal bem evidenciaram os limites e as ambiguidades desse apregoado liberalismo, cuja fidelidade flutuava ao sabor das circunstâncias e diminuía sensivelmente diante de riscos efetivos de transformações sociopolíticas profundas. (LUCA, 2020, p.162).

Segundo Fonseca (1994), o periódico busca reforçar em seu conteúdo valores como moral, nação e pátria. Por outro lado, ele resgata em suas páginas diversas referências ao passado, tanto eventos quanto personagens. Reforçamos a partir disso, que o *OESP* constrói de forma bastante perspicaz a sua memória discursiva. Para o autor,

> A linguagem e o estilo editorial que adota, sendo-lhe peculiar desde suas origens, parece corroborar o conjunto de características aqui levantadas. Isto porque se expressa, nos editoriais, de forma empolada e formalista. É reverencial com os aliados e cínico/ácido e muitas vezes beligerante com os adversários/inimigos. Demonstrando certa erudição na tratativa dos diversos assuntos do cotidiano do país

> e da conjuntura internacional, dá um tom elitista a seus comentários. (FONSECA, 1994, p.108).

No momento da transição democrática e início da Nova República, segundo Fonseca (1994), o jornal busca colocar-se como um representante da moderação, em oposição à imagem que constrói da esquerda em temas como, por exemplo, a reforma agrária. Sobre esta polêmica temática, o periódico sempre se posiciona favoravelmente à propriedade privada e ao setor de grandes proprietários rurais. Ao mesmo tempo, no período da campanha pelas eleições diretas, o *OESP* procura apoiar eficientemente a candidatura de Aureliano Chaves, seja pela eleição indireta ou direta. O veículo esteve de acordo com o jogo da transição pelo alto, assumindo postura conciliatória, sem retomada crítica do passado recente do Brasil. De acordo com o autor:

> Requereu, portanto, uma saída institucional e política que envolvesse o regime e a oposição considerada "moderada", o que necessariamente implicaria no alto nível de continuidade do regime militar num governo civil saído de acordos tão amplos e profundos a ponto de o passado dos políticos e partidos ter de ser "esquecido", suprimindo duas décadas de memória do regime militar. (FONSECA, 1994, p. 115).

Fonseca (1994) destaca o posicionamento do jornal frente à polêmica do filme *Je vous salue, Marie* de Godard já explicada no capítulo anterior. O *OESP*, embora alinhado ao liberalismo, propõe a censura do filme, mostrando a sua faceta conservadora e cristã. Tal tópico demonstra a heterogeneidade presente na formação discursiva do jornal, uma vez que apoiar a censura é uma postura contraditória com o ideal liberal que tenta atribuir para si na construção de sua memória discursiva.

A formação discursiva do jornal trabalha de forma muito eficiente a figura do "outro". No texto de Fonseca (1994), são apontadas algumas das críticas feitas aos políticos brasileiro de esquerda, porém, como veremos ainda neste capítulo, esta construção da imagem do "outro" também pode ser observada na forma como as matérias do periódico tratam dos atores políticos soviéticos naquele momento. Os "outros" para o *OESP* são todos aqueles que não estão alinhados à sua lógica capitalista, ocidental, cristã e liberal. Nesse sentido, por vezes a forma a qual refere-se aos diversos personagens e eventos do momento final da Guerra Fria materializa a ideologia com a qual o jornal estava alinhado.

Outro importante ponto que devemos reforçar a partir do que já foi trabalhado na introdução é o fato de que os jornalistas de *OESP* são sujeitos descentrados, ou seja, seus processos de enunciação ocorrem a partir principalmente da demanda da instituição que representam. Embora o assujeitamento frente às ideologias presentes em uma sociedade não seja um processo absoluto e inescapável, entendemos que os jornalistas que escrevem para o periódico seguem a lógica de pensamento burguês já consolidada na instituição.

O *OESP* assim como outros veículos de comunicação, cria efeito de verdade — conforme expusemos na introdução do trabalho — em seus discursos, como se afirmasse o óbvio de forma naturalizada. Ou seja, trabalha como se essa rede de discursos não existisse e o seu "outro" estivesse sempre equivocado em suas afirmações.

Pensando nos conceitos da obra de Louis Althusser apropriados pela análise do discurso, classificamos a nossa fonte como um Aparelho Ideológico do Estado. Diferentemente dos Aparelhos Repressivos do Estado, que impõem aos indivíduos através da força física um determinado modo de comportamento em uma sociedade, os chamados AIEs, a exemplo da mídia, propõem através de táticas muito mais sutis a manutenção das relações de produção para este mesmo grupo de indivíduos. Althusser (2003) explica que geralmente tais aparelhos pertencem ao setor privado, como é o caso de *OESP*, que através de seu discurso, busca manter o modo de produção capitalista no Brasil. A trajetória do jornal aqui analisada, bem como o seu papel enquanto um Aparelho Ideológico do Estado, que materializa a ideologia da ordem burguesa autocrática brasileira, ficará evidente nas próximas páginas, a partir da análise das cinco temáticas escolhidas a respeito do fim da União Soviética.

As edições do jornal *O Estado de S. Paulo* escolhidas como fontes para nossa pesquisa contêm grandes quantidades de propagandas em suas páginas.[15] Na edição do dia 12 de março de 1985, cerca de 56% das páginas do jornal contêm anúncios.[16] Embora uma quantidade significativa destes anúncios seja de pequenas empresas ou prestação de serviços, bem como divulgação do próprio grupo *OESP*, conseguimos contabilizar ao menos 15 anúncios de

15 As estatísticas apresentadas em seguida foram feitas a partir das páginas de jornal disponíveis no acervo do site do *O Estado de S. Paulo*. Em algumas edições, possivelmente algumas páginas de jornal estão faltando, no entanto nosso cálculo está baseado nas páginas disponíveis para consulta.

16 Contabilizamos as páginas do jornal dos classificados e do painel de negócios, bem como publicidades no restante da edição. Não entram nessa conta editais, divulgação de eventos e comunicados. Também não contabilizamos as páginas de cadernos e suplementos.

grandes empresas, como multinacionais, bancos e construtoras. Nesta primeira edição nos chama atenção o anúncio de uma missa[17]. O mesmo padrão se repete nas demais edições, sendo que no jornal do dia 26 de fevereiro de 1986 aproximadamente 53% da edição é composta por publicidade. Com relação à temática da viagem de Sarney à URSS temos as seguintes porcentagens de páginas com anúncios em relação ao total de páginas dos jornais: edição nº 34.862 (60%), edição nº 34.863 (52%), edição nº 34.864 (81%) e edição nº 34.865 (52%). Nestas três últimas edições encontramos propagandas políticas também, para o candidato a vereador William Salem e para o candidato a vereador Odon Pereira. Nas últimas duas edições encontramos anúncios da Rede Globo.

Na edição nº 35.192 há a porcentagem de cerca de 83% páginas com propagandas. Dentre elas, mais uma propaganda política, para o candidato à presidência Guilherme Afif Domingos. Já na edição nº 35.193 a porcentagem é de cerca de 69%, com propaganda política para os candidatos à presidência da República Mário Covas e Paulo Maluf e também anúncios da TV Cultura.

Enfim, na edição nº 35.862 há a porcentagem de cerca de 59%, com anúncio da Rede Bandeirantes, dentre outros anúncios com o mesmo perfil das outras edições.

3.2 *VOZ DA UNIDADE*: A TRAJETÓRIA DE UM JORNAL PECEBISTA ALINHADO AO REFORMISMO.

Iniciaremos este tópico revisando a trajetória do PCB, uma vez que para entender o funcionamento do *Voz da Unidade*, é primordial que, em primeiro lugar, investiguemos a ideologia e as mudanças políticas que ocorrem dentro da instituição que produz tal periódico.

O PCB foi criado em 1922, a partir de um grupo de operários influenciados, em primeiro momento, pelo ideal anarquista e, posteriormente, pela Revolução Russa de 1917. Já na década de 1960, após a revelação ao mundo dos crimes de Stálin por Nikita Kruschev, há um racha no partido, sendo criado então, em 1962 o PCdoB — que durante a Ditadura Militar, optou pela luta armada. Diferentemente do PCB, o PCdoB acreditava no modelo da Revolução Chinesa. Desde esse momento, o PCB busca manter uma postura pacífica. Porém, tal atitude não é unânime entre seus membros e estes conflitos de ideias ficam bastante

17 Embora tenhamos optado por não contabilizar a divulgação de eventos, neste caso, a veiculação de um convite para uma missa pode auxiliar a ilustrar a FD do periódico.

evidentes nos anos compreendidos em nosso recorte temporal. No ano de 1980, o líder máximo do PCB, desde 1934, Luís Carlos Prestes racha com o partido justamente por se opor ao posicionamento reformista cada vez mais presente no partido. Em seu lugar, assume Giocondo Dias, integrante da ala que buscava renovar o pensamento do partido baseada nas ideias eurocomunistas que circulavam no período.

Ressaltamos que, durante o século XX, o chamado Partidão esteve legalizado em poucos momentos. Desde a sua criação em 1922, esteve na legalidade entre os anos de 1927 e 1929, depois entre 1945 e 1947, voltando definitivamente a ter seu registro oficial somente em 1985 com o fim da Ditadura Militar.

Durante estes anos, o Partido Comunista Brasileiro atuou de diversas maneiras e apoiou diferentes figuras políticas. Tal trajetória torna bastante complexa a análise da construção da memória narrativa e discursiva criada pelos diversos periódicos do PCB. Em alguns momentos, o partido pregou uma ação mais direta — a *práxis* revolucionária —, através de greves e até mesmo da revolução armada, como ocorreu em 1935, com o Levante Comunista. Em outros momentos, como no caso do nosso recorte temporal, o PCB valoriza a ação política através do voto e das instituições democráticas. O PCB "transitou da condição de partido revolucionário a partido com vocação para a política" (SEGATTO; SANTOS, 2007, p. 13). Nosso recorte temporal engloba os anos em que o Partido busca inserir-se no jogo político institucionazado, postura que passa a ser adotada principalmente após o suicídio de Getúlio Vargas em 24 de agosto de 1954. De acordo com Segatto e Santos:

> O PCB processou o abandono de sua mentalidade revolucionarista por um caminho de pedras. Sob o impacto do suicídio de Getúlio Vargas em 1954 e, depois, dos debates sobre o stalinismo de 1956-1957, os comunistas passaram a ter posturas mais lúcidas, orientadas por uma espécie de "praticismo ilustrado" que se afirmará em longo prazo. (SEGATTO; SANTOS, 2007, p.15).

Talvez, estas posturas sejam consideradas como "mais lúcidas" pela oposição, ou seja, pelos setores da sociedade brasileira que buscavam inserir seus oponentes em um jogo institucionalizado no qual poderiam ser melhor controlados, conforme analisamos no capítulo anterior. Acreditamos que, para além de "mais lúcidas", as posturas dos comunistas nesse período eram as mais viáveis.

A partir desse período, o PCB passa a adotar a defesa de um reformismo que, de acordo com os autores, dialoga com o pensamento pluriclassista. Ainda no período da Ditadura Militar, a postura pacífica do PCB é criticada.

> Assim como no pré-64 o PCB centralizara os debates dos grupos mais à esquerda por seu reformismo gradualista, nessa nova época o partido referenciará grande parte das discussões sobre os rumos da oposição, recebendo críticas por sua moderação pelo valor que atribuía às liberdades democráticas na estratégia da resistência à ditadura, centralidade anunciada na "Resolução política do Comitê Central do PCB" de maio de 1965. (SEGATTO; SANTOS, 2007, p.30).

Um dos exemplos da complexidade da trajetória do partido é a sua relação com a figura de Getúlio Vargas, que transita entre apoio e total oposição. Nesse sentido, podemos compreender uma questão que anos depois ainda estaria colocada quando houvesse a ascensão do Partido dos Trabalhadores dentro de nosso recorte temporal. Segundo Tavares:

> Desconstruir a atuação de Vargas no Estado Novo, sua mitologia, criticar seu discurso eram fundamentais para o partido, tendo em vista que a construção ideológica de Vargas como "pai dos pobres" o aproximava profundamente do setor da população que era o alvo preferencial do PCB, os trabalhadores urbanos. A ideologia trabalhista era um risco para os comunistas, pois o PCB buscava se identificar como o único partido operário. (TAVARES, 2017, p. 177).

Em 1985, o partido volta à legalidade, no entanto, passa a enfrentar um novo adversário político, o Partido dos Trabalhadores. No contexto da década de 1980, o PT, através principalmente da figura de Luís Inácio Lula da Silva passa a aglutinar diversos setores de esquerda que já não estavam mais satisfeitos com seus próprios grupos e partidos. Nas eleições de 1989, o candidato do PCB, Roberto Freire, tem uma quantidade de votos inexpressiva em relação à Lula, que chega ao segundo turno[18]. Paralelamente a estes fatos ocorridos no Brasil, a nível internacional, o ano de 1989 é marcado pela queda do Muro de Berlim, bem como a independência de diversos países que compunham a URSS, como analisamos no capítulo anterior. Aos poucos, o fim do socialismo na União Soviética, alavanca mudanças no PCB que estão refletidas nas páginas do *Voz da Unidade*.

---

18 Segundo as estatísticas apresentadas pelo próprio jornal na edição nº 472 de 23 de novembro de 1989, enquanto Lula obteve um total de 11.622.673 votos, que representa 16,08%, Freire recebeu somente 769.123 votos, contabilizando 1,06%. Entre os 22 candidatos, Lula ficou em segundo lugar, perdendo somente para Collor, enquanto Freire ficou em oitavo lugar.

Já no início dos movimentos anarquistas, a imprensa foi instrumento de difusão dos ideais dos grupos que surgiam, no entanto, diferentemente dos grandes veículos de comunicação, a exemplo de *O Estado de S. Paulo*, estas publicações eram efêmeras.

> Quase todos os jornais enfrentavam os problemas de duração e periodicidade irregular. A falta de recursos e a intensa repressão política eram fatores de preocupação permanente. Os conflitos entre patrões e operários variavam de intensidade, e qualquer sinal de perigo para a ordem era combatido com a invasão das pequenas oficinas de tipografia, destruição das máquinas e apreensão dos impressos. (COHEN, 2020, p. 124).

Com a predominância dos movimentos socialistas em detrimento dos anarquistas, a tática de utilizar a imprensa enquanto meio de difusão ideológica seguiu crescendo.

> Entre 1918 e 1922 assistiu-se ao declínio da predominância anarquista nos meios operários, como indica o lançamento do jornal *A Voz do Povo* pela Federação Operária do Rio de Janeiro em 1920. Em 1921 surgia, também no Rio de Janeiro, a revista *Movimento Comunista*, da qual saíram sete números. Com a fundação do Partido Comunista, iniciou-se a publicação de seu porta-voz oficial, *A Classe Operária*, jornal que curiosamente era impresso nas oficinas d'*O País*, jornal situacionista da capital federal. Depois de alguns números, *A Classe Operária* foi oficialmente substituído por *A Voz do Trabalhador* em 1925. (COHEN, 2020, p. 125).

Em sua trajetória, o Partido Comunista Brasileiro utilizou a publicação de diversos periódicos, desde 1922, a fim de divulgar as suas ideias entre seus membros e também entre o restante da sociedade. De acordo com Tavares:

> Desde a fundação, uma questão-chave para o partido foi difundir o ideário entre os trabalhadores brasileiros: lutando contra a falta de recursos e a repressão, o PCB começou a imprimir panfletos, cartazes, brochuras, fez alianças com jornais progressistas e utilizou periódicos sindicais até conquistar a própria imprensa. (TAVARES, 2017, p. 31).

O autor comenta que, embora o Partido tenha se engajado em difundir a sua ideologia através de outros meios, tais como o cinema e o rádio, a mídia impressa foi o dispositivo mais significativo para a sua comunicação com a população. Ele explica a importância dos desenhos na mídia pecebista, uma vez que este recurso imagético auxilia na difusão da ideologia do partido para seu público, composto também de pessoas analfabetas. Este é um

ponto de diferenciação com relação ao jornal *O Estado de S. Paulo*, que utiliza muito mais do texto escrito, uma vez que seu público-alvo é a classe média brasileira.

O leitor poderia inferir, a partir das diferenças apontadas até aqui, que pela longa duração de *OESP* e a efemeridade das publicações pecebistas, a memória discursiva seria um elemento que aparece somente no primeiro jornal. No entanto, enfatizamos que há também a construção de uma forma de discurso dentro dos veículos partidários de esquerda desde sua gênese.

> Os trabalhadores gráficos destacaram-se na liderança da organização do movimento operário. Tradicionalmente, esse foi sempre o setor mais intelectualizado da classe trabalhadora, uma vez que a natureza de sua ocupação exigia alfabetização, além do contato permanente com a produção intelectual. Essa formação resultou na **elaboração de um discurso próprio**, na formulação de uma identidade operária e na formação de uma camada militante que liderou a organização dos trabalhadores desde a segunda metade do século XX. (COHEN, 2020, p. 121, grifo nosso).

No período do recorte temporal desta pesquisa, a chamada imprensa alternativa, que teve grande importância durante a ditadura, já havia perdido espaço, ou seja, restavam poucos periódicos desse tipo. Dessa forma, consideramos o *Voz da Unidade* como um bom representante para demonstrar a formação ideológica e discursiva que regem a produção de um discurso de esquerda no período inicial da Nova República. O periódico circulou entre março de 1980 e junho de 1991, sendo que as suas últimas duas edições surgem já com o título de Partido Novo, tendo em vista o processo de desmanche do PCB. Lembramos também, que durante tal período, o PCB contou com outras publicações:

> Mencionem-se ainda duas outras publicações nos tempos finais do PCB: a revista *Presença,* editada na sequência do VII Congresso do PCB, de 1981-1982 até 1993, por alguns daqueles intelectuais pecebistas, numa tentativa de *aggiornamento* da cultura de esquerda no Brasil, e a revista *Novos Rumos*, nos anos de 1987-1994, quando seus editores buscam fazer uma ponte entre a renovação do socialismo real no contexto da perestróica e uma atualização do PCB que seria tentada por seu próprio núcleo dirigente, tardiamente, como se verá, em seu IX e último Congresso, de 1991. (SEGATTO; SANTOS, 2001, p. 16).

Norteamos a análise das matérias jornalísticas, que é apresentada a seguir, a partir da compreensão de que este é um período de mudanças e que isso também impacta na própria trajetória do PCB. "País e Partido, igualmente, viviam e respiravam um momento de

transição. A do país, social e política, e a do Partido, doutrinária e ideológica" (TORRES, 2009, p.12).

Sobre o nome escolhido para o periódico, Torres faz a seguinte análise:

> Ao dar esse título ao seu porta-voz, o PCB parte das intenções que norteiam para o todo do enunciado, ou seja, objetivando recuperar aquilo que lhe fora tirado durante o regime militar: a sua voz cidadã e a sua unidade (TORRES, 2009, p.31).

Ela salienta ainda que foi comum a utilização da palavra "voz" em títulos de periódicos ou publicações de esquerda no Brasil:

> algumas publicações (aqui no Brasil desde o século XIX), ligadas a causas sociais, trabalhistas, socialistas ou anarquistas, trazem para o título de seu informativo oficial a palavra voz para compô-lo, uma vez que os militantes desses movimentos reconheciam a importância dos jornais para fazer circular suas reivindicações e trazer, para elas, o maior número possível de adeptos. (TORRES, 2009, p. 56).

A partir das informações a respeito da trajetória do Partido e do *Voz da Unidade*, podemos afirmar que o jornal pertence à uma formação ideológica e discursiva de esquerda. Naquele momento, porém, de uma esquerda reformista, influenciada pelo eurocomunismo, uma esquerda que busca inserir-se na política brasileira e que luta pela democracia de forma pacífica, aliando-se a outros setores democráticos. Embora o PCB não tenha aderido à luta armada nos anos da Ditadura Militar, buscava desvincular-se da imagem do comunista guerrilheiro, bem como dos crimes do stalinismo. Também podemos definir sua formação ideológica como antiimperialista, algo presente desde os primeiros momentos nos discursos midiáticos do Partido. Neste sentido, apontamos para um caráter do interdiscurso. Segundo Mariani (1996), o PCB naquele momento procura defender-se dos sentidos criados pelo que ela chama de Formação Discursiva Brasileira, ou seja, dos grandes veículos de imprensa. Ela dá o exemplo do que ocorreu nas eleições de 1989:

> Ora, esse processo evidencia, em termos de materialidade lingüística, a presença de uma FD em outra, construindo, no caso das eleições de 1989, uma direção para a prática e para a memória discursivas. Trata-se de um processo tão forte que obrigou o candidato do PCB a passar boa parte da campanha denegando as imagens negativas constantemente retomadas. (MARIANI, 1996, p.49).

Para Torres (2009), através dos discursos presentes no jornal é possível notar as divergências presentes na própria instituição que o produz — analisando a heterogeneidade na formação discursiva do jornal. Segundo a autora, com o passar dos anos, aos poucos ocorrem modificações na linguagem e na aparência do jornal. Tais mudanças demonstram justamente a iniciativa renovadora dentro do PCB. Este processo culmina na mudança do nome do periódico para Partido Novo, e a criação do Partido Popular Socialista em 1992.

Assim como *OESP* constrói, através de sua formação discursiva, a imagem do "outro", ou seja, daqueles que são inimigos de sua ideologia, o *Voz da Unidade* também articula, através de seus discursos, a imagem de seus oponentes ideológicos. Em geral, a principal figura atacada é o capitalismo imperialista. Porém, no contexto com o qual trabalhamos, surge um novo "outro", não necessariamente visto como inimigo, mas como uma força oponente que ora é criticada e ora é apoiada, o PT. Para Torres (2009), o que o PCB vem construindo desde 1922 — a sua intenção de ser um partido que agrupa representa as classes trabalhadoras —, foi concluído na década de 1980 pelo Partido dos Trabalhadores.

A autora também ressalta a mudança de formatação pela qual o jornal passou em 1985. As suas matérias jornalísticas ficam mais curtas, visando atingir um público maior, algo que vai ao encontro daquilo que trabalhamos na introdução desta pesquisa, quando expusemos as mudanças ocorridas na mídia impressa a partir de sua concorrência com outros suportes.

Voltamos ainda em uma questão abordada na introdução do trabalho; a especificidade do discurso do *Voz da Unidade*, não somente como um veículo de informação, mas como um meio de propaganda política para um partido em específico. Sobre isso, citamos Charaudeau:

> *Discurso informativo* e *discurso propagandista* têm em comum o fato de estarem particularmente voltados para o seu alvo. O propagandista, para seduzir ou persuadir o alvo, o informativo, para transmitir-lhe saber. Em ambos, a organização do discurso depende das hipóteses feitas a respeito do alvo, especificamente a respeito dos imaginários nos quais este se move. (CHARAUDEAU, 2019, p.60).

Ainda sobre esta temática o autor explica:

> esses dois tipos de discurso distinguem-se pelo processo de veridição. No discurso propagandista, o *status* da verdade é da ordem do *que há de ser*, da promessa: um dom mágico é oferecido ("a eterna juventude", pelo publicitário, ou o "bem-estar social" pelo político), cuja realização benéfica para o alvo só se concretizará se este se apropriar do dom. No discurso informativo, o *status* da verdade é da ordem do que *já foi*: algo aconteceu no mundo, e é esse novo conhecimento proposto no

> instante de sua transmissão-consumação. Num discurso propagandista, não há nada a provar: o modelo proposto é o do desejo. Num discurso de informação, é preciso, ao contrário, provar a veracidade dos fatos transmitidos: o modelo proposto é o da credibilidade. (CHARAUDEAU, 2019, p.61).

Ou seja, ao analisar as edições do jornal *Voz da Unidade* deveremos levar em consideração esta especificidade de seu discurso.

3.3 AS CINCO TEMÁTICAS SELECIONADAS PARA ANÁLISE

Levando em conta o grande volume de publicações de nossas fontes entre os anos de 1985 e 1991, elencamos cinco temáticas que nos auxiliam na compreensão do processo de queda da União Soviética, elas são: a morte de Chernenko e a posse de Mikhail Gorbachev como secretário geral do PCUS, O XXVII Congresso do PCUS, a viagem de Sarney à URSS — que não faz parte da derrocada do regime soviético, mas que é bastante válida para nossa análise como explicaremos a seguir —, a queda do Muro de Berlim e, finalmente, o próprio anúncio do fim da União Soviética. Os cinco temas escolhidos representam nosso recorte com relação às fontes. Não objetivamos definir essa escolha como a única possível, uma vez que entre 1985 e 1991, seria possível delimitar diversos outros eventos que marcam o processo de queda da URSS. Tendo em vista a nossa limitação de tempo para a realização desta pesquisa e à falta de acesso à algumas edições do jornal *Voz da Unidade,* decidimos manter nosso enfoque em alguns acontecimentos mais pontuais, no entanto, ressaltamos a necessidade de não trabalhar somente com grandes eventos sem contextualizá-los dentro de processos de maior duração.

A morte de Chernenko e a posse de Mikhail Gorbachev, ocorridas no dia 11 de março de 1985, representam o ponto inicial de nossa análise, uma vez que o recorte temporal compreende a trajetória da última gestão política na União Soviética. Através desse evento, podemos investigar quais eram as expectativas mundiais, e também da mídia brasileira, para este novo momento da história soviética, tendo em vista o caráter reformista das propostas do novo secretário-geral.

O XXVII Congresso do PCUS, ocorrido entre 25 de fevereiro e 6 de março de 1986 em Moscou marca algumas das principais propostas políticas, sociais e econômicas que Gorbachev empreendeu durante os anos seguintes de seu governo, ou seja, neste evento temos

um embrião daquelas que serão suas principais ideias de reforma para a União Soviética, de forma que é importante investigar mais profundamente este momento. Lembramos, porém, que nesta época, estas mudanças ainda estavam em período de desenvolvimento, e não foram feitos grandes avanços na prática (REIS FILHO, 1997).

A terceira temática que investigamos é a visita oficial de José Sarney à URSS, ocorrida entre os dias 17 e 21 de outubro de 1988. Embora estas notícias não envolvam necessariamente a derrocada do sistema soviético, compreendemos que para o nosso recorte temático, tal acontecimento não poderia ficar de fora da análise, uma vez que através dele, poderemos ver de que forma a mídia noticiou essa reaproximação diplomática entre o Brasil e a União Soviética.

Em seguida, trabalhamos com a queda do Muro de Berlim no dia 9 de novembro de 1989, embora este acontecimento simbolize o fim da Alemanha Oriental, ele está totalmente interligado com o período final da União Soviética, como já explicamos. Neste mesmo ano, diversos países que faziam parte do bloco socialista passaram por processos de retomada do capitalismo, modificando o mapa europeu.

Finalmente, destacamos as notícias referentes ao fim da URSS em 25 de dezembro de 1991, com a renúncia de Gorbachev e a passagem do poder para Boris Ieltsin. A respeito dessa temática, trabalharemos somente com a edição do dia 26 de dezembro de 1991 do *OESP*, já que o *Voz da Unidade* não mais circulava no período.

No quadro organizamos quais edições dos jornais analisadas na pesquisa correspondem a tais eventos.

QUADRO 1 - Edições de *OESP* e *Voz da Unidade* correspondentes ao recorte temático da pesquisa (continua)

TEMÁTICA	**EDIÇÃO DE *O ESTADO DE S. PAULO***	**EDIÇÃO DO *VOZ DA UNIDADE***
Falecimento de Konstantin Chernenko/ Posse de Mikhail Gorbachev como secretário-geral da URSS	Edição nº 33.749 (12 de março de 1985)	Edição nº 241 (16 a 22 de março de 1985)
XXVII Congresso do PCUS	Edição nº 34.046 (26 de fevereiro de 1986)	Edição nº 287 (28 de fevereiro a 6 de março 1986)

QUADRO 1 - Edições de *OESP* e *Voz da Unidade* correspondentes ao recorte temático da pesquisa (conclusão)

TEMÁTICA	**EDIÇÃO DE *O ESTADO DE S. PAULO***	**EDIÇÃO DO *VOZ DA UNIDADE***
Visita oficial de José Sarney à URSS	Edição nº 34.862 (18 de outubro de 1988) Edição nº 34.863 (19 de outubro de 1988) Edição nº 34.864 (20 de outubro de 1988) Edição nº 34.865 (21 de outubro de 1988)	Edição nº 416 (14 a 20 de outubro de 1988) Edição nº 417 (21 a 27 de outubro de 1988)
Queda do Muro de Berlim	Edição nº 35.192 (9 de novembro de 1989) Edição nº 35.193 (10 de novembro de 1989)	Edição nº 472 (23 de novembro de 1989)
Fim da URSS	Edição nº 35.862 (26 de dezembro de 1991)	O periódico não estava em circulação na data de 25 de dezembro de 1991

FONTE: A autora (2022)

Salientamos que a diferença de periodicidade entre os veículos de comunicação fazem com que tenhamos que utilizar mais edições de *OESP* do que do *Voz da Unidade* para avaliar os mesmos acontecimentos, uma vez que com o espaço de uma semana para a publicação, o *Voz* acaba por noticiar eventos de forma mais resumida e completa do que o *OESP*, que diariamente expõe novos fatos sobre determinado assunto, como veremos principalmente no caso da viagem de Sarney à URSS.

A importância de cada um dos temas levantados para a construção do presente estudo foi descoberta a partir principalmente da leitura da bibliografia a respeito do período final da história da URSS. Por outro lado, em uma análise prévia do *corpus* documental, o qual tivemos acesso somente de forma digital, como mencionamos, percebemos que teríamos uma visão completa dos dois veículos de imprensa sobre os eventos escolhidos. Outras temáticas também poderiam ser significativas para nosso estudo, como por exemplo a cobertura do desastre núclear na usina de Chernobyl, porém, não tivemos acesso à edição do *Voz da Unidade* daqueles dias. Tendo em vista que, entre 1985 e 1991 foram publicadas 281 edições do *Voz da Unidade* e 1.976 do *OESP* teríamos uma tarefa praticamente impossível de análise se não colocassemos um recorte mais específico de estudo.

Passamos agora diretamente à análise das fontes.

3.4 MORTE DE CHERNENKO E POSSE DE GORBACHEV

Iniciamos a análise partindo da edição nº 33.749 de *O Estado de S. Paulo*, do dia 12 de março de 1985, na qual é anunciada a posse de Mikhail Gorbachev como secretário-geral do PCUS. O fato ocorreu ainda no dia 11, de forma que a notícia foi anunciada no dia seguinte.

O periódico dá grande destaque ao acontecimento, trazendo-o já como manchete na primeira página: "Morre Chernenko. Gorbachev no poder"[19]. Logo abaixo do título há uma adição de imagens[20], na qual ao lado esquerdo há uma fotografia de um aparelho de TV mostrando a imagem de Chernenko e no lado direito há uma imagem do rosto de Gorbachev. A maneira como as duas fotografias estão dispostas ajudam na criação de uma narrativa, de forma que o leitor pode compreender melhor os fatos ocorridos. A legenda da composição de imagens auxilia nesse processo: "A TV soviética comunica a morte de Chernenko, aos 73 anos. Pouco depois, surge o sucessor, Mikhail Gorbachev, 54 anos".

Na mesma página há também o título "Um apelo ao diálogo. E Reagan já aceitou". Estas chamadas convidam o leitor a buscar mais informações na seção *Exterior*, entre as páginas 8 e 15 desta edição, na qual a temática da sucessão do poder ocupa quase todo o conteúdo. Como veremos adiante, os textos jornalísticos presentes nesta seção nos auxiliam a compreender a visão que o periódico pretende passar ao leitor sobre os eventos na URSS, alguns mais vestidos de imparcialidade e outros mais explícitos quanto ao posicionamento político e ideológico do jornal. Esta é uma fórmula que se repete em praticamente todo o material analisado de *OESP*.

A variedade de engajamento nos gêneros de textos jornalísticos é muito bem explorada na obra de Charaudeau (2019). Retomando a informação trazida na introdução do trabalho, destacamos que o autor propõe uma categorização destes gêneros entre Acontecimento Relatado (AR), ou seja, textos nos quais os eventos em destaque são descritos, Acontecimento Comentado (AC), quando há uma interpretação das informações para o leitor e, enfim, Acontecimento Provocado (AP), quando é o próprio veículo de mídia que constrói o conteúdo que irá passar ao leitor, como no caso de entrevistas. Para além desta classificação, Charaudeau (2019) também categoriza os textos jornalísticos entre mais ou menos engajados.

19 Todas as reportagens e fotografias mencionadas no texto podem ser consultadas nos Anexos da dissertação.

20 Conforme Vilches (1987), a adição de fotografias na imprensa a nível da sintaxe visual se dá através de colagens ou o encadeamento de mais de uma imagem nas páginas do jornal. Isto pode ocorrer em uma mesma página do periódico ou em páginas consecutivas.

Note-se que este maior ou menor grau de engajamento pode ocorrer em textos da instância interna do jornal, como no caso do editorial, ou em uma instância externa como no caso de análise de especialistas que não fazem parte do quadro de funcionários do periódico.

O *OESP* busca criar ou reproduzir certas imagens a respeito dos atores políticos envolvidos no cenário político mundial da segunda metade da década de 1980. Essa construção ocorre, principalmente, através de adjetivos utilizados para qualificar personagens como Gorbachev, Chernenko, Thatcher e Reagan, dentre outros. Em muitos momentos, de forma bastante direta, principalmente no que tange à URSS, a imagem construída de seus líderes se confunde com a própria nação que governam e, dessa forma, o jornal resgata a memória discursiva anticomunista já consolidada na mídia tradicional brasileira. Visto isso, passaremos agora a análise de cada uma das páginas apontando os principais pontos e destacando as sequências discursivas mais importantes.

Na página 8 é repetida a manchete da primeira página e logo em seguida são apresentadas as principais informações sobre o evento. Sobre o novo secretário é mencionado:

> (1) Porém, apenas quatro horas depois da agência Tass ter anunciado oficialmente a morte de Chernenko, surgiu o nome do sucessor, Mikhail Gorbachev, **o mais jovem integrante do Politburo**[21] (54 anos) e **partidário de profundas reformas na estrutura de produção soviética**.[22]

Ainda,

> (2) Enquanto o corpo de Chernenko era velado na Casa dos Sindicatos, rodeado por membros do Politburo (o enterro será amanhã), anunciava-se em Genebra que as negociações sobre controle de armas nucleares entre a URSS e os EUA serão reiniciadas hoje[…].

Enquanto a primeira sequência discursiva nos apresenta algumas ideias iniciais do jornal a respeito do novo líder, ou seja, a sua idade e suas ideias reformistas, a segunda sequência discursiva destacada nos demonstra a preocupação de *OESP* com a situação da Guerra Fria diante do evento da sucessão de poder, evidenciando dessa forma o peso da condição de produção do discurso em sua formulação.

---

21 Todas as vezes em que aparecem trechos grifados nas sequências discursivas extraídas das fontes, são grifos nossos, feitos para destacar para o leitor alguma informação que achamos relevante.

22 Para não gerar confusão entre a numeração dos tópicos que dividem a estrutura do texto e a numeração das sequências discursivas, optamos por usar os parênteses para estas últimas.

Ao lado desse texto, é reproduzido o comunicado do comitê central do PC da URSS sobre a morte de Chernenko. Nesta edição do jornal, este é um dos poucos espaços nos quais é citada diretamente a fala dos adversários ideológicos do periódico. Segundo Mariani (1996), por muitos anos, os periódicos de grande circulação brasileira, de ideologia anticomunista, evitam ao máximo dar voz aos seus "outros". Já na década de 1980, no entanto, devido a diminuição da ideia de um "perigo comunista", este processo começa a ser revertido. Dessa maneira, como veremos na análise desta edição e nas próximas, por vezes o *OESP* tende apenas a "falar sobre" os comunistas, e em outros momentos chega a dar voz aos políticos soviéticos. No caso da edição do dia 12 de março de 1985, notamos principalmente que o jornal reproduz em grande quantidade a fala de políticos/especialistas ocidentais a respeito do novo líder soviético.

Logo abaixo, no lado esquerdo da página, há o seguinte título:

(3) "A notícia na TV, com várias horas de atraso".

É sintomático que uma das principais notícias da primeira página da seção *Exterior* do jornal, se refira a tal questão. De certa forma, é como se o periódico visasse lembrar ao leitor, logo após noticiar os fatos referentes a morte de Chernenko e da escolha do novo secretário, que as informações são cerceadas na União Soviética e que a sua população não tem acesso imediato aos importantes eventos ocorridos em seu próprio país. Essa construção de sentido também surge nos seguintes trechos:

(4) "[...] confirmando com quase 19h de atraso, os rumores cada vez mais insistentes que circulavam por todo o país: Chernenko estava morto";

(5) "Os indícios sobre a morte de um importante dirigente do Cremlin tornaram-se cada vez mais evidentes [...]";

(6) "Na manhã de ontem , os indícios sobre a morte de Chernenko tornaram-se ainda mais claros".

Logo em seguida, abaixo desse texto, há mais informações acerca de seu velório e do desenvolvimento de sua doença, que já era visível para a população desde que o ex-secretário havia assumido o cargo. Neste box de informação há a adjunção de três fotografias que mostram o falecido líder soviético.

Salientamos a importância da imagem reproduzida no centro da página 8. Nela é possível ver duas fotografias. Do lado esquerdo há a figura de Chernenko acenando para a

câmera, como alguém que se despede, já do lado direito, há a imagem do rosto de Gorbachev encoberto por uma sombra. Podemos apontar para um processo de supressão parcial do objeto da fotografia, de acordo com Vilches (1987). Como explicamos anteriormente, essas formas de manipulações da fotografia de imprensa, servem para passar determinadas ideias ao público, neste caso, acreditamos que a reprodução de tal fotografia sirva para demonstrar como as intenções do novo líder ainda não são completamente conhecidas e, portanto, deve-se ter certa desconfiança com a sua figura. Abaixo há a legenda:

(7) "A morte do **ortodoxo** Chernenko abriu caminho para o **reformista** Gorbachev".

O periódico constrói duas figuras distintas, a de Chernenko, representante do conservadorismo soviético, doente, idoso, falecido e ortodoxo. Por outro lado, a sua morte "abre o caminho" para a segunda figura, a de Gorbachev, para atuar enquanto um político jovem, reformista e representante de um diálogo com o ocidente. Ainda assim, sua fotografia sugere a necessidade de atenção. A respeito do envelhecimento dos líderes soviéticos, citamos Reis Filho:

> A militância envelhecera. Em 1939, apenas 18,5% tinham mais de 40 anos. Quando se realizou o XIX Congresso , em 1951, 76,6% encontravam-se nesta faixa etária (15,5% com mais de 50 anos). Nos organismos dirigentes, estas proporções acentuavam-se, preocupantes, reforçando tendências conservadoras, indicando, talvez, sinais precoces de esclerose (REIS FILHO, 1997, p.185).

É curioso pensar que embora o jornal faça esta representação de Chernenko, os próprios líderes ocidentais neoliberais que apoia neste momento são também idosos, como Ronald Reagan que em 1985 tinha 74 anos e Margaret Thatcher que tinha 60 anos. Outros países também tinham presidentes em idade avançada como a França, cujo presidente, François Mitterand, tinha 69 anos e a Alemanha Ocidental, cujo presidente, Richard von Weizsäcker, tinha 65 anos. Em geral nunca foi comum que pessoas muito jovens ocupassem cargos políticos de grande importância, em qualquer país. De qualquer maneira, de fato há na política soviética uma gerontocracia, de forma que aqueles que sobreviveram ao stalinismo seguiram ocupando o poder político até que Mikhail Gorbachev assumisse o cargo de secretário-geral. Alexiévitch (2016) reúne, por exemplo, relatos de pessoas comuns que viveram na URSS, dentre os quais se é dito que não havia mais surpresa quando um líder soviético falecia, dada a idade avançada.

Este discurso fica ainda mais explícito na reportagem que segue a imagem, intitulada "Desde os 20 anos na escada do poder", nela, a jornalista Cecília Thompson faz um histórico da trajetória política de Chernenko, reforçando sua situação de fragilidade quando assume o cargo de secretário-geral do PCUS. No seguinte trecho, há novamente a ênfase na oposição das figuras de Chernenko e Gorbachev:

> (8) No domingo, finalmente, **o último representante da Velha Guarda** morreu, depois de um ano e um mês no poder, que, se não lhe bastaram para criar um estilo pessoal de governo, pelo menos não envolveram reformas radicais: seu estilo continuísta teve o efeito, paradoxal, de manter Gorbachov numa posição que não lhe dificultou agora, a ascensão a um posto que lhe vai permitir por em prática todas as reformas iniciadas e não concluídas por Andropov.

Outro importante ponto neste texto é a reprodução de uma imagem do rosto de Chernenko com o seguinte texto ao lado:

(9) "As fotos sempre mostram a imagem de **um homem doente e cansado** antes mesmo de ser indicado o **sucessor de Andropov**".

Esta imagem é uma supressão parcial[23] de uma fotografia, de forma que o rosto do ex-secretário-geral fica evidenciado. O texto juntamente ao recorte muito próximo do rosto do homem idoso direciona a interpretação do leitor para crer que ele de fato já estava bastante próximo à morte.

Na notícia "Foi a vontade de Deus. Ele está contente" situada no lado direito da página 8 percebemos a utilização de um recurso adotado com frequência por periódicos. O que Guilhaumou, Maldidier e Robin (2016) chamam de vívido-percebido. Segundo os autores, nesse estilo de texto midiático, grandes planos descritivos são apresentados aos leitores, trazendo à tona no texto os processos-espetáculos. Ou seja, através desta estratégia, o leitor visualiza imagens evocadas pelo jornalista em tom simultâneo, como se estivesse presente nos eventos noticiados, porém, enxerga a realidade através do filtro produzido pelo escritor do texto. Nas palavras dos autores: "Aqui, o jornalista é somente uma câmera que registra o 'real'" (GUILHAUMOU; MALDIDIER; ROBIN, 2016, p.56). Os seguintes trechos da notícia trazem ao leitor a experiência do vívido-percebido:

23 Levando em consideração a obra de Vilches (1987) esta poderia ser considerada uma supressão parcial da fotografia a nível de suporte material.

(10) "Silenciosos moscovitas de todas as idades concentravam-se, ontem, por trás dos cordões policiais, na Praça Vermelha [...]";

(11) "A praça foi enchendo-se de gente, milhares de pessoas silenciosas sob um céu azul, enquanto o sol de inverno dourava as cúpulas".

Podemos associar a utilização do vívido-percebido à tentativa da imprensa de se equiparar ao rádio e à TV, uma vez que não tem como transmitir simultaneamente os eventos que cobre, conforme mencionamos na introdução.

Ainda na página 8, há um breve texto intitulado "Margaret gosta dele", no qual é apontado o fato de que a primeira ministra britânica é favorável à Gorbachev, no entanto, a todo momento, o texto é construído visando um duplo sentido, em tom jocoso, em torno do fato de Margaret Thatcher ter afirmado "gostar" de Gorbachev. Há um sentido irônico, que assume, de certa forma, um caráter sexista, ao atribuir à fala da líder um caráter romântico ou sexual. O jornal está preocupado em passar ao leitor, constantemente, quais eram as opiniões dos grandes líderes ocidentais neoliberais a respeito de Gorbachev.

Na próxima página é repetida a notícia a respeito da proposta de diálogo entre Reagan e Gorbachev. É reforçada a ideia de que tudo já estava pronto para a posse de Gorbachev, uma vez que na URSS, era conhecido o estado de saúde de Chernenko. Em seguida, na reportagem de A.M. Pimenta, correspondente de Washington, denominada "Mudanças esperarão a consolidação do poder", são apresentadas algumas previsões realizadas pelos norte-americanos a respeito do novo governo soviético. Nela, destacamos adjetivos ligados à figura de Gorbachev e sua esposa Raísa Gorbachev:

> (12) Ao visitar Londres em dezembro passado, Gorbachev causou profunda impressão na primeira-ministra Margaret Thatcher e em outros líderes britânicos. Ele e sua mulher foram vistos pela imprensa local como **sofisticados** e **modernos**. Ninguém se atreveria a dizer coisas semelhantes dos líderes soviéticos desde Stalin.

Novamente o jornal atribui valor positivo ao reconhecimento de Gorbachev por parte de líderes ocidentais, como Reagan e Thatcher. As palavras "sofisticados" e "modernos" são utilizadas para opor a figura do líder às figuras de seus antecessores. Reis Filho (1997) explica que de fato, Gorbachev e sua esposa causaram "boa impressão" no mundo ocidental capitalista: "Em rápidos movimentos. Gorbachev impôs-se à atenção mundial. Pelas propostas

conciliatórias. Pelo diálogo que passou a encarnar. Pela exposição de charme, o seu e o de sua mulher, Raissa" (REIS FILHO, 1997, p.232).

Em seguida, porém, o leitor é alertado:

(13) "[...] os Estados Unidos não deveriam deixar-se enganar pela aparência do casal Gorbachev [...]".

Tal enunciado reforça o sentido criado pela imagem do rosto de Gorbachev encoberto por uma sombra na outra página, uma vez que, segundo tal construção, não é possível confiar plenamente no novo secretário-geral.

Apontamos também o seguinte trecho:

(14) "O presidente Reagan, que continua **saudável** aos 74 anos".

Tendo em vista que nessa parte da reportagem, não se tratava especificamente de qualquer questão relacionada à saúde, podemos inferir que é colocada uma relação de oposição entre o idoso saudável e representante dos Estados Unidos, Ronald Reagan, e o velho doente e falecido, representante da URSS, Chernenko.

O centro da página é ocupado por uma adjunção de imagens na vertical, formando uma linha do tempo, no qual são apresentadas fotos dos funerais dos falecidos líderes soviéticos, desde Lênin em 1924 até Chernenko em 1985, sendo que foram excluídos das imagens Malenkov (falecido somente de 1988) e Kruchev. Podemos inferir que a escolha de apresentar imagens de funerais de líderes soviéticos não somente dialoga com o evento da morte de Chernenko, mas acaba reafirmando, indiretamente a ideia de que a URSS é um corpo doente prestes a falecer, assim como seus antigos líderes.

A imagem é seguida da reportagem "Malenkov e Kruchev, a morte no esquecimento". Nela, novamente é apresentada uma diferenciação de imagem entre os antigos líderes e os novos atores políticos da URSS:

> (15) Nos primeiros 36 anos da revolução soviética, só houve dois dirigentes, enquanto nos últimos 32 anos, cinco ocuparam o poder, três desde novembro de 1983. A rápida sucessão de dirigentes desta última fase permite duas conclusões: a direção soviética não entregou o poder a quem não tivesse começado a carreira na época de Stalin; e a geração da década de 20 esgota-se, razão por que, depois de Chernenko, outra geração mais jovem administrará os destinos da URSS. Desde Stalin, os dirigentes soviéticos consideraram sua nação um país bloqueado, cuja posição no mundo se viu sempre favorecida pela debilidade do Ocidente.

Mais um trecho chama a nossa atenção:

> (16) A história do Estado soviético tem sido uma confrontação permanente, na qual se inseriu a política de Stalin, após a Segunda Guerra Mundial, centralizada na criação de uma linha de países socialistas na Europa Oriental para manter o "inimigo" afastado de suas fronteiras.

Nesta última sequência discursiva, a palavra inimigo aparece entre aspas, o que evidencia o posicionamento do jornal frente ao conflito da Guerra Fria, uma vez que as aspas indicam uma mudança no sentido de determinada palavra, ou seja, o jornal não concorda que as nações que fazem oposição aos socialistas sejam de fato inimigas, uma vez que está alinhado ideologicamente a elas. Mariani (1996) aponta que o uso de aspas na matéria jornalística pode significar uma forma de parceria com o leitor, uma vez que ele partilhará com o jornal a criação de um sentido de ironia. O *OESP* pressupõe, dessa maneira, que seu leitor concorda com seu posicionamento político.

No lado direito da página 9, há a reportagem intitulada:

(17) "O PC é o **motor da máquina burocrática**"

Ela é assinada por A.C e, como o título indica, nela o leitor é informado de que independentemente das estruturas de poder presentes na União Soviética, na prática, é o PCUS que controla tudo que ocorre na potência. Para tanto, há a repetição de um mesmo tipo de frases:

(18) "**Teoricamente** existem várias fontes de poder na URSS, mas é o PCUS que manipula os fios e 'supervisiona' todas elas";

(19) "**Teoricamente**, o Soviete Supremo é a fonte da legislação, mas na verdade limita-se a aprovar a política elaborada pela cúpula.";

(20) "O Conselho de Ministros é **teoricamente** o executivo, [...] mas na prática também está atrelado ao Partido".

É atribuído ao PCUS um papel manipulador. Através dessa construção de discurso, o *OESP* reforça a ideia de que a URSS encobre o que realmente ocorre, como no caso da demora na divulgação da notícia do falecimento de Chernenko. Nessa reportagem o jornal busca legitimar seu discurso acerca da situação soviética a partir da reprodução da fala de um dissidente do regime,Viktor Suvorov. Esta estratégia também é utilizada em outros textos e edições do jornal. Para Charaudeau (2019) isso se constitui enquanto um comentário feito por alguém externo ao jornal, com alto grau de engajamento, no entanto, Viktor Suvorov não seria

somente um especialista no tema, pois também está próximo da figura de uma testemunha. Segundo o autor: "Observando-se a presença do cidadão de base nas mídias, percebe-se que ele aparece essencialmente sob duas figuras: o do cidadão *vítima* ou *reivindicador*, ou o do cidadão *testemunha*" (CHARAUDEAU, 2019, p.194). Nesse caso, o dissidente do regime aparece como uma vítima do socialismo.

O grau de engajamento aumenta nos próximos textos da edição. Embora Charaudeau (2019) tenha classificado os textos jornalísticos entre AR, AC e AP, ele ressalta que esta não é uma estrutura fixa e que os jornais podem misturar em um mesmo gênero estas classificações. É o que notamos em *OESP*, que na maioria das vezes, mistura relato com comentário. Nas próximas matérias, no entanto, a opinião do periódico ficará muito mais explícita para o leitor.

Na página 10, foi reproduzida uma matéria do jornal *L'express*[24], assinada por Bernard Ullmann, nela, encontramos adjetivos sobre Gorbachev já no título:

(21) "**Simpático e frio, o senhor da URSS**".

O texto começa com a descrição física de Gorbachev. Qual seria o motivo para isso, se o texto poderia ser simplesmente substituído pela reprodução de uma fotografia do novo líder? A resposta é: a adjetivação conduz o leitor à uma imagem específica, possivelmente diferente daquela que ele interpretaria ao ver uma fotografia de Gorbachev. Mais uma vez, é feita uma grotesca representação dos políticos soviéticos e, cada adjetivo utilizado é associado à situação da URSS. Segue a descrição do rosto de Gorbachev:

> (22) **Rosto redondo** e **fisionomia simpática**, **olhar frio**, uma **marca de nascença no crânio calvo** [...] **lábios grossos**, **prontos para o sorriso e para o escárnio**: este é Mikhail Sergueievitch Gorbachev, **54 anos**, **o novo número um da União Soviética**.

Em seguida, o jornalista faz uma comparação:

> (23) "Gosto muito de Mikhail Gorbachev", proclamou Margaret Thatcher (sua confissão espontânea faz lembrar outra, de Truman que, em Potsdam, em 1945, afirmou que "simpatizava muito como o velho Jô", o mesmo Stalin que estava prestes a devorar metade da Europa).

24 Entendemos que, embora a reportagem não tenha sido escrita pelo *O Estado de S. Paulo*, reflete as suas opiniões, uma vez que está reproduzida em suas páginas. Dessa forma, analisaremos o texto da mesma maneira que as outras matérias.

Essa fala é uma provocação para que o leitor deduza que a situação de 1945 pode se repetir, ligando a figura de Gorbachev à de Stalin. Ou seja, é reforçada a desconfiança com relação ao novo líder. Em seguida, porém, o autor ameniza seu comentário:

(24) "Entretanto, é preciso reconhecer que Gorbachev, pelo menos **aparenta ser bem menos rude que seus antigos companheiros do Cremlin**".

Embora o caráter negativo atribuído ao líder tenha sido atenuado, essa estratégia serve para apontar que seus antecessores eram ainda piores que ele. Em seguida há mais um trecho de caracterização dos políticos da URSS:

> (25) Em 9 de fevereiro de 1984 Andropov morreu. Cedo demais: Gorbachev ainda não estava pronto para o passo decisivo. O escolhido para suceder Andropov foi Chernenko, **fiel discípulo de Brezhnev**. O enfizema de Chernenko desempenhou um papel na ocasião: **os velhos hierarcas do Cremlin** contaram com a moléstia para eleger um um chefe que não sobrevivesse a eles próprios, durante muito tempo.

No lado superior direito da página, é reproduzida uma fotografia de Gorbachev e sua esposa ao lado de Margaret Thatcher. Em todos os textos o jornal procura retratar a relação do novo líder com o ocidente. Isto fica evidente na legenda da imagem:

(26) "Gorbachev e sua mulher Raisa encantaram a **conservadora** Margaret Thatcher".

Logo abaixo está a reportagem "Uma longa etapa de transição", também de A.C. Destacamos a sequência:

> (27) Mas esses analistas em geral também notam que Gorbachev, apesar de toda a sua **"juventude" e entusiasmo**, terá de cumprir uma longa e dura etapa de transição, destinada a trazer para seu lado o poderoso **"clã" conservador**, do qual Chernenko foi um **representante**. A opinião geral é de que essa etapa de transição, durante a qual Gorbachev lutará para consolidar seu poder, se estenderá por uns cinco anos.

Nesse enunciado, salientamos dois pontos; o primeiro é o reforço da ideia de jovialidade e entusiasmo para a figura do novo líder em oposição ao conservadorismo de Chernenko. Embora a palavra juventude apareça entre aspas, e aqui retomamos o que Mariani (1996) explica a respeito do efeito de ironia que as aspas podem causar no discurso, uma vez que, provavelmente, para o jornal, Gorbachev não é de fato jovem, somente mais jovem do que seus antecessores que de fato eram bastante idosos. Por outro lado, pontuamos que nesse momento ainda não há a percepção de que na verdade, nos próximos cinco anos, a União Soviética seria dissolvida.

Outros enunciados presentes no texto, demonstram o tipo de imagem criada para cada um dos personagens envolvidos na questão:

(28) "[...] o **continuador de Andropov representa uma nova era na política soviética**, a ascensão de uma geração que não teve de acomodar-se aos crimes de Stalin nem adveio diretamente dos tempos da Segunda Guerra Mundial";

(29) "Por isso mesmo Gorbachev manobrou sempre com muito cuidado, a fim de não entrar em choque com os **zelosos guardiões da ortodoxia do partido**";

(30) "[...] **fiel burocrata Chernenko** [...]";

(31) "Apesar da **simpatia** demonstrada por Gorbachev, seu desempenho em política externa ainda é considerado uma incógnita [...]";

(32) "[...] essas são as diretivas "andropovistas" que o **jovem secretário-geral** vai tentar reviver, certamente tendo pela frente os **velhos funcionários acomodados**".

Na página seguinte é explicado como outros países receberam tal notícia e também é ressaltada a manutenção da negociação entre URSS e EUA em Genebra, apesar do falecimento de Chernenko. É somente nessa página que o periódico traz a reação do Brasil frente à morte do secretário-geral, expondo que Figueiredo decretou luto de três dias no país. Na mesma página, na reportagem "O 'urso' quer aumentar o comércio de armas" de Roberto Godoy, é abordada a política de Gorbachev para a América Latina. Há a reprodução da fala de um analista militar ligado ao Estado Maior das Forças Armadas:

(33) "Gorbachev é um **urso**, o equivalente soviético para os falcões do ocidente"

Novamente, o periódico passa ao leitor a imagem de que Gorbachev é um forte líder, porém, não é totalmente confiável. O jornal busca legitimar seu ponto de vista a partir da reprodução da opinião de um analista militar, ou seja, existe aqui um AC no qual o comentário é feito pelo especialista externo ao quadro de funcionários do jornal e no qual o grau de engajamento é relativamente alto.

Nesta página há também a reprodução de uma imagem do diplomata americano Max Kampelman cumprimentando Gorbachev em Genebra. A legenda é: "Max Kampelman (esq.) chefia a missão dos EUA em Genebra". O que reforça a percepção da preocupação do jornal com a posição de líderes ocidentais frente à sucessão de poder na URSS.

Na página 12 encontramos textos a respeito do assunto da sucessão de poder na URSS com posicionamentos mais explícitos do periódico. A começar pelo título:

(34) "Gorbachev herda um **país esclerosado**".

Esta reportagem, assinada por Gilles Lapouge, correspondente de Paris, também é iniciada com uma descrição física, porém, desta vez o objeto de descrição é Chernenko. A construção da imagem dos líderes soviéticos como a imagem da própria União Soviética fica explícita no seguinte trecho:

> (35) Nesse sentido, Chernenko assemelhava extraordinariamente ao país que governou: **país esclerosado** [...]. Um país **cinzento, cataléptico**, movimentando-se com dificuldade, e cuja voz é tão inaudível e quase tão **morta** quanto a do próprio Chernenko. Observação que, aliás, se aplica perfeitamente à maioria dos dirigentes da URSS.

Na matéria seguinte é intitulada:

(36) "**A grande fábrica de robôs**"

No título, já ocorre uma caracterização negativa da União Soviética. Há também no texto descrições grotescas de alguns dos líderes da URSS:

(37) "Eis Stalin, **poderoso e ardiloso** [...], com o avançar da idade e do delírio, fechado em seu sonho sangrento";

> (38) Eis Malenkov, **paquidérmico e imóvel**. E eis um **pequeno personagem roliço, camponês malicioso, agitado como um mergulhador, manhoso, "clownesco"**: Kruchev que certamente fez muitas besteiras mas que pelo menos provocou um santo rebuliço no **império da noite e do gelo**.

(39) "[...] a figura de Brezhnev, tão **belo nos tempos de sua juventude**, para transformar-se, com a idade e o poder, numa espécie de **bloco de carne pesada**, o olhar morno [...]";

(40) "Em todos os campos, Chernenko tentou retomar os mornos floreios tecidos por Brezhnev e apagar os arabescos mais coloridos que Andropov havia começado a desenhar.";

> (41) A **brutalidade brezhneviana** tem o seu correspondente exato na brutalidade — e, é preciso dizê-lo, na **tolice — de Chernenko**.", "[...] **velho** Gromiko, homem **inteligente**, talvez, mas **criado no serralho.**

(42) "Tem-se frequentemente a impressão de que a burocracia (poderio enorme, indolente e cataléptico) é, na realidade o verdadeiro senhor da Rússia soviética.";

(43) "A impressão que se tem é que o homem soviético, submetido há 70 anos a um molde terrível, hoje se assemelha a um **robô, incapaz de iniciativa, de movimento**."

Na metade direita da página 12, há uma composição de imagens e textos informativos sobre a União Soviética. Primeiramente há um mapa demonstrando como o poder militar está distribuído pela URSS. Em seguida são apresentados alguns dados geográficos e dois gráficos sobre a economia soviética. Lembramos que segundo Charaudeau (2019), este tipo de recurso ajuda a tornar ao leitor algumas informações mais inteligíveis.

Por fim, algo válido de nossa atenção; o periódico apresenta os "Fatos históricos mais importantes" referentes à trajetória da URSS. Eles são: A revolução de outubro de 1917, a morte de Lênin em janeiro de 1924 e a morte de Stalin em março de 1953, a intervenção na Hungria em 1956, na Tchecoslováquia em 1968 e no Afeganistão em 1979. Como já explicamos na introdução do trabalho, os periódicos possuem o poder de criar a sua própria escrita da história, inserindo os acontecimentos do cotidiano nessa dimensão. Neste caso, porém, além de inserir o evento da sucessão de poder na URSS em uma historiografia própria, na qual *OESP* realiza uma interpretação da morte de Chernenko e da posse de Gorbachev, o jornal também resgata eventos que fazem parte da trajetória dessa potência. Por que esses eventos foram escolhidos para compor uma narrativa e não outros?

Para além da Revolução de 1917, novamente são destacadas as mortes de grandes líderes soviéticos. O jornal a todo momento trata dessa temática, como temos visto até aqui. Os outros três eventos tratados pelo *OESP* são invasões feitas pela URSS a outros territórios, ou seja, acontecimentos que não passam uma imagem positiva de seu oponente ideológico. Lembramos que outros eventos poderiam ter sido destacados pelo periódico, como por exemplo, a Batalha de Berlim em 1945 ou até mesmo os lançamentos de satélites artificiais Sputnik I e II no ano de 1957.

A partir das sequências discursivas destacadas nesta edição de *OESP* organizamos o seguinte quadro:

QUADRO 2 - Edição nº 33.749 (12 de março de 1985) de *OESP* (continua)

PERSONALIDADE/ EVENTO	**SD**	**ADJETIVO/ REPRESENTAÇÃO UTILIZADOS PELO *OESP* PARA QUALIFICÁ-LO**	**POSICIONAMENTO DO PERIÓDICO**
URSS/Chernenko/ Dirigentes soviéticos	34 e 35	"país esclerosado"	Anticomunista
URSS/ Chernenko/Dirigentes Soviéticos	35	"cinzento, cataléptico"	Anticomunista
URSS	38	"império da noite e do gelo"	Aparentemente neutro
URSS	36	"A grande fábrica de robôs"	Anticomunista
PCUS	17	"motor da máquina burocrática"	Anticomunista
PCUS	25	"os velhos hierarcas do Cremlin"	Anticomunista
PCUS	32	"velhos funcionários acomodados"	Anticomunista
O homem soviético	43	"robô, incapaz de iniciativa, de movimento"	Anticomunista
Mikhail Gorbachev	1	"o mais jovem integrante do politburo" "partidário de profundas reformas na estrutura de produção soviética"	Favorável
Mikhail Gorbachev	7	"reformista"	Favorável
Mikhail Gorbachev	21	"Simpático e frio, senhor da URSS"	Desconfiado
Mikhail Gorbachev	22	"o novo número um da União Soviética"	Aparentemente neutro
Mikhail Gorbachev	24	"aparenta ser bem menos rude que seus antigos companheiros do Cremlin"	Desconfiado/anticomunista
Mikhail Gorbachev	9	"sucessor de Andropov"	Aparentemente neutro
Mikhail Gorbachev	28	"Continuador de Andropov"	Aparentemente neutro
Mikhail Gorbachev	32	"jovem secretário-geral"	Favorável

QUADRO 2 - Edição nº 33.749 (12 de março de 1985) de *OESP* (conclusão)

PERSONALIDADE/ EVENTO	**SD**	**ADJETIVO/ REPRESENTAÇÃO UTILIZADOS PELO *OESP* PARA QUALIFICÁ-LO**	**POSICIONAMENTO DO PERIÓDICO**
Mikhail Gorbachev	33	"urso"	Desconfiado
Mikhail Gorbachev e Raísa Gorbachev	12	"sofisticados e modernos"	Favorável
Konstantin Chernenko	9	"homem doente e cansado"	Anticomunista
Konstantin Chernenko	7	"ortodoxo"	Anticomunista
Konstantin Chernenko	8	"o último representante da velha guarda"	Anticomunista
Konstantin Chernenko	27	"representante" de um "'clã' conservador"	Anticomunista
Konstantin Chernenko	30	"fiel burocrata"	Anticomunista
Ronald Reagan	14	"saudável"	Elogioso
Margaret Thatcher	26	"conservadora"	Aparentemente neutro
Josef Stalin	37	"Poderoso e ardiloso"	Desconfiado/anticomunista
Geórgiy Malenkov	38	"paquidérmico e imóvel" "pequeno personagem roliço, camponês malicioso, agitado como um mergulhador, manhoso, 'clownesco'."	Anticomunista
Leonid Brezhnev	39	"belo nos tempos de sua juventude" "bloco de carne pesada"	Anticomunista
Andrei Gromiko	41	"velho" "inteligente" "criado no serralho"	Desconfiado/aparentemente neutro

FONTE: O Estado de S. Paulo (1985)

Passamos agora para a análise da edição nº 241 do *Voz da Unidade*. Esta edição foi publicada na semana entre os dias 16 e 22 de março de 1985. Na primeira página, a manchete trata de outra temática importante naquele momento, a posse de Sarney como presidente após a internação de Tancredo Neves. A maior parte da página é ocupada pela reprodução de uma fotografia do comício na Praça da Sé em 1984, mas também estão estampadas em tamanho

menor, fotos de rosto de ambos os políticos, seguidas do título em vermelho: "Começa a Nova República".

Na chamada da notícia, é evidenciado o apoio do periódico ao vice-presidente Sarney. O texto sobre o tema ocupa as páginas 3, 4 e 5. A temática da sucessão de poder na URSS aparece no canto inferior direito da primeira página, com o título "Tchernenko e Gorbachev" e a indicação de que o tema é debatido na última página do jornal. Não há nenhuma imagem referente ao evento e nem qualquer outro tipo de destaque para o assunto.

Esta construção do jornal demonstra o seu maior engajamento enquanto ator político dentro do próprio Brasil, afastando-se cada vez mais da ideia de ser um braço do PCUS. Imagem consolidada durante muitos anos, principalmente com o Levante de 1935, como mencionamos anteriormente.

Na última página do jornal, há o antetítulo "Tchernenko/Gorbachev" e o título:

(44) "A permanência da tradição leninista".

A manchete não salienta a morte do antigo líder, mas sim, o processo de sucessão que envolve o sistema socialista soviético como um todo, a permanência de uma tradição. A todo momento, como veremos, os atores políticos soviéticos aparecem como peças de um propósito maior e como pessoas exemplares que se dedicam à manutenção do regime. Outro ponto importante é o fato de o título aparecer em letras vermelhas. O *Voz da Unidade* sempre utiliza esta cor, que o representa ideologicamente, para dar destaque à determinadas informações.

Nesta página há a adjunção de duas imagens, a fotografia do rosto de Chernenko e a fotografia do rosto de Gorbachev lado a lado. Note-se que, diferentemente do *OESP* não se faz distinção entre os dois políticos. A legenda das fotos são:

(45) "Tchernenko: uma vida a serviço do comunismo";

(46) "Gorbachev: na tradição de Lênin".

Do lado direito dessas duas imagens, há um breve texto no qual o periódico procura naturalizar a sucessão política na URSS. Este é o processo que Charaudeau (2019) chama de produção de *efeito de verdade*, conforme explicamos na introdução do trabalho. Isto se dá principalmente através do enunciado:

(47) "um processo normal".

Há ainda a exaltação de um caráter democrático nesse acontecimento:

(48) "tradição leninista demonstrou a sua vigência democrática".

Nesse mesmo texto, destacamos que o jornal refere-se a Chernenko como:

(49) "**líder** Tchernenko";

(50) "o **dirigente** Konstantin Tchernenko [...]".

Alguns enunciados são importantes para compreender a construção da imagem do ex secretário-geral pelo *Voz*:

(51) "a morte não roubou tão somente aos soviéticos **um líder cujas qualidades de estadistas foram universalmente reconhecidas** [...]";

(52) "[...] **um quadro cuja capacitação teórica e política era das mais altas** [...]"

O jornal também salienta a sua formação acadêmica:

(53) "**diplomado em Pedagogia**".

Percebemos, dessa forma, que busca-se construir a imagem de Chernenko como um líder que, embora tenha ficado pouco tempo no cargo de secretário-geral da URSS, possui uma longa e exemplar trajetória de dedicação ao PCUS e que era extremamente qualificado para o cargo. Sobre a sua atuação internacional o texto explica que:

(54) "Na frente externa, em face do belicismo imperialista, manteve alta a bandeira da paz, sem nada conceder à **chantagem irresponsável de Reagan**."

Nessa sequência, percebemos a preocupação já latente do PCB referente à questão do pacifismo, cada vez mais presente em seus discursos. Também, há a associação da figura de Reagan com o "belicismo imperialista", ou seja, notamos uma clara contraposição por parte do periódico entre a figura dos seus, os socialistas pacifistas, e dos "outros", os capitalistas que incentivam a guerra.

Em seguida o jornal refere-se a Gorbachev da seguinte forma:

(55) "Gorbachev, **o sucessor**".

Dessa forma, o discurso do *Voz da Unidade* reforça a ideia do processo natural de sucessão de poder na URSS que dá continuidade a tradição leninista. Nesse sentido, Gorbachev aparece simplesmente como o sucessor do poder e não alguém que foi escolhido dadas as circunstâncias.

O jornal segue mostrando o seu pesar com relação ao falecimento de Chernenko:

(56) "É que perda tão ponderável não se supera facilmente [...]".

No enunciado seguinte há a construção da imagem de Gorbachev como um líder mundialmente reconhecido. Igualmente, é ressaltado o caráter pacífico de sua futura gestão:

(57) "A eleição de Gorbachev foi recebida com entusiasmo tanto pelo povo soviético como por todos os cidadãos amantes da paz e do progresso social".

Em sua pesquisa, Tavares aponta que na mídia pecebista:

> A influência soviética no mundo era neutra, relacionada à paz e ao desejo sincero dos povos, enquanto os americanos, nessa visão iconográfica, mantêm relações com outros países visando à exploração econômica e agressão militar (TAVARES, 2017, p.307).

Embora o recorte temporal trabalhado pelo autor seja mais recuado que o nosso, entendemos que tal construção acerca da imagem dessas duas nações faz parte da memória discursiva do PCB, uma vez que ainda surge nas páginas do *Voz da Unidade*, por exemplo quando a figura de Gorbachev é ligada à paz e a figura de Reagan é associada ao belicismo imperialista.

Assim como Chernenko, Gorbachev também é apontado pelo jornal como um político qualificado para assumir o cargo de secretário-geral da URSS. No texto ele é descrito como:

(58) "**Advogado e agrônomo**";

(59) "**Representante da nova geração de quadros políticos** [...]".

No tópico "Tradição leninista", é reafirmado o suposto caráter democrático da política soviética, bem como a crença na continuidade de seu sistema socialista. As sequências seguintes demonstram tal construção de sentido:

(60) "Mas é igualmente claro que o processo de desenvolvimento soviético rumo ao comunismo não sofrerá descontinuidade";

(61) "[...] na tradição leninista, a democracia socialista se realiza no plano da direção do Partido e da gestão do Estado, pelo trabalho coletivo".

O jornal procura legitimar o processo de sucessão na URSS através da memória de seu primeiro líder, qualificando essa eleição enquanto algo próprio da democracia. O *Voz* aponta o partido e o Estado enquanto atores principais deste processo na URSS. Diferentemente do *OESP*, o periódico passa ao leitor a ideia de confiança nesses dois agentes políticos.

Na sequência discursiva seguinte também há a preocupação em transmitir ao leitor a noção de que o processo de sucessão de poder é natural, e deverá manter o socialismo na

ativa. Gorbachev surge como a figura de renovação que este antigo sistema necessita. Apesar da triste perda do antigo chefe de estado, o novo líder é uma promessa de manutenção da ordem na URSS. Vejamos o trecho:

(62) "Nesse sentido, a **irreparável** perda de Konstantin Tchernenko e a **promissora** eleição de Mikhail Gorbachev são dados que devem ser emoldurados na prática de um sistema de direção que, sem prescindir dos **grandes homens**, garante que as sucessões se dêem no melhor espírito de **continuidade e renovação**".

No canto inferior direito da página há a reprodução do telegrama do PCB para a URSS. Diferentemente do *OESP*, e obviamente, enquanto veículo oficial de imprensa do partido, o jornal busca citar diretamente a sua fala a respeito do evento. O mesmo espaço para o discurso desse grupo não é concedido pelo outro periódico. Este texto é bastante útil para compreender como o *Voz da Unidade* procura construir a imagem do PCB enquanto os verdadeiros comunistas brasileiros. Mais que isto, no título do texto, o jornal caracteriza os membros do PCB enquanto povo brasileiro:

(63) "As mensagens dos **brasileiros**".

O enunciado que aparece logo no início do texto, precedendo as mensagens enviadas, demonstra melhor esta construção de sentido:

(64) "Na seqüência dos comunicados oficiais da morte de Tchernenko e da eleição de Gorbachev, **os comunistas brasileiros**, em telegramas assinados por Giocondo Dias, fizeram chegar aos soviéticos as suas reações aos dois eventos".

O texto publicado pelo *Voz da Unidade* a respeito da morte de Chernenko e a posse de Gorbachev pode ser categorizado como uma mistura entre AR e AC altamente engajado. Organizamos dessa forma um quadro para compreender melhor como o periódico representou cada um dos envolvidos no evento.

QUADRO 3 - Edição nº241 (16 a 22 de março) do *Voz da Unidade* (continua)

PERSONALIDADE/ EVENTO	**SD**	**ADJETIVO/ REPRESENTAÇÃO UTILIZADOS PELO *VOZ DA UNIDADE* PARA QUALIFICÁ-LO**	**POSICIONAMENTO DO PERIÓDICO**
Konstantin Chernenko	49	"líder"	Aparentemente neutro

QUADRO 3 - Edição nº241 (16 a 22 de março) do *Voz da Unidade* (conclusão)

PERSONALIDADE/ EVENTO	**SD**	**ADJETIVO/ REPRESENTAÇÃO UTILIZADOS PELO *VOZ DA UNIDADE* PARA QUALIFICÁ-LO**	**POSICIONAMENTO DO PERIÓDICO**
Konstantin Chernenko	50	"dirigente"	Aparentemente neutro
Konstantin Chernenko	51	"um líder cujas qualidades de estadista foram universalmente conhecidas"	Elogioso
Konstantin Chernenko	52	"um quadro cuja capacitação teórica e política era das mais altas"	Elogioso
Konstantin Chernenko	53	"diplomado em pedagogia"	Favorável
Mikhail Gorbachev	55	"o sucessor"	Aparentemente neutro
Mikhail Gorbachev	58	"Advogado e agrônomo"	Favorável
Mikhail Gorbachev	59	"Representante da nova geração de quadros políticos"	Aparentemente neutro
Políticos soviéticos	62	"grandes homens"	Elogioso
Membros do PCB	63	"brasileiros"	Favorável
Membros do PCB	64	"os comunistas brasileiros"	Favorável

FONTE: Voz da Unidade (1985)

Enquanto o jornal *O Estado de S. Paulo* fez uma grande cobertura do tema da sucessão de poder na URSS, o *Voz da Unidade* gastou menos espaço de sua edição para tratar do mesmo tema. Neste momento, o *Voz* parece estar muito mais engajado na luta pela consolidação do regime democrático no Brasil, de forma que a morte do secretário-geral soviético fica em segundo plano. No entanto, apesar do texto mais compacto, o nível de engajamento presente no discurso do veículo de mídia pecebista é bastante alto, o que nos possibilitou identificarmos facilmente como a sua formação ideológica se materializou nas sequências discursivas destacadas.

Após ler as matérias publicadas pelos dois jornais, poderíamos resumir seus posicionamentos frente ao evento da seguinte maneira; enquanto o *OESP* passa ao seu leitor um ponto de vista de desconfiança com relação ao novo líder, Mikhail Gorbachev, o *Voz* trata

este processo com naturalidade. Ou seja, notamos que a FI do primeiro jornal se materializa em seu discurso na medida em que são reproduzidas diversas falas anticomunistas — conforme categorizado no quadro 1 — e mesmo ao elogiar o novo secretário-geral, reproduzindo o posicionamento de líderes ocidentais, o caracteriza como alguém a quem se deve prestar atenção, uma vez que para a FI do jornal, os soviéticos não são totalmente confiáveis — pelo contrário, são o seus "outros".

Reis Filho explica como o mundo ocidental capitalista enxergava a aparição da figura de Gorbachev no cenário político mundial: "E a elegância e a desenvoltura com que se comportava, as maneiras, o fino trato, como podia uma sociedade tão cinzenta ter sido capaz de projetar um filho tão pródigo? Um espanto" (REIS FILHO, 1997, p.232) E ainda expõe que "Não gratuitamente levantaram-se vozes cautelosas, de advertência. Daquele gelo não poderia surgir calor. Era uma cortina de fumaça, um engodo, uma farsa" (REIS FILHO, 1997, p.232). Ou seja, de fato havia uma grande dúvida a respeito do que aquele homem seria capaz de fazer.

Por outro lado, nas páginas do *Voz*, as opiniões de líderes ocidentais a respeito de Gorbachev nem aparecem, uma vez que estes, por sua vez, são justamente os "outros" para a FI do partido e do jornal. Ao contrário de *OESP*, o *Voz* traz informações sobre a formação acadêmica dos líderes soviéticos e a questão da idade ou saúde desses personagens não tem importância em seu discurso. Para este periódico, ao contrário daquilo apresentado pelo *OESP*, a União Soviética e seus processos políticos estão ainda muito vivos e trazem uma tradição desde Lênin.

Ainda sobre os líderes ocidentais e principalmente Ronald Reagan, os jornais os qualificam de formas bastante distintas. O *OESP,* estando alinhado aos EUA, o elogia como alguém saudável, algo que mascara a sua idade avançada, igual à dos líderes soviéticos criticados. Já o *Voz* o associa com o belicismo imperialista, algo que o coloca no extremo oposto do ideal que o PCB buscava difundir naquele momento.

Há mais uma diferença entre a construção dos dois jornais; o *OESP* utiliza muito mais reproduções de fotografias do que o *Voz da Unidade*. Como apontamos durante a análise, as fotografias utilizadas pelo *OESP* auxiliam na criação de sua narrativa. Já no *Voz* a ausência de imagens provavelmente ocorre devido ao tamanho reduzido da publicação, somente uma página.

Enquanto o *OESP* utiliza um verniz de neutralidade, pelo menos nas primeiras matérias, o jornal pecebista demonstra mais explicitamente seu posicionamento com relação ao tema. Isto se dá pelo seu caráter de discurso não somente jornalístico, mas também propagandístico que lhe possibilita abertura para uma expressão ideológica mais evidente. Nesse sentido, o *OESP* busca legitimar seu discurso através de citações e o uso de mapas e linhas do tempo, já o *Voz* não tem essa mesma preocupação. Podemos afirmar que a construção do discurso de *OESP* é mais didatizada, de forma que o jornal procura interpretar para o leitor o que está acontecendo na URSS. O discurso do *Voz da Unidade*, por outro lado, não explica os pormenores da sucessão de poder, mas sim, celebra este processo e os agentes envolvidos nele. Há sempre entre os discursos de ambos os jornais um balanço entre o *fazer saber* e o *fazer sentir*.

O resgate da memória discursiva é evidente nos dois veículos de imprensa. Para o *OESP*, a memória discursiva construída pela mídia tradicional brasileira, aliada às elites e ao anticomunismo se mostra na desconfiança que o jornal propaga com relação às figuras de políticos soviéticos. Já para o *Voz*, sua memória discursiva faz com que o jornal resgate conceitos consolidados ainda no governo de Lênin.

No caso específico de *OESP*, que tem matérias assinadas, destacamos que os jornalistas são sujeitos descentrados. Embora cada um deles possua formação e trajetória diferentes uns dos outros, notamos que há uma certa homogeneidade discursiva em seus textos, de maneira que a produção de sentidos nas sequências discursivas destacadas, são bastante similares. Eles devem dessa forma, obedecer à formação ideológica e discursiva da empresa em que trabalham. Não seria possível, por exemplo, que algum deles exaltasse o sistema socialista nas páginas deste jornal.

3.5 O XXVII CONGRESSO DO PCUS

A segunda edição de *OESP* que selecionamos para análise é do dia 26 de fevereiro de 1986, nº 34.046. Entre 25 de fevereiro e 6 de março de 1986 ocorre o XXVII Congresso do PCUS, no qual Gorbachev expõe algumas das mudanças que pretende implementar na União Soviética. Estas mudanças, em alguns anos, levariam ao fim a potência socialista. Assim sendo, nesta edição são apresentadas as principais impressões do jornal sobre o discurso de Gorbachev do dia 25 de fevereiro de 1986.

Diferentemente do caso da sucessão de poder na URSS, que ganha a manchete do jornal, a notícia a respeito do XXVII Congresso do Partido recebe menor destaque na primeira página em um pequeno texto de chamada e nenhuma imagem. O título da notícia referente ao evento é:

(65) "Gorbachev **ataca** os EUA e Brezhnev".

Tal escolha de palavras nos auxilia em um primeiro momento a compreender qual o enfoque que será dado na matéria jornalística presente na página 12 do periódico. Na chamada da notícia, há justamente o destaque para as críticas de Gorbachev direcionadas para Reagan, bem como para Brezhnev.

Na seção *Exterior* do jornal, a questão é a última a ser apresentada, na página 12 do jornal, diferentemente da temática da sucessão de poder que apareceu em um maior número de páginas. Nesta página, na matéria jornalística sobre o congresso há uma nova forma de referir-se à Mikhail Gorbachev, alternativa àquela utilizada quando ele assumiu o cargo de secretário-geral no ano anterior. O texto começa com o seguinte enunciado:

(66) "O **líder do Cremlin**, Mikhail Gorbachev, abriu ontem o 27º Congresso do PC soviético com seu mais **violento** ataque à política do governo de Ronald Reagan desde que subiu ao poder [...]".

O jornal passa a referir-se à Gorbachev enquanto um líder já consolidado, o "líder do Cremlin". Por outro lado, neste mesmo trecho, é explícita a construção de um sentido de violência dado ao ato de crítica do secretário-geral com relação aos Estados Unidos, através de "seu mais violento ataque".

Ainda nessa notícia, salientamos o uso extensivo de citações diretas da fala de Gorbachev. Isso acentua o já mencionado caráter do estilo de publicação de *OESP*. Primeiramente há a proposta da exposição dos fatos através de uma aparência de neutralidade — nesse sentido as citações diretas lhe são bastante úteis — e posteriormente, uma maior demonstração das opiniões do jornal. É o balanço entre o AR e o AC descrito por Charaudeau (2019). No entanto, lembramos que a citação das falas de Gorbachev constituem uma reprodução de ideias exteriores ao jornal, cabe ao *OESP* interpretar para o seu leitor aquilo que foi dito. Para Charaudeau (2019), quando a mídia reproduz falas de políticos, tenta extrair sentidos ocultos de forma que possa "desmascarar" as suas reais intenções para o público.

Logo em seguida há a matéria intitulada:

(67) "Imperialismo americano é um monstro horrível".

Nela, novamente Gorbachev é tratado enquanto "líder do Cremlin". O texto traz à tona as críticas realizadas à Ronald Reagan e aos Estados Unidos. Nesta reportagem encontramos mais algumas citações da fala de Gorbachev. O título da matéria, na verdade, faz menção ao pensamento soviético a respeito do imperialismo americano. O alinhamento do jornal à ideologia capitalista norte-americana fica evidente uma vez que, assim como nas sequências 65 e 66, Gorbachev e a URSS são associados à violência. Vejamos os enunciados:

(68) "[...] disse ontem o líder do Cremlin , dedicando uma parte de seu discurso no 27º Congresso a **violentos ataques à política do presidente Ronald Reagan**";

(69) "Como se esperava, Gorbachev também aproveitou a oportunidade para reafirmar a **resposta negativa** da URSS à proposta de redução dos mísseis na área da Europa **feita pelo presidente Reagan**".

Nestes enunciados há a contraposição entre a figura de Ronald Reagan e de Gorbachev. O líder soviético aparece enquanto uma oposição às propostas tidas como razoáveis pelo periódico. No entanto, o texto também traz outro lado do mesmo debate. Isto é o que Charaudeau (2019) trata como uma espécie de "gangorra" nos textos jornalísticos, ou seja, para vestir-se de imparcialidade, por vezes os periódicos trazem em uma mesma matéria opiniões ou interpretações variadas sobre um mesmo ponto. Isto ocorre no enunciado seguinte, no qual o jornal busca demonstrar que os EUA também tinham dificuldades de negociar com a URSS:

(70) "Por outro lado, os EUA também não concordaram com a exigência da URSS de incluir nas negociações as forças nucleares da França e da Inglaterra e nesse caso atenderam a apelos vindos dos próprios governos desses países".

Destacamos o fragmento:

(71) "**Os observadores ocidentais em Moscou notaram que** Gorbachev ficou claramente **irritado** com a demora da resposta dos EUA [...]".

Nele, o jornal mostra a sua confiança, acima de tudo, nos observadores ocidentais que estavam no evento. Novamente o líder soviético é associado com uma palavra que remete à violência, já que estaria "claramente irritado".

Já na matéria "Proposto Congresso Mundial", são mencionados alguns dos assuntos tratados por Gorbachev no congresso. O periódico elenca ações pretendidas pelo líder que

poderiam ser caracterizadas enquanto pacifistas, no entanto, em nenhum momento há a utilização desta palavra para descrevê-lo. Logo no primeiro parágrafo o texto traz informações sobre a tentativa de Gorbachev de negociar com outros países a fim de instaurar segurança e paz em detrimento do belicismo que configura a Guerra Fria. São apresentadas as suas propostas sem que dessa vez o jornal interprete a sua fala, dentre elas estão a luta contra a discriminação e a defesa da soberania dos povos.

No segundo parágrafo da matéria, também é indicada a preocupação do secretário-geral em combater o terrorismo, algo que vai de encontro ao que está presente no primeiro parágrafo do texto. Em seguida, é citada a fala de Gorbachev a respeito de seu intuito de retirar as tropas soviéticas do Afeganistão e enfim, no último parágrafo o jornal menciona que o secretário-geral acha absurdo o fato de países de terceiro mundo terem que pagar dívidas externas. Nesse momento, o jornal retoma a estratégia discursiva construída até então, no sentido de atribuir violência à Gorbachev:

(72) "E ele aproveitou para fazer mais um **ataque** aos EUA [...]".

Em seguida vem o título:

(73) "Uma crítica à **velha guarda**".

O texto é acompanhado da reprodução de uma fotografia de Leonid Brezhnev com a seguinte legenda:

(74) "**Brezhnev: bode expiatório**?"

Esta construção de discurso do periódico é muito interessante, uma vez que, ao mesmo tempo em que novamente é destacada a diferença — de idade e de posicionamento político — entre Gorbachev e seus antecessores, o jornal consegue passar para o leitor novamente um tom de desconfiança com relação ao novo secretário-geral, uma vez que a pergunta "bode expiatório?" remete à ideia de que Gorbachev poderia estar colocando a culpa de seus supostos erros em outra pessoa. Como apontamos no capítulo anterior, de fato, a era Brezhnev foi tratada por Gorbachev como um momento de estagnação.

> Os anos de Brejnev iriam ser chamados pelos reformadores de "era da estagnação", essencialmente porque o regime parara de tentar fazer qualquer coisa séria em relação a uma economia em visível declínio. (HOBSBAWM, 1995, p.458).

Vejamos o trecho seguinte:

(75) "Gorbachev tinha ao seu lado o **presidente da URSS**, Andrei Gromiko, um dos **veteranos do Politburo** e **chanceler** durante todo o período de Leonid Brezhnev. Mas isso não impediu o **líder do Cremlin** de **atacar duramente** a 'era de Brezhnev' [...]".

Segue-se então a citação da fala de Gorbachev fazendo diversas críticas à Brezhnev bem como a apresentação de medidas que ele busca adotar para a URSS. Algo que está de acordo com aquilo que vimos no capítulo anterior, ou seja, a tentativa de Gorbachev de romper com políticas que se consolidaram na URSS principalmente a partir da era de Stálin. Lembramos no entanto que "para a maioria dos cidadãos soviéticos, a era Brejnev significou não 'estagnação', mas os melhores dias que eles e seus pais, ou mesmo seus avós, já haviam conhecido" (HOBSBAWM, 1995, p.463).

No texto, o *OESP* também refere-se à Gorbachev como:

(76) "**líder do PCUS**".

Conforme mencionamos, cada vez mais ele é tratado como um líder já consolidado.

No centro da metade superior da página 12, há uma imagem de Gorbachev discursando. A expressão no seu rosto é séria, quase tensa; algo que dialoga com a construção que o jornal faz a respeito de sua dureza nas críticas que faz tanto aos EUA quanto aos seus antecessores. Na legenda lemos:

(77) "Gorbachev no 27º Congresso: **duro** ataque aos EUA e à 'inércia' dos tempos de Brezhnev".

Em seguida aparece mais um texto do correspondente de Paris, Gilles Lapouge. Essa matéria pode ser considerada como um AC com alto grau de engajamento, assim como o texto do autor que apareceu na edição de *OESP* anteriormente analisada. O título do texto é:

(78) "Um cenário muito bem preparado".

Neste texto temos novamente o uso do recurso do vívido-percebido durante praticamente todo o primeiro parágrafo. Apontamos o fragmento:

(79) "A cidade de Moscou está limpa como se fosse nova. Há retratos de Lênin em todos os lugares, em meio a verdadeiras florestas de bandeiras vermelhas. Há arranjos de luzes coloridas nas ruas. As lojas estão repletas de provisões".

Esta descrição é utilizada por Lapouge para criticar a URSS, já que em seguida o autor afirma que hippies, prostitutas e dissidentes foram retirados de cena para que se passasse uma boa impressão da capital russa. Isto fica evidente em:

(80) "Enfim, Moscou é uma cidade brilhante, nova como um novo dia, para servir de palco honrado para a grande Cerimônia que acontece somente a cada cinco anos na União Soviética, a do 27º Congresso do Partido Comunista".

O autor explica também qual é a relevância do evento noticiado:

(81) "Uma cerimônia que deve permitir a Gorbachev, no poder há 11 meses, assentar definitivamente seu reino e traçar o esboço do que será a URSS no futuro".

A URSS é tratada como o "reino" de Gorbachev e, por outro lado, novamente notamos que não havia a noção de que a URSS estava chegando ao fim.

A sequência a seguir, acrescenta um elemento místico ao evento político na URSS, através do uso da palavra "evangelho":

(82) "Seu discurso de seis horas, proferido ontem, é o evangelho desta cerimônia."

Apontamos também o trecho:

> (83) Mas como não perceber um estranho paradoxo? Moscou é uma cidade formidável de 12 milhões de habitantes, cuidadosamente disposta e organizada. E, para falar do alto da tribuna **um homem jovem** (55 anos), **robusto e charmoso, seguro de si, com uma linguagem realista, simples, que soube, em apenas alguns meses, seduzir todo mundo, ser respeitado no Exterior até mesmo pelos norte-americanos**: Gorbachev. Tudo leva a crer, portanto, que ocorrerá uma espécie de primavera, de ressurreição do Estado soviético. No entanto, estas imagens são enganadoras, a pompa de Moscou, o vigor de Gorbachev — tudo isto vai se sobrepondo dentro de um país que se revela **mais velho do que nunca**, **esclerosado ao máximo**, **corrompido e cansado, totalmente incapacitado de se retomar**.

Embora, de forma geral, não haja ainda uma visão concreta do fim da URSS nesse enunciado, notamos que existe, por parte do *OESP* e de seu correspondente, uma visão bastante negativa sobre o país. De novo, há a contraposição entre a figura do líder jovem, que está de acordo com os parâmetros estabelecidos pelo ocidente, e do próprio país que é representado como um corpo velho e doente. A ideia é reforçada através da figura da ressurreição evocada pelo autor, que também tem um caráter religioso. Note-se que nem mesmo a "maquiagem" feita na cidade de Moscou e as qualidades de Gorbachev apontadas por Lapouge poderiam contrabalançar os problemas profundos que a URSS possuía, segundo seu texto. Assim, ele retoma a construção de sentido feita anteriormente, de que a cidade somente estava arrumada para que o ocidente tivesse uma boa impressão da Rússia. De certa forma, embora ele elogie Gorbachev, é como se o secretário-geral também passasse ao ocidente somente uma boa imagem de um sistema já falido, como a capital descrita.

Em seguida há o subtítulo:

(84) "Falência de um sistema".

Tal frase poderia muito bem ser utilizada em termos médicos, falando da causa de uma morte. No texto, o jornalista enfatiza os problemas presentes no sistema soviético:

> (85) Gorbachev faz referência, no início do seu discurso articulado, ao capitalismo, designando-o como o monstro dos tempos modernos, mas somos forçados a reconhecer que a URSS constitui, também, **outro monstro que se encontra à beira da asfixia**.

Quando Lapouge utiliza a frase "mas somos forçados a reconhecer", impõe ao leitor a própria interpretação do jornal como se esta opinião fosse óbvia e que, consequentemente, somos forçados a enxergar a situação dessa forma. Ele caracteriza a URSS como um "monstro que se encontra a beira da asfixia", ou seja, se de fato o capitalismo é um monstro, pelo menos ele terá longa vida, enquanto o monstro socialista está moribundo.

No mesmo texto, sobre a agricultura soviética, Lapouge expõe que:

(86) "A agricultura soviética está em pleno marasmo[...] imutável[...]".

Tal trecho pode ser interpretado como uma crítica sutil à capacidade de Gorbachev, uma vez que ele tem formação na área de agronomia, embora em momento algum o jornal cite a formação acadêmica dos líderes soviéticos.

Sobre outros países que de alguma forma se relacionam com a URSS o autor afirma que:

> (87) Os países que cortejam o império, isto é, a Europa do Leste, estão **doentes ou agitados, revoltados ou desagregados**. No Afeganistão, o exército soviético continua matando sem conseguir solução alguma. A Polônia está **intratável**. Em Angola, os cubanos estão escorregando na areia movediça. A Etiópia chegou ao seu limite de tolerância e o Iêmen do Sul está se destruindo. Em todo lugar o declínio desponta e se agrava.

Além dos termos "agitados", "revoltados" e "desagregados", utilizados em tom negativo, as palavras "doentes" e "intratável" remetem à construção de sentido do sistema soviético enquanto um corpo enfermo.

O correspondente francês aponta que:

> (88) Paralelamente a esta falência material, tudo leva a crer em uma falência espiritual, isto é ideológica; a palavra sacrossanta de Marx e Lênin não está mais sendo levada a sério. O mundo ocidental levou dois mil anos para começar a perder a fé em Cristo e, ainda assim, esta fé se mantém acesa, viva, rica em recrudescimentos súbitos. Na União Soviética, a fé só precisou de 60 anos para vacilar.

Há de novo neste enunciado uma comparação da política soviética à um culto místico, no entanto, dessa vez o jornal reafirma a sua ideologia cristã, ao comparar o culto falido dos soviéticos ao culto ainda vivo de Cristo.

Paralelamente, ele atenta para o fato de os jovens soviéticos estarem cada vez mais interessados nas subculturas ocidentais. Através desta estratégia, ele mostra que é a cultura do ocidente que deve sobrepor-se àquela do mundo oriental.

Já no subtítulo "Dissidentes", Lapouge toca em um ponto que surge com certa frequência no jornal, como mencionamos. Há frequentemente o destaque da trajetória daqueles que vivem ou viviam no regime soviético e são contrários a ele. A existência destes dissidentes legitima a visão negativa que *OESP* passa a respeito da URSS.

Na sequência discursiva seguinte, mais uma vez notamos a dicotomia entre a figura de Gorbachev e da URSS:

> (89) Este é o terreno no qual o **jardineiro** Gorbachev tem de plantar suas boas sementes. É, certamente, um homem à altura. No entanto, como este homem, mesmo sendo excepcional, poderia sozinho lutar contra um **sistema tão implacável** quanto o da URSS?

Comparando Gorbachev à Kruchev, Gilles Lapouge faz a seguinte observação:

> (90) O **imprudente** Kruchev foi rapidamente vencido pelas forças conservadoras. Eis portanto, as delimitações do terreno onde pode atuar este homem certamente **mais inteligente que Kruschev** [...] é também **mais prudente** [...]".

Há também um breve texto publicado na parte inferior da página elogiando Raísa Gorbachev. O título é:

(91) "Raísa aparece e quebra o tabu".

Raísa é comparada às outras esposas de líderes soviéticos, em uma construção que vai no mesmo sentido daquilo que o jornal tem feito até o momento, ou seja, de elogio ao novo líder e à quebra de padrões com relação às tradições soviéticas que ele tem feito. A curta

matéria apresenta a supressão de uma imagem que dá destaque ao rosto sorridente de Raísa. A oposição do novo líder em relação à seus antecessores é construída na sequência:

> (92) Quando os antecessores de Gorbachev apareciam na TV soviética, nos congressos ou cerimônias importantes, nunca suas esposas eram focalizadas [...]. Mas ontem, os milhões de espectadores soviéticos que acompanharam o longo discurso de **líder do Cremlin** puderam de repente ver no vídeo a imagem de **uma mulher elegante**, de traje escuro e blusa creme, escutando atentamente.

No final na página, há mais um texto de apenas um parágrafo sobre a URSS intitulado: (93) "O protesto dos judeus".

Nele, o jornal fala a respeito da greve de fome articulada por dois judeus dissidentes do regime que protestam por terem o direito de ir a Israel negado. Embora o jornal não faça nenhum comentário sobre a notícia, a escolha de sua publicação, ainda que sem grande destaque, dá continuidade a construção de sentido feita por exemplo no texto de Lapouge, que cita os dissidentes. Como já vimos também na primeira edição de *OESP* analisada, este é um recurso bastante utilizado pelo periódico para desqualificar o sistema soviético.

A partir das sequências destacadas, apresentamos o quadro de representações feitas pelo *O Estado de S. Paulo* na edição.

QUADRO 4 - Edição nº34.046 (26 de fevereiro de 1986) do *OESP* (continua)

PERSONALIDADE/ EVENTO	**SD**	**ADJETIVO/ REPRESENTAÇÃO UTILIZADOS PELO *OESP* PARA QUALIFICÁ-LO**	**POSICIONAMENTO DO PERIÓDICO**
XXVII Congresso do PCUS	81	"Uma cerimônia que deve permitir a Gorbachev, no poder há 11 meses, assentar definitivamente seu reino e traçar o esboço do que será a URSS no futuro"	Aparentemente neutro
Socialismo soviético	89	"sistema tão implacável"	Anticomunista
URSS	83	"Pais[...] mais velho do que nunca, esclerosado ao máximo, corrompido e cansado, totalmente incapacitado de se retomar"	Anticomunista

QUADRO 4 - Edição nº34.046 (26 de fevereiro de 1986) do *OESP* (conclusão)

PERSONALIDADE/ EVENTO	**SD**	**ADJETIVO/ REPRESENTAÇÃO UTILIZADOS PELO *OESP* PARA QUALIFICÁ-LO**	**POSICIONAMENTO DO PERIÓDICO**
URSS	85	"outro monstro que se encontra à beira da asfixia"	Anticomunista
Países do leste Europeu	87	"doentes ou agitados, revoltados ou desagregados"	Anticomunista
Polônia	87	"intratável"	Anticomunista
Mikhail Gorbachev	92	"líder do Cremlin"	Aparentemente neutro
Mikhail Gorbachev	76	"líder do PCUS"	Aparentemente neutro
Mikhail Gorbachev	83	"um homem jovem (55 anos), robusto e charmoso, seguro de si, com uma linguagem realista, simples, que soube, em apenas alguns meses, seduzir todo mundo, ser respeitado no Exterior até mesmo pelos norte-americanos"	Elogioso
Mikhail Gorbachev	89	"jardineiro"	Elogioso
Mikhail Gorbachev	90	"mais inteligente que Kruschev" "mais prudente" (que Kruschev)	Elogioso
Raísa Gorbachev	92	"uma mulher elegante"	Elogioso
Políticos do PCUS	73	"velha guarda"	Anticomunista
Leonid Brezhnev	74	"bode expiatório"	Anticominista
Nikita Kruschev	90	"imprudente"	Anticomunista
Andrei Gromiko	75	"presidente da URSS" "um dos veteranos do Politburo e chanceler"	Aparentemente neutro
Ronald Reagan	79	"presidente"	Aparentemente neutro

FONTE: O Estado de S. Paulo (1986)

Na edição número 287 do *Voz da Unidade*, que compreende os dias entre 28 de fevereiro e 6 de março de 1986, na primeira página do jornal, o evento do XXVII Congresso ganha bastante espaço. A manchete é:

(94) "Gorbatchov: paz para salvar a civilização".

Juntamente ao título há a reprodução de uma fotografia do evento que ocupa boa parte da página. Note-se que o texto da manchete impõe ao leitor a noção de grandeza, uma vez que o nome do líder soviético é seguido de uma suposta solução para a civilização: a paz, conceito amplamente abordado pelo *Voz da Unidade* neste período. A reprodução da imagem também proporciona ao leitor a de uma grande dimensão do Congresso, uma vez que capta a quantidade de pessoas presentes e uma enorme estátua de Lênin. Na legenda desta imagem são apresentados alguns dados que ajudam na legitimação desta construção de sentido:

(95) "Perante mais de 5.000 delegados Gorbatchov lê seu informe, perante também 153 delegações estrangeiras.".

O editorial presente na segunda página da edição aborda a mesma temática. Ele é intitulado:

(96) "**Um congresso de importância mundial**".

Há a construção da imagem da URSS e seu líder enquanto agentes políticos importantes a nível internacional. Esta estratégia pode estar relacionada à tentativa de quebrar com a imagem da URSS como um local isolado do restante do mundo. Da mesma forma, este discurso retoma a memória do ideal internacional presente na Revolução Russa.

O fragmento seguinte também aponta para uma grande importância, a nível global, do XXVII Congresso do PCUS:

(97) "**é um acontecimento que transcende o âmbito interno da URSS — e mesmo do campo socialista e do movimento democrático mundial —, constituindo-se num evento de importância histórica para o conjunto da humanidade**".

O periódico insiste no caráter democrático do evento, já que ao lado da paz, a democracia era o novo lema do socialismo naquele período. Note-se também a inserção da notícia já na dimensão histórica — de acordo com a *operação midiográfica* — através da frase "constituindo-se num evento de importância histórica para o conjunto da humanidade".

As demais reportagens do *Voz da Unidade* analisadas neste capítulo, conforme veremos, sempre apresentam os conceitos de paz e democracia. Como já explicamos no capítulo anterior, Gorbachev passou a articular nesse momento noções que anteriormente eram uma espécie de tabu na sociedade soviética como, por exemplo, a economia de mercado.

Aos poucos, muitos destes conceitos estiveram cada vez mais alinhados com a visão de mundo ocidental.

Nos quatro parágrafos seguintes são apresentados alguns pontos sobre a trajetória da URSS. Salientamos as diferenças entre aquela linha do tempo apresentada na página 12 da edição nº 33.749 de *OESP* — referente à temática da sucessão de poder na URSS — e essa construída somente em texto pelo *Voz da Unidade*. Diferentemente da primeira linha do tempo, a do *Voz* apresenta somente pontos positivos da história da URSS, ressaltando principalmente o protagonismo popular e o combate ao capitalismo. Começando pelo próprio evento da Revolução Russa, assim como *OESP*, o jornal destaca a participação das massas neste processo, amenizando o enorme papel do PCUS na política soviética. Esta estratégia fica evidente em:

> (98) O significado internacional da Revolução Russa foi imenso: estava demonstrado que os trabalhadores, operários e camponeses, podiam dirigir um grande país prescindindo da classe dos capitalistas, que os produtores diretos de mercadorias podiam constituir seu destino com as próprias forças.

A partir da investigação feita no capítulo anterior, sabemos que, na verdade, logo após a Revolução, a classe trabalhadora teve de se submeter a um poder centralizado, comandado pelo Partido Comunista.

O jornal segue contrapondo o sucesso da URSS aos problemas do sistema capitalista:

> (99) Em poucas décadas, de um país atrasado, a URSS transformou-se por completo, promovendo a reforma agrária, a coletivização da agricultura, e a industrialização. Em alguns anos, comandados pelo PCUS, os povos das repúblicas soviéticas realizaram — elevando seu nível de vida — algo que o capitalismo levou séculos para construir, e à custa da brutal exploração e opressão sobre os trabalhadores.

O próximo parágrafo menciona a participação da URSS na Segunda Guerra Mundial, algo que não foi citado pelo *OESP*:

> (100) Durante a Segunda Grande Guerra, a URSS foi **o principal baluarte da luta contra o Eixo nazi-fascista**. De junho de 1941 a meados de 1944 os exércitos soviéticos combateram praticamente sozinhos contra o grosso das tropas de Hitler na chamada 'frente oriental'. Já é consenso entre os historiadores que foi a derrota alemã nesta frente o ponto em que a guerra começou a mudar de rumo.

Já no quinto parágrafo novamente é ressaltado o suposto caráter pacífico da URSS:

> (101) Nos anos de 1945 para cá, a URSS tem sido um **esteio da paz mundial**. A existência do campo socialista e da União Soviética é um poderoso fator de dissuasão para os belicistas e aventureiros que sonham com o esmagamento pela força dos movimentos democráticos e antiimperialistas e da luta dos trabalhadores de todo o planeta.

Nesse trecho o periódico contrapõe o seu "mesmo", a URSS, um "esteio da paz mundial" aos seus "outros" que são caracterizados enquanto "belicistas e aventureiros". No parágrafo seguinte, o jornal expõe a competência de Gorbatchev para lidar com os problemas da URSS. Como vimos na primeira temática analisada, uma das facetas do secretário-geral apresentadas pelo jornal, é a do político capacitado. Isso aparece em:

(102) "[...] deverão emergir propostas para a solução de problemas e dificuldades internas (que Gorbatchov enfrentou direta e firmemente), assim como dos impactos internacionais".

O último parágrafo do editorial resume toda a propaganda pacífica presente no texto:

> (103) Com estas colocações, a URSS dá mais uma de suas inúmeras demonstrações de querer a solução pacífica dos diferendos entre países e povos e, aponta caminhos viáveis e reais para pôr fim às tensões com os EUA. Cabe agora às massas dos países capitalistas, pressionar seus governantes para que eles abandonem a política de confrontação, pois, como viemos repetindo, não há saída para a humanidade fora da paz mundial.

Nesse último trecho, o *Voz* segue construindo o sentido de protagonismo da população, no caso, em países capitalistas, uma vez que "Cabe agora às massas dos países capitalistas" realizar ações que gerem mudanças. Através de "não há saída para a humanidade fora da paz mundial", o jornal continua a sua estratégia de propagação de um ideal pacifista.

Logo abaixo do texto do editorial, há a reprodução de uma fotografia, sem legenda, que apresenta a imagem de mulheres no Congresso. Destacamos que há a presença de uma mulher negra. Isto demonstra mudanças de inclusão que já estavam se acentuando naquele momento, se levarmos em conta, como Tavares (2017) aponta em seu trabalho, que nos primórdios da mídia pecebista mulheres e pessoas negras quase não eram representadas.

Entre a página 10 e a página 12 desta edição do periódico, também é tratada a temática do XXVII Congresso do PCUS. Nas páginas 10 e 11 aparece o título:

(104) "Impõe-se um sistema global de segurança mundial".

Seguido do subtítulo:

(105) "O socialismo nunca ligou seu futuro a soluções militares dos problemas internacionais".

A matéria faz referência à Moscou Novosti, agência de notícias russa. O texto é permeado por trechos de citações diretas, nos quais o leitor é informado sobre o que o líder soviético falou durante seu discurso no congresso. O *Voz* destaca em negrito — utilizando a foto do rosto de Gorbachev — alguns trechos específicos do texto da reportagem. O primeiro deles é:

(106) "Esse mito da 'Ameça' soviética visa justificar a crítica armamentista do capitalismo".

Nessa sequência, fica evidente o interdiscurso presente nas matérias publicadas no *OESP* e no *Voz*, uma vez que o jornal pecebista busca rebater uma construção feita pela ideologia que rege o discurso do *O Estado de S. Paulo.* O jornal contrapõe a imagem de violência e ameaça socialista feita pelo discurso capitalista ocidental demonstrando, através da fala de Gorbachev, que esta é, na verdade, uma estratégia de crítica. Como Mariani (1996) explica em sua pesquisa, muito do discurso dos comunistas brasileiros é pautado justamente na defesa frente aos ataques feitos por uma formação discursiva oposta.

Algo que chama a atenção no texto é a expectativa de que a URSS adentraria no século XXI. O discurso do periódico, que refletia as mudanças propostas pelo eurocomunismo, propagava a ideia de que as reformas empreendidas resultariam na manutenção do sistema socialista em vez de levá-lo ao capitalismo, como de fato ocorreu. Muitos soviéticos se decepcionaram com Gorbachev, uma vez que apoiaram as suas propostas acreditando que elas elevariam a qualidade de vida dentro do próprio sistema soviético e não que elas acarretariam a transição para o capitalismo.

No texto há também o reforço da imagem dos EUA enquanto um país belicista e imperialista, ou seja, com um caráter negativo de acordo com a formação ideológica do *Voz*. Por outro lado, o jornal tenta sempre se colocar do lado "correto" da história, juntamente ao PCUS. Em outro desses destaques em negrito lemos:

(107) "A direção mestra da atividade do Partido na arena mundial continua a ser a luta contra a guerra".

O jornal dá maior enfoque à crise do capitalismo do que à crise soviética, por exemplo no trecho:

(108) "Ao debruçar-se sobre a questão do aprofundamento da crise geral do capitalismo, o interveniente declarou que entre as manifestações perigosas estão o anticomunismo e o antisovietismo".

Em seguida, aparecem também alguns dados bastante positivos sobre a economia soviética, legitimando tudo o que foi dito até então:

> (109) Mikhail Gorbatchov destacou que no quarto de século transcorrido desde a aprovação do terceiro programa do PCUS, os fundos fixos de produção da economia nacional multiplicaram-se sete vezes. O rendimento nacional aumentou quase 4 vezes, a produção industrial 5 vezes. Neste período, os rendimentos per capita aumentaram 2,6 vezes. Foram construídos 54 milhões de apartamentos, passou-se para o ensino secundário generalizado. Quadruplicou-se o número de pessoas diplomadas nos estabelecimentos de ensino superior.

É feita, nessa sequência, uma propaganda do regime soviético. No parágrafo seguinte, no entanto, são citados problemas econômicos enfrentados pela URSS, porém, não são mencionadas estatísticas tão precisas quanto no parágrafo anterior, o que demonstra a escolha do jornal de destacar os pontos positivos do regime que apoia.

A ideia de que a URSS permanecerá em um regime socialista aparece também em:

> (110) Mikhail Gorbatchov frisou que o desvelo pelo homem sempre esteve e continua a estar no centro das atenções do partido. "Nos próximos 15 anos, planeja-se duplicar os meios gastos com a melhoria das condições de vida do povo. Decidiu-se assegurar, até o ano 2.000, um apartamento isolado ou uma casa particular a cada família soviética".

No centro da página há mais um texto destacado em negrito. Nele é salientada a vontade soviética de fechar acordo com os EUA, bem como há a condenação do terrorismo e a menção à questão do Afeganistão, algo que também apareceu nas páginas de *OESP*. Repetindo a estratégia da outra edição que analisamos, o jornal menciona que Giocondo Dias e Roberto Freire representaram os comunistas brasileiros no Congresso. Isto nos leva a questionar: como os "comunistas brasileiros" podem ser representados em sua totalidade — tendo em vista a crescente fragmentação das esquerdas naqueles anos — por dois políticos reformistas de um único partido? De certa forma o *Voz* parece tentar manter a sua imagem enquanto o partido histórico que aglutina a esquerda brasileira.

Logo abaixo é trazida outra fala de Gorbachev sobre "os direitos e liberdades sócio-políticos dos cidadãos da URSS". Ou seja, são articulados conceitos que têm a ver com esta liberalização da URSS que o novo secretário-geral estava propondo no congresso. Há ainda mais uma sequência que reforça o caráter pacífico de suas propostas:

> (111) Falando sobre os principais objetivos e orientações da estratégia do PCUS na área da política externa, Mikhail Gorbatchov sublinhou que "a direção mestra da atividade do partido na arena mundial continua a ser a luta contra o perigo nuclear, contra a corrida armamentista, pela conservação da paz universal".

No parágrafo seguinte é citado o objetivo da liquidação de armas nucleares até o final do século XX, no mesmo sentido da construção de um cenário internacional de paz. O *Voz* propaga o tom de desconfiança de Gorbachev com relação ao presidente americano Ronald Reagan e faz citação direta de sua fala:

> (112) Em síntese e sem nos aprofundarmos em pormenores, no documento que acabamos de receber é difícil detectar uma posição séria da direção americana de passar efetivamente à resolução dos problemas cruciais da liquidação da ameaça nuclear.

Ou seja, o periódico busca representar Gorbachev e a URSS como a solução para a paz mundial e as nações capitalistas, como os EUA e seu presidente como entraves para este projeto. O fragmento seguinte reforça essa ideia:

(113) "A URSS convicta de que a oportunidade histórica da Europa e o seu futuro residem na cooperação pacífica dos estados do continente".

Em seguida aparecem algumas ideias que influenciam diretamente a ala reformista do PCB:

> (114) O relatório realçou os laços inseparáveis do PCUS com o movimento comunista internacional, anotando que a opinião pública soviética está disposta a desenvolver doravante contatos com as crescentes organizações não comunistas, inclusive religiosas, que se manifestam contra a guerra.

Nesse enunciado, percebemos os mesmos ideais propagados pelo PCB no Brasil; a ideia de formar alianças com setores não necessariamente de esquerda a fim de derrubar a opressão contra a democracia. O jornal também salienta a ideia da criação de um sistema

global de segurança internacional mencionada por Gorbachev. Em mais dois destaques em negrito lemos:

(115) "As crises e os conflitos constituem um terreno benéfico para o terrorismo internacional";

(116) "Não é possível resolver os problemas globais com as forças de um só Estado ou de um grupo de Estados".

O secretário-geral é caracterizado como alguém que possui soluções para os problemas mundiais. Muitas das propostas apresentadas por Gorbachev neste período coincidem com as temáticas internacionais nas quais o Brasil procurava inserir-se diplomaticamente. Questões como a paz mundial, combate ao terrorismo, fim das armas nucleares e preservação do meio-ambiente fazem parte, como vimos anteriormente, da agenda do Itamaraty na segunda metade da década de 1980. Essa aproximação de interesses é útil para compreender a reaproximação diplomática entre Brasil e URSS na década de 1980.

Mais algumas ideias de Gorbachev são apresentadas:

> (117) O interveniente adiantou a ideia de realizar um encontro, entre os líderes dos países membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, para discutirem o que se pode e o que se deve fazer para o fortalecimento da paz. Propôs, ainda, convocar no futuro um Congresso Mundial para os problemas da segurança econômica, no qual seria possível discutir todos os problemas que no seu conjunto afetam os contatos econômicos mundiais.

Ou seja, é perceptível que há também cada vez mais uma inserção da URSS no mercado internacional a partir das mudanças implementadas pelo novo secretário-geral. De novo, são apresentados dados numéricos que podem auxiliar na manutenção de uma boa imagem do comunismo, como no fragmento seguinte, no qual busca-se mostrar a grandeza do PCUS:

(118) "Na parte do relatório dedicado ao Partido Comunista, que reúne hoje mais de 19 milhões de membros [...]".

Na página seguinte do jornal, encontramos o seguinte título:

(119) "PCUS discute e analisa a gradual transição para o comunismo".

Essa construção mostra a crença na continuidade deste sistema. Como vimos, tanto nas páginas do *Voz* quanto nas do *O Estado de S. Paulo,* de fato, nesta época, ainda não se tinha a ideia que o socialismo soviético terminaria em alguns anos. No caso desse título,

acredita-se até mesmo que o socialismo seria transformado em comunismo, algo que estava previsto na teoria de Marx e Engels.

Nesta página há a reprodução de duas fotografias, ambas da agência Nóvosti. A primeira, que está em tamanho relativamente grande em relação à página, traz a imagem da população russa em um espaço público carregando faixas e balões. A legenda é:

(120) "Moskovitas em manifestação pela paz".

Entendemos então que, não somente Gorbachev é um líder pacificador, como também a população soviética lutaria por esse ideal, de acordo com a construção realizada pelo *Voz*. A imagem dialoga com a sequência discursiva número 103, segundo a qual a população de países capitalistas também devem cobrar mudanças de seus governos. Nesse sentido, os moscovitas estariam alinhados com o ideal do periódico enquanto as massas de países como os EUA ainda precisariam "acordar" para tomar a ação correta.

Já na segunda imagem vemos um ambiente que parece ser uma fábrica, com máquinas e pessoas. A legenda da foto é:

(121) "A URSS entra na era dos robôs".

Na segunda metade da década de 1980 a indústria soviética encontrava-se bastante defasada em relação ao restante do mundo, não investindo em tecnologias. Dessa forma, o jornal parece querer divulgar algo que pode contrapor esta imagem de estagnação tecnológica.

A matéria jornalística presente na página 12 do *Voz* é assinada por René Capriles Farfán e também menciona a agência Novósti. O texto é iniciado com o trecho da terceira parte do Programa do PCUS, no qual é reforçado o caráter pacificante da URSS. A partir disso, Farfán expõe alguns dos principais ideais presentes nesta parte do relatório, como por exemplo a intenção de "evoluir" o sistema soviético rumo ao comunismo. No sétimo parágrafo está destacada em negrito uma frase presente no Programa que vai de acordo com o pensamento que o *Voz* busca propagar:

(122) "Um mundo sem guerras nem armas é o ideal do socialismo".

Em seguida, surge mais uma forma de tratar seu "outro" ideológico:

(123) "Na área da segurança, fica esclarecido que enquanto existir a OTAN, (**o bloco militar imperialista**), o Partido afirma [...]".

Destacamos também o trecho:

(124) "Nas relações com os países capitalistas, o PCUS parte do princípio de que a disputa histórica entre os dois sistemas opostos em que o mundo contemporâneo está dividido, pode e deve ser solucionada por via pacífica".

Neste ponto, fazemos um adendo; como Vilches (1987) explica em sua obra, por vezes, seja através de texto ou imagem, uma determinada mídia pode ser redundante. A repetição de determinada informação serve para facilitar o processo de entendimento do leitor, porém, compreendemos aqui que a insistência do *Voz* em caracterizar a URSS enquanto reduto da pacificação mundial serve como propaganda e como estraégia de educação de seus leitores. O mesmo ocorre na temática anterior, com a insistência do *OESP* em qualificar o sistema soviético como um corpo doente, passando a todo momento ao público a mesma construção de sentido.

A sequência discursiva seguinte naturaliza a ideologia que rege a produção do *Voz da Unidade* e a política do PCB:

(125) "As revoluções são o resultado lógico do desenvolvimento social e da luta de classes em cada país determinado".

Sendo que "resultado lógico", passa ao leitor o caráter de obviedade de tal afirmação. Para o *Voz* o caminho político naturalizado pelo seu discurso é a implementação do comunismo na URSS:

> (126) No quarto ponto da Terceira parte do Programa, o PCUS aborda as suas relações com o movimento operário e comunista mundial, considerando que a sua atividade no aperfeiçoamento da sociedade socialista rumo ao comunismo, é a tarefa mais importante no plano internacional, seguindo os interesses da classe operária.

Diferentemente do que ocorria em um primeiro momento da trajetória do PCUS, a partir deste momento o PC Soviético não tem mais tanta influência sobre outros Partidos Comunistas mundo afora, no entanto, isso aparece de forma amenizada no trecho seguinte:

> (127) Também o programa afirma que o PCUS parte do princípio de que os comunistas de cada país analisam e avaliam, independentemente, a situação, definem livremente a sua linha estratégica, a sua política, a escolha desta ou daquela via de luta pela conquista de objetivos imediatos pelos ideais do comunismo.

Da forma como o enunciado é construído, dá-se maior enfoque no fato de o próprio PCUS incentivar a autonomia de outros PCs, em vez de explicar que muitos dos partidos, naquele momento buscavam sua independência com relação à Moscou.

Seguimos para a construção do quinto quadro de análise:

QUADRO 5 - Edição nº 287 (28 de fevereiro a 6 de março 1986) do *Voz da Unidade*

PERSONALIDADE/ EVENTO	**SD**	**ADJETIVO/ REPRESENTAÇÃO UTILIZADOS PELO *VOZ DA UNIDADE* PARA QUALIFICÁ-LO**	**POSICIONAMENTO DO PERIÓDICO**
XXVII Congresso do PCUS	96	"Um congresso de importância mundial"	Elogioso
XXVII Congresso do PCUS	97	"é um acontecimento que transcende o âmbito interno da URSS — e mesmo do campo socialista e do movimento democrático mundial —, constituindo-se num evento de importância histórica para o conjunto da humanidade"	Elogioso
URSS	101	"esteio da paz mundial"	Elogioso
URSS	100	"o principal baluarte da luta contra o Eixo nazi-fascista"	Elogioso
OTAN	123	"o bloco militar imperialista"	Crítico

FONTE: Voz da Unidade (1986)

A partir da análise das edições de *OESP* e do *Voz da Unidade* que tratam a temática do XXVII Congresso do PCUS, apontamos algumas considerações. Em primeiro lugar, é perceptível a diferença de destaque dado pelos periódicos para o evento. Enquanto o *Voz* dá muito mais ênfase para o evento em quantidade de páginas e tamanho de texto, o *O Estado de S. Paulo* trata mais brevemente da temática. Para a construção discursiva do *Voz da Unidade* o XXVII Congresso do PCUS tem maior importância, uma vez que auxilia na legitimação de sua ideologia.

Visto isso, apontamos que a maior diferença entre os discursos de ambos os periódicos é a construção da imagem de Gorbachev, da URSS e do próprio congresso. Como pudemos analisar através das sequências destacadas e dos quadros 4 e 5, o *OESP* busca salientar a

suposta irritação de Gorbachev e seus ataques contra os EUA, ou seja, há a associação de sua figura à violência. Dessa forma, as críticas aos Estados Unidos feitas pelo secretário-geral acabam sendo deslegitimadas pelo jornal, principalmente a partir dos comentários tecidos por Lapouge. Da mesma maneira, o periódico segue diferenciando a imagem do novo líder soviético com relação aos seus antecessores, sem, no entanto, abandonar totalmente a construção de uma visão de desconfiança com relação ao secretário-geral. Já o *Voz da Unidade*, ao contrário do *OESP*, trata Mikhail Gorbachev e a URSS como representantes da paz mundial e o XXVII Congresso do PCUS como um evento de importância global. Não há enfoque nas críticas de Gorbachev à Brezhnev e suas críticas aos Estados Unidos são naturalizadas, uma vez que o país é o "outro" ideológico do periódico e do PCB.

Outro importante ponto é o fato de que, enquanto o *Voz da Unidade* utiliza informações provenientes da agência Novósti, o *OESP* não cita a mesma fonte de informações e procura citar a opinião de observadores ocidentais que presenciaram o evento. Esta diferença ocorre assim como no primeiro tópico de análise, quando *OESP* reproduz reportagem do *L'express* diferentemente do *Voz*. Segundo Charaudeau (2019), o uso deste tipo de fonte é caracterizado como externo/interno, ou seja, há a citação de informações de fontes externas ao próprio periódico, no entanto, interna ao campo da mídia. Ao reproduzir uma reportagem de outro periódico ou de uma agência de notícias — sem que haja comentários próprios do periódico — acreditamos que o veículo compactua com a ideologia materializada.

Mais uma diferença entre as reportagens presentes nos dois jornais é o fato que de enquanto o *OESP* reproduz em suas páginas somente fotografias dos líderes mencionados, o *Voz da Unidade* apresenta imagens da população como protagonista do evento. O *OESP*, contrariamente, através da fala de Lapouge, enfatiza que Moscou, na verdade, estava somente "maquiada" para receber os estrangeiros no Congresso.

Uma semelhança entre os discursos, no entanto, é o extenso uso de citações diretas da fala de Gorbachev. A começar pelo texto de chamada da notícia na primeira página do *OESP*, as citações da fala de Gorbachev estão totalmente entrecortadas por interpretações do próprio jornal, o que distancia o discurso de seu "outro" de seu próprio discurso. O exemplo mais óbvio desse processo está em:

> (128) O líder do Cremlin, Mikhail Gorbachev, inaugurou ontem o 27º Congresso do PC soviético com um violento ataque à política de Ronald Reagan, afirmando que "o imperialismo norte-americano dos anos 80 é o monstro mais horrível e perigoso do século XX".

Neste trecho, o jornal maneja o interdiscurso, uma vez que, mesmo ao citar um líder soviético que fala mal de seu aliado ideológico, os EUA, explicita que este posicionamento não é o seu, e mais, o caracteriza como um "violento ataque". Juntamente a estas citações diretas, o *OESP* também utiliza citações indiretas da fala do secretário-geral, nas quais pode conduzir a interpretação dos leitores a respeito de seu pronunciamento.

Outro ponto importante é que o jornal destaca a fala de Gorbachev a respeito da ineficácia de seus antecessores e sua crítica aos "parasitas" da URSS, como na matéria intitulada "Uma crítica à velha guarda".

Embora os textos intitulados "Imperialismo americano é um monstro horrível" e "Proposto 'congresso mundial'" sejam praticamente compostos de falas diretas de Gorbachev, na mesma página há o texto de Lapouge que traz ao leitor uma interpretação bastante engajada a respeito do congresso. Igualmente, todas as vezes em que o jornal cita alguma fala de Gorbachev a respeito dos Estados Unidos enfatiza um suposto caráter violento da fala do líder. Ainda assim, lembramos, como Mariani (1996) aponta em seu trabalho, que a grande quantidade de citações de um líder da URSS em um grande jornal brasileiro é algo que é possível na década de 1980 justamente pela mudança no contexto da Guerra Fria e do Brasil.

Nas páginas 10, 11 e 12 do *Voz da Unidade* também há o grande uso das citações diretas da fala de Gorbachev, em maior quantidade do que na edição de *OESP*, o que demonstra a intenção, por parte do *Voz,* de disponibilizar para o seu leitor aquilo que foi dito durante o evento considerado de grande relevância para a sua FD. No entanto, essas falas não deixam de estar entrecortadas por interpretações do próprio periódico a respeito dos eventos. Diferentemente do *OESP*, o *Voz*, logo no início da página 10, cita a fala de Gorbachev referente aos avanços feitos pela URSS em toda a sua trajetória. Em seguida, ao mencionar que o líder também faz uma autocrítica com relação aos problemas que ocorriam naquele país, o jornal passa a utilizar o discurso indireto, trazendo para o leitor sua própria interpretação sobre a temática, talvez em uma tentativa de atenuar o que estava sendo dito. O mesmo ocorre no parágrafo número doze da matéria. Esta tática está em oposição àquela usada pelo *OESP*,

uma vez que ele expõe mais evidentemente as críticas de Gorbachev à Brezhnev, por exemplo.

Assim como no *OESP*, o *Voz* também cita as críticas de Gorbachev feitas aos EUA, porém menciona seu discurso enquanto um detentor da verdade, alinhado com a sua ideologia. Isto se percebe pelos comentários feitos pelo próprio jornal entre uma citação e outra de seu discurso, que nunca fazem críticas às suas falas ou, de alguma forma, se distanciam ideologicamente delas. Pelo contrário, como vimos, o jornal concorda com a visão de que a URSS permanecerá em progresso e que, por exemplo, os EUA não são confiáveis.

Para além do grande espaço dado aos discursos dos comunistas soviéticos, algo totalmente diverso daquilo visto no *OESP* — que visa discursar *sobre* os comunistas soviéticos —, no *Voz* há também, como apontamos, a síntese de parte do Programa do Partido aprovado no congresso. Neste sentido, o periódico didatiza a leitura do Programa para o seu leitor. O *OESP* não apresenta esse documento para o seu público, pois prefere dar ênfase às relações entre URSS e EUA.

3.6 VIAGEM OFICIAL DE SARNEY À URSS

A terceira temática escolhida para análise é a visita oficial de José Sarney à União Soviética entre os dias 17 e 21 de outubro de 1988. Trabalhamos com as edições nº 34.862, nº 34.863, nº 34.864 e nº 34.865 de *OESP* para estudar o evento. Tal visita integrou um roteiro de viagens diplomáticas que Sarney realizou na Europa neste período. No entanto, seu encontro com Mikhail Gorbachev é o evento de maior destaque em relação a outros realizados nesta viagem, uma vez que esta foi a primeira vez que um presidente brasileiro visitou oficialmente a União Soviética.

Tendo em vista a recente redemocratização do Brasil e a sua tentativa de inserção em assuntos diplomáticos globais como a pacificação e os direitos humanos, tal visita tem grande importância. As publicações de *OESP* durante estes dias trazem ao leitor uma preocupação com o impacto que a visita pode gerar na relação entre Brasil e Estados Unidos. Igualmente, há o apontamento dos gastos gerados pela grande comitiva que viaja à URSS junto com José Sarney. Outro ponto interessante é a sutil sugestão do caráter luxuoso no qual os membros do PCUS vivem, como veremos adiante.

Na primeira página da edição do dia 18 de outubro de 1988, no canto superior esquerdo há a reprodução de uma fotografia de José Sarney cumprimentando Raísa Gorbachev em primeiro plano e, ao fundo, o rosto sorridente de Mikhail Gorbachev. A legenda da foto é:

(129) "Moscou, saldão do Cremlin: Sarney cumprimenta Raísa, depois de ser recebido por Gorbachev".

Logo abaixo da imagem, vem o título:

(130) "Sarney convida Gorbachev para visitar o Brasil".

No breve texto que antecipa a temática que será melhor tratada na página número 4, salientamos a maneira como os personagens políticos são tratados:

(131) "O **presidente** José Sarney e sua comitiva [...]";

(132) "Recepcionado no Cremlin pelo **presidente** Mikhail Gorbachev [...]";

(133) "Sarney declarou que espera 'para breve' a visita do **dirigente soviético** ao Brasil".

Como mencionamos na temática analisada anteriormente, com o passar do tempo e a consolidação das políticas reformistas de Gorbachev, o jornal começa a tratar com menor desconfiança e críticas. Dessa maneira, o líder soviético começa a ser mencionado cada vez mais com adjetivos pretensamente neutros que somente descrevem sua posição política.

Ao lado deste texto de chamada, há um pequeno box informando o leitor a respeito da quantidade de pessoas presentes na comitiva de viagem de Sarney. Esta é uma questão que estará a todo momento presente no discurso do *OESP,* e já neste pequeno texto aparece de forma ironizada. O título do box é:

(134) "O recorde não é mais paraguaio".

Ele poderia indicar algo positivo, uma vez que à primeira vista o Brasil estaria batendo o recorde de outro país. No entanto, quando lemos o texto, notamos que há na verdade, por parte do periódico, uma crítica:

> (135) A Presidência da República leva para Moscou uma comitiva de 150 pessoas, das quais metade não viajaria se fosse só para trabalhar [...]. Os dez dias de Sarney e seus acompanhantes da URSS, Paris e Lisboa custarão US$ 1,5 milhão, quase Cz$ 600 milhões. O recorde conhecido em Paris até agora pertencia ao Paraguai e seu ditador Alfredo Stroessner [...].

Além de expor a grande quantidade de pessoas presentes na comitiva, o jornal também destaca o dinheiro gasto na viagem. A comparação que há com o "ditador Alfredo Stroessner" auxilia em uma construção de sentido negativo para o tal recorde brasileiro, uma vez que indiretamente associa-se a atitude do presidente Sarney à de um ditador.

Já na seção *Diplomacia*, na página 4 do jornal, há a reprodução de uma imagem logo na parte superior central da página. A fotografia mostra os rostos dos personagens políticos em frente ao avião, com a legenda:

(136) "No aeroporto de Moscou, Sarney é recebido por Lukyanov (E) e por Shevardnadze (D)".

Ambos foram membros do PCUS, sendo que Eduard Shevardnadze foi o ministro de Assuntos Exteriores de Mikhail Gorbachev.

Acima da imagem, vem o título:

(137) "Gorbachev pode visitar logo o Brasil".

A matéria é assinada por Aluízio Maranhão e o texto está posicionado ao lado esquerdo da imagem reproduzida. Como o título indica, Maranhão escreve a respeito do convite feito por Sarney para que Gorbachev visite o Brasil. Apontamos algumas sequências iniciais do texto nas quais aparecem adjetivos relacionados à Gorbachev:

(138) "[...] o **presidente José Sarney** declarou que espera para 'breve' a visita do **principal dirigente da União Soviética** ao Brasil";

(139) "O convite público para que o **presidente da URSS** visite o Brasil [...]".

Diferentemente do que apontamos na análise da edição de 12 de março de 1985, há a constante referência a agentes políticos soviéticos somente por seus cargos, como "chanceler" ou "presidente". Não há a mesma adjetivação com conotação grotesca, conforme vimos anteriormente.

Há a ênfase para os sentimentos despertados em Sarney e sua esposa durante o encontro com o casal soviético:

(140) "Sarney irradiava alegria e Marly, emocionada, terminou esquecendo sobre uma pequena mesa de centro uma corbelle de rosas que recebeu de Raísa".

Nesta matéria jornalística, também é utilizado o vívido-percebido, por exemplo no trecho:

> (138) O Boeing-707 da FAB que transporta a comitiva presidencial aterrisou no Aeroporto Vnukovo-2 no horário previsto, 16h45, 11h45 de Brasília. Sob uma temperatura de cinco graus positivos, Sarney e Mary foram recebidos na escada do avião [...] Na fachada do prédio da ala especial do aeroporto, reservada a visitantes ilustres, faixas vermelhas com letras brancas, uma em russo, outra em português, saudavam o presidente [...].

No enunciado apresentado a seguir há certamente a intenção de destacar o caráter luxuoso da recepção que o presidente recebeu:

(141) "Sarney embarcou em uma limusine Zyl, último tipo, junto com Lukianov".

Tal caracterização também surge em outra sequência discursiva:

(142) "O casal Gorbachev recepcionou Sarney e Marly no salão de São Jorge, um amplo espaço no Palácio do Cremlin, iluminado por mais de duas mil lâmpadas, muitas delas de três enormes candelabros folheados a ouro".

Do lado direito da página, aponta-se outro tipo de ostentação, dessa vez, para o da comitiva que José Sarney levou à Europa. O título da reportagem é:

(143) "Excesso de amigos integra a comitiva".[25]

Notamos o caráter de crítica do jornal nos trechos:

(144) "[...] não poderia faltar um complemento que já faz parte dos usos e costumes da burocracia brasileira: o 'trem da alegria', na sua versão aérea.";

> (145) Afinal, ao lado de ministros e funcionários do Itamaraty pode-se esbarrar na capital soviética com Cláudio Macieira, médico, irmão da primeira-dama Marly, bem como com Marcus Villaça, do Tribunal de Contas da União, sem nenhuma missão definida junto ao Cremlin a não ser o de convidado especial do presidente, seu amigo;

(146) "Ao todo, durante dez dias, esses convidados especiais receberão diárias que podem chegar a US$ 120 (Cz$ 50.000) e não precisarão se preocupar com a hospedagem, pois o governo também cobre essas despesas";

(147) "Se a metade da comitiva seria dispensável numa agenda de viagem totalmente voltada ao trabalho, calcula-se que o Tesouro estaria gastando cerca de US$ 175 mil (Cz$ 73,5 milhões) com esse 'trem', sem contar as despesas com as passagens aéreas";

(148) "A embaixada brasileira também sofre com os reflexos dessa invasão de convidados [...]".

25 O texto é assinado por "A.M.", de maneira que não podemos afirmar com certeza se foi escrito por Aluízio Maranhão ou por A.M Pimenta.

Na reportagem seguinte, a crítica do *OESP* com relação aos gastos da viagem continua. O título do texto é:

(149) "Gasto passa de Cz$ 600 milhões".

Esta matéria é assinada por Diana Fernandes e Paulo Fona. Vejamos os seguintes fragmentos que dão continuidade à crítica realizada pelo periódico:

> (150) Os contribuintes brasileiros estão pagando caro pela viagem do **presidente** José Sarney à União Soviética, [...]. Os dez dias de Sarney e sua comitiva no exterior oneram os cofres públicos em US$ 1,5 milhão (cerca de Cz$ 610 milhões). A Embaixada brasileira em Portugal [...]. custou US$ 2 milhões (cerca de Cz$ 814 milhões) [...];
>
> (151) cada um desses funcionários que foi de Brasília para Moscou e a comitiva oficial tem todas as suas despesas com transporte e hospedagem pagas pelo governo brasileiro e ainda recebe uma diária que varia de 200 a 500 dólares [...]. Um funcionário [...] acumulou diárias de US$ 5.100 (cerca de Cz$ 2 milhões).;
>
> (152) Dos US$ 1,5 milhões que Sarney e sua comitiva consumirão no Exterior pelo menos 30% engordarão a caixa de hotéis, nas quatro cidades onde passarão [...]. Segundo cálculos de agências de viagens de Brasília, os hotéis que hospedarão Sarney e sua entourage cobram, em média, US$ 300 a diária (cerca de Cz$ 122 mil).

O jornal faz uma piada, explicitando que a diária cobrada na URSS seria menor do que as de outras cidades europeias visitadas por Sarney. É citada a fala de um dono de agência de viagens:

(153) "Os comunistas cobram barato".

Logo ao lado do texto há a reprodução de uma fotografia de Marcus Villaça do Tribunal de Contas da União, já citado no texto de A.M. A legenda da imagem é:

(154) "Villaça: sem função".

A legenda ressalta que o amigo pessoal de Sarney está embarcando na comitiva mesmo sem ser necessário.

O título seguinte remete ao box presente na primeira página desta edição:

(155) "Sarney supera Ströessner".

A matéria é assinada por Reali Júnior, correspondente de Paris do *OESP*. O texto fala essencialmente sobre a visita de Sarney à Paris, destacando que o presidente gastou mais que Ströessner, conforme o leitor já havia sido informado na primeira página do jornal. No entanto, no texto, para além das críticas aos gastos da comitiva, também podemos analisar alguns pontos importantes:

> (156) Só um membro da comitiva oficial encontrou uma desculpa para não comparecer ao jantar do superempresário francês, o **deputado comunista** Roberto Freire. Ele não escondeu um certo constrangimento quando teve de comunicar a alguns amigos de Paris que se encontrava hospedado no Hotel Bristol, um dos mais luxuosos da capital, preferido dos banqueiros internacionais, onde a diária de um quarto custa o equivalente a US$ 400 (cerca de Cz$ 162 mil).

Nessa sequência discursiva, além de expor o preço gasto pela comitiva nas diárias em Paris, o jornal também expõe uma suposta contradição no comportamento de Freire, uma vez que ele, enquanto comunista, estava em um local luxuoso e capitalista, o que gerou constrangimento para o deputado.

Já no último parágrafo da reportagem de Júnior, há uma dupla crítica sutil aos luxos de Sarney e sua comitiva bem como aos luxos disponíveis ao dirigente da URSS:

> (157) Ontem, às 11 horas, **o presidente** José Sarney seguiu com sua comitiva para Moscou, já em visita oficial e de Estado. Lá, apenas o cardápio deverá ser diferente. Ao invés de foie gras, trufas e champagne, muito provavelmente, Mikhail Gorbachev, vai servir blinis, vodka e caviar.

Abaixo do texto, há a reprodução de algumas imagens, no entanto, enfatizamos a fotografia de Roberto Freire, na qual seu rosto aparece em evidência, com uma expressão desconfiada. A legenda da imagem é:

(158) "Freire: constrangimento".

Note-se que a imagem do político pecebista é associada a uma palavra com sentido negativo, algo que está de acordo com a construção de sentido feita pelo jornal anteriormente.

Na edição do dia seguinte, há na primeira página do jornal, na metade inferior central, a imagem de Sarney e Gorbachev sorrindo, na qual captamos um olhar direto de Gorbachev para Sarney, que olha em outra direção. Podemos atrelar o sentido da foto àquele trazido na edição do dia 12 de março de 1985, quando Gorbachev é tratado enquanto um "urso", dessa forma, Sarney aparece enquanto uma presa, indefesa, aos olhos de um político soviético. A legenda da imagem é:

(159) "Sarney e Gorbachev no Cremlin: a normalização das relações diplomáticas com a URSS".

Se, por um lado, a legenda aborda a volta da relação entre os dois países, por outro, sutilmente atenta para o fato de a partir de tal evento, torna-se "normal" relacionar-se com a

URSS, nesse caso, algo de caráter negativo de acordo com a ideologia do jornal. Ao lado esquerdo da imagem vem o título:

(160) "Gorbachev oferece cooperação nuclear".

Novamente, temos aqui a figura de Gorbachev tratada como:

(161) "**secretário-geral do PCUS**".

Já nas páginas 6 e 7, na seção *Diplomacia*, é dado seguimento à abordagem do assunto. O tema da viagem de Sarney ocupa a página 6 por completo. Na parte superior da aparece a matéria de Aluízio Maranhão intitulada:

(162) "Brasil e URSS assinam acordo".

Logo abaixo, ao lado direito do texto, há a fotografia de Sarney e Gorbachev se cumprimentando com a legenda:

(163) "Gorbachev recebe Sarney no Cremlin: uma nova fase na relação entre os dois países".

Na matéria, Maranhão expõe alguns acontecimentos diplomáticos ocorridos na viagem, há nessa reportagem, assim como em outras que tratam desse mesmo evento, o uso frequente de citações diretas de falas de Sarney e Abreu Sodré. Embora não destaquemos sequências discursivas presentes neste texto, salientamos que através da citação da fala dos personagens, a *perestroika* de Gorbachev e a redemocratização brasileira são comparadas. Há também destaque para as novas possibilidades de relações comerciais entre os dois países.

Logo abaixo da reprodução da fotografia do lado direito da página, há o título:

(164) "Na pauta, outros documentos".

Assim como o texto anterior, essa matéria está mais próxima do que Charaudeau (2019) chama de AR, uma vez que comentários praticamente não aparecem. O texto somente elenca quais serão os documentos assinados tanto por Sarney e Gorbachev quanto por Abreu Sodré e Shevardnaze.

No canto inferior esquerdo há mais uma matéria:

(165) "Um passeio pelo Cremlin".

Há no texto a reprodução de um diálogo publicado pelo jornal soviético *Pravda*, uma transcrição da conversa entre Gorbachev e Sarney. Não existe um comentário de *OESP* para o material apresentado e isso é importante, uma vez que demonstra as mudanças de estratégias discursivas adotadas pelo jornal. Se levarmos em consideração a obra de Mariani (1996),

poderíamos apontar dois fatores neste texto: o primeiro deles, é que, ao reproduzir na íntegra a reportagem do *Pravda*, o *OESP* está incorporando no seu próprio discurso o discurso de seu "outro". Diferentemente de quando traduz as reportagens de veículos internacionais de informação que são seus aliados ideológicos, está dando voz à uma FD completamente oposta à sua, e mais, sem tecer comentários a respeito do texto. Neste sentido, reforçamos a ideia de que há um processo, na década de 1980, de atenuação do medo com relação ao "perigo comunista". Por outro lado, lembramos que o conteúdo da reportagem não chega a confrontar a FD de *OESP*, uma vez que está mais focada na relação diplomática estabelecida entre os dois presidentes. Em segundo lugar, apontamos para a existência de uma cadeia de interdiscursos nesta matéria, uma vez que ao citar diretamente a matéria do *Pravda*, o jornal também cita o discurso direto de Sarney, Gorbachev e outras pessoas que estavam presentes no encontro.

Logo ao lado vem a notícia intitulada:

(166) "Comitiva é orientada a não comprar demais".

Nesse texto, o jornal reafirma sua crítica a respeito dos gastos da comitiva de Sarney. Há também uma extensa lista dos integrantes dessa comitiva que viaja à Europa juntamente ao presidente. A lista ocupa grande espaço da página, enfatizando o discurso do jornal a respeito da falta de utilidade política de alguns membros da comitiva.

Na página 7, o principal título é :

(167) "Gorbachev propõe colaboração nuclear".

Abaixo do título, do lado direito, há a reprodução da imagem de oficiais soviéticos em primeiro plano e Sarney os observando ao fundo. Na legenda está escrito:

(168) "No Cremlin, Sarney acompanha a solenidade: homenagem ao Soldado Desconhecido".

No texto, ao lado esquerdo, novamente são tratadas algumas das questões diplomáticas ocorridas na viagem. A construção da matéria também se dá pelo uso extensivo de citações diretas entrecortadas por interpretações do próprio periódico sobre os acontecimentos. Há a comparação das políticas da *perestroika* e *glasnost* com o processo de redemocratização brasileira, uma vez que Sarney e Gorbachev elogiam-se mutuamente a respeito de tais políticas.

O trecho seguinte cita brevemente o esforço pacifista de Gorbachev, algo que será tratado com muito mais ênfase no *Voz da Unidade:*

(169) "O presidente soviético repassou os avanços conseguidos ultimamente no esforço pela paz mundial".

No subtítulo "Cooperação", enfatizamos os enunciados:

> (170) Em seu discurso, o presidente soviético se referiu também às perspectivas existentes para o desenvolvimento das relações e da cooperação entre o Brasil e a União Soviética [...]. Referiu-se à criação de empresas mistas e citou como exemplo de colaboração futura o intercâmbio de moderna tecnologia, cooperação industrial e fornecimento de alimentos;

(171) "[...] interesse soviético de aproximação com o processo econômico mundial [...]".

Percebe-se que as reportagens priorizam muito mais os aspectos econômicos da nova relação entre os dois países. Aqui podemos notar também o crescente movimento do secretário-geral de voltar a inserir a Rússia em uma economia de mercado.

No canto inferior esquerdo da página vem o título:

(172) "Estamos superando as desconfianças".

O texto traz a reprodução completa do discurso de Sarney no jantar do dia anterior. O título da matéria dá continuidade à construção da imagem de Gorbachev feita até então pelo *OESP*, ou seja, a sua imagem é associada à "desconfiança". No entanto, esta desconfiança já está sendo superada neste caso. Podemos inferir que, quanto mais próximo o fim da URSS e mais reformista o líder torna-se, menos o jornal lhe critica e a sua desconfiança com relação ao secretário-geral é atenuada.

Na edição de 20 de outubro de 1988, na primeira página, há uma pequena notícia sobre o tema da viagem no canto superior direito da página. Seu título é:

(173) "O Brasil procura se aproximar mais da URSS".

O texto da chamada da notícia adianta algo que ficará explícito na página 4 do jornal. O periódico defende que a aproximação do Brasil com a URSS deve afastá-lo dos Estados Unidos, que, no caso, é uma dos maiores modelos ideológicos para o *OESP*. Vejamos o texto completo da chamada:

> (174) Os **presidentes José Sarney e Mikhail Gorbachev** assinaram ontem uma declaração que aproxima o Brasil da União Soviética e redefine a posição brasileira em relação aos Estados Unidos. Para o chanceler Abreu Sodré, "o País não tem por que ficar eternamente ligado aos americanos.".

Na página 4, o título principal é:

(175) "Brasil ficará mais distante dos EUA".

Ou seja, há a imposição de uma lógica ainda muito atrelada à situação da Guerra Fria e da polarização política mundial, embora este seja um momento de maior diálogo entre a União Soviética e os Estados Unidos, tanto o título presente na primeira página quanto na quarta página, dão ao leitor a impressão de que se o Brasil estiver diplomaticamente próximo da URSS, perde automaticamente a relação já estabelecida com os Estados Unidos.

Há na parte superior central da página, logo abaixo do título, uma imagem com a seguinte legenda:

(176) "No Cremlin, Sarney e Gorbachev preparam-se para assinar a 'declaração de princípios': campo livre para intercâmbio".

Ao lado esquerdo da imagem, vem o texto assinado por Aluízio Maranhão, que se inicia com o subtítulo:

(177) "Ao assinar acordo com a URSS, **Sarney assume o risco** de uma política independente".

Tal sequência discursiva cria um sentido negativo para a ação de aproximação com a URSS, pois a postura assumida pelo presidente Sarney é caracterizada como perigosa, uma vez que afastaria o Brasil de outra potência, no caso, ideologicamente próxima àquela do *OESP*. No caso, se o movimento fosse de aproximação aos EUA, certamente não seria tratado como um "risco" o possível afastamento com relação à URSS.

Destacamos o enunciado:

> (178) O presidente José Sarney concluiu ontem a agenda política de sua viagem à União Soviética com a obtenção de vários acordos que aproximam o Palácio do Planalto do Cremlin e que, na prática, redefinem a posição do País diante de seu **aliado histórico, os Estados Unidos**.

Aqui podemos fazer uma comparação com o tratamento dado aos EUA pelo discurso do periódico e as adjetivações feitas quando tratada a temática da sucessão de poder na URSS,

sendo esta potência sempre retratada como um corpo doente, enquanto os Estados Unidos assume papel de aliado, um parceiro histórico, com vínculos bem estabelecidos com o Brasil.

Outros trechos do texto são importantes para a nossa análise:

> (179) A própria declaração de princípios ressalta que a "cooperação entre o Brasil e a União Soviética não é dirigida contra qualquer país", ponto constantemente ressaltado por Sarney nas suas entrevistas e discursos em solo soviético. O conteúdo dos acordos, porém, **guarda combustível suficiente para alimentar análises sobre um novo curso nas relações do país com os Estados Unidos**;
>
> (180) Além de deixar campo livre para consultas políticas, os textos dos acordos com a União Soviética reafirmam a posição defendida por Sarney na ONU, em 85, contra a militarização do espaço — **uma crítica clara ao programa norte-americano "Guerra nas Estrelas"**;

(181) "Tudo isso somado, incluindo o sinal verde para a simples abertura de um consulado nacional em Leningrado e um soviético no Rio, **significa que o Brasil elegeu um sócio de peso na sua diplomacia**".

Nesses trechos o jornal destaca a mudança diplomática que a viagem de Sarney à URSS gerou. Há um evidente tom de preocupação passado pelo texto de Maranhão com relação à aproximação do Brasil com a União Soviética e seu possível afastamento com relação aos Estados Unidos.

No subtítulo "Política Interna", ele faz crítica aos problemas internos que o Brasil vinha enfrentando naquele período. É curiosa a construção que o jornalista realiza ao destacar tais problemas logo após noticiar a aproximação do Brasil com a URSS. Enfatizamos a sequência:

(182) "Foi perguntado ao presidente o que ele achava do fato de a inflação estar chegando a 30% ao mês e o dólar no mercado paralelo ter dado um grande salto nas últimas horas".

Logo abaixo da imagem, na parte central da página vem o título:

(183) "Sarney reafirma independência".

A reportagem traz o posicionamento de José Sarney com relação aos Estados Unidos. O jornal busca mostrar para o leitor as opiniões do presidente brasileiro frente ao contexto da Guerra Fria como em:

> (184) Sarney declarou que desde o início do seu governo procurou executar uma política externa "sem qualquer roupagem ideológica". As relações do Brasil com a União Soviética, afirmou o presidente, não ocorrerão em detrimento do relacionamento com qualquer outro país, inclusive os Estados Unidos.

Mas logo em seguida o *OESP* relembra que Sarney criticou o programa Guerra nas Estrelas.

Ao lado do texto da matéria há uma imagem de Sarney observando um traje de astronauta com a legenda:

(185) "Sarney no museu Espacial Gagarin: o lado ameno da visita".

Logo abaixo há a reprodução na íntegra da *Declaração sobre os princípios da interação em prol da paz e da cooperação internacional*.

Do lado direito da página, há um curto texto de autoria de A.M. O título é:

(186) "Empresários acertam forma de cooperação".

Como o título indica, o texto trata das interações empresariais entre Brasil e Rússia, bem como a troca de tecnologia entre os países. No tópico "Soberania", porém, o jornal segue abordando os possíveis impactos dessa nova possibilidade diplomática na relação do Brasil com os Estados Unidos. A preocupação do *OESP* aparece no trecho:

> (187) Animado com as perspectivas abertas pelo acordo científico e tecnológico assinado ontem no Cremlin. Biasi declarou não estar preocupado com possíveis retaliações norte-americanas [...] Na opinião de Machline, mesmo que os Estados Unidos suspendam a remessa de componentes eletrônicos para empresas brasileiras, por causa da associação com a União Soviética [...].

Logo abaixo dessa reportagem há um curto texto, também assinado por A.M, intitulado:

(188) "Leônidas diz que gostou da hospitalidade".

Nele, o jornalista ironiza a figura do ministro do Exército Brasileiro. Como vimos no capítulo anterior, Leônidas Pires mantinha ainda no governo Sarney a tutela militar e a mentalidade anticomunista herdada do período da Ditadura Militar. Nesse sentido, o jornal faz troça com a sua reação positiva a respeito da viagem à URSS. Isso fica explícito no fragmento:

> (189) o ministro aderiu ao clima geral de camaradagem que tem unido brasileiros e soviéticos nos últimos dias [...] deu uma resposta seca quando lhe perguntaram se,

> depois dessa viagem, o Exército abandonaria de vez o discurso de que a União Soviética deve ser encarada como uma plataforma exportadora de revoluções [...].

No último parágrafo, outra vez é exaltado o caráter luxuoso da viagem à URSS:

(190) "O grande show preparado pelos soviéticos chegou ao máximo de requinte no jantar de ontem no Cremlin. Entre pastelões de caviar, vitelas e pratos de esturjão, o cardápio ofereceu sete opções aos brasileiros. Todo regado a vinhos da Georgia".

Na edição do dia seguinte, nº 34.865, a viagem de Sarney à URSS não aparece na primeira página do jornal, no entanto, na página 4, na seção *Diplomacia*, há um texto sobre a viagem, escrito por Aluízio Maranhão, intitulado:

(191) "Visita à URSS entusiasma o Itamaraty".

A reportagem realiza um balanço da visita de Sarney à URSS. Maranhão expõe os convites feitos tanto por brasileiros quanto pelos soviéticos. De certa forma, o jornal transmite um caráter positivo ao leitor com relação a esta temática, como nos trechos:

(192) "diplomatas do Itamaraty começam a fazer um balanço da viagem à União Soviética. As conclusões são positivas [...]";

(193) "A diplomacia brasileira anima-se diante de alguns sinais emitidos pelos dirigentes soviéticos."

Ainda, o jornal traz uma informação que contrabalança a opinião transmitida em textos anteriores. Este é mais um exemplo do efeito de gangorra apresentado por Charaudeau (2019). Vejamos os trecho:

> (194) Quanto a aspectos mais amplos da política do Itamaraty no ocidente, não preocupa a possibilidade de a aproximação com a União Soviética minar os laços do País com os Estados Unidos, embora haja no Ministério das Relações Exteriores quem admita que, no momento em que os próprios norte-americanos e soviéticos dialogam como nuncaa o fizeram no passado, passa a existir um espaço para o Brasil exercitar certa independência em relação a Washington.

No tópico "Problema no aeroporto", no entanto, o jornal retoma as suas habituais críticas ao sistema soviético:

(195) "Apesar da perestroika e da glasnost, a imprevisibilidade da burocracia soviética conseguiu causar surpresas, mesmo quando se trata de uma missão presidencial";

(196) "O tumulto, na verdade havia começado no Hotel Rossia, um estabelecimento de seis mil quartos localizados próximo à Praça Vermelha e completamente para prestar um serviço rápido e eficiente a sua multidão de hóspedes".

Entre as colunas do texto, há a fotografia de Sarney, Gorbachev e as respectivas primeiras-damas com a legenda:

(197) "No Cremlin, a despedida de Gorbachev e Raíssa para Sarney e Marly: **bons resultados**".

Através da legenda o periódico reforça que a viagem do presidente brasileiro à URSS foi, no fim das contas, uma boa medida diplomática para o Brasil.

Finalizando a análise desta temática nas páginas de *O Estado de S. Paulo*, apresentamos o seguinte quadro:

QUADRO 6 - Edições nº 34.862, nº 34.863, nº 34.864 e nº 34.865 (de 18 a 21 de outubro de 1988) do *OESP*

PERSONALIDADE/ EVENTO	**SD**	**ADJETIVO/ REPRESENTAÇÃO UTILIZADOS PELO *OESP* PARA QUALIFICÁ-LO**	**POSICIONAMENTO DO PERIÓDICO**
Estados Unidos	178	"aliado histórico"	Anticomunista/favorável aos EUA.
Mikhail Gorbachev	132	"presidente"	Aparentemente neutro
Mikhail Gorbachev	133	"dirigente soviético"	Aparentemente neutro
Mikhail Gorbachev	161	"secretário-geral do PCUS"	Aparentemente neutro
Mikhail Gorbachev	138	"principal dirigente da União Soviética"	Aparentemente neutro
José Sarney	131	"presidente"	Aparentemente neutro
Roberto Freire	156	"deputado comunista"	Aparentemente neutro

FONTE: O Estado de S. Paulo (1988)

Na primeira página da edição número 416 do *Voz da Unidade*, são apresentados outros assuntos que não se referem à viagem presidencial ao exterior. O evento aparece em uma pequena chamada, sem destaque, no cabeçalho do jornal. O título é:

(198) "Sarney em Moscou".

O texto tem caráter essencialmente informativo:

> (199) O presidente José Sarney viajou sexta-feira para Moscou, onde deverá realizar encontros com Mikhail Gorbatchov, **presidente do Soviet Supremo** da URSS e **secretário-geral do PCUS**. O **vice-presidente do PCB**, Roberto Freire, participa da comitiva presidencial, com ministros militares e empresários.

No enunciado é dito que o político pecebista Roberto Freire integra a comitiva de Sarney que viaja à URSS. Conforme veremos, esse assunto retorna nas outras páginas do jornal.

Na terceira página do jornal, na seção *Nacional*, há a reportagem cujo título é:

(200) "Sarney no **país da perestroika**".

O jornal refere-se à URSS como o "país da perestroika". Isso demonstra que, a esta altura, as novas políticas de Gorbachev já estavam consolidadas a ponto da URSS ser diretamente relacionada à *perestroika*. A matéria é assinada por Cynthia Peter. Assim como no texto de chamada na primeira página do jornal, nessa reportagem é mencionada a presença de Roberto Freire na comitiva de Sarney:

(201) "O **vice-presidente do PCB, deputado** Roberto Freire, integra a comitiva presidencial, a convite do presidente da República".

Tal qual o *OESP*, o *Voz da Unidade* expõe de maneira bastante objetiva quais são os objetivos diplomáticos da viagem de Sarney, como no parágrafo:

> (202) Segundo o Ministério das Relações Exteriores, a visita marca uma opção brasileira de estreitamento das relações com a URSS, iniciado com a visita do então chanceler Olavo Setúbal, em 1985, seguida da visita ao Brasil do chanceler soviético Eduard Shevardnadze, em 1987. O caráter da visita, além do aspecto político, dará ênfase às relações comerciais entre os dois países, em busca do equilíbrio da balança comercial.

No tópico "História", a jornalista retoma alguns dos principais eventos da trajetória das relações entre Brasil e Rússia. A diplomacia estabelecida com a URSS mostra as mudanças políticas no próprio Brasil e a sua relação com o PCB. Peters retoma essa trajetória desde o período de Dom Pedro II. No segundo parágrafo do tópico a jornalista explica o seguinte:

> (203) Em 1918, após a Revolução de Outubro, foi a vez do Brasil romper relações, só tomando a iniciativa de reatá-la em abril de 1945. Pouco depois, em maio de 1947, o PCB era proscrito no Brasil. E a União Soviética chama de volta seu embaixador. Em outubro do mesmo ano, o Brasil rompe relações novamente, e só as retoma em 1961.

A autora segue expondo ao leitor como se deu a relação diplomática entre Brasil e URSS durante a Ditadura Militar. Por fim ela ressalta que:

> (204) Durante o governo Sarney, além da troca de visitas entre os chanceleres, estiveram na União Soviética os ex-ministros Deny Schwartz (Desenvolvimento Urbano), Renato Archer (Ciência e Tecnologia), o ex-governador e hoje ministro José Aparecido (Cultura) e diversos empresários. Há quatro anos realizam-se, também, anualmente, as Expo-Brasil, feira de promoções dos produtos brasileiros na União Soviética.

Através dessas informações, o jornal didatiza o contexto histórico da viagem de Sarney à URSS para seu leitor. Diferentemente do *OESP*, o *Voz da Unidade* a todo momento expõe aspectos positivos da viagem, como no tópico "Comércio":

(205) "Nesta visita, os dois países pretendem facilitar o comércio brasileiro. Apesar do Brasil ser o segundo parceiro (depois da Argentina) comercial da URSS na América Latina, à exceção de Cuba [...]".

Notamos que não são citados possíveis impasses com os Estados Unidos nem os gastos da comitiva de Sarney. Aliás, sobre a comitiva de Sarney, o discurso do *Voz* se difere bruscamente daquele presente no *OESP*:

> (206) O Brasil está interessado, também, na criação de joint-ventures entre empresas nacionais e soviéticas. Neste sentido, além da comitiva presidencial, haverá uma comitiva de cerca de 100 empresários que seguirão Sarney à URSS, numa espécie de sondagem das possibilidades do mercado soviético [...].

Para o PCB e seu veículo de imprensa, a inserção da União Soviética em uma lógica de mercado ocidental e capitalista começava a ser vista de maneira normalizada.

Já no tópico "Pressões", o *Voz* faz denúncia a outros veículos de imprensa. Este é um importante ponto para compreendermos o interdiscurso e o dialogismo:

> (207) A aproximação brasileira à União Soviética não passou em brancas nuvens. Duas semanas antes da viagem, por coincidência, a imprensa nacional abriu manchetes para denúncias de espiões cubanos infiltrados numa missão científica

> daquele país no Brasil, e para o acordo dos exércitos americanos, do qual o Brasil teria participado.

Nessa sequência, "por coincidência" produz sentido de ironia, uma vez que na verdade, o jornal procura enfatizar que justamente não há nenhuma coincidência no fato da grande mídia brasileira noticiar tal acontecimento. Esse tema, no entanto, não aparece em nenhuma primeira página de edições de *OESP* publicadas duas semanas antes da viagem de Sarney à URSS.

Há ainda mais um comentário a respeito da comitiva no qual novamente é destacada a presença de Roberto Freire:

> (208) Na comitiva presidencial, além do **deputado federal** Roberto Freire, **líder do PCB na Constituinte**, estarão os ministros Abreu Sodré, Bayma Denis, Leônidas Pires (Exército), Moreira Lima (Aeronáutica) e Henrique Saboya (Marinha), bem como **muitos convidados**, como escritor Jorge Amado e sua esposa Zélia Gattai.

Logo abaixo do título há a reprodução de dois retratos; a adjunção da imagem de Roberto Freire e de Sarney colocadas lado a lado dão ao leitor a impressão de que eles trocam sorrisos, embora, possamos notar que o fundo de ambas as fotografias não é o mesmo, ou seja, eles não estavam no mesmo ambiente. A composição dessas duas imagens serve para criar a ideia de que os dois políticos mantêm uma relação positiva, dando maior importância a Roberto Freire na comitiva do presidente.

Depois desse primeiro texto há o título:

(209) "Soviético debate com comunistas brasileiros".

Este título segue uma mesma construção feita anteriormente pelo *Voz da Unidade* ao tratar membros do PCB como "comunistas brasileiros". Através dessa estratégia, o periódico reafirma o papel de esquerda histórica brasileira do partido.

Na reportagem são apresentadas as características democráticas da política soviética:

> (210) A ligação entre o socialismo e a democracia é sem exagero uma das questões fundamentais do desenvolvimento mundial moderno, de todo o movimento revolucionário internacional, destacou o jornalista e diplomata soviético Eduard Kovalev, funcionário do Departamento de Relações Internacionais do Comitê Central do PCUS [...].

No próximo parágrafo é citada diretamente a fala do diplomata, explicando que o socialismo não será afetado pelas política reformistas implementadas:

> (211) Jamais nos afastaremos um passo sequer do socialismo, dos seus alicerces bem sólidos, mas ao mesmo tempo renunciamos decididamente à herança dogmática, burocrática e voluntarista, pois esta nada tem em comum com o marxismo-leninismo, nem com o verdadeiro socialismo.

O restante da reportagem segue a mesma construção de sentido, ou seja, faz uma apologia ao reformismo na política soviética.

Ainda nesta edição do jornal, na página 10, há uma matéria sobre Gorbachev, porém o texto não trata da viagem de Sarney para encontrá-lo, mas sim de outras importantes questões. O título é:

(212) "Gorbatchov aproveitou a olimpíada?".

O texto é assinado por José Monserrat Filho e retoma questões presentes no congresso do PCUS, ocorrido dois anos antes:

(213) "Coerente com seu programa de criação de um sistema global de segurança internacional, aprovado no Congresso do PCUS, em 1986, a URSS vem de propor sete medidas para a desmilitarizar a Ásia.".

No trecho seguinte outra vez a URSS é representada como a potência capaz de solucionar problemas globais. Outras nações deveriam copiar suas atitudes, segundo o jornalista:

(214) "[...] que apela aos EUA e outras potências para lhe seguirem o exemplo".

Mais um trecho que vai de acordo com a construção de uma imagem pacifista de Gorbachev e a URSS:

> (215) É o novo conceito de segurança aprovado na Assembléia Geral da ONU: segurança democrática e universal. A segurança não pode ser de um ou de alguns países em detrimento dos demais. Tem que ser de todos, em igual medida. Na dura realidade da era nuclear, ou todos estão seguros ou ninguém está seguro.

Em dois fragmentos os EUA são responsabilizados por graves problemas do âmbito internacional:

> (216) Outro benefício nada desprezível: os filipinos se veriam livres de dois focos de prostituição, tráfico de drogas e proliferação da AIDS, nas cidades que servem as bases norte-americanas. Acaso não é bom negócio trocar os dólares das armas nucleares e do vício por maior segurança para o país e para a saúde da população?;

(217) "A palavra, agora, está com os EUA e seus aliados asiáticos".

Há um tom de desconfiança com relação às medidas que os EUA poderiam tomar nesse caso:

> (218) O mais provável é que Washington recuse as sugestões, em parte ou no todo. Não há o menor sinal de que a Casa Branca e o Pentágono aceitem, de bom grado, qualquer ideia consequentemente de desmilitarização da Ásia, por mais cautelosa e menos radical que ela seja. Mas isso não elimina o projeto. Ele é apenas adiado para uma época mais propícia, de mais bom senso e responsabilidade norte-americano, que poderá se dar no próximo ano, com o novo presidente a ser eleito agora em novembro.

Esta passagem faz crítica direta ao belicismo norte-americano, relembrando que a Ásia sofreu os efeitos de bombas atômicas lançadas pelos EUA na Segunda Guerra Mundial:

(219) "A Ásia, com os martírios de Hiroshima e Nagasaki, é a única região do mundo que sabe, na prática, o que é bomba atômica".

Já no último parágrafo, é apresentada uma opinião mais explícita por parte do *Voz da Unidade*, ou seja, há um AC com alto grau de engajamento:

> (220) Dir-se-á que Gorbatchov anunciou seu pacote asiático só para fazer propaganda, aproveitando o clima de confraternização criado pela Olimpíada de Seul, na Ásia, então em pleno curso. Se for verdade, **louve-se o líder soviético pelo senso de oportunidade**. Ele não poderia ter escolhido ocasião melhor. Os cantos à paz e à compreensão, vindos da Coréia do Sul, que todos vimos comovidos pela Tv, revelando os melhores sentimentos e energias da humanidade, não devem, nem merecem, ficar apenas como boas intenções e aspirações abstratas. Há que converter essa ânsia coletiva de paz em medidas efetivas e concretas, que tragam, sem demora, mais tranquilidade e segurança a todo mundo.

Passamos agora para a análise da edição número 417 do periódico. Na primeira página, assim como na publicação da semana anterior, o assunto da viagem de Sarney não tem grande destaque e aparece em uma pequena chamada no cabeçalho. O título é:

(221) "Brasil, URSS, o mundo".

O texto da chamada aborda a temática da cooperação entre países e assim como o título da notícia, apresenta um caráter mundial para o projeto pacífico da URSS:

> (222) Em visita ao Kremlin, acompanhado do **anfitrião** Gorbatchov, o presidente Sarney afirmou que "somos todos passageiros do mesmo barco, o planeta Terra", referindo-se à necessidade da convivência pacífico entre Estados de diferentes sistemas. As relações Brasil-URSS no editorial na página 2 e páginas centrais.

O editorial é intitulado:

(223) "O significado de uma visita".

Este texto é um reflexo daquilo que Martins (2021) aponta em sua obra *Jornalismo Político*, quando menciona que os jornais naquele período passam cada vez mais a interpretar os eventos apresentados em suas páginas. Através desse título podemos notar que o jornal busca significar para o leitor a visita de Sarney à URSS. Nos dois primeiros parágrafos do texto, há o intuito de associar o evento ao momento de redemocratização no Brasil e à promulgação da Constituição. O periódico dá grande ênfase ao novo momento da trajetória política nacional:

> (224) É este o cenário: o Brasil acaba de promulgar a nova Constituição, institucionalizando o Estado de direito democrático. Há amplas liberdades políticas e os trabalhadores conquistaram novos direitos sociais. Agora, em novembro deste ano, serão realizadas eleições em todos os municípios brasileiros. E no próximo ano haverá eleições presidenciais.

Um ponto que chama a nossa atenção é a semelhança do discurso entre o *Voz* e o *OESP* no terceiro parágrafo deste editorial, onde são apontados diversos problemas enfrentados no Brasil:

> (225) São problemas graves. Garroteada pelo atendimento das exigências dos bancos credores internacionais, a economia brasileira encontra-se em crise, estagnada, apesar do enorme potencial que possui. O pagamento da dívida externa obriga o País a exportar os capitais que lhe são indispensáveis para promover o crescimento e a melhoria das condições de vida do povo. E as altas taxas de inflação agravam a situação das massas trabalhadoras.

No entanto, a próxima sequência expõe as vantagens da aproximação entre Brasil e URSS. O jornal interpreta essa viagem como algo positivo para o Brasil de maneira explícita:

> (226) Entretanto, a visita do presidente José Sarney à União Soviética — com todas as vicissitudes políticas, econômicas e sociais brasileiras — transcende à conjuntura. Ela expressa uma nova perspectiva do governo brasileiro em relação ao mundo

> contemporâneo, em particular ao lugar das relações entre o Brasil e a União Soviética: A busca de melhores relações com os países socialistas não é bem uma novidade na política externa brasileira, mas depois do encontro entre José Sarney e o **camarada** Mikhail Gorbatchov essa orientação do Itamaraty atingirá uma nova etapa, mais ampla e diversificada.

O uso do adjetivo "camarada" é algo que diferencia completamente do discurso do *Voz* e do *OESP*.

Ressaltamos o enunciado:

> (227) Além disso, "desideologizou" as suas relações com os países socialistas, ampliando-as. Tal diplomacia é sem dúvida mais "vantajosa" para o Brasil que a aceitação pura e simples da hegemonia de tal o qual **potência imperialista**, submetendo-se aos limites de sua "área de influência".

Nessa sequência, mais uma vez a aproximação com a URSS aparece como um passo acertado da diplomacia brasileira, assim sendo, o *Voz* explica que não é necessário o alinhamento do Brasil com uma "potência imperialista", leia-se os EUA. Note-se que a questão da "desideologização" das relações externas brasileiras também é apontada pelo *OESP*, ainda que em sentido diferente daquele construído pelo *Voz da Unidade*.

Nos trechos apresentados a seguir o jornal mais uma vez elogia as políticas reformistas de Gorbachev, construíndo para o leitor uma interpretação dos eventos noticiados:

> (228) A política externa brasileira, naturalmente, está em interação com o novo quadro internacional. Neste aspecto, beneficia-se também dos efeitos positivos da nova mentalidade que vem sendo empreendida pelo governo da União Soviética em sua política externa, com propostas objetivas no sentido de afastar a ameaça de guerra nuclear, promover o desarmamento, superar os conflitos regionais e, defendendo a coexistência pacífica e o direito à auto-determinação, estabelecer novos parâmetros para a cooperação internacional;

> (229) Um dos aspectos importantes da perestroika e da glasnost, com reflexos em todo o mundo, é o fato de que a democratização e a transparência também manifestam-se na política externa soviética, rompendo a lógica da bipolaridade. Isso favorece a presença de países como o Brasil no cenário internacional como um dos prováveis protagonistas de novas mudanças partindo de seus interesses próprios. A visita de Sarney à União Soviética também não deixa de ter esse significado.

Para o veículo de imprensa pecebista, a p*erestroika* e a *glasnost* não somente têm impacto positivo na URSS e na política internacional de maneira geral, como também é boa para o próprio Brasil.

Nas páginas 6 e 7 há o título:

(230) "Novo patamar nas relações Brasil-URSS".

Na reportagem do lado esquerdo da página 6, são apresentadas informações sobre o encontro entre os dois presidentes. Como sempre, este evento é caracterizado de forma positiva e o Brasil aparece enquanto um país que tem a capacidade de inserir-se nos novos debates diplomáticos mundiais. Vejamos algumas passagens do texto:

> (231) O **secretário-geral do CC do PCUS e presidente do Presidium do Soviete Supremo da URSS** Mikhail Gorbatchov, e José Sarney **presidente do Brasil**, que visitou oficialmente a URSS, tiveram a 18 de outubro um encontro que durou três horas.
>
> (232) Mikhail Gorbatchov deteve-se, por sua vez, nas profundas fontes sociais, espirituais e morais da perestroika e do novo modo de pensar, tendo salientado as dificuldades que defronta a renovação radical da sociedade socialista soviética.

Nessa última sequência, novamente o veículo de imprensa pecebista dá destaque à política da *perestroika*. No restante da reportagem, aponta-se para a luta pela paz mundial e desarmamento na qual Gorbachev estava engajado naquele período.

Já no centro da página há a reprodução do retrato dos dois presidentes, com expressões sérias e trajes formais. Ambos estão em pé de igualdade nessa representação, enquanto dois líderes de Estado. Em seguida, logo abaixo das duas fotos, há resumos dos discursos dos dois presidentes. Neste caso, os discursos diretos tanto de Gorbachev quanto de Sarney receberam edição do jornal, uma vez que suas falas são recortadas em um resumo.

Grande parte da página 6 é ocupada pela fotografia do Kremlin, recortada de seu fundo original em um processo que Vilches chama de substituição[26]. Dessa maneira, o leitor pode ter a sensação de estar próximo a esta paisagem enquanto lê os textos publicados nessa página do jornal. Como já mencionamos, para os veículos impressos, é mais difícil passar ao leitor a sensação de presença em acontecimentos, algo que ocorre com maior facilidade na TV, por exemplo. Nesse sentido, o uso da imagem auxilia na criação da atmosfera de viagem.

Na página 7 há a reprodução em tamanho grande de uma fotografia de Sarney cumprimentado Gorbatchev. Não há legenda para a imagem. Logo abaixo vem o texto intitulado:

---

26 Uma vez que a fotografia está cortada, há a supressão da paisagem e a adição do palácio de Kremlin em um fundo branco, o da página do periódico.

(233) "Sarney: 'Somos passageiros do mesmo barco, o planeta Terra'."

Nessa reportagem são reproduzidas algumas falas dos dois presidentes e há a ilustração da bandeira do Brasil juntamente à bandeira da URSS. O discurso direto das falas de Sarney e Gorbachev é bastante semelhante àquele apresentado no *OESP*, demonstrando principalmente o diálogo diplomático estabelecido entre os dois presidentes. Algumas passagens são iguais aquelas citadas pelo outro jornal.

Ao lado deste texto há outra matéria intitulada:

(234) "No centro das atenções dos meios de comunicação da URSS".

Nela, o *Voz* ressalta a importância que o evento recebeu na mídia soviética:

> (235) A visita de José Sarney esteve no centro das atenções dos meios de comunicação soviéticos. Todos os principais jornais soviéticos publicaram matérias durante todo o tempo da visita O Pravda publicou em primeira página uma fotografia de José Samey e Mikhail Gorbatchov e a informação sobre a conversa que tiveram a sós durante três horas, salientando-se o fato de ser este o primeiro encontro de cúpula soviético-brasileiro.
>
> (236) "Ombro a ombro" é o título do artigo publicado no Sovietskaia Rossia que comenta a criação da STAREMO, em Tiraspol, primeira empresa mista soviético-brasileira que fabricará confecções da última moda ainda este ano.

No lado direito da página 7 há um texto em um fundo preto intitulado:

(237) "Universidade de Lomonossov recebe Sarney e entrega título de *honoris causa*".

No primeiro parágrafo a Universidade é muito bem conceituada pelo *Voz*:

> (238) Em maio passado esse maior centro de ensino, pesquisa e cultura da União Soviética completou 233 anos de existência. Os alunos que a frequentam, cerca de 26 mil jovens soviéticos e estrangeiros, adquirem conhecimentos em 46 especialidades. Na Universidade lecionam mais de cem acadêmicos e membros correspondentes da Academia de Ciências da URSS, assim como mais de mil doutores e cinco mil mestres em ciências.

É curioso o fato de que em nenhuma dessas reportagens o *Voz* faça algum tipo de crítica a Sarney e a tutela militar que ele recebe durante seu mandato. O jornal concorda com os soviéticos no sentido de retratar Sarney como um progressista. No mesmo sentido, a todo momento, o *Voz* procura retratar Brasil e URSS como nações amigas que possuem intenções parecidas a respeito de questões mundiais. Isto aparece no trecho:

(239) "A reunião do chefe de estado brasileiro com cientistas e estudantes da Universidade de Moscou confirmou a vontade recíproca de impulsionar a cooperação e amizade entre a União Soviética e o Brasil".

Logo abaixo há mais uma fotografia, dessa vez mostrando a Universidade de Lomonosov.

Apresentamos o quadro elaborado a partir das representações extraídas dos jornais:

QUADRO 7 - Edições nº 416 e 417 (14 a 20 de outubro de 1988 e 21 a 27 de outubro de 1988) do *Voz da Unidade*

PERSONALIDADE/ EVENTO	**SD**	**ADJETIVO/ REPRESENTAÇÃO UTILIZADOS PELO *VOZ DA UNIDADE* PARA QUALIFICÁ-LO**	**POSICIONAMENTO DO PERIÓDICO**
URSS	200	"país da perestroika"	Favorável
Estados Unidos	227	"potência imperialista"	Crítico
Mikhail Gorbachev	199	"presidente do Soviet Supremo da URSS e secretário-geral do PCUS"	Aparentemente neutro
Mikhail Gorbachev	226	"camarada"	Favorável
Mikhail Gorbachev	222	"anfitrião"	Aparentemente neutro
Roberto Freire	221	"vice-presidente do PCB, deputado"	Aparentemente neutro
Roberto Freire	208	"deputado federal" "líder do PCB na Constituinte"	Aparentemente neutro/favorável

FONTE: Voz da Unidade (1988)

A partir da análise dessas edições de ambos os periódicos apontamos algumas conclusões. Primeiramente, é válido ressaltar que tanto o *OESP* quanto o *Voz da Unidade* fazem críticas ao governo Sarney no Brasil, principalmente no que diz respeito às suas políticas econômicas. Os dois jornais também trazem em suas páginas um grande número de citações das falas Gorbachev e Sarney bem como se preocupam em mostrar ao leitor como o evento repercutiu na mídia soviética. Outro ponto em comum nos discursos de nossas fontes é o destaque para as possíveis alianças econômicas entre Brasil e URSS a partir dessa viagem.

Por outro lado, enquanto o *OESP* critica abertamente o grande número de membros da comitiva de viagem de Sarney e destaca o caráter luxuoso da sua recepção na União Soviética, o *Voz da Unidade* não menciona essas questões. O *Voz* dá grande destaque para a presença de Roberto Freire na viagem, enquanto o *O Estado de S. Paulo* somente cita a figura de Freire de maneira ironizada, mencionando o seu constrangimento frente aos luxos recebidos em Paris.

O destaque para os esforços pacifistas de Gorbachev é muito maior no *Voz da Unidade* do que no *O Estado de S. Paulo*. O *OESP* menciona, mesmo que de maneira revestida de neutralidade, uma preocupação sobre o impacto que a viagem e a nova aliança diplomática podem causar na relação entre Brasil e EUA. O *Voz*, por outro lado, não apenas não está preocupado com essa questão como também busca qualificar os Estados Unidos como uma potência belicista e perigosa, principalmente em sua ocupação na Ásia.

3.7 A QUEDA DO MURO DE BERLIM

Para compreender como o *OESP* noticiou a queda do muro de Berlim selecionamos as edições nº 35.192 e nº 35.193. Na primeira página da edição do dia 9 de novembro, a temática da volta da RDA a um sistema capitalista ainda não ganha tanto destaque, o *OESP* privilegia uma notícia a respeito do cenário da eleição presidencial no Brasil, a possível candidatura de Silvio Santos. No lado esquerdo ao centro da página, há o título:

(240) "RDA promete eleições livres".

O uso da palavra "promete", mostra a criação de sentido presente nas reportagens do *O Estado de S. Paulo* sobre a queda do Muro, uma vez que há um certo ar de dúvida a respeito do futuro da RDA no discurso do periódico. Logo abaixo dessa manchete é reproduzida uma fotografia do rosto de Modrow[27], com uma expressão facial bastante tensa, com a legenda:

(241) "Modrow: popularidade para tirar o PC alemão-oriental da crise".

A construção da legenda juntamente com a imagem, demonstra ao leitor que a tarefa do político de tirar o país de uma crise é árdua. No texto da chamada da notícia, ressurge a questão etária dos dirigentes socialistas:

27 Nascido em 1928 na Polônia, Hans Modrow foi o último premier comunista da Alemanha Oriental.

(242) "[...] trocou a **velha liderança do Politburo** por outra mais **jovem e reformista** [...]".

A todo momento o *OESP* destaca dados sobre o fluxo migratório para fora da RDA, como na sequência:

(243) "Apesar das mudanças anunciadas pelo chefe do Politburo, Egon Krenz[28], aumentou a evasão de **refugiados** para a Alemanha Ocidental. Desde sábado, 47 mil pessoas deixaram a Alemanha Oriental".

O jornal opta por usar o termo "refugiados" para tratar dessas pessoas. Tal posicionamento do periódico está de acordo com o enfoque dado às trajetórias de dissidentes da URSS. Adiante veremos que o *Voz da Unidade* faz uma construção de sentido diversa dessa.

A página 12 do jornal, correspondente à seção *Internacional*, é ocupada quase por completo pelo evento ocorrido na RDA. O título principal é:

(244) "Anunciadas eleições livres na RDA".

Neste breve texto o periódico apresenta algumas das principais informações a respeito das recentes mudanças políticas na Alemanha Oriental, dando ênfase principalmente à sua nova política e à possível derrota dos comunistas. Vejamos os enunciados seguintes nos quais é reforçado o sentido construído a respeito da oposição entre velhos líderes e novos líderes políticos:

(245) "O SED substituiu ontem sua **velha e ortodoxa liderança** por uma equipe menor e repleta de **reformistas**, e nomeou **o mais conhecido deles**, Hans Modrow, de 61 anos, chefe de governo";

(246) "O antigo Politburo, de 21 membros, principal órgão de decisão do SED, renunciou ontem e foi substituído por outro de 11 pessoas, das quais quatro são novas. Entre elas, Hans Modrow, tido como o **Gorbachev alemão**".

Abaixo dessa reportagem, do lado direito da página, há uma imagem muito útil para o discurso construído pelo jornal. Uma fotografia que mostra uma grande fila de carros, seguida pela legenda:

(247) "Alemães orientais esperam para sair do país: agora já são 350 por hora".

---

28 Nascido em 1937 na Polônia, Egon Krenz foi o último secretário-geral da RDA. Ele ocupou a chefia de Estado da Alemanha Oriental entre os dias 18 de outubro e 7 de dezembro de 1989.

A fotografia, juntamente ao dado trazido pela legenda, auxilia na legitimação do discurso capitalista e neoliberal adotado pelo periódico, uma vez que mostra a rápida evasão da população que vivia em um regime socialista.

Do lado esquerdo da página está a matéria intitulada:

(248) "Krenz enfrenta os militantes".

O texto traz ao leitor o efeito de vívido-percebido no trecho:

> (249) Enquanto, no imenso edifício do Comitê Central (que já foi sede de um grande banco antes da Segunda Guerra Mundial) [...] do lado de fora, no frio, milhares de manifestantes pediam democracia interna, reformas políticas e um "novo tipo de liderança".

O enunciado traz a lembrança de que o espaço citado já havia sido um banco antes da Segunda Guerra Mundial. Algo que em um primeiro momento pode parecer para o leitor apenas como uma informação banal, na verdade demonstra de maneira muito sutil a contraposição entre um espaço típico do capitalismo e sua posterior transformação no edifício de um partido socialista após o evento da Guerra Fria. Por outro lado, há a construção da imagem dos manifestantes encarando um clima hostil para pedir democracia em seu país. Tal criação de sentido, assim como outras que veremos adiante, parece ser feita para tocar o leitor e fazê-lo sentir os mesmos sentimentos daqueles que lutam contra o regime socialista. Ou seja, podemos apontar para o uso da estratégia midiática que Charaudeau (2019) chama de *fazer sentir*, conforme já explicamos. A sensação de vívido-percebido segue sendo construída para o leitor, ao mesmo tempo em que o jornal ressalta a pressão popular no evento:

(250) "Num gesto absolutamente inusitado, numa situação totalmente insólita, **o atual 'número um' do Partido**, Egon Krenz, teve de dirigir-se à multidão para pedir calma e silêncio".

Em seguida, Modrow é mais uma vez caracterizado como um político reformista:

(251) "Os nomes eram recebidos com algumas vaias, até que o de Hans Modrow, **o reformista**, foi anunciado. Tempestuosos aplausos".

Destacamos também a sequência:

(252) "**Mais impressionante** foi a autocrítica pública que Egon Krenz fez pouco depois das mudanças no Politburo e no governo. 'As mudanças foram levadas adiante diante do poder popular', admitiu Krenz".

O periódico reafirma a sua desconfiança com relação ao processo reformista que ocorre na RDA, uma vez que a atitude de Krenz é vista como "impressionante". Já no trecho seguinte, há a construção de uma ideia de caráter negativo do contexto vivido na RDA através, principalmente de "Ele pôs a culpa", uma vez que a palavra "culpa", caracteriza por si só, a responsabilidade por algo de mal feito à alguém:

> (253) **Ele pôs a culpa** pela presente situação na incapacidade do Partido de reconhecer a necessidade de mudanças e reformas, mas atribuiu grande parte da responsabilidade a Guenter Mittag, o **ex-todo-poderoso chefe da economia no Politburo** [...].

Através desses enunciados percebemos como ao usar o discurso direto de um político da RDA, admitindo dentro de sua FD a formação concorrente, o jornal faz a sua própria interpretação, negativa, da situação na Alemanha Oriental.

A reportagem seguinte é:

(254) "Organismo também rejuvenesceu".

Tal título remete, como vimos anteriormente, à associação da política com um corpo orgânico que pode envelhecer e adoecer e também pode, nesse caso, rejuvenescer. Logo no início o texto informa que:

(255) "O novo Politburo do SED é o menor e **mais jovem** de sua história".

É feita uma descrição do novo Politburo do SED com ênfase na idade dos novos membros, que são mais jovens que os antigos. Embaixo do texto é reproduzido um esquema que demonstra a estrutura de poder na SED, ou seja, o jornal busca didatizar para o leitor esta informação, priorizando desta vez no *fazer saber* para além do *fazer sentir*.

Do lado direito há o título:

(256) "Kohl[29] condiciona a ajuda 'ilimitada'.".

Nesse texto é apresentada a visão do periódico sobre como a Alemanha Ocidental estava lidando com as questões da RDA naquele complexo momento. Salientamos o trecho:

(257) "Num de seus discursos em **tom patético, o chanceler (chefe de governo) alemão-ocidental**, Helmut Kohl, disse ontem que [...]".

29 Nascido em 1930 na Alemanha e falecido no ano de 2017, Helmut Kohl foi o chanceler alemão entre os anos de 1982 e 1998.

O jornal caracteriza de maneira negativa o discurso de Kohl e também direciona uma interpretação para a sua fala, na medida em que tal caracterização antecede uma mistura de discurso direto e discurso direto, o chamado discurso indireto livre.

Logo abaixo, há uma reportagem assinada por William Waack intitulada:

(258) "Líder tenta fugir para a frente".

No texto o autor expõe seu ponto de vista sobre a situação da RDA. Lembramos que a opinião de Waack reflete a formação ideológica de *OESP*, uma vez que o jornalista escreve de dentro dessa empresa de comunicação e deve, em algum grau, perpetuar o discurso já consolidado pelo periódico. Essa reportagem pode ser considerada um AC com alto grau de engajamento conforme veremos. Enfatizamos o primeiro parágrafo:

(259) "A pergunta, de fato, é saber se a RDA pode **ser salva.** Ao ritmo em que as pessoas se retiram do país, matematicamente seria possível prever o fim da população alemã-oriental em pouco mais de cinco anos, uns 2 mil dias ".

Fica explícita a ideologia do periódico, uma vez que o uso de "ser salva", traz o sentido de libertar ou livrar alguém de algum mal. Ou seja, a RDA pode ou não ser livrada do regime socialista. Além disso, o jornalista reforça a ideia do alto número de migração entre Alemanha Oriental e Ocidental. Tal construção aparece novamente em seguida:

(260) "Num primeiro gesto, liberou as viagens, e perdeu 47 mil pessoas em aproximadamente 72 horas".

O trecho seguinte mostra mais uma vez a contraposição entre a antiga e idosa classe de dirigentes socialistas, sempre representados negativamente, e os reformistas, elogiados por se aproximarem do ocidente capitalista:

(261) "Em outra corajosa atitude — ou derradeiro ato — trocou a equipe dos **fossilizados ortodoxos** por um time de **ardorosos reformistas**".

Vejamos a sequência seguinte:

(262) "Está decidido, **parece**, a aceitar a atuação de outras organizações políticas, até agora na ilegalidade".

Nesta frase podemos inferir que a situação da RDA não está certa. O uso da palavra "parece", traz o sentido de que a decisão pode ou não ser definitiva. Mais uma vez o *OESP* demonstra desconfiança com relação ao regime socialista alemão.

Waack segue posicionando-se explicitamente, demonstrando a sua incerteza com relação ao processo de eleição na RDA:

(263) "Foi Krenz o responsável pela supervisão de eleições, em maio último, tidas como grande e vergonhosa fraude";

(264) "[...] Eleições livres, nas quais **teoricamente** o SED poderia ser votado para fora do poder. Na Hungria e na Polônia, os comunistas admitiram ir para a oposição. Na RDA também?"

Também salientamos o trecho:

(265) "Todo poder ao povo nas ruas, uma desgastada palavra de ordem em vários países, tornou-se realidade na Alemanha oriental"

Nessa sequência, é possível notar um tom irônico na comparação feita pelo autor, uma vez que ela subverte uma frase que, em geral, é utilizada pela esquerda, para demonstrar que a população da RDA vai às ruas justamente em luta contra o regime socialista. Ao usar a frase "Todo poder ao povo nas ruas", o jornalista mobiliza o interdiscurso, incorporando ao seu texto um enunciado pertencente à FD concorrente. Porém, ele só faz isto, na medida em que descredibiliza a ideologia materializada nesta frase. Mais do que isto, como indicamos na introdução da pesquisa, diferentes ideologias podem criar diferentes sentidos para as mesmas palavras.

Ele continua seu raciocínio:

(266) "A reação às promessas de mudanças políticas e reformas econômicas foi um fluxo ainda maior dos que se aproveitaram da reabertura das fronteiras com a Checoslováquia para dar a volta ao Muro de Berlim.".

Conforme mencionamos, é uma constante nas páginas do *OESP* a referência aos fluxo migratório para fora da Alemanha Oriental, como uma forma de legitimação do discurso anti-comunista. Waack busca igualmente legitimar o seu discurso através da citação de uma fala de outro político europeu:

> (267) "Eles demoraram muito tempo para fazer reformas. As reformas agora são tardias, ocorrem muito rápido e eles não sabem para onde levá-las", fuzilou, de Estocolmo, **o dirigente reformista húngaro Rezso Nyers, um especialista em dissoluções de regime comunista**.

No último parágrafo, o jornalista retoma o tom de dúvida e desconfiança com relação às reformas:

(268) "O irônico na coragem de Krenz é que ele, até agora, só conseguiu (apesar de todas as medidas) apenas um resultado. Impôs sobre seu país um enorme ponto de interrogação".

Do lado direito da página há o título:

(269) "Hans Modrow, um político ao gosto do povo".

Já no primeiro parágrafo o jornal aborda a recente popularidade do político alemão a partir do crescimento de uma mentalidade reformista na RDA. Algo que é elogiado sempre que possível pelo *OESP*. Vejamos:

> (270) Hans Modrow, 61 anos, o novo chefe de governos na Alemanha Oriental, talvez seja **o único político realmente popular na RDA. Chefe do partido na importante região de Dresden**, Modrow havia sido preterido em diversas promoções anteriores justamente por ser considerado um "reformista" — palavra de conotação extremamente negativa antes da queda de Erich Honecker, a 18 de outubro.

Nessa matéria há um enunciado que perpassa por duas questões simultaneamente:

> (271) Hans Modrow mora num apartamento de três cômodos no centro da cidade, e dispensou a datcha (casa de fim de semana) a que teria direito por pertencer aos altos escalões da nomenklatura. Ele renunciava também ao uso de uma dessas limusines Volvo 760 GLE, símbolo de status pretendido por muitos funcionários do SED, e costumava fazer compras ele mesmo nos mercados.

Se por um lado, o periódico destaca a simplicidade do político — contrapondo a imagem de outros líderes comunistas que desfrutavam de vida luxuosa —, em seguida utiliza essa estratégia para realizar uma crítica:

(272) "o que é uma excelente maneira ou se informar sobre os crônicos problemas de abastecimento na província".

Na edição do dia 10 de novembro, na primeira página do jornal, assim como na edição anterior, o evento que ganha maior espaço é a candidatura de Silvio Santos — neste caso, a sua recusa pelo TSE —, sendo que a queda do Muro de Berlim aparece somente abaixo desta notícia, já na metade da página, ainda que ocupando um espaço significativo. O título da notícia referente ao acontecimento é:

(273) “O Muro de Berlim não existe mais”.

No texto da chamada da reportagem, chama a atenção a construção da frase:

(274) “[...] o Muro de Berlim desde ontem não mais impede a passagem de moradores do lado comunista para a metade democrática da cidade”.

Essa forma de referir-se ao evento, está de acordo com a estratégia que o jornal utiliza desde a edição do dia anterior, ressaltando o fluxo de pessoas que deixam o regime socialista para adentrar no mundo ocidental capitalista. Em seguida, outra vez é enfatizado o número de pessoas que deixaram a RDA. O *OESP* usa o termo "fugiram" para qualificar essa migração:

(275) “Desde o fim de semana, 50 mil pessoas fugiram para a Alemanha Ocidental através da Checoslováquia. Cerca de 1.4 milhão já haviam comunicado às autoridades o desejo de trocar de lado”.

O próximo fragmento é muito importante:

(276) “No ocidente, foi recebida com entusiasmo a transformação do muro em símbolo do passado, à espera da demolição”.

Ao lado, tem-se a reprodução de uma fotografia do muro com a legenda:

(277) “O Muro de Berlim, com a liberação da fronteira interna alemã se transforma num monumento à espera da demolição”.

Em ambos os trechos, há a ideia de que o regime socialista já é algo do passado. O símbolo maior da Guerra Fria, o Muro de Berlim, deve agora virar um “monumento”, algo que simboliza a história. De acordo com Menêses (2014), como mencionamos na introdução deste trabalho, ao noticiar um fato, o jornal além de trazer uma novidade ao leitor, já prevê a inserção destes acontecimentos em uma dimensão histórica. A forma como o *OESP* noticiou a queda do Muro de Berlim, é um bom exemplo de como esse processo ocorre. Não podemos esquecer que, conforme Nora (1993) e também segundo Hartog (2019), existe na década de 1980 um movimento de valorização extrema da memória e do monumento.

Na página 10 do periódico, na seção *Internacional* há na parte superior o título:

(278) “RDA decreta o fim do Muro de Berlim”.

O jornal continua o processo de inserção do evento em uma dimensão histórica:

(279) “Quem deu a notícia histórica foi um membro do Politburo, [...]”.

Há também o reforço do fato de muitos alemães orientais terem migrado para o lado ocidental:

(280) "A abertura da fronteira interalemã foi decidida depois que mais de 50 mil alemães-orientais passaram para a RFA, através da fronteira com a Checoslováquia [...]. Desde o começo do ano, mais de 200 mil refugiados passaram para o Ocidente".

Salientamos também o seguinte subtítulo presente no texto:

(281) "Fim do pesadelo".

Ele evidencia a oposição do jornal ao regime socialista alemão, uma vez que sua derrocada simboliza o fim de um sonho ruim. Quando acorda-se de um pesadelo, há uma sensação de alívio. Esta é a imagem que o periódico pretende passar sobre a população alemã que agora poderia circular livremente e gozar dos benefícios do mundo capitalista. No texto há, ao mesmo tempo, o uso do vívido-percebido e de apelo emocional:

(282) "Na sala de imprensa da sede do governo, em Berlim Oriental, os funcionários encarregados dos aparelhos de telex começaram a chorar. E se abraçaram, gritando: 'Finalmente terminou o pesadelo'.".

O texto é finalizado com mais informações sobre o grande fluxo de pessoas que poderiam deixar a Alemanha Oriental naquele momento:

(283) "Pelo menos 1,4 milhão de alemães-orientais já estavam inscritos para emigrar. Mas o êxodo em massa pela fronteira aberta poderá, segundo outras fontes, alcançar mais de dois milhões de pessoas".

Logo abaixo dessa reportagem, são reproduzidas três imagens que ocupam espaço considerável da página, elas se constituem em uma adjunção. Tendo em vista que o estilo do *OESP* costuma apresentar mais textos escritos que imagens, neste caso, consideramos que a composição de fotografias tem a finalidade de demonstrar de forma mais explícita a situação na qual a RDA encontrava-se — de acordo com a construção do periódico. Na primeira imagem, à esquerda, vemos pessoas entre as filas de carros, na tentativa de sair da Alemanha Oriental. A imagem tem a legenda:

(284) "Espera na fronteira checa: desvio desnecessário".

Logo ao lado, há a fotografia de manifestantes com a legenda:

(285) "Berlim Oriental: bases do SED exigem mudanças".

Ao lado direito, aparece uma fotografia reproduzida em maior tamanho em relação às outras duas, não por acaso, uma vez que ela mostra o rosto de uma mulher chorando perante um oficial. A foto é seguida pela legenda:

(286) "Emoção na fuga: refugiada deixou os filhos para trás".

Certamente há um grande apelo do jornal para a figura maternal que teve que abandonar os filhos e chora. Afinal, um dos valores ocidentais mais fortes é o de família. O periódico reforça a ideia de que o comunismo acabaria com essa instituição, separando uma mãe de suas crianças. Podemos traçar aqui mais um ponto da estratégia de gerar empatia no leitor com relação aos alemães orientais. Nesse sentido, o *OESP* apela para o *fazer sentir* de maneira evidente.

Lembramos da importância de analisar os textos de legendas de fotografias para a compreensão do sentido produzido pelo periódico ao estampar tais imagens em suas páginas. No caso desta adjunção, há a criação de uma narrativa que comove o leitor e o faz sentir como se estivesse presenciando o "evento histórico" noticiado. As legendas, estrategicamente construídas, auxiliam no direcionamento da interpretação do leitor com relação às fotografias presentes no periódico.

Nessa página há mais uma reportagem de William Waack intitulada:

(287) "A divisão do mundo agüentou de Ialta a Malta".

Assim como em sua matéria publicada na edição anterior, este texto apresenta posicionamento e comentários explícitos do autor, sem o verniz da imparcialidade que muitas vezes o *OESP* utiliza. O autor faz uma espécie de resgate histórico, ele explica que:

(288) "Os alemães não acertam quando fazem previsões a longo prazo".

E então cita os exemplos de Bismark e Hitler, comparando-os de certa forma à Honecker:

(289) "Erich Honecker, o **velhinho** deposto recentemente na Alemanha Oriental, foi outro alemão que se arriscou em previsões de amplo horizonte".

A questão da idade dos políticos socialistas ressurge através do adjetivo "velhinho".

Analisemos mais uma sequência:

(290) "A muralha que cerca Berlim Ocidental por todos os lados agüentou exatamente 28 anos em sua função de impedir a livre passagem das pessoas".

Tal forma de referir-se ao monumento, torna explícita a ideologia do jornal e o seu lado na Guerra Fria, o dos Estados Unidos. A partir daí Waack constrói um histórico do Muro de Berlim. Destacamos:

(291) "Em silêncio, pedaço a pedaço, a liderança da Alemanha Oriental removeu nos últimos dez anos a ordem de atirar para matar, as minas antipessoas, os automáticos da morte e os cães ferozes".

Há nesse trecho um destaque para as atrocidades e mortes causadas nas tentativas de fuga dos alemães orientais. No centro da reportagem há um box contendo algumas informações a respeito de fugas mirabolantes da população para o lado ocidental. Seu título é:

(292) "As fugas, do salto ao balão".

Algo que pode parecer, em um primeiro momento, somente como curiosidades trazidas pelo jornal, na verdade, torna redundante seu discurso a respeito dessas migrações, de maneira que a construção de sentido feita pelo *OESP* é reforçada a todo o momento para o receptor. Uma tática utilizada tanto no *O Estado de S. Paulo* quanto no *Voz da Unidade*, como já apontamos.

Apresentamos agora o quadro elaborado a partir da análise dessas duas edições de *OESP*:

QUADRO 8 - Edições nº 35.192 e nº 35.193 (9 e 10 de novembro de 1989) do *OESP* (continua)

PERSONALIDADE/ EVENTO	**SD**	**ADJETIVO/ REPRESENTAÇÃO UTILIZADOS PELO *OESP* PARA QUALIFICÁ-LO**	**POSICIONAMENTO DO PERIÓDICO**
Antigos políticos da RDA	242	"velha liderança do Politburo"	Anticomunista
Antigos políticos da RDA	245	"velha e ortodoxa liderança"	Anticomunista
Antigos políticos da RDA	261	"fossilizados ortodoxos"	Anticomunista
Novos políticos da RDA	242	"jovem e reformista"	Elogioso
Novos políticos da RDA	245	"reformistas"	Aparentemente neutro/favorável (tendo em vista que o jornal apóia a postura reformista)
Novos políticos da RDA	261	"ardorosos reformistas"	Elogioso
População que se evadiu da RDA	243	"refugiados"	Anticomunista
Hans Modrow	245	"o mais conhecido deles [dos reformistas]"	Aparentemente neutro
Hans Modrow	246	"Gorbachev alemão"	Elogioso

QUADRO 8 - Edições nº 35.192 e nº 35.193 (9 e 10 de novembro de 1989) do *OESP* (conclusão)

PERSONALIDADE/ EVENTO	**SD**	**ADJETIVO/ REPRESENTAÇÃO UTILIZADOS PELO *OESP* PARA QUALIFICÁ-LO**	**POSICIONAMENTO DO PERIÓDICO**
Hans Modrow	251	"o reformista"	Aparentemente neutro/favorável
Hans Modrow	270	"o unico político realmente popular na RDA. Chefe do partido na importante região de Dresden"	Elogioso/anticomunista
Egon Krenz	250	"o atual 'número um' do Partido"	Aparentemente neutro
Guenter Mittag	253	"o ex-todo-poderoso chefe da economia no Politburo"	Aparentemente neutro
Helmut Kohl	257	"o chanceler (chefe de governo) alemão-ocidental"	Aparentemente neutro
Erich Honecker	289	"velhinho"	Anticomunista
Rezso Nyers	267	"o dirigente reformista húngaro" "um especialista em dissoluções de regime comunista"	Favorável/anticomunista

FONTE: O Estado de S. Paulo (1989)

Para avaliar como o *Voz da Unidade* noticiou o evento da queda do Muro de Berlim, vamos analisar a edição nº 472 do dia 23 de novembro. Na primeira página dessa edição a temática sequer aparece, pois é abordado o tema do segundo turno da eleição presidencial no Brasil. Pensamos que não noticiar a queda do Muro de Berlim pode ser uma estratégia do jornal para não fazer uma campanha contrária aos ideais que estava propagando durante a eleição. A temática aparece somente em um texto curto na página 7 do jornal, na seção *Internacional*.

O título da reportagem é:

(293) "O socialismo que morreu".

Nesse título podemos notar que para o *Voz da Unidade*, apenas um sistema socialista morreu, aquele presente na Alemanha Oriental.

O subtítulo é:

(294) "O socialismo na RDA, para uma observadora alemã ocidental, derrubou o Muro de Berlim para combinar mais democracia, produtividade e bem estar social".

Nesse enunciado, é o socialismo, compreendido como o Estado nesse caso, que resolve finalizar o sistema a fim de trazer melhorias para a população alemã oriental. Ou seja, a pressão capitalista e os opositores do regime não ganham protagonismo. Como vimos no capítulo anterior, democracia, produtividade e bem estar social são conceitos que passam cada vez mais a serem articulados pelos eurocomunistas e pelo PCB, de forma que o texto realiza uma construção de sentido a partir dessa nova mentalidade que o Partido cada vez mais consolidava. A matéria é assinada por Hideyo Saito.

Vejamos o trecho que inicia o texto:

(295) "Os dramáticos acontecimentos na Alemanha Democrática e outros países socialistas reforçam a ideia de que o socialismo neostalinista não serve mais".

Nesse trecho o jornal caracteriza o evento como dramático. Por outro lado há o apontamento para uma categoria diversa de seu "outro", o socialismo neostalinista, que assim como o capitalismo e o imperialismo, não fazem parte da formação ideológica do periódico e do PCB naquele momento. No mesmo parágrafo é citado o descontentamento da população da RDA, embora, segundo o *Voz*, existissem ótimas condições de vida naquela país. Ou seja, o *Voz* procura interpretar para o leitor o que ocorreu de fato para que o Muro de Berlim fosse derrubado. No parágrafo seguinte é explicado que, na verdade, a população da RDA gostaria de mais liberdade e não de um sistema capitalista. O jornal traz a fala de uma especialista, que curiosamente é uma alemã ocidental e não oriental, para elucidar os motivos dessa transformação política:

> (296) a administradora de empresas Doris Cornelsen, do Departamento para a Alemanha Oriental e Países do Leste, Instituto Alemão de Pesquisas Econômicas de Berlim Ocidental, fez interessante análise sobre a situação da RDA e os desafios do novo governo. Considerada profunda conhecedora da economia alemã-oriental, a cujo estudo se dedica desde 1974, ela assegura que a falta de motivação do povo é de longe o mais importante dos problemas enfrentados hoje pelo país.

Segundo a reportagem, que traz as falas desta administradora, o erro da RDA teria sido não seguir as inovações propostas por Gorbachev. Ou seja, mantém-se a imagem que Gorbachev e a URSS são exemplos a serem seguidos pelo restante do mundo, seja pelos países capitalistas, a exemplo da questão asiática já analisada, ou pelos países socialistas, que deveriam seguir as suas mudanças reformistas. São apontadas algumas características desse "outro", o socialismo que não aderiu ao reformismo:

(297) "A insatisfação pela falta de democracia se alia e se confunde com a apatia provocada pela **centralização e burocracia na economia**.";

> (298) Outro dado é que, como nos demais países socialistas, vigora na RDA um **exagerado igualitarismo**, exemplificado pela diferença mínima existente entre os maiores e os menores salários. As inovações e iniciativas não são adequadamente recompensadas. Ao contrário, muitas vezes morrem no nascedouro, vitimadas pela **centralização e pela burocracia**. Por fim, se generalizou a sensação de que o dinheiro vale muito pouco, pois a oferta de bens duráveis é limitada e não há alternativa de aplicação O resultado dessa equação só poderia ser passividade, apatia e ineficiência..

O jornal segue reproduzindo a fala da alemã, inclusive quando ela aponta como positiva uma mudança na economia socialista a fim de que esta se mescle com a economia de mercado. De fato, em 1989, as ideias reformista já estavam bastante consolidadas no PCB e em seu veículo oficial de imprensa. Por outro lado, o *Voz* não deixa de salientar, através da fala da especialista, que o problema da RDA não era exatamente o sistema socialista:

> (299) Para reforçar seu ponto de vista, a pesquisadora assegura que sondagens de opinião efetuadas na Alemanha Democrática evidenciam que a população reconhece e valoriza as conquistas sociais obtidas no socialismo. "A única coisa que desagrada a maioria é justamente a economia totalmente planejada", garante.

A reportagem termina com uma dura crítica à estagnação da indústria no sistema socialista da RDA:

> (300) Por isso, é compreensível que seus povos tenham se cansado de ouvir dirigentes comunistas enaltecerem o contínuo progresso do socialismo, em antiquados televisores que parecem ter sido produzidos há 20 anos.

O espaço dado ao evento pelo *Voz da Unidade* é tão pequeno que não chegamos a conseguir material o suficiente para a elaboração de um quadro de adjetivos e representações, de forma que passamos agora diretamente para algumas considerações sobre o conteúdo apresentado pelos dois periódicos.

Como pudemos notar, ambos os jornais privilegiam noticiar eventos referentes à eleição presidencial que ocorreu em 1989. No entanto, o *OESP* dedica um espaço muito maior em suas duas edições para tratar da temática da queda do Muro de Berlim, já o *Voz da Unidade*, publicou um curto texto a respeito. Outra grande diferença entre as duas abordagens é o fato de que o *O Estado de S. Paulo* utiliza algumas reproduções de imagens em suas

páginas enquanto o *Voz* não apresenta a mesma estratégia. Há a diferença de construção de sentido de ambos os periódicos, enquanto o *OESP* enfatiza a insatisfação popular daqueles que viviam na RDA e a sua grande evasão, o *Voz* opta por não falar dessas migrações e atribuir a insatisfação dos alemães orientais à ortodoxia do PC alemão.

Se por um lado o jornal pecebista utiliza esse evento como uma maneira de realizar uma autocrítica do socialismo e elogiar as políticas reformistas empreendidas por Gorbachev na URSS, por outro, o *OESP* enfatiza os problemas de um Estado socialista de maneira geral, demonstrando a urgência da população de passar para o lado capitalista do país.

Diferentemente de *OESP*, o *Voz* não trata da queda do Muro como um evento histórico, apenas aponta para o fato de que o reformismo poderia ter evitado esta situação na Alemanha. Em sua reportagem, na verdade, menciona diretamente o acontecimento da queda do Muro de Berlim somente uma vez, no subtítulo da matéria.

Um ponto em comum entre os dois jornais é que eles não trazem falas de comunistas sobre o que ocorreu na RDA. No caso do *Voz da Unidade*, acreditamos que esta escolha pode ter ocorrido devido ao pequeno tamanho do texto dedicado ao assunto. Como vimos, o jornal opta por demonstrar quais teriam sido os erros cometidos na Alemanha para que o socialismo não mais progredisse ali. No caso do *OESP*, o enfoque dado é justamente na trajetória da parte da população alemã que não mais queria viver em um regime socialista. Levando em consideração a FD do jornal, certamente não faria sentido que eles dessem espaço para o discurso daqueles que desejavam a continuidade do regime socialista na Alemanha.

3.8 O FIM DA URSS

Na edição do dia 26 de dezembro de 1991, nº 35.862, a temática do fim da União Soviética aparece em destaque na primeira página de *O Estado de S. Paulo*. A manchete do jornal é:

(301) "Gorbachev renuncia, URSS cede espaço para a Rússia".

Logo abaixo deste título principal, aparecem três subtítulos que adiantam os temas que são tratados nas matérias das páginas 7, 8 e 9 do jornal:

(302) "Bandeira vermelha da foice e do martelo comunista é arriada do Kremlin";

(303) "Líder critica o desmembramento do país 'sem que o povo fosse ouvido'.";

(304) "Sobre seu futuro, ele diz que não vai 'se esconder', mas não dá detalhes".

No primeiro parágrafo da chamada da notícia, percebemos o posicionamento do jornal — tendo em vista a ideologia a qual está alinhado — frente ao fim da URSS:

(305) "Virando uma página desconcertante, atribulada e riquíssima do século 20, o presidente Mikhail Gorbachev renunciou ontem a seu cargo [...]".

O *OESP* constrói um sentido negativo para a trajetória da URSS. Para o jornal, esta parte da história mundial é desconcertante, ou seja, algo que desorienta. Ao mesmo tempo esta "página" é atribulada — atormentada e angustiada — e riquíssima.

Enfatizamos o fragmento:

> (306) [...] os poucos cidadãos que enfrentavam o frio de inverno na Praça Vermelha, em Moscou, assistiram a uma cena simbólica que nem sequer os futurólogos mais ousados poderiam prever há apenas dois ou três anos: a bandeira vermelha da foice e do martelo desceu do mastro principal do Kremlin, símbolo do poder da superpotência construída pelo comunismo, e cedeu lugar à bandeira azul, branca e vermelha da Rússia.

Nele, novamente o jornal utiliza da estratégia do vívido-percebido, algo bastante importante para um veículo impresso ao noticiar um evento tão importante como a dissolução da URSS, uma vez que não poderia gerar no leitor o mesmo impacto das filmagens exibidas na TV. Por outro lado, é reafirmado o fato de que este acontecimento não era previsível há pouco tempo, como viemos argumentando durante esta pesquisa.

No restante da chamada da notícia, o *OESP* expõe a visão de Mikhail Gorbachev a respeito do fim da URSS, citando suas falas. O jornal explicita que o ex-líder soviético gostaria que a população tivesse tido maior participação neste processo e que se manterá presente na política russa. O uso do discurso direto livre neste caso é bastante interessante, uma vez que, na verdade, o jornal está reproduzindo falas de Gorbachev a partir de uma entrevista sua para a CNN. Lembramos que, para Charaudeau (2019), as entrevistas são acontecimentos produzidos pelo jornal, nos quais não somente se tenta tirar informações do entrevistado, mas também se produz interpretações daquilo que ele diz. Na seção *Internacional* há mais deste conteúdo para ser analisado.

Ao lado do texto, há a reprodução de uma imagem de Gorbachev com expressão séria enquanto assina um documento. A legenda da fotografia é:

(307) "Último ato — Moscou, 25 de dezembro de 1991: Gorbachev transfere para a Rússia de Yeltsin o controle do arsenal atômico da antiga URSS".

Três títulos e suas chamadas convidam o leitor a ler mais sobre a temática na seção *Internacional* desta edição de *O Estado de S. Paulo*; a primeira delas explica que Ieltsin, o novo presidente da Rússia, tranquiliza o mundo ao dizer que fará o possível para não ter que utilizar o arsenal nuclear herdado da URSS, a segunda notícia trata da situação da Geórgia. Nesta breve chamada é mais uma vez utilizada a tática de comparar a situação política do país com um problema orgânico, uma patologia, através do uso do termo "convulsão":

(308) "A república está em convulsão, com o presidente sitiado no palácio do governo".

A última chamada a respeito do fim da URSS presente na primeira página do jornal trata do reconhecimento da Rússia pela Europa. Algo bastante importante para *OESP*, uma vez que o jornal se espelha na ideologia neoliberal também presente na Europa ocidental naquele período.

O primeiro título presente na página 7 do jornal, na seção *Internacional*, é:

(309) "Gorbachev sai e bandeira soviética desce".

A construção de uma ideia de movimento neste título é bastante interessante. Outra vez, o leitor é convidado a criar imagens mentais através de "sai" e "desce". A matéria conta também com um subtítulo:

(310) "O presidente deixou o poder num discurso triste, e entregou a Boris Yeltsin o controle sobre o arsenal nuclear soviético".

Ao lado do texto, há a reprodução de uma fotografia de uma família assistindo à TV, a legenda da imagem é:

(311) "Despedida — Gorbachev na TV de Moscou: ex-presidente diz que não sai da cena política".

No primeiro parágrafo dessa reportagem, o jornal aponta informações a respeito do discurso de despedida de Gorbachev, informando ao leitor sobre a Comunidade de Estados Independentes (CEI). Já no segundo parágrafo, o jornal retoma a imagem da troca de bandeiras no Kremlin:

(312) "[...] a bandeira soviética com a foice e o martelo do Kremlin era arriada e substituída pela bandeira tricolor da Rússia [...] tendo sido assistida por apenas algumas pessoas que desafiavam o frio na Praça Vermelha".

No parágrafo seguinte é abordada a fala de Gorbachev na TV, veiculada pela CNN, na qual o ex-líder explicita o seu descontentamento com o processo de fim da URSS e formação da CEI. Em seguida, o jornal traz uma nova forma de se referir ao ex-líder:

(313) "Mas o **mentor da perestroika** quis mostrar que suas duras críticas ao processo que o marginalizou não significam que [...]".

O periódico expõe o posicionamento de Gorbachev e sua fala em entrevista na qual ele salienta que apoiará a CEI e retoma também a trajetória de suas políticas reformistas.

No subtítulo "Último ato", o jornal informa que, antes de deixar o poder, Mikhail Gorbachev passou o poder nuclear soviético para as mãos de Boris Ieltsin e também entrou em contanto com o presidente americano George Bush para tranquilizá-lo a respeito desse arsenal. No fim do texto, há outra vez a associação da imagem de Gorbachev à *perestroika*. O jornal expõe os luxos que serão destinados ao ex-líder:

(314) "O ostracismo não significará para **o criador da perestroika** problemas pessoais. Ontem, fontes russas disseram que o ex-presidente terá direito a uma guarda pessoal de 20 pessoas, duas limusines, um apartamento e uma casa de campo, além de uma pensão de 4 mil rublos".

Essa primeira notícia está mais próxima do que chamamos de acontecimento relatado. Aqui ainda não há um alto grau de engajamento nas palavras do jornal. Em seguida há uma matéria intitulada:

(315) "Yeltsin promete comunidade pacífica".

Ao mesmo tempo em que o jornal sinaliza a saída de Gorbachev, ressalta outra ação, a promessa de Ieltsin. Logo no primeiro parágrafo o jornal refere-se ao novo líder russo da seguinte maneira:

(316) "No mesmo dia em que recebeu das mãos de Mikhail Gorbachev o comando dos arsenais nucleares da antiga URSS e se tornou **senhor da segunda potência atômica do planeta**, a Rússia, **o presidente** Boris Yeltsin [...]".

Nos dois parágrafos seguintes o jornal tranquiliza o leitor a respeito de conflitos nucleares. É citada a fala do novo líder na qual ele explica que fará o possível para não ter que

utilizar o arsenal nuclear herdado da URSS. Outra vez a reportagem compara o país à um corpo que morre, dessa vez citando o novo dirigente da Rússia:

(317) "Yeltsin afirmou, em seu discurso pela manhã, que o Estado conhecido como União Soviética **'está agonizando'** e garantiu que as repúblicas da CEI, como Estados independentes, 'estão desenvolvendo relações civilizadas entre si'".

Ainda através da fala de Boris Ieltsin, o jornal reafirma o seu posicionamento ideológico com relação ao sistema socialista recém extinto:

(318) "Ele salienta que os reformistas estão fazendo o possível para 'superar o terrível governo totalitários', numa alusão à antiga URSS".

No subtítulo "Novo nome" o jornal apresenta mais algumas informações a respeito da transição entre URSS e Rússia, explicando que parte da estrutura do novo Estado herdará os mesmos funcionários do antigo país. Ainda nesse texto não há um alto grau de engajamento do jornal.

No centro da página 7 há uma imagem do Kremlin seguida de uma legenda que retoma a construção que o jornal tem feito da mudança de bandeiras na Praça Vermelha:

(319) "Última Bandeira – Assim que Gorbachev deixou o Kremlin, a última bandeira com foice e martelo foi trocada pela russa".

O título seguinte é:

(320) "Ocidente agradece a líder e vai reconhecer Rússia".

Esta construção é bastante interessante e gera uma questão: qual é este "ocidente" que "reconhece" o novo país? Vejamos o texto da matéria para obter uma resposta. Destacamos os seguintes trechos nos quais o jornal expõe o que considera o "ocidente":

(321) "a Comunidade Econômica Europeia (CEE) reconheceu a Federação Russa como sucessora legítima da antiga URSS [...]";

(322) "Também os EUA devem reconhecer hoje a Federação Russa como sucessora da URSS [...]".

Ainda neste texto, mais uma vez o *OESP* trata a antiga URSS como um corpo morto:

(323) "Para tranquilizar seus concidadãos com relação aos acontecimentos na **defunta URSS** [...]".

Vejamos mais alguns trechos nos quais o *OESP* define quem faz parte do ocidente:

(324) "Ontem líderes ocidentais elogiaram com unanimidade o trabalho realizado por Mikhail Gorbachev [...], o **presidente** Bush louvou-lhe a 'coragem e liderança'. O **chefe do governo alemão**, Helmut Kohl, expressou 'tremenda gratidão' a Gorbachev";

> (325) O **presidente francês** François Mitterrand disse que Gorbachev foi um dos grandes homens do século [...]. Manfred Woerner, **secretário-geral da Otan**, afirmou que sem as reformas de Gorbachev teria sido impossível "estender a mão para países da Europa Central e Oriental";

(326) "A **ex-primeira-ministra** Margareth Thatcher observou que ele 'fez grandes coisas para o mundo e nós estamos muito gratos'. E para o **ex-presidente** Ronald Reagan — que com Gorbachev sepultou a guerra fria — 'ele viverá para sempre na história'".

Para o *O Estado de S. Paulo*, o ocidente, que tem opinião de grande importância em suas páginas, é representado pelos líderes dos principais países capitalistas.

No canto inferior direito da página 7 há um pequeno box contendo um texto que não fala a respeito do fim da URSS em si, porém, que também demonstra o posicionamento do *OESP* a respeito do socialismo. O título do breve texto é:

(327) "**Comunista coreano** passa cargo".

É curioso o fato de o jornal não citar no título o nome do dirigente a que se refere, somente o caracteriza enquanto "comunista coreano". Na reportagem o jornal explica a transferência de poder de Kim Il Sung para Kim Jong Il na Coréia do Norte. O periódico cita fonte norte-americana a respeito do que ocorre no país, adicionando um tom de desconfiança com relação ao regime norte-coreano:

(328) "Kim Jong Il, de 49 anos, chefiará um exército de 1,1 milhões de homens que, segundo estrategistas norte-americanos, está próximo de produzir bombas atômicas";

(329)"Kim Jong Il foi acusado pelos EUA de ter ordenado o atentado em novembro de 1987, contra um avião sul-coreano que matou 115 pessoas".

Na página seguinte o *O Estado de S. Paulo* reproduz uma matéria do jornal *The New York Times*. Na parte superior da página há uma pequena ilustração de Gorbachev acenando, ou seja, despedindo-se, juntamente ao texto:

> (330) Ao iniciar as reformas há seis anos na antiga URSS, Mikhail Gorbachev liberou forças que acabariam por desintegrar o **império** e alcançar o próprio **reformador**. O fracasso do golpe provou que a liberdade conquistada por

> Gorbachev havia criado raízes. Mas também acelerou sua queda, pois deixou as repúblicas livres para fundar a nova comunidade.

O título da reportagem reproduzida é:

(331) "Onda de reformas engole seu criador".

Ela é assinada por Serge Schmemann. Neste texto, o jornal traz uma interpretação dos fatos para o leitor. Vejamos o primeiro parágrafo:

> (332) Olhando para trás, o golpe de agosto significou o melhor momento para Mikhail Gorbachev e também o início do último ato de seu reinado. O colapso do golpe foi a vitória de Gorbachev. [...] salientou as qualidade de **coragem e determinação** que fizeram do **presidente soviético um dos líderes mais importantes do mundo**.

Através do texto do *New York Times*, o *OESP* posiciona-se favoravelmente às políticas reformistas de Gorbachev. Além do relato dos fatos, a matéria traz interpretação em trechos como "o golpe de agosto significou o melhor momento para Mikhail Gorbachev" e "O colapso do golpe foi a vitória de Gorbachev". Nesse parágrafo também há um explícito elogio à Gorbachev.

Destacamos o fragmento presente no parágrafo seguinte:

(333) "Gorbachev, **o homem que há seis anos iniciou as reformas no maior império do mundo**, foi deixado de lado pelas forças que ele mesmo liberou".

Além da forma como o jornal refere-se à Gorbachev, reparamos o reforço da ideia dele ter sido deixado para trás pelas próprias reformas, algo que já apareceu no título da notícia.

Nos dois próximos parágrafos o periódico segue interpretando os fatos anteriores ao fim da URSS, tal qual a tentativa de golpe ocorrida em agosto:

(334) "Nos quatro meses que se seguiram ao golpe, Gorbachev pareceu abrir mão de sua incrível carreira. [...] o presidente parecia convencido de que obtivera um triunfo [...]. Foi um grande momento e parecia que ele estava consciente desse fato [...]".

Através do termo "parece" utilizado três vezes neste mesmo parágrafo, fica explícita a forma como o periódico comenta o ocorrido. O próximo parágrafo também é totalmente composto por um AC:

> (335) Mais uma vez, porém, os acontecimentos pareciam escapar ao controle de Gorbachev. Ele poderia ter ido diretamente para o Parlamento russo, onde se

> encontrava **um eufórico** Boris Yeltsin, onde a multidão que enfrentara os tanques teria carregado o líder soviético em seus ombros. Poderia ter abraçado Yeltsin e como ele enfrentar a nova era que se abria.

O uso de palavras como "parecer" e "poder" caracterizam os comentários e previsões feitas pelo periódico. No próximo parágrafo o jornal expõe mais uma vez seu posicionamento com relação ao recém extinto regime socialista soviético e também comenta o que Gorbachev deveria ter feito na situação do golpe de agosto:

(336) "[...] invocou **o já esquecido** Vladmir Lenin e a desgastada expressão 'opção socialista'. [...] No entanto, foi o próprio Gorbachev que falhou ao não correr para a multidão que lutou, não pelo líder soviético, mas pela liberdade que ele lhe ofereceu".

No subtítulo "Momento perdido" segue a construção de sentido sobre a escolha errada que Gorbachev teria feito:

> (337) Mais tarde, quando Gorbachev apareceu diante do Parlamento russo, a solidariedade havia desaparecido e o momento fora perdido. Sua gratidão para com Yeltsin parecia forçada. Gorbachev também teve dificuldade em aceitar a sua parcela de responsabilidade [...].

A interpretação da reportagem a respeito do acontecimento fica explícita em "o momento fora perdido", "parecia forçada" e "Gorbachev também teve dificuldade em aceitar a sua parcela de responsabilidade". O próximo parágrafo faz uma análise da situação como um todo, demonstrando a queda do apoio ao antigo socialismo na URSS e a consequente falta de apoio à Gorbachev, uma vez que a mentalidade reformista não poderia mais "esperar", mesmo que Gorbachev fosse um ícone dessas reformas:

> (338) Sem que os pilares da velha ordem para se apoiar, somente a força de seu caráter e o simbolismo de seu nome poderiam resistir aos ataques do centro. Lenta e inexoravelmente, ele passou de campeão de uma nova ordem a obstáculo para a realização dela. Em vez de formar uma nova aliança, ele entrou em rota de colisão final com seu **alter ego**: Yeltsin.

O terceiro parágrafo do subtítulo apresenta mais abertamente o posicionamento ideológico de ambos os periódicos — o *New York Times* e o *OESP* —, ao mencionar que durante a vigência da URSS os cidadãos soviéticos não tinham direito à fala e ao pensamento. Ao mesmo tempo há a afirmação de que, a partir do governo de Gorbachev, o conflito entre o mundo ocidental e oriental foi extinto, o que não é verdadeiro, uma vez que podemos notar,

através do texto veiculado em *OESP* na página anterior, que os EUA ainda mantinham ressalvas com a Coréia do Norte naquele momento, por exemplo. Vejamos:

> (339) O momento de grandeza de Gorbachev, seguido por uma louca teimosia, a partir de agosto, parecia um replay de uma carreira que, ao mesmo tempo, eletrizava e frustrava o seu país e o mundo. Quando chegou ao poder em 1985, Gorbachev começou um processo que ninguém jamais previra. Devolveu aos soviéticos o direito de pensar e de falar, e o confronto Leste-Oeste simplesmente se evaporou.

O jornal também deixa clara a sua interpretação dos fatos a partir de "uma louca teimosia", "parecia um replay" e "eletrizava e frustrava o seu país".

Conforme analisamos nas temáticas precedentes, com o passar o tempo, Gorbachev para de ser visto com desconfiança e passa a ser cada vez mais elogiado pelas suas políticas reformistas e pela sua aproximação com os modelos ideológicos que inspiram o discurso do *OESP*, tais quais os presidentes de nações capitalistas ocidentais. A próxima sequência discursiva mostra como Gorbachev ganha esta aprovação, afinal, nunca poderia-se imaginar tantos elogios sendo dirigidos à um líder de uma nação socialista como ocorre no trecho:

> (340) O "novo pensamento" fez milagres no exterior. O Leste europeu foi libertado, as tropas soviéticas se retiraram do Afeganistão, a guerra fria acabou. Gorbachev era saudado no mundo inteiro por multidões entusiasmadas gritando "Gorby! Gorby!", e ele ganhou o Prêmio Nobel da Paz.

Notamos que há a construção de sentido de que o fim de regimes socialistas no Leste europeu caracteriza-se enquanto uma libertação desses países. Outra vez as ações de Gorbachev são legitimadas enquanto positivas a partir de sua boa recepção pelo ocidente capitalista. No parágrafo seguinte, no entanto, o jornal retoma os erros cometidos pelo ex-líder, aproveitando para criticar os regimes socialistas. Citando Sobchak, o texto explica que Gorbachev:

(341) "'[...] tentou reformar o irreformável' [...] estava convencido que o PC poderia ser 'renovado' e que o socialismo poderia funcionar".

Ou seja, para o periódico, Gorbachev, embora bem intencionado, foi ingênuo em acreditar na permanência de um sistema já morto. O parágrafo seguinte segue esta mesma proposta.

Analisemos o fragmento seguinte:

> (342) Seu orgulho e teimosia levaram os seus mais leais camaradas a se afastarem. E ele os substituiu por **comunistas desprezíveis**. E se recusou a demiti-los mesmo quando homens como o então chanceler Eduard Shevardnadze e o leal assessor Alexander Yakovlev o alertaram para um golpe tramado pelos comunistas.

Neste parágrafo, o jornal passa ao leitor a interpretação que os políticos comunistas da URSS não somente são desprezíveis como também não são confiáveis. O parágrafo seguinte, assim como as matérias referentes à queda do Muro, trazem uma inserção dos acontecimentos na história:

> (343) Que Gorbachev já conseguiu um bom lugar na História é evidente. Resta saber se os historiadores serão tão indulgentes quanto seus contemporâneos [...] Se falhar [...] Gorbachev passará para a História como o homem que perdeu as oportunidades. Se for bem-sucedido, ele entrará na História como um visionário que conseguiu acabar com **a maior ditadura do mundo**.

No próximo parágrafo, o jornal mantém seus elogios à Gorbachev, embora realce novamente seus erros. A reportagem volta a atacar a ideologia comunista:

> (344) Hoje, aos olhos dos que observam, Gorbachev parece um **herói trágico**, **um gigante cujo declínio e queda foram provocados pelas mesmas qualidades que fizeram dele um grande homem**: autoconfiança, teimosia beirando a arrogância, orgulho que o tornou surdo às críticas, uma integridade que conquistou a confiança dos demais, mais que o impossibilitou de escapar do humanismo ilusório da fé marxista.

Assim como na matéria assinada por Lapouge analisada anteriormente, este texto também compara o comunismo à uma fé. Da mesma forma, o jornal refere-se à uma fé leninista e critica a ideia da geração de políticos como Gorbachev que acreditaram em uma permanência do sistema socialista a partir das reformas:

(345) "[...] uma geração que ainda acreditava que a fé leninista poderia ser combinada com a democracia e o mercado livre do Ocidente. Foi uma geração que se recusou a aceitar a ideia de que os fracassos do sistema eram inerentes à sua ideologia".

No próximo parágrafo o jornal segue com esta construção de sentido e utiliza de uma expressão de Ronald Reagan para chamar a URSS:

(346) "[...] naquilo que o então presidente Ronald Reagan chamava de **'império do mal'** [...]".

Em seguida é reafirmada a construção de sentido de oposição entre velhos comunistas corruptos e não confiáveis versus reformistas honestos, jovens e confiáveis:

> (347) A ascensão de Gorbachev em 1985, com 54 anos, foi acompanhada de aplausos na URSS e no exterior. A **"velha guarda"** perdera literalmente o controle com a morte de três líderes soviéticos [...]. Por **ser jovem e ainda estar vivo**, Gorbachev representou uma mudança dramática. E não desapontou: nas ruas pregou a glasnost, expulsou os **corruptos da burocracia** e formou uma equipe decente, de **homens honestos**, entre eles Yeltsin.

Outra vez há a retomada da dicotomia entre vida e morte, velhice e juventude a respeito desses líderes políticos. O periódico também faz elogio à figura de Boris Ieltsin, associando-o à honestidade.

Em seguida é ressaltado o fato de dissidentes do regime soviético terem sido libertados durante o governo de Gorbachev. Sobre a luta do presidente contra o consumo de vodca salientamos o enunciado:

(348) "[...] um país onde a bebida havia se transformado em refúgio".

O discurso propõe que os habitantes da URSS procuravam se refugiar no vício da bebida frente ao sistema em que viviam.

Nos parágrafos seguintes a reportagem lembra que Gorbachev procurou manter relações com Reagan desde que chegou ao poder e incrementou as relações diplomáticas da URSS. Também são salientados eventos como a queda do Muro de Berlim e a retirada de tropas soviéticas do Afeganistão, em tom elogioso à Mikhail Gorbachev. O jornal expõe que a população soviética parecia insatisfeita com a atuação do então presidente, uma vez que gostaria de mais mudanças. Dessa forma, para o *New York Times* e para o *OESP*, o fim da URSS já era previsível em 1990.

O periódico reforça que os antigos políticos comunistas da URSS não eram confiáveis:

(349) "Os primeiros sinais de desordem há muito já tinham aparecido. Apesar das grandes mudanças na sociedade, a economia continuava a se deteriorar, presa à burocracia, que sabotava os esforços da reforma".

O texto segue elogiando Boris Ieltsin e até mesmo o colocando acima de Gorbachev:

> (350) Logo Yeltsin e outros críticos acusaram Gorbachev de ser suave e lento demais. Em vez de ouvir Yeltsin, Gorbachev o destituiu em novembro de 1987. Foi uma decisão fatal. Separado das tradicionais fontes de poder, criticando o Partido,

> Yeltsin tornou-se o primeiro líder a subir ao poder pelas vias da democracia e da política.

O parágrafo seguinte segue comentando a oposição entre os dois políticos, apontando os erros cometidos por Gorbachev ao aliar-se aos conservadores. O texto caracteriza o golpe contra Gorbachev da seguinte maneira:

(351) "Em 19 de agosto, os conservadores que Gorbachev chamara ao Kremlin declararam lei marcial e o prenderam em sua casa de veraneio na Criméia. Mas esta tentativa de golpe foi patética e mal planejada".

No restante do parágrafo são expostas mais algumas medidas reformistas tomadas por Gorbachev. Vejamos mais um fragmento no qual o jornal elogia a aproximação do ex-líder soviético com líderes ocidentais:

(352) "No período pós-golpe, mais uma vez, conquistou elogios ao discutir com o presidente George Bush o corte de armas táticas no início de outubro".

Em seguida há uma explicação sobre o processo que levou à luta pela independência de outros países integrantes da URSS. Outra vez, o periódico associa a URSS à um corpo, que dessa vez foi condenado à morte:

(353) "Yeltsin se aliou aos líderes da Ucrânia e da Bielo-Rússia e juntos assinaram a condenação à morte da União [...]".

Há uma estratégia significativa adotada; Gorbachev é comparado ao czar Godunov, torturado por estar no poder e ainda assim ver tantos problemas na Rússia. Vejamos os parágrafos:

(354) "Numa **nação que procura seus precedentes na literatura e não na História**, o destino de Gorbachev lembra o do czar do século 16 retratado pelo poeta Pushkin em Boris Godunov. Mussorgsky adaptou o poema para ópera";

> (355) Angustiado pelos problemas do seu reinado, o czar se queixa do destino: "Consegui o maior poder e há seis anos governo em paz mas minha alma torturada não encontra felicidade...Aqui há conspiração, rebelião e tramas secretas fome e peste, medo e ruína...Como animais selvagens as pessoas vagam acometidas por doenças! A Rússia geme na fome e na pobreza".

O uso desse comparativo demonstra um ponto já mencionado anteriormente na pesquisa: o *OESP* utiliza-se de um repertório culto e de elite para compor as suas páginas. Nesta construção, aparece um Gorbachev frágil. O trecho destacado a seguir vai no mesmo sentido:

(356) "Gorbachev algumas vezes se mostrou pensativo, ferido, humano".

Porém, no parágrafo seguinte, o jornal retoma a figura de um Gorbachev frio, tal qual foi demonstrado no primeiro tópico temático analisado na pesquisa, a morte de Chernenko:

(357) "Como um homem jamais dado a autopiedade ou a mostrar suas emoções, Gorbachev ainda se controlava, friamente analítico, orgulhoso de suas realizações, e firme na ideia de que só ele decidiria quando seria a hora de deixar o cenário".

Destacamos mais uma passagem do texto no qual há a menção da "fé comunista". Nesta parte da reportagem são citadas partes de uma entrevista realizada com o ex-líder.

(358) "Também houve momentos de fé comunista, da qual Gorbachev jamais conseguiu se livrar".

Em seguida, o jornal busca interpretar as falas de Gorbachev na entrevista. Salientamos o fragmento seguinte, no qual "parecia" e "quase com resignação" indicam o direcionamento de interpretação feitos pelo periódico:

(359) "Mas à medida que a conversa prosseguia, parecia que o presidente procurava explicações mais profundas para compreender como as coisas chegaram a este ponto. 'Fiz o que estava ao meu alcance', disse Gorbachev quase com resignação [...]";

(360) "Parecia consciente de ter errado em algum ponto. [...]";

(361) "Entretanto, enquanto falava, parecia ter dúvida. O **homem de princípios, e de nervos de aço**, parecia alarmado não com o espectro de sua renúncia, mas com a perspectiva de que o trabalho de sua vida corra perigo".

No centro da página, em meio ao texto, há a reprodução de uma imagem em tamanho grande mostrando Gorbachev olhando seu relógio de pulso ao lado de Boris Ieltsin. A imagem, juntamente ao texto da legenda monta uma narrativa:

(362) "Momentos finais — Gorbachev (D) e Yeltsin no Congresso dos Deputados do Povo: momentos finais".

Em meio ao texto são enfatizados alguns trechos da matéria, trazendo algumas das principais informações para aquele leitor que apenas está passando os olhos nas páginas do jornal. Os trechos são:

(363) "Gorbachev parece um herói trágico cujo declínio se deve às mesmas qualidades que o tornam um grande homem";

(364) "Quando chegou ao poder, Gorbachev estava convencido de que a prosperidade viria junto com a liberdade";

(365) "Em vez de buscar um genuíno mandato por meio de eleições, ele pediu e obteve mais poder para a Presidência";

(366) "'Talvez venham outros e façam mais [o que fiz]. Quero que isso aconteça. Não desejo que fracassem'".

Na página seguinte, no topo da página há novamente a ilustração de Gorbachev acenando juntamente ao texto:

> (367) O espetacular percurso de Gorbachev teve como ponto de partida a aproximação com **a superpotência inimiga**. No plano interno, o presidente conduzia as reformas de modo cauteloso, para que a União e mesmo a ideologia comunista não fossem destruídas. Mas a conveniência entre a velha estrutura e o novo pensamento se mostrou impossível.

No restante da página, há uma composição de imagens em uma linha do tempo da história do governo de Gorbachev na URSS. Como o enunciado anterior indica, o jornal considera que a trajetória de Gorbachev no poder começa a partir de seu contato com o presidente norte-americano Ronald Reagan. Esta construção demonstra o quando o jornal valida as ações do ex-líder soviético a partir de seu contato com os líderes políticos ocidentais. Dessa maneira, a primeira imagem presente na página é de Gorbachev cumprimentando Reagan, com o seguinte texto ao lado:

> (368) Ponto de partida — Gorbachev se reúne com o então **presidente americano** Ronald Reagan em Reykjavik (Islândia). As reuniões de cúpula entre os presidentes das superpotências levaram a acordos sobre redução de mísseis e ao clima de distensão que caracteriza o fim da guerra fria.

Na imagem seguinte podemos ver Gorbachev discursando, o texto que acompanha a fotografia diz:

> (369) À sombra de Lenin — Gorbachev fala ao primeiro Parlamento eleito pelo voto direto na URSS. Mantendo a fé socialista, ele tentou reformar de dentro as estruturas da União, sem que ela se desfizesse. Acabou criticado tanto pelos conservadores quanto pelos ultra-reformistas, liderados por Yeltsin.

O jornal mais uma vez associa os erros de Gorbachev à Lenin e à "fé socialista". A próxima imagem mostra Gorbachev próximo aos líderes estadunidenses rindo e acenando, o texto que acompanha a reprodução é:

> (370) Aceno da liberdade — Gorbachev acena ao lado do então **vice-presidente** George Bush (à esquerda) e do **presidente** Ronald Reagan. No momento em que o poder era passado de Reagan para o **recém-eleito** George Bush, os três se encontraram na Ilha do Governador, em Nova York. O encontro garantiu a continuidade das reuniões de cúpula entre **os dirigentes das superpotências**. Com Bush e Gorbachev, as negociações elevariam ao enterro definitivo da era de conflito entre os Estados Unidos e a União Soviética, e entre o Leste e o Oeste.

Mais uma vez as ações de Gorbachev são validados a partir de suas alianças com o ocidente, uma vez que juntos eles puderam "enterrar" o conflito. A imagem seguinte mostra um beijo entre Gorbachev e Erich Honecker, um cumprimento comum entre os líderes. A legenda da imagem é:

(371) "O **reformista** e o **ortodoxo** — O **comunista** Honecker (D), da ex-RDA, foi um dos atingidos pelas reformas".

Abaixo, há duas imagens de Gorbachev ao lado de Yeltsin, na primeira, datada de 22 de agosto de 1991, os políticos aparecem em frente à um avião, enquanto na segunda imagem, datada de 23 de agosto de 1991, Yeltsin aponta o dedo enquanto olha fixamente para Gorbachev, ele, por sua vez, está de óculos e segurando um documento nas mãos em frente à microfones. A legenda dessas imagens é:

(372) "Glória e humilhação — Gorbachev chega após o golpe fracassado (acima), e Yeltsin o faz ler o documento dos golpistas".

Já no canto inferior direito da página há uma imagem de Gorbachev com a mão no rosto, como alguém em desespero, o texto que acompanha a imagem é:

> (373) Isolamento e exaustão — Nos quatro meses que separam o golpe fracassado e a renúncia, o presidente assistiu ao esgotamento completo de suas forças. Apoiado na legalidade, ele tentou desesperadamente manter alguma forma de União federativa entre as repúblicas soviéticas. As forças centrífugas, no entretanto, foram maiores que sua resistência.

Entre esta imagem e as fotografias de Gorbachev e Yeltsin, há uma linha do tempo escrita que vai de março de 1985 a 25 de março de 1991. O título desta linha do tempo é: "A era Gorbachev".

Começando pela posse de Gorbachev em 1985 o jornal perpassa por eventos já destacados anteriormente nas matérias, como as políticas da *perestroika* e *glasnost*, os diálogos com os Estados Unidos, sua crítica ao governos de Brezhnev e o afastamento de Boris Yeltsin da chefia do PCUS de Moscou. Entre outubro de 1988 e novembro de 1989, é mencionado que Gorbachev tornou-se presidente da URSS, o fim da intervenção soviética no Afeganistão e a queda do Muro, dentre outros eventos.

Já no tópico referente à dezembro de 1989 o jornal destaca o anúncio do fim da Guerra Fria por Gorbachev e George Bush em Malta. No ano seguinte o PCUS não tem mais o poder político exclusivo da URSS, Litûania torna-se independente e as Alemanhas são reunificadas. Neste ano também ocorre o anúncio de um golpe e em 1991, Boris Yeltsin é eleito presidente da Rússia. Sobre esse ano o jornal novamente menciona o acordo assinado entre Gorbachev e Bush. A partir de agosto, com a tentativa de golpe, Gorbachev renuncia à sua liderança no PCUS e diversos países tornam-se independentes da URSS. O tratado da União proposto por ele não vai adiante. Em dezembro deste ano a CEI é criada e a URSS deixa de existir. Esta é a narrativa construída pela linha do tempo.

A partir desta análise apresentamos o último quadro de adjetivos e representações:

QUADRO 9 - Edições nº 35.862 (26 de dezembro de 1991) do *OESP* (continua)

PERSONALIDADE/ EVENTO	**SD**	**ADJETIVO/ REPRESENTAÇÃO UTILIZADOS PELO *OESP* PARA QUALIFICÁ-LO**	**POSICIONAMENTO DO PERIÓDICO**
URSS	343	"a maior ditadura do mundo"	Anticomunista
URSS	323	"defunta"	Anticomunista
URSS	330	"império"	Aparentemente neutro
URSS	333	"maior império do mundo"	Aparentemente neutro
URSS	346	"império do mal"	Anticomunista
URSS	354	"nação que procura seus precedentes na literatura e não na História"	Anticomunista
Antigos políticos da URSS	342	"comunistas desprezíveis"	Anticomunista
Estados Unidos	367	"superpotência inimiga [da URSS]"	Aparentemente neutro

QUADRO 9 - Edições nº 35.862 (26 de dezembro de 1991) do *OESP* (continuação)

PERSONALIDADE/ EVENTO	**SD**	**ADJETIVO/ REPRESENTAÇÃO UTILIZADOS PELO *OESP* PARA QUALIFICÁ-LO**	**POSICIONAMENTO DO PERIÓDICO**
Antigos políticos da URSS	347	"velha guarda" "corruptos da burocracia"	Anticumunista
Novos políticos da URSS escolhidos por Gorbachev/ Boris Yeltsin	347	"homens honestos"	Elogioso
Mikhail Gorbachev	313	"mentor da perestroika"	Aparentemente neutro
Mikhail Gorbachev	314	"o criador da perestroika"	Aparentemente neutro
Mikhail Gorbachev	330	"reformador"	Aparentemente neutro
Mikhail Gorbachev	332	"presidente soviético" "um dos líderes mais importantes do mundo"	Aparentemente neutro/elogioso
Mikhail Gorbachev	333	"o homem que há seis anos iniciou as reformas no maior império do mundo"	Elogioso
Mikhail Gorbachev	361	"homem de princípios, e de nervos de aço"	Elogioso
Mikhail Gorbachev	344	"herói trágico, um gigante cujo declínio e queda foram provocados pelas mesmas qualidades que fizeram dele um grande homem"	Elogioso
Mikhail Gorbachev	347	"jovem" "vivo"	Favorável/anticomunista
Boris Yeltsin	316	"senhor da segunda potência atômica do planeta" "o presidente"	Aparentemente neutro
Boris Yeltsin	335	"eufórico"	Aparentemente neutro
Boris Yeltsin	338	"alter ego [de Gorbachev]"	Aparentemente neutro
Vladmir Lenin	336	"já esquecido"	Anticomunista
Erich Honecker	371	"ortodoxo" "comunista"	Aparentemente neutro
Helmut Kohl	324	"chefe do governo alemão"	Aparentemente neutro
George H.W. Bush	324	"presidente"	Aparentemente neutro

QUADRO 9 - Edições nº 35.862 (26 de dezembro de 1991) do *OESP* (conclusão)

PERSONALIDADE/ EVENTO	**SD**	**ADJETIVO/ REPRESENTAÇÃO UTILIZADOS PELO *OESP* PARA QUALIFICÁ-LO**	**POSICIONAMENTO DO PERIÓDICO**
George H.W. Bush	370	"vice-presidente" "recém-eleito"	Aparentemente neutro
François Mitterrand	325	"presidente francês"	Aparentemente neutro
Margaret Thatcher	326	"ex-primeira-ministra"	Aparentemente neutro
Ronald Reagan	326	"ex-presidente"	Aparentemente neutro
Ronald Reagan	368	"presidente americano"	Aparentemente neutro
Kim Il Sung	327	"Comunista coreano"	Anticomunista

FONTE: O Estado de S. Paulo (1991)

A partir desta análise, podemos concluir que o jornal dedicou grande espaço à temática do fim da URSS. Além da notícia na primeira página são três páginas da seção *Internacional* dedicadas ao acontecimento. Conforme vimos, o periódico constrói uma nova representação de Gorbachev. O ex-líder agora é associado quase inteiramente às suas políticas reformistas. O ex-secretário-geral passa a ser o criador da *perestroika*. Ele aparece enquanto um líder importante mundialmente, que fez coisas muito significativas, mas que, no entanto, agiu de maneira equivocada e inocente ao associar-se aos ortodoxos soviéticos e não ter acelerado as mudanças na Rússia.

Na página 7, onde há somente textos produzidos pelo próprio *OESP*, há um menor grau de engajamento, enquanto a reprodução da matéria do *New York Times* nas duas páginas seguintes ocorre um alto grau de engajamento, muitos comentários e interpretações dos fatos passadas explicitamente ao leitor. Nesse sentido, notamos muitos elogios tecidos à Mikhail Gorbachev, no entanto, as críticas a sua figura são associadas à três assuntos: sua "fé comunistas", ou seja, sua crença de que poderia reformar a URSS e mantê-la dentro de um sistema socialista, a lentidão em suas políticas reformistas e a sua associação aos ortodoxos do partido, vistos pelo jornal como traidores e não confiáveis.

Por outro lado, os elogios à Gorbachev remetem à sua associação ao Ocidente e a líderes como Ronald Reagan e George Bush. Como indicamos na análise, a linha do tempo criada pelo *NYT* e reproduzida pelo *O Estado de S. Paulo* é muito pautada pelas ações de

Gorbachev com relação aos EUA e outras questões externas à URSS. O periódico também busca elogiar a figura de Boris Yeltsin, dado seu posicionamento reformista.

Assim como ocorre nas outras temáticas analisadas em nossa pesquisa, há a contraposição entre ortodoxos (ruim) e reformistas (bom). Igualmente, o jornal insiste na representação da URSS enquanto um corpo já falecido. O periódico também insere o evento em um dimensão histórica, prevendo como ele será interpretado no futuro, algo que está de acordo com a estratégia da *operação midiográfica*.

Pensando no processo de dar voz ou silenciar o discurso dos comunistas, avaliamos que o jornal traz nesta edição principalmente citações das falas de Mikhail Gorbachev, seja no discurso direto ou indireto. Tal qual nas outras edições, o jornal entremeia citações com a sua própria interpretação das falas, como ocorre já nos títulos presentes na primeira página da edição. Lembramos que citar Gorbachev e seus discursos, especialmente neste momento, em que a URSS está sendo dissolvida, não oferece risco nenhum para o jornal do ponto de vista ideológico. Ou seja, neste momento, citar Gorbachev nem mesmo significa dar voz aos comunistas ou incorporar o discurso de uma FD concorrente, uma vez que o nível de reformas empreendidas por este líder já havia mudado totalmente as condições de produção dos seus discursos e de sentido. Assim sendo, citar as falas do secretário-geral em 1985 tinha um determinado peso, mas citá-lo em dezembro de 1991 tem outro. Assim como no caso da queda do Muro, o jornal não dá voz àqueles que ainda queriam a permanência do regime socialista, pois isto sim seria arriscado para a sua FD.

4. CONCLUSÃO

Após a análise bibliográfica a respeito de nossa temática e o desenvolvimento de nossa pesquisa a partir da leitura detalhada de nossas fontes, apontamos nesta parte final do trabalho as conclusões nas quais pudemos chegar. Em primeiro lugar, gostaríamos de retornar às hipóteses levantadas na introdução na pesquisa, compreendendo quais delas se confirmaram e quais delas foram refutadas.

Nossa primeira hipótese, segundo a qual teria havido no período final da Guerra Fria e consequente desmanche da URSS um "apaziguamento" entre os discursos do *O Estado de S. Paulo* e do *Voz da Unidade,* uma vez que a polarização em nível mundial e nacional — tendo em vista o fim da Ditadura Militar — estaria menos intensa, não se confirma completamente. Pelo menos, não se confirma de maneira superficial.

Conforme lemos nas páginas de nossas fontes, de fato, o jornal *OESP* passa a fazer elogios ao líder soviético Mikhail Gorbachev, enquanto o próprio *Voz da Unidade* crítica aspectos da burocracia socialista, como no episódio da queda do Muro de Berlim, no entanto, se olharmos mais atenciosamente para estes discursos notamos que a sua essência não altera completamente a ideologia já consolidada por ambos os grupos.

Se o *OESP* faz elogios ao último secretário-geral soviético, o faz justamente por suas alianças com o ocidente e suas medidas reformistas que o aproximam da ideologia defendida pelo jornal. Gorbachev, embora tenha recebido muitas críticas dentro da própria URSS, teve grande popularidade no mundo ocidental — tendo ganhado o Prêmio Nobel da Paz em 1990 —, como pudemos ver na análise.

> No plano internacional, o homem acumulava impressionante popularidade. Segundo pesquisas, tornou-se o político mais popular na Europa. Todos tinham agenda para recebê-lo: presidentes, primeiros-ministros, rainhas e reis, o próprio papa. Sucediam-se os acordos de desarmamento, compreendendo armas convencionais e nucleares. (REIS FILHO, 1997, p.258).

Em muitos casos, esses elogios feitos pelo *OESP* são utilizados pelo jornal justamente como ataque aos antigos líderes soviéticos. Ou seja, em nada o periódico apazigua suas críticas ao comunismo, pelo contrário, expõe que o erro de Gorbachev foi ter aliado-se justamente aos ortodoxos no período final de seu governo. Para o *O Estado de S. Paulo*, o socialismo e a URSS são um corpo doente e seu falecimento foi um processo natural, uma vez

que sempre estiveram fadados a este destino. Por outro lado, o *Voz da Unidade*, mesmo que engajado no reformismo, não deixa de fazer críticas ao imperialismo ocidental, seu "outro" ideológico. No caso da queda do Muro de Berlim, como salientamos, o jornal atribui a causa do fim da RDA não ao socialismo em si, mas à sua não adequação às novas reivindicações da população. Certamente, isso não apaga o fato de, realmente, o *Voz da Unidade* utilizar esse espaço para promover uma nova imagem para o PCB, uma imagem que está de acordo com essas mudanças ocorridas na URSS. Entendemos, dessa forma, que ainda no período estudado, estes veículos da imprensa nacional estavam engajados em propagar suas ideologias de maneira assertiva.

Por outro lado, embora não haja de fato, por parte de *OESP* — representante da grande mídia brasileira —, uma mudança significativa em relação à sua ideologia anticomunista, podemos apontar que, entre 1985 e 1991, justamente diante das mudanças ocorridas no cenário mundial, o comunismo, antes visto como uma grande ameaça — como por exemplo ocorreu nos anos de 1935 e 1964 — já não aparece descrito dessa maneira. Este é um dado que aparece também na pesquisa de Mariani (1996). No entanto, a própria autora aponta que os sentidos construídos durante décadas não são simplesmente apagados:

> Os sentidos não se movimentam em linha reta: a hegemonia de uns não representa o eclipse total de outros. Nos anos 80, com o fim da guerra fria, a queda do muro de Berlim e do regime comunista na União Soviética, vemos que as denominações se reorganizam, fazendo conviver e circular os novos sentidos que vão sendo produzidos, sem, necessariamente, apagar os antigos. (MARIANI, 1996, p.153).

Conforme demonstramos através de nossa análise, embora tenham havido mudanças, o sentido de anticomunismo construído pelo *OESP* não é alterado em sua raíz, somente as condições de produção o permitem abrandar seu discurso. Mariani também chega a esta conclusão em seu trabalho com os jornais cariocas:

> Esse aspecto da discursividade sobre os comunistas aponta, no nosso entender, para a historicidade que constitui contraditoriamente os sentidos. Em outras palavras, por mais que se procure concretizar uma transformação na significação de "comunismo" nos anos 80, o gesto interpretativo que retoma é o do anticomunismo. (MARIANI, 1996, p. 235).

Nossa segunda hipótese foi confirmada. Na introdução da pesquisa apontamos para a possibilidade de, através das páginas do *Voz*, compreender as contradições presentes na

própria trajetória do PCB, que naquele período buscava desvencilhar-se da imagem da guerrilha e do stalinismo bem como se reafirmar enquanto a esquerda histórica brasileira em frente ao PT. Se logo na primeira temática analisada, a morte de Chernenko e posse de Gorbachev, o periódico procura reafirmar a tradição leninista soviética, nas próximas reportagens sobre as demais temáticas, o jornal passa cada vez mais a advogar favoravelmente às mudanças propostas. Temas como a paz mundial e o desarmamento nuclear aparecem com frequência. A reafirmação do PCB enquanto o partido da esquerda histórica brasileira vem em enunciados nos quais "os comunistas brasileiros" são exclusivamente membros do PCB, como pudemos perceber nas reportagens. Ainda assim, lembramos que não há nessas matérias nenhuma menção direta ao PT, diferentemente de textos jornalísticos do periódico a respeito do contexto nacional, nos quais o PCB apóia ou critica abertamente o novo partido.

A terceira hipótese elencada é que o discurso presente nas páginas de *OESP* evidenciaria seu apoio ao neoliberalismo bem como seu posicionamento anticomunista perante o contexto nacional de ascensão do PT. Esta hipótese é confirmada em parte. Embora o PT não seja diretamente mencionado pelo periódico em nenhuma das matérias analisadas, é visível o posicionamento contrário à esquerda propagado pelo jornal através justamente das críticas feitas ao sistema soviético e o elogio às nações ocidentais capitalistas. Neste sentido, o *OESP* se posiciona favoravelmente ao neoliberalismo principalmente ao dar destaque positivo à líderes como Margareth Thatcher e Ronald Reagan.

Percebemos que, na realidade, não havia nenhum motivo específico para que o Partido dos Trabalhadores fosse mencionado positiva ou negativamente nas páginas tanto do *OESP* quanto do *Voz*, tendo em vista as cinco temáticas trabalhadas na dissertação. Quando o *Estado* critica o socialismo, acaba por posicionar-se contrariamente à esquerda de forma mais ampla, e não diretamente ao PT ou algum membro específico do partido.

Nossa última hipótese é que, não somente os jornais demonstrariam em suas páginas os conflitos de suas instituições produtoras, mas também que transparecem e seriam resultado das contradições políticas próprias do recorte temporal. Certamente, as condições de produção de nossas fontes, como pudemos notar na relação entre a segunda e a terceira parte da pesquisa, ditam o que os jornais podem ou não publicar. Um dos exemplos mais evidentes disto é a maneira como o *OESP* trata a viagem de Sarney à URSS, algo que aparece até mesmo nas páginas no *Voz,* embora de forma menos explícita, usando o evento para criticar a

situação na qual o Brasil encontrava-se. No caso do destaque dado ao evento da queda do Muro em 1989 também percebemos como, apesar da importância do evento, os jornais estão muito mais preocupados em noticiar fatos referentes à eleição presidencial brasileira.

Pensando nas temáticas escolhidas para a análise e os quadros desenvolvidos a partir da pesquisa, concluímos que o *O Estado de S. Paulo* constrói uma narrativa a respeito do fim da URSS da seguinte maneira: A URSS encontrava-se em 1985 em situação deplorável, tendo em vista a má gestão dos secretários-gerais que a governaram até aquele momento. No entanto, com a morte de Chernenko, surge um novo nome no poder que deve ser, a princípio, olhado com desconfiança pelo ocidente. Mikhail Gorbachev é elogiado por ser mais jovem que seus antecessores, por ter ideais reformistas e por agradar líderes do ocidente como Ronald Reagan e Thatcher. Em seguida, no ano de 1986 o discurso do jornal é levemente alterado, uma vez que agora, e em todas as próximas temáticas, Mikhail Gorbachev é tratado como o líder já consolidado da URSS. Porém, mesmo com esta mudança, o jornal ainda busca criticar os antigos líderes soviéticos e colocar Gorbachev enquanto um líder raivoso ao lançar críticas aos Estados Unidos.

Já em 1988, com a visita de Sarney à União Soviética, o *O Estado de S. Paulo*, demonstra que pode ser perigosa a aproximação do Brasil com esta nação. Dessa forma, não há grande empolgação por parte do jornal com a viagem, ao contrário do que percebemos nas páginas do *Voz*. Sobre a queda do Muro de Berlim em 1989, o sentido construído pelo jornal está totalmente voltado para a migração de alemães orientais para a Alemanha Ocidental.

Enfim, na edição do dia 26 de dezembro de 1991, a construção da imagem de Mikhail Gorbachev, como apontamos, passa de uma desconfiança e da consolidação como líder para a figura de um importante presidente que possibilitou a "libertação" do povo soviético. No entanto, ele é tratado com sentimento de pena pelo jornal, que constata que seu principal erro foi aliar-se aos ortodoxos que tentaram lhe dar um golpe político.

A todo momento, o *OESP* passa ao leitor a interpretação feita pelas nações ocidentais a respeito desses eventos. O jornal somente cita os soviéticos quando estes são dissidentes do regime. Não há uma preocupação maior em compreender o sistema "por dentro", mas sim, dentro dos parâmetros ideológicos exaltados pelo próprio jornal. Isto se mostra, por exemplo, quando o jornal produz linhas do tempo sobre a URSS, nas quais os eventos destacados sempre dialogam com as preocupações do mundo ocidental ou fazem um apagamento de

importantes pontos da história soviética. A própria reprodução de reportagem do *L'Express* e do *The New York Times*, demonstra o alinhamento ideológico do jornal.

Dessa maneira podemos indicar que o *OESP* mantém ainda entre 1985 e 1991 uma memória narrativa muito antiga, que traz em si um anticomunismo, talvez mais disfarçado ou vestido de neutralidade. No entanto, ele ainda está presente. A figura do comunismo pode não aparecer nestas reportagens como um perigo, tal qual o imaginário reacionário brasileiro exaltava no período de 1964, mas o jornal procura desqualificar ao máximo seu "outro" ideológico enquanto atrasado, doentio, moribundo e velho. Para o *OESP*, Moscou se mostra bela somente por estar maquiada para o XXVII Congresso do PCUS, ou no Kremlin, com luxos disponíveis apenas para seus líderes máximos.

O periódico *Voz da Unidade* constrói seu discurso a respeito do fim da URSS de maneira distinta àquela do *O Estado de S. Paulo*. O jornal não reproduz falas de especialistas ou de periódicos ocidentais, somente cita a opinião de uma especialista da Alemanha Ocidental a respeito da queda do Muro de Berlim na medida em que seu comentário não desacredita do socialismo em si. Diferentemente de nossa outra fonte, o *Voz* não destaca a gerontocracia presente no sistema soviético. Pelo contrário, procura tecer elogios aos líderes da nação e ressalta as suas carreiras.

Na primeira edição analisada do veículo de imprensa pecebista há o resgate da memória discursiva dos periódicos do PCB e também da própria ideologia socialista no geral, ao destacar que Gorbachev está no mesmo caminho de Lênin. Se para o *OESP* a URSS estava moribunda, para o *Voz*, aquela nação estava viva e seguindo uma longa tradição. Da mesma maneira, na edição de 1986 a respeito do XXVII Congresso, há a demonstração da grandeza do evento e o reforço redundante da ideia de que Gorbachev estava a serviço da paz mundial.

Também no evento da visita de Sarney à URSS, o jornal interpretou como positiva a aproximação diplomática entre os países. Notamos que nas primeiras três temáticas analisadas no *Voz da Unidade* o jornal praticamente não altera a construção feita sobre Gorbachev e a própria URSS. O líder é sempre elogiado enquanto alguém preparado para exercer o cargo e enquanto um exemplo de pacifismo e a União Soviética não recebe críticas.

Esta construção muda, de maneira leve, somente na edição do ano de 1989 a respeito da queda do Muro de Berlim. Como salientamos, este é o único momento no qual o jornal faz

críticas à uma nação socialista, no entanto, a crítica não é ao sistema em si, mas sim à sua não adesão às políticas reformistas de Gorbachev.

Com o passar do anos, o *Voz da Unidade* passa, cada vez mais, a defender conceitos como paz mundial. Como vimos na primeira parte da pesquisa, isto vai de encontro à nova imagem que o próprio PCB quer consolidar para si no Brasil. Diferentemente do *OESP*, o *Voz* tem seu discurso muito mais atrelado às próprias mudanças na URSS, tendo em vista que é o veículo de imprensa oficial de um partido comunista.

Certamente os resultados apresentados possibilitam que pensemos outras questões. A temática do período final da URSS e dos discursos de periódicos brasileiros abre diversas possibilidades de estudo para o historiador. Dessa forma, esperamos poder ter contribuído para a construção do conhecimento que abrange essa área.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio. Imprensa alternativa: Opinião, Movimento e Em Tempo. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. (Org). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 233-248.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **O fim do homem soviético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ALBUQUERQUE, César Augusto Rodrigues de. **Perestroika em curso**: uma análise da evolução do pensamento político e econômico de Gorbachev (1984-1991). 265 p. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-29092015-151257/es.php. Acesso em: 20 jun. 2022.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 9. ed São Paulo: Graal, 2003.

ANTUNES, Ricardo. **A desertificação neoliberal no Brasil (Collor, FHC e Lula).** Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnalismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 14. ed São Paulo: Hucitec, 2010.

BARRETO FILHO, Fernando Paulo de Mello. **A política externa após a redemocratização**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: UNICAMP, 1994.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. História Política. **Historiografia Revista de Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, v. 9, n.17, p. 161-165, 1996.

_____. Imprensa como fonte para a História do Tempo Presente. In: Marieta de Moraes Ferreira; Lucília de Almeida Neves Delgado. (Org.). **História do tempo presente**. 1. ed. Rio de Janeiro (RJ): FGV, 2014. p. 259-315.

_____. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2019.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. (Org). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 103-130.

D'ARAUJO, Maria Celina. O estável poder de veto das Forças Armadas sobre o tema da anistia política no Brasil. **Varia hist.**, Belo Horizonte, v. 28, n. 48, p. 573-597, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752012000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 7 abr. 2021.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**: uma introdução. São Paulo: UNESP: Boitempo, 1997.

ECHEVERRIA, Regina. **Sarney a biografia**. São Paulo: Leya, 2011.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. (Org). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 83-102.

FERREIRA, Marieta de Moraes; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História do tempo presente**. 1. ed. Rio de Janeiro (RJ): FGV, 2014.

FERREIRA, Jorge. O presidente acidental: José Sarney e a transição democrática. In: Jorge Ferreira; Lucília de Almeida Neves Delgado. (Org.). **O tempo da Nova República**: da transição democrática à crise política de 2016: Quinta República (1985-2016). 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 27-73.

FONSECA, Francisco César Pinto da. **A imprensa liberal na transição democrática (1984-1987)**: projeto político e estratégias de convencimento (revista Visão e jornal O Estado de S. Paulo). 409 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

FREIRE, Américo; CARVALHO, Alessandra. As eleições de 1989 e a democracia brasileira: atores, processos e prognósticos. In: Jorge Ferreira; Lucília de Almeida Neves Delgado. (Org.). **O tempo da Nova República**: da transição democrática à crise política de 2016: Quinta República (1985-2016). 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 119-162.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D.; ROBIN, R. **Discurso e arquivo**: experimentações em análise do discurso. Campinas, SP: UNICAMP, 2016.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo, SP: EDUSP, 2003

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda**: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. 428 p. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. Disponível em: http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280688. Acesso em: 3 set. 2020.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 4. ed São Paulo: Ateliê, 2012.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 4. ed. rev COTIA, SP: Ateliê, 2009.

LEWIN, Moshe. **O fenômeno Gorbachev**: uma interpretação histórica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

LUCA, Tânia Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. (Org). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2020a. p. 149-176.

_____. (Org). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2020b.

_____. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111–153.

MACIEL, David. **De Sarney a Collor**: reformas políticas, democratização e crise (1985-1990). 387 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. **O comunismo imaginário**: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). 256 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. (Org). **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2020. p. 7-22.

MARTINS, Estevão Rezende. Realismo, ambição e frustração: o Brasil e sua política internacional (1985-2015). In: Jorge Ferreira; Lucília de Almeida Neves Delgado. (Org.). **O tempo da Nova República**: da transição democrática à crise política de 2016: Quinta República (1985-2016). 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 389-415.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo político**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

MENESES, Sônia. A operação midiográfica In: Marieta de Moraes Ferreira; Lucília de Almeida Neves Delgado. (Org.). **História do tempo presente**. 1. ed. Rio de Janeiro (RJ): FGV, 2014. p. 231-257.

MIGLIACCIO, Luciana Adayr Arruda; CAMPOS, Norma Discini de. **O jornal O Estado de S. Paulo e a revista Veja após o Ato Institucional nº5**: análise semiótica do discurso jornalístico de resistência. 261 p. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-12112007-145148/. Acesso em: 2 abr. 2020.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O lulismo e os governos do PT: ascensão e queda. In: Jorge Ferreira; Lucília de Almeida Neves Delgado. (Org.). **O tempo da Nova República**: da transição democrática à crise política de 2016: Quinta República (1985-2016). 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 415-446.

MÜLLER, Angélica; IEGELSKI, Francine. O Brasil e o tempo Presente. In: Jorge Ferreira; Lucília de Almeida Neves Delgado. (Org.). **O tempo da Nova República**: da transição democrática à crise política de 2016: Quinta República (1985-2016). 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 13-26.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

O ESTADO DE S. PAULO. **História do Grupo**. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1870.shtm. Acesso em: 13 jun. 2022.

OLIVEIRA, Eliezer Rizzo de. **De Geisel a Collor**: Forças Armadas, transição e democracia. [431]f. Tese (livre docência) - Instituto de Filosofia e Ciencias Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

PAULA, Celia Regina do Nascimento de; VIEIRA, Fernando Antonio da Costa. A Comissão da Verdade no Brasil: a luta pela memória em uma democracia fragilizada. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra , n. 121, p. 123-146, 2020 . Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-74352020000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 jul. 2021.

PEIXOTO, Fernanda. Os anos 80, o novo jornalista e a imprensa no Brasil. **Estudos de Sociologia**, Araraquara. v.3. n. 4. p. 31-42, 1998.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma critica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PICANÇO, Deise Cristina de Lima. **Discurso, lingüística e história**: diálogos entre a lingüística e a teoria da história através da análise do discurso. 211 p. Tese (Doutorado em Letras) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: http://hdl.handle.net/1884/3605. Acesso em: 25 mar. 2020.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **Uma revolução perdida**: a história do socialismo soviético. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RODRIGUES, Robério Paulino. **O colapso da URSS**: um estudo das causas. 307 p. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-11072007-112541/pt-br.php. Acesso em: 20 jun. 2022.

SALLUM JÚNIOR, Brasílio. O governo e o impeachment de Fenando Collor de Mello. In: Jorge Ferreira; Lucília de Almeida Neves Delgado. (Org.). **O tempo da Nova República**: da transição democrática à crise política de 2016: Quinta República (1985-2016). 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 163-192.

SEGATTO, José Antônio; SANTOS, Raimundo. A Valorização da Polícia na Trajetória Pecebista: Dos anos 1950 a 1991. In: RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel Aarão. (Org). **História do Marxismo no Brasil**: partidos e movimentos após 1960. Campinas: UNICAMP, 2007.

SETÚBAL, Olavo Egydio. **Discurso de posse**. Disponível em: https://www.gov.br/funag/pt-br/chdd/historia-diplomatica/ministros-de-estado-das-relacoes-exteriores/olavo-egydio-setubal-discurso-de-posse. Acesso em: 9 jun. 2022.

SILVEIRA, Ramaís de Castro. **Neoliberalismo**: conceito e influências no Brasil - de Sarney a FHC. 176 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/16218 Acesso em: 17 jul. 2021.

SODRÉ, Roberto da Costa de Abreu. **Discurso de posse**. Disponível em: https://www.gov.br/funag/pt-br/chdd/historia-diplomatica/ministros-de-estado-das-relacoes-exteriores/roberto-costa-de-abreu-sodre-discurso-de-posse. Acesso em: 9 jun. 2022.

TAVARES, Rodrigo Rodrigues. **Desenhando a revolução**: as imagens da imprensa comunista (1945-1964). São Paulo: Intermeios, 2017.

TORRES, Andréa Côrtes. **A memória da voz e a voz da memória**: o jornal Voz da Unidade (1980-1991). 123 p. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Centro de Ciência Humanas e Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12347. Acesso em: 17 jul. 2021.

VILLAMÉA, Luiza. Revolução tecnológica e reviravolta política. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. (Org). **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2020. p. 249-268.

VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística.** Barcelona: Paidós, 1997.

ANEXOS

TEMPO EM SÃO PAULO
Nublado a parcialmente nublado. Temperatura estável. Página 24

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO DE MESQUITA NETO
DIRETOR RESPONSÁVEL

JULIO MESQUITA (1891 - 1927) JULIO DE MESQUITA FILHO (1927 - 1969) FRANCISCO MESQUITA (1927 - 1969)

Capital e Interior de S. Paulo — Cr$ 1 000 | ANO 106 | TERÇA-FEIRA, 12 DE MARÇO DE 1985 | Nº 33.749 | Domingo Cr$ 1 100 | Assinatura DEZ/85 Cr$ 166.000

Morre Chernenko. Gorbachev no poder

A TV soviética comunica a morte de Chernenko, aos 73 anos. Pouco depois, surge o sucessor, Mikhail Gorbachev, 54 anos

MOSCOU — O presidente da União Soviética, Constantin Chernenko, morreu na noite de domingo em Moscou (começo da tarde em Brasília), mas o Cremlin demorou 19 horas para dar a notícia ao mundo. Porém, apenas quatro horas depois de a agência **Tass** ter anunciado oficialmente a morte de Chernenko, surgiu o nome do sucessor, Mikhail **Gorbachev**, o mais jovem integrante do Politburo (54 anos) e partidário de profundas reformas na estrutura de produção soviética. A rapidez da escolha de Gorbachev pelos 300 membros da Comissão Central do PC mostra que desta vez tudo estava preparado na URSS para a transmissão do poder, ao contrário do que aconteceu depois da morte do antecessor de Chernenko, Yuri Andropov. O corpo de Chernenko está sendo velado na Casa dos Sindicatos e o enterro será amanhã. Causa da morte do presidente: enfisema pulmonar e deficiência cardíaca. Páginas 8 e 12

Um apelo ao diálogo. E Reagan já aceitou

MOSCOU — Mikhail Gorbachev, em discurso logo depois de ter sido nomeado secretário-geral do PC russo, fez um apelo aos Estados Unidos para que se unam à União Soviética no objetivo de pôr fim à corrida armamentista, assinalando que "nunca antes houve uma ameaça tão grande e sombria pairando sobre a humanidade". E, ontem mesmo, o presidente Ronald Reagan disse que está "mais do que disposto" a encontrar-se com Gorbachev, apenas salientando que a reunião só deverá ocorrer quando o novo líder do Cremlin estiver "instalado no poder". Reagan chegou a estudar a possibilidade de ir a Moscou para assistir aos funerais de Chernenko, mas acabou indicando o vice-presidente George Bush para representá-lo. Página 9

Genebra, negociação mantida

GENEBRA — Apenas meia hora depois do comunicado oficial da morte do presidente Constantin Chernenko, a delegação soviética à Conferência de Desarmamento confirmava o reinício das negociações com os Estados Unidos, marcado para hoje. A delegação norte-americana chegou a sugerir um adiamento, mas os soviéticos não aceitaram. A morte de Chernenko não deverá alterar a posição de Moscou nas conversações, que agora vão incluir também o projeto dos EUA de instalar armas no espaço extraterrestre, programa já condenado pelo novo líder do Cremlin, Mikhail Gorbachev. Pág. 11

O presidente, impopular até na sua saída

A três dias da transmissão do poder, uma péssima notícia para o presidente Figueiredo: sua popularidade atingiu o ponto mais baixo (-44%) desde que assumiu o governo, há seis anos (com +15%). A pesquisa é do Instituto Gallup, realizada no mês passado em 192 cidades de 20 Estados. Ontem, em pronunciamento por uma cadeia de rádio e TV, o presidente reconheceu que a inflação é a herança mais amarga que deixa. Página 7

Hoje, o Ministério recorde: 28 nomes

O presidente eleito Tancredo Neves anuncia hoje às 11 horas seu Ministério, que será um recorde na história republicana do País: terá 28 ministros. Ontem foi um dia de surpresas. O advogado Bernardo Cabral acabou perdendo o Ministério dos Assuntos Fundiários para o presidente do Banco do Estado do Pará, Nélson Ribeiro. Tancredo também decidiu reativar o Ministério da Desburocratização, que será entregue a um liberal do Ceará, possivelmente o deputado Lúcio Alcântara. E o assessor Mauro Salles será ministro de Assuntos Extraordinários, com gabinete no Planalto. No Rio, o governador mineiro Hélio Garcia advertiu: o Ministério a ser divulgado hoje poderá provocar algumas surpresas entre os políticos. Em Brasília, o futuro chanceler Olavo Setúbal, depois de uma reunião de três horas com Saraiva Guerreiro, no Itamaraty, disse que uma de suas preocupações é o comércio internacional. Páginas 4 e 7

O Ministério

Relações Exteriores	Olavo Setúbal
Planejamento	João Sayad
Fazenda	Francisco Dornelles
Justiça	Fernando Lyra
Habitação e Saneamento	Flávio Peixoto
Desenvolvimento Regional	Ronaldo Costa Couto
Trabalho	Almir Pazzianotto
Previdência Social	Waldir Pires
Agricultura	Pedro Simon
Educação	Marco Maciel
Cultura	José Aparecido
Saúde	Carlos Sant'Anna
Minas e Energia	Aureliano Chaves
Indústria e Comércio	Roberto Gusmão
Transportes	Afonso Camargo
Comunicações	Antônio Carlos Magalhães
Assuntos Fundiários	Nélson Ribeiro *
Administração	Aluísio Alves
Ciência e Tecnologia	Renato Archer
Desburocratização	Lúcio Alcântara *
Assuntos Extraordinários	Mauro Salles *
Exército	Leônidas Pires Gonçalves
Marinha	Henrique Saboya
Aeronáutica	Octávio Moreira Lima
Casa Civil	José Hugo Castelo Branco
Casa Militar	Rubens Denys
SNI	Ivan de Souza Mendes
EMFA	José Maria do Amaral

* Nélson Ribeiro entra no lugar de Bernardo Cabral. O Ministério da Desburocratização volta a funcionar. E Mauro Salles trabalhará junto com Tancredo.

Inamps faz mistério com os que fraudam

O presidente do Inamps, Aloysio Salles, fez suspense, garantiu na semana passada que ontem daria a relação dos funcionários do Instituto envolvidos na fraude e, no Ministério da Previdência, onde esteve ontem, recuou-se a anunciar o prometido. Disse que isso caberá ao delegado Romeu Tuma, da Polícia Federal, a quem já teria enviado a relação dos nomes. Tuma, contudo, diz que não recebeu nada e, de confirmação, só garantiu o envolvimento do genro de Aloysio, Adílson Oliveira, com o economista Milton Milreu. Páginas 16 e 17

Na Loteria, só dois com 13

Apenas dois apostadores fizeram os 13 pontos na Loteria Esportiva e cada um receberá Cr$ 1,7 bilhão. Um deles, Geremia Lorenzetto, é de Mauá, tem fama de "sortudo" e estava desempregado. Dividirá o prêmio com cinco amigos. O outro é de Carapicuíba e faz parte de um "bolão" de dez pessoas. Um detalhe: só chegaria a 12 pontos, se a dona da lotérica não se enganasse e não mudasse o duplo no jogo 11 para o 12. Página 36

Choque de trens mata nove no Rio

Um choque de trens de subúrbio, ontem no Rio, matou nove pessoas e deixou 91 feridas. O acidente ocorreu às 11h17, quando, segundo o depoimento de testemunhas, "um dos maquinistas avançou o sinal". A Rede Ferroviária Federal abriu inquérito. Página 36

Prefeito aponta falhas em Cubatão

Em relatório divulgado ontem, o prefeito nomeado de Cubatão, Nei Eduardo Serra, prestou contas do seu primeiro mês de governo, apontando uma série de irregularidades encontradas na administração de seu antecessor, José Osvaldo Passarelli. Este já reagiu, acusando Serra de "falta de seriedade e mordomias" e de paralisar obras vitais para o município. Página 37

Um trem avançou o sinal, segundo passageiros, mais uma tragédia na Baixada Fluminense

Bagdá atacada. É a resposta dos iranianos

TEERÃ/BAGDÁ — A Força Aérea do Irã bombardeou ontem Bagdá, causando "grande número de vítimas e danos consideráveis", segundo a agência oficial iraniana **Irna**. O ataque, não comentado pelo governo do Iraque, foi resposta ao maciço bombardeio iraquiano, no domingo, contra nove cidades iranianas, entre elas Isphahan, a 400 quilômetros da fronteira do Iraque. A agência **Irna** informou ainda que os aviões do Irã derrubaram um **Mig-23**, perto de Bagdá, e impediram um contra-ataque aéreo contra Teerã. O secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, fez um apelo aos dois países para que suspendam os ataques a alvos civis, nos quais já morreram mais de 800 iranianos, desde que os dois países desrespeitaram, há nove dias, acordo assinado em 1984. Página 14

Oposição francesa vence socialistas

PARIS — A oposição conservadora francesa, incluindo a extrema direita, obteve 57,7% dos votos nas eleições regionais realizadas anteontem. Os partidos de esquerda ficaram com 41% dos votos, tendo os socialistas de Mitterrand conseguido 26% e os comunistas 12%. Sessenta por cento dos candidatos deverão ser definidos em segunda votação, marcada para o domingo. Pág. 13

64 páginas

Anos Rotenos Variedades ..... 22 a 24
Anos e Edifícios ..... 45 e 47
Cidades ..... 19 a 44
Classificados 5
Economia ..... 39 a 44
Editorial 3
Educação 18
Esportes ..... 25 a 27
Exterior ..... 8 e 12
Espetáculos 21
Funerais 37
Interior 36
Rio 35
Roteiro 21
Saúde 37
Serviço 21

Morre Chernenko. Assume Gorbachev

O presidente da União Soviética, Constantin Chernenko, morreu na noite de domingo em Moscou (começo da tarde em Brasília) e só 19 horas depois, no início da manhã de ontem, é que o mundo ficou sabendo que o líder do Cremlin havia sido vencido pela longa enfermidade, enfisema crônico, agravada por deficiência cardíaca. Porém, apenas quatro horas depois que a agência **Tass** havia anunciado a morte do "número um", surgia o nome de seu sucessor, o "jovem" membro do Politburo (54 anos) Mikhail Gorbachev, um fiel seguidor de Yuri Andropov, o antecessor de Chernenko, e adepto de reformas profundas no sistema de produção soviético. A rapidez com que foi anunciado o nome do sucessor de Chernenko mostrou que tudo já estava preparado no Cremlin para a passagem do poder, ao contrário do que aconteceu após a morte de Andropov.

Escolhido por unanimidade pela Comissão Central do PC, que se reuniu em sessão extraordinária, Gorbachev pronunciou seu primeiro discurso como "número um", afirmando que a URSS está disposta a uma "cooperação pacífica" com os países ocidentais e pedindo "novos passos para a distensão Leste-Oeste". E ontem mesmo, em Washington, o presidente Ronald Reagan afirmava estar "mais do que disposto" a manter uma reunião com o novo secretário-geral do PC russo, apenas lembrando que deve esperar até que o secretário-geral "esteja instalado no poder".

Reagan disse ter considerado "seriamente" a possibilidade de ir pessoalmente a Moscou para assistir aos funerais de Chernenko mas acabou decidindo mandar o vice-presidente George Bush para representá-lo. Enquanto isso, políticos e especialistas norte-americanos observavam que Gorbachev deverá continuar a tarefa de Andropov no sentido de aumentar a eficiência da estrutura de produção da URSS, mas previam um longo período em que o jovem secretário-geral deverá consolidar seu poder, vencendo a resistência das correntes conservadoras do Partido.

Enquanto o corpo de Chernenko era velado na Casa dos Sindicatos, rodeado por membros do Politburo, (o enterro será amanhã), anunciava-se em Genebra que as negociações sobre controle de armas nucleares entre a URSS e os EUA serão reiniciadas hoje, como estava previsto, depois de uma interrupção de 15 meses. A decisão de continuar as conversações foi anunciada pela delegação soviética em Genebra apenas meia hora depois do anúncio oficial da morte de Chernenko, o que confirma a idéia de que estava tudo programado para a passagem do poder, assim como o interesse da URSS de manter a agenda das negociações. Outra conclusão dos observadores ocidentais é a de que o Cremlin vem mantendo uma liderança "colegiada" desde que começou a agravar-se o estado de saúde de Chernenko, funcionando com "piloto automático".

11/3 TASS 9-36

COMUNICADO DO COMITAD CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA
DA UNIAO SOVIENTICA, DO PRESIDIUM DO SOVIETE SUPREMO
DA URSS E DO CONSELHO DE MINISTROS DA URSS

MOSCOVO, 11 DE MARCO. /TASS/. O COMITEH CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIAO SOVIENTICA, O PRESIDIUM DO SOVIETE SUPREMO DA URSS E O CONSELHO DE MINISTROS DA URSS INFORMAM, COM PROFUNDO PESAR, O PARTIDO E TODO O POVO SOVIENTICO QUE, AAS 19 HORAS E 20 MINUTOS DE 10 DE MARCO DE 1985, DEPOIS DE TER ESTADO GRAVEMENTE DOENTE, FALECEU KONSTANTIN USTINOVITCH TCHERNENKO, SECRETARIO-GERAL DO CC DO PCUS E PRESIDENTE DO PRESIDIUM DO SOVIETE SUPREMO DA URSS.

O NOME DE KONSTANTIN USTINOVITCH TCHERNENKO, EMINENTE FIGURA DO PARTIDO COMUNISTA E DO ESTADO SOVIENTICO, INTRANSIGENTE LUTADOR PELOS IDEAIS DO COMUNISMO E PELA PAZ, VIVERAH SEMPRE NOS CORACOES DOS SOVIENTICOS E DE TODA A HUMANIDADE PROGRESSISTA.

FIM

A notícia na TV, com várias horas de atraso

MOSCOU — "O Comitê Central do Partido Comunista, o Presidium do Soviet Supremo e o Conselho de Ministros da União Soviética anunciam, com profundo pesar, que Constantin Ustinovich Chernenko, secretário-geral do Comitê Central do PCUS e presidente do Presidium do Soviet Supremo, morreu às 19h20 (13h20 em Brasília) do dia 10 de março de 1985, após longa enfermidade." O locutor da televisão soviética leu este comunicado, com voz profunda e sombria, às 14 horas de ontem (8 horas em Brasília), confirmando, com quase 19 horas de atraso, os rumores cada vez mais insistentes que circulavam por todo o país. Chernenko estava morto. Mais tarde, a agência **Tass** anunciou a causa da morte: "Enfisema crônico, agravado por uma deficiência cardíaca e cirrose hepática". No fim, um ataque cardíaco.

Os indícios sobre a morte de um importante dirigente do Cremlin tornaram-se cada vez mais evidentes na noite de domingo, quando a **Rádio Moscou** começou a transmitir somente música clássica. Como Chernenko estava doente há vários meses, com constantes notícias sobre o agravamento do seu estado de saúde, logo ficou evidente que ele deveria ter morrido. Como aconteceu por ocasião das mortes de Leonid Brezhnev e de Yuri Andropov, limusines pretas, conduzindo dirigentes soviéticos, começaram a chegar ao Cremlin. Soube-se, de madrugada, que três delegações soviéticas de alto nível que se encontravam nos Estados Unidos, Alemanha Ocidental e Iugoslávia haviam sido chamadas urgentemente de volta a Moscou.

Na manhã de ontem, os indícios sobre a morte de Chernenko tornaram-se ainda mais claros. Exatamente como aconteceu nas horas que antecederam os anúncios das mortes de Brezhnev e Andropov, a televisão soviética suspendeu sua programação normal de variedades e passou a transmitir filmes sobre a vida silvestre e as indústrias do país. Depois, passou a transmitir concertos de música clássica e, às 14 horas, Igor Kirilov, famoso locutor dos noticiários da televisão soviética, apareceu no vídeo para ler o comunicado oficial sobre a morte de Chernenko, usando exatamente as mesmas palavras com que anunciara as mortes de Brezhnev e Andropov. A seguir, tanto a televisão quanto as emissoras de rádio passaram a transmitir, nos intervalos de músicas clássicas, comunicados oficiais elogiando Chernenko, informando sobre os funerais e anunciando a ascensão de Mikhail Gorbachev como o novo secretário-geral do PCUS.

No fim da tarde, trabalhadores já preparavam o local onde Chernenko será sepultado amanhã, junto ao muro do Cremlin, ao lado dos túmulos de Brezhnev e Andropov.

O "Politburo" vai ao velório

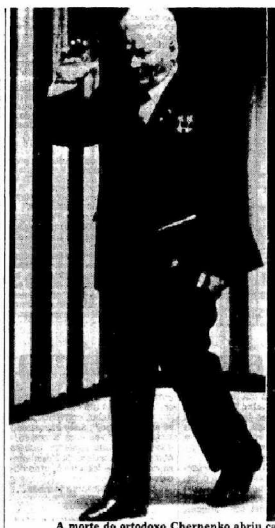
MOSCOU — Os principais dirigentes soviéticos estiveram ontem à noite na Sala das Colunas da Casa dos Sindicatos, onde o corpo de Constantin Chernenko foi posto em câmara-ardente. Os membros do **Politburo** e do Comitê Central do PCUS permaneceram alguns minutos junto ao caixão. O corpo de Chernenko foi coberto de flores e, ao lado do caixão, foram colocadas as condecorações do dirigente morto. A televisão mostrou o novo secretário-geral do PCUS, Mikhail Gorbachev, particípando do velório, ao lado do primeiro-ministro Nikolai Tikhonov, do chanceler Andrei Gromiko e dos demais membros do Politburo.

O governo e a direção do PCUS decretaram luto oficial de três dias no país, anunciando que a Sala das Colunas da Casa dos Sindicatos será aberta hoje para que o público possa prestar sua última homenagem a Chernenko. O sepultamento do dirigente foi marcado para amanhã, às 13 horas (locais), no cemitério reservado às personalidades soviéticas, junto ao muro do Cremlin, na Praça Vermelha.

O comunicado do governo e do PCUS informou que no dia dos funerais não haverá aulas nas escolas primárias e secundárias do país e, quando Chernenko estiver sendo sepultado, as indústrias paralisarão suas atividades por cinco minutos, exceto as que não podem parar sua produção. Nas capitais de todas as repúblicas soviéticas, serão disparadas salvas de artilharia.

A doença

Chernenko já estava doente quando assumiu, em fevereiro de 1984: todos os jornalistas ocidentais comentaram sua evidente dificuldade em falar e até que respirar. Em maio, teve de ser ajudado a descer do carro oficial que o levava para receber os reis da Espanha. Foi o primeiro sinal público da doença. Diante dos rumores, a TV começou a mostrá-lo condecorando astronautas ou recebendo personalidades. Mas, em 24 de dezembro ele foi o grande ausente nos funerais do ministro da Defesa Ustinov. Em 24 de fevereiro deste ano apareceu em público pela última vez, votando. Estava muito mal, teve de se apoiar na urna na hora de colocar o voto. Em 6 de março tinha um retrato inaugurado, em Moscou, na comemoração da vitória na II Guerra Mundial. E, no dia 7, de novo era sua ausência mais notada no espetáculo de balé do Bolshoi em homenagem às mulheres.



A morte do ortodoxo Chernenko abriu caminho para o reformista Gorbachev

Desde os 20 anos na escada do poder

CECÍLLIA THOMPSON

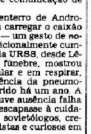
Ao ser designado para substituir Yuri Andropov, em 13 de fevereiro de 1984, Constantin Chernenko tornou-se o homem mais velho a assumir o controle do poder da União Soviética. Tinha, então, 72 anos e era considerado um dos mais fiéis representantes do clã de Leonid Brezhnev.

Nascido em 24 de setembro de 1911, na região siberiana de Krasnoiarski, numa família de camponeses, aos 20 anos já era membro do Partido Comunista. Formou-se, mais tarde, no Instituto de Kishiniov, na Moldávia, ocupando vários cargos dentro do partido nas províncias. Pouco depois, de 1945 a 1948, cursa a Escola Superior de Organizadores do Comitê Central do PC soviético. Em 1945 já é secretário do comitê do partido em Penza Obast, e, em 1948, passa a agitprop — chefe do Departamento de Agitação e Propaganda — para a Moldávia. Brezhnev é enviado para lá, para chefiar o PC local, e forte amizade nasce entre ambos. Em 1956, quando Brezhnev é transferido para Moscou, leva Chernenko consigo. Até 1960, Chernenko é o chefe de Propaganda do Comitê Central do PCUS. Em 1960, passa a chefiar do secretariado do Soviete Supremo. E, em 1964, quando Brezhnev sucede à Kruschev, abre caminho a seu protegido para os mais importantes cargos na hierarquia do partido. Chernenko, em 1966, já é membro, sem direito a voto, do Comitê Central, e deputado do Soviete Supremo. Em 1971, passa a membro do CC, com direito a voto. E, em 1978, finalmente, passa a membro, com todos os direitos, do Politburo na qualidade de "número dois" de Brezhnev, ou seja, aquele que já estava escolhido para ser o novo secretário-geral.

Uma escalada quase sem falhas. A única iria prejudicá-lo mais tarde, quando perdeu a luta pelo poder para Yuri Andropov, em 1982, na sucessão de Brezhnev: não havia passado por cargos administrativos. Yuri Andropov fez valer sua força de antigo dirigente da KGB e acabou passando à frente de Chernenko. Que perdeu um importante cargo, a direção de Assuntos Gerais do partido, que lhe dava o controle das nomeações dentro da máquina partidária. Mas foi aí que o "delfim" de Brezhnev mostrou sua verdadeira habilidade: em vez de se omitir, ou de passar a uma clara oposição a Andropov, soube suportar com paciência o momento difícil, ao mesmo tempo em que adotava atitude de aberto elogio à política de reformulação dos quadros e de luta contra a corrupção e a ineficiência, que Andropov iniciara. Chernenko, assim, apesar da ligação de fidelidade com Brezhnev, lhe valeu a eleição em fevereiro do ano passado, inimaginável, tendo em vista os rivais que teve de enfrentar: o "jovem", para os padrões russos (53 anos) Mikhail Gorbachev, o fiel seguidor de Andropov que assume o poder agora, e Grigori Romanov, outro resoluto membro do Politburo.

NO PODER

Em 13 de fevereiro, Chernenko foi nomeado secretário-geral do partido (Andropov havia morrido no dia 9); e, em 11 de abril, era designado também presidente da União Soviética. Mesmo antes de assumir o poder, já era um homem doente, que se ausentava com freqüência da cena política, por problemas de saúde que ouvia eram muito bem explicados. No discurso de posse na secretaria-geral do PC, logo após sua escolha pelo Politburo, pigarreou e interrompeu-se várias vezes, e o ministro da Defesa, Dmitri Ustinov, foi obrigado a passar-lhe discretamente um lenço. Discretamente: mas não houve câmera de fotógrafo ou de televisão que não registrasse o gesto, ampliamente comentado e analisado, depois, nos meios de comunicação de todo o mundo.



As fotos sempre mostraram a imagem de um homem doente e cansado antes mesmo de ser indicado o sucessor de Andropov.

Também no enterro de Andropov, não ajudou a carregar o caixão de seu antecessor — um gesto de *noblesse oblige* tradicionalmente cumprido na história da URSS, desde Lênin. E, no elogio fúnebre, mostrou dificuldade em falar e em respirar, possível conseqüência da pneumonia que havia sofrido há um ano. A partir daí, não houve ausência falha ou vacilação que escapasse à cuidadosa exegese dos sovietólogos, cremlinólogos, jornalistas e curiosos em geral.

Em maio de 1984, teve de ser amparado por dois assessores para conseguir sair do automóvel oficial que o levava para a recepção aos reis da Espanha, no Cremlin. O total silêncio das autoridades soviéticas sobre seu estado de saúde, durante o verão, nenko voltou a aparecer em público, em cerimônia de condecoração de vários astronautas. Nem isso parou os rumores: em alguns países ocidentais, a notícia sempre desmentida da sua morte circulou várias vezes. Em 24 de dezembro do ano passado, não participou dos funerais, na Praça Vermelha, do ministro da Defesa Ustinov. Um frio raro, mesmo para os russos, desaconselhava que ele se expusesse ao ar livre. E, em 27 de dezembro, apareceu pela penúltima vez na televisão estatal. Desde então, Chernenko cancelara três compromissos importantes: em 15 de janeiro, viagem a Sofia, para reunir-se com outros seis dirigentes de países membros do Pacto de Varsóvia; em 12 de fevereiro, audiência com o primeiro-ministro grego Andreas Papandreu; e, em 22 de fevereiro, o tradicional ato de encerramento da campanha para as eleições no Soviet Supremo.

A televisão, contudo, na última tentativa de provar que tudo ia bem, mostrou-o, dois dias depois, votando. E durante a tomada de 1m30s para o noticiário oficial da noite, Chernenko pronunciou apenas uma palavra: **kharasho** (ótimo), quando uma mulher, identificada como secretária da mesa eleitoral, lhe entregou um ramo de flores. Chernenko estava de pé e teve de se apoiar na mesa e, na hora de votar, na própria urna. Os fotógrafos das agências estrangeiras foram unânimes em observar sua palidez e magreza. Os boletins radiofônicos diziam que ele havia votado no colégio eleitoral de seu distrito — mas, no filme de TV, ele está em uma sala de paredes rosa, tapete no chão, cortinas brancas nas vidraças. E, aos jornalistas estrangeiros, confirmou-se que ele optara por "votar em casa".

A Casa dos Arquitetos, onde ele deveria ir para votar, quem compareceu foi seu agora sucessor, Gorbachev. Em 6 de março, teve inaugurado seu retrato, a óleo, numa exposição no Centro de Artes de Moscou, como parte das comemorações do 40º aniversário da vitória aliada na II Guerra Mundial. E, ainda há cinco dias, na véspera do Dia Internacional da Mulher, foi sua a ausência mais notada no espetáculo do Balé de Bolshoi em homenagem às mulheres, festa a que jamais um dirigente máximo soviético faltou. No domingo, finalmente, o último representante da Velha Guarda morreu, depois de um ano e um mês no poder, que se não lhe bastaram para criar um estilo pessoal de governo, pelo menos não envolveram reformas radicais: seu estilo continuista teve o

"Foi a vontade de Deus. Ele está contente"

MOSCOU — Silenciosas moscovitas de todas as idades concentravam-se, ontem, por trás dos cordões policiais, na Praça Vermelha, enquanto a notícia da morte do presidente Chernenko se espalhava pela cidade. Uma hora depois que os meios oficiais de informação anunciaram a morte do velho líder, os edifícios já mostravam bandeiras vermelhas, hasteadas a meio pau, e tarjas negras eram penduradas em janelas e postes de iluminação. Todas as ruas que levam à praça mostravam também os símbolos negro e vermelho do luto. A praça foi enchendo-se de gente, milhares de pessoas silenciosas sob um céu azul, enquanto o sol de inverno dourava as cúpulas. "Sinto tanta pena... Foi tão triste que estivesse doente", disse uma velhinha. "Era um homem de bom coração, mas muito doente. Tinha problemas de respiração", explicou ela para um jornalista. Outra mulher, chorando, expressou alívio por "ter terminado o seu sofrimento", encontrando "finalmente a paz". "Foi a vontade de Deus", concluiu ela. "Agora Chernenko está contente."

No Chile nenhum pesar

SANTIAGO — A morte do chefe de Estado soviético foi recebida com pesar em quase toda a América Latina, menos no Chile, onde o ministro das Relações Exteriores, Jaime del Valle, aproveitou para atacar a União Soviética. Ele disse que a demora das autoridades em confirmar a doença de Chernenko "revela quanto é tenebrosa a sua política". E não acrescentou a menor palavra de condolência. O governo soviético rompeu relações com o Chile em 1973, quando os militares derrubaram o presidente Salvador Allende.

Cuba: reação demora

HAVANA — Em Cuba, a morte de Constantin Chernenko foi anunciada desde muito cedo, pelo rádio e pela televisão. A reação oficial demorou um pouco mais: até o meio-dia as autoridades ainda/não haviam divulgado o texto da mensagem oficial de condolências enviada a Moscou, o decreto de luto oficial, ou quem iria integrar a delegação cubana aos funerais. O jornal *Granma* incluiu a notícia da morte em uma coluna, como nota de última hora, uma vez que a edição já estava fechada.

Reuter/fpb

Luto em Washington

WASHINGTON — A bandeira soviética foi hasteada a meio pau, na Embaixada de Washington, assim que a agência **Tass** anunciou a morte do presidente Chernenko. Quase dois meses depois da morte do ministro da Defesa Dmitri Ustinov, a embaixada torna a abrir as suas portas para registrar as condolências dos diplomatas de todo o mundo acreditados em Washington.

Margaret gosta dele

LONDRES — Gorbachev, mesmo antes de assumir, já tem a seu crédito uma declaração de amor... de Margaret Thatcher que, em dezembro, depois de uma conversa com o agora chefe de Estado que durou algumas horas, declarou aos jornalistas: "I like him". (Gosto dele.) "Sinto que podremos trabalhar muito bem juntos." Ontem, a **BBC** confirmou que Thatcher compareceri aos funerais de Chernenko — podendo então repetir, para Gorbachev, quanto gosta dele.

As águas do sucesso

BONN — Gorbachev deve sua ascensão à presença freqüente, na região do Cáucaso, da qual era responsável político, de altos funcionários e membros do governo, é que lá ficam as mais famosas estações de água da URSS, e, nas temporadas de cura dos governantes, Gorbachev aproveitava para estreitar relações que

Novo líder quer diálogo. Reagan aceita

MOSCOU/WASHINGTON — O novo "número um" da hierarquia soviética, Mikhail Gorbachev, afirmou que a URSS está disposta a uma "cooperação pacífica" com os países ocidentais, em discurso que pronunciou logo depois de indicado, por unanimidade, pela Comissão Central do PC. Ele disse que o 40º aniversário da vitória dos aliados "contra o fascismo hitleriano e o militarismo japonês" poderia ser marcado por "novos passos para a distensão". E acrescentou: "Nossa orientação é a de defender a paz e o progresso". Ontem mesmo, ao saber da nomeação de Gorbachev, o presidente Ronald Reagan disse que está "mais do que disposto" a entrevistar-se com o novo secretário-geral do PC russo, quando ele houver "consolidado" seu poder no Cremlin. "É preciso esperar até que o novo dirigente se instale em seu cargo", disse Reagan, observando que o encontro deverá ser bem preparado, a fim de se evitar que seja apenas um pretexto para "trazer conhecimento". Reagan designou o vice-presidente Georg Bush para representá-lo nos funerais de Chernenko.

A escolha foi rápida. Tudo estava preparado

MOSCOU — "Mikhail Gorbachev foi eleito por unanimidade secretário-geral do Partido Comunista, na reunião plenária extraordinária da Comissão Central do PC da URSS que foi celebrada hoje". O seco comunicado da agência Tass não foi diferente, na forma, dos que o antecederam, em 1983, quando Yuri Andropov foi eleito, e em 1984, quando Constantin Chernenko chegou ao poder. Mas foi uma surpresa quanto à rapidez com que foi divulgada, apenas quatro horas depois que o mundo ficou sabendo da morte de Chernenko.

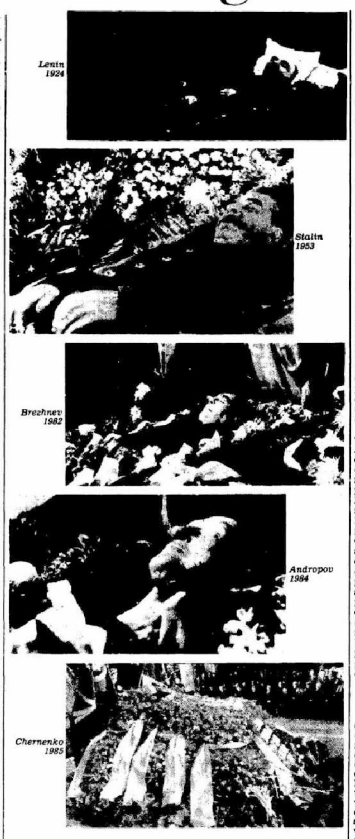
A conclusão dos observadores ocidentais em Moscou foi uma só: desta vez já estava tudo preparado para que a transmissão de poder na URSS acontecesse de forma rápida e sem qualquer trauma. "Foi tudo arranjado antes", disse um diplomata ocidental, observando que não houve qualquer resistência à nomeação de Gorbachev, nem por parte dos veteranos dirigentes do Partido nem por parte dos "jovens reformadores", que na verdade já aguardavam a ascensão do "número dois".

Logo depois que o Cremlin tomou conhecimento da morte de Chernenko, a poderosa Comissão Central do PCUS, com cerca de 300 membros, iniciou a reunião extraordinária para escolher o novo "número um". O chanceler Andrei Gromiko tomou a palavra e indicou o nome de Mikhail Gorbachev para o cargo de secretário-geral do PC. Depois de apenas uma hora de deliberações, a Comissão Central adotou a decisão por unanimidade.

A imprensa ocidental ficou sabendo primeiro da indicação de Gorbachev para a presidência dos funerais, o que logo trouxe a certeza de que o jovem membro do Politburo seria o escolhido. Embora não haja nenhuma regra escrita, desde a morte de Stalin, em 1953, o presidente da comissão dos funerais é sempre o novo secretário-geral, como mostrou a escolha de Chernenko para essa função após a morte de Yuri Andropov, em fevereiro do ano passado. A diferença desta vez foi que Andropov morreu numa quinta-feira e somente na segunda-feira o mundo ficou sabendo quem seria seu sucessor. A demora foi atribuída justamente a divergências em torno da conveniência de escolher Gorbachev ou Chernenko, adotando-se finalmente a decisão de nomear o veterano e manter Gorbachev como "número dois".

Em mais uma demonstração de que tudo estava previamente arranjado para a sucessão, à medida que se agravava o estado de saúde de Chernenko, Gorbachev pronunciou um discurso de aceitação — seu primeiro pronunciamento sobre política externa — já como "número um" — que certamente foi preparado com antecedência. Nele Gorbachev se referiu às negociações sobre controle de armas nucleares, que começarão amanhã em Genebra, afirmando que a URSS "não quer vantagens unilaterais" e que "responderá à boa vontade com boa vontade e à confiança com confiança". Mas ele deixou claro também que a URSS "não cederá jamais em relação a seus interesses e aos de seus aliados". Mais adiante Gorbachev declarou que Moscou "deseja o fim e não a continuação da corrida armamentista" e que por isso "propõe o congelamento dos arsenais nucleares e a suspensão da instalação dos mísseis", assim como "diz não à criação de novos sistemas bélicos seja na Terra ou no espaço". Em seu discurso, Gorbachev também defendeu "uma melhora real das relações com a República Popular da China".

Para os observadores em Moscou, desta vez o Cremlin decidiu romper com a tradição de escolher apenas dirigentes com mais de 70 anos para o cargo de "número um", deixando de lado os veteranos como Viktor Grishin e o próprio Andrei Gromiko, para optar pelo mais jovem secretário-geral desde Lênin.



Mudanças esperarão a consolidação do poder

A. M. PIMENTA NEVES
Nossa correspondente

WASHINGTON — A ascensão de Mikhail Gorbachev à liderança do Partido Comunista da União Soviética não deverá produzir modificações imediatas na estrutura do Estado soviético ou nas suas relações com os Estados Unidos, na opinião de numerosos analistas dentro e fora do governo americano.

Adam Ulam, diretor do Centro de Pesquisa sobre a União Soviética da Universidade de Harvard, um dos mais conhecidos sovietólogos dos Estados Unidos, disse ontem a este jornal, pelo telefone, que "a política soviética é definida pela liderança coletiva do Politburo".

"O Sr. Gorbachev não será capaz de alterar essas políticas enquanto não tiver construído sua base de poder no Politburo, e isso levará algum tempo", explicou. "Eventualmente, Gorbachev fará muita diferença, ao contrário do líder falecido que substitui" — disse Ulam.

O general Alexander Haig, ex-Secretário de Estado da administração Reagan, referindo-se aos membros mais jovens da liderança soviética, disse que uma nova geração pode fazer "uma tremenda diferença, a longo prazo, nas políticas do governo" da superpotência comunista.

Um qualificado funcionário do Departamento de Estado, que não quis ser identificado, concorda com Ulam no sentido de que é preciso esperar até que Gorbachev consolide sua posição. Alguns falam num período de um ou dois anos. Outros falam em período mais longo, para que haja tempo de a velha geração ser substituída pela via natural por homens identificados com o novo líder. Como disse editorial recente da respeitada revista britânica The Economist, "qualquer sucessor do sr. Chernenko não terá poder para escolher seu Politburo. Ele será o principal membro de uma liderança coletiva. E, até que a morte enfraqueça essa corrente, estará enfrentando a mesma velha guarda que hoje mantém o equilíbrio do poder na cúpula do partido. Não será nem capaz de colocar os homens de sua preferência em cada cadeira do Politburo que fique vaga, pois terá de pacientemente puxar seus companheiros aos poucos de baixo para cima".

Foi vista como prova de que o roteiro da sucessão já estava escrito, e do estilo decisório no Cremlin, a confirmação do início das negociações armamentistas em Genebra, entre delegados americanos e soviéticos. Entretanto, no seu primeiro dia, ontem, as conversações deverão restringir-se ao programa que deverá ser seguido. Como observou ontem de manhã o secretário de Estado dos Estados Unidos, Caspar Weinberger, ao saber da morte de Chernenko, "não se pode esperar que as negociações sobre armamentos sejam concluídas em um ou dois dias". Alguns analistas não parecem atribuir a Chernenko nem sequer uma influência significativa na decisão dos soviéticos de retornarem a Genebra, principalmente considerando seu estado de saúde desde que assumiu o poder treze meses atrás. No entanto, muitos anos antes de se tornar líder do partido e presidente da União Soviética, Chernenko havia demonstrado, em 1979, mais entusiasmo de que qualquer outro líder pelo acordo Salt II que se negociava então. Ao mesmo tempo, exprimira a esperança de que os recursos gastos na corrida armamentista pudessem vir a ser usados no futuro para a produção de bens de consumo. Marc J. Rotnick, um analista de assuntos soviéticos do serviço de informações radiofônicas de língua estrangeira do governo norte-americano, chamava a atenção recentemente para o fato de que os militares haviam representado um papel importante na ascensão de Andropov após a morte de Brezhnev, mas que Chernenko não era seu candidato para a sucessão de Andropov. O preferido de Andropov para sua própria sucessão era Gorbachev e não Chernenko. Como representante da velha guarda venceu, mas Gorbachev não perdeu muito por esperar.

Ao visitar Londres em dezembro passado, Gorbachev causou profunda impressão na primeira-ministra Margaret Thatcher e em outros líderes britânicos. Ele é sua mulher foram vistos pela imprensa local como sofisticados e modernos. Ninguém se atreveria a dizer coisas semelhantes dos líderes soviéticos desde Stalin. Zbigniew Brzezinski, ex-assessor para assuntos de segurança nacional do Casa Branca nos tempos de Jimmy Carter, comentava ontem que os Estados Unidos não deveriam deixar-se cegar pela aparência do atual Gorbachev. Ao mesmo tempo, considerou esta uma oportunidade de inovação e experimentação.

O presidente Reagan, que continua saudável aos 74 anos, desta vez enfrentará no comando da superpotência rival um homem supostamente bem disposto e preparado, que veio para ficar alguns anos. O próprio Reagan lembrou ontem, ao falar de improviso a uma associação de escritores, que Gorbachev é o quarto líder soviético desde 1980 — ano em que Reagan foi eleito pela primeira vez. O presidente disse estar ansioso para encontrá-lo, assim como esteve ansioso para encontrar os que o precederam. Mas Reagan se recusou a comparecer aos funerais de Chernenko, por não ter garantias de que isso pudesse resultar em qualquer progresso nas relações entre os dois países. Na

Malenkov e Kruchev, a morte no esquecimento

Quando as emissoras de rádio de um país do Leste europeu começam a transmitir exclusivamente música clássica, isso significa que algum dirigente nacional morreu. Na União Soviética, houve, desde 1917, sete governantes, mas a música só foi tocada em cinco oportunidades — prova de que dois deles já tinham perdido o poder antes de morrer. O primeiro — Georgi Malenkov — caiu na luta sucessória posterior à morte de Josef Stalin, e o segundo — Nikita Kruchev — teve sorte semelhante, porque, para o Comitê Central, ele seguiu uma "política aventureira" em assuntos internacionais e fracassou no planejamento econômico interno.

Nos primeiros 36 anos da revolução soviética, só houve dois dirigentes, enquanto nos últimos 32, cinco ocuparam o poder, três desde novembro de 1982. A rápida sucessão de dirigentes desta última fase permite duas conclusões: a direção soviética não entregou o poder a quem não tivesse começado a carreira na época de Stalin; e a geração da década de 20 ergola-se, razão por que, depois de Chernenko, outra geração mais jovem administrará os destinos da URSS. Desde Stalin, os dirigentes soviéticos consideraram sua nação um país bloqueado, cuja postção no mundo se vis sempre favorecida pela debilidade do Ocidente.

A história do Estado soviético tem sido uma confrontação permanente, na qual se inserta a política de Stalin, após a Segunda Guerra Mundial, centralizada na criação de uma linha de países socialistas na Europa Oriental para manter o "inimigo" afastado de suas fronteiras. Quando Stalin morreu, em março de 1953, tornou-se ostensiva a luta pelo poder, e Giorgi Malenkov só durou um mês como secretário-geral do Partido Comunista soviético, embora continuasse chefe do governo até fevereiro de 1955. Então foi substituído por Nikolai Bulganin, homem alinhado com Kruchev, que tomou o poder e desterrou seus rivais para cargos afastados e sem importância, afirmando que a confrontação com o Ocidente devia deixar lugar à "coexistência pacífica".

No entanto, a URSS continuou ajudando os "movimentos revolucionários" no mundo e interveio militarmente fora de suas fronteiras, como na Hungria, em outubro e novembro de 1956, com o que sua política se manteve basicamente inalterada. Kruchev caiu por causa, entre outras coisas, de suas conflitivas relações com a China e da crise dos mísseis com os Estados Unidos, em Cuba, e decidiu ao fracasso de seus planos para o cultivo de terras virgens. Brezhnev, ao assumir em outubro de 1964, formou uma troika para, mais tarde, converter-se no único homem visível nas grandes decisões.

A confrontação Leste-Oeste transportou-se, na época de Brezhnev, a territórios africanos, asiáticos e latino-americanos, onde as duas superpotências enfrentam-se de forma direta. A morte de Brezhnev, em 10 de novembro de 1982, colocou a cúpula dirigente soviética ante a alternativa de renovar-se ou continuar com a tradição. Optou-se por esta última, e Yuri Andropov subiu ao poder como governante de transição, até sua morte, em fevereiro do ano passado. De Chernenko se poderia dizer — devido às constantes enfermidades e ausências — que nem sequer foi dirigente de transição.

O PC é o motor da máquina burocrática

A estrutura de poder que Chernenko deixou para Gorbachev é uma imensa máquina burocrática cujo motor é o Partido Comunista da União Soviética. Teoricamente existem várias fontes de poder na URSS mas é o PCUS que manipula os fios e "supervisiona" todas elas.

Uma dessas fontes é o Soviet Supremo (o Parlamento), com 1.500 deputados eleitos por voto direto. Teoricamente, o Soviet Supremo é a fonte da legislação, mas na verdade limita-se a aprovar a política elaborada pela cúpula. Por outro lado, os candidatos a deputado são indicados pelo Partido, o que mostra que esse órgão, está controlado pelo PC "embaixo e em cima".

Outra fonte de poder é o Conselho de Ministros, com cerca de cem membros, com seu presidium, os ministros de Estado propriamente ditos, cada um com grande número de vice-ministros e membros do Conselho às suas ordens. O Conselho de Ministros é teoricamente o executivo, encarregado de cumprir as leis e dos programas de governo com apoio e supervisão do chamado Secretariado da Comissão Central do PC.

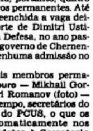
E é aqui que entra o papel da verdadeira fonte de poder do Estado. A Comissão Central do PC, com mais de 200 membros, assim como seu Secretariado, tem a função de velar para que os ministros cumpram seu papel de acordo com a orientação do Partido, assim como de fornecer informações para o órgão mais alto do PCUS, o Politburo, a verdadeira cúpula do poder, com seus 14 membros (hoje são dez). Além disso, a Comissão Central tem uma atribuição-chave, que é a de indicar os titulares de cargos de confiança, como os próprios ministros e embaixadores, os secretários da Komsomol (organismo para a juventude), dos sindicatos (são todos controlados pelo PC), os diretores dos jornais de circulação nacional como o Pravda e o Izvestia. Dessa maneira, ninguém na URSS pode exercer um cargo-chave sem ter passado pelo crivo do Secretariado da Comissão Central.

O Soviet Supremo (Parlamento) reúne-se duas vezes por ano. Pela tradição, a Comissão Central também se reúne semestralmente (alguns dias antes ou um dia antes). O Soviet Supremo na prática aprova as grandes linhas da política elaborada pelo Politburo e pela Comissão Central (os verdadeiros órgãos de comando), sempre por unanimidade. O PCUS também tem outro órgão de grande importância simbólica, o Congresso do Partido, que se reúne a cada cinco anos e traça o rumo geral da política para o qüinqüênio.

Mas embora o Partido seja o motor dessa gigantesca máquina burocrática, reflexo da preocupação de manter a "pureza ideológica" das decisões do Estado, ele tem de partilhar seu imenso poder com duas outras estruturas que exercem de fato uma grande influência nas decisões. Essas duas estruturas são as Forças Armadas, um organismo também extremamente complexo e que comanda um gigantesco aparelho industrial, e a KGB, organismo encarregado da segurança interna e das operações externas.

Viktor Suvorov, um oficial soviético que desertou e escreveu um livro sobre as Forças Armadas da URSS (esse nome é um pseudônimo), diz que esses três poderes — o Partido, as Forças Armadas e a KGB — formam uma espécie de "triângulo das Bermudas", região tempestuosa onde o poder é um produto de choques e divergências, espécie de "buraco negro" onde se enfrentam os "elas" e onde verdadeiramente se forjam as grandes decisões. Há, segundo ele, um equilíbrio natural desses "três poderes", de tal maneira que um nunca pode dirar a política em detrimento dos outros. A unidade dessa imensa máquina também é preservada pelo que pode ser chamado de "elos humanos". Isto é: um secretário-geral do PC pode ser também deputado do Soviet Supremo e membro da Comissão Central, ou do Secretariado da Comissão Central. Dessa maneira, os poderes podem ser autônomos em teoria mas na prática são as mesmas cabeças que os comandam. (A.C.)

Os homens que governam



Com a morte de Constantin Chernenko, o número de membros do Politburo (órgão executivo) do Partido Comunista da União Soviética baixou a dez, com seis suplentes. Há, portanto, quatro vagas de membros permanentes. Até agora não foi preenchida a vaga deixada com a morte de Dimitri Ustinov, ministro da Defesa, no ano passado. Durante o governo de Chernenko, não houve nenhuma admissão no Politburo.

Somente dois membros permanentes do Politburo — Mikhail Gorbachev e Andrei Romanov (foto) — são, ao mesmo tempo, secretários do Comitê Central do PCUS, o que os converte, automaticamente nos principais candidatos à Secretaria Geral do Partido. Gorbachev foi o indicado para suceder Chernenko.

Acatim, os principais dirigentes soviéticos, depois de Gorbachev, agora são: Grigori Romanov, Nikolai Tikhonov, Andrei Gromiko, Vladimir Sherbitski, Victor Grishin, Dinmujamed Kunaev, Mikhail Solomentsev, Vitali Vorotnikov e Gueidar Aliev.

Romanov tem 62 anos, é membro do Politburo desde 1976 e secretário do Comitê Central encarregado da Indústria da Defesa desde 1983. Diplomado pelo Instituto de Construções Navais de Leningrado, entrou no PCUS em 1944 e, em 1962, foi nomeado secretário do Comitê de Leningrado. Em 1963, foi designado segundo-secretário e, em 1970, primeiro-secretário do Comitê Regional. Foi indicado para o Comitê Central do PCUS em 1966.

Tikhonov tem 79 anos, é o decano do Politburo (integra o órgão desde 1962) e primeiro-ministro desde outubro de 1980. Ele nasceu na Ucrânia e entrou, em 1978 e 1980, foi vice-primeiro-ministro.

O soviético Gromiko, de 75 anos, é membro do Politburo desde 1973 e ministro de Relações Exteriores desde 1957. Integra o Comitê Central desde 1956 e foi embaixador de seu país em Washington, Havana e Londres.

Sherbitski (66 anos) integra o Politburo desde 1971. Fez grande parte de sua carreira política no PC da Ucrânica, onde nasceu. Em 1972, ele assumiu a Primeira Secretaria do PC ucraniano. É membro do Comitê Central desde 1961 (em 1966, já havia sido indicado membro suplente do Politburo).

Grishin tem 70 anos, é membro do Politburo desde 1971 e integra o Comitê Central desde 1952. Entre 1956 e 1967 foi presidente do Conselho Central dos Sindicatos Soviéticos e vice-presidente da Federação Internacional de Sindicatos.

Kunaev, de 73 anos, é membro do Politburo desde 1971 e faz parte do Comitê Central desde 1956. Em 1964, foi designado primeiro-secretário do Comitê Central do PC do Cazaquistão.

Solomentsev (71 anos) está no Politburo desde 1983 (um dos três membros admitidos no órgão no governo de Brezhnev; em apenas seis meses, ele passou de membro suplente a membro permanente) e integra o Comitê Central desde 1964.

Vorotnikov tem 58 anos e entrou no Politburo em 1983, primeiro como membro suplente e, seis meses depois, como titular. Está no Comitê Central desde 1971 e, de 1979 a 1982, foi embaixador em Cuba.

Aliev, de 81 anos, é membro permanente do Politburo desde 1982 (já integrava o órgão como membro suplente desde 1976). Em 1969, foi designado primeiro-secretário do Comitê Central do PC do Azerbaijão.

Os membros suplentes do Politburo são: Piotr Demitchev (66 anos), Vladimir Dolgui (61), Vasili Kuznetsov (84), Boris Ponomariov (80), Sharaf Rashidov (67) e Eduard Shevernadze (57).

Para alugar: Vila Nogueira
Rua Dr. Diogo de Faria, 2021 Tel. 549-1466
PAULO ABREU
IMÓVEIS e PARTICIPAÇÕES

EMPRESAS DE GRANDE PORTE
Proprietário aluga prédio Industrial/Comercial com 3.706m² em terreno de 4.310m², dotado de hidrantes, luminárias, cabine alta tensão, escritórios, cozinha, Instituto, esgoto industrial, etc. Frente para 3 avenidas em Campinas - Valor 350 ORTNs mensais. Tel. (0192) 31-4811 com Sr. Samuel.

Aero-Teto®
ZETAFLEX
A cobertura que abre e fecha.
Orçamentos sem compromisso.
Gde. S. Paulo

DIPEFA
CENTER COMERCIAL LTDA.
A maior organização de moto-serras do Brasil.
Husqvarna
Husqvarna qualidade
Electrolux

Simpático e frio, o senhor da URSS

Rosto redondo e fisionomia simpática, olhar frio, uma marca de nascença no crânio salvo — que os fotógrafos oficiais do Cremlin procuram disfarçar —, lábios grossos, prontos para o sorriso e para o escárnio: este é Mikhail Sergueievitch Gorbachev, 54 anos, o novo número um da União Soviética.

Dezembro de 1984: enquanto começavam a circular os primeiros boatos sobre a gravidade do estado de saúde de Constantin Chernenko, Gorbachev apresenta-se em Londres, acompanhado de sua bela mulher Raisa Maximova Gorbacheva. Imediatamente ela ganha a simpatia dos empresários britânicos, ao comentar com humor que deveriam ser elogiados por confiar mais nos números do que nas promessas políticas. Educada, curiosa, formada em filosofia, a elegância de Raisa mereceu uma nota do *Daily Mirror*. Segundo o jornal, sua apresentação nada ficava a dever àquela que desfilava nos corredores da Casa Branca.

É verdade que os representantes da Câmara dos Comuns bem depressa descobriram que o senso de humor do então enviado do Cremlin durava só até o momento da zanga, ocasião em que ele poderia mostrar-se perfeitamente desagradável. Principalmente quando era submetido a um bombardeio de perguntas indiscretas sobre o direito das minorias em seu país. Naquele momento, ele foi capaz de lembrar aos britânicos que Londres faria melhor em ocupar-se com seus 2,3 milhões de desempregados. Enfim, pequenos conflitos que estimularam a amizade.

"Gosto muito de Mikhail Gorbachev", proclamou Margaret Thatcher (sua confissão espontânea faz lembrar outra, de Truman que, em Potsdam, em 1945, afirmou que "simpatizava muito com o velho Jo", a mesmo Stalin que estava prestes a devorar metade da Europa).

Entretanto, é preciso reconhecer que Gorbachev, pelo menos, aparenta ser bem menos rude que seus antigos companheiros do Cremlin. Além disso, tem a seu favor sua (relativa) juventude, característica que o Ocidente aprecia (apesar da notável exceção de Ronald Reagan), na mesma medida que os países do Leste desconfiam dela. Sua escalada, aparentemente, desenvolveu-se sem tropeços maiores. Nascido em 2 de março de 1931, na cidadezinha de Privolnoya, perto de Stavropol, nas terras férteis ao norte do Cáucaso, depois da infância passada nas fazendas coletivas, el-lo, em 1950, estudando Direito em Moscou, na mais afamada de todas as universidades do país.

Para ser admitido nesta universidade, em plena época stalinista, um garoto do campo teria, forçosamente, de ser muito bem recomendado pelo Partido e demonstrado empenho fora do comum em suas atividades na Juventude Comunista. Admitido como membro do Partido Comunista em 1951, diplomado em Direito em Moscou (único membro do Politburo formado em leis), ele voltou à sua terra natal em 1955. Aos 39 anos, foi nomeado secretário do Partido para a região de Stavropol, o equivalente a um potentado local, dono de poderes consideráveis. Feliz coincidência: Mikhail Sousslov, conhecido como o guardião do dogma partidário, foi, ele próprio, secretário dessa mesma província. E também Fedor Koulakov, responsável pela Agricultura no secretariado do Comitê Central, que morreu em 1978. Sobre a morte de Koulakov circulam boatos diversos: alguns sugerem enfarte provocado pelas violentas críticas de Brezhnev, outros falam em suicídio porque a agricultura soviética, como sempre, andava muito mal. Seja como for, Gorbachev foi indicado para ocupar o perigoso lugar de Koulakov.

No novo posto, Gorbachev demonstrou imaginação: sua proposta foi, através de investimentos maciços, constituir equipes remuneradas de acordo com os resultados obtidos nos diversos setores das várias fazendas coletivas. Entretanto, os resultados foram desastrosos: sucederam-se seis anos de "vacas magras", e a ocasião de péssimas colheitas obrigou a URSS a aumentar ainda mais a saída de divisas na compra de cereais no Exterior.

Líder e jovem queima etapas

Milagrosamente, Gorbachev conseguiu sair da arena antes do início da "caça às bruxas". A seguir, o jovem apressado quebrou etapas na escalada, foi nomeado para o secretariado em 1978, suplente do Politburo em 1979 e titular no ano seguinte, graças à influência de Suslov, seu protetor, que provavelmente ajudou Gorbachev na tentativa de contrabalançar a escalada paralela de dois protegidos de Brejhnev: Chernenko e Nicolas Tikhonov.

Outra coincidência: Yuri Andropov também é oriundo de Stavropol, e é nesta região que costumava passar as férias de verão, durante os anos 70. Naturalmente, Gorbachev procurou tornã-las ainda mais agradáveis ao então número um da KGB. Talvez tenha chegado mesmo a prestar-lhe alguns serviços. De acordo com o depoimento de especialistas, Gorbachev foi muito útil a Andropov quando ele precisou livrar-se de um provável rival, Ieguei Medunov, secretário da região vizinha de Krasnodar, eliminado por "corrupção". Seja como for, entre Andropov e Gorbachev desenvolveu-se uma espécie de cumplicidade que foi muito útil à carreira de Gorbachev, depois que Andropov sucedeu Brezhnev, em novembro de 1982. Na ocasião, todos julgaram muito natural que Andropov nomeasse este brilhante discípulo de Suslov para encarregar-se de um amplo expurgo de funcionários corrompidos e muito ligados ao "brezhnevismo". A tarefa permitiu a Gorbachev iniciar a formação de sua própria clientela.

Em 9 de fevereiro de 1984 Andropov morreu. Cedo demais: Gorbachev ainda não estava pronto para o passo decisivo. O escolhido para suceder Andropov foi Chernenko, fiel discípulo de Brezhnev. O enfezema de Chernenko desempenhou um papel na ocasião: os velhos hierarcas do Cremlin certamente contaram com a moléstia para eleger um chefe que não sobrevivesse a eles próprios, durante muito tempo.

Prudentemente, Gorbachev não protestou, nem mesmo contra os planos de Chernenko para a pasta da Agricultura — um gigantesco programa de irrigação — nos quais, provavelmente, não acreditou. Em compensação, ele presidiu em dezembro uma "conferência nacional sobre ideologia", consagração espetacular de seu prestígio.

Os pontos de vista que ele manifestou na ocasião foram bastante ortodoxos: "vigilância política", "intolerância em relação aos pontos de vista do Exterior", denúncia da "guerra psicológica" do Ocidente contra o campo socialista. Ouvindo-o falar, os mais antigos lembraram-se de Suslov. Se Gorbachev preconizou soluções "verdadeiramente revolucionárias" para a Ciência e a Tecnologia, e até mesmo para a Economia, foi para melhor garantir, diante do Ocidente, a supremacia da grande União Soviética.

Em relação à política exterior, ele alinhou-se à tendência do momento, sem tentar inovar em ocasião alguma. Gorbachev justificou a invasão do Afeganistão pelas tropas soviéticas e declarou suas solidariedade à política vietnamita em relação ao Camboja. E, em Londres, quando conseguiu encantar Margaret Thatcher, seu objetivo principal foi levá-la a argumentar, aos ouvidos de Reagan, contra o projeto do escudo espacial.

Enquanto Chernenko respirava com dificuldade, desaparecia aos poucos, apresentava-se cada vez menos aos olhos do público, e sempre como um robô quebrado, Gorbachev permaneceu em silêncio. Quantos "número dois" potenciais conheceram a desgraça pouco antes da consagração final? Nicolas Boukharine, "a criança mimada pela revolução", sob a liderança de Lenin, foi fuzilado quando Stalin subiu ao poder em 1938. Outros se seguiram a Boukharine: Gueorgui Malenkov, Frol Kozlov, Alexandre Chelepine. A história da Rússia soviética (assim como a da Rússia imperial) está semeada pelos corpos dos príncipais aspirantes ao poder. Não foi este o caso de Gorbachev. Hoje ele é o poder. (Por Bernard Ulmann, do *L'Express*)

Radiofoto AP - Arquivo

Gorbachev e sua mulher Raisa encantaram a conservadora Margaret Thatcher

Uma longa etapa de transição

"Com Gorbachev, a perspectiva é de algumas importantes mudanças no Cremlin." A opinião do ex-secretário de Estado dos EUA Alexander Haig reflete a média das projeções feitas por analistas ocidentais, que consideram praticamente certa a adoção de reformas na nova era que começa com a eleição do mais jovem membro do Politburo. Mas esses analistas em geral também notam que Gorbachev, apesar de toda a sua "juventude" e entusiasmo, terá de cumprir uma longa e dura etapa de transição, destinada a trazer para seu lado o poderoso "clã" conservador, do qual Chernenko foi um representante. A opinião geral é de que essa etapa de transição, durante a qual Gorbachev tentará consolidar seu poder, se estenderá por uns cinco anos.

A duração dessa fase de "descompressão" se explica pela ousadia e alcance das reformas que a chamada "geração pós-Stalin" pretende introduzir, seguindo os passos do antecessor de Chernenko, Yuri Andropov. Um especialista norte-americano em assuntos soviéticos diz que Gorbachev em particular tem mencionado como paradigma das reformas a Nova Política Econômica de Lenin, nos anos 20, que introduziu alguns elementos capitalistas na economia, enquanto os chamados "reformadores", que só esperavam a chegada do jovem membro do Politburo ao poder para retomar sua caminhada, interrompida pela ascensão de Chernenko, chegam a defender uma abertura mais radical, ao estilo dos "pragmatistas" chineses capitaneados por Deng-Xiaoping. Mas os especialistas observam que dai a dizer que Gorbachev pode ser o "Deng-Xiaoping russo" vai uma grande distância. Nesse sentido, o dissidente soviético Arkady Chevchenko, numa entrevista à rede de televisão CBS, considerou prováveL que Gorbachev terá de temperar seu impulso reformista com o veterano chanceler Andrei Gromiko, considerado hoje em Moscou um "símbolo de estabilidade". Assim, durante algum tempo, o jovem Gorbachev provavelmente terá de andar de mãos dadas com os veteranos do Politburo, enquanto trabalha de dueto, da maneira mais sábia possível, a sua política renovadora.

De qualquer maneira, a vitória de Gorbachev sobre forças tão poderosas como a do "clã" dos veteranos do partido, a chamada "gerontocracia", e a de seu rival de 81 anos, Grigori Romanov, considerado um adepto da linha dura e ligado ao complexo militar, pode ser considerada uma importante demonstração de vigor político, indicando que o continuador de Andropov representa uma nova era na política soviética, a ascensão de uma geração que não teve de acomodar-se aos crimes de Stalin nem adotá-los diretamente dos tempos duros da Segunda Guerra Mundial.

Por isso mesmo Gorbachev manobrou sempre com muito cuidado, a fim de não entrar em choque com os setores guardiões da ortodoxia do Partido. Em fevereiro do ano passado, após a morte de Andropov, quando logicamente ele deveria subir ao poder, soube ficar em segundo plano e esperar, dando lugar a um veterano seguidor de Leonid Brezhnev, o fiel burocrata Chernenko. Considerado automaticamente o "número dois" depois da ascensão de Chernenko, Gorbachev foi aos poucos consolidando sua posição e tornou-se o ideólogo do Partido, último degrau para chegar ao topo da hierarquia.

Gorbachev também demonstrava sua força em viagens ao Exterior, como a que fez em dezembro à Inglaterra, onde se evidenciou claramente seu preparo e sua cultura, bem acima da média dos veteranos do Cremlin, todos de formação técnica e pouco versados em sutilezas humanísticas. "Este é um dirigente soviético de nova dimensão", disse o ex-chanceler britânico Denis Healey, enquanto a primeira-ministra Margaret Thatcher deixava escapar uma observação pouco protocolar: "Gosto desse sr. Gorbachev e creio que podemos nos entender." Tudo isso contou pontos para o jovem dirigente no plano interno, na medida em que o URSS acabou de entrar numa fase de negociações de desarmamento com os EUA, fase que exigirá decisões flexíveis e vitais do Cremlin.

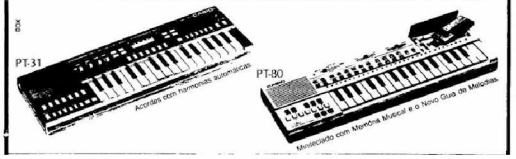
Apesar da simpatia demonstrada por Gorbachev, seu desempenho em política externa ainda é considerado uma incógnita, enquanto internamente terá de enfrentar os difíceis problemas causados por crônicas deficiências no plano econômico. Para agir no plano interno, Gorbachev certamente tentará continuar o programa de reformas iniciado por Yuri Andropov, com ênfase no aumento da eficácia da máquina de produção industrial. Mais trabalho, mais disciplina, mais força para a iniciativa regional, essas são as diretrizes "andropovianas" que o jovem secretário-geral vai tentar reviver, certamente tendo pela frente os velhos funcionários acomodados, ansiosos às mudanças e contando com a velada proteção dos veteranos do Politburo e da Comissão Central.

Já durante o período de Brezhnev, quando foi incumbido de cuidar da agricultura, o posto mais débil da economia soviética, Gorbachev mostrou sua inclinação por reformas de base, aplicando idéias novas como a de dar a grupos de trabalhadores agrícolas a responsabilidade total nas granjas, premiando-os de acordo com os resultados. Ele também defendeu a aplicação de um programa de investimento maciço de recursos na agricultura, com apoio de Brezhnev. Outro plano de Gorbachev certamente será aumentar os contatos com líderes estrangeiros, agora como "número um". Desde a época de Brezhnev ele já viajou à Bélgica, Canadá, França, Portugal, Itália, Alemanha Ocidental e Inglaterra. (A.C.)

O novo Casio PT-1 é o que há de mais avançado em teclado eletrônico. Extremamente leve e compacto, este moderno instrumento musical possui alta potência sonora, além de várias funções automáticas, que permitirão a qualquer pessoa executar belíssimas melodias. Para tocar sua música predileta é só escolher qualquer um dos quatro sons pré-ajustados e adaptá-lo à melodia. Dotado de Memória Musical, o teclado eletrônico Casio PT-1 armazena até 100 notas musicais. E, para reproduzir a melodia, não é necessário acionar nenhum botão, pois o novo Casio PT-1 possui o exclusivo Sistema de Acordes de Tecla Única. Totalmente automático, possibilita a execução de dez ritmos, que vão desde a romântica valsa até o atualíssimo rock. Adquira hoje mesmo seu Casio PT-1 e desfrute do prazer de pertencer ao maravilhoso mundo da música.

CARACTERÍSTICAS:

• 29 teclas • 4 sons pré-ajustados • 10 ritmos incorporados • Execuções memorizadas: manual, com capacidade de 100 notas; execuções automáticas e Sistema de Tecla Única • 2 fontes de alimentação, em CA/CC • Dimensões: 35 mm de alt. x 345 mm de larg. x 95 mm de comp. • Peso: 0,47 kg • Nas cores: marfim, vermelho e azul escuro.



PAINEL DE NEGÓCIOS

Centímetros e centímetros quadrados de grandes oportunidades.

Agora, às 3as. feiras, mais uma nova seção do seu jornal O Estado de S. Paulo: Painel de Negócios. Tudo sobre produtos e serviços de interesse da empresa e sobre máquinas, equipamentos e insumos para a indústria.

Com mais de 60 títulos, o Painel de Negócios oferece 13 formatos diferentes de anúncios e vai permitir melhor conhecimento dos serviços da sua empresa, firmando mais ainda sua imagem junto ao público.

Para anunciar ligue para: 826-3277 - OESP GRÁFICA S/A.

CLASSIFICADOS DE O ESTADO DE S. PAULO

Mantida a negociação em Genebra

GENEBRA — Apesar da morte do presidente Constantin Chernenko, delegações dos Estados Unidos e da União Soviética reiniciam hoje, como estava previsto desde dezembro, as negociações sobre o desarmamento, suspensas há 15 meses. A decisão de continuar com as conversações foi anunciada pela delegação soviética em Genebra meia hora depois do anúncio oficial da morte de Chernenko. Os representantes dos Estados Unidos chegaram a anunciar que entenderiam um adiamento, mas os soviéticos rejeitaram a oferta.

A retomada das negociações num momento como esse parece indicar a disposição das duas superpotências de chegar o mais depressa possível a um acordo que afaste o clima de tensão nas relações internacionais. "Não se pode prometer progressos rápidos, mas serão feitos todos os esforços para alcançá-los", disse Joseph Lehman, porta-voz da delegação norte-americana, ao informar que esta etapa dos debates deverá estender-se por três semanas.

Foram estabelecidos três grupos de trabalho, que vão discutir em separado a questão das armas estratégicas, dos mísseis de alcance médio e das armas espaciais. O chefe da delegação soviética, Viktor Karpov, disse estar pronto para manter conversações "sérias" com os Estados Unidos, para evitar uma corrida armamentista no espaço.

Após dois anos de conversações, a Conferência de Genebra sobre o Desarmamento foi suspensa em 1983, sem que tivessem sido alcançados progressos significativos para a redução dos sistemas de mísseis de médio e longo alcance. O início das negociações foi acertado em janeiro, durante encontro entre o chanceler Andrei Gromiko e o secretário de Estado George Shultz. Agora, apesar das reservas dos Estados Unidos, o tema da guerra espacial será incluído nos debates, o que tornará ainda mais difícil um acordo.

A União Soviética exige a suspensão do programa norte-americano de pesquisas sobre a Guerra nas Estrelas, como condição para permitir um avanço nas negociações para a limitação das armas nucleares. Os Estados Unidos aceitam discutir o programa, mas não permitirão que ele se transforme num "elemento de negociação", como afirmou um dos negociadores norte-americanos.

Em entrevista à revista **Newsweek**, o presidente Ronald Reagan voltou a defender seu programa de armas espaciais, dizendo que os EUA têm de fazer isso antes que os soviéticos. Do contrário, advertiu, o Cremlin ficará em condições de "dar um ultimato ao mundo".

O jornal **Izvestia**, órgão do governo soviético, comentou que as conversações de Genebra são "vitais para a vida na Terra". E advertiu que os EUA "continuam empenhados em obter o domínio sobre os outros países, especialmente a URSS".

Rodolfo Buhrer/AP

Max Kampelman (esq.) chefia a missão dos EUA em Genebra

O 'urso' quer aumentar o comércio de armas

ROBERTO GODOY

A Força Aérea do Peru receberá os esperados 24 helicópteros de ataque Hind, e os sandinistas finalmente vão operar os fleetsets blindados BTR na fronteira com Honduras, dois itens do programa de apoio militar soviético a países da América Latina, cujo atendimento vinha sendo sistematicamente adiado pela equipe de Constantin Chernenko, mas que serão rigorosamente cumpridos por Mikhail Gorbachev. A previsão é de analistas militar ligados ao Estado Maior das Forças Armadas, em Brasília, para quem essa linha de atuação deve caracterizar as relações internacionais de Moscou com o Terceiro Mundo. Segundo o oficial: "Gorbachev é um urso, o equivalente soviético para os falcões do Ocidente".

Adidos militares acreditados junto ao governo federal, salientam que a tese de Gorbachev no Politburo sempre foi o enfrentamento com os Estados Unidos, "em igual medida de força e nos mesmos pontos onde a pressão for exercida". Esta tenha sido a doutrina que levou a URSS a apoiar rigorosamente a Argentina durante o conflito do Atlântico Sul, em 1982. Nessa ocasião, Moscou adquiriu de Buenos Aires, a preços de mercado, US$ 3 bilhões em grãos agrícolas, carne ou gêneros alimentícios industrializados, e forneceu informações coletadas por satélites espiões sobre a movimentação da frota inglesa, além de intermediar o apoio — não efetivado — da Aviação de Caça Peruana, equipada com aviões supersônicos Sukhoi-SU22 e SU17D.

A questão é ainda mais ampla, em relação ao Brasil e à África do Sul, países sem nenhuma aproximação especial com a URSS, mas que estão entre as principais cogitações de Mikail Gorbachev, desde que ele passou a dirigir o Comitê de Industrialização. Nesse período, ele defendia a oportunidade de associações com as fábricas de material bélico "de nações emergentes", citando especificamente as organizações brasileiras e sul-africanas, qualificadas como "interessantes canais para ampliação de mercado". Na verdade, essa postura pragmática deve mesmo provocar certas complicações para negócios do Brasil no restrito campo de fornecimento de equipamento militar. Usualmente, o governo da URSS utiliza critérios políticos para atender a seus "clientes"; e, conforme especialistas, Gorbachev deve intensificar esse tipo de atitude.

George Bush vai a Moscou

WASHINGTON — O vice-presidente George Bush chefiará a delegação dos Estados Unidos, nos funerais do presidente Constantin Chernenko. A delegação norte-americana incluirá ainda o secretário de Estado, George Shultz e o embaixador norte-americano em Moscou, Arthur Hartman. Bush, que está em Genebra participando de conferência das Nações Unidas sobre ajuda aos países africanos vítimas da seca, não quis fazer declarações sobre a morte de Chernenko. Ele viaja hoje rodo para Moscou.

Durante toda a manhã, a Casa Branca informou que o presidente Ronald Reagan estava estudando a possibilidade de ir a Moscou participar das cerimônias fúnebres. No início da tarde, veio o anúncio oficial. Reagan, depois de se reunir com seus assessores, decidiu não ir à União Soviética. "No momento, tenho muitas coisas importantes para fazer. Não acredito que se possa conseguir algo de concreto com minha ida a Moscou", disse o presidente.

Reagan ficou sabendo da morte de Chernenko através de seu assessor para questões de segurança nacional, Robert Mc Farlane. O presidente foi acordado poucos minutos depois de a União Soviética anunciar oficialmente a morte. A Casa Branca, até ontem à noite, não havia divulgado o texto do telegrama enviado por Reagan às autoridades soviéticas.

O Brasil não envia missão

O governo brasileiro não poderá enviar um ministro de Estado ou qualquer outro funcionário de alto escalão para chefiar a delegação do Brasil aos funerais do presidente soviético Constantin Chernenko por razões exclusivamente técnicas. "Fizemos todas as tentativas de conexões de vôos na Europa, mas seria impossível chegar a tempo para o funeral", explica um diplomata envolvido com o assunto. Por causa disso, o Brasil será representado pelo embaixador em Moscou, Ronaldo Sardenberg, que assumiu há pouco tempo o posto.

O presidente Figueiredo decretou ontem luto oficial em todo o país, por três dias, pela morte de Constantin Chernenko, e enviou a seguinte mensagem ao vice-presidente do presidium do Soviet Supremo, Vassily Kuznetzov: "Profundamente comovido pela notícia do falecimento de s. exa. o senhor Konstantin U. Chernenko, peço a v. exa. aceitar, em nome do povo e do governo brasileiros e em meu próprio nome as mais profundas condolências.

A chancelaria soube da morte de Chernenko logo cedo pelas agências internacionais e por uma comunicação urgente da embaixada em Moscou. Em seguida, o Itamaraty começou a procurar uma conexão de vôo na Europa, para amanhã, mas foi impossível.

China lembra reaproximação

PEQUIM — O Ministério das Relações Exteriores da China declarou ontem que a morte do presidente soviético, Constantin Chernenko, representa "uma grande perda para o povo soviético". Depois de uma série de elogios ao presidente morto, o comunicado da chancelaria lembra que as relações sino-soviéticas melhoraram durante o governo de Chernenko em todos os setores. E manifesta a esperança de que esta tendência seja mantida durante o próximo governo.

Em **Tóquio**, o ministro das Relações Exteriores Shintaro Abe manifestou o "sincero pesar" pela morte do dirigente soviético. E citou a retomada das conversações de Genebra para o controle de armamentos como principal realização de seu governo. O primeiro-ministro português, Rajiv Gandhi, anunciou, em **Nova Délhi**, que irá aos funerais de Constantin Chernenko e lamentou "profundamente" o seu falecimento. Também estará presente às cerimônias fúnebres o presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, conforme anúncio oficial feito ontem em Manágua.

Os elogios da Grã-Bretanha

LONDRES — A primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, ao confirmar sua ida a Moscou para participar dos funerais de Constantin Chernenko, disse: "Apesar de ter ocupado por pouco tempo seu cargo, Chernenko foi um homem de grande valor para a União Soviética". O papa João Paulo II rezou ontem cedo por Chernenko e enviou telegrama de condolências às autoridades da União Soviética. O presidente francês, François Mitterrand, também enviou telegrama e confirmou sua presença nas cerimônias. O primeiro-ministro alemão, Helmut Kohl, fez o mesmo. Kohl também irá a Moscou. Em **Buenos Aires**, o presidente italiano, Sandro Pertini, interrompeu sua visita a Argentina e já viajou para a capital soviética. No **Rio**, o primeiro-ministro português, Mario Soares, também enviou telegrama às autoridades soviéticas. Autoridades de todos os países europeus foram unânimes ontem em fazer elogios a Constantin Chernenko. Vários telegramas diziam que o líder soviético "foi um homem que falou freqüentemente em paz".

Leia

O Estado publicou, em janeiro e fevereiro, uma série de reportagens sobre a situação atual da União Soviética que ajudará o leitor a compreender o que está acontecendo hoje nesse país, como foi a luta pelo poder e qual deve ser a orientação política de Mikhail Gorbachev: edição de 20 de janeiro, a situação econômica soviética, as tentativas de superar a crise e os males da burocracia; edição de 27 de janeiro, as dificuldades de trabalho dos intelectuais, a juventude acomodada e o temor que tem de ser convocada para o Afeganistão; edição de 3 de fevereiro, a política externa soviética e as relações do líder com os Estados Unidos, as dificuldades de dialogar com Reagan, a força de Andrei Gromiko e a ascensão de Gorbachev; edição de 10 de fevereiro, o controle da informação da União Soviética e a pirâmide de mentiras construída pelo regime; edição de 17 de fevereiro, o processo de transferência do poder na União Soviética, a transição durante o governo de Chernenko, a resistência dos dirigentes às reformas, as sondadas dos tempos de Stalin e os desafios do futuro.

AS ÚNICAS APLICAÇÕES QUE GARANTEM 18% DE LUCRO EM ALGUNS DIAS.

DÓLAR? NÃO. SANTANA CD. Reinbolsável de Cr$ 7.800.000

OVER? NÃO. KOMBI STD. Reinbolsável de Cr$ 4.400.000

AÇÕES? NÃO. VOYAGE LS. Reinbolsável de Cr$ 4.300.000

OPEN? NÃO. FUSCA. Reinbolsável de Cr$ 2.700.000

SEJA RÁPIDO E FAÇA SUA APLICAÇÃO AQUI.

CONCESSIONÁRIOS VOLKSWAGEN DA CAPITAL

CENTRO
Alfa Tel. 370.2000
Ambar Tels. 279.8703 279.9013
Brasilwagen Tel. 274.7022
Bruno Tress Tel. 221.0952
Central Tel. 257.122
Dispave Tels. 273.5122
Florante Tel. 227.1011
Igapo Tel. 208.1833
Mari Auto Tel. 257.9044
Multicar Tels. 826.7222 826.1642
Samambaia Tel. 231.1022
Savana Tel. 220.1422
Servauto Tel. 279.6833
Toriba Tel. 220.1922
Vecap Tel. 228.7033
ZONA DESTE
Cibramar (Barra Funda) Tel. 826.9711
Condor Tel. 832.1166
Hiran Tel. 262.2244
Iguatemi Tel. 282.5122
Monumbi Motor Tel. 214.7611
Pinhuba Tel. 831.3233
Sabroca Tel. 292.1911
Vecon Tels. 297.5122 Vila Romana Tel. 872.3041
Vimave (Aclimação) Tels. 85.7136 812.1899
Volpema Tels. 63.8173
Zamora Tels. 210.1639 211.0794 273.3099
ZONA NORTE
BrasilCar Tel. 290.1966
Guapauto Tel. 201.8311
Morte Tel. 266.6822
Soraia Tel. 267.4211
Vênus Tel. 201.8111
Vimave Av. Mutinga Tel. 264.4044
ZONA SUL
Auto Motorpool Tels. 549.2322
Cancora Tels. 241.6511 241.8152
Caraiga Tels. 5.510.0844 542.1555
Cibramar Tel. [illegible]
Comercial MM Tels. 227.8611 542.6266
Dacon Tels. 875.2122
Davos Tels. 524.2255
Jewa Tel. 294.2922
Marcas Famosas Tels. 5.511.4444
Rossi Mutinga Tel. 212.4755
Santa Luzia Tels. 5.738.1255
Sodicar Tels. 247.7144 247.0566
Sopave Tels. 273.8522 273.3143
ZONA LESTE
Biguaçu Tel. 295.9511
Mococuia Tel. 272.5022
Original Tels. 297.1033 297.1066
Penhense Tel. 295.5088
Rossi Tel. 295.8811
Vipa Tels. 274.0699

SIEMENS

KS Siemens com preço antigo

Não perca esta oportunidade de dinamizar suas comunicações em condições e preços excepcionais.

A Siemens, além da tecnologia mais avançada da atualidade, oferece a maior gama de equipamentos telefônicos tipo KS. Maior liberdade de escolha para você!

Telefone e comprove.

São Paulo: (011) 833-2444 2630
Campinas: (0192) 52 4773 0455
Ribeirão Preto: (016) 635 2984

Gorbachev herda um país esclerosado

GILLES LAPOUGE
Nosso correspondente

PARIS — Se o semblante de um homem revela seu caráter e sua visão das coisas, basta ter visto algumas fotografias de Chernenko e, especialmente, esses penosos apanhados da televisão soviética nos últimos dias de sua vida, para ter idéia precisa do que foi a era Chernenko na URSS: inflexível, duro, incapaz de sorrir, o rosto petrificado, desprovido de qualquer luz. Eis o retrato exato de um burocrata da província russa, de um homem resolutamente fechado em si mesmo, que só conhece a autoridade da administração, empenhado não em produzir o novo, mas em reproduzir o antigo.

Nesse sentido, Chernenko assemelhava extraordinariamente ao país que governou: país esclerosado, repetindo sempre as mesmas palavras, os mesmos atos, espécie de fortaleza solidamente aferrolhada para que os ventos do Exterior não possam penetrar, para que as cores do futuro sejam exatamente iguais às do passado. Um país cinzento, cataléptico, movimentando-se com dificuldade, e cuja voz é tão inaudível e quase tão morta quanto a do próprio Chernenko. Observação que, aliás, se aplica perfeitamente à maioria dos dirigentes da URSS.

A grande fábrica de robôs

Imaginemos uma galeria de retratos pintados por um dos grandes pintores da idade clássica, um Franz Hals, um Rembrandt: bastaria fazer desfilar as efígies para ter idéia relativamente exata da política soviética depois da guerra. Eis Stalin, poderoso e ardiloso, na Conferência de Yalta, e depois, com o avançar da idade e do delírio, fechado em seu sonho sangrento.

Eis Malenkov, paquidérmico e imóvel. E eis um pequeno personagem roliço, camponês matreiro, agitado como um mergulhador, manhoso, "clowniesco": Kruchev que certamente fez muitas besteiras, mas que pelo menos provocou um sanro rebolíço no império da noite e do gelo.

A seguir, a figura de Brezhnev, tão belo nos tempos de sua juventude, para transformar-se, com a idade e o poder, numa espécie de bloco de carne pesada, o olhar morno, parecendo refletir, antes de fazer o menor gesto, o homem da recusa, da fortaleza, do granito. Seu sucessor, Andropov, tem estilo completamente diferente: olhar ráuldo, rosto nervoso, ele dá, mesmo no curso de sua doença mortal e a despeito de sua enfermidade, a sensação de um homem em movimento. E com efeito, seu breve reinado constitui um dos raros intervalos no visco da política soviética.

Por um movimento do pêndulo, o sucessor de Andropov, Chernenko, apresenta o mesmo aspecto catalíptico de Brezhnev, e por sua ação, saltando por cima do período Andropov, parece colocar os seus passos dormentes e lentos no rastro dos passos de Brezhnev. A Rússia de Chernenko volta a ser a de Brezhnev: enorme escritório entulhado de papéis, dirigido por homens de rosto cinzento, submetidos, de alto a baixo da pirâmide, ao balbucio dos anciãos.

Em todos os campos, Chernenko tentou retomar os mornos floreios tecidos por Brezhnev e apagar os arabescos mais coloridos que Andropov havia começado a desenhar. A brutalidade brezhneviana tem o seu correspondente exato na brutalidade — e, é preciso dizê-lo, na tolice — de Chernenko. Por exemplo, assistimos à reprise da campanha contra os intelectuais: exílio de Liubimov, partida de Tarkovski, declarações fascistóides contra os escritores, perseguições de toda a ordem contra os inovadores — os sábios também foram perseguidos, como ocorreu com esse exemplo simbólico cuidadosamente orquestrado por Moscou no caso Sakharov. Desafios lançados à opinião internacional, como, por exemplo, a retomada das violentas ofensivas contra o Afeganistão.

Outro traço brezhneviano: a Rússia de Chernenko, ao contrário da de Andropov, marcou seu mais profundo desprezo pelas potências intermediárias. Enquanto Andropov, ao contrário, se esforçou para romper a confrontação solitária Washington-Moscou, jogando peões ágeis nas outras zonas do mundo, Chernenko voltou ao eixo brezhneviano. As tímidas aberturas feitas por Andropov em direção à China, por exemplo, foram anuladas, especialmente com a suspensão da visita de Arkipov a Pequim.

O mesmo ocorreu em relação à Alemanha: sob Chernenko, vimos reflorescer violentas campanhas antigermânicas.

No que diz respeito aos aliados do Leste, voltamos à política de ferro em relação à Hungria, à Alemanha Oriental e, sobretudo, em relação à Polônia.

No campo interno, o estilo Brezhnev é igualmente restaurado. Por exemplo, no domínio da agricultura, onde Andropov havia tentado introduzir um pouco de inovação, voltamos ao imobilismo. Recorde-se o teste de força que teve lugar por ocasião do plenário de novembro sobre a agricultura, quando as velhas orientações de Brezhnev foram reafirmadas de maneira brutal e quase surrealista. Houve duelo a esse propósito com Gorbachev que, embora não sendo andropoviano de estrita obediência, também não é inovador, ou seja, não é andropoviano: o duelo entre Chernenko e Gorbachev foi suficientemente vivo para Gorbachev não assistir à reunião do Politburo na qual foi adotado o orçamento de 1985.

Essa ressurreição das orientações brezhnevianas, um homem é o símbolo: trata-se do velho Gromiko, censão de Chernenko, fez triunfar em toda parte as suas próprias velhas teses, sobretudo a já mencionada tese da diplomacia apoiada unicamente na confrontação, ou antes na dupla hegemonia Moscou-Washington.

Essa, aliás, é a razão por que Chernenko agradava à Casa Branca. Com ele e com seu ministro Gromiko, pelo menos, os norte-americanos sabiam onde estavam pisando. Não corriam o risco de se desequilibrar em consequência de alguma iniciativa inesperada. E, sobretudo, o esquema de uma diplomacia exclusivamente russo-norte-americana não pode deixar de encantar aos norte-americanos.

Se Washington tivesse palavra e dizer, desejaria que o novo senhor do Cremlin fosse escolhido entre os discípulos ou os fiéis de Brezhnev e de Chernenko — o que teria a vantagem de reduzir o papel das potências secundárias e de reforçar o isolamento diplomático da Rússia soviética.

Não obstante, especialmente nos últimos meses, percebem-se alguns sinais silenciosos indicando certa evolução na Rússia de Chernenko. Essa evolução não vem certamente de Chernenko, mas de seus adversários, para não dizer de seus inimigos, sejam eles os andro povianos que não foram suprimidos, sejam eles jovens do tipo Gorbachev ou Romanov (este último foi aliado aberto de Andropov).

Alguns desses indícios: se a viagem do vice-primeiro-ministro Arkipov a Pequim, que estava prevista, foi anulada num primeiro momento, e então suspensa sine die, ela que, de repente, essa viagem se realiza em princípios deste ano. E Arkipov aproveita para dar o seu beneplácito à política chinesa e para visitar as indústrias da região de Shenjen, símbolo da abertura da China para o capital estrangeiro.

Estranha coincidência: pouco tempo depois, o secretário-geral do partido vietnamita, Le Duan, deseja que se restabeleça clima de amizade entre a China e o Vietnã. Já estaria Hanói preparando-se para o período pós-Chernenko, prevendo possível aproximação sino-soviética?

Outro sinal: o marechal Orgakov, antigo chefe do Estado-Maior e o homem mais detestado pelo pessoal de Chernenko, está exilado desde setembro na Alemanha Oriental. Ora, percebe-se rapidamente que o seu comando se torna cada vez mais importante, a ponto de elevá-lo, no escalão hierárquico, acima do general que comanda as forças soviéticas na Alemanha. Sinal de que os amigos de Chernenko não tiveram força para eliminá-lo realmente.

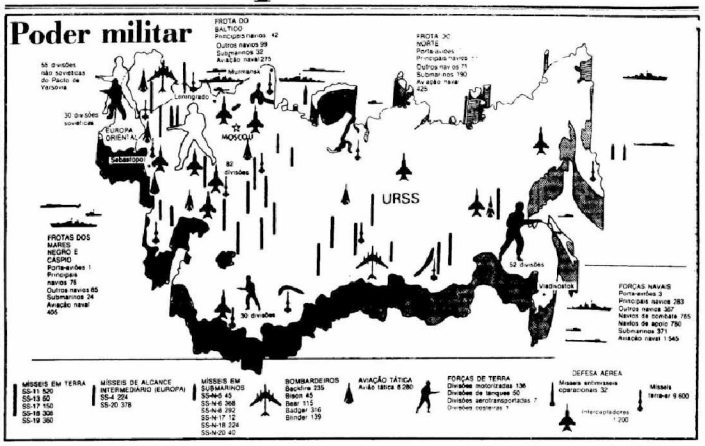
Esses exemplos poderiam ser multiplicados: se, apesar de tudo, houve algumas pequenas evoluções sob o reinado de Chernenko, essas evoluções emanam todas do cliê hostil a Chernenko. E, na área da economia, também se ouvem, aqui e ali, alguns sons novos. Por exemplo, no dia em que Gorbachev, após o seu teste de força com Chernenko, é nomeado para o secretariado ideológico do partido, ele pronuncia um discurso que rompe nitidamente com as teses de Brezhnev-Chernenko.

Ruptura em dois pontos: afirmação de que o poderio soviético reside sobretudo em seus êxitos econômicos (e não somente em seu poderio militar) e, principalmente, o desejo de uma verdadeira revolução tecnológica, visando a desenvolver prioritariamente a eletrônica e a informática, comparando essas indústrias, pela amplitude dos meios a empregar, à industrialização dos anos 30.

Seria, porém, o caso de atribuir a uma ou outra personalidade o poder de modelar à sua imagem um país como a Rússia?

Tem-se frequentemente a impressão de que a burocracia (poderio enorme, indolente e cataléptico) é, na realidade, o verdadeiro senhor da Rússia soviética. E, embora Andropov, por exemplo, tenha incontestavelmente soprado algumas cinzas, não conseguiu mudar a vida nem as mentalidades. A impressão que se tem é que o homem soviético, submetido há 70 anos a um molde terrível, hoje se assemelha a um robô, incapaz de iniciativa, de movimento.

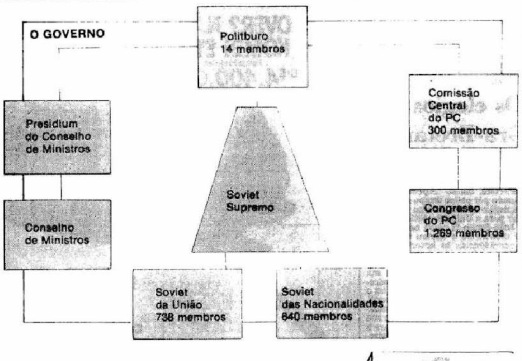
O que confere ao período Chernenko (como ao fim do período Brezhnev) o seu caráter constrangedor e quase alucinante é que existia cumplicidade, paralelismo perfeito entre

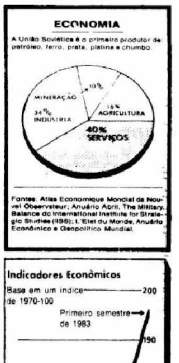


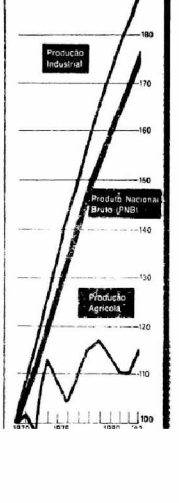
O POVO
População: 268 milhões (1982)
Superfície: 22.402.200km²
Capital: 7.909.000
Taxa natalidade: 1,8%
Moeda: rublo

O PAÍS

O maior país do mundo, estendendo-se do Báltico ao Pacífico, tendo o Oceano Ártico ao Norte. Devido a sua extensão territorial, o país possui 11 fusos horários. No extremo ocidental, seis horas a mais em relação a Brasília; no extremo oriental, 16 horas a mais.
Maiores cidades: Moscou, Leningrado, Kiev, Tashkent, Karkhov e Gorki.
Área cultivável: 10%







TEMPO EM SÃO PAULO
Aumento de nebulosidade, chuvas e trovoadas. Temperatura estável. Página 21

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO MESQUITA (1891-1927) JULIO DE MESQUITA FILHO (1927-1969) FRANCISCO MESQUITA (1927-1969)

JULIO DE MESQUITA NETO
DIRETOR RESPONSÁVEL

Capital e Interior de S. Paulo — Cr$ 3.000 | ANO 107 | QUARTA-FEIRA, 26 DE FEVEREIRO DE 1986 | Nº 34.046 | Domingo Cr$ 3.300 | Assinatura DEZ/86: Cr$ 672.000

Com o padre, "Febem virou um inferno"

"A Febem virou um inferno em dezembro de 1984", define a ex-inspetora Sueli Carneiro Moreira, que trabalhou quatro anos na entidade e atribui àquela época o agravamento da situação no Tatuapé, onde aumentou o número de rebeliões e fugas: foi quando o padre Agostinho, em missa campal, aconselhou os internos de alta periculosidade a denunciar os castigos — "os inspetores serão demitidos por justa causa". Ontem, a Febem ainda não tinha chegado a uma definição sobre o número de menores recuperados depois da última fuga.

Página 22

Agora, governo sobe limite de financiamentos

O governo voltou atrás e subiu de 5% para 25% o limite para a concessão de crédito bancário às pessoas físicas. Na sua última reunião, o CMN decidiu que os bancos só poderiam aplicar 5% de suas operações no financiamento ao consumidor. Ontem, essa resolução foi republicada no **Diário Oficial da União** com uma **errata**. Mas o BC manteve as outras restrições: ao crediário e aos cheques especiais.

Página 32

Imposto maior sobre o preço de combustível

O próximo aumento de preços da gasolina e do álcool carburante incluirá um acréscimo de 4,5% a 5,1%, por causa das novas alíquotas do Imposto Único sobre Lubrificantes e Combustíveis, em vigor desde janeiro, depois de aprovadas no pacote de novembro. A informação é do presidente do Conselho Nacional do Petróleo (CNP), general Roberto França Domingues. Segundo ele, quando o assunto é aumento, "todos querem dar e ninguém quer pagar". A primeira reação às mudanças no Proálcool aconteceu ontem, na frente do Palácio do Planalto, em **Brasília**: cem motoristas de táxi protestaram buzinando.

Página 28

As andorinhas na praça de Ribeirão

Milhares de andorinhas anualmente vêm dos Estados Unidos para passar o verão no interior paulista. Este ano elas não foram a São José do Rio Preto, como vinham fazendo, e estão concentradas em Ribeirão Preto, na praça XV, desagradando aos freqüentadores do local. A prefeitura precisa lavar a praça diariamente.

Página 18

SUPLEMENTO
AGRÍCOLA

Técnicos da Estação Experimental de Zootecnia de Andradina estão realizando pesquisas com o zeranol, um anabolizante feito à base de milho que, colocado na orelha do boi, acelera o ganho de peso do animal, sem deixar resíduos na carne e sem afetar a saúde humana, como ocorre com os hormônios. Ainda nesta edição do Suplemento Agrícola, alimentar porcos com mandioca e soja tostada, uma forma de baratear a criação; o plantio de manga substituindo o limão-galego em Cândido Rodrigues, SP; a agricultura sem agrotóxicos: os cuidados na hora de

Corazón, presidenta, promete vida nova ao país

Marcos foge. E Corazón assume

MANILA — O drama das Filipinas terminou: Corazón Aquino, 52 anos, é a nova presidenta e Ferdinand Marcos, que governou o país durante 21 anos, fugiu para os Estados Unidos, com escala prevista na ilha de Guam, no Pacífico. Às 8 horas (locais), o presidente da Suprema Corte deu posse a Corazón e, quatro horas depois, Marcos também assumia, numa cerimônia melancólica no palácio de Malacanang. Mas os filipinos viveram sob dois governos por pouco tempo: às 21 horas, o ditador abandonou em um helicóptero o palácio presidencial, onde estava com a família, e foi para a base aérea norte-americana de Clark, ao norte de Manila, onde dois aviões o esperavam para levá-lo ao destino que escolhesse. Foi um dia confuso, com informações e desmentidos sucedendo-se em ritmo alucinante. A fuga de Marcos foi sentida quando os 1.200 soldados que protegiam o palácio se dispersaram desordenadamente. A multidão saiu às ruas para comemorar, tendo os mais exaltados invadido o palácio, destruído seus móveis e saqueado o que puderam.

Páginas 7 a 10

Brasil isola haitianos na ilha

O ex-chefe da Polícia do Haiti, coronel Albert Pierre, sua mulher Marie Ange e um de seus colaboradores, Gener Cotin, estão desde ontem na ilha de Fernando de Noronha, onde podem ficar durante dois meses, até que se defina "o quadro jurídico de sua presença no Brasil". O Itamaraty decidiu isolar na ilha o antigo colaborador de Baby Doc, receando hostilidades contra ele nas grandes cidades. Pierre é acusado de tortura e de mais de 500 mortes e, se o atual governo do Haiti pedir sua extradição e for provado que ele cometeu crimes comuns, poderá ser devolvido em 30 dias.

Página 2

Gorbachev ataca EUA e Brezhnev

MOSCOU — O líder do Cremlin, Mikhail Gorbachev, inaugurou ontem o 27º Congresso do PC soviético com um violento ataque à política de Ronald Reagan, afirmando que "o imperialismo norte-americano dos anos 80 é o monstro mais horrível e perigoso do século XX". Afirmou também que a proposta de desarmamento dos EUA é inaceitável, dando a entender que poderá até desistir de uma segunda reunião de cúpula com Reagan. Gorbachev atacou a chamada "era de Brezhnev", dizendo que foi marcada pela "inércia", e prometeu "reformas radicais" na economia e o expurgo dos "parasitas do Partido". Em Washington, o porta-voz da Casa Branca, Larry Speakes, recusou-se a comentar os ataques de Gorbachev: "Só faremos isso quando tivermos estudado todo o discurso".

Página 12

Termina a Aliança, fica uma coligação

Depois de uma demorada reunião no Congresso, os principais dirigentes do PMDB informaram que a Aliança Democrática acabou. O objetivo do PMDB é o de apoiar o governo sem alinhamento automático, "em coligação com o PFL e outros partidos que o desejarem, mas sem perder sua identidade", disse o líder peemedebista na Câmara, Pimenta da Veiga, ao lado do líder do governo no Congresso, senador Fernando Henrique Cardoso. Os dois dirigentes ressaltaram que, antes de ser aprovado, cada projeto do governo agora vai ser amplamente debatido pelos partidos coligados, de acordo com seu programa.

Página 4

Liberais vetam modificações

A Comissão Executiva Nacional do PFL decidiu ontem, em Brasília, fechar questão contra mudanças no programa da Aliança Democrática, que vêm sendo defendidas pelo PMDB. Segundo os liberais, os 22 pontos do programa foram quase todos cumpridos. Para o senador Carlos Chiarelli, os ministros do PFL é que tiveram atitudes mais ousadas, como a legalização da UNE e a anistia na Petrobrás.

Página 4

Rosemberg avisa: aí vem uma recessão

As recentes medidas contra o crédito, aprovadas pelo CMN, iniciaram a recessão no País, porque provocarão queda nas vendas, na produção e nos investimentos e estimularão o desemprego. A declaração não é de nenhum oposicionista. É do ex-assessor econômico de Sarney, Luís Paulo Rosemberg. Ele falou sobre o futuro da economia, ontem, em São Paulo, para um grupo de empresários. Segundo Rosemberg, o governo aprendeu "a segurar a inflação no tapa", impondo um controle de preços. E advertiu seu público: "A classe trabalhadora saiu da ditadura melhor preparada do que os empresários".

Página 32

Seplan flagra grande fuga de dinheiro em 85

Do Brasil para o Exterior foram transferidos Cr$ 78,9 trilhões em 85 — a revelação é da Secretaria de Planejamento. Segundo os números que ela divulgou ontem, esse valor corresponde a 37,6% da poupança interna e a 5,8% do PIB. A Seplan considera que crescer 6% ao ano e manter esse nível de transferência de recursos significaria mudar pouco a renda disponível internamente para consumo ou investimento.

Página 32

O ministro condena as diretas já

Antônio Carlos Magalhães acusou ontem o governador Leonel Brizola de estar empenhado na desestabilização do governo Sarney, com o pretendido lançamento de uma campanha por eleições diretas à Presidência ainda neste ano. Segundo o ministro, essa campanha seria "ilegítima e altamente subversiva". Além disso, "fomentar o tumulto antes da Constituinte não é normal". Mas ele não acredita que isso vá acontecer, porque o PMDB, do qual uma facção apóia Brizola, também tem representantes no governo federal e não pode fugir às suas responsabilidades.

Página 5

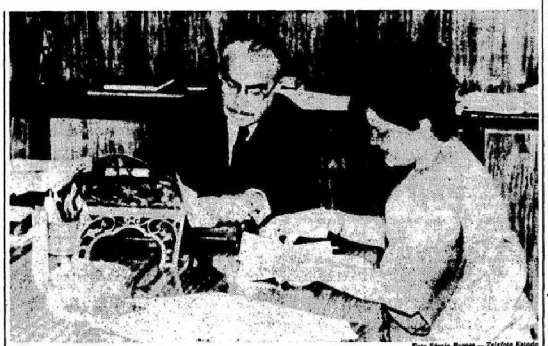


Foto Sérgio Burgos — Telefoto Estado

Comadre e adversária

Sem esconder seu constrangimento, e muito sério, Sarney recebeu ontem a prefeita de São Luís, sua antiga comadre e agora adversária política. E prometeu ajuda de Cr$ 500 bilhões.

Página 5

França quer fundo para países pobres

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — A França poderá propor a seus parceiros da Comunidade Econômica Européia, ao Japão e aos Estados Unidos a criação de um fundo com parte das receitas obtidas com a desvalorização do dólar e a queda dos preços do petróleo. O fundo seria destinado aos países credores em desenvolvimento.

Página 31

Leandro e Renato são perdoados

Leandro e Renato foram perdoados da indisciplina que cometeram e continuam na Seleção Brasileira. A decisão foi tomada ontem de manhã na Abi Chedid, depois de ouvir Telê Santana, a Comissão Técnica e os outros jogadores, que pediram que os cortes fossem evitados. Tenso, arrependido e enver-

As filas dos futuros milionários da Loto

A perspectiva de que o prêmio da quina da Loto a ser sorteado amanhã atinja os Cr$ 30 bilhões provocou uma grande corrida de apostadores ontem às casas lotéricas. A previsão foi feita por vários gerentes de lotéri-

52 páginas
mais o Suplemento Agrícola

Artes/Roteiros/Variedades	19 a 21
Artes e Editais	36 e 37
Cidades	16 e 52
Classificados	39
Diplomacia	2
Economia	28 a 34
Editorial	3
Esportes	22 a 26
Exterior	7 a 12
Falecimentos	18
Igreja	14
Interior	18
Milhares	2
Polícia	17
Política	2 e 5
Professores	18
Saúde	14
Tempo e Temperatura	21
Teras	14
Trabalho	31
Turfe	27

O serviço noticioso internacional de "O Estado" é fornecido pelas agências AFP, Ansa, AP, DPA,

12 — O ESTADO DE S. PAULO QUARTA-FEIRA — 26 DE FEVEREIRO DE 1986

Gorbachev ataca os EUA. E Brezhnev

MOSCOU — O líder do Cremlin, Mikhail Gorbachev, abriu ontem o 27º Congresso do PC soviético com seu mais violento ataque à política do governo de Ronald Reagan desde que subiu ao poder, afirmando que "o imperialismo norte-americano dos anos 80 é o monstro mais horrível e mais perigoso do século XX" e que os EUA "estão moral e politicamente isolados". Ele sustentou também que a proposta de Reagan para o controle de armas nucleares "não é séria", dando a entender que poderá até não participar de uma segunda reunião de cúpula se não houver um entendimento entre as duas superpotências na questão da redução dos armamentos atômicos e espaciais. Em seu discurso de quatro horas, com 30 minutos de descanso na metade, transmitido integralmente pela TV soviética, Gorbachev também propôs uma reunião dos cinco países-membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU — as cinco potências nucleares — "para ver o que pode ser feito para reforçar a paz", divulgou um projeto soviético para segurança internacional, disse que o pagamento da dívida externa dos países do Terceiro Mundo é "absurdo" e afirmou que a URSS é contra o terrorismo internacional. No plano interno, Gorbachev criticou duramente a "era de Brezhnev", um de seus antecessores, que ficou quase 20 anos no poder, por sua "inércia" e afirmou que fará "reformas radicais" visando a dinamizar a máquina de produção da URSS. "Os trabalhadores serão pagos segundo a qualidade e quantidade de seu trabalho", disse Brezhnev, garantindo que "os parasitas do Partido serão afastados".

"Imperialismo americano é um monstro horrível"

MOSCOU — "O imperialismo norte-americano dos anos 80 é o monstro mais horrível e mais perigoso do século XX", disse ontem o líder do Cremlin, dedicando uma parte de seu discurso no 27º Congresso a violentos ataques à política do presidente Ronald Reagan. Ele afirmou que os EUA estão "moral e politicamente isolados e que se estende um abismo entre esse país e o resto do mundo". E Gorbachev prosseguiu: "Esta é uma sociedade cujos chefes se negam a dar valor às realidades do mundo e tirar conclusões sóbrias". O líder do Cremlin afirmou que os EUA estão "esclerosados e carecem de autocontrole", sustentando que os europeus "começam a dar-se conta de que os norte-americanos exageram ao pretender assumir a liderança mundial". Segundo Gorbachev, "a emergência de novos centros de poder capitalistas está destinada a aumentar as contradições que aceleram a derrubada do mundo capitalista".

REUNIÃO AMEAÇADA

Como se esperava, Gorbachev também aproveitou a oportunidade para reafirmar a resposta negativa da URSS à proposta de redução dos mísseis na área da Europa feita pelo presidente Reagan. "É difícil identificar o mínimo sinal de vontade efetiva por parte do governo norte-americano para resolver o problema fundamental da eliminação da ameaça nuclear", disse o líder do Cremlin, referindo-se à carta que lhe enviou Reagan no último fim de semana. Ele deu a entender que poderia até mesmo desistir da segunda reunião de cúpula, marcada em princípio para junho ou julho deste ano, se até lá não houver um acordo de desarmamento. "Não há sentido em realizar conversações vazias e não permaneceremos indiferentes se o diálogo soviético-americano, que inspirou algumas esperanças, for utilizado para manter a corrida armamentista e os preparativos materiais para a guerra."

Gorbachev admitiu que a carta de Reagan "contém algumas teses que parecem tranqüilizadoras", mas salientou que "ela está cheia de numerosas reservas, vinculações e condições que, de fato, bloqueiam uma solução para o problema do desarmamento". O líder soviético disse que "existem pelo menos dois pontos nos quais as duas partes podem entrar em acordo: a redução dos testes nucleares e a abolição dos mísseis de alcance médio na área da Europa.

A reação negativa de Gorbachev advém do fato de que os EUA exigiram a inclusão dos mísseis SS-20 russos situados na Ásia no acordo sobre a redução dos foguetes na área européia, já que esses mísseis futuramente poderiam ser deslocados e apontados para a Europa. Por outro lado, os EUA também não concordaram com a exigência da URSS de incluir nas negociações as forças nucleares da França e da Inglaterra, e nesse caso atenderam a apelos vindos dos próprios governos desses países.

OS MARCIANOS

Os observadores ocidentais em Moscou notaram que Gorbachev ficou claramente irritado com a demora da resposta dos EUA à sua proposta de desarmamento, feita no último dia 15 de janeiro, e que acabou chegando apenas no último fim de semana, pouco antes do início do 27º Congresso. Gorbachev fez no discurso uma referência direta a Reagan, ao lembrar uma observação do presidente norte-americano. "Ele disse que os EUA e a URSS encontrariam imediatamente uma linguagem comum se os marcianos atacassem a Terra. Mas um confronto nuclear não seria mais perigoso que um desembarque de extraterrestres?"

France Presse

Gorbachev no 27º Congresso: duro ataque aos EUA e à "inércia" dos tempos de Brezhnev

Proposto "congresso mundial"

MOSCOU — Em seu discurso perante o 27º Congresso do PCUS, Mikhail Gorbachev propôs uma reunião de cúpula dos cinco países membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU — URSS, EUA, França, Inglaterra e China — "a fim de ver o que pode ser feito para reforçar a paz". Ele também sugeriu a convocação de um "congresso mundial sobre os problemas de segurança econômica, para discutir globalmente tudo que prejudica as relações econômicas mundiais". Gorbachev divulgou um projeto soviético que visa a um "sistema de segurança internacional". Entre os pontos desse projeto estão: 1 — compromisso dos países nucleares de renunciar a qualquer guerra entre eles; 2 — proibição da corrida armamentista no espaço; 3 — diminuição do nível de poderio militar dos países até um "mínimo suficiente"; 4 — respeito total ao direito de cada povo de eleger soberanamente as vias e formas de seu desenvolvimento; 5 — solução política justa para as crises internacionais; 6 — eliminação de todas as formas de discriminação, bloqueios e sanções econômicas; 7 — cooperação para a propaganda das idéias de paz, desarmamento e segurança internacional.

TERRORISMO

Gorbachev disse que a URSS "está disposta a cooperar com os outros países para a erradicação do terrorismo". Ele garantiu que a URSS "rejeita por princípio o terrorismo internacional", sem identificar claramente os alvos de suas críticas. Ele só fez uma referências negativas às "bombas nos aeroportos e nas estações ferroviárias".

AFEGANISTÃO

O líder do Cremlin reafirmou que a URSS está disposta a retirar suas forças do Afeganistão. O Exército soviético, com um efetivo de 120 mil soldados, ocupa esse país desde 1979. "Gostaríamos de retirar nossas forças o mais breve possível", disse Gorbachev, revelando que a URSS já discutiu com o Afeganistão "a retirada gradativa das tropas soviéticas". Mas ele voltou a afirmar que essa retirada "depende da garantia de que não haja interferências nos assuntos internos do Afeganistão".

DÍVIDA EXTERNA

No decorrer de seu discurso, Gorbachev referiu-se à dívida externa dos países do Terceiro Mundo, considerando um "absurdo" o pagamento dessa dívida por parte das nações em desenvolvimento. E ele aproveitou para fazer mais um ataque aos EUA: "O governo de Washington exige o pagamento da dívida para continuar com seu gigantesco programa militar". Gorbachev também se referiu às "crescentes contradições que regem as relações entre os EUA e os países do Terceiro Mundo e entre Washington e seus aliados".

Uma crítica à velha guarda

MOSCOU — Gorbachev tinha ao seu lado o presidente do URSS, Andrei Gromiko, um dos veteranos do Politburo e chanceler durante todo o período de Leonid Brezhnev. Mas isso não impediu o líder do Cremlin de atacar duramente a "era de Brezhnev", que durou quase 20 anos, afirmando que ela se caracterizou pela "inércia, rigidez das formas de administração, uma redução de dinamismo, o crescimento da burocracia, todas essas coisas que causaram um dano nada leve a nossa causa". E Gorbachev chegou a ser irônico, fazendo clara alusão à tendência de Brezhnev de fechar os olhos à realidade enquanto alimentava o "culto da personalidade": "A situação reclamava urgentemente uma mudança, porém uma psicologia peculiar — como melhorar as coisas sem mudar nada — prevaleceu nos organismos centrais e também a nível local".

Arquivo

Brezhnev: bode expiatório?

Para sair da "inércia" dos tempos de Brezhnev, Gorbachev propôs uma "reforma radical" da economia da URSS. "É preciso arrancar resolutamente o país da inércia para reconstruir profundamente a economia nacional", disse o líder do PCUS. Ele passou a enumerar os pontos que considera fundamentais: 1 — os trabalhadores serão pagos segundo a qualidade e quantidade de seu trabalho; 2 — cada empresa responderá individualmente por seus resultados e receberá créditos segundo suas vendas; 3 — o sistema de preços e incentivos será revisado; 4 — serão pedir o enriquecimento de quem não trabalha e de quem assume mentalidade de proprietário"; 6 — "a campanha antialcoólica foi bem, mas deverá ser intensificada"; 7 — "Não haverá uma campanha nacional de expurgos, mas o Partido continuará excluindo de suas fileiras aqueles cuja conduta e estilo de vida contradizem nossas normas e ideais".

Gorbachev foi muito aplaudido pelos 5 mil delegados presentes ao

Um cenário muito bem preparado

GILLES LAPOUGE
Nosso correspondente

PARIS — A cidade de Moscou está limpa como se fosse nova. Há retratos de Lênin em todos os lugares, em meio a verdadeiras florestas de bandeiras vermelhas. Há arranjos de luzes coloridas nas ruas. As lojas estão repletas de produtos. E há numerosos milicianos para proibir o centro da cidade aos estrangeiros e aos provincianos. Nos hotéis, as roupeiras, "enormes matronas" encarregadas de cuidar ao mesmo tempo da limpeza e da moralidade dos hóspedes, foram substituídas, como no Ocidente, por dispositivos eletrônicos. Os "hippies moscovitas" e as "damas de pouca virtude", que normalmente lotam os hotéis, se evaporaram. Todos aqueles que podiam ser considerados dissidentes foram levados para os hospitais psiquiátricos ou para as clínicas de desintoxicação. Enfim, Moscou é uma cidade brilhante, nova como um novo dia, para servir de palco honrado para a grande cerimônia que acontece somente a cada cinco anos na União Soviética, a do 27º Congresso do Partido Comunista. Uma cerimônia que deve permitir a Gorbachev, no poder há 11 meses, assentar definitivamente seu reino e traçar o esboço do que será a URSS do futuro. Seu discurso de seis horas, proferido ontem, é o evangelho desta cerimônia.

Mas como não perceber um estranho paradoxo? Moscou é uma cidade formidável de 12 milhões de habitantes, cuidadosamente disposta e organizada. E, para falar do alto da tribuna um homem jovem (55 anos), robusto e charmoso, seguro de si, com uma linguagem realista, simples, que soube, em apenas alguns meses, sedusir todo mundo. Ser repelido no Exterior até mesmo pelos norte-americanos: Gorbachev. Tudo leva a crer, portanto, que ocorrerá uma espécie de primavera, de ressurreição do Estado soviético. No entanto, estas imagens são enganadoras: o povo de Moscou, o vigor de Gorbachev — tudo isto se vai sobrepondo dentro de um país que se revela mais velho do que nunca, excessivamente envelhecido ao máximo, corrompido e cansado, totalmente incapacitado de se reformar.

FALÊNCIA DE UM SISTEMA

Gorbachev faz referência, no início do seu discurso articulado, ao capitalismo, destacando-o como o monstro dos tempos modernos, mas somos forçados a reconhecer que a URSS constitui, também, outro monstro que se encontra à beira da asfixia.

A agricultura soviética está em pleno marasmo, foi organizada em 1930, e desde então se encontra inutilável. Os países que cortejam o império, isto é, a Europa do Leste, estão doentes ou agitados, revoltados ou desgraçados. No Afeganistão, o exército soviético continua matando sem conseguir solução alguma. A Polônia está literalmente em Angola, os cubanos estão escorregando na areia movediça. A Etiópia chegou ao seu limite. Intervenção e fiasco do Sul está se destruindo. Em todo lugar, o declínio desponta e se agrava.

Paralelamente a esta falência material, tudo leva a crer em uma falência espiritual, isto é, ideológica: a palavra sacrossanta de Marx e de Lenin não está mais sendo levada a sério. O mundo ocidental levou dois mil anos para começar a perder a fé em Cristo e, ainda assim, esta fé se mantém acesa, viva, rica em revirudescimentos súbitos. Na União Soviética, a fé só precisou de 60 anos para vacilar. Em todos os casos, não conta com muitos fiéis agora. A corrupção contaminou as classes dirigentes, apesar do rigor dos controles policiais. Na economia planificada, o setor mais vivo é o da economia paralela, isto é, o câmbio negro, que se desenvolve em todos os lugares e, diante deste flagelo, o regime nada pode fazer pois é precisamente graças a este câmbio negro (não escandaloso num Estado planificado) que a economia soviética consegue funcionar, ainda que dificilmente. Não os mercados clandestinos que permitem a sustentação de uma moeda que, sem eles, seria totalmente desvalorizada. E, do mesmo modo que a economia planificada mantém em segredo suas economias insanas, patenteia, a cultura oficial também esconde suas subculturas, copiadas, em sua maioria, do Ocidente: é fácil entender que entre os jovens soviéticos o jeans e o rock façam sucesso.

Mas existem coisas piores. Os hippies se manifestam em todos os lugares. Vê-se até mesmo grupos de punks. E mais significativo ainda: em todos os lugares, seitas religiosas estão despertando. Ao mesmo tempo em que um poderoso movimento cristão está invadindo todo o território.

DISSIDENTES

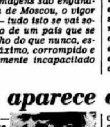
Paralelamente, ainda existem outros fenômenos estranhos: há 20 anos, a dissidência estava organizada em torno da grande figura de Soljenitsin. Hoje, a repressão aos dissidentes foi tamanha que eles se calaram em seus asilos psiquiátricos. No seu lugar, entretanto, vimos inquietantes ideologias despertando na União Soviética: simplesmente grupos que se declaram abertamente de tendência nazista. O cúmulo.

Este é o terreno no qual o jardineiro Gorbachev tem de plantar suas boas sementes. E, certamente, um homem à altura. No entanto, como este homem, mesmo sendo excepcional, poderia sozinho lutar contra um sistema tão implacável quanto o da URSS? Em 1956, um dirigente soviético, Kruchev, quis rejuvenescer, purificar, recolocar este país nos trilhos. Com muita coragem, mas com muita inabilidade também, Kruchev esforçou-se em tirar ao mesmo tempo a poeira dos dogmas e permitir que soprasse sobre a economia um vento de liberdade, sem o qual a própria economia enfraquece. O imprudente Kruchev foi rapidamente pensionado pelas forças conservadoras. Ela, portanto, as delimitações do terreno onde pode atuar este homem certamente mais inteligente que Kruchev, o novo secretário-geral do PCI, Gorbachev.

E, por ser mais inteligente, é também mais prudente. Gorbachev profere discursos de renovação, juventude e liberdade, mas, embora queira despertar esta velha economia rígida e impotente, em nenhum instante questionou, neste seu discurso de ontem, o dogma, em nenhum momento aceitou a idéia de reabilitar as leis do mercado. Estes são os seus limites. Quaisquer que o círculo: rejuvenescer uma sociedade moribunda sem, no entanto, questionar os motivos que levaram esta sociedade ao seu marasmo atual.

Raisa aparece e quebra tabu

MOSCOU — Quando os assessores de Gorbachev apareciam na TV soviética, nos Congressos ou cerimônias importantes, raramente suas esposas eram focalizadas, mesmo que estivessem presentes, como se sua existência fosse deliberadamente ignorada. Mas ontem, os milhões de espectadores soviéticos que acompanharam o longo discurso de líder do Cremlin puderam de repente ver no vídeo a imagem de uma mulher elegante, de traje escuro e blusa creme, escutando atentamente. Era Raisa Gorbachev, a primeira-dama da URSS, que aparecia outra vez, no solene cenário do 27º Congresso, como já acontecera em outras ocasiões, em viagens do marido dentro do país e no exterior. A aparição de Raisa durou apenas alguns segundos, mas quebrou a tradição.



Cai outro míssil 'Cruise'

VANCOUVER, Canadá — Um míssil norte-americano do tipo Cruise, com a ogiva nuclear desativada, caiu ontem no Ártico pouco depois de ser disparado por um avião bombardeiro B-52. O míssil deveria cobrir 2.500 quilômetros de território canadense onde as condições climáticas e geográficas são semelhantes às da União Soviética, em um prazo de quatro horas e meia, e aterrissar na base de Cold Lake, a 250 quilômetros de Edmonton. Ainda não se conhecem as causas da

O protesto dos judeus

MOSCOU — Aproveitando a abertura do 27º congresso do PC, dois dissidentes soviéticos, os judeus Mossei Abedjanov, de 83 anos, e Isaac Chalolajvili, de 24, iniciaram uma greve de fome para protestar contra negativa do Cremlin em conceder-lhes visto de saída da URSS para Israel. Em nota enviada aos delegados dos Partidos Comunistas francês, italiano e espanhol, os dois pediram que "o problema dos judeus soviéticos retidos sem motivo e à força na União Soviética" seja debatido durante o congresso, que reúne em

Apelo à Espanha

BONN — O chefe do governo alemão Helmut Kohl pediu ontem à Espanha que permaneça na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Nato), enquanto em Madri começava oficialmente a campanha de referendo de 12 de março. O pedido de Kohl, foi dirigido ao rei Juan Carlos no segundo dia de sua visita à Alemanha Ocidental. A esquerda espanhola é contra a permanência do país na Nato, mas Kohl e vários líderes europeus acham que só a aliança ocidental pode garantir o futuro do continente.

China: Marx em baixa

PEQUIM — "O Capital", de Carl Marx, foi colocado no pé de uma longa lista dos livros que mais influência tiveram na história da humanidade, publicado na edição de ontem no jornal das Forças Armadas chinesas Diário do Exército de Libertação. A lista, que classifica "O Príncipe de Maquiavel como o livro mais influente já editado no mundo, foi obtida através de diplomatas ocidentais, uma vez que o Diário do Exército de Libertação circula apenas entre o pú-

Dono do hotel pede expulsão de Baby Doc

TALLOIRES, França — Jean Tiffenat, o dono do Hotel l'Abbaye, que há 19 dias hospeda o ex-presidente vitalício do Haiti, Jean Claude Duvalier, pediu ontem à Justiça francesa a expulsão de "Baby Doc" e seu séquito, composto de 12 pessoas, do hotel. "A estada do presidente Duvalier está se prolongando muito, impedindo-me de atender as reservas já feitas há muito tempo", justificou ele, explicando que "isso vem prejudicando a imagem do l'Abbaye". Tiffenat confessou-se apavorado porque seu hotel vive cercado por guardas de segurança, os telefonemas anônimos prometendo depredar o estabelecimento continuam e "ninguém é capaz de me dizer quando o presidente Duvalier vai sair daqui". O hoteleiro contou que no dia da chegada de "Baby Doc" à França, "me propuseram, por telefone, alojar um chefe de Estado, mas só depois que já havia me comprometido a recebê-lo soube que se tratava de Duvalier". A previsão era de que "Baby Doc" ficaria na França só oito dias e do episódio ele já tirou uma lição: "Da próxima vez vou ser mais cauteloso."

Unita liberta as duas brasileiras

LISBOA — As duas missionárias brasileiras, as irmãs Miriam e Mirgarida Horvath, seqüestradas há 38 dias por membros do grupo guerrilheiro Unita, em Angola, já estão livres, aguardando apenas a chegada de um avião da Cruz Vermelha para serem retiradas do país, anunciou ontem em Lisboa, um membro da organização, observando que ambas estão em perfeitas condições de saúde. Tão logo tomou conhecimento da notícia, a comunidade Batista de Santo André, que enviou as duas pedagogas a Angola, anunciou que estão sendo feitos todos os preparativos para receber as ex-reféns, que serão recepcionadas com um culto de ação de graças no próprio aeroporto. As duas deverão estar no Brasil nas próximas duas semanas.

Civis vigiarão fronteira

MANÁGUA — Nicarágua e Costa Rica concordaram em criar uma "comissão civil com apoio de militares" para vigiar e supervisionar sua fronteira comum. Esta foi a principal decisão do encontro entre a comissão nicaragüense-costarriquenha e os vice-chanceleres dos países-membros do Grupo de Contadora (México, Panamá, Venezuela e Colômbia). Os detalhes sobre o funcionamento da vigilância fronteiriça serão discutidos na próxima reunião, marcada para o dia 12 de março, em San José.

Incidente diplomático

CIDADE DO PANAMÁ — Um conselho de segurança decidirá se o governo panamenho deve aceitar ou não o credenciamento do novo embaixador dos Estados Unidos, Arthur Davis. O diplomata norte-americano é acusado pelo Executivo do Panamá de "ingerência nos assuntos internos do país" ao pedir o esclarecimento do assassinato do médico-guerrilheiro Hugo Spadafora, ocorrido em setembro do ano passado. Os familiares de Spadafora responsabilizam o general Manuel Antonio Noriega como o autor intelectual do crime.

Chile detém jornalista

SANTIAGO — Após uma rápida detenção para interrogatório, o governo chileno concedeu um visto de permanência de 30 dias à jornalista Gabriela Leticia Marin. Chilena de nascimento, mas vivendo no Brasil há 12 anos como secretária-executiva do Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro, Gabriela disse as autoridades, em Santiago, que decidiu retornar ao Chile, para rever parentes e amigos, ao constatar que seu nome não constava da lista de cidadãos chilenos impedidos de voltar ao país.

Frondizi pede anistia

BUENOS AIRES — O ex-presidente argentino Arturo Frondizi fez circular ontem um documento em que pede "anistia ampla e generosa" para todos militares e civis, acusados de violar os direitos humanos no país. As declarações de Frondizi, que governou a Argentina entre 1958 e 1962, coincidiram com o início dos trabalhos no tribunal que examina os recursos, apresentados pela promotoria e pela defesa, contra os veredítos (pronunciados no último dia 9 de dezembro) condenando cinco ex-comandantes militares.

Ataque da guerrilha

SAN SALVADOR — Guerrilheiros da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional mataram cinco policiais e destruíram a produção de uma cooperativa algodoeira no Estado de Usulután, na região sudeste do país. Os rebeldes feriram ainda três agentes federais que acompanha-

TEMPO EM SÃO PAULO

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO DE MESQUITA NETO
DIRETOR RESPONSÁVEL

JULIO MESQUITA (1892-1927) JULIO DE MESQUITA FILHO (1927-1969) FRANCISCO MESQUITA (1927-1969)

Capital e Interior de S. Paulo — Cz$ 150,00 ANO 109 TERÇA-FEIRA, 18 DE OUTUBRO DE 1988 Nº 34.862 Domingo Cz$ 200,00 Assinatura Anual Cz$ 50.160,00

Moscou, saldo do Cremlin: Sarney cumprimenta Raisa, depois de ser recebido por Gorbachev

Maílson explica o salto da inflação

A nova escalada dos preços, que elevou a taxa da inflação para perto de 30% ao mês, decorre principalmente da nova Constituição, segundo o ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega. Ao chegar a São Paulo, ontem à noite, ele disse que o tabelamento dos juros em 12% trouxe incertezas ao comércio varejista. O ministro citou também o que chamou de "efeito Chico Lopes", a expectativa de congelamento de preços resultannte da divulgação, há duas semanas, do plano elaborado pelo economista Francisco Lopes. Além disso, Maílson mencionou o problema da quinta-feira, quando o Banco Central (BC) aumentou os juros do overnight para 50% ao mês. Ele referiu-se ainda à reportagem sobre inflação publicada domingo pelo Estado, que a seu ver apresentava o país rumo ao desespero. No Rio, Juarez Soares, o ex-diretor do BC acusado de erro na elevação do overnight, responsabilizou o governo pela situação. Soares disse que a inflação de outubro já é conhecida — 27,8% —, nível que leva a taxa projetada para doze meses a 1.800%. Página 34

Banco do Brasil pode parar hoje

Os funcionários do Banco do Brasil decidiram, em assembléias realizadas ontem à noite, entrar em greve a partir de hoje, por tempo indeterminado. A categoria reivindica um aumento de 40%, a título de equiparação com o Banco Central. Ontem, Brasília praticamente parou com a greve de 60 mil funcionários públicos de 13 ministérios e nove repartições federais, além de seis mil empregados do Distrito Federal. Página 36

Sarney convida Gorbachev para visitar o Brasil

O presidente José Sarney e sua comitiva de 150 pessoas foram recebidos ontem à tarde, no aeroporto de Moscou, com faixas vermelhas de boas-vindas em russo e português. Recepcionado no Cremlin pelo presidente Mikhail Gorbachev, Sarney declarou que espera "para breve" a visita do dirigente soviético ao Brasil. Depois da recepção, Gorbachev e Sarney fizeram um rápido passeio pela praça das Catedrais do Cremlin. No domingo, Sarney encontrou-se em Paris com o presidente francês, François Mitterrand. Página 6

O recorde não é mais paraguaio

A Presidência da República leva para Moscou uma comitiva de 150 pessoas, das quais metade não viajaria se fosse só para trabalhar, segundo fontes do próprio governo. Os dez dias de Sarney e seus acompanhantes na URSS, Paris e Lisboa custarão US$ 1,5 milhão, quase Cz$ 600 milhões. O recorde conhecido em Paris até agora pertencia ao Paraguai e ao seu ditador Alfredo Stroessner: há dez anos ele desembarcou lá com 120 pessoas.

Compulsório da gasolina ficará para o governo

O governo extinguiu e ao mesmo tempo incorporou aos preços da gasolina e do álcool o empréstimo compulsório de 28% cobrado sobre a venda destes combustíveis. Com isso, para o consumidor, os preços continuam inalterados. O próximo reajuste deverá ocorrer antes de 15 de novembro, informou ontem o secretário-geral do Ministério da Fazenda, Paulo César Ximenes. Ele admitiu que a inflação de novembro deverá disparar não só por causa do novo aumento, mas porque a incorporação do compulsório - apesar de não mudar o valor registrado na bomba - terá reflexos no Índice de Preços ao Consumidor. Página 34

Remédios dão Nobel de 88 a três cientistas

O Nobel de Medicina foi ganho por dois americanos e um inglês. Gertrude Elion, de 70 anos, e George Hitchings, de 83, que trabalham para o laboratório Wellcome, avançaram nas fronteiras da medicina molecular, conseguindo a produção de drogas contra a leucemia e a descoberta do AZT. James Black, de 64 anos, professor do King's College, desenvolveu o propranolol, usado com grande sucesso no tratamento de doenças cardíacas. Página 12

Queda de Boeing mata 31 em Roma

Um Boeing da Uganda Airlines, com 52 passageiros e tripulantes, caiu ontem perto do aeroporto de Fiumicino, em Roma. Morreram 31 pessoas e ficaram feridas 21. A forte neblina e "mal-entendidos" do piloto foram apontados como causas do acidente. O piloto confundiu a pista com uma estrada perto do aeroporto. Página 9

Destroços do avião da Uganda Airlines: o piloto e a neblina podem ter causado o acidente

União ou desastre, teme líder iugoslavo

O líder do Partido Comunista da Iugoslávia, Stipe Suvar, pediu a união nacional para salvar o país da crise. "Ou nos unimos, ou vamos todos para o desastre", advertiu ontem em Belgrado. Página 10

Proibição da pesca não é respeitada

Apesar de a pesca estar proibida em todo o País desde o início do mês, cinco toneladas de peixe foram retiradas do rio Turvo em 16 dias. Os pescadores prejudicam a reprodução de algumas espécies na região de Rio Preto. Página 19

Ministro quer controle total sobre a saúde

Na disputa pelo comando político do Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (Suds), criado pela Constituição, o ministro da Saúde, Borges da Silveira, saiu na frente: preparou um projeto de lei, que será enviado ao Congresso, centralizando o sistema em sua Pasta. Com a mudança, o Ministério da Previdência Social perde o Inamps e uma verba de Cz$ 1,5 trilhão do orçamento do instituto para o próximo ano. Página 14

CADERNO 2

O escritor português José Cardoso Pires (desenho) está em São Paulo para divulgar seu novo romance, "Alexandra Alpha", publicado pela Companhia das Letras que já vendeu quase 100 mil exemplares em Portugal, em menos de um ano. Pires, que alia refinamento e uma narrativa

Juiz derruba teto de salários para servidor

A lei fixando um salário máximo de 20 vezes o menor pago pelo Estado foi considerada inconstitucional pela Justiça, favorecendo 16 professores da Faculdade de Saúde Pública da USP. A sentença pode

Chuva deixa Rio paralisado e sem energia

Um temporal no começo da tarde de ontem deixou o Rio sem energia elétrica por vinte minutos, provocou desabamentos, interrompeu o tráfego de barcas para Niterói, inundou ruas e engarrafou o trânsito.

Notas e Informações

A intensificação das greves entre categorias consideradas essenciais já cria um sério distanciamento entre a Constituição e a realidade. A fulgar por uma das interpretações para a crise - a do general Ivan de Souza Mendes, chefe do SNI -, a Carta solenemente promulgada há um ano e 5 foi também solenemente re-

60 páginas

Cidade ..... 15 a 20
Ciência e Tecnologia 12
Classificados 43
Diplomacia 4
Economia ..... 34 a 39
Educação 13
Esportes ..... 10 a 22
Fim de semana 18
Geral 17
Internacional ..... 8 a 9
Nacional 17
Política 16
Publicidade ..... 5 a 7
Serviço 14
Show Business 26

4 — O ESTADO DE S. PAULO — Diplomacia — TERÇA-FEIRA, 18 DE OUTUBRO DE 1988

Gorbachev pode visitar logo o Brasil

ALUÍZIO MARANHÃO

MOSCOU — Ao final da solenidade em que foi recepcionado ontem, no Cremlin, por Mikhail Gorbachev, o presidente José Sarney declarou que espera para "breve" a visita do principal dirigente da União Soviética ao Brasil. A afirmação foi feita quando Sarney e Marly saíam do salão São Jorge, do grande palácio do Cremlin, em companhia de Gorbachev e da primeira dama soviética, Raisa.

O convite público para que o presidente da URSS visite o Brasil ocorreu depois que Gorbachev, respondendo a uma pergunta de um repórter brasileiro sobre o assunto, disse que iria "discutir" a idéia com Sarney. A recepção do casal Gorbachev a Sarney e Marly seguiu o rígido protocolo da diplomacia russa. Os quatro, depois dos primeiros cumprimentos, sentaram-se e conversaram durante cinco minutos. Sarney irradiava alegria e Marly, emocionada, terminou esquecendo sobre uma pequena mesa de centro uma cerbelle de rosas que recebera de Raisa.

O Boeing-707 da FAB que transporta a comitiva presidencial aterrissou no Aeroporto Vnukovo-2 no horário previsto, 16h45, 11h45 de Brasília. Sob uma temperatura de cinco graus positivos, Sarney e Marly foram recebidos na escada do avião pelo segundo homem na escala de poder do Cremlin, Anatoli Lukianov, vice-presidente do Presidium do Soviete Supremo; pelo chanceler Eduard Shevardnadze; e Leonid Kusmin, embaixador soviético no Brasil. Na fachada do prédio da área especial do aeroporto, reservada a visitantes ilustres, faixas vermelhas com letras brancas, uma em russo, outra em português, saudavam o presidente: "Bem-vindo honorável presidente da República Federativa do Brasil Sarney".

Depois de passar em revista uma impecável e bem adestrada tropa das Forças Armadas da URSS, Sarney embarcou numa limosine Zyl, último tipo, junto com Lukianov. Marly foi em outro carro com a mulher dirigente soviético. Em alta velocidade, a comitiva tomou a avenida Lenin em direção ao centro da cidade. Sarney então pôde ver que boa parte dos postes de iluminação da larga avenida estava ornamentada por bandeiras brasileiras e soviéticas, lado a lado. Pôde também ler outras faixas em sua homenagem: "que se fortaleçam e se desenvolvam as relações do Brasil com a União Soviética"; "viva a amizade entre os povos da URSS e do Brasil", exaltavam as faixas, nas duas línguas.

O casal Gorbachev recepcionou Sarney e Marly no salão de São Jorge, um amplo espaço no Palácio do Cremlin, iluminado por mais de duas mil lâmpadas, muitas delas de três enormes candelabros folheados a ouro.

No início da noite de ontem, o presidente brasileiro e sua comitiva assistiram, no Palácio dos Congressos do Cremlin, a uma apresentação especial do Balé Bolshoi. Hoje, Sarney deposita flores no túmulo do soldado desconhecido e tem o primeiro encontro de trabalho com Gorbachev.

"BOAS PERSPECTIVAS"

O Pravda publicou ontem, na primeira página, uma foto do presidente José Sarney e o resumo de sua biografia, salientando que os soviéticos acreditam no aprofundamento do diálogo político e da cooperação multilateral soviético-brasileira. Também o Izvestia, com o título "Boas Perspectivas", fala das novas oportunidades econômicas e culturais abertas pelo encontro entre Sarney e Gorbachev.

Presse Press

No aeroporto de Moscou, Sarney é recebido por Lukyanov (E) e por Shevardnadze (D)

Excesso de amigos integra a comitiva

MOSCOU — A histórica visita do presidente José Sarney à União Soviética não poderia faltar um complemento que já faz parte dos usos e costumes da burocracia brasileira: o "trem da alegria", na sua versão aérea. Mesmo entre funcionários do governo, há quem critique o tamanho da comitiva oficial de 150 pessoas, das quais cerca da metade não viria a Moscou se o critério de escolha dos nomes que acompanhariam o presidente fosse exclusivamente o trabalho. Afinal, ao lado de ministros e funcionários do Itamaraty pode-se cebarrar na capital soviética com Cláudio Madeira, médico, irmão da primeira-dama Marly, e assessor de Sarney, bem como com Marcus Villaça, do Tribunal de Contas da União, sem nenhuma missão definida junto ao Cremlin a não ser o de convidado especial do presidente, seu amigo.

Distribuída em vôos de carreira e nos avidoes presidenciais (há um Boeing de reserva estacionado em Paris), a comitiva decolou do Brasil, na sexta-feira, para cumprir um extenso programa de viagem que abrange, Lisboa, Paris, Marselha, Moscou e Leningrado. Ao todo, durante dez dias, esses convidados especiais receberão diárias que podem chegar a US$ 120 (Cz$ 50.000) e não precisarão se preocupar com a hospedagem, pois o governo também cobrirá essas despesas. Se a metade da comitiva seria dispensável numa agenda de viagem totalmente voltada ao trabalho, calcula-se que o Tesouro estaria gastando cerca de US$ 175 mil (Cz$ 73,5 milhões) com esse "trem", sem contar as despesas com as passagens aéreas. A embaixada brasileira também sofre com os reflexos dessa invasão de convidados, pois é grande o assédio a diplomatas para que reservem lugares privilegiados nas solenidades previstas para cada escala presidencial. (A.M.)

Gasto passa de Cz$ 600 milhões

DIANA FERNANDES
PAULO FONA

BRASÍLIA — Os contribuintes brasileiros estão pagando caro pela viagem do presidente José Sarney à União Soviética, com escalas em Paris e Lisboa. Os dez dias de Sarney e sua comitiva no exterior oneram os cofres públicos em US$ 1,5 milhão (cerca de Cz$ 610 milhões). A Embaixada brasileira em Portugal de 2.000 metros quadrados, que será inaugurada oficialmente por Sarney, custou US$ 2 milhões (cerca de Cz$ 814 milhões), há dois anos. Depois da viagem, o Ministério das Relações Exteriores pedirá suplementação de verba à Secretaria de Planejamento.

"Essa viagem é um fato histórico e precisa ser bem preparada e assessorada", justifica o porta-voz do Itamaraty, Ruy Nogueira. O número exato de funcionários do governo que participaram da fase preparatória e da viagem de Sarney é um bem guardado segredo da burocracia oficial envolvida com viagens presidenciais — especialmente no Palácio do Planalto e no Ministério das Relações Exteriores. Nenhum deles divulga esse número, mas alguns diplomatas admitem que Sarney disporá de pelo menos 100 servidores em Moscou, além dos 25 funcionários da Embaixada na capital soviética.

Cada um desses funcionários que foi de Brasília para Moscou e a comitiva oficial tem todas as suas despesas com transporte e hospedagem pagas pelo governo brasileiro e ainda recebe uma diária que varia de 200 a 500 dólares, de acordo com a função que exerce e a tarefa que desempenha na viagem. Um funcionário que esteve na missão "precursora", que antecede a viagem presidencial, e permanecerá até o último dia de Sarney em Moscou acumulou diárias de US$ 5.100 (cerca de Cz$ 2 milhões).

Para preparar a visita oficial e incrementar o comércio bilateral, que no ano passado alcançou a marca de US$ 450 milhões, o governo enviou um batalhão de funcionários públicos. Primeiro foi a missão precursora, com 30 pessoas, seguida de outra missão de cinco diplomatas, uma terceira denominada "escalão avançado", que arregimentou 62 privilegiados brasileiros empregados no governo federal. Alguns servidores participaram de mais de uma missão.

Dos US$ 1,5 milhão que Sarney e sua comitiva consumirão no Exterior pelo menos 30%, engordarão a caixa de hotéis, nas quatro cidades onde passarão — Paris, Lisboa, Moscou e Leningrado. Segundo cálculos de agências de viagens de Brasília, os hotéis que hospedarão Sarney e sua entourage cobram, em média, US$ 300 a diária (cerca de Cz$ 122 mil). "O menor custo é com a parte terrestre na União Soviética", informa um dono de agência de viagem em Brasília que vendeu vários "pacotes" a burocratas brasilienses. "Os comunistas cobram barato", brinca, no anonimato.

Sidney Carvalho/AE - 19/08/84

Villaça: sem função

Grandeza dos mais ricos é a inspiração

BRASÍLIA — Apesar de ser um país pobre, com uma dívida externa de US$ 130 bilhões e uma inflação de 25% ao mês, o Brasil se inspira no modelo francês — um país rico e desenvolvido — para organizar as viagens internacionais do presidente da República. Para a visita oficial de cinco dias à União Soviética, o presidente José Sarney leva mais de uma centena de assessores e aumenta as despesas do governo em milhões de cruzados, ao contrário, por exemplo, da prática adotada por um dos seus maiores credores, a República Federal da Alemanha.

Quando o presidente da Alemanha Ocidental faz uma viagem ao exterior, até mesmo aos distantes países da América Latina, participam de sua comitiva oficial, no máximo, 15 pessoas, entre ministros de Estado e assessores, e 20 funcionários.

Já as viagens do presidente da França a outros países têm as mesmas dimensões das viagens programadas pela chancelaria brasileira. A comitiva nunca tem menos de 200 pessoas. Os franceses têm a justificativa de que o presidente precisa de um forte esquema de segurança quando está fora do país, por causa dos grupos terroristas.

Sarney supera Strössner

REALI JÚNIOR
Correspondente

PARIS — Raras vezes a visita privada de um chefe de Estado a Paris foi acompanhada de tão numerosa comitiva como a efetuada neste último fim de semana pelo presidente José Sarney. Um jornalista, decano dos correspondentes estrangeiros na França, onde trabalha há 49 anos, lembra-se de que há cerca de dez anos cobriu para sua agência de notícias a visita privada do presidente Alfredo Stroessner, ditador do Paraguai, que desembarcou acompanhado de uma comitiva de 120 pessoas.

A do presidente José Sarney, oficialmente, era superior, integrada por 150 pessoas: ministros, diplomatas, funcionários e agentes de segurança ocuparam os 65 quartos e suítes reservados em cinco hotéis e circularam pelas ruas da capital francesa em 45 limousines com motoristas, especialmente alugadas para esse week end gastronômico. Isso tudo não passou de uma avant première do que será a viagem oficial, acertada para meados de fevereiro de 89, quando das comemorações do bicentenário da Revolução Francesa. Coincidentemente, os governantes de outros países que também costumam viajar com grandes comitivas representam duas das nações mais endividadas da América Latina e do mundo, México e Argentina.

A grande frustração dos viajantes foi que a chegada a Paris ocorreu no início da tarde de sábado, o que significou muito pouco tempo para compras. Uma sugestão chegou a ser feita, mas foi prontamente repelida pelos diplomatas. Pretendia-se solicitar a abertura, extraordinariamente, no domingo pela manhã, das famosas Galeries Lafayette para que os integrantes da comitiva pudessem fazer compras. Em todo caso, como se tratava de um fim de semana, o Banco do Brasil montou, no interior do Hotel Bristol, um ponto de troca de dinheiro para facilitar a vida dos membros da comitiva presidencial.

ENCONTRO INFORMAL

A passagem do presidente José Sarney pela França, mas esse foi o único aspecto válido dessa escala parisiense. Como se sabe, esse encontro inicialmente não estava previsto, mas, apesar de informal, foi o toque mais sério, ao lado da visita de cortesia (extremamente protocolar) do primeiro-ministro Michel Rocard, durante as 48 horas em que o presidente Sarney esteve na França.

A outra parte do programa foi unicamente festiva, desde a chegada ao pequeno município de Mirabeau, 750 habitantes, perdido na chamada França Profunda, onde nem mesmo um presidente da República da França jamais colocou os pés. Lá, o presidente Sarney virou "safra de vinho" (segundo os enólogos, de qualidade sofrível) e almoçou com alguns críticos literários que foram levados de Paris até o Clos de Mirabeau pelo editor francês de Norte das Águas, Jean-Claude Latès, do grupo Hachette. Até agora, apesar de o livro já ter sido lançado com título em francês, Au Delà Des Fleuves, os comentários dos críticos praticamente inexistem.

JANTAR COM EMPRESÁRIOS

Depois do almoço proven-

çal, o presidente José Sarney voou para Paris, onde o empresário francês, Jean-Luc Lagardère, presidente dos importantes grupos Hachette e Matra (mísseis, armas sofisticadas e telecomunicações) o aguardava para uma recepção black tie, num dos restaurantes mais conhecidos da cidade, citado pelos mais renomados guias gastronômicos da capital, Michelin e Gault-Millau, o Pre Catelan, dirigido por um dos melhores chefes da cozinha francesa, M. Lenotre.

Esse jantar, prestigiado pela presença do primeiro-ministro Michel Rocard e do ministro da Defesa, Jean-Pierre Chevenement, foi assistido também por empresários ligados ao comércio internacional de armas, entre eles o mais conhecido aqui na Europa, Simão Trabulsi, além do brasileiro Tony Mayrink Veiga.

Só um membro da comitiva oficial encontrou uma desculpa para não comparecer ao jantar do superempresário francês, o deputado comunista Roberto Freire. Ele não escondeu um certo constrangimento quando teve de comunicar a alguns amigos de Paris que se encontrava hospedado no Hotel Bristol, um dos mais luxuosos da capital, preferido dos banqueiros internacionais, onde a diária de um quarto custa o equivalente a US$ 400 (cerca de Cz$ 162 mil).

No domingo, na Embaixada do Brasil, após a gravação de uma entrevista com Bernard Pivot, crítico literário da televisão francesa, o presidente almoçou com cerca de 30 pessoas, intelectuais e brasileiros seus amigos, no mais discreto de seus programas parisienses. À noite, após o encontro com o seu colega François Mitterrand, ele compareceu a uma outra recepção, a quarta do fim de semana, na Avenue Foch (o ponto imobiliário mais caro da Europa), onde o governo brasileiro paga o aluguel do apartamento de seu delegado na Unesco, o escritor Josué Montello que distribuiu mais de 400 convites para comemorar a passagem por Paris do presidente brasileiro. Ontem, às 11 horas, o presidente José Sarney seguiu com sua comitiva para Moscou, já em visita oficial e de Estado. Lá, apenas o cardápio deverá ser diferente. Ao invés de feigras, trufas e champagne, muito provavelmente, Mikhail Gorbachev vai servir blinis, vodka e caviar.

AE-1/9/88

Freire: constrangimento

Desde 1949
Com abreu o mundo é seu.
O Grande Sonho Americano

EM ÔNIBUS EXCLUSIVO E COM A GARANTIA DA QUALIDADE E EXPERIÊNCIA DA AGÊNCIA MAIS ANTIGA DO MUNDO. VOCÊ TERÁ DUAS OPÇÕES DE ROTEIRO ATRAVÉS DO UNIVERSO DA FANTASIA E DA HISTÓRIA NORTE-AMERICANA.

Costa Leste
"Da História de George Washington à fantasia de Walt Disney".

★ 25 dias de Miami a New York incluindo Canadá.
SAÍDAS: Nov. 12 Dez. 03,17.
★ MIAMI - Suas praias, seus Shoppings.
★ ORLANDO - O Mundo da Fantasia de Disneyworld e da
★ SAVANNAH - A terra da eterna lembrança de "E o Vento Levou".
★ CHARLESTON - O berço da Noviera Americana. Raízes e Famílias.
★ NEW BERN - Todo o charme europeu com aquele toque Suíço na América.
★ WILLIAMSBURG - O resumo da história
★ FILADELFIA - O começo de tudo, o encontro da América de ontem e de hoje.
★ WASHINGTON - A Capitólio, seus famosos Museus.
★ NEW YORK - Mil e

TEMPO EM SÃO PAULO

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO DE MESQUITA NETO
DIRETOR RESPONSÁVEL

JULIO MESQUITA (1891-1927) JULIO DE MESQUITA FILHO (1927-1969) FRANCISCO MESQUITA (1927-1969)

Capital e Interior de S. Paulo — Cz$ 150,00 ANO 109 QUARTA-FEIRA, 19 DE OUTUBRO DE 1988 Nº 34.863 Domingo Cz$ 220,00 Assinatura Anual Cz$ 50.160,00

Greve em Brasília divide o governo

No sexto dia de greve, um terço dos funcionários federais de Brasília paralisou o trabalho ontem — 40 mil estão sem trabalhar em 13 ministérios e em 12 repartições. O presidente da República em exercício, Ulysses Guimarães, convocou os ministros da área econômica, no início da noite, para discutir que fazer com as reivindicações: 75% de aumento, pagamento da URP de maio e equiparação com os militares. A posição de Ulysses seria de diálogo com os grevistas, mas há quem se oponha. O ministro das Comunicações, Antonio Carlos Magalhães, que chegou a dar um tapa na mão de um grevista depois de receber a fumaça de um cigarro no rosto, garante que cortará o ponto e demitirá os contratados. A maior vitória da greve é no Banco do Brasil, com 135 mil funcionários de braços cruzados no País. O diretor de Recursos Humanos do BB, Mauricio Teixeira, diz que é um movimento político, para pressionar o Tribunal Superior do Trabalho a julgar logo o dissídio da categoria. Página 20

André Dusek/AE

Passeata de grevistas em Brasília, diante do Ministério da Fazenda: isolados pela polícia

Aureliano manda pagar aumento

O ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, determinou ontem a inclusão na folha de pagamento dos funcionários de uma gratificação de até 110% que ele havia acertado com o presidente José Sarney. "Não sou de brincar em serviço", alertou. Mas a Secretaria do Tesouro, por orientação do ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, liberará hoje a verba para pagamento de pessoal acrescida apenas da URP de 21,69%. Segundo um técnico da da Fazenda, se Aureliano remanejar verbas de seu Ministério para dar o aumento, terá de se explicar ao TCU. Página 22

Quércia tem grupo paramilitar

Um grupo paramilitar foi formado dentro do próprio Palácio dos Bandeirantes para reprimir manifestações oposicionistas, com violência, se necessário, em solenidades oficiais de que participe o governador Orestes Quércia e em comícios do candidato do PMDB à Prefeitura de São Paulo, João Leiva. Foi identificado ontem mais um integrante do grupo: Orlando Corrêa, vulgo **Tatu**. O primeiro integrante do grupo, Antônio Carlos dos Santos, o **Tarzã**, acusado de ter participado dos incidentes com metroviários em **Itaquera**, foi declarado "inocente" pelo governador. O acusado também negou ter se envolvido nas agressões. Página 8

CUT aceita discutir pacto com a Fiesp

Jair Meneguelli, presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), aceitou discutir o pacto social com os empresários amanhã, na Fiesp, mas avisou: "Se houver um único item dizendo que o trabalhador precisa ceder, a CUT está fora". O governo recebeu bem a informação, por considerar o pacto um dos últimos recursos contra a inflação. Página 22

Francês ganha Prêmio Nobel de Economia

O Prêmio Nobel de Economia foi concedido ontem pela primeira vez a um francês, o engenheiro Maurice Allais, de 77 anos. Ele escreveu, entre outros livros, "Fundamentos da Economia Moderna" e "Economia e Juro". Professor da Universidade de Paris, distinguiu-se por sua contribuição à teoria dos mercados. Página 22

USP paga mal e perde seus professores

O Instituto de Química da Universidade de São Paulo tem oito vagas de professor desde o começo do ano e não consegue contratar ninguém. Apesar do prestígio da USP, a situação se repete em quase todas as suas unidades e a explicação está nos baixos salários pagos pela universidade, que levaram 47 professores a pedir demissão este ano. Última página

Gorbachev oferece cooperação nuclear

O secretário-geral do PCUS, Mikhail Gorbachev, ofereceu ontem cooperação para o Brasil desenvolver tecnologias, "incluindo a síntese termonuclear". A notícia foi dada ao mesmo tempo em que o presidente José Sarney anunciou, em entrevista na Embaixada brasileira, a assinatura, hoje, de uma declaração de princípios normalizando as relações entre os dois países. Páginas 6 e 7

Sarney e Gorbachev no Cremlin: a normalização das relações diplomáticas com a URSS

Água de Lourdes pode ter mercúrio

O Serviço de Pesquisas Geológicas de Toulouse, na França, preparou um relatório confidencial, que acabou publicado, revelando que a água da gruta onde Santa Bernardete viu pela primeira vez a Virgem, em Lourdes, pode estar contaminada por mercúrio. A água é comprada há mais de 100 anos pelos romeiros que visitam o santuário. Página 11

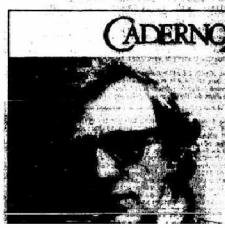
Metrô vai privatizar estações rodoviárias

A diretoria da Companhia do Metropolitano formalizará hoje a decisão de passar à iniciativa privada o terminal rodoviário do Tietê e a construção e operação comercial das rodoviárias da Barra Funda e da Penha. Os editais serão publicados até o final do mês no Diário Oficial do Estado. O secretário dos Negócios Metropolitanos, Luiz Carlos Santos, revelou ontem que a inauguração do terminal rodoviário da Barra Funda, marcada inicialmente para 5 de novembro, poderá ser adiada se os testes indicarem que ainda não há "confiabilidade" na linha. Página 12

Caixa-Forte

Terminou com a destituição de três diretores a última reunião do Conselho de Administração da Lacta. Os atingidos foram os representantes do acionista suíço-alemão da empresa, o grupo Jacobs Suchard. A facção partiu dos acionistas majoritários, liderados pelo ex-deputado Adhemar de Barros Filho. Página 34

CADERNO 2



Mia Farrow em *A Rosa Púrpura do Cairo*, de Woody Allen

Mia em novo filme de Woody Allen em Nova York. *A Another Woman*, história de Marion, professora que sacrifica a família pela carreira e se arrependе. Outra vez Allen tenta ser Ingmar Bergman e o resultado só é bom para Marion, interpretada por Gene Rowlands: ela resolve

Peronista sai como favorito à Casa Rosada

O candidato peronista às eleições presidenciais de 14 de maio na Argentina, Carlos Menem, está em ascensão eleitoral desde o início, prometendo aumentos salariais generalizados se for eleito. Menem é o mais forte concorrente à Casa Rosada, a sede do governo argentino. As pesquisas dão a ele vantagem de mais de 10% sobre o candidato governista, Eduardo Angeloz, e de 20% sobre o radical Fernando de la Rúa. Página 30

AGRÍCOLA

Os criadores de gado leiteiro se interessam cada vez mais pela raça Jersey. Os animais, apesar de produzir menos que seus concorrentes, não exigem tantos cuidados.

Seca causa êxodo rural em Marília

A seca que dura 150 dias leva boias-frias a migrar da região de Marília. Eles [illegible] Página 32

Notas e Informações

O Estado caminha lentamente para o seu fim. A ordem jurídica perdeu eficácia e o melhor símbolo é a ausência da Constituição na mesa do presidente da República. O País está sendo governado pelo "primeiro-ministro das crises", o general Ivan de Souza Mendes. Quando voltar de viagem, José Sarney hesitará entre a Constituição promulgada e a revogada dia 5. Ele poderá [illegible] Página 3

48 páginas

Mais o Suplemento Agrícola

Cidade 12
Classificados 30
Corrupção 5
Diplomacia ..... 6 e 7
Economia ..... 20 a 28
Educação 38
Esportes ..... 15 a 18
Fatos&Fotos 13
Interior 14
Internacional ..... 8 e 9
Meio Ambiente 12
Nacional ..... 11 e 13
Polícia 13
Política ..... 4 e 5
Saúde 10
Suas Contas 24
Tempo e Temperatura 16
Trabalho 26
Turfe 19

JORNAL DA ELDORADO
SEGUNDA A SÁBADO DAS 6:30 AS 9 HS.
Nova Eldorado AM 700 kHz
A Nova Eldorado AM está com a programação cheia de novidades. A começar pelo Jornal da Eldorado, o mais completo noticiário do rádio brasileiro.
Feito para pessoas maduras e conscientes da realidade.
Com a cara que sempre foi a sua. E prefere a qualidade Eldorado.
OPÇÃO PELA QUALIDADE

Brasil e URSS assinam acordo

Sarney e Gorbachev marcam hoje o início de novo relacionamento entre os dois países

ALUÍZIO MARANHÃO

MOSCOU — O presidente José Sarney reservou para uma rápida entrevista concedida na Embaixada brasileira o anúncio da surpresa diplomática da sua visita a Mikhail Gorbachev: o Brasil e a União Soviética assinam hoje uma declaração de princípios que eleva o nível e normaliza o relacionamento entre os dois países. Já com base nesse documento, firmado até agora pela União Soviética apenas com a Índia, Reino Unido e Egito, o ministro das Relações Exteriores, Abreu Sodré, comunicou ontem mesmo ao chanceler Eduard Shevardnadze que o Brasil se interessa pela tecnologia soviética de motores de foguetes e admitiu a troca de adidos militares.

Na entrevista na Embaixada, Sarney, ao relatar a reunião de 2 horas e 45 minutos com Mikhail Gorbachev, garantiu que sua viagem, do ponto de vista do Brasil, marca o fim de qualquer "roupagem ideológica" nas relações com a União Soviética.

Para Sarney, o mais importante dos 10 documentos a serem assinados hoje é o que recebe o nome pomposo de "declaração sobre os princípios da interação em prol da paz e da cooperação internacional". Segundo o presidente, o documento é resultado da *perestroika* e da transição democrática brasileira, "uma coincidência de processos". Na prática, esse acordo estabelecerá mecanismos automáticos de consultas bilaterais sobre qualquer temas internacionais. "Esse documento vai marcar o tipo de relação política da União Soviética com o Hemisfério Sul", ressaltou.

A idéia é ampliar a aproximação com a União Soviética "até as últimas possibilidades". Para o presidente, "isso significa que o Brasil alcançou um patamar no qual ele não impõe às suas relações internacionais qualquer carga ideológica e mostra que sistemas diferentes podem cooperar entre si".

Gorbachev e Sarney conversaram ainda sobre a *perestroika* — o presidente soviético fez um longo relato do seu programa de reformas — e trataram da paz mundial e da retribuição à visita do presidente brasileiro. "Disse-lhe que ficaria feliz se a visita pudesse ser feita ainda no meu mandato", explicou Sarney, que, porém, não quis adiantar a possível data da viagem, pois essa definição terá de passar por uma tramitação diplomática.

Hoje é o dia-mais importante da agenda da viagem do presidente Sarney à União Soviética, pois, ao fim de uma reunião na Sala de Catarina, no grande palácio de Cremlin, serão assinados os documentos políticos da visita. O encontro de ontem de Sodré com Shevardnadze serviu para que fossem repassados os pontos principais desses acordos.

RELAÇÕES COMERCIAIS

Durante o encontro, realizado na parte da manhã, o ministro Abreu Sodré disse ao chanceler Shevardnadze que há grandes chances de o Brasil importar equipamentos soviéticos para seus projetos de irrigação. Sodré reivindicou que os soviéticos não se limitem a exportar esses equipamentos, mas que também abram linhas de financiamento para esses projetos.

Outro assunto tratado pelos dois chanceleres foi a atuação conjunta de empresas brasileiras e soviéticas em mercados do Terceiro Mundo, como África e América do Sul. E, para demonstrar que a União Soviética quer transformar em iniciativas objetivas os princípios estabelecidos nos documentos que serão assinados hoje, Shevardnadze revelou a Sodré que o Ministério das Relações Exteriores da União Soviética preocupou-se em analisar a nova Constituição brasileira, pois acredita que está lançando as bases de um relacionamento que vai além do mandato do presidente Sarney.

Ao final do encontro com Shevardnadze, o ministro Abreu Sodré disse que o Brasil passa a ser um interlocutor privilegiado com a União Soviética em questões de política externa. "A partir de agora, serão feitas sistematicamente consultas bilaterais", disse.

Gorbachev recebe Sarney no Cremlin: uma nova fase nas relações entre os dois países

Na pauta, outros documentos

A "declaração de princípios" será o único documento que levará as assinaturas de José Sarney e Mikhail Gorbachev. Os demais serão rubricados pelos chanceleres Abreu Sodré e Eduard Shevardnadze. Um desses documentos será a ratificação do acordo cultural negociado em setembro do ano passado, em Brasília, por Shevardnadze. Esse acordo impedirá, por exemplo, que ocorram fatos desagradáveis como a proibição da tia do Saúle Bolsho ao Brasil, que aconteceu durante o governo Geisel.

Os dois chanceleres ratificarão também um acordo científico e tecnológico. Além disso, assinarão um documento específico que definirá as metas desse acordo para o biênio 89-90.

Como resultado da visita de Sarney a Moscou, entrará em vigor um acordo de cooperação econômica e comercial, acertado em setembro do ano passado. Ao mesmo tempo, o Brasil receberá sinal verde para instalar um consulado em Leningrado. Em contrapartida, a União Soviética receberá autorização para instalar um consulado no Rio.

Por fim, os chanceleres dos dois países criarão um sistema de financiamento recíproco para exportação e importação de máquinas e equipamentos. Ainda em conseqüência da visita de Sarney a Moscou, a agência de notícias estatal soviética Tass passará a prestar serviços ao Itamaraty.

O acordo Brasil-União Soviética permitirá que, em breve, as empresas aéreas Varig e Aeroflot operem em linhas comerciais entre os dois países. Atualmente, a Aeroflot tem permissão para fazer apenas dois pousos de manutenção em Salvador e Recife. Com isso, serão criadas facilidades para permitir maior intercâmbio turístico entre brasileiros e soviéticos.

Outros temas também poderão originar no futuro a assinatura de novos acordos complementares. Entre esses temas, estão a redução de armas nucleares e a defesa do meio ambiente. Em relação às armas convencionais, há boas perspectivas de entendimento. Quanto às armas químicas, porém, "as contradições persistem, embora existam avanços", segundo diplomatas soviéticos.

Um passeio pelo Cremlin

MOSCOU — O jornal *Pravda*, do Partido Comunista soviético, publicou ontem, na primeira página, um diálogo entre os presidentes Mikhail Gorbachev e José Sarney, durante passeio de ambos pelas dependências do Cremlin. Na praça das Catedrais, os dirigentes dos dois países foram saudados pelos delegados de um congresso médico da URSS, cujo primeiro dia de trabalho terminava naquela hora. É a seguinte a íntegra do diálogo:

Gorbachev — *Boa tarde, camaradas delegados. Dirigimos-nos à vocês para conversar um pouco.*

Uma voz — *É um prazer cumprimentá-los.*

Gorbachev — *Apresento-lhes o nosso convidado, o presidente do Brasil, José Sarney e sua esposa.*

Sarney — *Através de vocês gostaria de cumprimentar todo o povo soviético.*

Vozes — *Obrigado.*

Sarney — *Para nós é uma grande felicidade estar aqui com o líder mundialmente conhecido, senhor Gorbachov, que tanto trabalha em prol da paz.*

Gorbachev *responde, sorrindo — No nosso país agora não é costume dizer isso. No nosso país está mais na moda agora criticar. Mas ao comunista tudo é permitido. Camaradas, gostam do congresso?*

Voz — *Sim é um encontro construtivo e rico de conteúdo.*

Voz — *Já era tempo de realizá-lo, temos o que dizer nele.*

Gorbachev — *Então, querem dizer que falam de questões essenciais? Estes, senhor Sarney, são médicos. Em Moscou iniciou-se o congresso dos médicos, do qual participam médicos de todo o país. Mantivemos com o senhor presidente uma otima correspondência. Mas apenas hoje nos conhecemos pessoalmente, há poucos minutos, e sabem que a correspondência nos ajudou a fazer uma idéia de cada um e a apresentar um ao outro, tanto questões de política interna, como externa. Na sua presença, gostaria de saudar agora o senhor presidente e a sua esposa pelo fato de o senhor Sarney representar o progresso a que se assiste hoje em todas as esferas da vida do Brasil contemporâneo. Minhas congratulações ao senhor e aos cidadãos brasileiros pela promulgação da Constituição do Brasil. O Brasil é um grande País e um grande povo, a quem desejamos novos êxitos. Quanto ao resto, falaremos já sem a presença dos médicos (risos).*

Sarney — *Estou profundamente convicto que neste momento abrimos novos limites nas relações entre o Brasil e a União Soviética. A distância que separa os povos, às vezes, é uma espécie de tentação que propicia a aproximação. Somos passageiros de uma mesma nave, a Terra, que vos impulsionamente para o Universo.*

Gorbachev — *Sente-se imediatamente que à nossa frente está, não só o presidente, mas um dos notáveis escritores do Brasil (animação).*

Sarney — *E eu lhes trago a amizade do povo brasileiro.*

Gorbachev — *Aperto-lhe a mão, senhor Sarney.*

Sarney — *É precisamente esta amizade que eu queria transmitir-lhes na presença do seu presidente, senhor Gorbachev.*

Gorbachev — *Até logo, camaradas.*

Sarney — *Até logo.*

Gorbachev — *Esta é a praça das Catedrais.*

Sarney — *É uma beleza e dá uma sensação de espaço... e de história... Eu sempre digo no Brasil que as nações precisam, no mínimo, de três coisas: de historiadores para falar do passado; de nós, políticos, para falar do presente, e de poetas, para pensar e sonhar com o futuro.*

Gorbachev — *Aqui trabalha o bird político do CC do PCUS, o Presidium do Soviete Supremo da URSS e o governo. Aqui é o centro político do país.*

Sarney — *Senhor Gorbachev, muito obrigado por este passeio. Sentimos o gosto da história e a força do presente. Foi um grande prazer. Queria aproveitar a oportunidade para dizer que consideramos a visita à URSS muito importante. Autorizamos até a emissão de uma medalha especial sobre a visita à União Soviética. Queria entregar-lhe esta medalha com os cumprimentos nacionais da União Soviética e do Brasil.*

Gorbachev — *Foi uma idéia muito interessante, que se materializou de forma igualmente interessante. Obrigado, senhor presidente".*

Comitiva é orientada a não comprar demais

BRASÍLIA — Os integrantes da comitiva que acompanha o presidente Sarney a Moscou receberam instruções para serem moderados em suas compras no Exterior, para não sujeitar a comitiva presidencial a críticas que poderiam advir da natureza e do excesso de bagagem de regresso. Os convidados foram alertados de que as bagagens conduzidas nos aviões (presidencial e reserva) não deverão conter objetos adquiridos no Exterior em número ou espécie que não possam se caracterizar como material de uso pessoal ou pequenas lembranças de viagem.

A comitiva de Sarney a Paris, Moscou, Leningrado e Lisboa é formada por 66 pessoas, entre ministros, parlamentares, diplomatas, assessores, escritores, militares, empresários — muitos acompanhados de suas mulheres — e jornalistas. Não estão incluídos funcionários encarregados da segurança, o pessoal que procedeu a comitiva para organizar a visita e eventuais representantes da iniciativa privada que viajaram com recursos próprios. No total, a viagem presidencial ao Exterior mobilizou mais de 150 pessoas. Todos foram advertidos, também, que não poderão embarcar nos aviões oficiais pacotes, caixotes ou caixas, à exceção dos presentes oficiais e pelas autoridades estrangeiras.

Os integrantes da comitiva presidencial são os seguintes:

Comitiva oficial: ministro das Relações Exteriores, Roberto de Abreu Sodré; ministro da Marinha, Henrique Saboia; ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves; ministro da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves; ministro da Ciência e Tecnologia, Ralph Biasi; chefe do Gabinete Militar, Rubem Bayma Denys; senador Álvaro Pacheco (PFL-PI); — Senador Raimundo Lira (PMDB-PB); deputado Carlos Sant'anna (PMDB-BA); deputado Ibsen Pinheiro (PMDB-RS); deputado José Lourenço (PFL-BA); deputado Roberto Freire (PCB-PE); embaixador Ronaldo Sardenberg, atual embaixador do Brasil em Moscou; embaixador Paulo Pires do Rio; embaixador Luis Felipe Lampréia; embaixador Gilberto Coutinho Paranhos Velloso; embaixador Luis Felipe de Seixas Corrêa; e o diretor da Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (Cacex), Namir Salek.

Convidados especiais: as mulheres dos ministros da Marinha e do Exército; a embaixatriz brasileira em Moscou; a mulher do ministro das Relações Exteriores; o embaixador Josué Montelo e mulher; proprietário do Grupo Manchete, Adolph Bloch, e mulher; escritor Jorge Amado e mulher; o empresário José Cutrale; Eliezer Batista da Silva; Herberto Salles; Giovanni Belloti e mulher; Mathias Machline; o pianista Arthur Moreira Lima; e o jornalista Evandro Carlos de Andrade, diretor de redação do jornal **O Globo**.

Ministério das Relações Exteriores: ministro Francisco Junqueira; ministro Osmar Vladimir Chiffi; ministro Rui Nogueira; ministro Athemar Bahadian; conselheiro Cristiano Whitaker; conselheiro Roberto Soares de Oliveira; conselheiro Sérgio Moreira Lima; e conselheiro Eduardo dos Santos.

Ministério da Marinha: capitão-tenente Paulo Vinicius Correia Rodrigues Júnior.

Ministério do Exército: coronel Ivan de Mendonça Bastos.

Gabinete pessoal do presidente da República: ministro Júlio César Gomes dos Santos; Cláudio Pádua Macieira (médico e irmão da primeira-dama, Marly); Joaquim Campelo Marques; Virgílio Pereira da Silva Costa; Napoleão Pires Salúcia; Paloma, Jorge Amado Costa (filha de Jorge Amado); major Ivo Espínola Bastos, ajudante-de-ordens; Walinda Carvalho de Oliveira; Cantidia Cardoso Alves; e Ronaldo Augusto Furtado Costa.

Gabinete Militar: coronel-aviador José Salazar Primo; coronel Expedito Hermes Rego Miranda; e coronel Pedro Augusto da Silva Neto.

Gabinete Civil: jornalista Carlos Henrique de Almeida Santos, porta-voz do presidente; e Gervásio Carlos Baptista.

Diretoria Administrativa: coronel Messias Dias de Araújo Júnior.

Outros convidados: João Jorge Amado (filho de Jorge Amado); Pedro Pereira da S. Costa (genro de Jorge Amado); Fernando José Macieira Sarney (filho de Sarney); Carlos Alberto Machline (filho de Mathias Machline); e a jornalista Beatriz Helena Monteiro da Silva Thielmann, da TV Globo.

Nem todos completarão integralmente o roteiro da viagem presidencial. O ministro Ralph Biasi e o diretor da Cacex, Namir Salek, por exemplo, incorporaram-se à comitiva em Paris; o escritor Jorge Amado e sua mulher passaram a integrar a comitiva em Marselha e se afastam em Leningrado; o pianista Arthur Moreira Lima só acompanhará o presidente Sarney na União Soviética. O médico Cláudio Macieira, os diplomatas Cristiano Whitakar, Roberto Soares de Oliveira e Sérgio Moreira Lima, os assessores Joaquim Campelo e Paloma Jorge Amado Costa, e o coronel Pedro Augusto da Silva Neto viajaram para a Europa antes do presidente, no dia 7, junto com o "escalão avançado".

O ministro do Tribunal de Contas da União, Marcos Villaça, não consta das listas de convidados, mas seu nome e o de sua mulher estão relacionados entre os participantes do jantar realizado no restaurante Pre Catelan, em Paris, e da recepção que será oferecida ao presidente da República no Palácio de Queluz, em Lisboa, dia 22.

PEQUENOS ANUNCIOS 36-2351

Cartões de Natal
Faça uma criança sorrir, comprando os cartões de natal da A.A.C.D. - Associação de Assistência à Criança Defeituosa, ótima qualidade e bom preço.
LIGUE PARA AACD (011) 549-2155 e

Financiamentos Repasses São problemas TTAPLAN resolve

Construtoras Para Financiamentos Repasses

JORNALISTA
ODON PEREIRA
VEREADOR 88
14.647 - PTB
Os impostos municipais pagos por um paulistano, no ano que vem, serão suficientes apenas para financiar 3 meses de despesas de uma criança numa creche da Prefeitura. Mas o paulistano já está pagando impostos acima de sua capacidade. Solução: a Prefeitura precisa participar das receitas federais e estaduais geradas na Cidade. O dinheiro de São Paulo existe, mas é confiscado pela União.

4 DORMS. (2 SUÍTES) - 3 GARAGENS
NO PONTO MAIS ALTO E NOBRE DO MORUMBI.
Acabamento de excelente qualidade. 3.300 m² de área livre e de lazer com piscina para adulto e infantil, sauna, salão de jogos e de festas. No sub-solo, depósito individual e car-wash.
Preço da fração de terreno sem reposição, abaixo do custo: apenas 4.410 OTNS e construção com 60% financiada em 10 anos, após entrega das chaves.
Incorporação e Construção VENTURA
Vendas Raymundo

QUARTA-FEIRA, 19 DE OUTUBRO DE 1988 — Diplomacia — O ESTADO DE S. PAULO — 7

Gorbachev propõe colaboração nuclear

O presidente soviético propõe também ao Brasil intercâmbio tecnológico e industrial

MOSCOU — No jantar que ofereceu no Cremlin à comitiva oficial brasileira, o presidente Mikhail Gorbachev abriu amplas possibilidades de intercâmbio entre os países, mesmo em áreas sensíveis como a nuclear. "A URSS está pronta para cooperar no desenvolvimento de tecnologias modernas, na busca de novas fontes de energia, inclusive da aniquilação termonuclear", afirmou em seu discurso. Gorbachev não deixou também de elogiar a transição democrática, "um fator poderoso da tendência geral de toda a América Latina nos últimos anos". Segundo o líder soviético, "um decisivo não que o povo chileno disse à ditadura é uma expressão eloqüente dessa tendência".

Sarney, que horas antes participara da cerimônia diante do Túmulo do Soldado Desconhecido, nas dependências do Cremlin, e recebera o título de doutor-honoris-causa da Universidade de Moscou, respondeu ao dirigente soviético sobre a idéia de aproximação dos países: "Desejamos manter com a grande nação soviética um relacionamento amplo, fecundo e mutuamente proveitoso. Sem preconceitos. Sem reservas mentais".

Mais adiante, Sarney retribuiu a referência à redemocratização brasileira afirmando que "com o novo modo de pensar, expressão diplomática da política da perestroika e glasnost, a União Soviética presta apreciável e substantiva contribuição ao esforço da reorganização da ordem internacional".

Sobre a visita, Gorbachev disse que ela tem "um significado internacional, inserindo-se no contexto de grandes acontecimentos que determinam o momento crucial do desenvolvimento mundial". O presidente soviético repassou os avanços conseguidos ultimamente no esforço pela paz mundial.

COOPERAÇÃO

Em seu discurso, o presidente soviético referiu também às perspectivas existentes para o desenvolvimento das relações e da cooperação entre o Brasil e a União Soviética, cujas possibilidades, segundo Gorbachev, "são ilimitadas". Referiu-se à criação de empresas mistas e citou como exemplo de colaboração futura o intercâmbio de moderna tecnologia, cooperação industrial e fornecimento de alimentos.

Sarney considerou altamente positivo o interesse soviético de aproximação com o processo econômico mundial, com participação direta em convênios e organismos que regulam o comércio mundial. Sarney elogiou, também, os esforços realizados nos últimos anos para incrementar as relações entre a União Soviética e o Brasil, "baseados nos princípios de igualdade soberana e respeito mútuo".

Em encontro posterior com a imprensa, Sarney disse que Gorbachev aceitou o convite para visitar o Brasil porque "é um dos seus sonhos".

Hoje, o presidente Sarney participará de reunião de trabalho com Gorbachev, almoçará com empresários brasileiros, visitará o Centro Yuri Gagarin e dará entrevista coletiva no centro de imprensa de Moscou.

No Cremlin, Sarney acompanha a solenidade: homenagem ao Soldado Desconhecido

"Estamos superando as desconfianças"

Esta é a íntegra do discurso do presidente José Sarney no jantar oferecido ontem pelo presidente Mikhail Gorbachev:

"Minha saudação calorosa a v. exa. senhor presidente Mikhail Gorbachev, aos dirigentes soviéticos e ao governo que nos recebe com tantas e tão generosas provas de amizade e simpatia.

Esta é a oportunidade que tenho, através de v. exa., para expressar, em meu nome e do povo brasileiro, a todo o povo soviético a homenagem e o profundo sentimento de admiração que temos por este país. Tudo que aqui acontece tem reflexos na política mundial. Nós acompanhamos os esforços que ora se realizam, as mudanças, as buscas de caminhos para, com coerência, renovar-se com firmeza de convicções, acompanhar os tempos e, com olhos de futuro, ver as lições do passado.

A União Soviética tem uma rica história, nós, povos mais novos, emergentes da aventura e descoberta dos grandes navegadores dos séculos XV e XVI, temos uma fascinação indagadora e permanente pelos países que começaram a aventura do homem, a caminho da formação das nações e dos estados. Quando o Brasil foi descoberto, já em Moscou, há mais de 350 anos, se cruzavam culturas.

Chego a esta bela capital com o sentimento — ao ser o primeiro chefe de Estado do meu País a visitar a União Soviética — de quem abre novas fronteiras, históricas fronteiras, em nosso relacionamento.

Em 150 anos de nação independente, o Brasil conseguiu ser o primeiro grande país industrializado abaixo do Equador, a ativa economia e o terceiro maior saldo comercial do mundo ocidental. Somos um País amante da paz. Temos fronteira com dez países, sem conflitos, numa das regiões mais desarmadas da terra. Dispomos de um território de cerca de 8.500.000 Km², no qual estão situadas 30% das reservas florestais do mundo. Nele vive uma população de 140 milhões de habitantes, em uma democracia racial que muito nos orgulha. Somos o terceiro país de população negra no mundo. Fomos capazes, ao longo de nossa História, de manter a unidade dentro da diversidade.

Temos, assim, muitas identidades com a União Soviética e buscamos ocupar o nosso espaço no contexto internacional, no qual desejamos contribuir para a construção de um mundo melhor.

Sei do esforço extraordinário de v. exa., senhor presidente Gorbachev, para o aperfeiçoamento das relações internacionais. Para a criação de um novo modo de pensar problemas, barro do trabalho dos estadistas do mundo inteiro.

Homem de larga experiência e projeção política — estadista internacionalmente reconhecido —, o exa. tem-se distinguido na tarefa da construção de mundo em que vivemos.

Desejaria hoje, muito especialmente, renovar as felicitações que lhe dirigi por ocasião de sua recente eleição para as altas funções de presidente do Presídium do Soviete Supremo.

Nestes últimos anos, v. exa. tem promovido não só uma impressionante e arrojada política de reconstrução em seu país — o que tornou a perestroika conhecida em todo o mundo —, mas também tem dado indiscutíveis provas de criatividade no plano internacional.

Sob sua liderança, a União Soviética vem apresentando propostas visando à construção da paz, à renovação da ordem internacional e à solução das controvérsias entre os estados, que constituem uma das mais belas mostras da política contemporânea.

Sob o ângulo de nossas relações bilaterais, v. exa. vem igualmente contribuindo para impulsionar com decisão o processo de interação política entre os nossos países, tema das correspondências que temos mantido.

Suas opiniões, senhor presidente, nos são especialmente gratas e valiosas.

Nossas relações ganharam novo formato. Amplos espaços foram criados para o diálogo e a cooperação.

Muito trabalhamos, nos últimos anos, para atualizar os vínculos bilaterais, a base dos princípios da igualdade soberana e do respeito mútuo.

O progresso alcançado é fruto não apenas das atuais condições internacionais, mas sobretudo das importantes transformações políticas que se operam nos dois países e da nossa vontade deliberada de aproximação.

Com a troca de visitas entre o chanceler brasileiro e o ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS alcançamos um patamar mutuamente satisfatório de relacionamento.

Minha visita oficial à União Soviética reflete a lógica das aspirações de paz, dos interesses compartilhados e da busca de benefícios recíprocos.

Por longo tempo, porém, a História nos afastou. Assim determinaram as circunstâncias políticas sem um e outro país, como também as realidades de um mundo dominado por tensões e radicalismos ideológicos.

Este mundo, senhor presidente, está acabando. Nos damos conta da irracionalidade de uma confrontação que jamais poderá ter vencedores. Estamos superando os temores, as desconfianças que empobreceram por tanto tempo o panorama internacional, reduziram os espaços de cooperação e condenaram o mundo a riscos inaceitáveis.

Novas realidades, novas mentalidades, parecem ponto a ponto prevalecer.

Ventos de mudança sopram no mundo.

O Brasil, na plenitude de sua vontade democrática, está preparado para desempenhar o papel que lhe compete nestes novos tempos. Confiamos com afinco e determinação o nosso futuro. Lutamos com muitas dificuldades. Anima-nos, porém, um propósito inabalável: o de construir para uma sociedade justa e próspera.

Somos um país aberto ao diálogo e à cooperação com todos os estados. Nossas relações perdem as rouquenas ideológicas.

Desejamos manter com a grande nação soviética um relacionamento amplo, fecundo e mutuamente proveitoso. Sem preconceitos. Sem reservas mentais.

No plano político, são vastas e importantes as áreas em que podemos cooperar. Em nossas respectivas capacidades, creio que nossa contribuição para a paz e a segurança será tanto mais revigorada, quanto maior for o grau de conhecimento e apreciação recíproca.

No âmbito econômico comercial, são também amplamente promissoras as possibilidades de expansão e inovação.

Vamos identificar e explorar ativamente as possibilidades de formação de joint ventures e outras iniciativas conjuntas de grande porte, no Brasil, na URSS e em terceiros países.

Vamos diversificar a pauta do intercâmbio bilateral, de modo a enriquecê-la, com maior presença de bens de capital, de produtos manufaturados, de consumo de massa e de uma vasta gama de serviços.

O acordo sobre programa a longo prazo de cooperação econômica, comercial, científica e tecnológica, de 1997, e outros instrumentos firmados por nossos dois países constituem passo significativo nesse caminho.

Precisamos agilizar nosso intercâmbio cultural. Que nossos povos se conheçam melhor, através do mundo fantástico e universal das letras e das artes, da ciência e da tecnologia. Temos acervos humanos e culturais para ampliar o melhor conhecimento de nossas realidades.

Desde o acordo básico que assinamos em 1961, pudemos realizar progressos concretos nesse dinâmico setor.

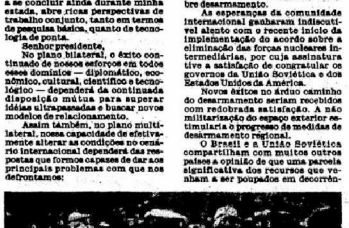
Agora, ambas as partes estão preparadas para adotar novas iniciativas.

O acordo sobre cooperação no campo de pesquisa espacial e da utilização do espaço para fins pacíficos, a ser concluir ainda durante minha estada, abre ricas perspectivas de trabalho conjunto, tanto em termos de pesquisa básica, quanto de tecnologia de ponta.

Senhor presidente,

No plano bilateral, o êxito continuado de nossos esforços em todos esses domínios — diplomático, econômico, cultural, científico e tecnológico — dependerá da constante disposição mútua para superar idéias ultrapassadas e buscar novos modelos de relacionamento.

Assim também, no plano multilateral, nossa capacidade de efetivamente alterar as condições no cenário internacional dependerá das respostas que formos capazes de dar aos principais problemas com que nos defrontamos:



— O desarmamento, especialmente nuclear;

— A autodeterminação dos povos;

— O combate à fome e à miséria;

— O direito de todos os países ao desenvolvimento econômico e ao bem-estar de seus povos;

— Proteção dos direitos da pessoa humana;

— A aplicação dos frutos da revolução científico-tecnológica para o desenvolvimento;

— A necessidade de proteção e utilização racional do meio ambiente.

Os países que, como o Brasil, lutam cotidianamente por seu desenvolvimento, não desejam omitir-se nestas questões.

Pelo contrário, dão-se conta da magna importância de cada uma delas e aspiram a que a reorganização da estrutura mundial facilite a mobilização da cooperação internacional para encaminhá-las ou resolvê-las.

Os países em desenvolvimento — o Terceiro Mundo — não desejam ser apenas testemunhas da História, a recolher vistas alentadoras conforme o balanço dos interesses estratégicos ou econômicos que se processem no cenário mundial. Pretendem ser parte do conceito global da segurança e da paz. As tensões que predominantemente se processam em nossa geografia, muitas vezes tem raízes em causas que extrapolam nossos já difíceis problemas.

Vislumbramos nas idéias de perestroika uma compreensão para esses fatos.

Novos conceitos e novas atitudes se fazem imprescindíveis.

São diferenciadas as responsabilidades e as posições internacionais adotadas pelos nossos dois países. Orientamo-nos igualmente, porem, pelo princípio de que todos os Estados, independentemente de seus regimes sócio-econômicos e dos respectivos estágios de desenvolvimento econômico e poder relativo, têm a obrigação de contribuir para a causa da paz e do fortalecimento da segurança internacional.

A paz que desejamos não pode limitar-se à ausência da guerra, nem circunscrever-se ao abrandamento parcial de tensões.

A paz transcende o campo da segurança estratégica e militar.

Ela não pode conviver com a fome, a pobreza e o retardamento econômico de uma parcela substancial da humanidade.

Para ser efetiva, a paz depende tanto do desarmamento geral das nações e dos espíritos, quanto de uma ordem econômica internacional mais justa e equânime.

A paz deve assegurar a preservação da civilização, respeitar a soberania dos estados e responder aos reclamos de justiça e bem-estar dos povos.

Com o novo modo de pensar — expressão diplomática da política de perestroika e glasnost —, a União Soviética presta apreciável e substantiva contribuição ao esforço de reorganização da ordem internacional.

A proposta soviética apresentada nas Nações Unidas quanto ao estabelecimento de um sistema abrangente de paz e de segurança internacional tem o mérito de relançar, no plano multilateral, o exame das questões básicas da vida internacional.

Sou-me o Brasil a opinião de que as Nações Unidas devem ocupar posição central nas negociações sobre desarmamento.

As esperanças da comunidade internacional ganharam indiscutível alento com a recente início da implementação do acordo sobre a eliminação das forças nucleares Intermediárias, por cuja assinatura tive a satisfação de congratular os governos da União Soviética e dos Estados Unidos da América.

Novos êxitos no árduo caminho do desarmamento seriam recebidos com redobrada satisfação. A não militarização do espaço exterior estimularia o progresso de medidas de desarmamento regional.

O Brasil e a União Soviética compartilham com muitos outros países a opinião de que uma parcela significativa dos recursos que vierem a ser poupados em decorrência das medidas de desarmamento deve ser empregada na solução dos problemas econômicos e sociais que afligem a humanidade, em particular as nações em desenvolvimento.

No Atlântico Sul — região com identidade específica da qual o Brasil faz parte —, os países da América Latina e da África querem concentrar-se na tarefa de promoção do seu desenvolvimento e na cooperação econômica, em condições de paz e segurança.

Estão atentas as nações sul-atlânticas à importância de que as medidas de desarmamento não levem a um processo de redistribuição geográfica das armas nucleares.

Na implementação da zona de paz e de cooperação do Atlântico Sul, desejamos contar com a colaboração positiva de todos os países para manter a região livre de armas nucleares, assim como de tensões, rivalidades e forças militares e a ela alheias.

Verificamos com interesse que, nos últimos anos, a atenção da diplomacia soviética e dos mais altos dirigentes deste país tem-se dirigido crescentemente para as relações relativas à América Latina.

A segurança política e a segurança econômica correspondem às duas faces da mesma moeda e entre esses dois conceitos não pode haver hierarquizações.

Não se poderia imaginar uma economia mundial que integrasse produtivamente países de todos os quadrantes e que, ao mesmo tempo, consagrasse os presentes desequilíbrios, discriminações e injustiças.

Queremos um grave impacto econômico mundial, como o terrível ônus que representa para os países em desenvolvimento a amortização de suas dívidas externas, devem merecer a atenção urgente da comunidade internacional como um todo.

Igualmente preocupantes são questões como a transferência internacional das políticas de protecionismo comercial ou de outras formas de restrição ao comércio.

Nesse sentido, considero positivo para todos os parceiros o interesse da União Soviética em associar-se mais proximamente ao processo econômico mundial, inclusive participando de forma direta nos acordos e organismos que regulam o comércio internacional.

A cada dia, a globalização das relações internacionais ganha novas dimensões e assume contornos mais nítidos.

Redefinem-se de modo dramático os termos do relacionamento Leste-Oeste. Novos agrupamentos econômicos se tornam realidades práticas. Tomam singular ímpeto as interações econômicas e financeiras. Significativamente, porém, pouco ou nada avança o diálogo norte-sul.

No quadro internacional que estamos construindo, seguramente haverá espaços para o reforço criativo da dimensão das relações políticas e econômicas entre os países do Leste e do Sul.

E, pois, mais do que razoável que, no seu próprio interesse, esses países unam esforços para promover a modernização acelerada de seu relacionamento político-econômico.

E hora de fomentarmos o diálogo político em pé de igualdade, identificarmos oportunidades de complementação e delinearmos formas de aproximação estáveis, maduras e construtivas.

Está aberta uma oportunidade privilegiada para a expansão e o aprofundamento ordenado de nossos laços de amizade, tanto quanto fulcro a Relação de Estado a Estado.

Chegamos a etapa criativa em que o Brasil e a União Soviética se reconhecem como interlocutores válidos e suas lideranças políticas se dispõem a negociar livre e mutuamente para interesses e aspirações fundamentais.

Temos à nossa frente um caminho fértil e rico em possibilidades. Dependerá de nós mesmos, de nossas vontades soberanas, a decisão de percorrê-lo.

O destino está em nossas mãos. E hora de construí-lo com perseverança.

Vivemos num mundo transparente. Somos todos passageiros da grande aventura do homem na face da terra. A diversidade de costumes, de regimes, de raças, de religiões deve despertar em todos o desejo de nos conhecermos e não de separarmos.

Senhor presidente,

Trago a amizade do povo brasileiro ao povo soviético.

Trago mensagens e sentimentos de grande admiração e reconhecimento pela obra que realiza e que o coloca na vanguarda das grandes construtores da História, política contemporânea.

Com estas palavras e nesse espírito, desejaria convidar todos os presentes a erguerem suas taças pela paz universal e entendimento entre as nações, pela felicidade pessoal de todos os brasileiros e soviéticos, pela prosperidade do povo so-

Em Lisboa, reforma ainda não terminou

EDUARDO TESSLER

LISBOA — O presidente José Sarney chega depois de amanhã a Lisboa e passa o fim de semana na capital portuguesa, em visita de caráter privado. A única atividade oficial do presidente será a inauguração da nova Embaixada do Brasil, agora instalada na luxuosa Quinta das Mil Flores. José Sarney jantará duas vezes com o presidente de Portugal, Mário Soares, e fará ainda uma visita ao Grêmio Literário de Lisboa.

As 19 horas de sexta, Sarney desembarcará na base militar vindo de Moscou. À noite, com Marly, jantará no Palácio de Belém com Mário Soares e mulher. No sábado, às 11h30, inaugurará a nova Embaixada brasileira e, em seguida, almoçará com o embaixador Alberto Costa e Silva. O jantar será oferecido pelo governo português no Palácio de Queluz. Domingo, depois do almoço no Grêmio Literário, o presidente embarcará às 17 horas de volta a Brasília.

A comitiva oficial é composta por 18 membros, desde os ministros das Relações Exteriores, da Marinha, do Exército, Indústria e Comércio e Ciência e Tecnologia, até deputados como José Lourenço e Roberto Freire. Seguem também os convidados especiais Josué Montello, Adolpho Bloch e Mathias Machline, entre outros, no total de 11.

O mais importante da visita do presidente Sarney é a inauguração da Embaixada brasileira. A Quinta das Mil Flores é um prédio do século XVII, parcialmente destruído pelo terremoto de 1755 e recuperado cinco anos depois. Depois de passar pelas mãos de fidalgos, o prédio foi adquirido pelo governo português em 1979, para abrigar o Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Porém, lá só funcionou o Centro de Informações Científicas e Técnicas da Reforma Administrativa. O governo brasileiro comprou a quinta no ano passado e as reformas continuam.

Mais de 50 operários trabalham na reforma do novo prédio da Embaixada Brasileira em Portugal. Os funcionários já estão nas instalações, mas nem as linhas telefônicas funcionam ainda. Cercado por um pequeno bosque, o prédio, que também abrigará o Centro de Estudos Brasileiros em Lisboa, é cor-de-rosa, com um jardim interno decorado com azulejos, estátuas e plantas. No interior, há ainda uma capela.

O presidente José Sarney terá um encontro bem ao seu gosto. No domingo, almoçará com convidados, ligados ao meio intelectual, na sede do Grêmio Literário. Não está previsto, porém, nenhum encontro com o primeiro-ministro Cavaco Silva. Assim, é de prever que nenhum negócio seja fechado, apesar da enorme comitiva.

O QUE VOCÊ VAI LER ESTE MÊS NA REVISTA

ELLE

ESPECIAL GUIA DE BOAS PARCERIAS
Emagreça sem sofrer com as dicas de ELLE

3 regimes sob medida

4 atividades para queimar calorias

62 quilos a menos

6 melhores receitas dos SPAS

19 utensílios da cozinha leve

25 casas da boa forma

24 produtos para manter a forma

LUIZA BRUNET
Uma nova mulher de negócios

KEVIN COSTNER
Herói dos anos 90

LADY HEPBURN
Ela dá um banho de elegância vestindo Givenchy

O REI DO BESTEIROL
Miguel Falabella, o mago do riso

O CINEMA É A MULHER
Confissões do cineasta Federico Fellini

LAUREN ENTRE NÓS
Depois de ditar o estilo dos americanos, ele chega ao Brasil

SHOPPING A DOIS
Comece já suas compras de Natal e confira as sugestões de ELLE

DECIDA-SE!
Veja as fórmulas de ELLE para um verão transado e bem-humorado

CLARÃO NA SELVA
E a Malásia, cheia de contrastes e curiosidades

AMADO OU ODIADO?
Leia o que diz Walter Avancini, em entrevista

FICHA-TRIGO
Uma minibiusa de verão

FICHA-COZINHA
Quatro receitas para usar e colecionar

Nas bancas

O SEU ESTILO DE REVISTA

TEMPO EM SÃO PAULO

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO DE MESQUITA NETO
DIRETOR RESPONSÁVEL

JULIO MESQUITA (1891-1927) JULIO DE MESQUITA FILHO (1927-1969) FRANCISCO MESQUITA (1927-1969)

Capital e Interior de S. Paulo — Cz$ 150,00 ANO 109 QUINTA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO DE 1988 Nº 34.664 Domingo Cz$ 220,00 Assinatura Anual Cz$ 50.160,00

O físico Leon Lederman, Nobel de 1988, repete uma brincadeira de Einstein e mostra a língua

Greve aumenta e governo negocia

Funcionários civis da Aeronáutica e do Exército aderiram ontem à paralisação dos servidores, em Brasília, aumentando para 16 o número de ministérios atingidos pelo movimento. O governo, que estava disposto a punir os grevistas, recuou ontem. O presidente da República em exercício, Ulysses Guimarães, convenceu o ministro da Administração, Aluizio Alves, a receber o comando de greve e a criar uma comissão, com quatro representantes dos servidores e dois da União, para uma negociação. O presidente do Banco do Brasil, Mário Berard, porém, não quer ceder. Ele esperará o julgamento do dissídio. Página 34

STF rejeita pedido para tabelar juros

O Supremo Tribunal Federal negou ontem a medida cautelar pedida pelo deputado Vivaldo Barbosa (PDT-RJ) contra o parecer do consultor-geral da República, Saulo Ramos, que autorizou o Banco Central e as instituições financeiras a cobrar juros acima dos 12% fixados pela Constituição. Página 33

Aumento de deputado não vai a votação

O projeto do deputado Jorge Arbage (PDS-PA) que aumenta os subsídios dos parlamentares para compensar a cobrança de Imposto de Renda, a exemplo do ocorrido com os militares, não foi votado ontem. Eles receberão este mês Cz$1,8 milhão, Cz$800 mil a menos do que antes, perdidos para o Fisco. Página 9

Brasil procura se aproximar mais da URSS

Os presidentes José Sarney e Mikhail Gorbachev assinaram ontem uma declaração que aproxima o Brasil da União Soviética e redefine a posição brasileira em relação aos Estados Unidos. Para o chanceler Abreu Sodré, "o País não tem por que ficar eternamente ligado aos americanos." Página 4

Sai o Prêmio Nobel de Química e Física

A Real Academia Sueca de Ciências divulgou ontem os nomes dos ganhadores do Prêmio Nobel de Química e Física. Os alemães ocidentais Johan Deisenhofer, Robert Huber e Hartmut Mitchel, que decifraram a reação da fotossíntese, responsável pela vida, ficaram com o de Química. O de Física será entregue aos norte-americanos Leon Lederman, Melvin Schwartz e Jack Steinberger, pela realização de estudos que ajudaram a desvendar a estrutura básica da matéria. Lederman, do Laboratório Enrico Fermi, de Batavia, Illinois, preferiu imitar outro físico famoso, Albert Einstein e mostrar a língua aos repórteres, comemorando o prêmio. Página 23

Ação de Roma discutida por bispos no Embu

Trinta bispos de todo o País reuniram-se ontem no Embu. No encontro, previsto para durar dia 21, discutirão como lidar com a Cúria romana, que tenta [illegible] ação da ala considerada "progressista". O arcebispo de João Pessoa, dom José Maria Pires, negou ter sido advertido pela Congregação dos Bispos. Página 10

Amigo de Quércia comanda agressores

O chefe do grupo criado pelo governador Orestes Quércia para reprimir manifestações oposicionistas em comícios do candidato à prefeitura [illegible], João Leiva, e em solenidades oficiais é o subsecretário do governo para assuntos do interior, Douglas Aguilar. O quartel-general do grupo funciona na própria subsecretaria, [illegible] do Palácio dos Bandeirantes, a 20 metros do gabinete de Quércia. Segundo testemunhas oculares, Aguilar - um velho amigo do governador, a quem conhece desde os tempos de prefeito em Campinas - comandou pessoalmente as agressões a funcionários estaduais na estação do metrô em Itaquera. Página 8

Aparecido recua e anula as suas 200 nomeações

As duzentas nomeações feitas no Ministério da Cultura um dia antes de ser promulgada a Constituição foram anuladas pelo ministro José Aparecido. Ele demitiu ontem o presidente da Fundação Pró-Memória, Oswaldo José da Campos Meio, e pode fazer o mesmo com o secretário-geral do ministério, Joaquim Salles de Oliveira Itapary Filho. Página 3

Atentado que mudou EUA é desvendado

O motorista de ônibus Gary Tucker, com câncer, confessou ter praticado o atentado contra a igreja de Birmingham, EUA, em 1963, no qual morreram quatro crianças negras. Esse foi o estopim da luta pelos direitos civis que mudou a história do país. Página 19

Acidentes de avião matam 164 na Índia

Dois aviões caíram ontem na Índia, matando 164 pessoas. Um Boeing 737, com 135 ocupantes, incendiou-se pouco antes do pouso, em Ahmadabad. Apenas cinco passageiros sobreviveram. Em Gauhati, um Fokker chocou-se com uma montanha, matando os 34 ocupantes. Página 19

Suvar sai vencedor na crise iugoslava

O líder sérvio Slobodan Milosevic, figura central da atual crise iugoslava, foi derrotado ontem na reunião do PC pelo líder do partido, Stipe Suvar. O expurgo dos milosevic esperava acabou não acontecendo e o único dirigente afastado do poder era seu [illegible]

A luta para salvar quatro soterrados

Índios quase param para recuperar terra

Para se livrar de invasores, os índios guajajaras, do Maranhão, quase fizeram um acordo com a Funai: doar Cz$ 125 milhões que a Eletronorte pagará, por instalar linhões na reserva, para o governo indenizar os posseiros. Mas os índios descobriram, ao examinar o documento, que a assinatura do presidente da Funai, Iris de Oliveira, não confere em cartório. Página 33

Antropólogo descobre os últimos caipiras

O triângulo formado pelas cidades de São Luís do Paraitinga, Natividade da Serra e Cunha, no Vale do Paraíba, é uma região perdida no tempo, pobre e sem indústrias onde se encontrou Carlos Rodrigues Brandão, o último reduto caipira do Estado. Seus habitantes ainda moram em casas de pau-a-pique, fumam cigarro de palha e se tratam com ervas medici[illegible]

Chovia em quase todo o Estado. Em Cotia, uma casa em construção na Granja Vican[illegible] desabou sobre dois operários. Os bombeiros retiraram quatro [illegible] que ficaram internados no Hospital das Clínicas. As outras quatro eram procuradas entre os escombros.

Galinha agora põe ovo sem colesterol

Pesquisadores da fazenda Rosamary, em São Francisco (EUA), criaram uma ração que reduz em 25% o colesterol do ovo de galinha. Página 18

Peões disputam rodeio final em SP

Os 26 melhores peões do paulistas estarão no Final Nacional de Rodeio, de 4 a 6 de novembro, no Ibirapuera. [illegible]

Notas e Informações

Na visita a Moscou, o presidente José Sarney mostra novamente que, nele, a retórica supera a noção dos fatos. Empolgado pelas palavras, demonstra que os interlocutores soviéticos dizem dos seus atos mais do que, de fato, fazem. Ao mesmo tempo, [illegible] o mercado brasileiro e argentino, não se empenha em acordos de alcance mais amplo, [illegible] mercado latino-americano.

Pedreiro é morto a tiros por 20 PMs

Ao estilo dos esquadrões da morte, 20 PMs mataram na terça-feira, em Osasco, com 15 tiros de revólver e de escopeta, um pedreiro de 22 anos, desarmado. Depois do crime cometido, foram à delegacia e alegaram que agiram em legítima defesa. Página 34

COLUNA 2

Quando voltar da Europa, o presidente Sarney receberá opções para um choque na economia. A Seplan sugere o Plano Real. A Fazenda propõe a otimização dos salários e preços com um redutor mensal e mudanças fiscais. Saulo Ramos, Jorge Murad e Costa Couto querem um pacto social e um congelamento por 90 dias.

64 páginas

Cidade ..... 25 a 32
Ciência e Tecnologia 22
Cinema 37
Classificados 44
Correção 6
Diplomacia 4
Economia ..... 34 a 36
Educação 17
Esportes ..... 28 a 32
Estados 18
Exterior 19
Internacional ..... 10 e 11
Meio Ambiente 23
Nacional ..... 19 e 20
Política 3
Roteiro ..... 5 e 6
Saúde 18
Sem Terra 33
Trabalho 21
Turfe 30

4 — O ESTADO DE S. PAULO — Diplomacia — QUINTA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO DE 1988

Brasil ficará mais distante dos EUA

Ao assinar o acordo com a URSS, Sarney assume o risco de uma política independente

ALUÍZIO MARANHÃO

MOSCOU — O presidente José Sarney concluiu ontem a agenda política de sua viagem à União Soviética com a obtenção de vários acordos que aproximam o Palácio do Planalto do Cremlin e que, na prática, redefinem a posição do País diante do seu aliado histórico, os Estados Unidos. "Não temos o compromisso de ficar eternamente ligados aos norte-americanos", interpretou o ministro das Relações Exteriores, Abreu Sodré, ao analisar o significado histórico do acordo geral Brasil-União Soviética.

O último encontro solene da comitiva brasileira com a cúpula do poder soviético transcorreu na parte da manhã no Salão de Vladimir, no Grande Palácio do Cremlin, onde Sarney e o presidente Mikhail Gorbachev assinaram uma declaração de princípios sobre a paz e a cooperação internacionais. Na ocasião, os dois chanceleres, Sodré e Eduard Shevardnadze, rubricaram e ratificaram uma série de documentos que abrangem desde o intercâmbio cultural até a cooperação científica e tecnológica, passando pela abertura de canais para a intensificação das trocas comerciais.

A própria declaração de princípios ressalta que a "cooperação entre o Brasil e a União Soviética não é dirigida contra qualquer país", ponto constantemente ressaltado por Sarney nas suas entrevistas e discursos em solo soviético. O conteúdo dos acordos, porém, guarda combustível suficiente para alimentar análises sobre um novo curso nas relações do país com os Estados Unidos.

Além de deixar campo livre para consultas políticas, os textos dos acordos com a União Soviética reafirmam a posição defendida por Sarney na ONU, em 85, contra a militarização do espaço — uma crítica clara ao programa norte-americano "Guerra nas Estrelas". Os documentos ressaltam ainda a importância do direito a uma diplomacia independente e ainda criam sistemas de cooperação entre os programas científicos e tecnológicos dos dois países, com destaque para a exploração do espaço. A criação de linhas de crédito para a exportação e importação de equipamentos permitirá que a União Soviética reduza seu déficit comercial com o Brasil da ordem de US$ 200 milhões anuais e o acordo espacial põe à disposição de projetos de pesquisa comuns até mesmo o laboratório orbital soviético Mir.

Tudo isso somado, incluindo o sinal verde para a simples abertura de um consulado nacional em Leningrado e um soviético no Rio, significa que o Brasil elegeu um sócio de peso na sua diplomacia.

A assinatura dos documentos foi antecedida de uma reunião a portas fechadas, no Salão de Catarina, no Palácio do Cremlin, entre as duas delegações, com a presença de Sarney e Gorbachev. Ao selar os acordos, Sarney não conseguiu esconder sua alegria, demonstrada ao tomar a iniciativa de dar um efusivo aperto de mãos no presidente soviético, no encerramento da solenidade.

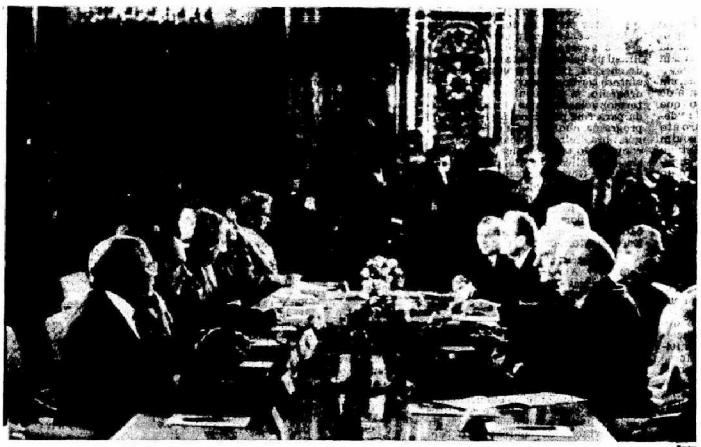
Agora, a programação de Sarney na União Soviética é mais turística do que diplomática. Ontem mesmo, a agenda do presidente começou a ser amenizada num almoço no Soviet Center, no Hotel Internacional, com sua comitiva e vários empresários que participam de uma feira brasileira no local, a 4ª ExpoBrasil. Sarney visitou a maioria dos 32 stands da mostra e, à tarde, distraiu-se ao conhecer a "Cidade das Estrelas", o centro de treinamento dos astronautas soviéticos, próximo a Moscou.

Enquanto a missão brasileira começava a arrumar as malas para partir hoje de manhã rumo a Leningrado, última escala antes da ida a Lisboa amanhã ao final da tarde, Sarney deu uma entrevista quando repetiu o tom das suas declarações a favor da paz mundial e do fim das desigualdades entre as nações.

POLÍTICA INTERNA

No final da entrevista, Sarney analisou a conjuntura política e econômica do Brasil. Disse o presidente que "é preciso conviver com os problemas. O preço da democracia é conviver com problemas e o País vai superar todos eles". Sarney ressaltou que o Brasil concluiu a transição democrática com o processo da Constituinte.

Foi perguntado ao presidente o que ele achava do fato de a inflação estar chegando a 30% ao mês e o dólar no mercado paralelo ter dado um grande salto nas últimas horas. Ele respondeu apresentando outros dados: "Vocês me dão esses números e eu mostro outros. O desemprego continua em 3,6%, o mesmo da época do Plano Cruzado, e, pela segunda vez, vamos ter uma safra agrícola recorde. A inflação é o único número que não está bom. Temos o direito da inflação, mas temos certeza



No Cremlin, Sarney e Gorbachev preparam-se para assinar a 'declaração de princípios': campo livre para maior intercâmbio

Sarney reafirma independência

MOSCOU — O presidente José Sarney reafirmou ontem, em Moscou, a independência da política externa brasileira. "Não somos caudatários de nenhum bloco", afirmou Sarney, em entrevista coletiva a jornalistas brasileiros e soviéticos. Indagado se temia retaliações dos Estados Unidos, por causa dos acordos que acabou de assinar com a União Soviética na área da informática, o presidente respondeu que "as relações do Brasil com outros países não são fruto de tratamentos personalizados".

Sarney declarou que desde o início de seu governo procurou executar uma política externa "sem qualquer roupagem ideológica". As relações do Brasil com a União Soviética, afirmou o presidente, não ocorrerão em detrimento do relacionamento com qualquer outro país, inclusive os Estados Unidos. O programa norte-americano "Guerra nas Estrelas", no entanto, foi criticado. "Acredito que o espaço não deve ser militarizado", disse Sarney.

O presidente ressaltou a importância de se encontrar uma solução negociada para os conflitos na América Central e defendeu a independência do Terceiro Mundo, "que não pode ficar como mera estratégia das grandes potências".

INICIATIVA PRIVADA

Em almoço com empresários brasileiros e soviéticos, após a entrevista, Sarney destacou o papel "de grande relevo" a ser desempenhado pela iniciativa privada no desenvolvimento das relações entre os dois países. "A área empresarial brasileira é, sem dúvida, uma das vertentes propulsoras do nosso progresso", disse o presidente. Ele elogiou a presença de representantes de cerca de 30 indústrias, que foram à União Soviética apresentar seus produtos. "Com isso, mostramos o que temos a oferecer, principalmente em matéria de bens de consumo, área em que dominamos uma tecnologia bastante sofisticada", comentou.

Sarney afirmou que a presença dos empresários brasileiros em Moscou é uma mostra do "acerto das novas propostas que o País está fazendo em termos de seu relacionamento internacional". As reformas econômicas da União Soviética devem abrir, na opinião do presidente, novas perspectivas de cooperação. "E nós temos um espaço para ocupar", disse Sarney. Ele declarou que o Brasil também passa por "mudanças importantes, políticas e econômicas, num esforço modernizador com vistas, através da nova política industrial, a aumentar as importações e o comércio internacional, com a abertura das Zonas de Processamento de Exportação". Sarney descreveu a consolidação da política externa brasileira: "Começamos estreitando o relacionamento com a América Latina, partimos para países com o mesmo nível de desenvolvimento, como China e Índia, e agora passamos para o mundo inteiro".

Sarney no Museu Espacial Gagarin: o lado ameno da visita

"Acordo não é contra qualquer país"

Integra da "Declaração sobre os princípios da interação em prol da paz e da cooperação internacional".

"A República Federativa do Brasil e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, conscientes de que a manutenção da paz e da segurança internacional pode ser mais eficazmente assegurada com a participação efetiva de todos os Estados e povos, imoveis pela inspiração de contribuir por todos os meios para o fortalecimento da paz universal, o desenvolvimento da cooperação internacional e o estabelecimento de relações econômicas internacionais equilibradas; reconhecendo o papel fundamental que cabe à Organização das Nações Unidas na preservação da paz e da segurança e na promoção de ampla cooperação internacional; convencidas de que o estreitamento cada vez maior das relações amistosas e paritárias entre os dois países favorecerá o aprofundamento da confiança e o entendimento mútuo e contribuirá para o desenvolvimento e a ampliação da cooperação internacional; acordaram os seguintes princípios pelos quais orientarão a cooperação e o desenvolvimento das relações bilaterais; as relações entre o Brasil e a URSS são baseadas no estrito respeito aos princípios e propósitos da Carta das Nações Unidas e às demais normas do direito internacional: igualdade soberana, respeito mútuo, igualdade de direitos, autodeterminação dos povos, não-ingerência nos assuntos internos, não-uso da força e solução pacífica das controvérsias. O Brasil e a URSS entendem que o direito a uma política externa soberana deve ser reconhecido e respeitado.

O Brasil e a URSS aspiram a ampliar a cooperação para fortalecer o sistema do multilateralismo, em especial, a ONU, com vistas a que se tornem cada vez mais eficazes na promoção do diálogo e de ações voltadas para o encaminhamento das numerosas questões políticas e econômicas que afetam ou podem afetar os interesses vitais da comunidade internacional, sobretudo no que se refere aos temas da paz e do desenvolvimento. O Brasil e a URSS se empenharão no sentido de contribuir, nos níveis bilateral, regional e multilateral, para o desenvolvimento e o aprofundamento de um amplo diálogo internacional, orientado para o fortalecimento da paz e da segurança internacionais, de acordo com a Carta das Nações Unidas.

O Brasil e a URSS estão convencidos de que a preservação da civilização e o desenvolvimento da cooperação entre todos os membros da comunidade internacional pressupõem a convivência pacífica e harmoniosa e a promoção de uma ordem internacional política e economicamente mais justa, equilibrada e democrática. Os dois países entendem que a consecução desses objetivos é possível com a eliminação da ameaça de uma guerra nuclear e a criação de um clima internacional livre de tensões.

O Brasil e a URSS reafirmam o seu apoio aos esforços que visam ao desarmamento geral e completo, sob efetivo controle internacional, tendo presente a prioridade do desarmamento nuclear e a necessidade de vinculação entre as negociações bilaterais e os esforços empreendidos nos foros multilaterais de desarmamento. Reconhecem o imperativo da não-multiplicação do espaço exterior, da prevenção da disseminação geográfica das armas nucleares, da liquidação das armas químicas e da adoção de medidas efetivas de desarmamento regional.

A criação, em várias regiões do mundo, de zonas de paz e de zonas livres de armas nucleares, na opinião dos dois países, contribuirá para a significativa redução de tensões no plano internacional. Nesse sentido, o Brasil e a URSS reconhecem a importância da instituição de acordo com resolução da Assembléia Geral das Nações Unidas, da zona de paz e de cooperação do Atlântico Sul, e da plena implementação de seus objetivos, com a ampla colaboração da comunidade internacional.

O Brasil e a URSS pronunciam-se contra qualquer formas de ingerência estrangeira ou discriminação, limitações artificiais da cooperação internacional e sublinham que todos os países são participantes soberanos e com plenos direitos do processo histórico. Os países em desenvolvimento — palco muitas vezes de tensões de origem externa — são chamados a fazer uma contribuição substancial para a consolidação da concepção universal da paz e segurança internacionais e para sua implementação prática. As tensões existentes e potenciais em diferentes regiões do mundo devem ser resolvidas por meios pacíficos.

O Brasil e a URSS manifestam a intenção de cooperar para alcançar soluções justas e pacíficas das situações de crise e conflitos regionais, a existência dos quais representa ameaça séria à estabilidade da situação internacional e à paz universal. As partes entendem que a solução dos conflitos regionais só pode ser alcançada pela observância rigorosa dos direitos dos povos à autodeterminação e à via independente de desenvolvimento, da liberdade de opção, da não-ingerência nos assuntos internos deles e da justa atenção aos interesses de todos os Estados envolvidos nos conflitos.

Certos de que a adoção de medidas efetivas de desarmamento contribuirá para a solução dos problemas de desenvolvimento, o Brasil e a URSS reiteram o seu compromisso com o ideal da realocação dos recursos hoje despendidos com a corrida armamentista, sobretudo a nuclear, para as necessidades do desenvolvimento econômico e social, em particular dos países em desenvolvimento.

Tendo em vista que a busca de uma paz duradoura não se circunscreve apenas ao plano do desarmamento, o Brasil e a URSS sublinham a necessidade da redução do crescente hiato entre Estados desenvolvidos e em vias de desenvolvimento. Consideram igualmente essencial que se alcance o encaminhamento do problema da dívida externa com a devida consideração dos interesses de todos os países, de modo a permitir a retomada do desenvolvimento econômico dos países em desenvolvimento.

Com o fim de fortalecer a segurança internacional e desenvolver a cooperação entre os países, independentemente das suas ordens políticas e sociais, bem como de reforçar a compreensão e entendimento mútuos e ampliar a Interação para a preservação da paz, o Brasil e a URSS dinamizarão a prática das consultas políticas intergovernamentais com base no memorandum de entendimento relativo a consultas sobre assuntos de interesse comum, assinado em 10 de dezembro de 1985.

O Brasil e a URSS enfatizam a necessidade de dar maior impulso aos laços comerciais, econômicos e de cooperação científico-tecnológica que os unem, a fim de elevá-los ao nível que corresponde às potencialidades de ambos os países.

O Brasil e a URSS aspiram a que a interação entre os dois países no plano internacional, dentro do espírito dos princípios formulados nesta declaração, e as relações bilaterais sirvam de exemplo de cooperação equilibrada entre países com diferentes sistemas sócio-políticos.

A cooperação entre o Brasil e a URSS não é dirigida contra qualquer país e em nenhuma medida afeta os compromissos das partes, assumidos em base bilateral, regional ou multilateral, em relação a terceiros países".

Empresários acertam forma de cooperação

MOSCOU — Dos 70 empresários que integram a comitiva do presidente Sarney em Moscou, Mathias Machline, da SID, foi o primeiro a anunciar a possibilidade de uma associação concreta com os soviéticos. Trata-se da criação de uma empresa para produzir na União Soviética equipamentos eletrônicos de automação bancária.

O projeto, encaminhado através da Academia de Ciências da URSS, será desenvolvido "a médio prazo". "Afinal, tudo o que envolve o Estado é lento", comentou Machline. Uma das 30 indústrias que expõem seus produtos na feira brasileira montada no Hotel Internacional, a SID levou para Moscou um terminal bancário, do tipo utilizado no Banco 24 horas, que se comunica com o usuário em russo, e centrais telefônicas avançadas, outro produto que Machline quer vender aos soviéticos.

A indústria de informática é um dos setores em que haverá maior intercâmbio entre Brasil e União Soviética.

O ministro da Ciência e Tecnologia, Ralph Biasi, garantiu que a política nacional para essa área, por ser autônoma, facilitará a cooperação bilateral. Segundo Biasi, será estimulada a formação de associações para a fabricação de microcomputadores, desenvolvimento de software, automação industrial e implantação de redes de computadores.

SOBERANIA

Animado com as perspectivas abertas pelo acordo científico e tecnológico assinado ontem no Cremlin, Biasi declarou não estar preocupado com possíveis retaliações norte-americanas contra a transferência para os soviéticos de tecnologias consideradas "sensíveis". "O Brasil se relaciona com qualquer nação do mundo e sabe defender a sua soberania", afirmou o ministro. Na opinião de Machline, mesmo que os Estados Unidos suspendam a remessa de componentes eletrônicos para empresas brasileiras, por causa da associação com a União Soviética, pelo menos a SID contornará o problema com sua própria tecnologia e componentes de outros fornecedores.

O setor de máquinas e equipamentos é outro em que Brasil e União Soviética poderão explorar comercialmente com mais intensidade. Um dos acordos firmados pelos dois países estabelece que a compra e venda de bens de capital passa a contar com uma linha de financiamento de US$ 80 milhões para os próximos três anos, abertos pelo Banco do Brasil e o Banco de Comércio Exterior da URSS. Namir Salek, diretor da Cacex, anunciou que o esquema começará a funcionar em um mês. Salek ressaltou a importância de o Brasil aumentar a compra de produtos da União Soviética, para reduzir o superávit comercial de US$ 200 milhões anuais que acumula com esse país, e assim, estimular a expansão do comércio. A.M.

Leônidas diz que gostou da hospitalidade

MOSCOU — O general Leônidas Pires Gonçalves não resistiu à hospitalidade de Mikhail Gorbachev. "Eu me sentia muito bem do Cremlin", confessou o ministro do Exército ao acompanhar o presidente José Sarney durante visita à feira de empresários brasileiros no Hotel Internacional. Hospedado na ala reservada a visitantes especiais da sede do governo soviético, Leônidas não economizou elogios ao que viu: "O salão em que desembarcamos é de muito bom gosto, um luxo, preservado de maneira impecável".

O ministro adiou ao olimpo geral de camaradagem que tem unido brasileiros e soviéticos nos últimos dias. Tanto que ressaltou não haver obstáculos a que o Estado-Maior das Forças Armadas credencie um adido militar junto ao governo soviético, que será da patente de coronel, e deu uma resposta seca quando lhe perguntaram se, depois dessas viagem, o Exército abandonaria de vez o discurso de que a União Soviética deve ser encarada como uma plataforma exportadora de revoluções: "Essa pergunta não cabe aqui".

Leônidas e Henrique Saboya, ministro da Marinha, puderam presenciar impecáveis demonstrações de disciplina do militar soviético nas cerimônias de desembarque e da revista ao Túmulo do Soldado Desconhecido.

O grande show preparado pelos soviéticos chegou ao máximo de requinte no jantar de cortar ao Cremlin. Entre pratos finos de caviar, vitelas e pratos de estanho, o cardápio oferecido aos oposicionistas brasileiros. Tu

TEMPO EM SÃO PAULO
Nublado com chuvas esparsas. Temperatura estável. Página 13

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO DE MESQUITA NETO
DIRETOR RESPONSÁVEL

JULIO MESQUITA (1891 - 1927) JULIO DE MESQUITA FILHO (1927 - 1969) FRANCISCO MESQUITA (1927 - 1969)

Capital e Interior de S. Paulo — Cz$ 150,00 ANO 109 SEXTA-FEIRA, 21 DE OUTUBRO DE 1988 Nº 34.866 Domingo Cz$ 220,00 Assinatura Anual Cz$ 50.160,00

Centro XI de Agosto joga água na sujeira

Muita água rolou na frente da Faculdade do Largo de São Francisco. Em protesto contra o tratamento dado à universidade , estudantes do Centro Acadêmico XI de Agosto promoveram uma faxina para lavrar o calçadão da "sujeira do governador". Página 11

Governo junta pacto e choque contra inflação

A inflação de novembro prevista pelo Banco Central é de 35%, revelou ontem o ex-diretor da Dívida Pública do banco, Juarez Soares, em depoimento de três horas na Comissão de Fiscalização e Controle do Senado. Soares foi demitido dia 13 por ter elevado os juros para 50% ao mês no mercado financeiro, naquele dia. O ex-diretor do Banco Central não aceitou as críticas à sua decisão e disse que uma política monetária restritiva, com juros altos, tem sido malsucedida por falta de continuidade e ausência de medidas fiscais compatíveis. O ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, respondeu ontem mesmo com o anúncio de um **pacto-choque**— medidas fiscais de contenção dos gastos públicos para ser oferecidas na próxima semana, quando patrões e empregados discutirão a possibilidade de um pacto social. Técnicos do Ministério da Fazenda disseram que o governo pode reduzir ou até eliminar incentivos e subsídios. Página 20

EUA impõem taxa de 100% nas exportações

Os Estados Unidos impuseram ontem uma taxa de 100% a produtos eletrônicos, farmacêuticos e papel importados do Brasil, em retaliação à recusa do governo brasileiro de criar um sistema de proteção de patentes para produtos farmacêuticos. As sanções, de US$ 39 milhões, vigoram em dez dias. "A pirataria não pode ficar impune", justificou Clayton Yeutter, representante de comércio dos EUA. Para o ministro interino das Relações Exteriores, Paulo Tarso Flecha de Lima, as medidas "não têm amparo no direito internacional". Página 24

Greves levam confusão às ruas de Paris

Paris foi ontem quase completamente paralisada por uma onda de greves nos setores públicos de transporte, comunicações, escolas e hospitais. Os aeroportos ficaram fechados e todos os vôos para Paris foram desviados para Bruxelas. Os congestionamentos nas principais vias de acesso à cidade eram enormes. Os funcionários reivindicam melhores salários. Página 8

Maílson quer mais rigor na ação antigreve

O ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, ameaça demitir os funcionários da Receita Federal que completaram, ontem, 22 dias de paralisação. A disposição do ministro contraria recomendação do presidente da República em exercício, Ulysses Guimarães, para que os ministros aceitem o diálogo com representantes dos servidores em greve. Os funcionários do Banco do Brasil obtiveram do presidente do Tribunal Superior do Trabalho (TST), Marcelo Pimentel, a promessa de julgar o dissídio coletivo da categoria na segunda-feira. Página 22

Antônio Carlos sugere saída de ministros

O ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, disse ontem em São Paulo que o presidente Sarney não deve permitir no governo a presença de ministros que se recusam a seguir suas diretrizes. Ele esclareceu que falava em "tese", sem se referir às divergências entre os ministros Aureliano Chaves e Mailson da Nóbrega. Magalhães participou de um encontro sigiloso com 33 empresários paulistas. Página 20

O aumento do dia

A partir de amanhã o pãozinho francês aumenta 25,5% e passa de Cz$ 19,50 para Cz$ 24,50 nas capitais. No interior, os preços podem ser até 10% superiores, dependendo de autorização da Sunab. Com o aumento, o reajuste acumulado do pãozinho atinge 714% este ano, em comparação a uma inflação de 396,92%. Página 28

Ulysses viaja mil km para ajudar PMDB

O presidente interino da República, Ulysses Guimarães, viajou mais de mil km no Boeing presidencial para inaugurar uma escola de primeiro grau e participar da campanha do candidato do PMDB à prefeitura de Itápolis (SP), Ubaldo Massari Júnior. No comício, ele negou estar em campanha para 1989. Página 6

A rotina matinal do prefeito: multas aos motoristas infratores durante todo o seu trajeto

Douglas pode ser indiciado como mandante

O delegado seccional da Zona Leste, Ernesto Vivona, revelou que o subsecretário Douglas Aguilar pode ser indiciado como "mandante de crime". O indiciamento ocorrerá caso se comprove que Aguilar comanda o grupo que reprime manifestações oposicionistas em solenidades de que participe o governador Orestes Quércia. Página 5

SBT vai à Justiça para não sair do ar

O Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) pediu ontem à noite mandado de segurança ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), para manter no ar sua programação. O Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo (TRE-SP) resolveu tirar do ar a TVS—Canal 4, das 19h30 às 20h30, por ter transmitido entrevistas com candidatos à eleição de novembro. Seria o maior prejuízo já imposto a uma rede de TV. Página 7

Presos PMs que mataram pedreiro

Os policiais que mataram um pedreiro na terça-feira em Osasco estão presos desde ontem. O inquérito ficará pronto em 30 dias e os criminosos podem ser condenados a 30 anos de prisão. Página 12

CADERNO 2

Jânio aplicou 20.500 multas em três anos

O prefeito Jânio Quadros não terminou seu governo mas já é considerado o maior multador do País. Em três anos, nos dez quilômetros que separam sua casa, no Morumbi, do Ibirapuera, Jânio aplicou pessoalmente 20.500 de um total de 10 milhões e 200 mil multas contra motoristas que estacionam sobre faixas de pedestres ou desobedecem os sinais. Metade dos que recorrem das punições é absolvida. Página 5

TURISMO *Paris será uma grande festa no bicentenário da Revolução Francesa e da Declaração Universal dos*

Notas e Informações

As declarações do chanceler Abreu Sodré em Moscou, relegando o papel do Brasil como aliado tradicional dos Estados Unidos, representam um lance de grandes consequências para a diplomacia do País. Querer ter presença marcante no mundo é uma vocação antiga e louvável, mas manifestá-la quando é candente o problema da dívida externa é prova de que se

Seca ainda é grave no Paranapanema

Apesar das chuvas dos dois últimos dias, o Pontal do Paranapanema

46 páginas

Mais o Suplemento de Turismo

Cidade ..... 13 e 30
Classificados 28
Diplomacia 4
Direitos Humanos 12
Economia ..... 20 e 24
Educação 11
Esportes ..... 15 e 17
Falecimentos 14
Índice 13
Interior 14
Internacional ..... 8 e 9
Meio Ambiente 13
Nacional 12
Polícia 12
Política ..... 4 e 7
Religião 10
Saúde 10
Suas Contas 23

Ulysses, interino, faz campanha

Como presidente da República, inaugura escola e faz comício no interior de São Paulo

ITÁPOLIS — O presidente da República em exercício, Ulysses Guimarães, viajou ontem mais de mil quilômetros no Boeing presidencial para inaugurar uma escola de primeiro grau e participar da campanha do candidato do PMDB à prefeitura de Itápolis, vereador Ubaldo Massari Júnior. Ulysses negou ter vindo ao Interior paulista em campanha para as eleições presidenciais de 89: "Por enquanto, estou apenas colaborando com os nossos companheiros nos estados e municípios". E admitiu: "Concorrerei se forem necessários meu nome e minha experiência".

O governador Orestes Quércia, que compareceu à inauguração, saudou Ulysses como "o candidato natural do partido". Afirmou não querer se candidatar e se disse disposto a votar em Ulysses ou outro candidato escolhido "na época oportuna" pelo PMDB.

Ulysses negou a notícia de que teria mandado cortar os pontos dos funcionários dos ministérios em greve. "Como presidente da República, determinei que se fizesse negociações, o que começou ontem (quarta-feira) no gabinete do ministro da Administração, Aluísio Alves", afirmou. O líder interino do PMDB na Câmara, Genebaldo Correia (BA), integrante da comitiva, acusou setores "responsáveis pela comunicação do governo" de estarem "interessados em desmoralizar o ex-presidente da Constituinte durante esse período de interinidade, para prejudicar sua campanha à sucessão de José Sarney".

SEM PROTESTOS

Ulysses desembarcou em Bauru, onde não encontrou a manifestação de funcionários da Previdência e professores da rede estadual marcada para ontem, que foi cancelada. Junto com o presidente em exercício, chegaram os ministros Hugo Napoleão, da Educação, e Iris Resende, da Agricultura; o senador Ronan Tito (PMDB-MG) e os deputados Genebaldo Correia, Nelson Jobim (RS) e Francisco Amaral (SP).

Com Quércia e o secretário da Agricultura de São Paulo, Tidei de Lima, o grupo seguiu em dois helicópteros da Força Aérea Brasileira (FAB) até o prédio da Escola Municipal Agropecuária, distante 17 quilômetros do centro de Itápolis. Chovia, mas mesmo assim a inauguração foi assistida por cerca de 500 pessoas.

O ministro Hugo Napoleão qualificou a obra em inauguração de "o renascimento do progresso na área de educação" e definiu, como novas fontes de investimentos para o setor, os aumentos determinados pela Constituição nas cotas do Fundo de Participação dos estados e municípios. As metas do Ministério da Educação, garantiu, são a construção de 500 mil salas de aula no próximo ano e a erradicação do analfabetismo do País dentro de dez anos.

Quércia e Ulysses discursaram a seguir. O governador lembrou ter conhecido Itápolis em 1966 quando, vereador em Campinas e candidato a deputado estadual, visitou a cidade acompanhado de Ulysses. O presidente da República em exercício disse que Quércia possui "condições que poucos homens públicos têm nesse País, pois atuou no Executivo e no Legislativo, sendo aprovado com distinção e louvor". Ambos elogiaram também o candidato do PMDB: "Ubaldo é o homem que reúne as melhores condições", disse o governador.

Durante a solenidade, o ministro Iris Resende e o prefeito Acácio Batista da Silveira (PMDB) assinaram convênio que prevê a construção de um parque de exposições pecuárias. Em seguida, foi cortada a fita de inauguração e a comitiva visitou a escola, que deveria chamar-se "Ulysses Guimarães" mas teve o nome alterado na última hora, pois a legislação proíbe homenagens desse tipo a personalidades ainda vivas.

Itápolis é uma das cidades do Estado de São Paulo em que o PMDB poderá eleger o prefeito. Na eleição de 1986, Ulysses conseguiu os votos de cerca de metade dos 16 mil eleitores do município e seu secretário particular, Oswaldo Manicardi, é natural da cidade. Apesar do favoritismo de Massari, apoiado por uma coligação do PMDB com PDS, PSB e PFL, a disputa está equilibrada com o ex-prefeito e candidato da coligação PL/PSDB, Moacyr Vitelli. Hoje, o senador Mário Covas (PSDB) deverá também visitar o município para dar apoio a Vitelli. Pedro Simon, do PTB, é o candidato com menores chances de se eleger.

Ana Carolina Fernandes/AE

Ulysses durante a inauguração em Itápolis: sonhando com a sucessão presidencial

Comando entra em conflito

BRASÍLIA — O secretário de Educação do Rio de Janeiro, Raphael de Almeida Magalhães, discorda da linha de oposição ao governo Sarney que o comando da candidatura presidencial do deputado Ulysses Guimarães pretende imprimir à campanha. "Será muito difícil dissociar o PMDB da chamada Nova República. Qualquer tentativa nesse sentido tende ao fracasso", analisa Raphael. Ele foi ministro da Previdência, priva da intimidade do presidente do PMDB e é ativo defensor de um pacto social que revigore o governo e reflita na própria sucessão presidencial.

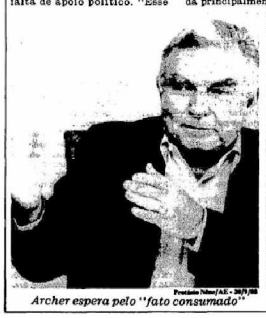
Na opinião de Raphael, que almoçou com Ulysses e o governador do Paraná, Álvaro Dias, anteontem, no Palácio do Planalto, o governo está enfraquecido pela crise econômica e pela falta de apoio político. "Esse grau de incerteza na vida econômica, política e social não favorece ninguém, muito menos aos presidenciáveis e ao próprio Ulysses. Por isso, há que se encontrar uma solução comum", disse.

O efeito direto de um pacto social, segundo ele, seria o controle da inflação e o empenho conjunto de empregados, patrões, governo e partidos para uma "solução para o País". Mas não seria só isso. Para Raphael, "estariam criadas as circunstâncias também para uma candidatura consensual, como a do De Gaulle na França, para a Presidência da República". Essa candidatura, a seu ver, poderia ser a do próprio Ulysses.

CAMPANHA PREMATURA

A estratégia da campanha presidencial de Ulysses, traçada principalmente pelo coordenador Renato Archer e um grupo de parlamentares federais, é bem diferente. Ela foi deflagrada, sob o impulso da promulgação da Constituição e a circunstância das eleições municipais de novembro, na esperança de que Ulysses se transformasse num "fato consumado" e não enfrente dissidências na Convenção Nacional do PMDB.

Raphael, mais uma vez, discorda. Acha que ainda é muito cedo para colocar a campanha nas ruas. Ele lembrou que o governador Newton Cardoso, de Minas, o prefeito Jânio Quadros, de São Paulo, e o ex-governador Leonel Brizola, do PDT, já admitiram publicamente o receio de que a atual crise econômica inviabilize as eleições de 1989. Para ele, portanto, mais importante do que lançar Ulysses, é criar condições para as eleições.



Fernando Pinto/AE - 20/9/88

Archer espera pelo "fato consumado"

AE-20/9/88

Raphael quer o governo fortalecido

Prévia não agrada a Quércia

O governador Orestes Quércia disse ontem em **Itápolis**, onde foi receber o presidente da República em exercício, Ulysses Guimarães, que a disputa interna no PMDB não exige a realização de uma prévia para verificar o nome mais indicado a disputar a Presidência da República no ano que vem. "Precisamos discutir entre as lideranças políticas e levar os nomes para a convenção, o que é normal", afirmou.

Quércia reafirmou que o "candidato natural" do PMDB à Presidência da República é Ulysses, mas ressaltou a necessidade de reunir o partido para fazer a escolha. Em seguida, garantiu que fará apoio ao governador de Minas, Newton Cardoso, se ele for o candidato escolhido pelo partido.

A FAVOR

Em **Brasília**, o deputado Milton Reis (PMDB-MG), a exemplo de Newton Cardoso, manifestou-se favorável às prévias no partido para indicar oficialmente o candidato à sucessão do presidente Sarney, nas eleições do ano que vem.

O dirigente peemedebista informou, também, que o governador paulista ainda não se definiu a favor ou contra as prévias. Segundo Reis, estão a favor das prévias, entre outros, os governadores Epitácio Cafeteira (MA), Geraldo Melo (RN), Henrique Santillo (GO), Waldir Pires (BA), Miguel Arraes (PE), Flaviano Melo (AC) e Newton.

Segundo Milton Reis, "as prévias são democráticas" e, o candidato natural do PMDB, Ulysses Guimarães, "será o vitorioso, se realizadas". O PMDB conta com cerca de 600 mil filiados em todo o País.

Suspensão de contratações vai demorar

BRASÍLIA — O cancelamento de 200 nomeações para órgãos do Ministério da Cultura, como anunciou o ministro José Aparecido, não será feito imediatamente. A suspensão não poderá ser feita agora porque depende da assinatura dos presidentes das fundações atingidas pelo corte.

O ato que cancelaria as 44 contratações para a Fundação Pró-Memória publicadas no **Diário Oficial** de 4 de outubro e que foi remetido na tarde de quarta-feira para o Departamento de Imprensa Nacional, com previsão de publicação para ontem, foi estrategicamente retirado da gráfica por ordem do gabinete do ministro da Cultura. "O doutor Oswaldo Campos Melo já não era mais secretário do Patrimônio Histórico e, portanto, não tinha mais poder para contratar ou demitir alguém", justificou o ministro.

Ainda, as 200 pessoas contempladas com um emprego no ministério continuam contratadas. Segundo o ministro Aparecido, todas as contratações foram feitas da forma permitida. "Eu nem tinha assumido o ministério quando as fundações receberam permissão para contratar até 75% das vagas disponíveis. Tudo foi feito dentro da lei", assegura José Aparecido. Segundo o ministro, a demissão de Oswaldo Campos Melo ocorreu por problemas administrativos, já que o desentendimento entre ele e o secretário-geral, Joaquim Itapary Filho, era antigo, mas ficou insustentável nos últimos 15 dias.

APOIO

Encastelado em seu gabinete Oswaldo Campos Melo continua como presidente da Fundação Pró-Memória, de onde só pode ser destituído pelo presidente da República. O secretário demitido não quis falar sobre o assunto, pedindo para as secretárias "despistarem os repórteres". Ainda pela manhã, ele recebeu o apoio de todos os membros do Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que estavam em Brasília a caminho da cidade de Pirenópolis, Goiás, onde estudariam o tombamento do local. O conselho divulgou uma nota enaltecendo a "conduta irrepreensível" do professor Oswaldo Campos Melo.

"MÁGOA MAIOR"

Melo também recebeu apoio de seu irmão, o senador Alfredo Campos (PMDB-MG), que estranhou a demissão. O motivo alegado pelo ministro José Aparecido, que ligou ontem para o senador, foi político, "mas eu quero saber quais foram os motivos morais", disse. "Reconheço todo o direito do ministro, que é meu amigo pessoal, em demitir qualquer assessor ou funcionário, mas a minha mágoa maior é ver que o ministro Aparecido se recusou a abrir inquérito para apurar responsabilidades no uso indevido do nome do Oswaldo Melo em contratações", completou.

Segundo o senador Campos, seu irmão disse que não assinou as contratações porque não queria ser o primeiro a desrespeitar a Constituição. "Não se nega abertura de inquérito a não ser para esconder alguma coisa", voltou a insistir o senador mineiro. "O ministro Aparecido tem de prestar esclarecimento sobre o episódio, não se pode deixar mais as coisas escondidas. Afinal, que transição é esta?", perguntou o senador Alfredo Campos.

Diplomacia

Visita à URSS entusiasma o Itamaraty

ALUÍZIO MARANHÃO

LENINGRADO — A ida ao Brasil, no primeiro semestre do ano que vem, do presidente da Academia de Ciências da União Soviética, Guri Marchuk, e o convite feito esta semana pelo chanceler Eduard Shevardnadze para que o ministro das Relações Exteriores, Abreu Sodré, visite o seu país são os primeiros resultados da presença do presidente José Sarney no Cremlin.

Enquanto o presidente e sua comitiva relaxam na amena Leningrado, de onde partirão hoje às 17 horas (meio-dia, hora de Brasília) para Lisboa, diplomatas do Itamaraty começam a fazer um balanço da viagem à União Soviética. As conclusões são positivas e não apenas por causa da decisão do Cremlin de enviar ao Brasil o responsável pela instituição mais importante da área científica e tecnológica de seu país ou do interesse de Shevardnadze em encontrar-se novamente com Sodré.

A diplomacia brasileira anima-se diante de alguns sinais emitidos pelos dirigentes soviéticos. Como, por exemplo, a escolha do Salão das Facetas para o jantar com que o governo soviético recepcionou a comitiva de Sarney, na noite de terça-feira. Esse salão era aberto pelos czares aos seus visitantes mais ilustres, o que dá uma idéia do que os soviéticos dão aos seus interlocutores estrangeiros.

Um alto funcionário do Ministério das Relações Exteriores lamenta apenas que o Brasil tenha se aproximado da União Soviética quando outras nações com status econômico e político semelhante já fortaleceram relações diplomáticas com o Cremlin e que lhes estejam fechando grandes negócios. Uma delas é a Espanha, que acaba de fornecer à União Soviética centrais telefônicas de nível tecnológico idêntico às fabricadas no Brasil.

Quanto a aspectos mais amplos da política do Itamaraty no Ocidente, não preocupa a possibilidade de a aproximação com a União Soviética minar os laços do País com os Estados Unidos, embora haja no Ministério das Relações Exteriores quem admita que, no momento em que os próprios norte-americanos e soviéticos dialogam como nunca o fizeram no passado, passa a existir um espaço para o Brasil exercitar certa independência em relação a Washington.

São essas avaliações que transformaram a fisionomia de Sarney nesses últimos dias. Ontem, depois de prestar homenagem às vítimas do cerco alemão a Leningrado, durante a Segunda Guerra, no cemitério de Piskarevskoe, onde foram enterradas em valas comuns 480 mil mortos, o presidente deu seqüência a sua programação informal assistindo, à noite, à apresentação de "Giselle" pelo Balé de Kirov. Pela manhã, ainda em Moscou, Sarney acompanhado por Mariy, foi recebido no Cremlin por Mikhail Gorbachev e sua mulher Raissa.

PROBLEMA NO AEROPORTO

Apesar da **perestroika** e da **glasnost**, a imprevisibilidade da burocracia soviética consegue causar surpresas, mesmo quando se trata de uma missão presidencial. Prova disso foi a comunicação feita ontem à última hora pelas autoridades soviéticas de que os aviadores especiais que cobrem a viagem de Sarney não teriam avião para ir de Moscou a Leningrado. O jato prometido com antecedência pela Aeroflot não apareceu e o que transportaria a bagagem presidencial estava vedado aos jornalistas, por razões de segurança. Na União Soviética, ninguém chega perto de mala de alta autoridade.

Assim, Sarney e sua comitiva decolaram do aeroporto de Vnukovo às 11 horas pela companhia aérea soviética, mas a grande maioria dos repórteres só pôde deixar Moscou por volta das 15h45, de carona no boeing 707 presidencial.

O tumulto, na verdade, havia começado no Hotel Rossia, um estabelecimento de seis mil quartos localizado próximo à praça Vermelha e completamente desaparelhado para pres-

Sarney janta com Soares em Lisboa

EDUARDO TESSLER

LISBOA — O presidente José Sarney chega hoje, às 19 horas, a Lisboa, vindo de Leningrado. Com a comitiva de 18 membros oficiais e 11 convidados e mais de cem acompanhantes, ele se hospeda no Hotel Ritz, de cinco estrelas, e em seguida janta com Mariy e o casal Mário Soares no Palácio de Belém, da presidência de Portugal. A visita ao país é considerada de caráter privado e a única missão oficial será inaugurar, amanhã, a nova Chancelaria da Embaixada do Brasil em Lisboa.

Sarney terá uma agenda livre em Lisboa, com tempo para visitar o que bem entender. Os compromissos do presidente serão apenas para almoços e jantares e nenhum encontro com o primeiro-ministro Cavaco Silva está previsto. José Sarney almoça amanhã com o embaixador do Brasil em Portugal, Alberto Costa e Silva, e janta outra vez com o presidente Mário Soares, desta vez no Palácio da Queluz. Domingo, ele almoça com amigos ligados aos meios intelectuais, no Grêmio Literário, e regressa a Brasília às 17 horas.

A chegada de Sarney está

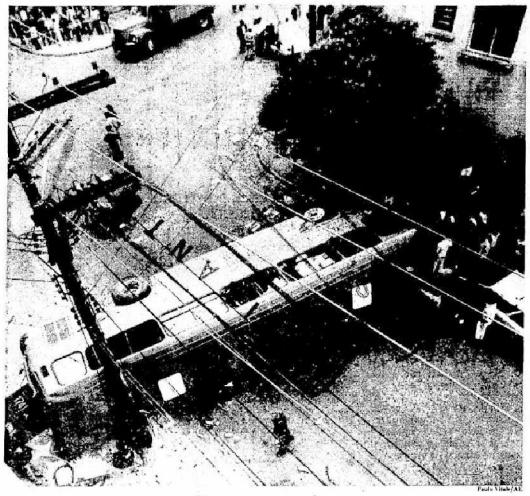
TEMPO EM SÃO PAULO
Nublado com chuvas ocasionais. Temperatura em ligeiro declínio. Página 35

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO DE MESQUITA NETO
DIRETOR RESPONSÁVEL

JULIO MESQUITA (1891-1927) JULIO DE MESQUITA FILHO (1927-1969) FRANCISCO MESQUITA (1927-1969)

Capital e Interior de S. Paulo — NCz$ 3,00 | ANO 110 | QUINTA-FEIRA, 9 DE NOVEMBRO DE 1989 | Nº 35.192 | Domingo NCz$ 6,00 | Assinatura Anual NCz$ 1.080,00



Choque na esquina

Onze pessoas sofreram ferimentos leves quando dois ônibus bateram ontem, às 6h25, na esquina das Alamedas Nothmann e Barão de Limeira. Um dos ônibus, da CMTC, derrubou um poste e virou, deixando o trânsito interrompido e a eletricidade cortada. Página 23

TSE julga se Sílvio pode ser candidato

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) dará respostas hoje para duas questões que podem colocar o apresentador de TV Silvio Santos fora da disputa eleitoral. Dirá se o Partido Municipalista Brasileiro (PMB) existe legalmente e se o empresário é ou não proprietário de uma rede de TV, o SBT. O procurador-geral eleitoral Aristides Junqueira Alvarenga acredita que, antes de examinar o mérito das impugnações, o TSE deve se pronunciar sobre a existência legal do PMB. O próprio presidente do partido e seu ex-candidato, Armando Corrêa, admitiu que não foram realizadas convenções em nove Estados para a formação dos diretórios regionais, como determina a legislação. "Se não há partido, não há candidato!", concluiu o procurador. Vários pedidos de impugnação baseiam-se no fato de Silvio Santos ser dono de emissora de TV e não ter se desincompatibilizado para concorrer. Página 5

Cantor quer impugnar dono do SBT

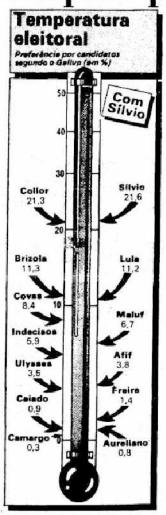
O compositor Dom, da dupla Dom e Ravel, que na década de 70 cantou o Brasil governado pelos militares, está em Brasília com o fim específico de combater a candidatura de Silvio Santos. Trouxe um vasto dossiê e não esconde seu amargor com o dono do SBT. Em 1979, acusa, Silvio lhe pediu que fosse seu relações-públicas junto aos militares. Em troca, o cantor teria um programa diário de música sertaneja quando obtivesse seus canais de televisão. O compromisso nunca foi cumprido. Página 6

RDA promete eleições livres

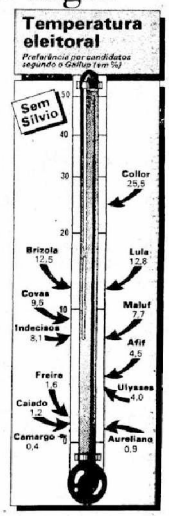
Modrow: popularidade para tirar o PC alemão-oriental da crise

O Partido Comunista da Alemanha Oriental propôs ontem a realização de eleições livres e admitiu a possibilidade de deixar o poder que ocupa há 40 anos se for derrotado. Além disso, trocou a velha liderança do Politburo por outra mais jovem e reformista, legalizou grupos políticos de oposição e nomeou para primeiro-ministro seu dirigente mais popular, Hans Modrow, de 61 anos. As mudanças foram decididas numa sessão plenária do Comitê Central do PC, acompanhada do lado de fora por milhares de pessoas que exigiam mais reformas. Apesar das mudanças anunciadas pelo chefe do Partido, Egon Krenz, aumentou a evasão de refugiados para a Alemanha Ocidental. Desde sábado, 47 mil pessoas deixaram a Alemanha Oriental. Página 12

Empate pelo primeiro lugar



A última pesquisa Gallup, encomendada pelo Estado, revela que apenas 1,9% dos 82 milhões de eleitores conseguem identificar, sem qualquer orientação, o espaço destinado ao apresentador Silvio Santos na cédula de votação. Outros 19,7% dos eleitores lembram-se do nome do apresentador só depois de estimulados pelos entrevistadores. Com 21,6% das intenções de voto, Silvio perdeu sete pontos ou quase seis milhões de votos desde o asnúncio de sua candidatura. Hoje ele está empatado com o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello. Numa outra pesquisa, sem o nome do apresentador, Collor mantém a liderança da disputa, com 25,5% dos votos. Isso significa que, se a eleição fosse hoje, ele teria 21 milhões de votos. Em segundo, empatados, vêm Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, com 12,8%, e Leonel Brizola, do PDT, com 12,7%. Página 4



Negro chega ao poder em Nova York

David Dinkins, do Partido Democrata, tornou-se ontem o primeiro negro a ser eleito prefeito de Nova York. Dinkins obteve 50% dos votos, contra 48%, do candidato do Partido Republicano, Rudolph Giuliani. Hoje deve ser confirmada a eleição de outro negro, Douglas Wilder, para governador da Virginia. Página 14

Fraude nas importações é descoberta

A Polícia Federal e o Banco Central descobriram uma gigantesca fraude cambial nas importações que permitiu a saída ilegal do País de

Greve deixa 1 milhão sem trens

Quase um milhão de pessoas ficaram sem trens, ontem no Rio, com a greve dos ferroviários. Uma manifestação de funcionários do DNER, na Via Dutra, atrapalhou mais a situação, criando um congestionamento de 15 km. Em Brasília, servidores ocuparam o gabinete da ministra Dorothéa Werneck. Páginas 24 e Economia 1 e 3

Escândalo de fiscalização vira caso de polícia

Comerciantes de Capela do Socorro, na Zona Sul, confirmaram ontem, na polícia, denúncias de que funcionários da Administração Regional pediram dinheiro para a campanha do candidato petista Luiz Inácio Lula da Silva, além de o administrador Leonide Tatto ter exigido material de construção em obras irregulares. Página 9

Maluf lota a Praça da Sé em seu maior comício

O candidato Paulo Maluf, do PDS, conseguiu lotar ontem à noite a Praça da Sé, em São Paulo, no maior comício de sua campanha. O único incidente registrado pela polícia ocorreu com um grupo de 15 petistas. Segundo o capitão Salgado, do 7º Batalhão da PM, eles queriam provocar tumulto, mas foram retirados. Depois do comício houve um show com a cantora Gretchen e o Trio Los Angeles.

□ No dia 15 de novembro, depois de votar, o candidato do PMDB, Ulysses Guimarães, almoçará em Brasília com um grupo de governadores e integrantes da executiva nacional para discutir o destino do partido. Página 3 e 10

Vestibular 90

O suplemento Vestibular 90, *que circula encartado no* Caderno 2, *é dedicado aos cursos de história. A arqueologia também é destaque do suplemento, que trata do trabalho de profissionais brasileiros em*

Notas e Informações

A decisão que o TST irá proferir hoje sobre o pedido de registro da candidatura de Silvio Santos transcende a mera formalidade processual. Queiram ou não os puristas, o julgamento será político. Dependendo da opi-

96 páginas

Economia/Caderno 2

Cidades ..... 21, 22 e 66
Ciência e Tecnologia 20
Cinofilia 34
Classificados 36
Educação 17
Esportes ..... 27 a 30
Falecimentos 35
Interior 32
Internacional ..... 12 a 16
Meio Ambiente 19

Anunciadas eleições livres na RDA

BERLIM ORIENTAL — O Partido Comunista (SED) da Alemanha Oriental propôs a realização de eleições gerais e livres que poderão até tirá-lo do poder, que ocupa há 40 anos. O SED substituiu ontem sua velha e ortodoxa liderança por uma equipe menor e repleta de reformistas, e nomeou o mais conhecido deles, Hans Modrow, de 61 anos, chefe de governo.

"Se vamos ter uma lei eleitoral que permitirá a todas as forças políticas anunciar e defender seus programas, o SED aceitará esse desafio", disse, aos jornalistas, Guenter Schabowski, membro do novo Politburo e o principal auxiliar de Egon Krenz, o chefe de Estado e Partido. Indagado se tais eleições poderiam levar à saída dos comunistas do poder, Schabowski foi categórico: "Teoricamente, sim".

Krenz anunciou ontem, num dramático discurso pronunciado logo após as modificações na cúpula do SED, a legalização de grupos políticos de oposição, como o **Novo Foro**. Ele reconheceu que as modificações no topo do partido e do governo, a liberalização das viagens ao exterior e a promessa de eleições foram o resultado do "poder popular", representado por milhares de pessoas protestando nas ruas.

O antigo Politburo, de 21 membros, principal órgão de decisão do SED, renunciou ontem e foi substituído por outro de 11 pessoas, das quais quatro são novas. Entre elas, Hans Modrow, tido como o Gorbachev alemão.

Krenz enfrenta os militantes

BERLIM ORIENTAL — A cena lembrava os primeiros dias do movimento comunista, quando as bases do partido mantinham intima — e até decisiva — presença junto à liderança. Enquanto, no imenso edifício do Comitê Central (que já foi sede de um grande banco, antes da Segunda Guerra Mundial), reuniam-se os principais funcionários do SED, do lado de fora, no frio, milhares de manifestantes pediam democracia interna, reformas políticas e um "novo tipo de liderança".

"Nós somos o SED", gritavam os manifestantes comunistas, numa alusão à frase "Nós somos o povo", uma das principais palavras de ordem dos protestos gigantescos nas ruas alemãs-orientais nas últimas cinco semanas.

Num gesto absolutamente inusitado, numa situação totalmente insólita, o atual "número um" do Partido, Egon Krenz, teve de dirigir-se à multidão para pedir calma e silêncio. "Ainda nem começamos a reunião lá dentro, como podemos então decidir por reformas?", disse Krenz.

A multidão acalmou-se por alguns instantes, até que outro dirigente, Guenter Schabowski, chefe do partido na região de Berlim, resolveu anunciar as modificações no Politburo, o principal grêmio de decisão do SED. Os nomes eram recebidos com algumas vaias, até que o de Hans Modrow, o reformista, foi anunciado. Tempestuosos aplausos.

Também num procedimento inédito, a agência noticiosa oficial ADN divulgou os resultados das votações no plenário do Comitê Central, que votou unanimemente apenas no caso de Krenz e Schabowski. Modrow recebeu apenas um voto contrário entre os 157 possíveis, mas alguns dos novos membros do Politburo enfrentaram até um terço de votos contrários.

Mais impressionante foi a autocrítica pública que Egon Krenz fez pouco depois das mudanças no Politburo e no governo. "As mudanças foram levadas adiante diante do poder popular", admitiu Krenz.

Ele pôs a culpa pela presente situação na incapacidade do Partido de reconhecer a necessidade de mudanças e reformas, mas atribuiu grande parte da responsabilidade a Guenter Mittag, o ex-todo-poderoso chefe da economia no Politburo, a ponta de uma pirâmide de 23 ministérios econômicos e mais de três mil firmas estatais.

Para completar, Krenz anunciou perante o Comitê Central a legalização de outras formações políticas. "Acho que devemos aceitar todos os movimentos de cidadãos que atuem dentro da Constituição", disse Krenz. Isto significa que não só o grupo dissidente **Novo Foro** poderia ser legalizado, mas também sindicatos independentes e um recém-formado Partido Social Democrata.

Alemães orientais esperam para sair do país: agora já são 350 por hora

Organismo também rejuvenesceu

BERLIM ORIENTAL — O novo Politburo do SED é o menor e mais jovem de sua história, que começou em 1946 com a fusão do antigo PC e do SPD (social-democrata) na zona de ocupação soviética. Ao invés de 21, agora são apenas 11 seus integrantes. Dos antigos, somente sete garantiram de novo seu lugar.

Perderam seus postos, entre outros, **Betonkopfe** ("cabeças de concreto", ou linha-dura) como Willi Stoph, 75 anos, ex-chefe de governo; Horst Sindermann, 74, presidente do Parlamento; Hermann Axen, 73, responsável por relações internacionais; Kurt Hager, 77, o ideólogo do SEDX; Erich Mielke, 81, o todo-poderoso chefe da polícia política e serviços secretos, que ocupava esse cargo desde 1957; e Harri Tisch, 62, que já renunciara como presidente da Central Sindical da RDA.

Além de Hans Modrow, os novos no principal grêmio do Partido, incluem Gerhard Schuerer, 68, presidente da Comissão Central de Planejamento Econômico; Wolfgang Herger, 54, que deve ocupar a função de chefe de segurança; e Wolfgang Rauchfuss, 57, um dos mais brilhantes economistas do SED.

Relevante foi a eleição de Shabowski, que já pertencia ao Politburo, para o importante Secretariado do Comitê Central, ao lado de Egon Kenz.

Kohl condiciona a ajuda "ilimitada"

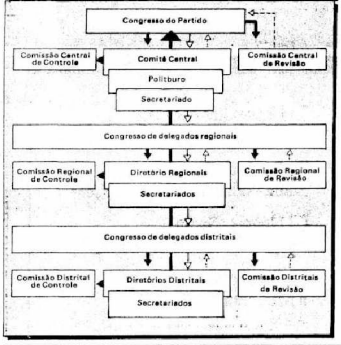
BONN — O governo da Alemanha Ocidental prometeu ajuda financeira e econômica "sem limites" para a Alemanha Oriental, desde que as reformas políticas incluam também o fim do monopólio do poder do SED (o PC). Num de seus discursos em tom patético, o chanceler (chefe de governo) alemão-ocidental, Helmut Kohl, disse ontem que agora há "menos motivos ainda" para que as duas Alemanhas permaneçam divididas.

O comércio intra-alemão, uma das principais fontes de divisas da estagnada economia da Alemanha Oriental, está em torno de três bilhões de dólares anuais, mas um porta-voz do ministério da Economia, em Bonn, disse que a ajuda econômica pretendida por Kohl poderia ser estendida a diversos setores.

O antecessor de Kohl no poder em Bonn, o ex-chanceler Helmut Schmidt, lançou ontem proposta ainda mais ambiciosa. Num artigo que será publicado hoje no seminário **Die Zeit**, do qual é um dos membros do conselho editorial, Schmidt propôs por prazo provisório a adoção de um imposto a todos os habitantes da Alemanha Ocidental "em ajuda e solidariedade" aos compatriotas da Alemanha Oriental.

"Esse imposto ajudaria a criar um fundo que serviria para financiar durante anos a economia da Alemanha Oriental", escreve Schmidt.

O poder no SED



Líder tenta fugir para a frente

WILLIAM WAACK

A pergunta, de fato, é saber se a RDA pode ser salva. Ao ritmo em que as pessoas se retiram do país, matematicamente seria possível prever o fim da população alemã-oriental em pouco mais de cinco anos, uns 2 mil dias.

Egon Krenz está tentando o que se chama, em alemão, de Flucht nach vorne, ou seja, fugir para a frente. Ele reverteu em poucos dias 44 anos de história do SED, e pelo menos no campo político parece disposto a remover o que foi, até agora, a base do seu regime. Ele prometeu eleições, viagens e opiniões livres.

Num primeiro gesto, liberou as viagens, e perdeu 47 mil pessoas em aproximadamente 72 horas. Em outra corajosa atitude — ou derradeiro aço — trocou a equipe dos fossilizados ortodoxos por um time de ardorosos reformistas, e com isto mostrou que outras opiniões poderiam valer também. Está decidido, parece, a aceitar a atuação de outras organizações políticas, até agora na ilegalidade.

Foi Krenz o responsável pela supervisão de eleições, em maio último, tidas como grande e vergonhosa fraude. Um dos primeiros protestos organizados no país repetia-se, aliás, todo dia 7, como recordação do 7 de maio, data das eleições. O mesmo Krenz deixa agora que alguém fale em seu nome e anuncie eleições livres, nas quais teoricamente o SED poderia ser votado para fora do poder. Na Hungria e na Polônia, os comunistas admitiram ir para a oposição. Na RDA também?

Todo poder ao povo nas ruas, uma desgastada palavra de ordem em vários países, tornou-se realidade na Alemanha Oriental. Até agora — isso é importante ressaltar — grupos organizados, vastos setores da população e, o que é novo, enormes segmentos dentro do partido (e do aparelho de Estado?) não se deram por satisfeitos com nenhuma das medidas anunciadas ou prometidas por Krenz.

A resposta dos alemães-orientais à primeira liberalização do regime, traduzida num novo estilo nos meios de comunicação, foram passeatas ainda mais gigantescas que culminaram, sábado passado, com 1 milhão de pessoas no centro de Berlim Oriental. A reação às promessas de mudanças políticas e reformas econômicas foi um fluxo ainda maior dos que se aproveitaram da reabertura das fronteiras com a Checoslováquia para dar a volta ao Muro de Berlim.

"Eles demoraram muito tempo para fazer reformas. As reformas agora são tardias, ocorrem muito rápido e eles não sabem para onde levá-las", fuzilou, de Estocolmo, o dirigente reformista húngaro Rezso Nyers, um especialista em dissolução de regime comunista.

O irônico na coragem de Krenz é que ele, até agora, só conseguiu espasar de todas as medidas) apenas um resultado. Impôs sobre seu país um enorme ponto de interrogação.

Hans Modrow, um político ao gosto do povo

BERLIM ORIENTAL — Hans Modrow, 61 anos, o novo chefe de governo na Alemanha Oriental, talvez seja o único político realmente popular na RDA. Chefe do partido na importante região de Dresden, Modrow havia sido preterido em diversas promoções anteriores justamente por ser considerado um "reformista" — palavra de conotação extremamente negativa antes da queda de Erich Honecker, a 18 de outubro.

Dresden, a linda cidade barroca às margens do Elba, gosta dele. Hans Modrow mora num apartamento de três cômodos, no centro da cidade, e dispensou a datcha (casa de fim de semana) a que teria direito por pertencer aos altos escalões da nomeklatura. Ele renunciava também ao uso de uma dessas limusines Volvo 760 GLE, símbolo de status pretendido por muitos funcionários do SED, e costumava fazer compras ele mesmo nos supermercados — o que é uma excelente maneira de se informar sobre os crônicos problemas de abastecimento na província.

Quando se tramava a saída de Honecker, em setembro, o nome de Modrow já circulava no topo do partido. Mas foi apenas a espantosa onda de protestos populares que permitiu uma ascensão tão impressionante: nunca, na história do SED, alguém saiu tão depressa da "província" política e entrou no Politburo e governo.

Modrow tem idéias bastante específicas sobre reformas econômicas. Foi na região de Dresden que o SED experimentou nos últimos meses um grau de autonomia desconhecido para os **Volkseigene Kombinate** os "conglomerados econômicos populares" dos quais a RDA tanto se orgulhou até agora.

Quanto às reformas políticas, Modrow imprimiu também suas marcas característica. Junto de Guenther Schabowski, em Berlim, ele foi o primeiro a dialogar aberta e francamente com os participantes de manifestações de protesto.

Está chegando a hora de receber as novas Listas Classificadas Telesp/Oesp para 1990. Como você deve ter notado,

Associated Press

Kohl vai apoiar a economia de mercado dos poloneses

Kohl viaja à Polônia para garantir ajuda

BONN — O chanceler alemão-ocidental Helmut Kohl partirá hoje para uma visita de seis dias a Polônia com duas preocupações fundamentais: garantir investimentos no valor de mais de um bilhão de dólares para esse país do Leste que adotou a economia de mercado e também dizer aos poloneses que a RFA não tem nenhuma reivindicação a fazer sobre territórios. Ontem, num gesto claro de boa vontade para com os poloneses, o Parlamento da RFA deixou claro que "os alemães" não reivindicam territórios na margem Leste dos rios Oder e Neisse, incorporados à Polônia depois que a Alemanha de Hitler foi derrotada na Segunda Guerra Mundial. De forma significativa, o Bundestag (Parlamento) deu a entender que fala também pelos alemães da RDA.

No programa de Kohl estão previstos encontros com o presidente Wojciech Jaruzelski, com o primeiro-ministro Tadeusz Mazowiecki, chefe do primeiro governo não-comunista desde a Segunda Guerra Mundial, e com o líder do sindicato Solidariedade, Lech Walesa. O chanceler também visitará o antigo campo de extermínio nazista de Auschwitz.

BAIXA DO DÓLAR

Enquanto esperam Kohl, os poloneses vivem agora um problema inédito, num país onde o dólar sempre foi muito procurado: a moeda americana teve uma baixa violenta e vem sendo vendida em grandes quantidades. Os economistas ainda não conseguiram uma explicação para o fenômeno.

China fecha 2,2 milhões de empresas

PEQUIM — O governo chinês determinou o fechamento de 2,2 milhões de pequenas empresas particulares e de mais de um milhão de cooperativas rurais, numa clara tentativa de desmantelar o sistema de economia de mercado e recuperar o centralismo ortodoxo. As empresas que serão fechadas representam cerca de 10% do total do setor. O governo também proibiu o estabelecimento de novas empresas que não se amoldem aos regulamentos estatais.

Os dirigentes de linha dura alegaram que as cooperativas rurais e microempresas particulares representam uma fonte de inflação, de evasão fiscal e corrupção por parte de funcionários regionais. Mas tudo indica que o objetivo é reduzir gradativamente a economia de mercado estimulada pelo exdirigente do PC, Zhao Ziyang, caído em desgraça em junho, por causa de seu apoio ao movimento pela democracia.

Os dirigentes chineses afirmam que o setor privado continuará sendo estimulado, porque gera empregos, mas sob "estrita supervisão" do Estado. O governo de linha dura nunca escondeu sua inquietação diante da explosão incontrolável das microempresas, que chegou a produzir até os primeiros milionários, num país onde grande parte da população vive na pobreza. O pioneiro das reformas, Deng Xiaoping, que adotou a linha dura em junho, costumava dizer que "não há nada de mal em ficar rico". Mas a liderança chinesa agora parece decidida a conter a expansão econômica para garantir o monopólio do poder do PC.

KISSINGER

Enquanto o PC chinês adotava mais uma medida centralizadora, chegava a Pequim o ex-secretário de Estado Henry Kissinger, com a provável missão de abrir caminho para uma reaproximação China-EUA. Antes de Kissinger esteve em Pequim o ex-presidente Richard Nixon. Kissinger era o assessor para segurança nacional de Nixon quando os dois realizaram a histórica aproximação com a China de Mao Tsé-tung, em 1972.

O ex-secretário de Estado não quis falar sobre sua missão e apenas declarou que está "feliz" por viajar novamente à China. Kissinger foi muito criticado nos EUA por ter feito observações favoráveis à repressão de junho, em Pequim.

NÃO HAVERÁ 2º TURNO, SE SUA EMPRESA ESCOLHER.

Antecipe sua escolha. Fique com a tecnologia dos equipamentos SOPHO-S PABX e racionalize sua comunicação interna.
O SOPHO-S é um PABX digital com comprovada aceitação no mercado, atendendo hoje empresas de pequeno, médio e grande porte.
Com uma linha de equipamentos versáteis, o SOPHO-S PABX possui capacidades de 20 até 20.000 portas digitais permitindo, em um mesmo equipamento, a integração das comunicações de voz, dados, texto e imagem de sua empresa.
Conheça nossos equipamentos e escolha o melhor. Vote na tecnologia do sistema SOPHO-S PABX, um de nossos equipamentos atenderá suas necessidades em comunicação.
Aproveite as condições especiais de comercialização. Contate uma de nossas Filiais e/ou Representantes.

SOPHO-S PABX

SUL AMÉRICA TELEINFORMÁTICA S.A. - Escritório Comercial ... (011) 0485 - FAX/S São Paulo ... 678-5668 - Campinas (0192) 42-7886 - Rio de Janeiro (021) 284-8097 - Belo Horizonte (031) 210-3644 - Curitiba (041) 254-4705 - Porto Alegre (0512) 20-4066 - Brasília ... 225-1... - Recife (081) 241-5000

VEJA DE NOVO O MENOR PREÇO NO VÍDEO PHILCO-HITACHI DO PONTO FRIO.

VENDAS SOMENTE PELO TELEFONE 260-5000.
APENAS 30 UNIDADES.

PROGRAMAÇÃO CONTROLE REMOTO
TIMER 1 ANO
82 CANAIS UHF

VIDEOCASSETE PHILCO HITACHI DECK PVC-5000

Estes dados e os descritos caracteres somente estão válidos enquanto durarem nossos estoques.

TEMPO EM SÃO PAULO
Nublado com pancadas de pouca chuva. Temperatura estável. Página 20

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO MESQUITA (1891 - 1927) JULIO DE MESQUITA FILHO (1927 - 1969) FRANCISCO MESQUITA (1927 - 1969)

JULIO DE MESQUITA NETO
DIRETOR RESPONSÁVEL

Capital e Interior de S. Paulo — NCz$ 3,00 | ANO 110 | SEXTA-FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 1989 | Nº 35.193 | Domingo NCz$ 6,00 | Assinatura Anual NCz$ 1.080,00

TSE não aceita candidatura de Sílvio

Francisco Rezek, presidente do Tribunal Superior Eleitoral, dirige a sessão que não aceitou a candidatura Sílvio Santos pelo PMB

O Tribunal Superior Eleitoral decidiu ontem à noite, por sete votos a zero, afastar Sílvio Santos da disputa pela Presidência da República. O TSE entendeu que o empresário e animador de programas de auditório é inelegível, por ser concessionário de uma rede de televisão, e também considerou inexistente o Partido Municipalista Brasileiro, que lançara sua candidatura. No exato momento em que a porta da esperança lhe foi fechada pelo quarto voto, Sílvio utilizava o horário gratuito do TSE para explicar aos eleitores que, se desejassem elegê-lo, deveriam votar no nome de Armando Corrêa. Aos jornalistas aglomerados no portão da casa do ex-candidato, no bairro do Morumbi, a copeira Marília Lopes transmitiu um recado do patrão: "Seu Sílvio mandou dizer que está com muita dor de cabeça e não tem condições de falar. Ele foi dormir". Depois, em tom choroso, encerrou sua curtíssima experiência como porta-voz: "A festa acabou". Páginas 4 e 5

Quem ganha

Com a decisão desfavorável a Sílvio Santos, ganham todos os candidatos, a começar pelo favorito das pesquisas, Fernando Collor de Mello. Ganham também o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, e o presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho, que se livra do constrangimento de ter de pedir audiência ao campeão absoluto do segundo lugar.

Quem perde

Com a decisão desfavorável a Sílvio perde o presidente da República, José Sarney, que volta a ficar sem poder de influenciar sua sucessão. O presidente também tem prejuízo doméstico a contabilizar: as chances do seu filho, deputado Zequinha Sarney, de ser eleito governador do Maranhão, diminuem. Saem derrotados e com dificuldades de sobrevivência política o presidente do PFL, senador piauiense Hugo Napoleão, o senador maranhense Edison Lobão e o líder do governo e quase candidato a vice, senador paraibano Marcondes Gadelha.

O Muro de Berlim não existe mais

Construído há 28 anos e três meses, no auge da Guerra Fria, da qual se tornou o mais conhecido símbolo, o Muro de Berlim desde ontem não mais impede a passagem de moradores do lado comunista para a metade democrática da cidade. Por decisão do novo Conselho de Ministros da Alemanha Oriental, foram praticamente removidos os embaraços que impediam a viagem de alemães-orientais para o Exterior. A medida se aplica não só ao muro, que cerca Berlim Ocidental, cidade encravada em território alemão-oriental, como aos 1.376km de fronteira fortemente policiada entre as duas Alemanhas. Desde o fim de semana, 50 mil pessoas fugiram para a Alemanha Ocidental através da Checoslováquia. Cerca de 1,4 milhão já haviam comunicado às autoridades o desejo de trocar de lado. No Ocidente, foi recebida com entusiasmo a transformação do muro em símbolo do passado, à espera de demolição. A URSS declarou que a Alemanha Oriental está livre para adotar um regime não comunista. Página 10

O Muro de Berlim, com a liberação da fronteira interalemã se transformou num monumento à espera da demolição

Maílson dá caráter legal a câmara setorial

O ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, baixou ontem portaria que dá caráter legal à política de preços praticada por intermédio das câmaras setoriais. O secretário especial de Assuntos Econômicos do Ministério da Fazenda, Michal Gartenkraut, apontou a institucionalização das câmaras como um indício de que o sistema deu certo e afirmou que ele poderá ser aperfeiçoado pelo futuro governo. Na sua opinião, o risco de hiperinflação já está afastado. No entanto, alguns setores,

Fraude leva a 28 inquéritos

O governo abriu ontem 28 inquéritos e indiciou sete pessoas envolvidas nas operações fraudulentas de câmbio que causaram prejuízo de US$ 360 milhões. Outros 20 inquéritos serão abertos hoje. O ministro da Justiça, Saulo Ramos, e o diretor-geral da Polícia Federal, Romeu Tuma, afirmaram que 15 bancos e seis corretoras poderão ser punidos. Ramos admitiu a possibilidade da fraude ter servido à lavagem de dinheiro obtido com o tráfico de drogas. Disse também que funcionários graduados de bancos estão envolvidos. Um dos indiciados é Tarcísio Marcondes, do setor de câmbio do Banco do Estado da Paraíba. Foram realizadas ao todo 594 operações fraudulentas. Os enquadrados podem ser condenados a entre dois a seis anos de prisão. Economia 1 e 3

Swat americana treinará policiais de São Paulo

A polícia começou a preparar ontem uma equipe de elite que receberá treinamento especial da Swat — Special Weapons and Tatics —, nos Estados Unidos, para agir em situações de risco, como assaltos com reféns ou seqüestros. Serão selecionados 40 homens, da Polícia Civil e PM, que se submeterão a avaliações psicológicas e provas de condicionamento físico antes de seguirem para os Estados Unidos. Ontem à noite, começaram a ser realizadas as baterias de provas de tiro ao alvo. Página 16

Interferência do PT imobiliza prefeituras

Dez meses depois de conquistar 36 prefeituras no País, o PT vem sendo identificado pelo

CADERNO 2

Notas e Informações

Num documento da CUT, publicado há algum tempo, falava-se no "prático período" do movimento sindical. Uma líder dos funcionários em Brasília, que deve estar por detrás da ocupação do

52 páginas

Economia/Caderno 2

Cidades ..... 14, 15 e 32
Ciência e Tecnologia 13
Classificados 28
Educação 12
Esportes ..... 17 a 19
Falecimentos 27
Interior 21

RDA decreta fim do Muro de Berlim

BERLIM ORIENTAL — Vinte e oito anos e três meses depois de ter sido construído, em agosto de 1961, o Muro de Berlim deixou de existir como barreira separando as duas Alemanhas e impedindo a emigração de alemães-orientais para o lado ocidental. A barreira física continuará de pé, não se sabe ainda por quanto tempo, mas a partir de ontem os alemães-orientais que quiserem viver na RFA ficarem livres para passar pelas várias portas do Muro de Berlim ou então pela barreira fortificada que existe ao longo de toda a fronteira Interalemã. Quem deu a notícia histórica foi um membro do Politburo, Guenter Schabowski, logo após a decisão adotada pelo Conselho de Ministros. "Viagens permanentes para fora do país podem ser feitas através de todos os postos de fronteira da República Democrática Alemã para a República Federal da Alemanha ou para Berlim Ocidental", anunciou Schabowski, acrescentando que a medida teria efeito imediato.

A abertura da fronteira interalemã foi decidida depois que mais de 50 mil alemães-orientais passaram para a RFA, através da fronteira com a Checoslováquia, liberada no sábado. Desde o começo do ano, mais de 200 mil refugiados passaram para o Ocidente. Para viajar à RFA, os alemães-orientais só precisam agora de apresentar-se aos escritórios regionais de emissão de passaportes, munidos da carteira de identidade, e obter um visto, que será entregue na hora, sem formalidades. As viagens para outros países também estão totalmente liberadas. Diz o comunicado do Conselho de Ministros: "As viagens de particulares ao exterior estão liberadas, sem que seja necessário justificar. Os vistos serão entregues imediatamente e as recusas só ocorrerão em casos excepcionais".

FIM DO PESADELO

A notícia caiu como um relâmpago em toda a Alemanha Oriental. Na sala de imprensa da sede do governo, em Berlim Oriental, os funcionários encarregados dos aparelhos de telex começaram a chorar. E se abraçaram, gritando: "Finalmente terminou o pesadelo".

Ontem, pouco antes do comunicado oficial sobre a liberação da fronteira interalemã, um grupo de 15 destacados intelectuais comunistas e cientistas da RDA havia enviado uma carta ao Comitê Central do SED, pedindo que o Muro de Berlim seja demolido num futuro próximo.

A comunicação sobre a passagem livre dos alemães-orientais para o lado ocidental foi recebida com perplexidade pelos guardas do Muro de Berlim, postados nas várias passagens existentes na antiga capital alemã. "As pessoas vão ler isto e dizer que há algum engano", brincou um guarda. E um outro comentou: "Isso não é nada bom. Vamos perder nosso emprego". Pelo menos 1,4 milhão de alemães-orientais já estavam inscritos para emigrar. Mas o êxodo em massa pela fronteira aberta poderá, segundo outras fontes, alcançar mais de dois milhões de pessoas.

Espera na fronteira checa: desvio desnecessário

Berlim Oriental: bases do SED exigem mudanças

Emoção na fuga: refugiada deixou os filhos para trás

A divisão do mundo agüentou de Ialta a Malta

WILLIAM WAACK

Os alemães não acertam quando fazem previsões a longo prazo. O Reich fundado por Bismarck, em 1871, deveria durar séculos, mas acabou em 74 anos. Outro que previu mil anos para sua "obra", Adolf Hitler, nem viveu o suficiente para ver que ela durou 12 anos — 12 anos demais, diga-se de passagem.

Erich Honecker, o velhinho deposto recentemente na Alemanha Oriental, foi outro alemão que se arriscou em previsões de amplo horizonte. Ainda este ano ele dizia, referindo-se à "sua" obra, o Muro de Berlim: "Vai durar ainda décadas, como garantia da paz".

A muralha que cerca Berlim Ocidental por todos os lados agüentou exatamente 28 anos em sua função de impedir a livre passagem das pessoas. Mais tempo — e disso muitos se esquecem — existiu o fosso que separa as duas Alemanhas pelos seus 1.378 quilômetros de fronteira comum: desde 1949, quando a Guerra Fria levou irreparavelmente à divisão do antigo Reich alemão.

O Muro de Berlim, que a decisão de ontem à noite faz perder sua função, é a marca mais visível, porém nem sequer a mais relevante dessa divisão — que é, na verdade, a divisão do mundo. Ele foi construído, em 1961, exatamente para que essa divisão permanecesse sólida e, portanto, estável.

No dia em que ele foi construído — seguindo-se à interrupção da fronteira, na madrugada do sábado, 12, para o domingo, 13 de agosto de 1961 — foram principalmente os alemães-ocidentais que se sentiram traídos, com a falta de uma decidida reação do Ocidente.

Por incrível que pareça, foi o Muro que levou, poucos anos depois, à reaproximação das duas Alemanhas, arquitetada pelo mesmo Willy Brandt. "Ele não foi derrubado, mas está cheio de buracos", comentava o veterano Kanzler (chefe de governo). Em silêncio, pedaço a pedaço, a liberança da Alemanha Oriental removeu nos últimos dez anos a ordem de atirar para matar, as minas antipessoa, os automáticos da morte e os cães ferozes.

A abertura da fronteira entre as duas Alemanhas de certa maneira recoloca ambos os países na mesma situação de 1945, quando a fronteira era apenas uma linha provisória aguardando uma definição dos vencedores da 2ª Guerra. A diferença é que, hoje, a divisão do mundo em duas partes parece bastante superada, e as duas Alemanhas têm outra consciência: a de que dificilmente alguém as segura.

Em fevereiro de 1945, os (então) três grandes — URSS, EUA e Grã-Bretanha — encontraram-se em Ialta para decidir o destino do mundo. Dentro de poucos dias, Bush e Gorbachev vão conversar num navio de guerra no mar Mediterrâneo, próximo a Malta. Estarão sepultando 45 anos de História.

As fugas, do salto ao balão

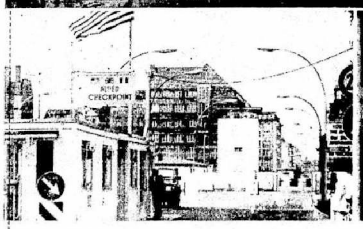
Durante os últimos 28 anos, o Muro de Berlim desafiou a imaginação de incontáveis fugitivos. Saltá-lo ainda era possível, apesar dos tiros de fuzis, logo que a fronteira pronta, no começo dos anos sessenta. Para evitar esse tipo de fuga, as autoridades da RDA aumentaram a "tierra de ninguém" antes da parede de concreto propriamente dita.

Depois veio a fase dos túneis, dos buracos pelos prédios que ficavam sobre a fronteira da cidade ou dos cabos amarrados entre o topo de edifícios. Carros, caminhões e carroças foram adaptados para esconder gente — até que os arrogantes guardas de fronteira receberam aparelhos de Raio X e detectores de calor.

Mais espantosos foram os métodos de fuga para superar a fronteira entre as duas Alemanhas. Um deles viu filmar uma família alemã-oriental confeccionou um balão e voou para a Baviera. Foram utilizados também planadores, aviões agrícolas, asas-delta e ultraleves.

Teve gente que fugiu nadando pelo Rio Elba, ou de wind-surf pelo Mar Báltico. Outros, mais refinados, conseguiram falsificar documentos, atiraram cumaldeias contra barreiras ou desenvolveram detectores de mina para atravessar alguns setores. Vários aguardaram anos para desertar no exterior, durante alguma viagem. E muitos, finalmente, adotaram o método preferido dos últimos anos: declararam-se dissidentes e foram comprados das prisões pelo governo da Alemanha Ocidental.

O muro isolou Berlim Ocidental, enclave na RDA



O Muro de Berlim, que segundo Honecker duraria "décadas", ainda existe, mas agora perdeu completamente sua função

Kohl, Mazowiecki: "novo capítulo" nas relações

Kohl visita a Polônia e concede empréstimo

VARSÓVIA — O chefe do governo da Alemanha Ocidental, chanceler Helmut Kohl, chegou ontem à Polônia em visita oficial, com o objetivo de iniciar "um novo capítulo" nas relações entre os dois países. Ele vai expressar o apoio de Bonn às reformas políticas empreendidas pelos poloneses de modo prático, concedendo empréstimo de 1,6 bilhão de dólares.

"Superemos as divisões do passado", disse Kohl ao chegar ao aeroporto de Varsóvia. "Sem a reconciliação entre poloneses e alemães, não há esperança de uma Europa sem muros, sem cercas, sem ódio e sem hostilidades." Ela foi proibida pelo presidente Solidariedade, Lech Walesa. Um dos temas que Kohl discutirá com Mazowiecki é o da fronteira ocidental polonesa. Mas o chanceler deixou claro que não poderá fazer nenhum compromisso em nome de uma Alemanha reunificada, mas apenas do governo de Bonn.

Kohl também visitará Auschwitz, onde foram mortos 2,5 milhões de judeus durante a Segunda Guerra. A visita estava programada para amanhã, mas um dos acompanhantes de Kohl, Heinz Galinski, chefe da comunidade judaica alemã, pediu o adiamento da viagem,

RIBEIRÃO PRETO NÃO FICA FORA DO ESTADO.
Para quem mora em Ribeirão Preto e região, também é fácil anunciar no Estadão.

SP, RJ, MG e PR
Cr$ 500,00

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO DE MESQUITA NETO
Diretor Responsável

Julio Mesquita (1891-1927) *Julio de Mesquita Filho (1927-1969)* *Francisco Mesquita (1927-1969)*

ANO 112 QUINTA-FEIRA, 26 DE DEZEMBRO DE 1991 Nº 35.862

Associated Press

Último ato
Moscou, 25 de dezembro de 1991: Gorbachev transfere para a Rússia de Yeltsin o controle do arsenal atômico da antiga URSS

Gorbachev renuncia, URSS cede espaço para a Rússia

- *Bandeira vermelha da foice e do martelo comunista é arriada do Kremlin*
- *Líder critica o desmembramento do país "sem que o povo fosse ouvido"*
- *Sobre seu futuro, ele diz que não vai "se esconder", mas não dá detalhes*

Virando uma página desconcertante, atribulada e riquíssima do século 20, o presidente soviético Mikhail Gorbachev renunciou ontem a seu cargo, que declarou extinto, em discurso de 12 minutos transmitido por uma cadeia de rádio e televisão às 15 horas de Moscou (19 de Brasília). Logo em seguida, Gorbachev assinou os decretos pelos quais passou o controle do dispositivo nuclear soviético para o presidente da Rússia, Boris Yeltsin. Ato contínuo, os poucos cidadãos que enfrentavam o frio de inverno na Praça Vermelha, em Moscou, assistiram a uma cena simbólica, que nem sequer os futurólogos mais ousados poderiam prever há apenas dois ou três anos: a bandeira vermelha da foice e do martelo desceu do mastro principal do Kremlin, símbolo do poder da superpotência construída pelo comunismo, e cedeu lugar à bandeira azul, branca e vermelha da Rússia. "Devido à situação criada com a formação da Comunidade de Estados Independentes, encerro minhas atividades como presidente da URSS", disse Gorbachev. Ele observou que, ao contrário do que defendia, as coisas "tomaram um rumo diferente, na linha do desmembramento do país". Segundo Gorbachev, "uma decisão desse calibre deveria ser adotada com base na vontade popular". Ele se mostrou "inquieto" diante do futuro, mas demonstrou esperança na "sabedoria e força espiritual" do povo. Disse, também, que dará sua colaboração para que a crise se resolva. Gorbachev saiu do poder, mas não pretende deixar a cena política. "Não vou me esconder", assegurou em entrevista à rede de TV americana CNN. Mas não quis entrar em detalhes sobre seu futuro. Páginas 7, 8 e 9

Yeltsin promete ter cuidado com suas armas nucleares

No mesmo dia em que recebeu as armas nucleares da URSS, o presidente Boris Yeltsin tentou tranquilizar o mundo. "Faremos o possível para que elas jamais sejam usadas", prometeu. Página 7

Forças do governo central começam a deixar a Geórgia

O presidente Boris Yeltsin retirou ontem da Geórgia as forças do antigo Ministério do Interior da URSS. A república está em convulsão, com o presidente sitiado no palácio do governo. Página 7

Europa reconhece Rússia no lugar da ex-União Soviética

A Comunidade Econômica Européia reconheceu ontem a Rússia como sucessora da antiga URSS. Os EUA devem fazer o mesmo hoje. Ambos se preparam para reconhecer as ex-repúblicas. Página 7

Manual mostra como se faz lobby no País Página 4
Papa reza pela paz na mensagem de Natal Página 10
Campeonato de 92 vai valorizar clássicos Esportes 1
Juiz de Fortaleza absolve colombiano Cidades 3
Tênis quer realizar mais promoções em 92 Esportes 4
Jovens brasileiros acreditam em Deus Caia
Índice na página 2

Acidente na Régis Bittencourt mata cinco e fere quatro

Cinco pessoas morreram e quatro ficaram gravemente feridas em conseqüência de um acidente envolvendo uma Brasília e um Santana, ambos de São Paulo, que se chocaram no km 45 da Rodovia Fernão Dias, na altura de Atibaia, às 2h30 de ontem. A Fernão Dias, que liga São Paulo a Belo Horizonte, tem pista dupla mal conservada e é uma das rodovias mais perigosas do País.

■ *Em apenas 24 horas, entre zero hora e meia-noite de terça-feira, as rodovias estaduais registraram 97 acidentes, com seis mortos e 90 feridos. Nas federais em São Paulo, ocorreram 163 acidentes nos últimos cinco dias, com 22 mortos e 92 feridos.* Cidade 1

Chris Ferreira/AE

A força da vida
A vida, que a lama da lavra de manganês parece sufocar, ressurge, teimosamente, na floresta tropical da Serra do Navio, como que a lembrar o verdadeiro espírito que preside o Natal. Ali, a Universidade de São Paulo, em convênio com a Icomi, que explora o minério na região, começa a montar os primeiros laboratórios de um futuro centro de pesquisas e estudos sobre a Amazônia. Onze projetos já estão em andamento. Página 12

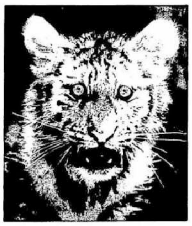
Notas e Informações

A cultura subsidiada pelo Estado, que entre nós apenas estimulou o ócio remunerado de pseudo intelectuais e artistas, é inadmissível. O incentivo oficial às artes, porém, é prática comum nas democracias contemporâneas. O Programa Nacional de Apoio à Cultura, criado pela Lei Rouanet, responde a uma demanda natural da sociedade. Nesse campo, as decisões nem sempre são bem interpretadas. A punição com penas de dois a seis meses de reclusão para o uso fraudulento dos benefícios do projeto pode significar até um desestímulo pelo excesso de rigor. Trata-se, porém, de freio necessário para os que usarem a "Lei Sarney" com propósitos nada edificantes, do ponto de vista cultural ou moral.

"A Lei Rouanet", na página 3

Limite do crédito e juro alto derrubam vendas financiadas

As vendas financiadas pelo crédito ao consumidor registraram, nos últimos cinco anos, queda de 80%, já descontada a inflação. O saldo de financiamentos, que era equivalente a US$ 1,36 bilhão em março de 1986, deve fechar este ano com US$ 260 milhões, de acordo com estimativas da Acrefi, a associação que reúne as financeiras paulistas. A redução foi provocada, basicamente, pelo limite imposto pelo governo ao crédito e pelo aumento dos juros — como forma de conter a procura e, em conseqüência, a alta dos preços. As financeiras prevêem uma reativação nos financiamentos de automóveis para o início de 1992. Economia 1



■ *O Simba Safári acaba de importar da Holanda mais três filhotes de tigres siberianos — espécie extremamente rara, que só conta hoje com 50 exemplares na natureza. Com cinco meses de idade e 50 quilos de peso cada um, eles passarão por uma fase de adaptação em área reservada antes de serem mostrados ao público. Em 18 meses, será tentada a cruza dos três com outros três comprados em novembro.* Página 10

Restituição do IR chega aos bancos somente no dia 13

As 350 mil restituições do último lote do Imposto de Renda chegarão aos bancos somente no dia 13. Apesar dos 45 dias de atraso, a Receita Federal não pretende corrigir os valores. Economia 1

Collor trocou suas lentes de contato por modelo novo

O presidente Fernando Collor trocou as lentes de contato gelatinosas, que lhe irritavam os olhos, pelas modernas de fluorcarbono, que comportam três semanas de uso consecutivo. Página 10

CEI

Gorbachev sai e bandeira soviética desce

O presidente deixou o poder num discurso triste, e entregou a Boris Yeltsin o controle sobre o arsenal nuclear soviético

MOSCOU — Num discurso de apenas 12 minutos, com ar triste e atitude quase desafiadora, Mikhail Gorbachev despediu-se ontem, às 19h00 de Moscou (15h00 de Brasília) do poder que exerceu durante quase sete anos. Assim desembarcou do processo de transformação política com que pretendia reestruturar a União Soviética, mas que acabou com sua liquidação e com a criação de uma nova entidade para substituí-la, a Comunidade de Estados Independentes (CEI).

Minutos depois que Gorbachev havia dado adeus ao poder e passado o controle das armas nucleares para o presidente russo Boris Yeltsin, a bandeira soviética com a foice e martelo do Kremlin era arriada e substituída pela bandeira tricolor da Rússia. Essa cerimônia, marcando o encerramento do império soviético havia sido marcada para o dia 31, mas foi antecipada, tendo sido assistida por apenas algumas pessoas que desafiavam o frio na Praça Vermelha.

Quem apareceu na tela da TV, numa trasmissão que a rede americana CNN levou a todo o mundo, não foi um Gorbachev conformado com a extinção de seu cargo e da União que tentou salvar a todo custo. Ele deixou claro que não pode aceitar a forma pela qual foi constituída a CEI e continuou defendendo sua própria fórmula: a de uma União de Estados Soberanos, com um poder central raquítico. "Devido à situação criada com a formação da Comunidade de Estados Independentes, encerro minhas atividades como presidente da URSS", disse Gorbachev. Mas logo observou que, ao contrário do que defendia, as coisas "tomaram um curso diferente, na linha do desmembramento do país". "Não posso concordar com essa linha", declarou. Para Gorbachev, "uma decisão desse calibre deveria ser tomada com base na vontade popular". Ele se mostrou "inquieto" diante do futuro, mas também demonstrou esperança na "sabedoria e força espiritual" dos povos da antiga URSS.

Mas o mentor da perestroika quis mostrar que suas duras críticas ao processo que o marginalizou não significam que irá lutar contra a nova estrutura que enterrou seus sonhos de uma nova União. "Farei tudo que puder para que os acordos firmados levem à uma verdadeira concórdia na sociedade e facilitem a solução da crise", disse. Numa entrevista à agência Interfax, ele foi ainda mais incisivo: "Usarei toda a minha influência e todos os meus recursos para que a CEI viva e prospere".

Gorbachev usou o resto do tempo para recapitular seus esforços na política de perestroika, desde 1985, defendendo a tese de que o mais importante foi a "libertação política e espiritual dos soviéticos".

Último ato — O presidente utilizou seu poder pela última vez para passar o controle das armas nucleares à Yeltsin, firmando um decreto para esse fim. Gorbachev também se preocupou, antes do discurso pela TV, em telefonar ao presidente americano George Bush, seu sócio nas reuniões de cúpula que reduziram arsenais nucleares e acabaram com conflitos regionais, para garantir que o "botão nuclear" estaria em mãos seguras. Ele disse que o presidente dos EUA poderia "passar uma noite de Natal tranqüila".

Gorbachev saiu do poder mas não quer sair da cena política. "Não vou me esconder", disse ele à CNN. O ostracismo não significará para o criador da perestroika problemas pessoais. Ontem, fontes russas disseram que o ex-presidente terá direito a uma guarda pessoal de 20 pessoas, duas limusines, um apartamento e uma casa de campo, além de uma pensão de 4 mil rublos.

France Presse

Despedida

Gorbachev na TV de Moscou: ex-presidente diz que não sai da cena política

Yeltsin promete comunidade pacífica

MOSCOU — No mesmo dia em que recebeu das mãos de Mikhail Gorbachev o comando dos arsenais nucleares da antiga URSS e se tornou senhor da segunda potência atômica do planeta, a Rússia, o presidente Boris Yeltsin se esforçou ontem para mostrar que a Comunidade de Estados Independentes (CEI) será um ator disposto à cooperação e à defesa da paz.

Num discurso perante o Parlamento russo e, mais tarde, em entrevista à rede norte-americana CNN, Yeltsin enfatizou que seu poder de utilizar as ogivas atômicas dependerá de consulta prévia com outras três repúblicas, Ucrânia, Bielo-Rússia e Cazaquistão, que também dispõem de arsenais nucleares. "Faremos o possível para garantir que essas armas jamais serão usadas", disse Yeltsin, lembrando que a CEI, que ele representa como presidente da maior república, "não é um bloco militar agressivo".

Yeltsin revelou que os dirigentes das quatro repúblicas nucleares da CEI dispõem de um telefone especial para consultas em caso de emergência, justamente para garantir que nenhuma decisão catastrófica seja adotada. O presidente russo também prometeu que as quatro repúblicas nucleares ratificarão conjuntamente o tratado de redução das armas atômicas de longo alcance, assinado dia 31 de julho por Gorbachev e George Bush.

Yeltsin afirmou, em seu discurso pela manhã, que o Estado conhecido como União Soviética "está agonizando" e garantiu que as repúblicas da CEI, como Estados independentes, "estão desenvolvendo relações civilizadas entre si".

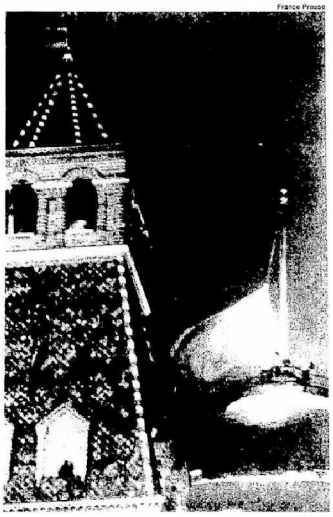
A CEI, como substituta da URSS, embora não seja um Estado e sim uma comunidade, respeitará os princípios do direito internacional e as liberdades individuais, garantiu Yeltsin. Ele salientou que as reformistas estão fazendo o possível para "superar o terrível governo totalitário", numa alusão à antiga URSS. O presidente também mandou uma carta à ONU para comunicar que a URSS deixou de existir como membro do Conselho de Segurança e será substituída pela Rússia.

Novo nome — Na pressa para assegurar uma transição rápida e o mais civilizada possível do poder, Yeltsin acabou deixando de lado um detalhe importante: mudar o nome da Rússia para adaptá-la à sua nova condição de Estado independente. Ontem o Parlamento aprovou resolução que extingue a República Socialista Federativa Soviética da Rússia, substituindo-a por Federação Russa ou simplesmente Rússia.

Como herdeira da antiga URSS superpotência, a Rússia não tem estruturas políticas e administrativas para cuidar dos complexos problemas estratégicos. Para superar esse problema, Yeltsin anunciou que a Rússia terá um Ministério da Defesa, integrado por especialistas do antigo Ministério da Defesa soviético e por grande parte da assessoria de Gorbachev. Yeltsin disse que os ex-assessores de Gorbachev estão "altamente qualificados" para essa função.

Yeltsin também se preocupou ontem em retirar as tropas soviéticas de focos de violência, anunciando que as forças do antigo Ministério do Interior da URSS sairão da Geórgia e de Nagorno-Karabach. A decisão de retirar as tropas soviéticas da Geórgia foi uma dura advertência de Yeltsin ao presidente dessa república, Zviad Gamsakhurdia, que se recusou a aderir à CEI e enfrenta um cerco militar de forças oposicionistas.

France Presse



Última bandeira

Assim que Gorbachev deixou o Kremlin, a última bandeira com foice e martelo foi trocada pela russa

Ocidente agradece a líder e vai reconhecer Rússia

BRUXELAS — Logo após a renúncia do presidente Mikhail Gorbachev, a Comunidade Econômica Européia (CEE) reconheceu a Federação Russa como sucessora legítima da antiga URSS e anunciou que está preparada para reconhecer também as demais ex-repúblicas soviéticas.

Também os EUA devem reconhecer hoje a Federação Russa como sucessora da URSS, conforme o anunciado por fontes da Casa Branca. O reconhecimento diplomático pode ser estendido a outras cinco das repúblicas ex-soviéticas. Para tranquilizar seus concidadãos com relação aos acontecimentos na defunta URSS, o presidente George Bush interrompeu seu feriado de Natal em Camp David para fazer, esta madrugada, um pronunciamento em cadeia nacional de televisão.

Ontem líderes ocidentais elogiaram com unanimidade o trabalho realizado por Mikhail Gorbachev. Numa conversa por telefone com o líder soviético, antes da renúncia, o presidente Bush louvou-lhe a "coragem e liderança". O chefe do governo alemão, Helmut Kohl, expressou "tremenda gratidão" a Gorbachev, pela abertura no Leste que possibilitou a reunificação da Alemanha.

O presidente francês François Mitterrand disse que Gorbachev foi um dos grande homens de século, por ter "organizado o fim da guerra fria". Manfred Woerner, secretário-geral da Otan, afirmou que sem as reformas de Gorbachev teria sido impossível "entender a mão para os países da Europa Central e Oriental".

A ex-primeira-ministra Margareth Thatcher observou que "ele fez grandes coisas para o mundo e nós estamos muito gratos". E para o ex-presidente Ronald Reagan — que com Gorbachev sepultou a guerra fria — "ele viverá para sempre na história".

Comunista coreano passa cargo

PYONGYANG — *Kim Jong Il, filho do presidente norte-coreano Kim Il Sung, foi eleito comandante das Forças Armadas pelo Comitê Central do Partido Comunista, informou ontem a agência de notícias* Korean Central News. *Kim Jong Il, de 49 anos, chefiará um exército de 1,1 milhões de homens que, segundo estrategistas norte-americanos, está próximo de produzir bombas atômicas.*

A entrega do poder militar do presidente Kim Il Sung, de 79 anos, para seu filho está sendo interpretada como o acesso de Kim Jong Il ao controle virtual da Coréia do Norte. Seria a etapa final da primeira sucessão hereditária num regime comunista.

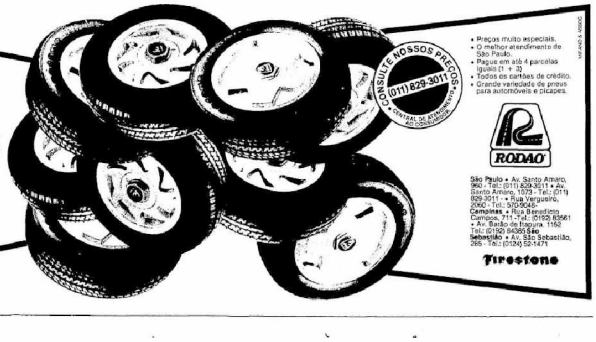
Kim Jong Il foi acusado pelos EUA de ter ordenado o atentado, em novembro de 1987, contra um avião sul-coreano que matou 115 pessoas.

FACULDADE DE BELAS ARTES DE SÃO PAULO COMUNICADO: AMPLIAÇÃO CORPO DOCENTE

A Faculdade de Belas Artes de São Paulo, ampliando o seu Quadro Docente, está cadastrando professores para todas as áreas do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Será dada preferência àqueles que já possuam títulos de especialização, mestrado, doutorado ou parecer do C.F.E./M.E.C. Os interessados deverão enviar "Curriculum Vitae" documentado e disponibilidade horária (matutino e noturno) à Coordenação do Curso na sede da Faculdade, sito à Rua Dr. Alvaro Alvim nº 76 - Vila Mariana - Cep 04018 - Telefone 549.7122 e 549.7932, até o dia 15 de janeiro de 1992.

SÓ O RODÃO TEM OS PNEUS MAIS BARATOS DA CIDADE.

OS MENORES PREÇOS EM 4 X IGUAIS.



• Preços muito especiais.
• O melhor atendimento de São Paulo.
• Pague em até 4 parcelas iguais (1 + 3).
• Todos os cartões de crédito.
• Grande variedade de pneus para automóveis e picapes.

RODÃO

São Paulo • Av. Santo Amaro, 950 - Tel.: (011) 829.3011 • Av. Santo Amaro, 1079 - Tel.: (011) 829.3011 • Rua Vergueiro, 2060 - Tel.: 570.9045
Campinas • Rua Benedito Campos, 1 • Tel.: (0192) 43561
Santos • Rua Senador Feijó, 182 - Tel.: (0132) 34581
Sebastião • Av. São Sebastião, 265 - Tel.: (0124) 521471

Firestone

Ao iniciar as reformas há seis anos na antiga URSS, Mikhail Gorbachev liberou forças que acabariam por desintegrar o império e alcançar o próprio reformador. O fracasso do golpe

provou que a liberdade conquistada por Gorbachev havia criado raízes. Mas também acelerou sua queda, pois deixou as repúblicas livres para fundar a nova comunidade

HISTÓRIA

Onda de reformas engole seu criador

SERGE SCHMEMANN
The New York Times

MOSCOU — Olhando para trás, o golpe de agosto significou o melhor momento para Mikhail Gorbachev e também o início do último ato de seu reinado. O colapso do golpe foi a vitória de Gorbachev. Mostrou que a liberdade por ele conquistada criou raízes, salientou as qualidades de coragem e determinação que lhe eram do presidente soviético um dos líderes mais importantes do mundo.

Mas com o fracasso do golpe, os últimos pilares da velha ordem desabaram, deixando as repúblicas livres para repartir o que restou do império e para procurar seu destino dentro de uma nova Comunidade de Estados Independentes. Gorbachev, o homem que há seis anos iniciou as reformas no maior império do mundo, foi deixado de lado pelas forças que ele mesmo liberou. A chance de que ele mais uma vez reagisse era mínima.

Nos quatro meses que se seguiram ao golpe, Gorbachev pareceu abrir mão de sua incrível carreira. Quando um 22 de agosto ele voltou a Moscou, após ter ficado 72 horas incomunicável na Criméia, o presidente parecia convencido de que obtivera um triunfo moral e de que seu destino fora reafirmado. Foi um grande momento e parecia que ele estava consciente desse fato: "Disem que voltei para um país diferente, poderia quase afirmar: um outro país."

Mais uma vez, porém, os acontecimentos pareciam escapar ao controle de Gorbachev. Ele poderia ter ido diretamente para o Parlamento russo, onde se encontrava um eufórico Boris Yeltsin, onde a multidão que enfrentara os tanques teria carregado o líder soviético em seus ombros. Poderia ter abraçado Yeltsin e com ele enfrentar a nova era que se abria.

Mas Gorbachev só apareceu no dia seguinte, numa entrevista coletiva onde mais uma vez invocou o já esquecido Vladimir Lenin e a desgastada expressão "opção socialista". Falou do golpe como de um ataque pessoal: "O presidente estava isolado do país e do mundo, o objetivo do golpe era o de asmagar moralmente o presidente e sua família, mas os autores da conspiração falharam." No entanto, foi o próprio Gorbachev que falhou ao não correr para a multidão que latou, não pelo líder soviético, mas pela liberdade que ele lhe ofereceu.

Momento perdido — Mais tarde, quando Gorbachev apareceu diante do Parlamento russo, a solidariedade havia desaparecido e o momento fora perdido. Sua gratidão para com Yeltsin parecia forçada. Gorbachev também teve dificuldade em aceitar a sua parcela de responsabilidade. A partir daí, o fim estava próximo.

Sem os pilares da velha ordem para se apoiar, somente a força de seu carisma e o simbolismo de seu nome poderiam resistir aos ataques ao centro. Lenta e inexoravelmente, ele passou de campeão de uma nova ordem a obstáculo para a realização dela. Em vez de formar uma nova aliança, ele entrou em rota de colisão final com seu alter ego: Yeltsin.

O momento de grandeza de Gorbachev, seguido por uma louca teimosia, a partir de agosto, parecia um replay de uma carreira que, ao mesmo tempo, elevara e frustrava o seu país e o mundo. Quando chegou ao poder em 1985, Gorbachev começou um processo que ninguém jamais previra. Devolveu aos soviéticos o direito de pensar e de falar, e o confronto Leste—Oeste simplesmente se evaporou.

O "novo pensamento" fez milagres no exterior. O Leste europeu foi liberado, as tropas soviéticas se retiraram do Afeganistão, a guerra fria acabou. Gorbachev era saudado no mundo inteiro por multidões entusiasmadas gritando "Gorby! Gorby!", e ele ganhou o Prêmio Nobel da Paz.

Mas na URSS, desde o princípio, Gorbachev parecia incapaz de compreender as forças que havia liberado. Quis instituir mudanças de cima para baixo, e manchm dos comunistas. Tentou impor homogeneidade numa nação que apenas acabava de recuperar sua diversidade.

Nas palavras intrincadas do prefeito de São Petersburgo, Anatoly Sobchak, "em vez de governar com a História, ele tentou reformar o irreformável". Gorbachev queria moldar a reforma na sociedade, estava convencido de que o PC poderia ser "renovado" e que o socialismo poderia funcionar.

Aceitou o inevitável, mas só quando as forças estavam além de seu controle. Resistiu a todas as mudanças vitais — propriedade privada, reforma econômica radical, acabar com o PC, partilhar o poder com as repúblicas — até o país chegar à beira do caos. Provocou os países bálticos até estes não terem outra escolha senão a independência. Resistiu à idéia de federação e divisão de poder até que as forças centrífugas se tornaram incontroláveis.

Seu orgulho e teimosia levaram os seus mais leais camaradas a se afastarem. E ele os substituiu por comunistas desprezíveis. E se recusou a demiti-los mesmo quando homens como o então chanceler Eduard Shevardnadze e o leal assessor Alexander Yakovlev o alertaram para um golpe tramado pelos comunistas.

Que Gorbachev já conseguiu um bom lugar na História é evidente. Resta saber se os historiadores serão tão indulgentes julgando-o em seus contemporâneos. E isto depende em boa parte do que acontecerá no processo que ele deflagrou. Se falhar, ou seja, se o que vier for o caos, com guerras civis, fascismo ou outro tipo de horror, Gorbachev passará para a História como o homem que perdeu as oportunidades. Se for bem-sucedido, ele entrará na História como um visionário que conseguiu acabar com a maior ditadura do mundo.

Hoje, nos olhos dos que o observam, Gorbachev parece um herói trágico, um gigante cujo declínio e queda foram provocados pelas mesmas qualidades que fizeram dele um grande homem: autoconfiança, teimosia beirando a arrogância, orgulho que o tornou surdo às críticas, uma integridade que conquistou admiração. Os demais, mas que o impossibilitou de escapar do humanismo ilusório da fé marxista.

Gorbachev é uma figura-símbolo dos soviéticos dos anos 80, uma geração que alimentara a fé leninista poderia ser combinada com a democracia e o mercado livre do Ocidente. Foi uma geração que se recusou a aceitar a idéia de que os fracassos do sistema eram inerentes à sua ideologia. Nas palavras de Alexander Bovin, embaixador soviético em Israel e ele mesmo um produto dos anos 60, "era uma geração que queria os bens e a segurança, mas também a liberdade".

Quando Gorbachev chegou ao poder ele estava convencido de que os bens viriam com a liberdade. Ele não era o único a acreditar nisso. Muitos no Ocidente também tinham certeza de que bastava uma abertura naquilo que o então presidente Ronald Reagan chamava de "império do mal" para que as pessoas reconhecessem o erro e escolhessem a felicidade e a prosperidade.

A ascensão de Gorbachev em 1985, com 54 anos, foi acompanhada de aplausos na URSS e no exterior. A "velha guarda" perdera literalmente o controle com a morte de três líderes soviéticos: Leonid Brejnev, Yuri Andropov e Constantin Chernenko. Por ser jovem e estar vivo, Gorbachev representou uma mudança dramática. E não desapontou: nas ruas pregou a glasnost, expulsou os corruptos da burocracia, e formou uma equipe decente, de homens honestos, entre eles Yeltsin.

Também declarou guerra à vodca, gesto simbólico em um país onde a bebida havia se transformado em refúgio. Prometeu reformas que trariam prosperidade. Em possível sentir a euforia no ar. O grande dissidente Andrei Sakharov voltou a Moscou, Anatoly Schasnanski foi liberado, centenas de outros dissidentes saíram das prisões, as artes ganharam impulso e foi permitido o culto religioso. Intelectuais louvavam o novo líder, enquanto dissidentes na China e no Leste Europeu clamavam por Gorbachev.

A nova era rapidamente ultrapassou as fronteiras soviéticas. Oito meses depois de chegar ao poder, em novembro de 1985, Gorbachev se reuniu com Ronald Reagan, assinalando uma nova era nas relações Leste—Oeste. Com Shevardnadze como chanceler, a política externa soviética também entrou na era do "novo pensamento".

Os arsenais nucleares foram drasticamente reduzidos, acabou a guerra no Afeganistão, a Alemanha foi reunificada, e o Muro de Berlim se tornou uma curiosidade turística. Na URSS, os cidadãos votaram pela primeira vez durante as eleições multipartidárias de 1989, elegendo parlamentares como Sakharov e outros reformistas, e o PC praticamente perdeu o monopólio de poder em 1990.

Mas, na mesma época, o declínio já parecia inevitável. No 5º aniversário de sua chegada ao poder, em março de 1990, Gorbachev estava na defensiva. A população se queixava de que ele não cumpria as promessas de reforma. Gorbachev reagiu à declaração de independência da Lituânia ordenando um embargo econômico, pondo em marcha uma cadeia de acontecimentos que conduziriam a um banho de sangue em janeiro de 1991.

Aqueles que apoiavam o presidente soviético insistiam em que ele deveria obter um novo mandado popular por meio de eleições presidenciais e assim conseguir a força necessária para as reformas radicais e para salvar a economia. Em vez disso, ele pediu e obteve mais poder a Presidência. Os primeiros sinais de desordem há muito já tinham aparecido. Apesar das grandes mudanças na sociedade, a economia continuava a se deteriorar, presa à burocracia do Partido, que sabotava os esforços da reforma.

Logo Yeltsin e outros críticos acusaram Gorbachev de ser suave e lento demais. Em vez de ouvir Yeltsin, Gorbachev o destituiu em novembro de 1987. Foi uma decisão fatal. Separado das tradicionais fontes de poder, criticando o Partido, Yeltsin tornou-se o primeiro grande líder a subir ao poder pelas vias da democracia e da política. Surgiram movimentos nacionalistas e de independência nas repúblicas bálticas da Geórgia e da Ucrânia, e o reinício de antigos conflitos entre Azerbaijão e Armênia.

No desfile de Primeiro de Maio em 1990, Gorbachev foi saudado por conservadores e liberais. Logo depois, Yeltsin venceu as eleições para a presidência da Rússia e assim obteve poder e uma nova plataforma para combater Gorbachev. A "guerra dos presidentes" levaria as tropas a invadirem as ruas de Moscou. O combate final aconteceu quando, em meados de 1990, Gorbachev rejeitou o Plano dos 500 Dias — um programa de reformas radicais preparado por um grupo de economistas liberais para acelerar o avanço rumo à economia de mercado.

Como o apoio que recebia dos liberais diminuiu, Gorbachev se voltou para os conservadores do Partido, em busca de ajuda para governar o país. Em dezembro seu colega mais próximo, Eduard Shevardnadze, deixou o governo depois de alertar para o perigo de um golpe. Em janeiro, tropas ocuparam a torre de televisão na Lituânia, matando 14 pessoas. Em março foi convocada uma passeata pró-Yeltsin; 90 mil soldados se dirigiram a Moscou para evitá-la.

Finalmente, em abril, Gorbachev decidiu voltar atrás nas reformas que havia conduzido. Ignorando os colegas, ele se reuniu com os líderes de nove repúblicas para negociar o novo Tratado da União. Mas esta última tentativa de mudar o curso abruptamente foi feita tarde demais.

Em 19 de agosto, os conservadores que Gorbachev chamara ao Kremlin declararam a lei marcial e o prenderam em sua casa de veraneio na Criméia. Mas esta tentativa de golpe foi patética e mal planejada. Logo depois do golpe, Gorbachev lançou uma série de medidas que pareciam lembrar o Gorbachev dos tempos passados. Extinguiu o Partido, demitiu seu gabinete, expurgou a KGB, criou um novo Conselho de Estado para partilhar o poder e reconheceu os Estados bálticos.

Ele parecia caminhar para um novo Tratado da União. Os presidentes das repúblicas pressionavam o Kremlin, alarmados com a perspectiva de uma desintegração caótica. No período pós-golpe, mais uma vez, conquistou elogios ao discutir com o presidente George Bush o corte de armas táticas no início de outubro.

Mas logo ficou evidente que as suspeitas que pairavam sobre um novo regime central eram maiores do que todos os argumentos em sua defesa. Quando a Ucrânia finalmente declarou que não participaria de nenhum acordo ou federação com sede em Moscou, e quando os ucranianos votaram maciçamente pela independência no início de dezembro, a união caiu por terra.

Yeltsin se alia aos líderes da Ucrânia e da Bielo-Rússia e juntos assinaram a condenação à morte da União, proclamando a Comunidade dos Estados Independentes (CEI). Outras repúblicas, que no início temiam a "união eslava", juntaram-se a ela. E desta vez não sobrou espaço para Gorbachev manobrar.

Numa nação que procura seus precedentes na literatura e não na História, o destino de Gorbachev lembra o do czar do século 16 retratado pelo poeta Pushkin em Boris Godonov. Mussorgsky adaptou o poema para a ópera.

Angustiado pelos problemas do seu reinado, o czar se queixa do destino: "Consegui o maior poder e há seis anos governo em paz mas minha alma torturada não encontra felicidade... Aqui há conspiração, rebelião e tramas secretas: fome e peste, medo e ruína... Como animais selvagens as pessoas vagam acometidas por doenças! A Rússia geme na fome e na pobreza!"

A imagem de Boris Godunov amaldiçoado com seu destino era particularmente apreciada quando o líder soviético apareceu diante uma entrevista com repórteres soviéticos no início do mês, um encontro que muitos acreditaram ser um adeus. Relembrando a cadeia de acontecimentos que o levou a esta situação, Gorbachev algumas vezes se mostrou pensativo, ferido, humano.

Como um homem jamais dado a autopiedade ou a mostrar suas emoções, Gorbachev ainda se controlava, friamente analítico, orgulhoso de suas realizações, firme na idéia de que só ele decidiria quando seria a hora de deixar o cenário.

Reiterou sua convicção de que a CEI marcava a dissolução de um Estado que ele tentara preservar a qualquer custo. Mas ficou claro que Gorbachev também estava preparado para o inevitável: "Renunciarei. Se o processo acabar desta forma, renunciarei. Isto é claro, sou um homem íntegro, e em alguns dos novos líderes não vejo integridade."

Também houve momentos de fé comunista, da qual Gorbachev jamais conseguiu se livrar. Insistiu que o PCUS não poderia ser responsabilizado pelos pecados de seus líderes e lembrou que o ímpeto original de mudança veio do Partido: "Foi no Partido que estas forças nasceram e foram homens do Partido que tiveram a coragem de lançar estas reformas. Minha geração poderia ter assegurado a si mesma dez anos de governo pacífico."

Mas à medida que a conversa prosseguia, parecia que o presidente procurava explicações mais profundas para compreender como as coisas chegaram a este ponto. "Fiz o que estava ao meu alcance", disse Gorbachev quase com resignação. "Outros no meu lugar já teriam abandonado o posto."

Parecia consciente de ter errado em algum ponto. E disse que se era lento para ordenar mudanças era porque ele mesmo não podia mudar tão rápido. Seria mais fácil para a geração de sua filha. "Quando iniciamos este processo, éramos homens maduros, e é muito difícil passar por uma transformação."

Gorbachev disse várias vezes que, de qualquer forma, o objetivo principal fora alcançado: as pessoas mudaram. "Apesar de todos os erros, ou talvez por causa deles, fizemos o principal trabalho político e humano preparatório", disse. "Neste sentido jamais a sociedade voltará atrás. Nenhuma força a fará retornar."

Entretanto, enquanto falava, parecia ter dúvidas. O homem de princípios, o de nervos de aço, parecia alarmado não com o espectro de sua reminiscia, mas com a perspectiva de que o trabalho de sua vida corra perigo.

"Sou feliz?" perguntou. "Coube-me cumprir uma grande tarefa, e acredito tê-la realizado. A atividade mais importante da minha vida acabou. E todo o resto... Talvez venham outros, e talvez façam mais. Mas, entendam, eu quero que isto aconteça. Não desejo que fracassem."

France Presse

Tempo esgotado

Gorbachev (D) e Yeltsin no Congresso dos Deputados do Povo: momentos finais

Gorbachev parece um herói trágico cujo declínio se deve às mesmas qualidades que o tornaram um grande homem

Quando chegou ao poder, Gorbachev estava convencido de que a prosperidade viria junto com a liberdade

Em vez de buscar um genuíno mandato por meio de eleições, ele pediu e obteve mais poder para a Presidência

"Talvez venham outros e façam mais [do que fiz]. Quero que isso aconteça. Não desejo que fracassem"

O espetacular percurso de Gorbachev teve como ponto de partida a aproximação com a superpotência inimiga. No plano interno, o presidente conduzia as reformas de modo

cauteloso, para que a União e mesmo a ideologia comunista não fossem destruídas. Mas a convivência entre a velha estrutura e o novo pensamento se mostrou impossível.

France Presse 12-12-88

Ponto de partida
Gorbachev se reúne com o então presidente americano Ronald Reagan em Reykjavik (Islândia). As reuniões de cúpula entre os presidentes das superpotências levaram a acordos sobre redução de mísseis e ao clima de distensão que caracteriza o fim da guerra fria.

Associated Press 1-8-91

À sombra de Lenin
Gorbachev fala ao primeiro Parlamento eleito pelo voto direto na URSS. Mantendo a fé socialista, ele tentou reformar de dentro as estruturas da União, sem que ela se desfizesse. Acabou criticado tanto pelos conservadores quanto pelos ultra-reformistas, liderados por Yeltsin.

France Presse 6-12-88

Aceno da liberdade
Gorbachev acena ao lado do então vice-presidente George Bush (à esquerda) e do presidente Ronald Reagan. No momento em que o poder era passado de Reagan para o recém-eleito George Bush, os três se encontraram na Ilha do Governador, em Nova York. O encontro garantiu a continuidade das reuniões de cúpula entre os dirigentes das superpotências. Com Bush e Gorbachev, as negociações levariam ao enterro definitivo da era de conflito entre os Estados Unidos e a União Soviética, e entre o Leste e o Oeste.

Reuter 10-4-90

O reformista e o ortodoxo
O comunista Honecker (D), da ex-RDA, foi um dos atingidos pelas reformas

France Presse 25-8-91

Reuter 23-8-91

Glória e humilhação
Gorbachev chega após o golpe fracassado (acima), e Yeltsin o faz ler o documento dos golpistas

A era Gorbachev

Março de 85
Mikhail Gorbachev torna-se secretário-geral do PCUS. Nos meses seguintes lança o programa da perestroika (reestruturação) e da glasnost (transparência).

Novembro de 85
Primeira cúpula de Gorbachev com o presidente dos EUA, Ronald Reagan.

Fevereiro de 86
Gorbachev denuncia os "anos de estagnação" do período Brejnev.

Novembro de 87
Gorbachev afasta Boris Yeltsin (que criticava a lentidão das reformas) do chefia do PCUS de Moscou.

Dezembro de 87
Gorbachev e Reagan assinam em Washington tratado banindo mísseis de alcance intermediário.

Outubro de 88
Gorbachev eleito presidente da URSS.

Dezembro de 88
Gorbachev anuncia retirada de 250 mil soldados soviéticos do Leste Europeu.

Fevereiro de 89
Termina a intervenção soviética no Afeganistão.

Maio de 89
Gorbachev é eleito presidente do novo Parlamento soviético.

Novembro de 89
Queda do Muro de Berlim. Começam a cair os governos comunistas do Leste Europeu.

Dezembro de 89
Gorbachev e Bush proclamam o fim da guerra fria em reunião de cúpula em Malta.

Fevereiro de 90
PCUS renuncia ao monopólio do poder.

Março de 90
Lituânia declara independência.

Outubro de 90
Unificação das Alemanhas.

Novembro de 90
Soviete Supremo concede poderes especiais a Gorbachev. Primeiro esboço do novo Tratado da União.

Dezembro de 90
Conservadores advertem para a desintegração da URSS. Chanceler Eduard Shevardnadze sai e denuncia ameaça de golpe.

Janeiro de 91
Tropas soviéticas tomam torre de televisão em Vilna (Lituânia). Treze pessoas morrem.

Junho de 91
Boris Yeltsin é o primeiro presidente da Rússia eleito pelo voto direto.

Julho de 91
Gorbachev e Bush assinam em Moscou tratado de redução de armas estratégicas.

19 de agosto
Tentativa de golpe de Estado. Dois dias depois golpistas são derrotados.

24 de agosto
Gorbachev renuncia como líder do PCUS. Nas semanas seguintes, a maioria das repúblicas declarará sua independência.

25 de novembro
Gorbachev e sete repúblicas não conseguem chegar a acordo sobre Tratado da União.

1º de dezembro
Ucrânia vota pela independência em referendo.

8 de dezembro
Rússia, Bielo-Rússia e Ucrânia formam a CEI.

21 de dezembro
Mais oito repúblicas se integram à CEI e declaram extinta a URSS.

25 de dezembro
Gorbachev renuncia e bandeira soviética no Kremlin é arriada.

Reuter 5-9-91

Isolamento e exaustão
Nos quatro meses que separam o golpe fracassado e a renúncia, o presidente assistiu ao esgotamento completo de suas forças. Apoiado na legalidade, ele tentou desesperadamente manter alguma forma de união federativa entre as repúblicas soviéticas. As forças centrífugas, no entanto, foram maiores que sua resistência.

VOZ da unidade

Pajetta, dirigente do PCI, no Brasil

Pág. 15

Hospitalizado e operado, Tancredo Neves não pôde receber a faixa presidencial — a Nova República começa com José Sarney. É vital para a normalização democrática o apoio ao vice-presidente em exercício, que empossou o Ministério. Leia nas páginas 3, 4 e 5.

Ziraldo: Homenagem no Festão da Voz

Página anterior

Começa a Nova República

Tchernenko e Gorbachev

Tchernenko/Gorbachev

A permanência da tradição leninista

No último dia 10, os soviéticos perderam seu líder, Konstantin Tchernenko. Para substituí-lo, o PCUS elegeu Mikhail Gorbachev. Um processo normal, em que, mais uma vez, a tradição leninista demonstrou a sua vigência democrática.

AS MENSAGENS DOS BRASILEIROS

VOZ da unidade

PCB gaúcho já tem pré-candidatos à Constituinte P. 5

VOZ da unidade

Gorbatchov: paz para salvar a civilização

P. 10 e 11

Perante mais de 5.000 delegados Gorbatchov lê seu informe, presentes também 153 delegações estrangeiras.

Jânio quer juros mais altos do que o FMI P. 6

Brasil é o paraíso da especulação P. 8

Assassinos do Haiti não são bemvindos P. 9

Partido alto de Leci Brandão no Festão da VU P. 20

118 trilhões: é a dívida interna P. 4

INFLAÇÃO "DE DEMANDA"?

O setor do sacerdote indisciplinado para sair em torno de 12% no mês e planeja para ano - confirmado pela alarmante taxa de fevereiro - foi o denominador principal do "pacote" apresentado pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) na última sexta (6), sobre medidas visam conter a demanda interna de bens de consumo e forçar o impacto do investimento econômico.

O governo da Nova República, ao adotar estas medidas, reconhece a discussão sobre os fatores impulsionadores da inflação nos mesmos parâmetros da antiga equipe econômica, muito embora o ministro Dílson Funaro tenha afirmado que esse pacote é transitório, tanto porque, ao conter o consumo, os preços subirão ainda na expectativa, notadamente os de menor poder aquisitivo.

Deste forma, o pacote proposto pretende combater a inflação, mas sem atuar nas verdadeiras causas: o atual pagamento dos vencimentos juros da dívida externa, o processo de concentração de renda realizado pelo arrocho financeiro interno, além das várias contradições estruturais da economia brasileira - principalmente no que concerne à estrutura agrária.

O combate à inflação brasileira em cruzadas na estrutura econômica de sofre em distribuição de renda de ter mente sua e sua efetiva concretização exige a formulação de um projeto social político nacional. Assim, sem esse projeto viabilidade política, ficamos estar buscando no escuro de ocultação.

ASILO A ASSASSINOS É INADMISSÍVEL

A concessão de asilo - mesmo que temporário - ao coronel Albert Pierre, ex-chefe de polícia de Porto Príncipe, capital do Haiti, e ao tenente-coronel Gerlier Custo, ex-guarda-costas mesmo ex-líder Jean-Claude Duvalier, constitui-se numa afronta aos povos haitiano e brasileiro.

O argumento de tentarem se justificar a medida - o fato do Brasil ser signatário da Convenção Latino-Americana sobre Asilo - carece de qualquer fundamento. Pois sim, os brasileiros tal convenção, não nos obrigamos os brasileiros a saltar criminosos comuns, torturadores e assassinos. O coronel Pierre, conforme pela Anistia como "Mengele", é acusado pela Comissão de Justiça e Paz da Conferência Episcopal do Haiti de haver torturado e matado pelos menos quinhentas pessoas em três anos.

A atitude dos juristas brasileiros responsáveis na Polícia Federal de nossos portos - mais de um dia e dois estrangeiros de "Baby Doc" à discreta da disposição da opinião pública: transformam os assassinos desde sua chegada à cha, sendo a nossa solidariedade a se refletir de forte.

Os assassinos e torturadores já chegam os nacionais que circulam livremente pelas cidades brasileiras, alguns até em cargos públicos. Quanto aos dois haitianos, que pelos tentados às autoridades de seu país, eles serem julgados.

EDITORIAL

Um congresso de importância mundial

O XXVII Congresso do Partido Comunista da União Soviética, aberto na última dia 25 pelo secretário geral Mikhail Gorbachov, é um acontecimento que transcende o âmbito interno da URSS - e mesmo do campo socialista e do movimento democrático mundial -, constituindo-se num evento de importância histórica para o conjunto da humanidade.

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas foi o primeiro país, em 1917, a abolir o poder da burguesia e a propriedade privada dos principais meios de produção. O significado internacional da Revolução Russa foi imenso: nunca demonstrado que os trabalhadores, operários e camponeses, podiam dirigir um grande país prescindindo da classe dos capitalistas, que os produtores diretos de mercadorias podiam construir sua destino com as próprias forças.

Em poucas décadas, de um país atrasado, a URSS transformou-se por completo, promovendo a reforma agrária, a coletivização da agricultura, e a industrialização. Em alguns anos, comandados pelo PCUS, os povos das repúblicas soviéticas realizaram - elevando seu nível de vida - algo que o capitalismo levou séculos para construir, e à custa da brutal exploração e opressão sobre os trabalhadores.

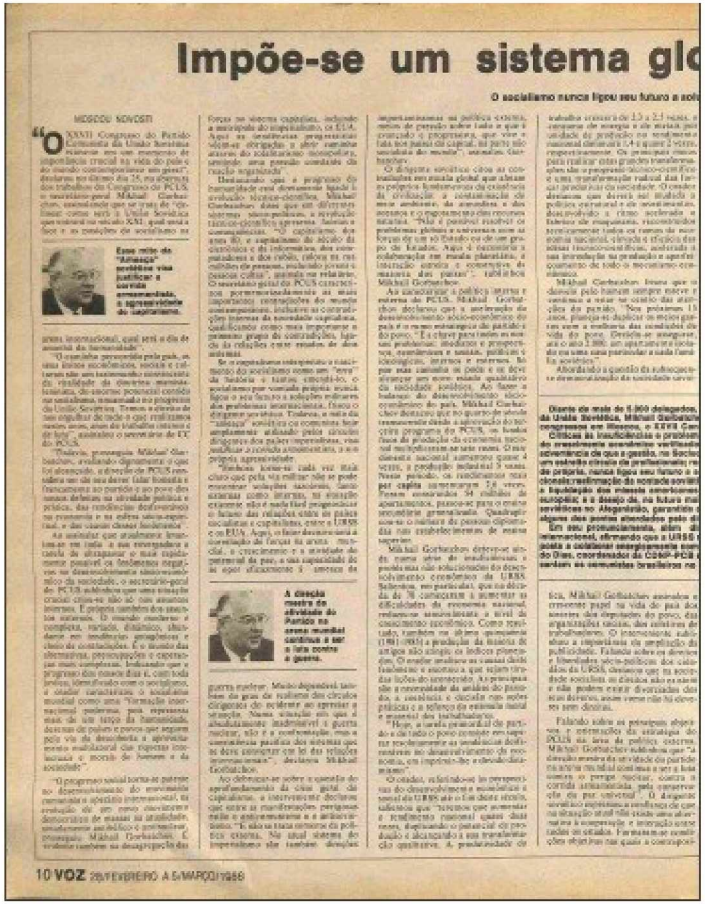
Durante a Segunda Grande Guerra, a URSS foi o principal baluarte da luta contra o Eixo nazi-fascista. De junho de 1941 a meados de 1944 os exércitos soviéticos combateram praticamente sozinhos contra o grosso das tropas de Hitler na chamada "frente oriental". Até consenso entre os historiadores que foi a derrota sofrida nesta frente o ponto em que a guerra começou a mudar de rumo.

Nos anos de 1945 para cá, a URSS tem sido um esteio da paz mundial. A existência do campo socialista e da União Soviética é um poderoso fator de desestímulo para os belicistas e aventureiros que sonham com a estrangulamento pela força dos movimentos democráticos e anti-imperialistas e da luta dos trabalhadores de todo o planeta.

O relatório apresentado por Mikhail Gorbachov na abertura dos trabalhos do Congresso (cujas principais passagens reproduzimos em nossas páginas internas) indica que dos trabalhos dos mais de 5.000 delegados ao encontro deverão emergir propostas para a solução de problemas e dificuldades internas (que Gorbachov enfrentou direta e firmemente), assim como dos impasses internacionais.

O secretário geral do PCUS aponta metas internas (crescimento da produção, aumento da eficiência, mais participação dos trabalhadores e do partido na gestão) e externas, sendo que entre estas destacam-se a consolidação do terceiro-mundo, a busca de uma nova ordem econômica mundial e da segurança coletiva, incluindo com a proposta de uma reunião dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (URSS, EUA, China, Grã-Bretanha e França).

Com estas colocações, a URSS dá mais uma de suas inúmeras demonstrações de querer a solução pacífica das diferenças entre países e povos e, apesar dos entraves vividos e reais para pôr fim às tensões com os EUA. Cabe agora às massas dos países capitalistas pressionar seus governantes para que estes abandonem a política de confrontação, pois, como vimos repetindo, não há saída para a humanidade fora da paz mundial.



Impõe-se um sistema gl

O socialismo nunca ligou seu futuro a est

MOSCOU NOVOSTI

"O XXVII Congresso do Partido Comunista da União Soviética reúne-se em um momento de importância crucial na vida do país e do mundo contemporâneo em geral", declarou, no dia-a-dia 25, na abertura dos trabalhos do Congresso do PCUS, o secretário-geral Mikhail Gorbachov, assinalando que se trata de "definir como será a União Soviética que vai viver no século XXI, qual será o lugar e as posições de socialismo no

Esse mito do "inimigo" soviético vive justificar a corrida armamentista, a agressividade do capitalismo.

arena internacional, qual será o rio de assentar da humanidade".

"O mundo de nossos dias – prosseguiu o secretário-geral do PCUS – é um mundo de contradições. Ele é, ao mesmo tempo, um mundo de grandes realizações e de grandes problemas, de esperanças e de ameaças. Ele é um mundo de lutas e de busca. Ele é um mundo de contradições. E o mundo das alternativas, preocupações e esperanças mais complexas. Indicando que o progresso dos nossos dias é, com toda justiça, identificado com o socialismo, o autor caracterizou o socialismo mundial como uma "formação internacional poderosa, pela expressão mais do que justa da humanidade, decisiva de países e povos que seguem pela via da descoberta e aprovação social das riquezas inerentes à moral do homem e da sociedade".

"O progresso social torna-se possível no desenvolvimento do movimento democrático e operário internacional, na evolução de um novo pensamento democrático de massas ao atualidade, simultaneamente político e universalista", prosseguiu Mikhail Gorbachov. E, evidente também na desagregação das forças no sistema capitalista, incluindo a metrópole do imperialismo, os EUA. Aqui as tendências progressistas abrem-se obrigação a abrir caminho através do totalitarismo monopolista, construir uma poderosa coalizão de ação organizada".

Destacando que o progresso da humanidade está diretamente ligado à evolução técnico-científica, Mikhail Gorbachov disse que em diferentes sistemas sócio-políticos, a revolução técnico-científica apresenta, também a consequências. "O capitalismo, dos anos 80, e capitalismo da década da eletrônica e da informática, das computadoras e dos robôs, época em que milhões de pessoas, incluindo jovens e pessoas cultas", assinala no relatório. O secretário-geral do PCUS caracterizou pormenorizadamente as mais importantes transações do mundo contemporâneo, incluindo as contradições internas da sociedade capitalista, qualificando como mais importante o primeiro grupo de contradições, ligado às relações entre estados de dois sistemas.

Se o capitalismo interpretou o caminho do socialismo como um "novo" da história e outros elementos, o socialismo por vencido projeto nunca ligou o seu futuro a soluções militares dos problemas internacionais. Nunca o dirigente soviético. Todavia, o mito do "inimigo" soviético continua sendo amplamente utilizado pelos círculos dirigentes dos países imperialistas, visa justificar a corrida armamentista, a sua própria agressividade.

"Embora tenham-se cada vez mais claro que pela via militar não se pode encontrar soluções sociorreais, tanto externas como internas, tal ilusão existente não é nada fácil progressivas o futuro das relações entre os países socialistas e capitalistas, entre a URSS e os EUA. Aqui, o fator decisivo será a correlação de forças na arena mundial, o crescimento e a atividade do potencial da paz, a sua capacidade de se opor eficazmente à ameaça da

A direção mostra de atividade do Partido na arena mundial contribui e ser a luta contra a guerra.

guerra nuclear. Muito dependerá também do grau de realismo dos círculos dirigentes do ocidente ao apreciar a situação. Nessa situação em que a absolutamente inadmissível a guerra nuclear, não é a confrontação, mas a convivência pacífica dos sistemas que se deve assegurar um lei das relações internacionais", declarou Mikhail Gorbachov.

Ao debruçar-se sobre a questão do aprofundamento da crise geral do capitalismo, o interveniente declarou que entre as manifestações perigosas desse aprofundamento e o anticomunismo. "E não se trata somente de políticas oficiais. No atual sistema do imperialismo ele também domina importantíssimas na política externa, noção de pensar sobre tudo o que é construído e propriedade, que vive a lógica feroz natural do capital, foi parte não socialista do mundo", assinalou Gorbachov.

O dirigente soviético citou as contradições no mundo global que abrem os próprios fundamentos da existência da civilização: a contaminação do meio ambiente, da atmosfera e dos oceanos e o esgotamento dos recursos naturais. "Não é possível resolver os problemas globais e universais com as forças de um só Estado ou de um grupo de Estados. Aqui é necessária a colaboração em escala planetária, a interação estreita e consentida de maneira dos países", salientou Mikhail Gorbachov.

Ao caracterizar a política interna e externa do PCUS, Mikhail Gorbachov declarou que a aceleração do desenvolvimento socio-econômico do país é o nosso estratégia do partido e do povo. "Eu chamei para tarefas as mais importantes: modernos e prosperos, socialistas e sociais, políticos e ideológicos, internos e externos. Eu por mais rationais se pode e se deve alcançar um novo estado qualitativo da sociedade soviética. Ao fazer o balanço do desenvolvimento socio-econômico do país, Mikhail Gorbachov destacou que no quarto de século transcorrido desde a aprovação do novo programa do PCUS, os fundos fixos da produção da economia nacional multiplicaram-se sete vezes. O rendimento nacional aumentou quase 4 vezes, a produção industrial 5 vezes. Neste período, os rendimentos reais per capita aumentaram 2,6 vezes. Foram construídos 94 milhões de apartamentos, passou-se para o ensino secundário generalizado. Quadruplicou-se o número de pessoas diplomadas nas universidades de nível superior.

Mikhail Gorbachov destacou-se ainda de outras áreas do desenvolvimento, e possibilitou não solucionados do desenvolvimento econômico da URSS. Referiu, em particular, que na década de 70 começaram a aparecer as dificuldades da economia nacional, realmente somos levados a nível de crescimento econômico. Como foi dito, também na última quinquênio (1981-1985) a produção da maioria de artigos não atingiu os índices planejados. O orador analisou as causas desse fenômeno e assinalou que estão ligadas às lições do passado. As principais são a necessidade da análise do passado, a coragem e a decisão com novas políticas e a eficácia da estratégia social e econômica do desenvolvimento.

"Hoje, a tarefa primordial do partido e de todo o povo consiste em superar radicalmente as tendências desfavoráveis no desenvolvimento da economia, em impedir-lhe a deterioração ainda mais".

O orador, ao falar sobre as perspectivas do desenvolvimento econômico e social do URSS até o fim deste século, salientou que "estamos que aumentar o rendimento nacional quase duas vezes, duplicando o potencial científico produtivo e alcançando a sua transformação qualitativa. A produtividade do trabalho crescerá de 2,5 a 2,7 vezes, o consumo de energia e de metal, por unidade de produção ou rendimento nacional diminuirá 1,4-1,6 quase 2 vezes, respectivamente. Os principais meios para realizar esta grandes transformações são: o progresso técnico-científico e uma transformação radical das formas produtivas na sociedade. O nosso destacou que deverá ser atuado a política estrutural e de investimentos, desenvolvido o ritmo acelerado e fabrico de maquinaria, reconstruídos completamente todos os ramos de nossa economia nacional, elevados a eficácia das ativas inversões diretas, assinalada a sua introdução na produção e aperfeiçoamento de todo o mecanismo econômico".

Mikhail Gorbachov frisou que o decisivo pelo homem sempre deve ser o centro e estar no centro das atenções do partido. "Nos próximos 15 anos, planeja-se duplicar os meios gastos com a melhoria das condições de vida do povo. Decide-se assegurar, até o ano 2.000, um apartamento a todas as uma casa particular a cada família soviética".

Abordando a questão da reforma econômica e democratização da sociedade soviética, Mikhail Gorbachov assinalou o crescente papel na vida do país dos sovietes dos deputados do povo, das organizações sociais, dos coletivos de trabalhadores. O internacionalista salientou a importância da ampliação da publicidade. Falando sobre os direitos e liberdades sócio-políticos dos cidadãos da URSS, destacou que na sociedade soviética os direitos não estão só no papel, mas podem existir diariamente dos seus direitos, assim vemos não há elevados sem deveres.

Falando sobre as principais objetivas e orientação da estratégia do PCUS na área da política externa, Mikhail Gorbachov salientou que "a direção mostra de atividade do partido na arena mundial contribui e ser a luta contra a guerra nuclear, contra a corrida armamentista, pela preservação da paz universal". O dirigente soviético expressou a confiança de que na situação atual não existe uma alternativa à cooperação e interação entre todos os estados. Formulou as normas objetivas nas quais a cooperação

Diante de mais de 5.000 delegados, da União Soviética, Mikhail Gorbachov congressou em Moscou, o XXVII Con

Críticas às insuficiências e problem do crescimento econômico verificado constância de que a gestão, na Socie um estrelo cimento de profissionais; re da própria, nunca ligou seu futuro a o cialista; reafirmação da política soviét a liquidação dos mísseis americanos européia; e a disposição de, no futuro mai soviéticos no Afeganistão, garantido a alguns dos pontos atendidos pelo di

Em seu pronunciamento, além da internacional, afirmando que a URSS p pesta a colaborar energicamente com do Brasil, coordenador do CDHP-PCB, cumbem os comunistas brasileiros na

al de segurança mundial

...ditores dos problemas internacionais

...ário Geral do Partido Comunista ...no último dia 25, no palácio dos ...to PCUS.

...as econômicas críticas à redução ...de mísseis de década passada- ...cialista, não pode ser privilégio de ...ão do que o socialismo, por exem- ...militares dos problemas interna- ...apoiar um acordo com os EUA para ...dimos de silêncio mútuo no caso ...ivo, fazer voltar à pátria as forças ...gerência externa este país, foram ...ucrático.

...Gorbachov condenou o terrorismo ...terrorismo em prisão e está dis- ...ssíveis para erradicá-lo. Giocon- ...e Freire, deputado federal, repre- ...Congresso do PCUS.

...na esfera militar, estamos dispo- ...proceder assim no futuro para ...ninguém ocupa países para ...s, mesmo imaginários, pois nas ...ensa. No entanto, não é os nossos ...e queremos estar livres da ameaça ...um perigo iminente para nós", ...ainda que a União Soviética ...ituações e uma segurança ...mas também não admitimos nem ...r. Nesse contexto, o secretário ...do Comitê Central do PCUS, ...ina o programa norte-americano ...ras estrelas". Enquanto não ...rede, é simplesmente necessário ...manter uma situação real sensível ...ntar o não transferimento da ...da armamentista para o cos- ...", adiantou o dirigente soviético.

...khail Gorbachov informou ao ...ndo sem resposta do presidente ...ga à declaração soviética de 15 ...nário. O presidente americano ...ordo com certos itens e mani- ...ravelmente no setor do desarma- ...o e de segurança. Dito de outra ..., a proposta contém certas ideias e apreciações que poderão ser aprofundadas - referiu-se Mikhail Gorbachov. Estas ideias positivas, todavia, contrabalançam-se com "objetivos extremamente unilaterais" do bloco liderado por ele, não interessando a resolução do problema fundamental do desarmamento. "Um acordo é sem mais aquele fundamental em preparação, no sentido em que acabamos de encerrar o debate e diminuir uma parcela séria da discussão americana de passar efetivamente à resolução dos problemas cruciais da humanidade e nos aproximar", salientou Mikhail Gorbachov.

O dirigente soviético, referindo-se à próxima encontro com o presidente dos EUA a fim de acordo de Genebra, salientou que a sua importância consiste em que este dê resultados práticos em suas mais importantes direções para a limitação e redução dos armamentos. Existem, pelo menos, duas questões em torno das quais o acordo pode ser alcançado: desde as experiências com explosões e ogivas de mísseis americanos e soviéticos, de alcance médio na zona europeia. "É então, a propósito, se houver disposição para procurar um entendimento, e penso, na data do encontro conseguir-se-á ver o projeto na nossa parte soviéticos gostaram: proposta a seus respectivos", disse Mikhail Gorbachov. "Mas existem discordâncias não tão unidas. São relacionadas de forma irracional e o diálogo será ininterrompido, que a infinita determinação espacial e fundamentada na possibilidade de nascer para melhor. Foi afirmado para o contribuição da corrida armamentista e não propagação material para a guerra.

O interlocutor, abordando a situação em torno do Afeganistão, reafirmou que a URSS apoia os esforços dados para restabelecer a defender a sua soberania. "Queremos no futuro mais próximo fazer voltar à pátria as tropas soviéticas que se encontram no Afeganistão a pedido do seu governo", afirmou Mikhail Gorbachov. Não será possível logo que for alcançada uma regularização política que garanta seguramente a não ingerência da intervenção armada de fora nos assuntos internos da República Democrática do Afeganistão.

O PCUS considera o combate terrorista como uma das questões fundamentais da mais atualidade internacional, assinala-se no relatório. A URSS convicta de que a cooperação bem-sucedida entre os Estados e o seu futuro residem na cooperação pacífica dos estados do sistema. Mikhail Gorbachov, referindo-se aos focos de perigo militar que existem em diversas regiões do mundo, realçou que as crises e os conflitos constituem também um terreno favorável para o terrorismo internacional. "A URSS nega o terrorismo em princípio e está disposta a colaborar energicamente com outros estados para erradicá-lo".

O relatório reafirma os laços inseparáveis do PCUS com o movimento comunista internacional, mostrando que a agenda política revolucionária está disposta a desenvolver determinados contatos com os partidos e organizações não comunistas, inclusive religiosos, que se manifestam contra a guerra.

O PCUS reconhece também a existência de uma relação entre a social-democracia. "Existem pontos que se distinguem entre os comunistas e os social-democratas são profundos, as experiências e as tradições são diferentes e de valor diferente. Contudo, o conhecimento mútuo pressupõe as diferenças e ajudam-se uns e outros a ouvir-se. Até mesmo para os comunistas como também para os socialdemocratas. E até entre os mais sadios para a diminuição da luta pela paz e pela segurança internacional".

Mikhail Gorbachov salientou no relatório a idéia da criação de um sistema global de segurança internacional. As bases de princípio deste sistema são as seguintes:

"No domínio militar - A ausência das pretensões unilaterais à guerra, entre eles, os contra terceiros estados, também os países como consensual, não mostrar e correta armamentista na esfera, o fim de todas as experiências de ...ivas nucleares e sua destruição total, a proibição e o fim das armas químicas, a cessação à criação de todos meios de extermínio em massa; a diminuição rigorosamente controlada dos níveis de potenciais militares dos estados até um limite razoável; a dissolução dos agrupamentos militares e, como um passo para isto, a cessação à sua ampliação e à criação de outros, a redução proporcional e equitativa dos orçamentos militares.

No domínio político - O respeito incondicional, na prática internacional, pelo direito de cada povo escolher soberanamente os caminhos e as formas de seu desenvolvimento; a solução política pelas crises internacionais e dos conflitos regionais, a elaboração de um conjunto de medidas tendentes ao reforço da confiança entre os estados; a criação de garantias efetivas contra a agressão de fora e para a inviolabilidade de suas fronteiras; a elaboração de métodos eficazes de prevenção do terrorismo internacional, inclusive a negociação da utilização das comunicações terrestres, aéreas e marítimas internacionais.

No domínio econômico - A exclusão da política internacional de todas as formas de discriminação; a renúncia à política de bloqueios e sanções econômicas, se isto não estiver diretamente fundamentado nas recomendações da comunidade mundial; a procura comum dos caminhos para a regularização justa do problema das dívidas externas; o estabelecimento de uma nova ordem econômica mundial, que garanta a segurança econômica igual para todos os estados; a elaboração dos princípios de ideologia para base da convivência mundial, salientado dos países em vias de desenvolvimento, de uma parte, e dos países desenvolvidos, de outra parte, dos meios tradicionais da futura relação das economias mundiais; a unificação das esferas na investigação e exploração científica do espaço; a solução dos problemas globais, dos quais dependem os destinos da civilização;

No domínio humanitário - A cooperação na divulgação das idéias da paz, do desarmamento e da segurança internacional; a elevação do nível geral da informação objetiva e o reconhecimento recíproco da vida dos povos; a formação Comissão do registro da cooperação cul-

"Não é possível resolver os problemas globais com as forças de um só Estado ou de um grupo de Estados".

tais e de conselhos nas relações entre eles, a erradicação do genocídio, do "apartheid", da propaganda do fascismo e de qualquer outra discriminação racial, nacional ou religiosa, assim como a discriminação dos indivíduos pelos dados; a satisfação, negociando as leis de cada país, da cooperação internacional em matéria de exercício dos direitos políticos, sociais e pessoais do homem; a satisfação, no respeito fundamental e positivo, das questões relativas à reunificação das famílias, dos casamentos e ao desenvolvimento dos contatos individuais e entre as pessoas e organizações, e fortalecimento a ...peito ...ta às novas formas de cooperação nos domínios da cultura, arte, ciência, educação e ambiente".

"Estas bases poderiam ajudar a conseguir que a convivência pacífica se tornasse um princípio universal regente das relações internacionais, bem como um ponto de partida para o diálogo sistemático das delegações dos países da comunidade mundial", afirmou Mikhail Gorbachov.

O interveniente colocou a idéia de realizar um encontro, entre os líderes dos países membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, para discutirem o que se pode e o que se deve fazer para o fortalecimento da paz. Propôs, ainda, convocar no futuro um Congresso Mundial para os problemas da segurança econômica, no qual seria possível discutir todos os problemas que se nos ...ntam afetam os contatos econômicos mundiais.

As crises e os conflitos constituem um terreno benéfico para o terrorismo internacional.

No ponto do relatório dedicado ao Partido Comunista, que conta hoje mais de dezenove milhões de membros, o interveniente expôs os resultados da discussão da nova redação do programa e das alterações aos estatutos do PCUS. Entre resultados reflexão, "em primeiro lugar, uma ampla ...ização das concepções e disposições do programa e dos estatutos do PCUS, os camaradas e os ...rvalores apoiam a linha do partido orientada para a aceleração do desenvolvimento sócio-econômico do país, a orientação clara de um programa para a perspectiva comunista e a consolidação da paz na Terra", concluiu Mikhail Gorbachov.

NO 27º CONGRESSO

ESPECIAL

PCUS discute e analisa a gradual transição para o comunismo

Mobilização em manifestação pela paz

A nova redação do Programa do Partido Comunista da União Soviética, aprovado durante o seu XXVII Congresso, transcorrido em Moscou no dia 25 de fevereiro último, analisa no seu segundo capítulo (leia-se a quarta parte) o responsabilidade do PCUS no plano internacional e o papel específico que joga entre os comunistas da União Soviética. Uma síntese do conteúdo desse Programa (dando prosseguimento ao artigo da semana passada) é aqui publicada.

A URSS vence na era dos mísseis

IRENE CAPRILES FARFAN

Do Agência Nóvosti - Rio

A Terceira parte, As tarefas do PCUS na arena internacional, na qual pois por o novo programa assim:

I. Cooperação com os países socialistas.

II. Fortalecimento das relações com os países libertados.

III. As relações com os países capitalistas. A luta por uma paz estável e pela liberdade nacional.

IV. O PCUS no movimento operário e comunista mundial.

Os principais objetivos desta terceira parte, assinala ele, são precisados como diretrizes para a construção da política internacional do PCUS. As suas linhas gerais são:

– Assegurar condições estáveis para o fortalecimento da sociedade socialista e a evolução rumo ao comunismo na URSS; afastar o perigo de guerra mundial; garantir a segurança e a democracia global.

– Atingir e aperfeiçoar constantemente a cooperação da URSS com os países socialistas irmãos, orientada por todos os princípios e reforçar o programa do sistema mundial do socialismo.

– Desenvolver as relações amistosas e em pé de igualdade com os países recém-libertados.

– Solidariedade internacionalista para com os partidos comunistas e outras forças democráticas, bem como para com o movimento operário internacional e a luta de libertação nacional dos povos.

Ao acentuar com a nova redação do Programa, o século de PCUS junto com os problemas da política externa contém a firme defesa dos interesses de paz soviética e a oposição decidida à política agressiva do imperialismo com a disponibilidade para o diálogo e a resolução construtiva dos problemas internacionais por meio de negociações.

Na introdução do Terceira parte, no Programa, se diz: "Vive hi mundo mais político e responsável, que clamando e forçando a paz, somar as forças de agressão e de violência em benefício da grande causa e da vitória(a). **Um mundo sem guerras sem armas é o ideal do socialismo.**"

No que se refere à cooperação com os países socialistas, o PCUS, diz o Programa, atribui primordial importância à consolidação dos laços tradicionais e estreitos de cooperação de amizade entre o União Soviética e os outros países socialistas. "A forma assim de sua cooperação multilateral são os órgãos econômicos e sociais no poder. Para reforçar a unidade dos países irmãos e aperfeiçoar mutuamente a prática de direção do socialismo, o PCUS continuará a trabalhar para o aperfeiçoamento das relações fraternais que abrangem todos os organismos dos partidos, dos comitês centrais às organizações de base. Como até agora, o PCUS considera, também, o confronto pela a troca de opiniões e experiência, bem a nível bilateral, quer multilateral".

No área de segurança, faz notar-se que enquanto o mundo o EUA, os blocos militar imperialistas, o Pentágon, no seu Programa, afirma que "condições necessárias constituir por todos os meios para o aperfeiçoamento das atividades da Organização do Tratado do Varsóvia, como instrumento de defesa coletiva contra os ambiciosos agressivos do imperialismo e de luta constante por uma paz firme e pelo desenvolvimento da cooperação internacional". O Partido, para atingir o seus objetivos, parte do princípio de que a integração num pois objetivo constituir, gradualmente, para o progresso da produção social e de modo de vida socialista nos países da comunidade, como também provocar a aceleração do processo de fortalecimento do seu potencial econômico e o reforço das posições do socialismo no mundo.

Quanto aos programas comunistas dos partidos comunistas de todo o mundo, o PCUS afirma que vai se empenhar ativamente na coordenação política e ideológica, no aperfeiçoamento do mecanismo atual e nas novas formas de cooperação internacional, levando em conta a atual situação e elaborando planos, afim de estabelecer contatos diretos entre as entidades e as empresas. O PCUS incrementará a sua participação na comunidade socialista dirigindo a cooperação técnico-científica com base em programas bilaterais e multilaterais dentro do Conselho de Ajuda Mútua Econômica (CAME).

Quanto às relações com os países recém-libertados, o PCUS, segundo o novo Programa, vai ampliar a relações amistosas com esses países na base afim das relações com os partidos dos países que lutam pela sua independência, o PCUS atribui uma grande importância à solidariedade e à cooperação política e econômica com os povos em desenvolvimento. Sobre este ponto justificado no programa se diz: "Na época atual, enfrentando todos seus próprios inimigos, bem os mais ferozes, os países libertados para a construção da nova sociedade e trabalho para o aumento do bem-estar e da cultura dos mesmo. Aos povos que seguem este caminho a União Soviética oferece a sua ajuda e o seu apoio".

Na terceira parte do Programa, já aprovado pelo XXVII Congresso do PCUS, com a posição do PCUS perante os países recém-libertados comentamos que existe um certo risco para conquistas, com os países recém-libertados que seguem a via capitalista, de mesmo tempo o novo redação do Programa "vê com compreensão os objetivos e as atividades do movimento dos Não-Alinhados na luta contra as forças do agressão e de hegemonismo, pela supressão, mediante conversações, dos blocos e conflitos, assim como contribuição a se manifestar contra o envio tropas dos Estados em agressão em outros países".

Nas relações com os países capitalistas, o PCUS parte do princípio de que a coexistência pacífica entre os dois sistemas opostos em que o mundo contemporâneo está dividido, pode e deve ser solucionada por via pacífica. "O socialismo compreende as suas vantagens não pela força das armas, mas sim pelo fruto do exemplo em todos os níveis da vida social, ou seja, pelo desenvolvimento dinâmico da economia, da ciência e da cultura, pela elevação do nível de vida dos trabalhadores e pelo aperfeiçoamento da democracia socialista".

No Programa também se afirma que "na época atual vive nosso sociedade livre do opressão social e nacional, numa realidade, da verdadeira igualdade de possibilidades, sendo na edificação econômica e cultural, na formação de cientista nacional, no exercício do poder dirigente e em outros domínios".

A política das relações da URSS com os países recém-libertados comentamos que existe um certo risco para conquistas, com os países recém-libertados que seguem a via capitalista, de mesmo tempo o novo redação do Programa "vê com compreensão os objetivos e as atividades do movimento dos Não-Alinhados na luta contra as forças do agressão e de hegemonismo, pela supressão, mediante conversações, dos blocos e conflitos, assim como contribuição a se manifestar contra o envio tropas dos Estados em agressão em outros países".

Nas relações com os países capitalistas, o PCUS parte do princípio de que a coexistência pacífica entre os dois sistemas opostos em que o mundo contemporâneo está dividido, pode e deve ser solucionada por via pacífica. "O socialismo compreende as suas vantagens não pela força das armas, mas sim pelo fruto do exemplo em todos os níveis da vida social, ou seja, pelo desenvolvimento dinâmico da economia, da ciência e da cultura, pela elevação do nível de vida dos trabalhadores e pelo aperfeiçoamento da democracia socialista".

No Programa também se afirma que "na época atual vive nosso sociedade livre do opressão social e nacional, numa realidade, da verdadeira igualdade de

VOZ DA UNIDADE

Órgão Central do Partido Comunista Brasileiro

SARNEY EM MOSCOU

Só o pacto derrota a inflação

Ou o pacto ou a hiperinflação: o Brasil tem que optar.

Página 2

Política de metalúrgico

Uma radiografia do maior sindicato da América Latina.

ANTI CONS TITU CION ALIS SIMA MENTE

ESTA É A MAIOR PALAVRA DA LÍNGUA PORTUGUESA. A MAIS APROPRIADA PARA DESIGNAR O DESRESPEITO À NOVA CARTA.

Estudantada: racha da UNE vai à Justiça

Página 9

Jornada de greve dos canavieiros

A difícil caminhada chilena

VEJA 16/10 a 22/10/1/88 NACIONAL 3

BASTIDORES

Cortês

Não-alinhados

Tucanos

Trabalho

Desinformação

Tristeza

Troca

Sarney no país da perestroika

Cynthia Peter

Brasília — A primeira visita de Estado de um governante brasileiro à União Soviética ocorreu em 1959, quando o presidente Juscelino Kubitschek passou quatro dias em Moscou e Leningrado. O vice-presidente do PCB, deputado Roberto Freire, chegou recentemente a Moscou, também em visita oficial, a convite do presidente do Soviete Supremo.

Seguindo o tratamento dado pelo cerimonial, a visita marcou uma inflexão brasileira de distanciamento das relações com a URSS, iniciado com a visita do então chanceler Oliveira Lima, em 1945, seguida da visita ao Brasil do chanceler soviético Eduard Shevardnadze, em 1987. O caráter da visita, além de aspectos políticos, deve refletir as relações econômicas entre os dois países, em busca do equilíbrio da balança comercial.

Início

Antes de Sarney, a única visita de um dirigente brasileiro ao território do Império foi a de D. Pedro II, em caráter particular, quando já havia sido destituído em sua primeira viagem para o Brasil, a Partida de Lisgador, desde 1817, ano em que o Príncipe Regente Dom Pedro embarcou e consagrou-se Imperador. Em 1888, com a proclamação da República, Marechal Deodoro, Floriano e outros governantes brasileiros, por iniciativa do Czar, só tiveram a mesa com a morte de D. Pedro II.

Em 1954, após a Revolução de Outubro, foi aberto o Brasil relações, só tornando a existência de nenhuma até abril de 1945. Pouco depois, em maio de 1947, o PCB era proscrito no Brasil. E a União Soviética chamou de volta seu embaixador. Em outubro do mesmo ano, o Brasil rompe relações novamente, e só ao término em 1961.

Roberto Freire, líder do PCB, integra...

... a comitiva do presidente Sarney à URSS.

Soviético debate com comunistas brasileiros

A ligação entre o socialismo e a democracia é nosso segundo tema da questão fundamental do desenvolvimento igualitário e democrático de todo o mundo atual, envolvendo as experiências mundiais, destacando o papel e diplomacia soviético Edward Ivanjan, Assistente do Departamento de Relações Internacionais do Comitê Central do PCUS, esta tarde palestras no Brasil a convite da Fundação Nacional do PCB. Rio Branco, em Porto Alegre, São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro.

Ivanjan, que falará em um público de vários milhares de pessoas, deve tratar, durante sua estada no Brasil, de temas como a democracia, a perestroika, a glasnost, a economia e a democracia, além de outros assuntos relacionados com a política soviética.

Convidado: "Queremos todo o entendimento e o diálogo possível com os comunistas, mas, ao mesmo tempo, estamos absolutamente convencidos da heterogeneidade, dos problemas e das diferenças"

Falar dos diversos aspectos da política soviética, destacando os principais temas da reforma política em curso, ele destacou que a correlação dialética entre os países e mundiais de sua conferência com um papel especial na importância "Recentemente, o Ex-mundo "os elementos peculiares da época da sua conferência", em sua opinião a contribuição ideológica e teórica do socialismo, de ação democrática e, mais, revolucionar".

Criticou também o dogmatismo, o subjetivismo e o voluntarismo.

"Não deve haver lugar para visões burocráticas contra o desenvolvimento e a harmonia da sociedade socialista", mas é necessário um diálogo social amplo e construtivo, no bojo do pluralismo vinculado de opiniões, de amplo desenvolvimento da crítica, única via que nada teme a ser com o sentido e a autoplicação, com que visa a efetivação de soluções positivas, concretas" — declarou.

Comércio

Nesta visita, os dois países pretendem facilitar o Comércio Exterior. Apesar do Brasil ser o segundo parceiro, depois da Argentina, comercial da URSS na América Latina, à exceção de Cuba, os níveis de comércio estão abaixo do almejado, e vêm caindo. Em 1986, o saldo da balança comercial foi de US$ 891 milhões, em 1987, caiu para US$ 595 milhões. Além disso, ofereceu contra esta situação. Se chegou-se, segundo os mais otimistas, a US$ 1 bilhão em 1987). E mais grave que isso. Tais das exportações brasileiras são de produtos básicos.

O Brasil, portanto, além de incrementar o comércio, gostaria de mudar seu perfil, saindo da tradicional posição de exportador de commodities e importador de equipamentos. Para isso, pretende estabelecer um acordo que lhe traga condições de financiamento a prazo, e um acordo de garantia semelhante ao que estabeleceu para o de financiamento com prazos diferenciados para cada categoria de produtos.

O Brasil está interessado, também, na criação de joint ventures entre empresas nacionais e soviéticas. Nesse sentido, além da comissão presidencial, haverá uma econômica de cerca de 100 empresários que viajarão com Sarney a Moscou, numa tentativa de conseguir um possível incremento do mercado soviético, especialmente no campo da engenharia pesada. Paralelamente, é clara, nesta conjuntura e ampliadas as possibilidades de cooperação técnica, científica e industrial. Já foi realizado, oferecimento da União Soviética na área de micrológica espacial, especialmente no que se refere ao lançamento de satélites brasileiros.

Promessa

A aproximação brasileira à União Soviética não passou em branco nas esferas. Duas semanas antes da viagem, por coincidência, a imprensa nacional abriu manchetes para denúncias de espionagem cultural militar e de outras tantas científica daquele país no Brasil, e para a acusação, endereçou americanos, da qual o Brasil teria participado.

O Itamaraty, novamente, apressou-se a desmentir tais notícias. O chanceler abriu finalmente classificou que o tratado cultural de caráter científico e tecnológico. Já devidamente assinado aguarda ratificação no Brasil, e sujeito a acompanhamento de prazo inicial caso. Os milhões em 1985 e US$ 376 milhões em 1987). E mais grave que isso. Tais das exportações brasileiras são de produtos básicos.

O chanceler brasileiro disse que as relações Brasil-Cuba continuam "correta e cordiais".

Quanto ao acordo das empresas americanas, o ministro das Relações Exteriores informou que o Brasil não tem qualquer participação oficial na questão, mas manifestou a presença, em caráter particular, de alguns ministros brasileiros. O Palácio, portanto, não é signatário de qualquer acordo semelhante. Mas, para assuntos comerciais com os americanos serão bem-vindos. O embaixador soviético, Leonid Kuznetsov, por outro lado, colaborou para evitar qualquer tensão, lembrando-se de exercícios aos exercícios militares brasileiros logo após as eleições.

Comentou-se nos meios diplomáticos brasileiros que os soviéticos estão procurando um tratamento privilegiado ao presidente Sarney, devido aos avanços ocorridos no Brasil, recentemente em país chave na América Latina. Por outro lado, é possível que os dois encontros de trabalho do presidente Sarney em Moscou aconteçam com o próprio Mikhail Gorbachev, mesmo ainda considerando do Soviet Supremo da União Soviética.

Na comitiva governamental, além do deputado federal Roberto Freire, líder do PCB na Constituinte, estarão os ministros Abreu Sodré, Rubens Ricupero, Leopoldo Peres (Indústria e Comércio), Aluízio Alves (Interior), Marcílio Marques Moreira (Fazenda) e Marcílio Dutra (Obras Públicas), assessores, entre o vice-presidente Jorge Amado e sua esposa, Zélia Gattai.

10 INTERNACIONAL 14/10 a 20/10/88 VOZ

URSS

Gorbatchov aproveitou a Olimpíada?

José Bernardo Filho

Coincidindo com seu programa de criação de um sistema global de segurança internacional, aprovado no Congresso do PCUS, em 1986, a URSS sabia de preparar uma medida para demonstrar ao mundo:

1. Congelar os armamentos nucleares na região, como já vem sido feito pela URSS, que ajuda nos EUA e outras potências para fiscalizarem o cumprimento.

2. Proibir o livre comércio de Cuba Bush, no Brasil, e os bancos suíços e americanos Glack e Stabbs, nas Filipinas.

3. Congelar as forças nucleares em seus atuais níveis.

4. Promover discussões para reduzir seus focos e limitar suas atividades.

5. Adotar medidas concretas para evitar acidentes no ar e mar.

6. Declarar o Oceano Índico região de paz, através de Conferência a ser realizada entre de 1988.

7. Criar mecanismos de negociação, socialmente entre URSS, EUA e China para assegurar a segurança na Ásia e no Pacífico.

Isto parece não passar de boas intenções sob a URSS. Sabe-se, entretanto, que beneficiou todos os países. Seus pontos são realistas e válidos. Não pretendem ninguém. Ao contrário, eles devem gradualmente o nível de segurança geral na região. Todos os países ficariam, igualmente, mais seguros. Em nome do direito de segurança apresentado na Assembléia Geral da ONU, segurança democrática e universal. A segurança não pode ser de um ou alguns países em detrimento dos demais. Tem que ser de todos, em igual medida. Na dura realidade da era nuclear, os todos estão ligados: ou ninguém está seguro.

Se Filipinas perdeu tempo e não soube se defender com o desinteresse dos países com os quais mantém relações, mas o Vietnã também perdeu a razão, ao ocupar Kampuchea e provocar a guerra civil.

Depois de uma década de guerra de libertação, foi uma tentativa de ocupar um objetivo maior: dominar o país e ter um território de segurança para suas bases militares. Ao mesmo tempo, impedir a China de ajudar o Khmer Vermelho, exigindo a retirada das tropas vietnamitas.

Ao Filipinas perdeu tempo e não soube se defender com o desinteresse dos países com os quais mantém relações, mas o Vietnã também perdeu a razão, ao ocupar Kampuchea e provocar a guerra civil.

Depois de uma década de guerra de libertação, foi uma tentativa de ocupar um objetivo maior: dominar o país e ter um território de segurança para suas bases militares. Ao mesmo tempo, impedir a China de ajudar o Khmer Vermelho, exigindo a retirada das tropas vietnamitas.

Gorbatchov fascinante e Olimpíada de Seul. Gorbatchov preparou vários modelos para o país no Asia

Carlos Alberto Moreira

Segundo o conhecido que chega, os países já somam 250, e milhões ocupam as principais cidades são pois, é a violência como meio. A tentativa maior é por se tornar de Angola, um país martirizado pelo vício político personagens em construir uma sociedade socialista após 10 anos de vida independente.

A história da Angola é a própria história da luta anti-colonial na África, Ásia e América Latina. Rotas em conflitos tradicionais partidos, cerca de 6 milhões de vidas na luta pela libertação (1954-1962), a resistência organizada e comandada pela Frente de Libertação Nacional (FNLA) era o ator exemplo para outros processos históricos de descolonização.

Como pode interpretar, a degola terrível ator dos países pela luta do desenvolvimento dos Não-alinhados deve de apoio de forma de libertação nacional em todo o mundo. Do ponto de vista econômico, somente estabelecer uma ligação grave ao fato de ser um dos maiores produtores de petróleo nas exportações representando 90% do divisão que mesmo para os países angolanos.

Do ponto de vista da política interna, a morte de Neto e Eduardo Santos, um dos líderes da guerra de libertação, foi uma tentativa de ocupar um objetivo maior: dominar o país e ter um território de segurança para suas bases militares. Ao mesmo tempo, impedir a China de ajudar o Khmer Vermelho, exigindo a retirada das tropas vietnamitas.

ANGOLA

A fé da violência

Banca de Savimbi-Bar, Chalfi Bendachi. Sexo criterio de que entre ciência, explodiram as valores de manifestações de agosto.

Em todos os países o centro as cidades estudantis revolucionários que alertam a população, surgem com força as palavras de ordem que denunciam o fim do governo e a instalação de uma república islâmica. O fanatismo religioso muçulmano, depois da vitória do clero xiita no Irã, tem se espalhado pelos países islâmicos. O regime de Khadafi vizinho da Líbia, o exército de Saddam Hussein no Iraque, o sistema de Israel, com os muçulmanos, também são manifestações claras de que o fanatismo religioso pode ser utilizado como arma política.

As dificuldades econômicas também estão influindo para o aparecimento desses movimentos. A crise gerada pela

ingressos angolanos por causa do preço do petróleo que caiu em baixa. Isto levou ao corte de alguns programas sociais e aos sucessivos cortes de gastos de desenvolvimento. A economia mesmo que estivesse dando a proclamação da indepen- dência, envolve muitos investimentos em diversos anos.

A ministra de Saúde morreu com este tipo econômico e político. O presidente foi obrigado a fazer a reforma e promover reformas econômicas, inaugurando que o mercado era mesmo a saída e também que já não era mais possível eliminando a corrupção, relegando, pode ser, a Saúde aos cuidados da iniciativa privada, que não é a função do Estado socialista.

ASSINE A VOZ

VIRAMUNDO

Cogumelo Infantil

Paz em Chipre

Não quereres Mangão

Relações restabelecidas

Paraíso Fiscal

Pró-aborto eleitoral

Conselho a Gorbatchov

Sociedade transbaiquiana

VOZ DA UNIDADE

Órgão Central do Partido Comunista Brasileiro

BRASIL, URSS, O MUNDO

Em visita ao Kremlin, secretário-geral do partido Gorbachev e presidente turco afirmam que forma justa geográfica do mundo Ocidente, incluindo Terra e diferenças ideológicas, se complementam e podem viver em harmonia

Diretor responsável: João Carlos Acioly — Redação: Rua Bento Freitas, 362, 4º andar — Tel: 231-2626 CEP 01220 — Tabela: VOZ DP (DF) | 26MAI

Com o País às portas da hiperinflação, começam esta semana as negociações do pacto anti-inflacionário entre o governo, os sindicatos de trabalhadores e o empresariado, com a participação da CGT, CUT e mais oito confederações. As negociações colocam em rigoroso movimento grevista o setor público, o mais sacrificado até agora pela política "feijão com arroz" do ministro Maílson da Nóbrega. O êxito de qualquer plano anti-crise depende de soluções técnicas corretas e, sobretudo, de um amplo acordo político, que exige seriedade e firmeza do movimento sindical e a participação dos governadores e das partidos políticos, tendo como avalizador o Congresso Nacional.

800 MIL TRABALHADORES DO SETOR PÚBLICO PARADOS

GREVE CONTINUA FIRME EM TODO PAÍS

SALÁRIO MÍNIMO, ESSE FORA-DA-LEI

O mínimo atual é de Cz$ 28.708,80. Para atender ao preceito da Constituição, teria que ser fixado em cruzados, um Cz$ 190 mil, mais que o dobro do salário médio pago hoje na indústria. Isso significa que é preciso baixar para fora o mínimo da legalidade.

Pág. 5

HIPERINFLAÇÃO ESTÁ À VISTA

Página 5

2 EDITORIAL 21/10 a 27/10/1988 VEJA

O significado de uma visita

Pela primeira vez um presidente brasileiro, José Sarney, visita a União Soviética. Esse histórico acontecimento reflete a situação política do Brasil e o novo contexto internacional. Também representa o ponto mais elevado do cacoete político de todos entre si e dar passos.

É isso o cenário. O Brasil acaba de passar por a nova Constituição, instituiu o multipartidarismo, elegeu de forma direta o executivo. Ou seja, fez direitos políticos e os substituiu por outros mais modernos e democráticos. Agora, em novembro deste ano, serão realizadas eleições em todos os municípios brasileiros. É um período de uma barreira eleições, para depois.

Em que grau a política externa é a participação dos trabalhadores, a organização e luta, os encaminhamento de alternativas para os problemas nacionais. São problemas graves. Como estão pelo menos demonstrando as exigências dos bancos credores internacionais, a economia brasileira encontra-se em crise, estagnada, apesar da enorme potencial que possui. O pagamento da dívida externa absorve o País a exportar os capitais que lhe são indispensáveis para promover o crescimento e a melhoria das condições de vida do povo. E as altas taxas de inflação agravam a situação dos nossos trabalhadores.

No entanto, os vínculos entre as forças democráticas e progressistas do País e o engajamento de que é preciso, de imediato, a adoção de um plano de emergência para evitar a hiperinflação, através de entendimento nacional que envolva os setores de trabalhadores, o empresariado, os partidos políticos e o governo. Tal plano, entretanto, somente poderá ter efeito duradouro se for precedido de medidas que ataquem as causas profundas, de natureza estrutural, da crise econômica e social. Medidas como a reforma tributária, que restabeleça a economia no sentido de redistribuição e integração nacional do País, a reforma financeira.

Entretanto, a visita do presidente José Sarney à União Soviética — como todos os acontecimentos políticos, econômicos e sociais brasileiros — também é importante. Ela expressa uma nova perspectiva do governo brasileiro em relação ao mundo exterior, em particular ao lugar das relações entre o Brasil e a União Soviética. A busca de melhores relações com os países socialistas não é bem uma novidade na política externa brasileira, mas depois do governo Figueiredo, com José Sarney e o chanceler Abreu Sodré, esse orientação do Itamaraty adquiriu uma nova etapa, mais ampla e diversificada.

O governo brasileiro vem procurando, nos últimos anos, uma maior integração entre os países do Atlântico Sul, não só em bases econômicas como de eficiência, e nem sempre tem conseguido. Mas o esforço para garantir o país no espaço, defendendo assim do que lhe cabe, vem sendo uma constante da diplomacia. Também vem procurando ampliar suas relações com os países da Orbita do Comecon (Europa), e concluiu recentes parcerias na bacia platina, além disso, "abrindo de portas" as suas relações com os países socialistas, ampliando as. Tal diplomacia é uma clara ação "autônoma" para o Brasil que a orientação para o complexo cenário internacional. Nesse aspecto, beneficia-se também dos altos investimentos da economia soviética que se vem sendo empreendido pelo governo de Gorbachev. Sendo a 10ª economia ocidental, e um poderoso objetivo na sociedade de abrir a abertura de política social, promover o desenvolvimento, superar os conflitos regionais e, defendendo a convivência pacífica e o direito à autodeterminação, estabelecer novas conferências para a cooperação internacional.

O grande interesse soviético pelo Brasil é claro e se tem refletido nas inúmeras visitas de alto nível que têm feito ao País os líderes políticos e os líderes do estado, sobretudo depois do governo de Gorbachev. Mas, de outra parte, é cada vez mais evidente que problemas como a dívida externa não podem ser devidamente enfrentados, através de decisões políticas em grande escala e a necessidade de medidas que estimulem os conhecimentos científico-técnicos — possuem que os grandes países de economia e tecnologia avançada dominam — exige a exigir esse outro tipo de cooperação internacional. Coloca-se diante a necessidade de um outro tamanho de segurança internacional, com formas políticas apropriadas e atuais como o Brasil principal a 1992.

Um dos aspectos importantes da presença dos e da palavra, com relação com todo o mundo, é a luta de que a democratização e a transparência (Gorbachev mas diferentes se na palavra política e ideológica, é impondo a lógica de liberdade. Uma das novas experiência de países como o Brasil em relação com os países socialistas é a diversificação de parceiros. Os países socialistas também

6

NOVO PATAMAR NAS RELA

O secretário-geral do CC do PCUS e presidente do Presídium do Soviete Supremo da URSS Mikhail Gorbatchov, e José Sarney, presidente do Brasil, que visitou oficialmente a URSS, tiveram a 18 de outubro um encontro que durou três horas. Trata-se do primeiro encontro de cúpula entre os líderes da URSS e do Brasil, considerado o maior País em vias de desenvolvimento do hemisfério ocidental.

José Sarney analisou profundamente a situação no Brasil e suas perspectivas, destacando as dificuldades enfrentadas e as potencialidades de que dispõe na economia e política mundial. O dirigente brasileiro assinalou o papel do País como um grande e igual parceiro na integração latino-americana.

Mikhail Gorbatchov deteve-se, por sua vez, nas profundas forças sociais, espirituais e morais da perestróika e do novo modo de pensar, tendo salientado as dificuldades que defronta a renovação radical da sociedade socialista soviética. O dirigente soviético informou José Sarney sobre o curso das conversações sobre o desarmamento.

As partes constataram que existem boas possibilidades para uma cooperação variada, original e mutuamente vantajosa entre a URSS e o Brasil.

Sarney expôs suas idéias de intensificação do relacionamento econômico Leste-Sul, tendo Gorbatchov concordado que seria dos maiores grandes potencialidades para normalizar todo o sistema de relações econômicas mundiais. Os dirigentes abordaram ainda a "Declaração sobre os princípios de coordenação em benefício da paz e cooperação internacional", que deverão assinar, tendo afirmado que esse documento não só terá uma grande importância para definir um novo patamar a que se elevarão as relações soviético-brasileiras, como também contribuirá para o processo mundial e será um exemplo de como poderão organizar-se relações de amizade entre países tão diferentes.

Foi dispensada grande atenção às perspectivas e às potencialidades da cooperação econômica, tecnológico-científica e cultural bilateral, bem como a suas formas ao vivo e a seu conteúdo concreto.

Gorbatchov

"Princípios endossados para o futuro"

Resumo do discurso de Mikhail Gorbatchov no jantar oferecido ao presidente Sarney no Kremlin, dia 18 de outubro:

"Não é por acaso que a primeira visita na história de um presidente da República Federativa do Brasil à União Soviética se realiza precisamente agora. Garantimos para esta cúpula pelo seu conteúdo, compreendendo que o estado de nossas relacionamentos já não corresponde aos reais possibilidades dos nossos dois Estados, nem o seu papel nos assuntos internacionais. A nova mentalidade presume nos problemas internacionais uma perspectiva de rompper o círculo vicioso de jogo de forças, a liquidação dos focos de tensão regionais é um imperativo do tempo. Cada vez mais, novos personagens surgem no cenário da política mundial e o mundo caminha com o pluralismo natural, com igualdade de direitos na base do equilíbrio de interesses. Nossa concepção da segurança econômica internacional é comparável com a dicotomia brasileira da "segurança econômica coletiva". A URSS e o Brasil, com suas enormes potencialidades e sua orientação para o progresso na mesma caminhada, têm ilimitadas possibilidades de cooperação. O desenvolvimento de nossas relações amistosas irá contribuir para a afirmação dos princípios e valores do mundo de hoje.

Sarney

"Sem preconceitos, sem reservas mentais"

Resumo do discurso do presidente Sarney:

"Como primeiro chefe de Estado do nosso País a visitar a União Soviética sinto-me sensibilizado de que dois países de extensão territorial, de vasto território nacional, sejam um Por ocasião do jantar à União Soviética sem agressividade, pregando mundo à condição de dois países à instituição da ordem internacional e à solução dos conflitos entre os Estados. O progresso alcançado em diversas relações é fruto não apenas das atuais condições internacionais, mas sobretudo das importantes transformações políticas que se operam nos dois países e da constante dedicação de governantes. Por longo tempo, porém, a história nos afastou. Assim determinaram as circunstâncias políticas que não são de todo más. Como também as realidades de um mundo dominado por tensões e radicalismos ideológicos. Esse mundo está acabando. Nós damos conta da vulnerabilidade de uma confrontação que jamais poderá ser vencedora. Estamos superando os temores, as desconfianças, que caracterizaram por longo tempo a atmosfera internacional, reduzindo os espaços

de cooperação e revolucionando o sis[illegible] relações internacionais. Novas relações p[illegible] as soluções ideológicas. Devemos [illegible] ter com a grande nação soviética u[illegible] relacionamento amplo, franco e ener[illegible] preconceitos, sem preocupações. Sem [illegible] ou ilusões. Os países do Terceiro [illegible] não devem ser apenas testemunhas [illegible] ativos. Devemos fazer parte do conce[illegible] tual da segurança e da paz. A paz exig[illegible] a criação de segurança econômica e [illegible] Brasil pode conviver com o fator [illegible] ter o seu fortalecimento econômico [illegible] parceiro substancial da humanidade [illegible] sobre a presença da guerra e sobre [illegible] A tensão na área da Ásia, a diversidade [illegible] costumes, regimes, raças e religiões [illegible] despertar' uma atenção [illegible] cuidados [illegible] e não de separação.

ESPECIAL 7

ÇÕES BRASIL-URSS

Universidade Lomonossov recebe Sarney e entrega título de *honoris causa*

Sarney: "Somos passageiros do esmo barco, o planeta Terra"

No centro das atenções dos meios de comunicação da URSS

VOZ DA UNIDADE

Órgão Central do Partido Comunista Brasileiro

URGENTE

A VOTAÇÃO NAS 100 MAIORES CIDADES

Nesta edição, o resultado final das eleições, com a votação dos candidatos nos 100 municípios de maior colégio eleitoral do País.

Nova esquerda

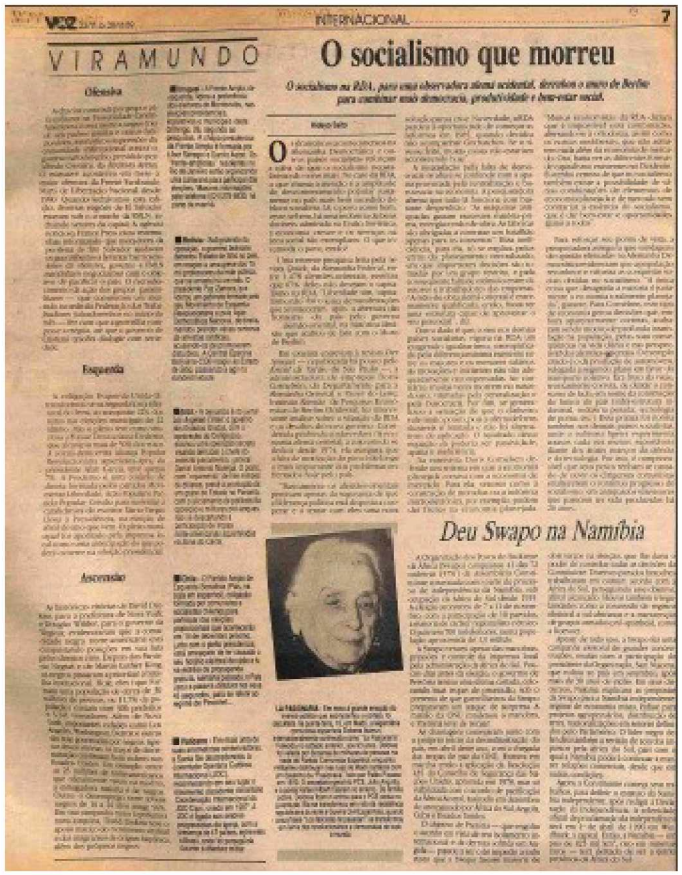
Os comunistas discutem a formação de uma Nova Esquerda para a alternativa democrática de socialismo no Brasil. Páginas 2, 3 e centrais.

BALANÇO

Roberto Freire analisa os resultados eleitorais e as perspectivas políticas do Brasil.

AGORA É LULA

O PCB apóia o candidato do PT no segundo turno. Página 2.



VEJA 23/11 de 1994 — INTERNACIONAL — 7

VIRAMUNDO

Ofensiva

Enquanto

Ascensão

O socialismo que morreu

O socialismo na RDA, para essa observadora alemã ocidental, deveria o muro de Berlim para caminhar mais democracia, produtividade e bem-estar social.

Roberto Pereira

Deu Swapo na Namíbia